



Entre os Dois Palácios **NAGVIB MAHFOUZ**

Vencedor do Prémio Nobel da Literatura



Civilização
Editora



Entre os Dois Palácios
Naguib Mahfouz

Tradução do árabe de Badr Hassanein

Civilização Editora

Sinopse

Entre os Dois Palácios, primeiro volume da famosa Trilogia do Cairo, é um retrato abrangente e evocativo de uma família e de um país em luta pela independência numa sociedade que há séculos resiste à mudança. Tendo como cenário a ocupação britânica do Egito imediatamente após a I Guerra Mundial, este romance narra a história da família Gawwad. Ahmad, um comerciante da classe média, governa a sua casa rigorosamente segundo os princípios do Alcorão, enquanto à noite explora os prazeres do Cairo. Tirano em casa, Ahmad obriga a mulher e as duas filhas, delicadas e oprimidas, a viverem prisioneiras por trás das machrabiyyas do seu próprio lar, enquanto os três filhos varões vivem com medo da sua vontade severa.

"Escrita digna de um Tolstoi. um Flaubert ou um Proust."
THE INDEPENDENT

"Luminoso... Toda a magia, o mistério e o sofrimento do Egipto dos anos 20 do século passado são traduzidos à escala humana."
THE NEW YORK TIMES BOOK REVIEW

"Mahfouz é mestre na construção de cenas dramáticas e no retrato pormenorizado de personagens complexas."
PUBLISHERS WEEKLY

Sobre o Autor

NAGUIB MAHFOUZ nasceu no Cairo em 1911. Modernizou a literatura árabe, sendo considerado um dos seus maiores vultos. Foi o único escritor de língua árabe a ser galardoado com o Prémio Nobel da Literatura. Publicou 34 romances, mais de 350 contos, dezenas de argumentos cinematográficos e cinco peças de teatro ao longo de uma carreira de mais de 70 anos. Viveu com a mulher e as duas filhas na sua cidade natal até falecer, em 2006.

"O convívio com os demónios tornara-se-lhe de longe preferível ao olhar rubro de cólera do seu esposo. Devia-lhe uma submissão incondicional, pelo que sempre obedecera e se empenhara com tamanha docilidade que chegara ao extremo de execrar qualquer alusão aos seus serões e isso tão-pouco na intimidade da sua alma. Convencera-se de que a virilidade autêntica, a opressão e os serões até depois da meia-noite eram atributos indissociáveis de uma essência única."

Ficha Técnica

Título original:

Bayn el-qasrayn

Copyright

(c) 1955, Naguib Maiifouz

Copyright da edição portuguesa

(c) 2006 Américo Fraga Lames & C.L..da

Livraria Civilização Editora

Todos os direitos reservados

Tradução do árabe

Badr Hassanein

O tradutor agradece a preciosa colaboração de Margarida Hassanein

Revisão

Serviços Técnicos de Revisão da Livraria Civilização Editora

Adaptação da capa Livraria Civilização Editora

Créditos fotográficos da capa

Ilustração (c) Lucy Davey Design (c) Gavin Ivlorris/TW

Fotografia do autor (c) Veer/Púoíonica/Getty Images

Pré-impressão, impressão e acabamento

CEM Artes Gráficas, Barcelos para Livraria Civilização Editora em
Outubro de 2007

2.^a edição em Novembro de 2008

ISBN 978-972-26-2524-1

Depósito Legal 264088/07

SLRF20100514TV

Livraria Civilização Editora Américo Fraga Lames & C, L.^a

Rua Alberto Aires de Gouveia, 27 4050-023 Porto

TeL: 226 050 900

geral@civilizacaoeditora.pt

www.civilizacao.pt

1

Acordou à meia-noite em ponto, tal como se acostumou todas as noites àquela hora sem precisão de um despertador ou de qualquer outro meio, apenas impelida por um desejo que dentro de si vela e que a acorda sempre com zelosa exactidão.

Permaneceu, durante alguns instantes, na dúvida, ignorando se deveras despertara, incapaz de desenredar as visões dos sonhos e os murmúrios da consciência, até ser acometida por uma inquietação, antes de descerrar os olhos, receando ter sido traída pelo sono. Sacudiu levemente a cabeça, abrindo os olhos ante a escuridão que no quarto se adensava. Nenhum indício poderia determinar a hora, pois a rua por baixo do quarto jamais dormia até à alvorada, e as vozes intermitentes dos frequentadores dos cafés e dos proprietários das lojas que, no início da noite, lhe chegavam eram as mesmas que se arrastavam até à meia-noite e um pouco antes da aurora. Não tinha por conseguinte outro guia que não fosse uma inimição íntima, espécie de ponteiro de um relógio consciente. O silêncio em casa indicava que o seu esposo ainda não batera à porta, que a extremidade da sua bengala ainda não chocara contra os degraus da escada.

Era o hábito que a acordava àquela hora, um hábito antigo que acompanhara a sua juventude desde o início e teimava em dominar a sua velhice. Apreendera-o como sendo um dos deveres inerentes à vida conjugal; acordava à meia-noite para aguardar o regresso do serão do seu esposo e mantinha-se ao seu serviço até que este adormecesse.

Resoluta, solevou-se na cama para vencer a sedução do sono morno e murmurou "Bismillah Ar-rahman Ar-rahim" [\[1\]](#).

Saiu de sob o cobertor, deslizou para o chão do quarto e tacteante começou a caminhar, orientando-se pela coluna da cama e uma das portadas das janelas, até alcançar a porta e abri-la. Uma luz, vinda de um candeeiro colocado sobre a consola na sala, derramava-se frouxamente. Aproximou-se deste e levou-o, ao regressar, para o quarto. O seu bocal derramava um círculo trémulo de

luz débil que se reflectia no tecto rodeado por um cortejo de sombras. O candeeiro, que colocou sobre uma mesa pequena diante do

divã, iluminou o quarto, revelando o soalho amplo e quadrangular, as paredes altas, o tecto de traves horizontais e paralelas, e fazendo emergir os móveis ricos, o tapete de shiraz, a cama grande com quatro colunas de cobre, o armário maciço e o divã comprido coberto por tapetes de tamanho reduzido e de cores e padrões variados. A mulher dirigiu-se para o espelho, olhou a sua imagem de relance, viu que o lenço escuro da sua cabeça estava engelhado e descaído, deixava ver sobre a testa umas madeixas encaracoladas de cabelo castanho. Estendeu os dedos para o nó do lenço e desatou-o. Ajustou-o, apertando as extremidades, paciente e meticulosa, e friccionou com as palmas das mãos o rosto como se tencionasse apagar os resquícios do sono.

Tinha quarenta anos, estatura média, franzina à primeira vista, mas, sob a aparente magreza, escondia-se um corpo viçoso e pleno, de complexão agradável. O seu rosto era longo, a testa alta, os traços finos. Os olhos cor de mel, embora pequenos, eram belos e sonhadores, o nariz delicado e bem talhado, alargando-se nas narinas, os lábios formosos, sob os quais se desenhava um queixo pontiagudo. A tez morena e resplandecente ostentava numa das faces um sinal negro como o azeviche.

Pareceu apressada, ao envolver-se no xaile e dirigir-se para a porta da machrahiyya [\[2\]](#).

Abriu-a e entrou. Aí permaneceu encerrada na sua gaiola e, pelos orifícios circulares que cobriam as portadas fechadas, perscrutava, ora à direita, ora à esquerda, o caminho.

A machrahiyya situava-se diante da fonte de Bain el-Qasrain [\[3\]](#) Por baixo, cruzavam-se a Rua de en-Nahhasin, que desce para sul, e a Rua de Bain el-Qasrain, que sobe para norte.

À esquerda, a via parecia estreita e sinuosa, velada por trevas que se condensavam na parte superior, ao longo das janelas das casas adormecidas, e que, mais abaixo, se descerravam devido às lâmpadas dos carros de mão, aos candeeiros dos cafés e algumas lojas que se mantinham abertas até de madrugada. À direita, onde não existiam cafés e onde as grandes lojas, cedo, fechavam as suas portas, o caminho embrenhava-se na noite. Aí, tirando os minaretes de Qalawun e Barquq [\[4\]](#), que emergiam quais visões de gigantes despertos sob as estrelas coruscantes, nada mais prendia a atenção.

Era um cenário a que os seus olhos se haviam afeito, desde há um quarto de século. Nunca a entediara, talvez porque durante toda a sua vida, por mais monótona que fosse, houvesse ignorado o que era o tédio. Pelo contrário, aquele tornara-se uma companhia para a sua solidão e uma amizade para a desolação dos muitos anos que vivera como se não tivesse nem companheiro nem amigo íntimo.

Isto acontecera antes da chegada dos filhos a este mundo, na época em que a casa grande, com o pátio poeirento, o poço fundo, os dois pisos e os quartos amplos de tectos altos albergava-a, insulada, durante a maior parte do dia e da noite. Quando casara, era uma jovem de menos de catorze anos. Tornara-se, rapidamente, após o falecimento dos seus sogros, dona da casa grande, auxiliada, nos afazeres domésticos, por uma mulher idosa que, ao anoitecer, se retirava para dormir no quarto do forno, situado no pátio. Deixava-a sozinha no mundo, numa noite pejada de espíritos e fantasmas, ora dormitando, ora acordando até que o seu venerado esposo se dignasse regressar de mais um longo serão.

Para aquietar o seu coração, adquirira o hábito de passear pelos quartos, acompanhada pela criada. Estendia, diante de si, a mão que segurava o candeeiro, examinando cada recanto, com olhares prudentes e timoratos. Fechava com cuidado as portas, uma após outra, desde o rés-do-chão até ao piso superior, e recitava de forma ininterrupta o que memorizara das suratas [\[5\]](#) do Alcorão para esconjurar os demónios.

Chegava, por fim, ao seu quarto, cerrava a porta, introduzia-se no leito e a sua língua prosseguia a recitação até ser vencida pelo sono. Quão grande era o medo que a noite lhe infundia, nos primeiros tempos, pois não lhe passava despercebido - ela que sempre conhecera muito mais o mundo dos espíritos do que o mundo dos humanos - que não vivia só naquela casa grande e que os demónios não podiam por muito tempo vaguear perdidos antes de regressarem a estes quartos, velhos, amplos e vazios. Talvez já estivessem instalados antes de ela aí ter sido conduzida ou mesmo antes de ter vindo ao mundo. Quantas vezes os seus murmúrios se haviam insinuado aos seus ouvidos! Quantas vezes estremunhara com o hálito ardente das suas respirações! E ninguém para lhe valer! Apenas podia recitar a Al-Fatíh [\[6\]](#) e a surata da Unicidade [\[7\]](#), ou então precipitar-se para a

machrahiyya, onde alongava, através dos orifícios, um olhar agitado para os carros e os cafés, procurando ouvir um riso ou uma tosse que lhe permitissem recobrar o fôlego.

Depois, os filhos haviam chegado sucessivamente; porém, estas carnes tenras, nos seus primeiros tempos de vida, eram incapazes de dissipar o seu pavor ou trazer-lhe algum conforto. O seu medo, pelo contrário, avolumara-se em virtude da compaixão que por eles sentia e do receio que algo lhes pudesse advir. Apertava-os nos seus braços, banhava-os com o sopro da piedade e cercava-os, na vigília e no sono, com uma couraça de suratas, de amuletos e talismãs. Contudo apenas saboreava uma real quietude quando o ausente por fim chegava do seu serão. Não raras vezes, quando sozinha se achava embalando e acariciando uma das crianças, estreitava-a de súbito contra o peito e punha-se à escuta, alvoraçada e transtornada. Levantava então a voz, como que falando com alguém, e dizia: "Afasta-te de nós, este não é o teu lugar, somos uma comunidade muçulmana que crê piamente na unicidade de Deus", e a seguir desatava a recitar, com precipitação, a surata da Unicidade. Com o cirandar dos anos e o prolongar do seu convívio com espíritos que nunca lhe haviam feito mal, os seus receios diminuíram e quase se habituara às suas brincadeiras, tanto que, se lhe chegava o som de algum espírito errante, dizia num tom não desprovido de uma certa familiaridade: "Respeita os servos do Clemente! Allah está entre nós, mostra alguma dignidade e desaparece!" Mas, na verdade, só conhecia plena serenidade quando o ausente regressava. Sim... a simples presença do esposo em casa, acordado ou adormecido, bastava para irradiar calma na sua alma, estando as portas abertas ou fechadas, o candeeiro aceso ou apagado. No primeiro ano do seu casamento, ousara levantar, de modo cortês, leves objecções aos seus contínuos serões. Então, aquele agarrara-a pelas orelhas e dissera-lhe com a sua voz estrondosa e num tom que não admitia réplicas: "Sou homem, o único que aqui dá ordens. Não admito qualquer observação acerca do meu comportamento. Limita-te a obedecer. E, cuidado, não queiras que te eduque à força!" Com esta lição e com as demais que se lhe seguiriam, aprendera que tudo podia suportar. O convívio com os demónios tornara-se-lhe de longe preferível ao olhar rubro de cólera do seu esposo. Devia-lhe uma submissão incondicional, pelo que sempre obedecera e se empenhara

com tamanha docilidade que chegara ao extremo de execrar qualquer alusão aos seus serões e isso tão-pouco na intimidade da sua alma. Convencera-se de que a virilidade autêntica, a opressão e os serões até depois da meia-noite eram atributos indissociáveis de uma essência única. Depois, com o volver dos dias, enchera-se de orgulho em relação ao que ele fazia, quer isto lhe agradasse quer lhe causasse tristeza. Continuara a ser a esposa amável, obediente e dócil. E jamais, em dia algum, lamentara a escolha que para si fizera de uma existência calma e passiva. Sempre que reavivava recordações da sua vida, estas irrompiam sob o signo do bem e da felicidade; os receios, as mágoas eram fantasmas vazios, tão-só merecedores de um sorriso de compaixão. Acaso não vivera com este homem e os seus defeitos, um quarto de século, tendo colhido, como fruto deste convívio, os seus filhos, que eram a sua consolação e a sua alegria, uma casa abençoada e uma vida fecunda e feliz? Sim. Quanto à presença dos demónios, esta perpetuara-se, noite após noite, pacífica e nunca a mão de nenhum se abatera malévola sobre ela ou os seus filhos, limitando-se a simples brincadeiras e travessuras. Não tinha portanto motivos de queixa. Devia a Allah toda a sua gratidão: Ele aplacara o seu coração com as Suas palavras e com a Sua clemência dera um rumo à sua vida.

Mesmo aquela hora de espera, embora interrompesse o sono delicioso e exigisse toda a sua disponibilidade para um serviço que deveria ter findado com o dia, passara a amá-la do fundo do seu coração, pois que para além de se haver tornado parte integrante da sua vida e misturado com muitas recordações suas, era e continuava a ser o símbolo vivo do seu afecto pelo esposo, da sua dedicação em fazê-lo feliz e a forma de noite após noite tornar-lhos manifestos. Por isso, sentia-se plenamente satisfeita quando, no interior da machrahiyya, o seu olhar deambulava, através dos orifícios, para os lados da fonte de Bain el-Qasrain ou da curva de el-Khoronfish, do portão de Hammam ^[8] es-Sultan ou ainda dos minaretes.

Vagueava por entre as casas amontoadas caoticamente em ambos os lados do caminho como se de uma coluna de soldados em posição de repouso aliviando a severidade da ordem se tratasse. Sorria diante do cenário que tanto amava. Aquele caminho permanecia acordado até de madrugada, enquanto os restantes bairros e ruelas se afundavam no sono. Quantas vezes fora o seu companheiro de insónia, um amigo

íntimo da solidão, que aniquilava os seus receios. A noite transfigurava-o, o denso silêncio que se abatia sobre os bairros circundantes oferecia aos seus clamores um espaço donde se elevavam e tornavam mais límpidos, como se as sombras que recobriam os ângulos da moldura conferissem maior relevo e nitidez à imagem. Nele, por vezes, soava um riso que parecia provir do seu quarto; percebia um discurso familiar no qual conseguia discernir cada palavra; a tosse que se fazia ouvir tornava-se mais roufenha e chegava-lhe, em seu último sopro, semelhante a um gemido; a voz do empregado do café sobrenadava anunciando qual um muezzim "Sai uma tamira". [\[9\]](#)

Divertida, Amina dizia para si: "Benditas sejam aquelas pessoas... pedem ainda a esta hora mais tamira!" Aquele pequeno mundo lembrava-lhe o esposo ausente: "Onde estará o meu senhor neste instante? E o que estará a fazer? Que Deus o proteja, na estadia e na viagem." [\[10\]](#)

Certa vez, tinham-lhe dito que a vida de um homem como o sayyed Ahmad Abdel Gaw-ad, com a sua riqueza, a sua força e a sua beleza, não podia estar isenta de mulheres, tendo em conta os seus contínuos serões. Naquele momento, os ciúmes tinham-na envenenado e um profundo acabrunhamento esmagara-a. Como lhe houvesse faltado coragem para se lhe dirigir directamente, contara a sua mágoa à sua mãe. Esta começara por tranquilizá-la com as mais doces palavras e a seguir dissera-lhe: "Foi contigo que ele casou após se ter divorciado da sua primeira esposa, poderia tê-la reavido, se assim o pretendesse, ou desposar uma segunda, uma terceira ou uma quarta esposa - o pai dele casou repetidas vezes- , agradece portanto a Deus que ele te tenha conservado como a sua única esposa." Ainda que as palavras da mãe não tivessem surtido efeito sobre a sua tristeza quando esta mais intensamente se fazia sentir, com o passar dos dias reconheceu tudo o que continham de justeza e sensatez. Mesmo que fosse verdade o que lhe havia sido contado, talvez fosse outro dos atributos da virilidade, como os serões e a tirania. De qualquer modo, mais valia um mal isolado do que uma multiplicidade deles. Por isso dificilmente permitia que algum escrúpulo perturbasse a sua vida agradável, alegre e próspera. E talvez, no fundo, tudo não passasse de pura ilusão ou mentira. Percebera que a sua posição em relação aos ciúmes, tal como

em todas as dificuldades que haviam obstruído o percurso da sua vida, apenas admitia a anuência face a uma justiça inquestionável, perante a qual nada podia fazer. Para se defender, não achara outro recurso senão fazer apelo à sua paciência e à sua resistência pessoal, único meio para superar o que abominava. E, destarte, o ciúme e as suas causas, bem como os restantes traços característicos do seu esposo e a intimidade com os demónios, tornaram-se-lhe toleráveis.

Principiara a observar o caminho, atenta às conversas da noite, quando lhe chegou distante o som dos cascos de um cavalo. Virou a cabeça para a Rua de en-Nahhasin e viu um coche aproximando-se vagaroso e cujos candeeiros rasgavam a escuridão. Suspirou de alívio, murmurando: "Finalmente... Eis o coche de algum amigo que, depois do serão, o acompanha até à porta da casa grande, levando, depois, como é usual, o grupo dos restantes amigos para o bairro de el-Khoronfish onde residem." O coche deteve-se diante da casa e a voz do seu esposo alteou-se, com um tom jocoso:

- Ide, e que Deus vos acompanhe...

Escutava, com deleite e surpresa, a voz do esposo que se despedia dos amigos. Se, todas as noites, à mesma hora, não tivesse ouvido aquela mesma voz, jamais a teria identificado. Porquanto, os seus filhos e ela apenas lhe conheciam o rigor, a autoridade e o despotismo. Onde teria adquirido uma voz tão alegre, tão encantadora que derramava jovialidade e afabilidade?!

O dono do coche, entretanto, querendo chasquear, exclamou:

- Acaso ouviste o que o cavalo resmoneava por entre dentes quando te apeaste do coche? Disse: quão lamentável é ter de levar a casa, noite após noite, um homem que, na melhor das hipóteses, merecia montar um burro!

No coche, rebentaram as gargalhadas, O nosso homem esperou que o silêncio voltasse e então retrucou-lhe:

- E tu não ouviste o que a consciência do cavalo lhe retorquiou? Disse: contudo, se não fores tu a levá-lo, será o teu dono que ele montará!

Novas risadas sacudiram os homens. O dono do coche volveu então:

- Adiemos o resto da conversa para o serão de amanhã.

A viatura abalou em direcção à Rua Bain el-Qasraín e o sayyed dirigiu-se para a porta. A mulher, nesse ínterim, havia abandonado a

machrahiyya e voltara ao quarto, onde pegando no candeeiro se encaminhara para a sala e de lá para o corredor exterior, onde estacou no cimo das escadas. Ouviu a porta da rua que batia, o ferrolho que deslizava e imaginou-o a percorrer o pátio, com a sua alta estatura, recuperando o seu ar sério e respeitável, e pondo de parte a jovialidade inconcebível não fora a sua escuta clandestina. Em seguida, ouviu a extremidade da bengala bater nos degraus das escadas. Estendeu então a mão que segurava o candeeiro por cima do corrimão para alumiar os seus passos.

[1] "Em nome de Allah, o Clemente, o Misericordioso"

[2] Varanda cercada por um gradeamento fechado de madeira que permite ver sem ser visto do exterior.

[3] Literalmente "Entre os dois palácios", nome de uma rua do Cairo antigo que dá o título ao romance. Os palácios em questão remontam à época dos califas fatimidas (século X).

[4] Trata-se dos dois sultões mamelucos Muhammad Ibn Qalawun (falecido em 1.340) e Al-Zahir Barquq (morto em 1399).

[5] Capítulos do Alcorão.

[6] Nome da primeira surata do Alcorão.

[7] Alcorão, CXII.

[8] Banho.

[9] Chama-se tamira (ou tamira nadyd), na gíria dos cafés do Cairo, à onça de tabaco levemente impregnada de água que se mete sobre o forninho do cachimbo de água.

[10] Sayyed significa "senhor, patrão", título que, em geral antecede o nome próprio.

2

Tendo o nosso homem chegado à sua beira, ela ergueu o candeeiro e precedeu-o. Enquanto a seguia, este murmurou:

- Boa noite, Amina.

Em sinal de cortesia e humildade, com uma voz sumida, respondeu:

- Boa noite, meu senhor.

Segundos depois, o quarto já os envolvia. Amina dirigiu-se para a mesa, onde poisou o candeeiro. O senhor pendurou a sua bengala no rebordo da travessa da cama e tirou o fez, que colocou sobre a almofada no meio do divã. A mulher aproximou-se e retirou-lhe as vestes. Este, de pé, exibia uma estatura impressionante, uns ombros largos e um corpo imponente com uma barriga proeminente e espessa. Tudo isto estava envolto numa gubba [\[11\]](#) e num quftan [\[12\]](#), com uma elegância e uma naturalidade reveladoras da sua prosperidade e do seu bom gosto.

O cabelo negro que caía de ambos os lados da risca, com um cuidado extremo, o enorme diamante engastado no seu anel e o relógio de ouro confirmavam, sem margem para dúvidas, a abastança e a generosidade do seu gosto. Quanto ao rosto, de forma rectangular, de pele límpida, de expressão vigorosa, de traços bem vincados, indiciava uma personalidade forte. A sua beleza transparecia nos grandes olhos azuis, no nariz majestoso, embora enorme, em harmonia com o conjunto, na bocarra de lábios carnudos e nos bigodes fartos e negros como o carvão, cujas extremidades se enrolavam e adelgaçavam com um esmero incomparável. Quando a mulher se abeirou dele, alongou os braços. Retirou-lhe a gubba, dobrou-a com cuidado e poisou-a sobre o divã. Regressou novamente para lhe tirar o cinto do quftan, arrumou-o com o mesmo primor e colocou-o sobre a gubba. Nesse meio tempo, o senhor pegara na sua camisa de dormir, envergara-a e de seguida colocara o seu barrete branco. Espreguiçou-se bocejando e instalou-se no divã onde estirou as pernas, apoiando a nuca contra a parede.

Tendo terminado de ordenar a roupa, a mulher sentou-se junto aos pés estendidos, descalçando os sapatos e as meias. Quando desnudou o seu pé direito, surgiu o primeiro defeito daquele corpo magnífico e

imponente no dedo mínimo, gasto por sucessivas raspagens com uma lâmina de barbear onde houvera um calo tenaz. Amina ausentou-se por alguns minutos para depois voltar com uma bacia e um jarro. Dispôs a bacia perto dos pés do homem, levantou-se e manteve-se pronta, com o jarro na mão. O homem, sentado, endireitou-se então e apresentou as mãos sobre as quais ela verteu a água. Lavou o rosto, passou a mão pelo cabelo e gargarejou longamente. Agarrou na toalha em cima do encosto do divã e começou a secar a cabeça, o rosto e as mãos. Enquanto isso, a mulher removia a bacia e o jarro para a casa de banho. Esta era a última função que executava na casa grande e que durante um quarto de século cumprira invariavelmente, não só com empenho e entusiasmo, mas com alegria e satisfação, movida pelo mesmo zelo que a levava a realizar as demais tarefas domésticas antes do romper da alvorada e até ao pôr do Sol. Tamanha diligência e tamanha dedicação tinham-lhe valido ser apelidada "abelha" pelas suas vizinhas.

Penetrou novamente no quarto e fechou a porta. Dispôs frente ao divã um colchão que tirara de sob a cama e nele se acomodou, pois que, por razões de decoro, não se achava no direito de se sentar ao seu lado. O tempo escoava e a mulher conservava o silêncio até ser convidada a falar. O senhor, reclinado no divã, parecia extenuado após o longo serão, exausto, as pálpebras pesadas e invulgarmente manchadas de vermelho nos cantos por causa da bebida. A sua respiração, que exalava um forte cheiro a vinho, tornou-se oprimida. Embora todas as noites bebesse até à embriaguez, apenas se decidia voltar quando se havia liberto por completo dos efeitos do vinho e recuperara o controlo das suas faculdades de modo a preservar a dignidade e a imagem que em sua casa gostava de ostentar. A esposa era o único membro da família que encontrava a seguir aos seus serões. Todavia, dos efeitos da bebida, esta apenas se apercebia do cheiro, nunca tendo observado no seu comportamento nada de anómalo ou suspeito, exceptuando alguns gestos que em determinadas ocasiões este tivera nos primeiros tempos do casamento e que a mulher fingira esquecer. Contrariamente ao que seria de esperar, na sua companhia aquela hora, conseguia dele uma maior disposição para o diálogo e uma versatilidade que eram raras nos seus momentos de plena sobriedade. Recordava ainda o pânico que sentira ao se

aperceber que regressava ébrio dos seus serões. O vinho trouxera-lhe à mente toda a brutalidade, a loucura e, horror dos horrores, a transgressão religiosa que lhe estavam associadas. A repugnância e o temor haviam-na subjugado e, sempre que o esposo voltava, padecia tormentos insuportáveis. O volver dos dias e das noites, no entanto, provar-lhe-ia que, após os seus serões, ele se transformava num homem mais amável, mais predisposto a falar do que em qualquer outra circunstância, a sua austeridade esmaecia e as suas observações amenizavam-se. Assim sendo, deixara de receá-lo e serenara, ainda que não cessasse de implorar a Allah que o redimisse da sua indisciplina e lhe concedesse o Seu perdão. Quantas vezes desejara que demonstrasse, quando perfeitamente desperto e consciente, a mesma facúndia e quão grande fora o seu espanto ante uma desobediência que suavizava os sentimentos do seu esposo. Por muito tempo, vacilara entre o repúdio religioso que herdara, perante quejanda insubordinação e a serenidade e a paz que daí lhe advinham. Sepultara os seus pensamentos nos esconsos da sua alma, ocultando-os como quem nem de si para si admite confessá-los. Ele, por seu lado, cioso da sua dignidade e da sua autoridade, muito raramente manifestava alguma simpatia. E caso, neste encontro, um sorriso rasgado, ligado a uma das recordações do alegre serão, assomasse aos seus lábios, não tardava a cair em si e, cerrando os lábios, relanceava a esposa que, como soía, encontrava subjugada, de olhos baixos. Sossegava e de novo embrenhava-se nas suas lembranças. Na verdade, os serões não terminavam com o regresso a casa, pois prolongavam-se nas suas recordações e no seu coração, que os atraía a si com a força de um apetite jamais saciado dos prazeres da vida. Era como se visse ainda o serão ornamentado pela fina flor dos seus amigos íntimos, entre os quais, de quando em vez, nasciam as "luas" cheias que subiam no céu da sua vida. Ainda ecoavam nos seus ouvidos os gracejos, os ditos jocosos e as anedotas que o seu talento natural fazia germinar de forma espontânea sempre que a embriaguez e a emoção do prazer o sacudiam. Revia em particular e de forma meticulosa e interessada estes ditos chistosos repletos de assombro e de vaidade, recordando o efeito surtido nas almas, o sucesso e a alegria que o haviam tornado entre todos o mais estimado dos amigos. Nada havia de espantoso nisso, pois não raro sentira que o papel que nos serões desempenhava

detinha tanta importância como se fosse o fim almejado da existência. A sua vida profissional no seu todo parecia-lhe uma mera obrigação que cumpria no intuito de alcançar aquelas horas privilegiadas junto dos seus amigos, onde jorravam as bebidas, os risos, o canto e a paixão. Por vezes, ressoavam dentro de si as melodias doces e aprazíveis, entoadas nos serões festivos que iam e vinham e no fim das quais irrompia o grito vindo do fundo do seu coração: "Ah... Allahu Akbar." Amava o canto, do mesmo modo que amava a bebida, o riso, os amigos e as "luas" cheias, e não consentia que os seus serões fossem privados de algum. Logo, pouco lhe importava ter de percorrer distâncias enormes até aos locais mais remotos do Cairo para ouvir el-ITamouli ou Othman ou el-Manialawi' ^[13] onde quer que cantassem.

As suas cantigas haviam encontrado guarida na sua alma generosa, quais rouxinóis que se refugiam numa árvore frondosa, e portanto aprendera as árias e os motivos que o haviam coroado grão-mestre da ordem do canto e da emoção estética. Amava o canto com toda a sua alma e todo o seu corpo. Aquela, solta, estremecia de emoção e, neste, com os sentidos desvairados, os membros - sobretudo a cabeça e as mãos - principiavam a dançar. Destarte, a sua alma conservava de certas estrofes recordações espirituais e corporais inolvidáveis, como por exemplo: "Qual a razão dos teus tormentos e do teu afastamento em relação a mim" ou "Amanhã saberemos mais... e depois de amanhã veremos" ou "Ouve então e vem porque tenho algo para te dizer". Bastava-lhe uma destas estrofes, cercada pela comitiva das lembranças, e logo a embriaguez exultava, a cabeça oscilava enlevada e sobre os seus lábios adejava um sorriso lascivo. Estalava os dedos e, por vezes, quando sozinho, cantava. Contudo, o canto estava longe de ser uma paixão exclusiva ou a única fonte dos seus prazeres. Era essencialmente uma das flores de um ramo, no qual cada uma era realçada pela presença de outra; bem-vinda entre o amigo querido e o companheiro fiel, entre o vinho macio e o gracejo ameno. Quanto a dedicar uma paixão exclusiva ao canto, como os que o estudam em casa através da voz do fonógrafo, decerto era uma coisa bela, digna de elogio, mas estranha ao seu universo, ao seu meio e às suas relações. O que aliás dificilmente cevaria o seu coração sempre ávido por inserir, entre duas cantigas, um jogo de palavras capaz de encantar os espíritos, por renovar a sua inspiração na fonte de um copo

transbordante e contemplar o êxtase que resplandecia no rosto amigo e no olhar da pessoa amada, antes de unirem em comunhão as suas vozes num louvor à grandeza e à unicidade de Deus. Os efeitos dos serões não se limitavam às memórias. Serviam outrossim para predispor-lo para um estilo de vida adequado, pelo qual a sua esposa anelava com todas as forças, na sua resignação e a na sua mansuete, quando se via nas mãos de um homem, de índole amena, prolixo, que lhe desvelava um pouco da sua alma. Então, se bem que por instantes breves, tinha o sentimento de não mais ser uma simples escrava, mas também a companheira da sua existência. Ele abordava assuntos domésticos, dizendo-lhe que encomendara a alguns comerciantes seus conhecidos os mantimentos da casa, como a manteiga derretida, o trigo e o queijo; reprovava o aumento dos preços e a rarefacção dos bens essenciais em consequência de uma guerra que, desde há três anos, moía o mundo. E, como se tornara um hábito, sempre que fazia alusão à guerra, desfazia-se em imprecações contra os soldados australianos espalhados por toda a cidade como gafanhotos. Na verdade, a sua aversão pelos Australianos assentava em particular num factor: a tirania destes vedava-lhe o acesso aos lugares de divertimento e de canto situados na zona de el-Azbakiyya ^[14] aos quais, salvo raras excepções, tivera forçosamente de renunciar, visto que não desejava se expor em público a soldados que se apropriavam dos bens pessoais e se divertiam, de forma insolente, a infligir todo o tipo de agressões e vexames.

Depois, inquiriu-a sobre "os filhos", como lhes chamava sem fazer distinções entre o mais velho, escriturário na Escola de en-Nahhasin, e o mais novo, aluno na escola Khalil Agha.

Perguntou, então, num tom significativo:

- E Kamal?! Ai de ti se me escondes alguma das suas travessuras! Naquele momento, a mulher pensou no seu filho mais novo, cujas pequenas diabruras encobria efectivamente. Contudo não havia diversão ou entretenimento que o pai considerasse inocente.

Respondeu-lhe, por isso, com voz submissa:

- Tem cumprido as ordens do seu pai.

Durante alguns instantes, o senhor manteve-se silencioso, num aparente alheamento. As recordações da noite hílare apossavam-se de novo dele, o ponteiro da sua memória recuava para os eventos do dia

que antecederia o seu serão. De súbito, declarou que era um dia solene. Como se achava num estado em que era preferível nada esconder do que à superfície de sua consciência boiava, disse como se falasse para si:

- Que homem notável é o príncipe Kamal Eddin Hussein! Sabes o que fez? Recusou subir ao trono do seu falecido pai sob a tutela dos Ingleses!

Embora a mulher tivesse sabido do falecimento do sultão Hussein Kamal ontem, ouvia pela primeira vez o nome do seu filho. Ignorava o que responder, porém, impelida pelos sentimentos de veneração que nutria pelo seu interlocutor e temendo comentar qualquer palavra sua com algo que lhe desagradasse, disse:

- Que Allah conceda a Sua clemência ao sultão e a Sua dignidade ao seu filho.

O nosso homem prosseguiu:

- O príncipe Ahmad Fuad ou, melhor dizendo, o sultão Ahmad Fuad, como doravante será designado, subiu ao trono. Decorreu hoje a cerimónia da tomada de posse, tendo ele ido no seu cortejo do Palácio de el-Bustan para o Palácio de Abdin... Louvado seja Deus Eterno!

Amina escutou, atenta e feliz. Qualquer notícia vinda do mundo exterior, sobre o qual praticamente tudo desconhecia, acicatava, dentro de si, a sua atenção. O seu regozijo tinha origem no testemunho de afecto que encontrava nas palavras do seu esposo relativas a questões graves, para além da sabedoria que extraía do próprio discurso e que de antemão se regozijava de repetir aos ouvidos dos seus filhos e, em particular, aos das suas duas filhas, que, como ela, ignoravam por completo o mundo exterior. Para lhe retribuir a delicadeza do gesto não encontrava nada melhor do que renovar uma súplica que sabia ser grata ao seu coração e à qual ela própria estava profundamente ligada.

- Deus é capaz de nos trazer de volta Sua Excelência Abbas afendf

[15] O homem meneou a cabeça e murmurou:

- Mas quando?... Quando?... Só Deus sabe... Nos jornais lemos unicamente relatos sobre as vitórias dos Ingleses. Conseguirão eles, de facto, triunfar ou serão no fim rechaçados pelos Alemães e pelos Turcos? Ó Deus, recebe essa nossa prece...

Exausto, o homem cerrou os olhos, bocejou e espreguiçou-se,

acrescentando:

- Leva o candeeiro para a sala.

A mulher ergueu-se de imediato, dirigiu-se para a mesa, pegou no candeeiro e alcançou a porta. Antes de chegar à soleira, ouviu o seu senhor arrotar. Então sussurrou:

- Saúde!

[11] A gubba é uma longa túnica usada pelos homens, aberta à frente e com mangas largas.

[12] O quftan é um casaco comprido com mangas, de origem turca, aberto à frente e estreitado por um cinto.

[13] Trata-se de Abdu el-Hamouli (1845-1901) e de Muharrmiad Othman (1855-1900), considerados os maiores compositores de daivr egípcios (poemas cantados em árabe dialectal), e de el-Manialawi, um simples cantor.

[14] Bairro da cidade moderna do Cairo, hoje conhecido pelo seu vasto jardim botânico, O nome provém do príncipe mameluco Ezbeck, que fez escavar de novo, neste local, um lago antigo. O quediva Ismael mandou que fosse recoberto de modo a construir aí a ópera do Cairo.

[15] Termo turco que significa senhor: referido aqui. designa o quediva do Egipto Abbas Hilmi 11 (1874-1944)

3

Cedo na placidez do dealbar do dia, estando ainda as setas da luz cravadas na cauda da madrugada, foi crescendo o estrépito do amassadouro do pão que provinha do quarto do forno situado no pátio. As pancadas ininterruptas lembravam o rufar de um tambor. Cerca de meia hora antes, Amina deixara a cama. Fizera as suas abluções, orara e descera para a sala do forno onde acordara Umm Hanafi, uma mulher que orçava os quarenta anos e desde criança trabalhava na casa, tendo-a somente deixado para se casar e regressado assim que fora repudiada. Enquanto a criada amassava o pão, Amina, atarefada, cuidava do pequeno-almoço. Do lado direito da extremidade do amplo pátio da casa encontrava-se um poço que fora vedado com uma tábua tão logo as crianças haviam dado os primeiros passos e posteriormente provido da canalização necessária ao abastecimento de água. Do lado esquerdo, perto da entrada reservada ao harém, existiam duas grandes divisões. Numa fora edificado o forno, e por conseguinte viera a cumular as funções de cozinha. A outra fora preparada de modo a servir de despensa. A sala do forno, conquanto isolada, detinha, no coração de Amina, um valor considerável, pois se o tempo que passara entre as suas paredes fosse calculado obter-se-ia uma existência inteira, que se desenrolara naquele aposento que se embelezava com o rejubilo das festividades, que sucessivamente se repetiam, quando os corações se abriam às alegrias da vida e a água crescia nas bocas diante da variedade de deliciosas iguarias, preparadas de propósito, como: o khushaf ^[16] e a ataief ^[17] do mês do Ramadão ^[18] as pequenas roscas e as fogaças da festa do fim do jejum ou o cordeiro da festa do Sacrifício ^[19], cevado e afagado, antes de ser degolado sob o olhar das crianças que jamais lhe negavam uma lágrima de despedida sobre um fundo de contentamento geral.

Ali surgia, arqueado, o olho do forno, nas profundezas do qual um fogo ardia qual tição da alegria alumiada nos espíritos de cada um, como se fosse o adorno da festa, a fausta promessa da sua chegada. Se Amina sentia que, no andar superior, era a mera sombra do chefe e representava um poder de que, na verdade, não possuía a mínima

parcela, neste local, ao invés, era a soberana absoluta, e sob as suas ordens o forno morria e renascia; a sorte do combustível, composto por carvão e lenha amontoados no canto direito, dependia de uma só palavra sua; e, com um único gesto seu, o fogareiro de barro, que ocupava o canto oposto, sob as prateleiras das panelas, dos pratos e do tabuleiro de cobre, adormentava ou crepitava. Aí era a mãe, a esposa, a professora, a anista e, todos, com total confiança, aguardavam pelas dádivas das suas mãos. Testemunho disto eram os escassos louvores que recebia do seu sayyed - quando a isto se dignava- , e que sempre se referiam a alguma receita admiravelmente elaborada e cozinhada. Neste reino em miniatura, Umm Hanafi era o seu braço direito, quer assumisse a direcção dos trabalhos quer delegasse o seu lugar a uma das suas filhas para, sob a sua vigilância, se exercitar na sua arte. Tratava-se de uma mulher corpulenta cujo corpo, que carecia de harmonia e de pormenores, crescera de forma exuberante tão-somente preocupado com a gordura e descurando as considerações de ordem estética. Porém, ficara amplamente satisfeita, porque no seu interior a gordura representava o sumo da beleza. Onde, não surpreendia que todo o seu serviço doméstico fosse praticamente secundário quando comparado com o seu principal dever, o de engordar a família, em particular as mulheres, com as "gulodices" milagrosas que lhes confeioava, verdadeiro talismã da formosura e segredo seu mui resguardado. Embora o efeito destas "gulodices" nem sempre se revelasse eficiente, dera provas da sua excelência por mais de uma ocasião, e mereciam por conseguinte as expectativas e as aspirações nelas depositadas. Não era de admirar, depois disto, que também Umm Hanafi engordasse. Mas a sua rotundidade em nada abrandava a sua actividade. Mal a sua senhora a estremunhava, logo com ânimo se levantava para ir trabalhar, correndo para o ruidoso amassadouro que desempenhava, naquela casa, as funções de despertador.

O som atingiu, de início, os filhos no primeiro piso, e logo o pai, no piso superior, alertando-os para a necessidade de se levantarem, O senhor Ahmad Abdel Gawwad agitou-se de um lado para o outro, abriu os olhos e, irado com o alvoroço que viera perturbar o seu sono, despediu um olhar carrancudo. Porém, ciente de que devia acordar, abafou a sua cólera. Sentia a cabeça pesada, o que aliás era de um modo geral a sua primeira sensação assim que acordava. Resistiu-lhe,

com determinação, sentando-se na cama, embora nele se insinuasse outro desejo mais poderoso que lhe sugeria entranhar-se novamente no sono. Porém, o bulício das suas noites não lhe fazia descurar das obrigações diurnas. Assim, arrancava-se cedo ao seu torpor, por mais tarde que na noite anterior se houvesse deitado, para chegar à sua loja antes das oito. A sesta proporcionava-lhe o tempo necessário para recobrar o sono desbaratado e as forças para um novo serão. Por isso.

o despertar era a pior hora de todo o seu dia. Ao deixar a cama, cambaleava cansado, estonteado e às vertigens e enfrentava uma existência despojada das evocações doces e das sensações agradáveis, como se estas se houvessem transmutado em marteladas na sua cabeça e nas suas pálpebras.

As pancadas do amassadouro sucediam-se, pairando sobre as cabeças dos que dormiam no primeiro piso. Fahmi abriu os olhos, tinha um despertar fácil apesar de passar as noites mergulhado nos livros de direito. Logo que acordava, a primeira sensação que lhe acudia era a imagem de um rosto redondo, cor de marfim, com dois olhos negros, e a sua alma segredava: "Mariam." Se cedesse ao poder deste sortilégio, ter-se-ia quedado sob o cobertor por longos momentos, entregue à quimera que o visitava e o acalentava com as mais doces palavras de amor. Aproximar-se-ia então com a força da pabião, falar-lhe-ia, descobrindo segredos ilimitados, acercar-se-ia dela com o ímpeto arrogado que nos subjuga tão-só na morna indolência do alvorecer! Mas, como sempre, adiou as suas confidências para a manhã de sexta-feira. Sentou-se na cama e fitou o irmão que dormia na cama ao lado e gritou:

- Yassin! Yassin! Acorda!

O jovem cessou de rressonar, bufou toda a sua exasperação e rabujou:

- Já estou acordado. Aliás acordei antes de ti!

Sorridente, Fahmi esperou que o outro retomasse os seus rrencos e então bradou:

- Acorda!

Na cama, Yassin, irritado, voltou-se de um lado para o outro, arrastando o cobertor que revelou parte do seu corpo, enorme e barrigudo, como o seu pai. Descerrou dois olhos avermelhados que, com um olhar distante e um cenho carregado, exprimiam as suas

censuras.

" Ora!... Como pôde a manhã nascer tão depressa! Porque não podemos dormir à farta... A disciplina... Sempre a disciplina... como se fôssemos soldados". Levantou-se arqueando-se sobre as mãos e os joelhos, e sacudiu a cabeça para desta apartar a modorra. Relanceou a terceira cama, onde se achava Kamal engolfado num sono profundo que ninguém perturbaria antes de meia hora, e invejou-o: "Que felizardo!"

Um pouco mais desperto, Yassin sentou-se na cama, as pernas cruzadas, a cabeça apoiada nas mãos. Quis acariciar os pensamentos deleitosos que tornavam os devaneios matutinos mais aprazíveis. Mas, à semelhança do seu pai, acordava invariavelmente com a cabeça de tal modo pesada que os sonhos se lhe enregelavam. A imagem de Zannouba perpassou a sua mente, sem que a tocadora de alaúde exacerbasse os seus sentidos, como soía acontecer quando estava plenamente consciente. Perante isso, um sorriso desenhou-se-lhe sobre os lábios.

No quarto ao lado, Khadiga deixara já a cama sem precisão do despertador do amassadouro. Em toda a família, era quem mais se parecia com a sua mãe na energia e na prontidão do despertar. Quanto a Aisha, acordava, geralmente, com o estremecimento da cama provocado pela irmã ao erguer-se e saltar para o chão, com uma impetuosidade intencional que provocava discussões e reclamações cuja repetição transmutara numa espécie de recreação mal-humorada. Tendo, por fim, alcançado a orla da consciência e suspensas as suas recriminações, Aisha não se levantou de imediato, detendo-se, antes de abandonar a cama, numa longa e amena quimera.

Assim, a vida que renascia lentamente se espraiou por todo o primeiro andar. Abriram-se as janelas, jorrou uma luz abundante e penetrou uma aragem pejada com o ranger das rodas dos suwares [\[20\]](#), as vozes dos operários e as exortações do vendedor de belilah [\[21\]](#).

Enquanto prosseguia o vaivém entre os dois quartos de dormir e a casa de banho, surgiu Yassin envergando uma larga camisa de dormir que envolvia o seu corpo volumoso, seguido pelo enorme Fahmi, que, tirando a magreza, era uma cópia perfeita do seu pai. Ambas as raparigas desceram para o pátio para se reunirem à mãe na sala do forno. Entre elas havia uma diferença pouco frequente no seio de uma

mesma família: ao passo que Khadiga tinha um tom de pele escuro e traços desconformes, Aisha era loira e irradiava um halo de beleza e frescura.

Não obstante o senhor Ahmad Abdel Gauwad se encontrar sozinho no piso superior, Amina precaver-se para que nada lhe faltasse e colocara sobre a mesa uma tigela cheia de alforba para refrescar o hálito. Quando aquele se dirigiu para a casa de banho, os eflúvios do incenso adejaram até às suas narinas. Aí encontrou sobre a cadeira roupas limpas, dobradas com cuidado. Tomou um duche de água fria como era seu hábito, cujo ritual jamais alterava quer de Verão quer de Inverno, e regressou ao quarto, revigorado. Agarrou no tapete das orações, dobrado sobre o encosto do divã, estendeu-o no chão para fazer a oração da manhã. Rezou com um rosto submisso, bem distinto daquele prazenteiro e radiante com que obsequiava os amigos, ou daqueloutro despótico e intransigente que reservava à família. Era um semblante humilde, cujos traços, apaziguados e suavizados pela devoção, pelo amor e pela súplica, exalavam piedade, adoração e esperança. A sua oração não era uma maquinal concatenação de gestos: recitação, estação e prosternação. Toda ela era, ao invés, amor, fervor e efusão. Cumpria-a com uma veemência análoga a que insuflava no acto de tragar a vida sob todas as suas facetas, desde o trabalho ao qual se entregava por inteiro, passando pela amizade que com ele resvalava para o excesso, até ao amor que o derretia literalmente à bebida à qual jubiloso se rendia até à ebriedade. Diligente e leal em todas as situações. Assim, a oração para ele era um pretexto espiritual para discernir a grandeza divina, pelo que, quando terminava, se sentava com as pernas cruzadas, virava as palmas das mãos para o céu e pedia a Allahi que velasse por ele, que lhe concedesse o Seu Perdão e benzesse a sua prole e o seu negócio.

Tendo concluído a preparação do pequeno-almoço, a mãe encarregou as duas raparigas da elaboração do tabuleiro. Subiu ao quarto dos irmãos, encontrando Kamal ainda adormecido. Abeirou-se deste com um sorriso e pousou a palma da mão sobre a testa da criança recitando a surata de Al-Fatiha. Depois, chamou-o, abanando-o levemente até que descerrasse os olhos e não mais o largou até ter deixado a cama. Neste ínterim, Fahmi penetrou no quarto e, vendo a mãe, sorriu-lhe e desejou-lhe um bom-dia. Ao seu cumprimento, ela

respondeu com os olhos chamejantes de amor:

- Que tenhas uma manhã cheia de luz, ó luz dos meus olhos!

Com a mesma brandura, disse bom dia a Yassin, o "filho" do seu marido, que lhe respondeu com todo o afecto que merecia uma mulher que preenchia, no seu coração, o lugar de uma mãe digna deste nome. Quando Khadiga voltava da sala do forno, foi recebida por Fahmi e Yassin, sobretudo por Yassin, com os motejos com que habitualmente a submergiam. De facto, era alvo de troça por causa da sua fisionomia disforme e da sua língua afiada, isso apesar da influência que detinha sobre ambos os irmãos, fruto da mestria que demonstrava ao lidar com os assuntos destes, habilidade esta que Aisha raramente podia reivindicar para si, pois que aparecia no seio da família como um símbolo belo, fulgurante, encantador e sem serventia. Yassin abordou-a dizendo:

- Estávamos a falar de ti, Khadiga, e comentávamos que, se todas as mulheres fossem como tu, os homens ficariam livres dos tormentos do coração.

Num repente, esta replicou:

- E se todos os homens fossem como tu, ficariam livres dos tormentos da mente.

Mas a voz de Amina ecoou:

- Meus senhores, o pequeno-almoço está pronto!

[16] Água açucarada na qual se coloca a macerar vários tipos de frutas da estação e frutas secas.

[17] Massa folhada, imersa primeiro em leite e depois cozida em manteiga; consome-se acompanhada com mel.

[18] Mês do jejum muçulmano.

[19] Festa celebrada no fim da peregrinação a Meca.

[20] O termo suwares é a deformação egípcia do nome do alemão Schwartz que tinha fundado no Cairo a companhia de transportes homónima. Os suwares eram, por assim dizer, os antepassados do eléctrico no Egipto. As carruagens eram puxadas por mulas e a linha ia do velho Cairo até à Cidadela.

[21] Doce feito de grão de trigo fervido ao qual se acrescenta manteiga e mel.

4

A sala de jantar encontrava-se no piso superior onde ficava o quarto dos pais. Para além destas duas divisões, havia ainda uma sala de estar e quatro outras divisões que apenas albergavam alguns brinquedos com que, nos seus tempos livres, Kamal se entretinha. Tinham estendido a toalha e disposto as almofadas à volta. O pai veio sentar-se no lugar do chefe de família, seguido, um após outro, pelos três irmãos: Yassin que se instalou à sua direita, Fahmi à sua esquerda e Kamal à sua frente. Os três sentaram-se de forma educada e obediente, cabisbaixos como se participassem numa oração em comum que colocava ao mesmo nível o escriturário da escola de en-Nahhasin, o estudante de Direito e o aluno da escola de Khalil Agha. Nenhum deles tinha a ousadia de pousar os olhos sobre o rosto do pai. Mais do que isto, evitavam, na presença deste, trocar olhares receando que algum deles, por uma ou outra razão, fosse dominado por um sorriso que o exporia a uma repreensão terrível e inexorável. O encontro do pequeno-almoço era o único momento que os reunia ao pai visto que, quando tornavam à casa no final da tarde, este já se ausentara, para ir para a loja, após o almoço e a sesta, somente regressando à meia-noite. Este encontro matinal, se bem que de curta duração, representava, todavia, para eles um autêntico calvário dada a disciplina militar que deviam observar, para não mencionar o pavor que deles se apoderava e que lhes desgastava os nervos, predispondo-os para toda uma série de lapsos que obsessivamente tentavam evitar, o que fatalmente os tornava incontornáveis. Além do mais, o pequeno-almoço em si decorria num ambiente propício a comprometer todo o seu prazer. Não raro, o pai ocupava o curto espaço de tempo que antecedia a chegada da mãe com o tabuleiro, examinando, por exemplo, os seus filhos com um olhar crítico e, caso detectasse uma imperfeição na indumentária de algum, por mais ínfima que fosse, como uma nódoa na roupa, caía-lhe em cima com uma enxurrada de reprimendas e de advertências. Acontecia-lhe perguntar a Kamal, com brusquidão: "Lavaste as mãos?" Se o garoto respondia afirmativamente, ordenava-lhe: "Mostra-as!" O miúdo apresentava então as palmas abertas, engolindo a saliva, hirto de terror e, em vez de encorajá-lo ao asseio, o pai acrescentava em

jeito de ameaça: "Se alguma vez te esqueceres, nem que seja uma única vez, de lavar as mãos antes da refeição, corto-tas! Assim ficarás livre delas para sempre!" Do mesmo modo, podia dirigir-se a Fahmi e perguntar-lhe: "O filho de um cão tem estudado as suas lições?" Intimamente Fahmi sabia a quem o pai se referia porque "filho de um cão" para este queria significar Kamal. Fahmi respondia que o visado tinha aprendido correctamente as suas lições. Na verdade, as manhas do rapazinho, que tinham o condão de exasperar o pai, não o impediam de se revelar sério e empenhado. Disso eram testemunhos o seu sucesso e a sua superioridade. Mas o pai exigia dos seus filhos uma obediência cega, coisa insustentável para um garoto que antes preferia brincar a ter de comer. Por isso tinha por hábito comentar, num tom iracundo, a resposta de Fahmi: "A decência é preferível à ciência". Depois, voltando-se para Kamal, prosseguia, acerbo: "Estás a ouvir, filho de um cão?"

A mãe chegou entretanto, carregando o enorme tabuleiro da comida, que colocou sobre a toalha, após o que recuou alguns passos até à parede, perto de uma mesa sobre a qual estava um jarro de barro cheio de água. Aí se deteve, pronta para responder a qualquer solicitação. No centro do tabuleiro de cobre resplandecente havia uma grande travessa oval cheia de favas fervidas confeccionadas com manteiga e ovos; num dos cantos encontrava-se uma pilha de pães quentes e, no outro, uma fila de pequenos pratos que continham limões e pimentos macerados em vinagre, queijo, piripiri, sal e pimenta-preta, o que despertou o estômago dos irmãos. Contudo mostraram-se indiferentes, fingindo ignorar este espectáculo maravilhoso que lhes caía do céu, como se não os aguilhoasse a menor emoção. O pai estendeu a mão para um pão, agarrou-o e partiu-o, resmungando: "Comam!" Então, as mãos avançaram para os pães por ordem de idades, sendo Yassin o primeiro, seguido por Fahmi e por fim Kamal, e todos os três começaram a comer, embora mantendo a compostura e o recato. Ainda que o pai devorasse a comida de forma precipitada, como se as suas mandíbulas fossem lâminas de uma máquina cortante, lançada numa corrida desenfreada e ininterrupta, e aglutinasse num único e enorme naco de pão todas as variedades de alimentos - favas, ovos, queijo, limões e pimentos macerados em vinagre - moendo-os feroz e avidamente, enquanto os seus dedos

preparavam o próximo pedaço, os filhos comiam impassíveis, sem pressa, apesar de toda a resignação que esta moderação impunha às suas naturezas arrebatadas. Cada qual tinha plena consciência da observação áspera ou do olhar severo que o aguardava caso afrouxasse a sua atitude, e assim revelasse um instante de incúria, esquecendo as conveniências e perdendo as noções de cordura e de disciplina pelas quais se devia pautar. Entre eles, o mais exasperado com a situação era Kamal pois mais do que qualquer um dos outros temia o seu pai e, se algum dos seus irmãos podia rezear, no pior dos casos, um gesto de mau humor ou uma repreensão, ele, na melhor das hipóteses, podia contar com um pontapé ou um murro. Com esta certeza, comia desconfiado e incomodado, vigiando, de quando em vez, num relance furtivo, o resto da comida que diminuía rapidamente. À medida que esta sumia, aumentava a sua preocupação. Esperava, ansioso, que o pai desse mostras de saciedade e destarte o deixasse livre para enfartar o estômago. Mas não obstante a velocidade de ingestão daquele, a espessura de cada fornada saturada de todos os tipos de alimentos, dizia-lhe a experiência que o perigo maior, que pairava sobre a comida e sobre a sua pessoa, provinha dos seus irmãos. Com efeito, se o pai, depressa repleto, terminava a refeição, os dois irmãos, somente após aquele ter abandonado a mesa, iniciavam a verdadeira batalha e retiravam-se unicamente depois de terem limpo as travessas de toda e qualquer migalha comestível. Assim sendo, logo que o pai se levantou e saiu da sala, Kamal atirou-se às travessas como um louco, tirando o melhor proveito de ambas as mãos: uma para a grande travessa central, outra para as tigelas. Todavia, o seu zelo era muito pouco compensador. Perante a recrudescência da actividade dos dois irmãos, só lhe restava, como sempre que via a sua integridade ameaçada, em situações análogas, recorrer à asuicia: espirrar de propósito na travessa. E assim fez: espirrou! Os dois irmãos recuaram, fixaram-no enfurecidos mas acabaram por se retirar rindo a bandeiras despregadas. O seu sonho da manhã tornara-se real: encontrava-se sozinho no campo de batalha.

O pai regressou ao quarto depois de ter lavado as mãos. Amina seguiu-o, segurando na mão um copo com três ovos crus batidos com uma pinga de leite. Apresentou-lho e este emborcou-o de um só trago, acomodando-se para bebericar o seu café matinal. Este copo rico em

lípidos assinalava o ponto final do seu pequeno-almoço. Constituía uma das "receitas" às quais recorria antes ou depois das refeições, como o óleo de peixe, as nozes, as amêndoas, as avelãs cristalizadas, para preservar a saúde do seu corpo imponente e restituir-lhe, através do consumo exclusivo de carnes de todas as espécies e de alimentos conhecidos por serem ricos em matérias gordas, as forças que nele as paixões haviam dilapidado, donde o menoscabo com que considerava as refeições leves, ou mesmo as habituais, simples "entretenimento" ou, melhor, "perda de tempo", improfícuas para um homem da sua ténpera. Haviam-lhe aconselhado o haxixe como estimulante do apetite, entre outros benefícios, mas, depois de uma experiência pouco convincente, rejeitara-o e isto tão prontamente quanto não apreciara o estado de enorme embotação ao qual este o arrastara, a que se misturava uma apatia conducente ao mutismo e à sensação de isolamento, mesmo ao lado do escol das suas amizades. Depressa sentira repugnância por estes sintomas tão opostos à sua natureza sempre inflamada por um desejo sensual de alegria de viver, propensa à ebriedade petulante, às delícias da comunhão dos corações, aos saltos da fantasia e às risadas. E, de modo a não perder as qualidades essenciais aos poderosos senhores do amor, substituíra-o por uma fina variedade de manzul ^[22] que fizera o renome de Muhammad el-Ajami, o vendedor de sêmola, com uma loja na entrada de es-Salhiyya, no bairro de es-Sagha ^[23], e que a preparava exclusivamente para os seus melhores clientes, comerciantes e notáveis.

Todavia, Ahmad Abdel Gawwad não era um consumidor inveterado de manzul. Recorria a este somente de quando em vez, sempre que encontrava um novo amor, em particular, se o objecto das suas paixões era uma mulher perita nos homens e nas suas peculiaridades. Esvaziou a chávena de café, aproximou-se do espelho e começou a enfiar as roupas que Amina lhe ia entregando uma a uma. Observou detalhadamente o seu traje com uma atenção extrema, passou o pente nos cabelos negros que caíam de cada lado do crânio e endireitou o bigode retorcendo as pontas. Depois fitou o rosto ao espelho, movendo a cabeça levemente para a direita de modo a ver o lado esquerdo e depois para a esquerda de modo a ver o lado direito. Tendo feito uma avaliação favorável do seu aspecto geral, estendeu a mão à mulher que lhe deu o frasco de água-de-colónia que Amm ^[24] flassanein, o

barbeiro, enchera propositadamente para ele. Perfumou as mãos e o rosto, humedeceu o plastrão do seu quftan e embebeu o seu lenço.

Depois, colocou o fez na cabeça, pegou na bengala e saiu do quarto espalhando em seu redor uma suave fragrância. Este perfume, extraído de flores diversas, era familiar a todos os habitantes da casa. Quando algum deles sentia o seu odor, surgia-lhe logo a imagem do dono da casa, com o seu semblante venerável e decidido, o que suscitava no seu coração um misto de amor e de respeito imbuídos de temor. Mas, a esta hora da manhã, o perfume era o sinal inequívoco da sua partida e comunicava aos espíritos uma satisfação manifesta, sem quaisquer segundos pensamentos, semelhante à alegria que o cativo experimenta diante do tinir das correntes retiradas das mãos e dos pés. Então cada qual compreendia que, de um momento para o outro, lhe seria devolvida a liberdade de falar, rir, cantar e de se movimentar sem que daí incorresse algum perigo.

Yassin e Fahmi tinham acabado de se vestir. Quanto a Kamal, assim que o pai saíra, precipitara-se para o quarto na sua ânsia de imitar os gestos paternos que espiava através da fresta da porta entreaberta. Colocou-se frente ao espelho examinando-se com um olhar satisfeito e interpelou a sua mãe, forçando o tom da voz: "Amina, o frasco da água-de-colónia!" Sabia, de antemão, que esta não acederia ao seu pedido, mas mesmo assim começou a friccionar as duas mãos no seu rosto, no seu casaco e no seu calção como se os impregnasse de água-de-colónia e, enquanto Amina se esforçava por reprimir o riso, continuava a simular um ar austero e grave. Depois, começou a observar o rosto ao espelho virando-o da direita para a esquerda, antes de inspeccionar o bigode imaginário cujas extremidades enrolou. Arredou-se por fim do espelho, soltou um arrote e, virando-se para a mãe, que encontrou simplesmente a rir, protestou: "Porque não me dizes: Saúde?" "Saúde, ó meu senhor!", volveu Amina, rindo. Então deixou o quarto, imitando o modo de andar do pai, balançando a mão direita como se caminhasse apoiado numa bengala.

A mãe e as duas raparigas precipitaram-se para a machrahiyya e postaram-se atrás da clarabóia, que dava para a rua de en-Nahhasin, para verem, através dos orifícios, os homens da família que se afastavam.

Surgiu, pri-meiro, o pai caminhando a passos lentos com um ar

nobre, nimbado de dignidade e beleza, levantando por vezes a mão em jeito de cumprimento. Levantaram-se Amm Hassanein, o cabeleireiro, el Hajj ^[25] Darwich, o vendedor de /owP^ el-Foul ^[26], o leiteiro, e Bayoumi, o vendedor de xaropes, quando por eles passou.

Elas seguiam-no com os olhos cheios de admiração e de orgulho. Fahmi vinha atrás com o seu passo pressuroso, e logo depois Yassin, com a pujança de um touro e a elegância de um pavão. Finalmente apareceu Kamal que, mal dera dois passos, se virou e ergueu a cabeça em direcção à clarabóia da machrahiyya onde sabia estarem escondidas a mãe e as duas irmãs. Sorriu e continuou o seu caminho, entalando a pasta debaixo do braço e procurando no chão calhaus para, com um pontapé, fazê-los rolar para longe.

Aquele era um dos momentos mais felizes da mãe, ainda que tremesse ante a maledicência. Para que esta não se abatesse sobre os seus homens, recitava sem cessar, até haverem desaparecido do seu campo de visão: "E contra o mal do invejoso quando inveja."

^[22] Manzul é uma droga forte, nos seus efeitos, comparável à cocaína.

^[23] Significa literalmente "ourives".

^[24] Literalmente "tio paterno", designação que é usada comumente referindo-se a uma pessoa de uma certa idade, mesmo quando não há laços de parentesco.

^[25] Peregrino, título que se dá a quem cumpriu a peregrinação a Meca,

^[26] Ou, mais precisamente, foul midammes, favas secas cozidas a vapor durante bastante tempo e temperadas com azeite e manteiga derretida. Trata-se do prato mais popular do Egipto.

5

A mãe saiu da machrahiyya, seguida de Khadiga. Quanto a Aisha, aí se demorou de modo a permanecer só. Dirigindo-se para a parte da machrahiyya que dava para a rua de Bain el-Qasrain, afundou o olhar através dos orifícios da clarabóia., inquieta e numa impaciência febril. Os olhos brilhantes e mordendo os lábios, parecia estar à espera. Não teve de aguardar muito antes que surgisse, à saída do beco de el-Khoronfich, um jovem oficial de polícia dirigindo-se, com um passo seguro, para o posto de el-Gammaliyya. Neste instante, a rapariga deixou apressadamente a machrahiyya, deslocou-se até ao salão e correu para a janela lateral, que entreabriu levemente, fazendo deslizar o ferrolho, com o coração agitado, arquejante de emoção e temor. Ao chegar perto da casa, o oficial soergueu de forma discreta os olhos - é preciso dizer que, naquela época, ninguém levantava a cabeça no Egipto - e o seu rosto iluminou-se com o brilho de um sorriso cauteloso cujo reflexo fez despontar no rosto da rapariga um rubor confuso. Esta soltou um suspiro e fechou a janela com força e nervosismo, como se estivesse a fazer desaparecer os vestígios de um crime sangrento. Depois, afastou-se, cerrando os olhos, sob o efeito da comoção. Deixou-se cair numa cadeira e viajou, a cabeça apoiada na palma da mão, no espaço infinito dos seus pensamentos, não encontrando aí a plenitude da felicidade ou do susto, mas um coração impiedosamente dilacerado entre uma e outro. Se, por um lado, o enlevo e o encantamento do jtibilo a inundavam, por outro, o martelo aterrador do medo retumbava no fundo da sua alma ignorante do que seria preferível: pôr um termo a esta aventura ou seguir as inclinações do seu coração, pois tão grande era o seu amor quanto o seu medo. A fantasia reteve-a mais uns instantes, quando as vozes agudas da angústia e do remorso já se haviam silenciado. O tempo principiou a dilatar-se, sob a asa da paz, no doce êxtase do devaneio e então recordou. Aprazia-lhe reavivar insistentemente como, estando um dia a sacudir a cortina puxada diante da janela, ousara espreitar a rua através do batente semiaberto para fazer sair a poeira. E os olhos de ambos haviam-se cruzado. O jovem poisara sobre ela um olhar não só de assombro mas cheio de espanto. Aisha recuara como que

apavorada, mas o instante da sua passagem bastara para nela debcar a marca inextinguível da sua estrela doirada e do seu galão vermelho, cena que deleitara o coração e capturara a imaginação e se mantivera viva durante muito tempo dentro dela. À mesma hora, nos dias que se seguiram, ficara por trás das persianas, escondida, e observara com uma alegria triunfante como ansioso levantava os olhos, para a janela fechada, procurando a sua presença e o semblante irradiava contentamento quando aí adivinhava o seu vulto. O seu coração ávido, que despertava pela primeira vez para o amor, esperara este momento com uma impaciência febril e saboreara-o naquele instante com delícia, antes de vê-lo partir como num sonho. Um mês transcorrera assim, até que havia regressado o dia das grandes limpezas. Então, precipitara-se para a cortina, sacudindo-a diante da janela entreaberta, cuidando desta vez em ser vista. Dia após dia, mês após mês, este estratagema persistira, até ao dia em que, sequiosa de mais amor, vencera o medo latente, dando um passo tresloucado: abrira a janela de par em par e aguardara, com o coração palpitante de emoção e de medo, como se lhe fosse declarar o seu amor ou, melhor dizendo, como alguém que, para escapar a um fogo violento que já o cerca, se arremessasse num precipício.

Em seguida, calaram-se de novo as vozes do susto e do remorso. Abandonou-se longa e serenamente à doce embriaguez do sonho. Arrancou-se, por fim, à sua fantasia e resolveu renunciar ao temor que a agitara e começou a repetir para si mesma, de modo a tranquilizar-se por completo: "A terra não estremeceu, tudo está bem. Ninguém me viu nem alguma vez me verá. De resto, não fiz nada de mal!"

Ergueu-se de um salto e, como para se dar a ilusão da despreocupação, começou a cantarolar com uma voz doce, ao sair da sala: "Belo oficial agalado de púrpura, m que me tens cativa, da minha desgraça tem piedade." Repetia vezes sem conta este refrão, quando bruscamente lhe chegou, vinda da sala de jantar, a voz da sua irmã Kliadiga:

- Ó senhora Munira el-Mahdiyya [\[27\]](#), vinde acomodar-vos, pois que a vossa serva acaba de pôr a mesa!

Sobressaltou-se ao ouvir esta voz e emergiu do seu reino de quimeras para regressar à realidade, incompreensivelmente aterrada, já que tudo estava bem, como ela própria o afirmara. Porém, o simples facto de a voz da irmã vir romper a sua cantiga e o fio dos seus pensamentos abalara-a, sem dúvida, devido à atitude de Khadiga, que, nos seus confrontos, lhe opunha sempre um espírito crítico. Conseguiu, por fim, desenredar-se daquela angústia e respondeu com um riso desenvolto, antes de se encaminhar para a sala de jantar, onde encontrou efectivamente a mesa posta e a mãe que chegava com o tabuleiro.

Mal entrou, Khadiga lançou-lhe num tom hostil:

- Andas a sonhar pelos cantos para que eu fique com todo o trabalho... Já começamos a estar fartos das tuas cantorias!

Se bem que, geralmente, com Khadiga fizesse uso de palavras meigas de modo a premunir-se contra as suas críticas acerbas, por vezes sucedia-lhe que, diante da obstinação da irmã em feri-la com crueldade à primeira oportunidade, tentasse enfurecê-la. Assim, com um ar sério, disse:

- Pensava que já tínhamos chegado a um acordo no tocante à divisão das tarefas domésticas: tu ficas com estas e eu com as cantigas!

Khadiga virou-se, então, para a mãe e, aludindo à irmã, declarou, escarninha:

- Talvez queira tornar-se cantora!

Aisha deixou-a falar e prosseguiu, ao invés, na mesma senda:

- E porque não? Com a minha voz de maçarico!

Se a réplica inicial, que tinha algo de trocista, não despertara a cólera da sua irmã, esta última, pelo contrário, abespinhara-a, pela simples razão que constituía a mais pura verdade; de facto, Khadiga, entre outras qualidades, invejava à irmã a beleza da sua voz.

Por isso, atacou:

- Escuta lá, minha ilustre senhora, esta é a casa de um homem honrado cujas filhas não hão-de ser prejudicadas mesmo quando as suas vozes se assemelham à dos burros, mas que serão deleitosas caso se limitem a ser como uma imagem inútil e fútil!

- Se a tua voz fosse como a minha, não falarias deste modo!

- Claro...! Cantarias e eu responder-te-ia. Dirias: "Meu belo oficial de púrpura agaloado, tu que..." e eu acrescentaria: "Me tens cativa, da

minha desgraça tem piedade." E deixaríamos, durante este tempo todo, que a senhora - designando a mãe - varresse, esfregasse e cozinhasse.

- Por Allah, calem-se e sentem-se, tomemos pelo menos o pequeno-almoço em paz!

As duas irmãs avançaram para a toalha, sentaram-se e Khadiga voltou-se para a mãe:

- Ai, mãe, não nasceste para educar crianças!

- Que Allah te perdoe! - resmungou calmamente Amina. Confiar-te-ei esta tarefa, desde que não esqueças a tua pessoa!

Nisso, estendeu a mão para o tabuleiro:

- Em nome de Deus, o Clemente, o Misericordioso!

Khadiga tinha vinte anos. Era a mais velha dos irmãos, com excepção de Yassin, o seu meio-irmão por parte do pai, que rondava os vinte e um anos. Era uma rapariga encorpada, anafada mesmo - graças a Umm Hanafi - e de baixa estatura; o rosto relembra com alguma desarmonia os traços dos seus pais. Os olhos pequenos mas belos eram da mãe, do pai herdara o nariz grande, numa versão reduzida, se bem que não passasse despercebida. Aquele nariz que de forma inegável conferia dignidade ao seu pai tinha nela um efeito sensivelmente diferente.

Quanto a Aisha, ia na sua décima sexta primavera. Era a imagem de uma beleza avassaladora. Tinha uma cintura fina, um corpo esbelto - que, para a família, eram anomalias que Umm Hanafi devia remediar - um rosto de lua cheia, uma pele láctea irisada com tons rosados, os olhos azuis que tivera o bom gosto de ir buscar ao pai, o nariz da mãe e os cabelos de ouro cujas leis de hereditariedade a haviam bafejado como um legado da sua avó paterna.

Khadiga, claro está, tinha plena consciência das dissemelhanças existentes entre si e a sua irmã. E não eram as suas admiráveis capacidades no tocante à economia doméstica ou ao bordado ou ainda o seu zelo incansável que lhe podiam servir de compensação. Desenvolvera, destarte, contra a sua vontade, em relação à sua irmã um sentimento de inveja, que não tentava encobrir, o que muitas vezes suscitava a zombaria da bela jovem. Mas, felizmente, aquela inveja instintiva em nada ensombrava o temperamento de Kliadiga. Limitava-se a recorrer à insolência para contrabalançar a sua cólera.

Ademais, a rapariga, apesar da sua fealdade natural, tinha uma mãe dentro de si e um coração repleto de afecto pela sua família, embora nenhum dos seus membros fosse poupado aos seus sarcasmos. A inveja dominavaa, de tempos a tempos, por períodos mais ou menos duradouros, sem que o ódio pervertesse, contudo, a sua natureza profunda. Porém, o seu gosto declarado pela ironia, que no seio familiar se reduzia a simples gracejos, transformava-a, logo que se tratava de vizinhos e amigos, numa mexeriqueira de primeira. Como a agulha da bússola inexoravelmente atraída para o pólo, os seus olhos poisavam unicamente sobre as pessoas para sublinhar as imperfeições e quando estas se subtraíam ao seu olhar, encontrava sempre meio para desmascará-las e caricaturá-las, após o que atribuía às suas vítimas epítetos ligados aos seus defeitos, com que ficavam baptizadas definitivamente no círculo familiar.

Assim, agia, por exemplo, em relação à viúva do falecido Shawkat Aqdam, uma amiga dos seus pais, que apelidara "a metralhadora" porque, sempre que falava, expelia gotículas de saliva, ou ainda à vizinha do lado, a senhora Umm Mariam, a quem atribuía a alcunha de "Por Deus, ó meus senhores e minhas senhoras" pela forma singular com que lhes pedia emprestado, de quando em quando, alguns utensílios domésticos. De igual modo, não escapara, atendendo à sua função e à sua fealdade, o sheikh [\[28\]](#) da escola corânica de Bain el-Qasrain que intitulara "Do mal que criou" [\[29\]](#) por causa da sua mania em repetir dentro da mesma surata, vezes sem conta, este versículo, Epitetara de "careca" o mercador de fui por causa da sua calvície, e o leiteiro de "zarolho", pela sua deficiência visual, para não mencionar uma profusão de outros apodos mais ou menos comedidos que reservava aos membros da sua família: a mãe, pelo seu habitual madrugar, tornara-se "o muezzin"; Fahmi, pela sua magreza, "a perna da cama"; Aisha, pela mesma razão, "o junco"; e Yassin, pela sua corpulência e pela sua elegância, "a Bamba Kashshar" [\[30\]](#).

No entanto, a sua linguagem insolente não era mero fruto de sobranceira, na realidade não demonstrava a menor piedade, sobretudo, a quem investisse contra a sua família e, por conseguinte, as suas críticas a estranhos, despojadas de qualquer resquício de magnanimidade ou de clemência, intensificavam-se em virulência. A sua impassibilidade perante os infortúnios alheios, dia após dia, ia

crescendo. Esta indiferença manifestava-se, em casa, nos modos rudes com que tratava Umm Hanafi e, principalmente, animais domésticos como os gatos, que gozavam por parte de Aisha de uma verdadeira idolatração. A forma pouco cordial com que tratava Umm Hanafi era aliás fonte de discrepâncias múltiplas entre Khadiga e sua mãe. Esta, em geral, punha o pessoal da casa e o resto da família em pé de igualdade, e no semblante de outrem divisava um anjo, sendo incapaz de fazer mau juízo de alguém. Mas Khadiga, de índole atreita à maledicência, tinha uma opinião bastante desfavorável acerca de Umm Hanafi. Não escondia a sua aflição por ver uma tal mulher dormir ao lado da despensa e disso se queixou à mãe:

- Onde lhe vem aquele excesso de gordura? Das "mezinhas" que prepara? Aqui todos as tomam porém ninguém engordou desta maneira! Não será porventura por causa da manteiga derretida e do mel delicioso com que se empanturra, sem nós sabermos, enquanto estamos a dormir?

Amina defendia o mais que podia Umm Hanafi, no entanto exasperada pela sanha da sua filha acabou por protestar:

- Ora, ela que coma o que quiser! Tem muito com que se entreter! Não vai conseguir devorar além daquilo que a sua pança lhe permitir e, de qualquer forma, não estamos prestes a morrer de fome!

As palavras da mãe não aplacaram por completo Khadiga, que começou a inspeccionar, todas as manhãs, a reserva de manteiga derretida e de frascos de mel. Umm Hanafi, com um sorriso nos lábios, assistia a tudo, pois por respeito a sua senhora, tão bondosa e amável, o amor que por ela nutria abarcava toda a casa. Mas o afecto que a rapariga sentia pela sua família contraditava tudo isto. Ficava de imediato transtornada se algum mal se abatia sobre um dos seus. Por isso, quando Kamal apanhara o sarampo, teimara em compartilhar o seu leito. Também não consentia que se fizesse a menor insinuação acerca de Aisha. Jamais se vira coração como o seu, onde coexistiam em simultâneo tanta frieza e tanta sensibilidade.

Acomodando-se no seu lugar diante da toalha, fingiu ter esquecido a desavença que entre ela e Aisha houvera, e, com aquele seu apetite que se tornara proverbial em toda a casa, atacou o ful e os ovos. A alimentação desempenhava, para aquelas senhoras, para além do lado nutritivo da questão, uma importante função de cariz estético: era o

substrato natural da adiposidade. Donde a morosidade e o recolhimento na sua ingestão e o extremo cuidado na mastigação reiterada vezes sem conta. Alcançado o ponto de saciedade, a refeição não findava, antes prolongava-se até à saturação das capacidades de cada uma. A mãe era a primeira a terminar, logo seguida por Aisha. Khadiga ficava pois com os sobejos da refeição por única companhia, que tão-só abandonava quando reduzida a um cemitério de travessas "limpas". Neste sentido, a magreza de Aisha, que não era compatível com os seus esforços face à comida, além da sua natureza refractária ao poder mágico das "guloseimas", levava Khadiga a trocar dela, ao declarar que semelhante perfídia a tornava uma terra indigna das boas sementes aí lançadas. Divertia-se em atribuir a sua magreza ao seu débil sentimento religioso. Dizia:

- Aqui todos nós observamos o jejum do Ramadão, excepto tu. Finges que estás a jejuar e, às escondidas, infiltras-te na despensa como um rato para te empanurrar de nozes, amêndoas, avelãs, antes de vires quebrar o jejum connosco com um apetite voraz que mesmo os que deveras jejuaram te invejam. Mas, Deus não permitirá que assim seja!

Uma das raras ocasiões para as mulheres se reunirem era a hora do pequeno-almoço. Era o momento mais propício para fazer confidências e abrir a alma, sobretudo quando se tratava de questões cujo extremo pudor as coagia a silenciar durante as reuniões familiares em que ambos os sexos participavam.

Conquanto seriamente concentrada no seu prato, Khadiga tinha algo a comunicar. Anunciou com uma voz branda bem distante das vociferações de há pouco:

- Mãe, tive um sonho tão estranho!

Para assinalar de forma inequívoca o respeito que tinha pela notícia alarmante da filha, Amina, antes de engolir a sua porção, respondeu:

- Deus queira, minha filha, que seja portador de bem! Khadiga prosseguiu, com uma tensão redobrada:

- Via-me caminhar na borda de um terraço, talvez o desta casa ou outro, quando de repente surgiu um desconhecido que me empurrou para o vazio... Gritei...

Amina cessou de comer, seriamente perturbada. A rapariga quedou-se ali, fazendo com que, por alguns instantes, reinasse um silêncio

susceptível de criar um maior desassossego em relação à sua pessoa.

- Meu Deus, balbuciou a mãe, oxalá acabe bem!

- Ora, diz-me lá - interveio Aisha, tentando conter um sorriso- , pelo menos não era eu o desconhecido que te empurrou? Pois não?

Temendo que o ambiente resvasse para a paródia, Khadiga bramiu:

- É um sonho, não um jogo! Deixa-te de palermices! Depois, virando-se para a sua mãe:

- Caí então no vazio, gritando. Porém, não bati no chão, como estava à

espera, mas achei-me sobre um cavalo que me tomou na sua garupa e me arrebatou pelos ares.

Amina suspirou, serenada, como se tivesse apreendido o sentido oculto do sonho e se tivesse convencido da sua trivialidade. Atacou novamente a comida, sorrindo.

- Quem sabe, Khadiga - declarou- , talvez seja um jovem esposo!

O termo "esposo" era unicamente proferido em voz alta neste género de reunião e ainda assim com tamanha celeridade que raiava a alusão. O coração da rapariga começou a palpar. Nada o agitava tanto como a questão do casamento. Tinha fé no seu sonho e na sua interpretação. Por isso, as palavras da mãe eram fonte de profunda alegria. Todavia para disfarçar a sua comoção, recorreu ao escárnio, expediente habitual ainda quando contra si se virasse.

- Achas que o cavalo era um esposo? Homessa, o meu esposo só pode ser um asno!

Aisha desatou numa risada tal que cuspiu um pedaço de comida. Mas, receando que Khadiga se ofendesse, tentou explicar:

- És tão injusta para contigo, Khadiga! Não há nada em ti que se possa criticar!

Os olhos da sua irmã lampejaram desconfiados e hesitantes, enquanto a mãe prosseguia:

- Não há muitas raparigas como tu. Porventura, conheces outras que tenham a tua habilidade, a tua capacidade para trabalhar, o teu espírito sagaz e o teu rosto bonito? O que queres mais?

A rapariga palpou, com o indicador, a ponta do nariz.

- E isto - perguntou a rir - não veda o acesso aos esposos?

- São sandices - respondeu Amina sorrindo. - Ainda és muito nova,

minha querida!

Khadiga sobressaltou-se ao ouvir a expressão "muito nova", pois estava em completo desacordo no tocante à idade ideal para casar.

- Mas tu, mãe - redarguiu a rapariga- , quando te casaste ainda não tinhas completado catorze anos?

Ao que Amina, não menos inquieta que a sua filha, objectou:

- Só a Deus cabe decidir se é demasiado cedo ou tarde para empreender algo!

- Estou certa de que Deus nos reserva, por tua causa, e muito em breve, grandes regozijos! - Volveu com convicção Aisha.

Khadiga considerou a irmã com desconfiança e recordou que uma vizinha havia pedido a mão de Aisha para o filho. Mas o pai recusara casar a filha mais nova antes da mais velha.

- Queres realmente que eu me case - perguntou - ou estás apenas à espera disso para que também possas fazer o mesmo?

Aisha replicou sorrindo:

- Ambas as coisas!...

[27] Munira el-Mahdiyya (1885-1965). célebre cantora egípcia, apelidada de Sultana do Canto, cantou ao longo de mais de 30 anos e participou nos movimentos de emancipação da mulher no Egipto.

[28] Literalmente ancião, chefe, professor de uma escola religiosa; aqui é utilizado enquanto título de mestre de uma escola corânica,

[29] Alcorão CXIII, versículo 2.

[30] Trata-se de Bamba Kashshar (literalmente " Rosa a Careta"), célebre cantora do princípio do século que se tornara célebre pelos seus talentos vocais e pelas suas inúmeras ligações amorosas com políticos da época.

6

O pequeno-almoço concluído, Amina repartiu os afazeres:

- Aisha, cabe-te, hoje, lavar a roupa. E tu, Khadiga, ficas incumbida das limpezas. Depois, virão ambas ter comigo à sala do forno.

Amina procedia à divisão das tarefas entre as duas filhas logo após o pequeno-almoço. Em geral, inclinavam-se diante da vontade materna, sobretudo Aisha, que acatava as suas decisões sem discutir; Khadiga, pelo contrário, sentia prazer em levantar frequentes objecções, quer com o intuito de se evidenciar quer por simples espírito de contradição. Destarte, voltou-se para a irmã e sugeriu:

- Se não te apetece lavar a roupa, deixo-te as limpezas. Mas, se apenas se trata de disputá-la para poderes aguardar calmamente na casa de banho que o trabalho da cozinha tenha acabado, então é uma desculpa de antemão rejeitada!

A rapariga fingiu não reparar no comentário e dirigiu-se para a casa de banho, trauteando. Khadiga acresceu mordaz:

- A casa de banho vem mesmo a calhar; a voz soa aí como na corneta de um fonógrafo! Por isso canta lá, dá esta alegria aos nossos vizinhos!

A mãe deixou a sala, encaminhou-se para o patamar e daí para a escada que subiu. Queria dar uma volta no terraço como soía fazer todas as manhãs antes de descer à sala do forno. As altercações entre as raparigas não eram para ela novidade, pois com o volver dos dias se haviam transmudado numa rotina corriqueira, exceptuando nos momentos em que o pai se encontrava em casa ou à noite sempre que uma amena conversa juntava os membros da família. Decidira considerá-las como algo de trivial, ficando-se pelas súplicas, sempre com muito tacto. Era a única política que adoptava com os seus filhos, porquanto por natureza era incapaz de valer-se doutra. Quanto ao que a educação pressupunha de disciplina, era algo que lhe era absolutamente alheio. Acalentara talvez esta esperança, sem para tal dispor da força necessária, talvez mesmo pusera em prática, mas em breve fora vencida pela sua emoção e pela sua tibieza, como se não suportasse, entre ela e os seus filhos, outros laços que não fossem os da amizade e do amor. Delegava ao pai - ou melhor, à personalidade deste que mesmo de longe exercia o seu poder - o cuidado de

endireitar as deformações e de pôr cada um no seu devido lugar Por conseguinte, semelhante diatribe era irrelevante e em nada modificava a admiração que tinha pelas filhas e muito menos o contentamento que estas lhe proporcionavam. Mesmo Aisha, que nutria uma paixão descomedida pelo canto e se demorava diante do espelho, apesar do seu temperamento linfático, em nada era inferior, a seus olhos, a Khadiga em termos de mestria e de organização.

Esta poderia ter sido para Amina a ocasião de instantes de descanso, não fora a sua natureza meticulosa um tanto maníaca, a sua obstinação excessiva em ter debaixo de olho toda a casa. Quando as filhas concluíam as suas tarefas, ela ainda persistia a vassoura numa mão, o espanador noutra, percorrendo de ponta a ponta os quartos, as divisões, os corredores, esquadrinhando todos os recantos, todas as paredes, os cortinados e as restantes salas com o olhar, na eventualidade de avistar algum grão de poeira esquecido, e neste gesto encontrava grande prazer e alívio, como se acabasse de extrair um cisco do olho.

A sua natureza escrupulosa levava-a também a inspeccionar, antes da lavagem, a roupa preparada para a barrela. Se alguma peça, pelo invulgar grau de sujidade, lhe chamava a atenção, não largava o seu dono antes de amavelmente lhe lembrar as suas "obrigações". E isto era válido desde Kamal, com praticamente dez anos, até Yassin, que no concernente aos cuidados da sua pessoa pautava-se por dois critérios radicalmente opostos: se, por um lado, revelava um apuro extremo na sua apresentação exterior, na indumentária, no fez, na camisa, na gravata ou nos sapatos, por outro, negligenciava de modo vergonhoso a roupa interior.

No meio de tamanha azáfama, o terraço e a sua população de pombos e galinhas não eram evidentemente esquecidos. Bem pelo contrário, sendo um inesgotável reservatório de actividade, fonte de diversão e de momentos agradáveis, a hora que lhes reservava extravasava de amor e alegria. Nada havia de surpreendente, pois o terraço era o mundo novo e ignoto da casa grande antes de se lhe haver ligado. Mantivera a casa grande no estado da sua construção imemorial, mas remodelara por completo o terraço a seu gosto. As rolas, nas gaiolas encostadas contra algumas das paredes altas, arrulhavam desde o dia em que aí haviam sido instaladas; as galinhas

cacarejavam nas capoeiras feitas de tábuas desde o dia em que estas haviam sido construídas.

A alegria apossava-se dela quando atirava o grão ou colocava no chão as tinas com água para as quais as galinhas, atrás do galo, se precipitavam. Então, os bicos, quais agulhas de uma máquina de costura, pressurosas e regulares, abatiam-se sobre o grão. Em breve, dos grãos espalhados apenas sobejavam, no chão poeirento, minúsculas crateras, semelhantes à terra calcada pela chuva. Exultava literalmente quando alguma delas, curiosa, intrigada e cacarejante, levantava a cabeça e se punha a observá-la com seus olhinhos estreitos e luzentes. Olhava para elas e um sentimento de afeição recíproca submergia o seu coração de ternura. Amina amava as galinhas e os pombos, como todas as criaturas de Allah em geral, e mantinha com eles amenas conversas certa de que as compreendiam e acolhiam com emoção.

A sua imaginação concedia, aos animais e por vezes até aos objectos inanimados, a faculdade de sentir e de entender. Estava persuadida de que estas criaturas celebravam a glória de Deus e participavam no mundo espiritual por razões diversas. Assim sendo, o seu universo, com a sua terra e o seu céu, os seus animais e as suas plantas, era um universo vivo e inteligente. Além disso, as qualidades distintivas deste universo não se limitavam, para ela, tão-só ao canto da vida que deste emanava, mas também, e num coroamento, ao sentimento de adoração que aí se libertava. Não era de espantar, assim sendo, que permitisse, sob pretextos vários, que se multiplicasse o número de galos decadentes e de galinhas vetustas: uma era invulgarmente fecunda, aquela boa poedeira e aqueloutro, em particular, era o seu despertador da manhã! Talvez, se dependesse unicamente dela, jamais teria consentido que a faca se abatesse sobre estas criaturas e, se as circunstâncias a compeliavam a degolar alguma, era, com um certo desagrado, que escolhia a galinha ou o pombo. Dava-lhe de beber, dizendo "Que Deus tenha piedade de ti", "Em nome de Deus, o Clemente, o Misericordioso", "Que Deus nos conceda o Seu perdão". Depois matava o animal. A sua única consolação residia no facto de fazer uso de um privilégio por Deus outorgado na Sua mansuete e por Ele distribuído a todo o género humano.

Todavia a metade sul deste terraço era de longe a mais

deslumbrante pois sobrepujava En-Nahhasin. Plantara aí, com as suas próprias mãos, no decorrer dos anos anteriores, um jardim muito peculiar, único entre os terraços do bairro, normalmente atapetados com a camada das excreções das capoeiras. Começara, de início, com um pequeno número de vasos com cravos e rosas que se haviam admiravelmente desenvolvido, transformando-se numa extraordinária vegetação, em virtude dos seus cuidados. Ano após ano, aumentara o seu número e dispusera-os em fila ao longo da parede. Ocorreria-lhe, em seguida, erigir, por cima do seu jardim, um telhado pequeno. Chamara, portanto, um marceneiro que o edificara. Plantou então um jasmim e uma hera cujas hastes ligara solidamente ao telhado, envolvendo os montantes. Em breve as hastes medraram e uma ramagem desabrochou. O local metamorfoseou-se numa latada com uma abóbada verde onde despontavam jasmims e do qual emanava um odor estonteante. O terraço, com a sua pequena população de galinhas e pombos, a sua latada de verdura, era o seu mundo maravilhoso e querido, o seu local de distração predilecto, no âmago de um universo imenso onde ela nada conhecia. Como era o seu hábito, aquela hora, vinha cumprir os cuidados que a este prometera. Começou a varrer, a regar as plantas, a alimentar as galinhas e os pombos... Detivera-se contemplando, um longo momento, a paisagem circundante, um sorriso nos lábios e os olhos sonhadores. De seguida, foi até ao fundo do jardim e estacou atrás dos ramos retorcidos e entrelaçados, alongando o olhar através das fissuras de claridade que, por entre a folhagem, se abriam sobre espaços infinitos.

O panorama dos minaretes que se precipitavam para o céu arrebatava-a, transportando para os longes a sua imaginação. Alguns havia, como os de Qalawun ou de Barquq, tão próximos que neles podia discernir claramente as lâmpadas e os crescentes. Outros, a meia distância, como os de El-fiussein [\[31\]](#), de El-Ghuri [\[32\]](#) e de El-Azhar [\[33\]](#) afiguravam-se-lhe como um todo indiferenciado.

Por fim surgiam, de horizontes remotos, os minaretes, como os da Cidadela [\[34\]](#) e de Er-Rifai [\[35\]](#), que relembavam espectros.

Envolveria-os a todos com uma devoção atenta, com amor, fé, gratidão e esperança. A sua alma pairava, acima dos seus píncaros, o mais próximo do céu possível. Depois os seus olhos poisavam sobre o minarete de El-Husseín, o mais amado no seu coração, tendo em conta

a sua devoção por aquele a quem a mesquita fora consagrada. Olhava-o cheia de ternura e de desejo, com um sentimento de tristeza à mistura, que dela se apoderava cada vez que pensava na frustração que sentia por não lhe ser permitido visitar o filho da filha do Profeta de Deus embora vivendo a escassos minutos do seu local de repouso.

Soltou um suspiro sonoro que a arrancou à sua quimera, regressou a si e divertiu-se a observar os terraços e as mas, com o desejo colado à pele. Após o que, virou as costas ao pequeno muro, saturada de sondar o ignoto: o ignoto ligado às pessoas em geral, ou seja, o mundo do invisível, mas também o ignoto à sua própria escala, ou seja, o Cairo, ou mais concretamente, os bairros limítrofes cujas vozes chegavam até ela. Que mundo era esse de que apenas avistara os minaretes e os terraços vizinhos? Um quarto de século passara, enquanto era mantida reclusa destes muros, desta casa que abandonava unicamente a intervalos distantes para visitar a sua mãe no bairro de El-Khoronfich. E, todas as vezes, o seu esposo acompanhava-a de coche pois não tolerava que o menor olhar nela se pousasse, quer estivesse só quer na sua companhia. Ela não se indignava com tal facto, não levantava a menor objecção, estava por demais afastada disso! Mas mal insinuava o seu olhar através da renda de hera e de jasmim em direcção ao espaço, aos minaretes e aos telhados, e já um sorriso de ternura e de êxtase se desenhara sobre os seus lábios finos. Onde ficaria a faculdade de direito em que Fahmi neste preciso momento assistia às aulas? E a escola de Khalil Agha que, segundo Kamal, ficava a um minuto de el-Hussein? Antes de deixar o terraço, levantou as mãos para o céu e rezou a Deus, dizendo: "Meu Deus, suplico-te, vela sobre o meu senhor, os meus filhos, a minha mãe, sobre Yassin e todas as pessoas, Muçulmanos ou Cristãos e mesmo os Ingleses, mas, ó meu Deus, expulsa-os da nossa terra para agradar a Fahmi que não gosta deles!"

[31] Filho de Ali e de Fátima, e neto do Profeta. Morreu de forma trágica em Karbala em 680. É sobretudo venerado pelos Xiitas.

[32] El-Ashraf Qansuh el-Ghuri (1501-1516), sultão mameluco.

[33] A mais célebre mesquita-universidade do mundo islâmico, fundada no século X.

[34] Fortaleza cuja fundação remonta a 1176, tendo sido uma obra do

sultão aibida Salah ed-Din (1169-1193).

[\[35\]](#) Mesquita construída no século XX para servir de sepultura ao rei do Egipto.

Quando o senhor Ahmad Abdel Gawwad chegou à sua loja, situada frente à mesquita de Barquq, no bairro de en-Nahhasin, Gamil el-Hamzawi, o seu empregado, já havia aberto as portas e preparado o mostruário para a venda. Cumprimentou-o afavelmente, o rosto iluminado por um sorriso radioso, e deslocou-se até à sua secretária. el-Hamzawi estava na casa dos cinquenta anos, destes, trinta haviam sido passados nesta casa, primeiro como empregado do seu fundador, el-Hajj Abdel Gawwad, depois do senhor Ahmad, na sequência do falecimento do seu pai. Mantivera-se-lhe fiel por razões simultaneamente profissionais e sentimentais. Com efeito, respeitava-o e amava-o como todos os que com ele privavam, quer no campo profissional quer no da amizade. Na verdade, o sayyed apenas era temido no seio familiar. Em qualquer outra parte, na companhia dos seus amigos, de conhecidos ou clientes, era um homem totalmente diferente, que gozava de grande consideração e respeito, mas que sobretudo era amado. Amado, antes de qualquer outra das suas numerosas e louváveis qualidades, pela sua urbanidade. Assim sendo, nem as pessoas conheciam o homem que ele era no seu contexto familiar, nem os seus familiares conheciam aquele que ele se tornava no meio social.

A sua loja era de tamanho médio, com sacas de café, de arroz, de frutos secos e de sabão, amontoadas sobre as prateleiras e contra as paredes laterais. O canto esquerdo, frente à entrada, estava ocupado pela secretária do patrão, com os seus registos, os seus papéis e o seu telefone. À direita da sua poltrona, embutido na parede, o cofre-forte verde sugeria a robustez e dava pela sua tonalidade um quase antegosto de notas de banco. No centro da parede, por cima da secretária, estava pendurada uma moldura de ébano encerrando a expressão Em nome de Deus, o Misericordioso, o Clemente gravada em letras de ouro.

Na loja, a agitação só se tornava intensa a partir do final da manhã. Por isso Ahmad Abdel Gawwad dedicava-se a rever as contas da véspera com uma meticulosidade herdada do seu pai e que havia preservado, reforçando-a com uma vitalidade transbordante. Nesse

Ínterim, el-Hamzawi conservava-se em pé à entrada, de braços cruzados sobre o peito, recitando num contínuo os versículos do Alcorão que conhecia, com uma voz interior, unicamente perceptível pelo movimento incessante dos seus lábios e por um sussurro muito baixo eclodindo à superfície, de quando em quando, ao pronunciar as letras sin e sad [\[36\]](#).

Só interrompeu a sua recitação quando chegou um sheikh cego ao qual Abdel Gawwad entregava cada manhã uma pequena retribuição para a recitação do Alcorão. Este último levantava a cabeça dos seus registos, a intervalos distantes, para escutar a recitação ou espreitar a rua onde se agitava o fluxo contínuo dos transeuntes, dos carros de mão, das carroças, dos suares quase titubeantes sob o volume e a carga, dos vendedores ambulantes que cantarolavam, cada qual à sua maneira, uma balada que era um convite para comprar os tomates, a mulu-khiya [\[37\]](#) e a bamya [\[38\]](#).

Todo este tumulto estava longe de impedi-lo de se concentrar, visto ter-se-lhe tornado familiar e quotidiano há mais de trinta anos; até o embalava e ficava incomodado com a sua ausência.

Entrou um cliente e el-Hamzawi atendeu-o. Seguiu-se um grupo de amigos do senhor Ahmad, comerciantes da vizinhança que gostavam de passar um momento agradável na sua companhia, nem que fosse por breves instantes, para trocar cumprimentos e, como diziam, "mudar a saliva", com um dos seus ditos espirituosos ou uma das suas anedotas. Tudo isso o levava a ter a sua pessoa em alta consideração, na sua qualidade de gracejador de grande talento, com um verbo salpicado de saídas que não eram estranhas à culmra geral que havia adquirido não por intermédio da escola que abandonara antes do final da primária, mas através da leimra dos jornais e das suas relações de amizade com uma pequena elite de notáveis, funcionários, advogados, no círculo dos quais integrara-se com naturalidade, em pé de igualdade, em virtude da sua vivacidade de espírito, da sua amabilidade, do seu encanto e do seu estatuto de comerciante abastado. Afinara-se pelo diapasão de uma mentalidade nova, distinta da mentalidade mesquinha do comércio. O que aumentara consideravelmente o seu orgulho fora o afecto, o respeito e a honra que lhe testemunhavam aquelas pessoas de qualidade. Certo dia, tendo-lhe uma delas declarado com sinceridade: "Se o senhor Ahmad

quisesse estudar direito, daria um magnífico advogado de uma eloquência sem par!", estas palavras haviam dilatado o seu orgulho que ele sabia encobrir perfeitamente sob o seu encanto, a sua modéstia e a sua sociabilidade.

Mas os visitantes não demoraram e, um após outro, partiram. A actividade crescia na loja quando, de rompante, entrou um homem em grande alvoroço que quase parecia empurrado por uma mão vigorosa. Parou no meio da loja, franziu os olhos, que já assim eram por natureza, para dar mais acuidade à sua vista, e apontou-os para a secretária do sayyed.

E, apesar de esta não distar mais de três metros, debalde se esforçou por distingui-lo, acabando por perguntar em altos brados;

- O senhor Ahmad Abdel Gawwad está?

- Seja bem-vindo, sheikh Metwalli Abdes Samad! - respondeu sorrindo Ahmad Abdel Gawwad. - Venha, entre, é o céu que o envia!

O homem inclinou a cabeça e aproveitou que el-Hamzawi se aproximava para cumprimentá-lo. Mas não prestou atenção à mão que este estendia e espirrou sem prevenir. el-Hamzawi recuou e tirou um lenço do seu bolso com um sorriso crispado no rosto. Então o homem arremessou-se como uma seta para a secretária e tartamudeou:

- Louvor a Deus, o Senhor da criação!

Ergueu uma ponta da sua aba'a [\[39\]](#) para limpar o rosto e sentou-se na cadeira que o seu hóspede avançara.

O velho homem revelava, apesar de ultrapassar os setenta e cinco anos, uma saúde de fazer inveja e, tirando os seus olhos cansados e atingidos de blefarite, da sua boca desdentada, não tinha razão de queixa. Deslocava-se sempre amarrado numa aba'a puída e desbotada, ainda que com os donativos generosos que recebia das pessoas caridosas se pudesse ter permitido trocá-la por algo melhor. Mas recusava desfazer-se desta, pois, segundo afirmava, vira em sonho el-Hussein abençoá-lo, deixando nas fibras da aba'a uma marca de bem inextinguível. Era conhecido, para além dos seus dons em matéria de vidência, dos encantamentos curativos, da confecção de talismãs, também como um homem franco e amável, amigo da brincadeira e do riso, o que lhe valia uma consideração acrescida em particular por parte de Abdel Ga-wrvad. Se bem que vivesse no bairro, nenhum dos que solicitavam a sua magia era incomodado pelas suas visitas.

Podiam passar meses inteiros durante os quais ele desaparecia, sem deixar morada e, se fazia uma breve visita, depois de um intervalo, era acolhido de braços abertos e coberto de presentes. Ahmad Abdel Gawwad esboçara um aceno ao seu empregado para que preparasse para o sheikh o seu habitual presente de arroz, café e sabão.

- Sentimos a sua falta, sheikh Metwalli! - disse-lhe em sinal de boas-vindas. - Não tivemos o prazer de voltar a vê-lo desde a Ashura! [\[40\]](#)

O velho homem respondeu com simplicidade, o espírito distante;

- Ausento-me como quero, surjo como quero e não pergunto porquê! Ahmad Abdel Ga-^wad, já afeito às suas liberdades de linguagem, sorriu e balbuciou;

- Se você se vai embora, a sua bênção fica connosco!

O velho homem fingiu não se comover com o elogio. Pelo contrário, balançou a cabeça, visivelmente impaciente, e retorquiu num tom áspero;

- Não te avisei, vezes sem conta, para nunca me dirigires a palavra em primeiro lugar e te conservares em silêncio até eu começar a falar?!

O outro teve vontade de espicaçá-lo:

- Queira desculpar-me, sheikh Abdes Samad! Se esqueci as suas recomendações, reconheça que a si se deve tal facto, dada a sua longa ausência!

O sheikh bateu as palmas ruidosamente e gritou:

- A desculpa é mais grave que o erro! [\[41\]](#)

Depois, admoestando-o com o dedo indicador:

- Se persistires em contradizer-me, nada mais aceito de ti!

Ahmad Abdel Gawwad calou-se e virou as palmas das mãos para o céu em sinal de rendição, constringendo-se desta vez ao silêncio. O sheikh Metwalli esperou alguns instantes, de modo a certificar-se de que o outro se submetera, pigarreou e declarou:

- Começarei dizendo "que a Paz e as Bênçãos de Allah estejam com o amado, senhor dos humanos! [\[42\]](#)

Abdel Gawwad proferiu com a voz das profundezas:

- Que as bênçãos e a paz estejam com ele! [\[43\]](#)

- Farei agora o elogio do teu pai, um elogio digno dele. Que Deus lhe conceda a Sua infinita clemência e o conduza até à imensidão dos seus paraísos! Parece-me que ainda o vejo ali, sentado no teu lugar, sem qualquer diferença entre o pai e o filho, excepto o facto de o defunto

usar o turbante que tu substituíste por este fez...

- Que Deus nos perdoe - murmurou o sayyed sorrindo. O sheikh bocejou até às lágrimas e acrescentou:

- Rogo a Allah que também conceda sucesso e temor a Deus aos teus filhos e às tuas filhas, Yassin, Khadiga, Fahmi, Aisha, Kamal, tal como à mãe deles. Ámen!

A evocação dos nomes de Khadiga e de Aisha que o sheikh fizera soou aos ouvidos de Ahmad Abdel Gawwad de forma estranha, embora ele próprio lhes houvesse confiado há muito para que este redigisse a cada uma das filhas um talismã. Não era a primeira vez, nem a última, que o sheikh pronunciava os seus nomes, mas nunca o nome de uma das mulheres de seu harém era repetido longe do domínio que lhes era destinado, mesmo pelos lábios de Metwalli, sem que nele se insinuasse uma impressão singular que lhe causava desagrado, por mais momentânea que fosse. Não obstante, resmungou:

- Ámen! Deus da criação!

Depois o sheikh acrescentou num suspiro:

- E suplico agora a Deus o Generoso que nos devolva o nosso quédiva Abbas flanqueado por um dos exércitos do califa, que ninguém sabe dizer onde principia e onde termina!

- Todos nós Lho pedimos, nada há a que Ele não possa atender! Então, encolerizado, o sheikh levantou a voz:

- Peço-Lhe também que os Ingleses e os seus lacaios sofram uma derrota tão vergonhosa que dela não mais se ergam!

- Que Deus os varra a todos!

O sheikh sacudiu a cabeça num gesto de aflição e começou a contar, cheio de mágoa:

- Ontem, estava eu de passagem no bairro de el-Muski ^[44] quando dois soldados australianos me barram o caminho. Pedem para ver o que levo, então eu... o que querias que fizesse?... esvaziei os meus bolsos e tirei a única coisa que tinha: uma maçaroca. E eis que um deles agarra nela e lhe dá um pontapé como se fosse uma bola enquanto o outro arranca o meu turbante, desfaz o meu shah ^[45] e começa a rasgá-lo, antes de mo atirar à cara!

Ahmad Abdel Gawwad seguia o seu relato, reprimindo a custo um sorriso que não tardou a fazer desaparecer sob o manto de uma

indignação ostensiva:

- Que Deus os rechace! Que os destrua a todos! - Exclamou com desdém. O velho homem terminou dizendo:

- Então levantei as mãos ao céu e clamei: Ó Deus Todo-Poderoso, reduz a cinzas a nação deles, à semelhança do que fizeram ao shal do meu turbante!

- Esta é uma prece que há-de ser atendida, se Deus quiser!

O sheikh reclinou-se e, por uns segundos, fechou os olhos para se acalmar e permaneceu nesta posição sob o olhar divertido de Abdel Gawwad. Depois abriu os olhos e dirigiu-se-lhe numa voz serena com novos acentos, sinal da transição iminente para outro tema:

- Ó Ahmad, filho de Abdel Gawwad, que homem digno e íntegro és!

Ahmad Abdel Gawwad ostentou um sorriso de satisfação e disse baixinho:

- Deus me perdoe [\[46\]](#), ó sheikh Abdes Samad!

O sheikh interrompeu-o abruptamente:

- Eh! Calma aí, filho de Abdel Gawwad! Eu sou daqueles que apresentam os elogios como entrada, antes de dizer a verdade, para dar alento!

Com o olhar vacilante e desconfiado, o senhor resmungou entre dentes:

- Ó meu Deus, poupai-nos!

Mas o sheikh apontando para ele o seu indicador nodoso perguntou-lhe num tom que raiava a ameaça:

- O que tem a dizer, um crente piedoso como tu, acerca da tua paixão pelas mulheres?

Abdel Gawwad estava afeito à franqueza do sheikh e o seu ataque não o desconcertou. Teve um riso breve e retrucou:

- E onde está o mal? Acaso o nosso Profeta, que a bênção e a paz de Deus estejam com ele, ele próprio não reconhece o seu amor pelos perfumes e pelas mulheres?

O sheikh franziu as sobrancelhas num trejeito reprovador perante uma lógica que estava longe de lhe agradar:

- O lícito não é o mesmo que o ilícito, ó filho de Abdel Gawwad, o casamento não é o mesmo que correr atrás das mulheres de pouca virtude!

O sayyed respondeu, com seriedade e os olhos fixos no vazio:

- Louvado seja Deus, eu nunca aceitei, nem por um só dia, algo que atentasse contra a honra e a dignidade!

O sheikh bateu com as mãos nos joelhos e, mostrando a sua surpresa e a sua desaprovação, redarguiu:

- Fraca desculpa, procurada apenas pelos fracos! Isso não impede que a fornicção seja uma maldição, mesmo com uma mulher devassa! O teu defunto pai. Deus lhe conceda a Sua clemência, como era louco pelas mulheres, casou vinte vezes, então porque não segues o seu exemplo em vez de te comprazeres no pecado?

- É um amigo de Deus ou um casamenteiro acreditado?, respondeu-lhe o senhor Ahmad soltando uma gargalhada sonora. O meu pai era praticamente estéril, foi por isso que casou tantas vezes. E, se bem que só tenha engendrado este seu servo, os seus bens foram dispersos entre mim e as quatro esposas que o enterraram, sem falar de tudo o que dilapidou em gastos de casamento e de sustento, durante a sua vida. Quanto a mim, sou pai de três rapazes e de duas raparigas, e não é concebível que, arrastado pela poligamia, dilapide a fortuna que Deus me ajudou a granjear com uma relativa facilidade. E, depois, não se esqueça, sheikh Metwalli, que as raparigas bonitas de hoje são as jovens escravas de outrora, aquelas que Deus permitiu que fossem vendidas e compradas! Pois bem. Deus é, antes e depois, o Todo Clemente e o Todo Misericordioso!

O sheikh suspirou e disse torcendo o busto à direita e à esquerda:

- Vós, filhos de Adão, sois tão hábeis para embelezar o mal! Por Deus, ó filho de Abdel Gawwad, se não fosse o afecto que por ti sinto, pouco te importaria conversar comigo, estando na cama de uma dessas meretrizes!

Abdel Gawwad abriu as mãos e volveu, sorrindo:

- Meu Deus, estais a ouvir!

- Se não fosse esta tua mania de estares constantemente a brincar, serias um homem perfeito... - exclamou o sheikh, bufando de contrariedade.

- A perfeição só a Deus pertence!

O sheikh virou-se para ele e fez-lhe um sinal com a mão, com o ar de dizer "deixemos isso", depois avançou uma nova questão com o tom inquiridor de um investigador:

- E quanto ao vinho, que tens tu a dizer?

Subitamente, Abdel Gawwad perdeu pé, o embaraço lia-se nos seus olhos. Ficou mudo por um momento. O sheikh pressentiu no seu silêncio um sinal de rendição e acrescentou tonitruante e vitorioso:

- Não é o vinho, porventura, um ilícito da lei divina, à tentação do qual todo o homem que aspira à obediência a Deus e ao Seu amor jamais deve ceder?

Abdel Gawwad deteve-o de imediato, com a confusão de quem procura repelir um mal confirmado:

- Sabes como aspiro de todas as minhas forças à obediência a Deus e ao Seu amor!

- Por palavras ou por actos?

Se bem que tendo a réplica na ponta da língua, alongou-se na sua reflexão antes de formulá-la. Não estava nos seus hábitos internar-se em profundas cogitações. Nisso, pertencia àquela espécie de homens totalmente destituídos da capacidade de introspecção; o seu pensamento não podia ser desencadeado caso não fosse instigado por algum elemento exterior: um homem, uma mulher, um motivo qualquer relacionado com a sua vida prática. Deixara-se transportar pelas vagas impetuosas da sua existência, nelas se entranhando por completo, e jamais tentara divisar, de moto próprio, a sua imagem reflectida na superfície das vagas. Posteriormente, o seu ímpeto vital não amainara, apesar da idade, e assim alcançara os quarenta e cinco anos, ainda provido de uma vitalidade exuberante e juvenil cujos ressaltos geralmente abalam tão-só a adolescência. Deste modo, a sua fé encerrava uma série de contradições que oscilavam entre a devoção e o vício. Todas, porém, tinham a sua aprovação, não obstante a inerente incompatibilidade, sem que para sua defesa ele se valesse de uma qualquer filosofia pessoal ou de um qualquer compromisso com os vários rostos da hipocrisia que o comum dos mortais tende a exhibir. Pelo contrário, agia em conformidade com a sua natureza íntima, num arroubo instintivo, a consciência tranquila, íntegro em todos os seus actos. Nunca o suplício da incerteza agitara o seu peito. Era simplesmente um homem feliz! E a sua fé era profunda. Uma fé, por certo, herdada onde o esforço não era tido em conta, tanto mais quando a candura dos seus sentimentos, o requinte dos seus êxtases, a sua espontaneidade o haviam dotado de uma sensibilidade apurada e excelsa. Quão distante estava da cegueira tradicional ou do ritual

inspirado exclusivamente pela concupiscência ou pelo medo! Na verdade, o traço mais significativo da sua fé era um amor fecundo e puro. E com esta fé fecunda e pura punha em prática todos os seus deveres religiosos, a prece, o jejum, a esmola legal, com fervor, desenvoltura e júbilo, sem que tal fosse em detrimento de uma consciência clara, um coração transbordante de amor pelos outros e uma alma cujas mais nobres qualidades humanas o haviam tornado num amigo estimado, numa fonte fresca para a qual se voltavam os lábios sequiosos. Era com semelhante vitalidade galharda e juvenil que se entregava às alegrias e aos prazeres da vida, acorrendo junto da mesa lauta, vibrando com a embriaguez de um vinho macio, perdido de amor ante um belo rosto, em tudo dessedentando-se sofregamente, a consciência isenta de qualquer sentimento de culpa, do martírio da angústia, mas fazendo uso de um direito que a vida lhe outorgara. Como se não existisse a menor distorção entre aquilo que o seu coração devia à vida e o que a sua consciência devia a Deus. Porque jamais, na sua existência, se sentira fora dos trilhos de Allah ou exposto à sua cólera. Estava-lhe simplesmente ligado na paz. Dar-se-ia o caso de ser o produto único de duas personalidades distintas ou então seria tão grande a sua fé na clemência divina que não podia crer que realmente as suas alegrias fossem condenáveis? E, mesmo quando assim fosse, pensava ele, estas seriam perdoadas ao pecador, visto não lesarem ninguém. Provavelmente, devorava a vida com o seu coração e os seus sentidos, sem que houvesse aí espaço para a reflexão ou a meditação. Discernia em si instintos veementes, uns voltados para Deus e que ele aplacava pela adoração, outros, cheios de uma febril voracidade pelos prazeres e que saciava na diversão. Confundia-os todos numa amálgama, sereno e confiante, sem tentar conciliá-los. Não sentia a necessidade de justificá-los pelo pensamento, excepto quando pressionado por críticas como as que lhe dirigia o sheikh Metwalli Abdes Samad. Em semelhantes casos, o que maior incómodo lhe causava era a reflexão e não tanto a acusação. Não que lhe fosse indiferente ser incriminado diante de Deus, mas não conseguia aceitar que efectivamente era culpado ou que os seus passatempos inocentes desencadeavam, deveras, a cólera de Allah. Quanto à reflexão em si, por um lado entediava-o e, por outro, revelava as fragilidades do seu saber no campo da religião. Por isso, fizera um esgar perante a questão

que o sheikh como uma provocação lhe colocara: "Por palavras ou por actos?" E respondera visivelmente enfadado:

- Por palavras e por actos em simultâneo. Na oração, no jejum, na esmola legal, na invocação de Deus, de pé e sentado. Assim sendo, o que pode haver de reprovável se me divirto sem prejudicar ninguém e com a consciência tranquila no que se refere aos meus deveres religiosos? De resto, não é verdade que só é proibido o que pode lesar outrem e não qualquer coisa de forma indiscriminada?

O sheikh soergueu as sobrancelhas, fechando os olhos, indício de perplexidade, e resmoneou:

- Que magnífica defesa do mal!

Ahmad Abdel Gawvv-ad passou sem transição, como seu hábito, do mal-estar para o gracejo e enfático exclamou:

- Allah é clemente, ó sheikh Abdes Samad! Não consigo imaginá-lo exaltado, enfurecido ou rabugento. Mesmo a Sua vingança é uma graça oculta e eu ofereço-lhe o meu amor, a minha obediência e a minha piedade. E uma boa acção vale por dez!

- Ah, lá isso para calcular as boas acções, és imbatível!

Ao ouvir estas palavras, Ahmad Abdel Gawu-ad fez um sinal a Gamil El-Hamzawi para que este trouxesse o presente do sheikh, exclamando radiante:

- Basta-nos Allah, Ele é o nosso maior defensor!

O empregado aproximou-se com o embrulho na mão. Abdel Gawwad agarrou nele e ofereceu-o ao sheikh:

- Saúde! - disse ele rindo.

O sheikh pegou no embrulho e declarou:

- Deus te cumule com as Suas bondades e perdoe os teus pecados!

Ahmad Abdel Gawwad resmungou um "ámen" entre dentes e perguntou sorrindo:

- O nosso venerável sheikh nunca conheceu isso?

- Que Deus te perdoe, respondeu o sheikh rindo. És um homem generoso, um coração de ouro, mas aproveito o ensejo para te pôr de sobreaviso contra as larguezas inconsideradas, pois que não convêm, de modo algum, ao sentido de medida que se espera de um comerciante!

- Queres levar-me a reaver o teu presente? - perguntou Abdel Gawwad surpreendido.

O velho homem levantou-se.

- Começa com outro, ó filho de Abdel Gawwad! Que a Paz e a Clemência de Allah estejam convosco!

O sheikh abandonou a loja abruptamente e desapareceu. Ahmad Abdel Gawwad ficou absorto e ponderou de novo a controvérsia que se gerara. Depois abriu as palmas com humildade e murmurou:

- Ó Deus, perdoa os pecados que cometi no passado e os que cometerei no futuro, Tu que és o Clemente e o Misericordioso!

[36] O sin pronuncia-se como o 5 de "sapo" enquanto o sad se pronuncia como um s enfático.

[37] Outro prato nacional do Egipto para além do foul. Trata-se de uma sopa de quiabo. Conta-se que o califa fatímida Al-Hakim proibira a sua preparação devido ao seu cheiro.

[38] Planta da espécie das malváceas que, quando cozinhado, se torna viscoso devido à mucilagem que contém.

[39] Casaco de beduíno de lã grossa, de uma só cor ou listrado, sem gola e com mangas largas.

[40] ou Festa de Ashura: aniversário do martírio de el-Hussein, celebrado no décimo dia de Muharram (primeiro mês do calendário islâmico).

[41] Provérbio árabe antigo relatado em As Mil e Uma Noites: conta-se que o califa abássida Hamn Ar-Rashid (786-809) pediu certo dia ao seu escriba que lhe explicasse o significado deste provérbio. O escriba beliscou então o braço do califa com força e este, indignado com a audácia do seu escriba, disse-lhe:

- Enlouqueceste por certo para te permitires semelhantes liberdades comigo?

- Perdoai-me! - disse-lhe o escriba- , esquecia-me de que éreis vós, julguei beliscar a rainha! O califa indignou-se ainda mais e o escriba respondeu-lhe:

- Haveis pedido o significado exacto deste provérbio, acabo de vo-lo dar alegando uma desculpa pior que o erro!

[42] Trata-se naturalmente do profeta Muhammad.

[43] Louvor que se faz sempre depois do nome do Profeta.

[44] Bairro situado entre a el-Azbakijya e el-Gamaliyya onde morava

a família de Abdel GauTvad. O nome deriva do emir Ezz ed-Din el-Musk, parente de Saladino.

[45] Palavra persa usada para indicar a longa peça de musselina, de lã ou de caxemira que se plissava e enrolava várias vezes em torno do fez para formar um turbante.

[46] Frase usada para declinar um elogio, em sinal de modéstia.

8

No final da tarde, Kamal saiu da escola de Khalil Agha, arrastado pela vaga de alunos que jorrava e cuja turbamulta entupia a calçada antes de se dispersar, encaminhando-se uns para os lados de ed-Darrasa ou do Novo Caminho e outros para a rua que conduz a el-Hussein. Certos grupos reuniam-se em círculo em redor dos vendedores ambulantes que com os seus cestos repletos de pevides de melancia tostadas, de amendoins, de doum [\[47\]](#) e de doçarias bloqueavam a correnteza dos alunos à entrada dos caminhos que partiam da escola.

Além disso, havia àquela hora no cruzamento inúmeras brigas, aqui e ali, entre alunos compelidos o dia todo a refrear o entusiasmo para evitar os castigos escolares. Só muito ocasionalmente Kamal se envolvera em alguma briga. Talvez não mais de duas vezes, no decorrer dos dois anos que passara neste estabelecimento, não porque as suas contendas com os demais fossem raras, porque na verdade o não eram, nem porque lhe repugnassem as brigas, profundamente desalentado cada vez que devia renunciar a alguma, mas pelo facto de a maioria dos alunos ser mais velha do que ele. Por isso, estava reduzido, bem como um punhado de colegas seus, a ser um estranho na escola, titubeando nos seus calções por entre veteranos com mais de quinze anos, ou mesmo muitos deles já com vinte anos. Estes últimos barravam-lhe o caminho, cheios de empáfia, olhando-o do alto dos seus bigodes incipientes. Havia sempre algum que surgia na sua frente, no pátio do recreio, para lhe arrancar o seu livro das mãos e atirá-lo para longe como uma bola, roubar-lhe qualquer guloseima e devorá-la sem contemplações enquanto prosseguia a conversa.

Não que a vontade de lutar lhe faltasse, mas tinha de encerrá-la dentro de si porquanto avaliava as consequências ou então saciava-a somente quando solicitado de forma categórica por algum dos seus pequenos colegas. Dava aí, ao precipitar-se sobre este, vazão aos impulsos reprimidos do seu temperamento, como se reouvesse confiança em si e na sua força. Mas a briga, ou melhor dizendo, a impossibilidade de levá-la a cabo não era o que de pior lhe podia infligir o cinismo dos seus agressores. A isso juntava-se tudo o que aos

seus ouvidos se insinuava, fosse ele o destinatário ou não, como grosserias e injúrias cujo sentido compreendia. Mantinha-se, por conseguinte, distante. Mas outras havia que não percebendo repetia ingenuamente em casa e que desencadeavam uma tempestade cujos ecos retumbavam até ao vigilante, um amigo do seu pai, sob a forma de queixa. O azar quisera, contudo, que um dos seus adversários, nas únicas duas disputas em que se envolvera, pertencesse à família de Fetewwat ^[48] bem conhecida no bairro de ed-Darrasa. Na manhã seguinte ao confronto, ao fim da tarde, o garoto encontrou, esperando-o ao portão da escola, um bando de rapazes armados, da cabeça aos pés, com bastões e envoltos num halo de más intenções. Logo que o seu rival o designara com o dedo, reparou no seu gesto e compreendeu a iminência do perigo. Retrocedeu e correu para a escola, chamando o vigilante em seu auxílio. Este último, debalde tentou desviar o bando dos seus intentos: insultado, viu-se forçado a chamar um polícia para que escoltasse o rapaz até casa. Pouco tempo depois, o vigilante foi ter com o pai à loja e fez-lhe saber a desgraça que ameaçava o seu filho, aconselhando-o a resolver a questão pela via do bom senso e da paciência. Perante tal situação, este recorreu a alguns dos seus conhecimentos entre os comerciantes de ed-Darrasa, os quais se deslocaram até à casa dos Fetewwat para interceder a seu favor. A partir daí, o pai usou de um espírito conciliador e de uma subtileza que se lhe desconhecía até conduzi-los a disposições mais favoráveis. Estes para além de concederem o seu perdão ao garoto, comprometeram-se a tomar a sua defesa, como se de um dos seus filhos se tratasse. Finalmente, o dia não findou sem que o senhor Abdel Gawwad não lhes oferecesse uma amostra das suas benesses. E foi assim que Kamal escapou aos bastões dos Fetewwat. Mas as bordoadas do seu pai marcaram-lhe as pernas como dez dos seus colegas jamais teriam conseguido!

O rapaz deixou a escola e, se bem que o som do sino anunciando o fim do dia de aulas nele fizesse vibrar uma alegria sem igual, o vento da liberdade que com avidez respirava, uma vez transposta a soleira da escola, não apagava do seu coração os ecos da última lição que lhe era muito querida, a lição de religião. Naquele dia, o sheikh havia-lhes lido e explicado a surata que começa pelas palavras: "Diz, foi-me revelado que um grupo de génios escutou."^[49]

A criança concentrara toda a sua atenção, levantara o dedo repetidas vezes para colocar questões sobre os pontos que resistiam ao seu entendimento e o mestre, que com ela simpatizava devido ao zelo que demonstrava ao escutar a lição com uma atenção admirável e às provas que dava do seu perfeito domínio das suratas, acedera em responder às suas perguntas com um jeito carinhoso que raramente gratificava qualquer dos seus alunos. Principiara a falar-lhe dos espíritos e das suas ordens e, entre estes em particular, dos espíritos muçulmanos que hão-de alcançar o paraíso de Allah à semelhança dos seus irmãos humanos. O rapaz memorizara cada palavra sua e não cessara de revolvê-las no seu espírito, até ao momento de atravessar a rua em direcção à loja de bas-busa ^[50], situada do outro lado.

Para além do seu entusiasmo pela lição de religião, sabia que não assistia exclusivamente para si, mas que tinha por missão relatar à sua mãe em casa tudo o que aí aprendera, como desde a escola corânica se acostumara a fazer. Transmitia-lhe as suas informações, à luz das quais ela relembra os seus próprios conhecimentos herdados do seu pai que era um sheik de el-Azhar. Assim demoradamente ressuscitavam um para o outro os seus respectivos saberes, após o que o garoto lhe ensinava todas as suratas novas que ela não memorizara ainda.

Chegou à loja de basbusa e estendeu a sua pequena mão com os milésimos que desde manhã guardava ciosamente. Depois, com um sentimento de total felicidade, que apenas experimentava em momentos tão deliciosos, agarrou na fatia de bolo que lhe entregavam e começou a sonhar que um dia haveria de possuir uma loja só dele repleta de doçarias para ele comer, não para vender. Continuou o seu caminho pela rua de el-Hussein petiscando alegremente. Esquecia nestes instantes que, durante todo o dia, fora um prisioneiro, privado de movimento, impedido de brincar e de se divertir, e ainda por cima, a todo o momento, correndo o risco de receber uma bastonada do mestre todo-poderoso. Contudo, não abominava por completo a escola, visto que dentro dos seus muros gozava de manifestações de estima e de encorajamento que lhe valia a sua superioridade, e cujo mérito em muito se devia a Fahmi, a qual porém não granjeava o centésimo de orgulho por parte do seu pai.

Como o seu caminho passava diante da loja de Mamssian, o

vendedor de cigarros, estacou como todos os dias sucedia à mesma hora, por baixo da sua tabuleta e ergueu os olhos para o cartaz publicitário a cores. Nele, deitada de lado sobre um sofá, estava uma mulher apertando entre os seus lábios escarlates um cigarro, donde se elevava, contorcida, uma voluta de fumo. Apoiava-se com o seu antebraço no parapeito de uma janela cuja cortina puxada deixava descortinar nos longes uma paisagem composta por campos de palmeiras e um dos cursos do Nilo. Chamava-a "irmãzinha Aisha", no recesso do seu coração, devido às parecenças que uniam ambas as mulheres, com os mesmos cabelos de oiro, com os mesmos olhos azuis. E, apesar dos seus dez anos, a sua paixão pela rapariga do cartaz ultrapassava todas as medidas. Imaginava-a, saboreando os prazeres da vida no que esta tinha de mais feliz, e via-se partilhando a sua existência fácil entre um quarto aconchegado e um talhão de campo que lhe ofertava, ou melhor dizendo, que aos dois fazia dádiva da sua terra, das suas palmeiras, da sua água e do seu firmamento. Divertiam-se neste vale verdejante ou atravessavam o rio numa barca que se vislumbra no fundo do quadro, sacudiam os troncos para fazer chover as tâmaras frescas sobre a sua cabeça ou, sentado diante da sua bela, procurava os seus olhos sonhadores com um olhar lânguido! Todavia o garoto não possuía a beleza dos seus dois irmãos. Talvez, na família, fosse quem mais se parecesse com a sua irmã Khadiga. Como ela, o seu rosto reunia os olhos pequenos da mãe e o nariz grande do pai, mas uma cópia conforme desta vez e não uma versão mais ou menos desbastada como no caso de Khadiga. A isso acrescia uma cabeça volumosa que se destacava de forma evidente a nível da testa e dava aos seus olhos um ar mais fundo do que na realidade tinham. Mas, por um infeliz acaso, fora advertido da estranheza do seu semblante própria a suscitar a troça, quando um dos seus colegas o apelidou "o homem com duas cabeças", o que acendeu a sua cólera e o arrastou para uma das suas brigas. E porque, entretanto, a vingança em nada apaziguara o seu espírito, fora para casa confiar o seu despeito à mãe, que com ele partilhou o peso da contrariedade e se esforçou por animá-lo, dizendo que o tamanho da cabeça prendia-se com o desenvolvimento da inteligência, que o próprio Profeta, que a paz esteja com Ele, tinha uma cabeça grande e que não existia aspiração mais insigne do que, como ele, se assemelhar ao Enviado de

Allah. Desprende os seus pensamentos da fumadora de cigarro e continuou o seu caminho pousando desta vez um olhar enternecido na mesquita de el-Hussein, cuja infância quisera que fosse para si uma fonte de imagens e de emoções de cada instante. Mas, embora o espaço que el-Hussein ocupava no seu coração, reflexo da consideração de que este gozava por parte da sua mãe em especial e da família em geral, se ligasse ao seu estreito parentesco com o Profeta, todavia o que conhecia de Muhammad, o Enviado de Allah, e da sua biografia em nada condicionara a sua familiaridade com el-Hussein e a história da sua vida, nem tão-pouco o prazer que o seu espírito achava ao recordar esta a todo o momento e em encontrar aí, à laia de um viático, as narrações das mais altas façanhas e da fé mais profunda. Assim, a história da vida de El-Hussein encontrara nele, após séculos e séculos, um discípulo fervoroso, um partidário convicto e ao mesmo tempo um devoto atormentado. E a sua aflição fora unicamente temperada pela tradição que atestava que a cabeça do mártir, depois de separada do corpo imaculado, não quisera outra terra de eleição que não fosse o Egipto, aonde chegara sem mácula, envolta em glória, antes de encontrar a sua última morada no local do seu túmulo. Este túmulo que tantas vezes o vira, sonhador e pensativo, entregue à esperança de trespassar com um olhar o ventre tenebroso para aí contemplar o belo rosto que, segundo afirmava a sua mãe, atravessara incólume as vicissitudes do tempo graças ao seu mistério divino e conservara a sua frescura e o seu resplendor a tal ponto que com o fulgor da sua luz alumia a obscuridade do seu sepulcro. Mas, como não atinara com um meio para realizar as suas esperanças, contentara-se, durante prolongadas detenções, com íntimas confidências em que lhe declarava o seu amor, em que se queixava das suas angústias, nascidas da visão que tinha dos demónios, do seu receio das ameaças do seu pai, e lhe implorava o seu auxílio para os exames trimestrais. Depois, terminava o seu encontro, rogando-lhe que lhe concedesse a honra de visitá-lo durante o seu sono. E, se bem que o hábito de passar de manhã à noite diante da mesquita houvesse de algum modo atenuado o peso da comoção que esta lhe causava, jamais pousava os seus olhos nela sem lhe recitar a surata de Al-Fatiha, mesmo quando isso acontecesse cem vezes num dia. Não, o hábito não conseguira extirpar do seu coração o encantamento dos sonhos, o espectáculo das

altas paredes continuava a despertar nele um eco retumbante e mal o minarete, que tocava o firmamento, lançava o seu chamamento, a sua alma respondia de imediato.

Atravessou a rua de el-Hussein recitando a Al-Fatiha, virou em direcção de Khan Gafar e aí tomou o caminho de Beit el-Qadi. Mas, em vez de correr até casa cortando por en-Nahhasin, atravessou a Grande Praça, rumo à ruela de Quirmiz, apesar do isolamento e dos terrores que esta lhe inspirava, de modo a evitar a loja do pai. Tremia de medo ao pensar no seu pai e não podia conceber que este temesse os demónios, caso algum lhe aparecesse, mais do que ele próprio o temia quando encolerizado gritava com ele. E o que aumentava a sua tristeza era o facto de nunca conseguir acatar as suas ordens austeras, que visavam vedar-lhe as portas do jogo e da recreação de que o seu espírito estava sedento. Se acedesse aos intentos paternos, passaria todos os seus momentos de lazer sentado no chão, sem nada fazer. Era-lhe impossível sujeitar-se a esta vontade férrea e desmedida e, nas suas costas, em casa ou na rua, divertia-se a seu bel-prazer, o pai de tudo ignorante, tirando algum rumor que lhe chegasse aos ouvidos por intermédio de alguém da casa farto das suas extravagâncias. Assim sucedeu, quando um belo dia se alçara sobre um escadote até ao tecto de hera e de jasmim por cima dos terraços. A mãe, vendo-o lá no cimo entre terra e céu, soltou brados de aflicção enquanto não o convenceu a descer. O seu pavor das consequências funestas, que jogos tão perigosos podiam ter, falou mais alto que o seu medo de ver o filho exposto às terríveis repreensões do pai e, por conseguinte, revelou a este o que acontecera. O pai mandou-o chamar sem demora, ordenou-lhe que estendesse as pernas e fez aí chover uma rajada de bordoadas, indiferente aos gritos que enchiam a casa. O garoto deixou o quarto e subiu para a sala de estar para se juntar aos seus irmãos e irmãs que continham o riso, excepto Khadiga que o carregou e lhe segredou ao ouvido: "É bem feito! Que ideia a tua de subir sobre a hera para tocar o céu. Deves pensar que és algum zepelim?!"

Todavia, salvo os jogos perigosos, a sua mãe encobria-o e autorizava todas as brincadeiras inocentes que ele desejava. Kamal enternecia-se sempre que lembrava como este mesmo pai se havia mostrado meigo e carinhoso durante a sua tenra infância ainda tão próxima. Naquele tempo, divertia-se espicaçando-o e, de vez em quando, cobria-o de

doces. Adoçara o dia da circuncisão, apesar da crueldade desta, inundando os seus braços com chocolates e drageias e envolvendo-o com todo o seu afecto e os seus desvelos. Depois tudo mudara, a ternura do pai dera lugar à severidade, as suas palavras meigas às invectivas e as suas brincadeiras às bastonadas. A própria circuncisão haveria de ser usada como um papão para atemorizar o filho, de tal forma que, durante muito tempo, o seu espírito agitado acreditara que era realmente possível que aquilo que fora poupado viesse a sofrer o mesmo que o que já fora cortado! Mas o medo não era o único sentimento que um tal pai lhe infundia, a veneração que por ele sentia em nada esmorecia perante o temor. Admirava o seu porte altivo e robusto, a sua dignidade que compelia as pessoas importantes a inclinarem-se diante dele, a sua elegância no trajar e a onnipotência que lhe supunha. Talvez as palavras da mãe acerca do seu senhor e dono estivessem na origem deste susto em relação ao pai. Não podia sequer imaginar que neste mundo houvesse outro homem tão forte, tão notável e tão rico! Quanto ao amor, que todos lhe manifestavam em casa, nos limiares da adoração, subjugava o seu coração de criança por impregnação do meio mas conservava-se qual uma pedra preciosa adormecida, distante dos olhares, no fundo de um escrínio que o medo e o pavor encerravam.

Prosseguindo o seu caminho, acercou-se da sombria passagem abaulada da ruela de Quirmiz que os demónios haviam escolhido para palco dos seus jogos nocturnos e que o garoto preferira no propósito de contornar a loja do seu pai. Contudo, quando penetrou na passagem exígua, começou a recitar "Diz, Ele é Deus, o Único"[51] com uma voz portentosa que ribombou na penumbra, sob a curvatura da abóbada, os olhos fixos no longínquo fim da passagem onde cintilava a luz do caminho. Enquanto apressava os seus passos, repetia a surata para esconjurar os demónios cujas aparições a sua mente não cessava de lhe sussurrar, mas que ele sabia nada poderem contra um ser coraçoado com os versículos de Allah. Quanto a seu pai, bem poderia recitar o livro sagrado do princípio ao fim, sem no entanto conseguir repelir a sua cólera quando esta principiava a soprar. Ao sair da passagem, desembocou do outro lado da ruela, ao cabo da qual deu de caras com a fonte de Bain el-Qasrain e a entrada de Hammam es-Sultan. Depois surgiram, diante dos seus olhos, as machrabiyyas

verde-escuras da casa e a monumental porta com a sua aldraba de bronze. Um largo sorriso refulgiu sobre os seus lábios ao pensar nos tesouros de bons momentos que o sítio ocultava só para ele. Em breve, de todas as casas da vizinhança as crianças acorreriam até ele, para se lhe juntarem no pátio amplo da casa e nas numerosas divisões agrupadas em torno do forno. Começariam então as brincadeiras, a recreação... e as brigas. No mesmo instante, enxergou um suares que circulava paulatinamente na rua, rumo a Bain el-Qasrain. O seu coração deu um pulo e uma alegria maliciosa apoderou-se dele. Num repente, entalou a pasta debaixo do seu braço esquerdo, e deitou a correr no encalço do veículo que apanhou e para o degrau posterior do qual saltou.

Mas o cobrador não o deixou entregue à sua alegria por muito tempo e veio reclamar o valor do bilhete, observando-o desconfiado e provocador. O garoto disse-lhe para amansá-lo que partiria tão logo parassem, que se não podia apear em andamento. O homem virou-se para o condutor e vociferou, praguejando furiosamente, que imobilizasse o veículo. O garoto aproveitou o facto de o cobrador estar de costas viradas para sub-reptício saltar e desferir-lhe um soco. E, logo a seguir, pulou do veículo e fugiu veloz, perseguido pelas injúrias do homem que sobre ele se abatiam mais fortes que meteoritos. Não se guiara por nenhum plano delineado, nem sequer era este um exemplo das suas travessuras. Vira simplesmente um rapaz fazer o mesmo naquela manhã, o que o deixara empolgado, e, à primeira oportunidade que se lhe apresentara para imitá-lo, imitara-o.

[47] Fruto da palmeira doum.

[48] Feteuivat, plural de feteivwa, indivíduos com características físicas próprias que lhes permitiam proteger contra agressões e injustiças os seus seguidores, ou seja, as pessoas mais desprotegidas do bairro por eles controlado.

[49] Alcorão LXXII, versículo 1; refere-se a recitação do Alcorão.

[50] Doce preparado com sêmola, manteiga, açúcar, nozes e coberto de coco ralado.

9

Tirando o pai, a família reunia-se um pouco antes do pôr do Sol, para aquilo que, entre eles, chamavam "a sessão do café". A sala de estar, no primeiro andar, era o local de predilecção, dada à sua posição central em relação aos quartos dos rapazes, ao salão e a uma quarta divisão de dimensões mais modestas destinada ao estudo. O chão da sala estava coberto de esteiras variegadas e os cantos estavam mobilados com sofás com encosto e almofadas de apoio. No tecto, um grande lampião, alumado por um candeeiro a gás da mesma dimensão, pendia. Amina estava sentada normalmente num sofá central, frente a um grande fogão onde a cafeteira estava meio enterrada na brasa coberta de cinza, tendo à direita uma mesa baixa onde repousava um tabuleiro de cobre em que se alinhavam as chávenas. Os filhos estavam sentados diante da mãe: os que tinham a permissão de saborear o café na sua companhia, como Yassin e Fahmi, ou os demais, a quem este direito não era concedido em virtude das tradições e das conveniências e que deviam, conseqüentemente, limitar-se à conversa, como era o caso das duas irmãs e de Kamal. Era uma hora grata para as almas, onde cada qual se fundia na intimidade do núcleo familiar e degustava os prazeres da amena palestra. Aí sob a asa materna se reuniam num amor puro e numa amizade soberana. Tais reuniões transmitiam uma imagem de sossego e de à-vontade: um estava sentado de pernas cruzadas, outro deitado de lado, enquanto Khadiga e Aisha exortavam os que bebiam a terminar a sua bebida de modo a poderem ler as linhas da sorte no fundo das chávenas. Yassin começava a falar ou a ler trechos da história das duas órfãs, escolhida numa colectânea de contos populares adaptados aos serões. Tinha por hábito dedicar parte do seu lazer à leitura de contos e poemas, não porque tivesse a sensação de sofrer de lacunas em termos de instrução, pois a escola primária estava longe de ser fácil naquela época, mas por amor ao divertimento e paixão pela poesia e pelos estilos de eloquência. Com o seu corpo maciço, envolto numa ampla galabiyya [52], assemelhava-se a um enorme odre, se bem que esta aparência não contraditasse, por uma mera questão de tempo, uma certa beleza que emanava do rosto trigueiro e cheio, com os seus olhos negros e

sedutores, as sobrancelhas unidas e os lábios voluptuosos.

Todo o seu ser exalava, apesar da sua mocidade, visto não ultrapassar os vinte e um anos, uma virilidade mesclada de pujança. Kamal não o largava de um passo, de modo a recolher as histórias extraordinárias que por vezes lhe contava. Não cessava de exigir sempre mais, pouco se importando que a sua insistência fosse penosa para o seu irmão, somente preocupado em dessedentar os desejos que incendiavam a sua imaginação todos os dias aquela hora.

Mas Yassin não tardava a pô-lo de parte para retomar a palestra ou se entranhar na leitura, condescendendo, de onde a onde, em dirigir-lhe, à medida que a sua insistência se tornava mais opressiva, algumas palavras elípticas que, se o garoto aí encontrava resposta para alguma das suas perguntas, tinham - e a que ponto! - o condão de despertar outras para as quais não tinha resposta. Com os olhos ardentes de ciúme e de tristeza, ficava então a contemplar o seu irmão enquanto este voltava à leitura, uma leitura que detinha as chaves de um mundo fantástico.

Quanto rancor nascia nele por causa desta incapacidade de ler por si próprio a história! Quão triste era vê-la aí, diante dele, poder virá-la e voltar a virá-la a seu bel-prazer em todos os sentidos sem ser capaz de decodificar os seus símbolos, de descobrir uma saída para o mundo das fantasias e dos sonhos! Encontrava nesta faceta de Yassin uma mola para a sua imaginação que lhe trazia inúmeras alegrias, mas aticava nele os ardores e os sofrimentos da sede. Erguendo várias vezes os olhos para o seu irmão, dizia-lhe ofegante: "E o que aconteceu depois?" Mas Yassin soprava, dizendo: "Pára de me aborrecer com as tuas perguntas. Guarda algumas para mais tarde! Se, hoje, não te contar a continuação, fica para amanhã!" Nada o confrangia mais do que esta espera do dia seguinte, tanto que, no seu espírito, a palavra "amanhã" tornara-se sinónimo de "frustração". Por isso não era raro que depois da dissolução do círculo familiar se virasse para a sua mãe com a secreta esperança de esta lhe narrar "o que havia acontecido depois". Mas a mãe desconhecia a história das duas órfãs e muitas outras que Yassin lia. E como a entristecia ter de mandar embora o seu menino desapontado, contava-lhe as histórias de ladrões e demónios que conservara na sua memória, para que suavemente a imaginação do pequeno se embebesse de todo o seu suco e daí retirasse algum

consolo.

Não era de espantar que no decorrer da sessão do café ele se sentisse perdido e desamparado junto dos seus, pois pouco faltava para que ninguém reparasse nele. Todos andavam distraídos com as suas intermináveis conversas. Assim sendo, não tinha qualquer pejo em forjar histórias para conquistar, nem que por um instante breve, a atenção daqueles. Arremessou-se pois na torrente da conversa, obstruindo intrepidamente o seu curso e declarou num tom seco e surpreendente, qual um tiro de morteiro, como se de repente acabasse de recordar algo grave:

- Hoje, quando regressava, assisti a uma cena inesquecível! Vi um rapaz saltar para o degrau de um suares, dar um murro no cobrador e fugir como um louco. O homem não pensou duas vezes e lançou-se no seu encalço, apanhou-o e deu-lhe um pontapé na barriga com toda a força!

Perscrutou os rostos, para neles ler o efeito produzido pelo seu relato, contudo não observou qualquer marca de interesse. Viu, pelo contrário, uma completa hostilidade para com esta história fascinante e uma determinação para reatar a conversa. Reparou mesmo na mão de Aisha que ia buscar o queixo da mãe para desviá-la dele depois de esta ter evidenciado o desejo de ouvi-lo, já para não falar do sorriso irónico que se desenhara sobre nos lábios de Yassin, que nem sequer levantara a cabeça do seu livro. Era mais forte do que ele, teimou e bradou com uma voz estrondosa:

- O rapaz caiu, contorcendo-se com dores. Então, a multidão rodeou-o, mas era demasiado tarde para ele!

A mãe afastou a chávena dos seus lábios e gritou:

- Céus! Ó filho! Queres dizer que morreu?

O interesse que a mãe manifestara encheu-o de alegria e ele centrou nela todos os seus esforços, como um assaltante desesperado concentra os seus no ponto fraco de uma muralha inexpugnável:

- Claro que morreu! Até vi, com os meus próprios olhos, o sangue correr! Fahmi olhou para ele, escarninho, com o ar de quem diz: "histórias como estas, conto-tas às dúzias!" e perguntou com uma ironia mordaz:

- Disseste que o cobrador lhe deu um pontapé na barriga? Mas por onde é que o sangue correu?

A centelha de triunfo que brilhava nos seus olhos, desde que cativara a sua mãe, extinguiu-se e deu lugar às setas da consternação e da raiva. Mas a imaginação veio em seu auxílio e a expressão do seu olhar reanimou-se outra vez:

- Quando aquele lhe deu o pontapé na barriga, bateu com o rosto no chão e feriu-se na cabeça.

Ao que Yassin, sem erguer os olhos das duas órfãs, respondeu:

- Também, poderíamos dizer que o sangue jorrou da sua boca. O sangue pode jorrar da boca sem que no entanto haja aparentemente ferida alguma. Como sempre, não são as interpretações que escasseiam às tuas histórias de mentiroso, mas não tenhas medo...

Kamal insurgiu-se contra o desmentido avançado pelo seu irmão e começou a jurar pelos céus que estava a dizer a verdade. Mas o seu protesto perdeu-se na balbúrdia dos risos onde, numa só e mesma harmonia, se entrelaçavam as gargalhadas roufenhas e as agudas das vozes masculinas e femininas. Depois, a natureza trocista de Khadiga espertou:

- É incrível a quantidade de vítimas que fazes! Se acreditássemos em tudo o que contas, daqui a pouco já não haveria vivalma em todo o bairro de en-Nahhasin! O que responderás a Allah se Ele te pedir contas acerca disso?!

Mas Kamal encontrou em Khadiga um agressor à sua altura e, como sempre que estava exposto ao seu sarcasmo, atacou o seu nariz.

- Direi que o culpado é o focinho da minha irmã!

- É uma amostra do que vocês têm! Acaso não seremos iguais na desgraça?

- Pois é. tens toda a razão, irmãzinha! - aprovou Yassin. Esta virou-se para ele, pronta para o ataque, mas o irmão adiantou-se-lhe:

- Ficaste melindrada comigo? Mas porquê? Não me digas que foi porque diante de todos exprimi o facto de concordar contigo?

- Fala em primeiro dos teus defeitos antes de referir os dos outros! respingou danada.

Ele ergueu as sobrancelhas fingindo perplexidade:

- Deus é minha testemunha - resmungou- , o pior defeito é um pecadilho ao lado deste nariz!

Por seu turno, Fahmi fez menção de discordar e perguntou num tom que traía a sua aliança com o campo dos atacantes:

- O que estás para aí a dizer, meu irmão? Falas de um nariz ou de um crime?

Mas como Fahmi raramente intervinha neste género de confronto, Yassin apossou-se das suas palavras com sofreguidão:

- São as duas coisas em simultâneo! - disse. - Pensa na responsabilidade criminosa que recairá sobre aquele que conduzir esta jovem esposa até ao seu desditoso esposo!

Kamal disparou uma gargalhada sibilante e entrecortada, mas, como desagradava de sobremaneira a Amina ver a sua filha cair às mãos de um exército de assaltantes, quis reencaminhar a discussão para o seu ponto inicial ao declarar calmamente:

- Tantas palavras para não dizer nada, afastaram-se do nosso tema de conversa que era o de saber se o senhor Kamal disse ou não a verdade. Na minha opinião, julgo não ter nenhuma razão para duvidar da sua franqueza, já que jurou! Pois é, Kamal nunca comete o perjúrio!

A alegria vindicativa do rapaz eclipsou-se instantaneamente e, apesar dos seus irmãos e das suas irmãs voltarem à carga com as suas caçoadas, o seu pensamento desligou-se destas e trocou com a sua mãe um olhar preñado de significado antes de se recolher na sua meditação, confuso e angustiado. Estava ciente da gravidade de um perjúrio, que indignava Allah e os Seus santos. Além do mais, era-lhe extremamente doloroso ceder ao perjúrio em nome de el-Hussein, sobretudo em virtude do amor que por ele nutria. Todavia, muitas vezes achara-se num beco sem saída, como hoje sucedia, para o qual não descortinava outra saída senão o perjúrio, sob pena de se comprometer ainda mais sem o saber. Mas não se eximia ao tormento e à angústia, mormente quando lhe faziam compreender o seu crime. Nestes momentos, desejava extirpar o passado amaldiçoado e virar uma página nova e imaculada. Recordou el-Hussein, o seu minarete, aos pés do qual se postava e donde se lhe afigurava que o cimo tocava o firmamento. Pediu-lhe, numa súplica, que perdoasse a sua falta, com o sentimento de vergonha inerente àquele que teve a ousadia de cometer uma ofensa irremissível contra o amado. Afundou-se nas suas súplicas, durante um longo momento, e depois começou a emergir até ao mundo exterior descerrando os ouvidos à discussão que então se desenrolava e que tratava de temas habituais ou novos. Pouco havia aí que fosse susceptível de render a sua atenção, embora quase sempre

revivessem lembranças extraídas do passado longínquo ou recente da família, ecoasse o rumoroso ambiente relativo às alegrias e penas da vizinhança, se apurassem as situações delicadas sofridas pelos dois irmãos face ao pai tirano, que Khadiga, ' pressurosa, insistia que lhe fossem descritas outra vez e com todos os detalhes para gracejar com um contentamento cheio de malícia. Assim, a pouco a pouco, edificara-se no garoto todo um saber que se cristalizara de forma singular na sua imaginação fortemente marcada pela atracção dos contrários entre o espírito belicoso e maledicente de Khadiga e o de sua mãe, condescendente e benevolente. Finalmente, fixou a sua atenção em Fahmi, que confiava a Yassin:

- A última ofensiva de Hindenburg é de extrema importância e, até que se torne a mais decisiva desta guerra, é só um passo!

Yassin inclinava-se no sentido das expectativas do seu irmão mas com uma reserva impregnada de indiferença. Como ele, esperava que a vitória coubesse aos Alemães e, por conseguinte, aos Turcos, que o califado recuperasse o lustro de tempos idos e que Abbas ^[53] e Muhammad Farid ^[54] reintegrassem o seio da pátria.

Mas este género de anseio só inquietava o seu coração nos momentos em que era invocado. Disse meneando a cabeça:

- Já lá vão quatro anos que repetimos a mesma coisa!

Fahmi respondeu-lhe com palavras cheias de esperança e de simpatia:

- Qualquer guerra tem um fim, e esta também há-de conhecer o seu e não creio que sejam os Alemães os derrotados.

- Supliquemos a Deus para que assim seja! Mas o que dirias se os alemães fossem tais quais os Ingleses os pintam?

Como tal objecção inflamava a sua irascibilidade, Fahmi alteou a voz:

- O importante é que nos vejamos livres do pesadelo dos Ingleses e que o califado encontre de novo o esplendor de antigamente para que possamos encontrar a nossa via já delineada...

Khadiga intrometeu-se na conversa:

- Pergunto-me qual a razão que vos leva a gostar dos Alemães quando foram eles que mandaram os seus zepelins largarem bombas sobre as nossas cabeças.

Mas Fahmi, como sempre, asseverou que os Alemães destinavam as

bombas aos Ingleses e não aos Egípcios. E a discussão prosseguiu sobre os zepelins, as suas dimensões gigantescas, a sua velocidade e o seu perigo, tema que desenfreava o rumor público. Depois Yassin endireitou-se e levantou-se para se dirigir ao seu quarto e trocar de roupa, num último preparo antes de sair de casa para o serão quotidiano. Regressou alguns instantes mais tarde, prontíssimo, extremamente elegante e belo. Com o seu corpo majestoso e os seus bigodes incipientes parecia ter alcançado a plenitude do homem maduro e ser muito mais velho do que a sua idade.

Cumprimentou o grupo e partiu. Kamal acompanhou-o com um olhar que revelava bem o quanto lhe invejava a liberdade de usufruir de uma independência maravilhosa. Não lhe passava despercebido o facto de já ninguém lhe pedir satisfações sobre as suas idas e vindas desde a sua nomeação como escriturário na escola de en-Nahhasin e que ele saía à noite como bem entendia regressando à hora que quisesse. Que coisa extraordinária, que felicidade! Como teria sido um homem feliz se lhe fosse dado ir e vir a seu bel-prazer, alongar a sua vigília até à hora desejada e restringir a sua leitura, depois de adquiridos os instrumentos necessários, aos romances e à poesia. De súbito perguntou à sua mãe:

- Se eu trabalhasse, poderia sair à noite como Yassin?

Amina sorriu:

- Sair à noite! Tens outras coisas com que sonhar!

- Mas o meu pai sai à noite, e Yassin também! - Insurgiu-se o garoto em altos brados.

A mãe, um tanto atrapalhada, levantou as sobrancelhas e gaguejou:

- Primeiro, esforça-te por te tornares um homem e a seguir um funcionário. Então, Deus fará o resto!

Mas Kamal parecia com pressa:

- E por que razão não me empregariam, daqui a três anos, na escola primária?

Khadiga interveio num tom de escárnio:

- Com que então vais trabalhar antes dos teus catorze anos!... E como é que te vais desenvencilhar se durante o serviço fizeres chichi nas cuecas?

Antes que tivesse tempo de testemunhar a sua fúria à irmã, Fahmi acrescentou num tom de desdém:

- És tão burro! Porque não pensas em começar a estudar direito como eu? Foi um caso de força maior que obrigou Yassin a ter o seu certificado de estudos aos vinte anos, se assim não fosse, teria terminado os seus estudos. Nem sabes como conceber planos para a vida! Preguiçoso!

[52] Túnica comprida de algodão aberta sobre o peito.

[53] O quediva Abbas Hilmi II.

[54] Presidente do partido nacionalista egípcio entre 1908 e 1911.

10

Quando Fahmi e Kamal subiram para o terraço, o Sol estava prestes a desaparecer. Semelhava um disco branco, pacífico, esvaziado da sua turbulência, arrefecido, uma fornalha apagada. O pequeno jardim, com o seu telhado de hera e de jasmim, parecia imerso numa obscuridade frouxa. Mas os dois rapazes deslocaram-se para o lado oposto à área plana onde nenhum véu dissimulava os resquícios de luz. Depois enviesaram para o pequeno muro conexo ao terraço do lado, dos vizinhos. Fahmi subia aí, todos os dias, ao pôr do Sol, acompanhado por Kamal, sob o pretexto de rever as lições ao ar livre, se bem que o de Novembro começasse a esfriar, principalmente àquela hora do dia. Ordenou ao garoto que parasse de modo que este apoiasse as suas costas no pequeno muro e ele ficasse em pé, diante daquele, a observar o terraço contíguo dos vizinhos como bem- le aprouvesse sem ter de se voltar.

Neste instante, no meio do estendal, surgiu uma rapariga, moça dos seus vinte anos, azafamada que juntava as roupas secas e as amontoava num cesto grande. E, apesar de Kamal começar a falar em voz alta, como seu hábito, ela continuou a sua tarefa como se não se apercebesse da presença dos recém-chegados. A esperança que lhe advinha a esta hora era sempre a mesma: obter dela, quiçá, um olhar, caso algum dos seus afazeres a conduzisse ao cimo de casa. A concretização de um tal desejo não era coisa fácil, como se podia julgar pelo rubor que assomava no seu rosto revelando uma alegria excessiva e pelos batimentos do seu coração, ecos de uma nubilação brusca. Ouvia o seu pequeno irmão, o espírito ausente e os olhos ensombrados pela tensa observação, vendo-a ora aparecer ora desaparecer, um lado oferto ao olhar, o outro esquivando-se consoante a sua posição em relação às roupas e aos lençóis aqui e ali estendidos. Era uma rapariga de estatura média, com uma pele resplandecente, próxima da brancura, uns olhos negros cujas pupilas transbordavam de vida, de agilidade, de calor. Mas nem a sua beleza nem os sentimentos fogosos, ou a sensação de triunfo que o rapaz experimentava quando a via, tinham conseguido apagar a angústia que grassava no fundo do seu coração, com passos leves, quando ela se encontrava ali debaixo dos

seus olhos, e com passos pesados quando ele se achava a sós com os seus pensamentos e era atormentado pela ousadia que demonstrava ao surgir diante dele, como se não fosse um homem aos olhos de quem toda a rapariga deveria se subtrair, ou como se fosse uma moça nada preocupada com os olhares dos homens.

Muitas vezes interrogara-se por que motivo não se alarmava como acontecia com Khadiga ou Aisha, quando alguma delas se encontrava em situação semelhante! Que singular modo de julgar as coisas a tornava numa excepção à margem das tradições em vigor e das normas sagradas da vida social? Meu Deus, como teria mais paz interior se a visse dar mostras daquele pudor cuja ausência lamentava, mesmo quando em detrimento da alegria inimaginável de vê-la. Insistia, contudo, em procurar desculpas na antiguidade da sua relação de vizinhança, na sua condição de filha única e talvez no amor igualmente! E não cessava de dialogar com ela nos seus pensamentos, de repreendê-la, até que baixasse a cabeça e se resignasse. E, como ele não possuía a sua afoiteza, começou a examinar furtivamente os terraços vizinhos, para se assegurar de que nenhum olhar espiava a rapariga, porque não era admissível que um rapaz de dezoito anos pudesse ferir a honra dos vizinhos, e ainda mais a de um homem que constava entre os melhores, o senhor Muhammad Ridwan. Por isso, a percepção da gravidade dos seus actos era-lhe uma fonte de constante mal-estar; sem mencionar o pavor de algum eco chegar aos ouvidos do seu pai, o que seria uma catástrofe. Mas nunca deixará de surpreender o quanto o amor desdenha o medo. Este em nada pôde delir o seu inebriamento ou arrancá-lo ao devaneio da sua hora abençoada. Continuou assim a observá-la, aparecendo, desaparecendo, até que o espaço entre eles se desvelasse e que ela surgisse à sua frente, com as suas mãos finas, ora levantadas, ora abaixadas, fechando e desdobrando suave e lentamente os seus dedos, como se prolongasse deliberadamente a sua tarefa.

Esta intuição perpassou o seu coração, a meio caminho entre a dúvida e a esperança, deixando no entanto que o seu júbilo o transportasse sem reservas para os mais distantes horizontes, até no seu íntimo apenas sentir que dançava e cantava. E, se bem que ela não houvesse levantado os olhos na sua direcção, a sua atitude, o rubor das suas faces, o retraimento do seu olhar eram indícios claros da

acuidade da sua percepção quanto à sua presença ou do efeito desta sobre os seus sentidos. A sua quietude, o seu silêncio davam ao rapaz um ar cheio de ponderação como se não fosse a jovem quem nele semeava a alegria e o bom humor por ocasião das visitas às suas irmãs, ela cuja voz repercutia nos quatro cantos da casa, pontuada de gargalhadas. Naqueles momentos, permanecia escondido atrás da porta do seu quarto, um livro na mão, pronto a fingir que fazia revisões, caso alguém batesse. O rapaz colhia, o espírito tenso, os acentos cantantes e ridentes da sua voz, depurando-os das outras vozes mescladas, de que quase fazia abstracção, como se a sua atenção fosse um íman num campo de elementos heteróclitos onde atraía exclusivamente o aço. Por vezes, ao atravessar o salão, Fahmi surpreendia uma visão desta. Outras vezes, os olhares de ambos encontravam-se por um instante fugaz mas suficiente para inebriá-lo e exaltar os seus sentidos como se houvesse recebido uma mensagem solene cuja gravidade lhe causava vertigens. Alimentava então os seus olhos e o seu espírito de olhares roubados sobre o seu rosto e, se bem que fossem apenas olhares fugitivos, enlevavam a sua alma e os seus sentidos. Eram olhares intensos e penetrantes. Um só transportava consigo muito mais do que uma observação demorada e uma auscultação profunda seriam capazes. Estavam juntos no surgimento do relâmpago que luz uma fracção de segundo e ilumina com a sua centelha a imensidão, escamoteando a visão. Uma alegria inebriante e prodigiosa aturdiu-o, toldada e maculada todavia pela aflicção que invariavelmente o acossava, como à eclosão da Primavera se segue o sopro de khammasin [\[55\]](#).

Com efeito, não cessava de pensar nos quatro anos que levaria para concluir os seus estudos, durante os quais ignorava quantas mãos se estenderiam para este fruto maduro, pronto para a colheita. E, se o ambiente de casa houvesse sido outro que não este, sufocante, estreitado pela mão de ferro do seu pai, teria procurado a via mais rápida para a salvação do seu coração. Mas o pavor acossava-o e impedia-o de dar a conhecer as suas esperanças e expô-las às rudes admoestações paternas que as reduziria a estilhaços, aniquilando-as.

Questionou-se, olhando por cima da cabeça do seu irmão, sobre o que iria na mente dela. Lavar a roupa? Seria a sua única preocupação? Não teria ainda adivinhado o que o levava ali todas as noites? Como

encararia o seu coração estes passos ousados da sua parte? Imaginou que saltava a parede pequena para se lhe juntar na penumbra e viu-a numa perspectiva diferente: ora esperando-o à hora do encontro, ora estupefacta ao vê-lo chegar, prestes a fugir. Depois fantasiou o que se seguiria: a sua declaração, as lamentações e as reprimendas a que involuntariamente se entregaria e o que disso resultaria como abraços e beijos. Mas eram apenas fantasmas e ilusões, sabia melhor do que ninguém, dado que todo ele era conformado segundo a moralidade e a educação, o quanto existia aí de vanidade e de inexequibilidade. O sítio pareceu-lhe silencioso, de um silêncio electrificado, que falava quase sem língua. Mesmo Kamal, com os seus pequenos olhos, exibia um olhar desnordeado como se meditasse sobre o significado desta estranha gravidade que debalde suscitava a sua curiosidade. Sem resistir mais, perguntou em voz alta:

- Decorei o meu vocabulário. Não queres que o recite?

Fahmi caiu em si ao som da sua voz, pegou no seu caderno e pôs-se a fazer-lhe perguntas sobre o significado das palavras. O garoto continuava a responder, quando num repente os olhos de Fahmi caíram sobre uma palavra que lhe era querida e na qual encontrou uma ligação - e que ligação! - com a presente situação. Alteou a voz de propósito e perguntou:

- O que quer dizer... coração?

O garoto respondeu e soletrou a palavra enquanto Fahmi espiava o seu impacto sobre o rosto da rapariga. Depois, continuou a sua interrogação, levantando de novo a voz:

- Amor?

Kamal, algo vacilante, objectou:

- Mas não tenho esta palavra no meu caderno!

- Contudo ouviste-me por mais de uma vez pronunciá-la - respondeu Fahmi sorrindo- , só tinhas de fixá-la!

O garoto franziu a testa como se esticasse o arco das suas sobrelanceiras para partir em busca da palavra que voara. Mas o seu irmão não esperou o desenlace da sua tentativa e prosseguiu a interrogação com uma voz de estentor:

- Casamento?

Neste instante, pareceu-lhe surpreender um esboço de sorriso que espreitava nos lábios da rapariga. O seu coração começou a bater

descompassado, invadia-o um sentimento de triunfo. Conseguira, por fim, enviar-lhe uma descarga da electricidade que queimava o seu peito. Todavia, perguntou-se porque somente manifestara alguma emoção com esta palavra. Desconheceria a anterior ou seria esta a primeira a que o seu ouvido dera atenção? Não sabia. Porém Kamal, cansado de puxar pela memória, protestou:

- São palavras demasiado complicadas!

No seu coração, deu fé à voz inocente do irmão, à luz da qual repensou a situação, e a efervescência da sua alegria quase decaiu. Ia falar mas viu-a que se debruçava sobre o cesto, o levantava e se dirigia para a parede meeira dos seus terraços, onde colocou o cesto e sem pressas começou a comprimir a roupa com as suas palmas, muito perto do lugar onde ele se encontrava sentado a pouco menos de dois passos da rapariga. Se assim o desejasse, teria escolhido um outro sítio, mas parecia agir de forma deliberada para arrostá-lo. Pareceu-lhe, na sua ofensiva, de uma tal ousadia que ele se assustou e perturbou, mas o seu coração começou de novo a bater tão febrilmente que teve a sensação de que a vida lhe prodigalizava uma variedade nova, doce e radiosa dos tesouros que ignorava. Mas a sua paragem tão próxima não durou muito, a rapariga não tardou a erguer o cesto diante de si e dar meia volta encaminhando-se para a porta do terraço que atravessou, furtando-se ao seu olhar.

Demorou, um longo momento, os olhos fixos na porta, sem se importar com o seu irmão que de novo começara a queixar-se da complexidade da palavra. Depois tomou-o uma ânsia de ficar só para meditar no que acabara de se acrescentar ao repertório das suas provas de amor. Fitou o espaço e, simulando espanto, como se acabasse de reparar pela primeira vez na escuridão rastejante do horizonte, murmurou:

- Já é tempo de voltar para casa.

[55] Vento periódico muito quente que sopra no Egipto.

11

Kamal revia as suas lições no salão, deixando para Fahmi a sala de estudo, para ficar perto do sítio onde a sua mãe e as suas irmãs estavam. Aquela reunião prolongava a sessão do café, embora se restringisse às mulheres e às suas conversas, onde encontravam apesar da futilidade um prazer sem igual. Tinham-se sentado como de costume, coladas umas às outras como um corpo tricéfalo, enquanto Kamal se instalava de pernas cruzadas num outro sofá diante delas, segurando o seu livro aberto nos braços, os olhos ora afundados na sua leitura, ora fechados para decorar a sua lição. De quando em vez, divertia-se a olhar para elas e escutar as suas conversas. Fahmi, de mau grado, consentira em deixá-lo rever as lições longe da sua vigilância. Porém, a superioridade do garoto na escola jogava a seu favor, permitindo-lhe impor a sua escolha em termos de local de estudo. Na verdade, o seu gosto pelo esforço era a sua única qualidade louvável e, se não fosse a sua traquinice, teria merecido que mesmo o pai o estimulasse. Mas, paralelamente a este gosto pelo esforço e à sua superioridade, o tédio sub-mergia-o horas a fio, durante as quais o trabalho e a disciplina o abatiam de tal forma que chegava a invejar a despreocupação da sua mãe e das suas duas irmãs, bem como o sossego e a paz de que gozavam. Por vezes, punha-se a desejar em segredo que o destino dos homens neste mundo fosse algum dia igual ao das mulheres, mas estes eram instantes efémeros e que não lhe faziam olvidar os privilégios de que beneficiava, os quais muitas vezes o haviam levado a olhar sobranceiro para as mulheres, cheio de empáfia e presunção com ou sem razão. Não raro, perguntava-lhes com uma nota de provocação na voz: "Qual de vocês conhece a capital do Cabo?" ou "Como é que se diz rapaz em inglês?". Se da parte de Aisha encontrava um silêncio adorável, Khadiga reconhecia friamente a sua ignorância, lançando-lhe: "Estas são coisas misteriosas, servem somente para pessoas que têm uma cabeça grande como a tua!" Quanto à sua mãe, dizia-lhe com uma voz ingénua: "Se me ensinasses estas coisas como me ensinas as da religião, saberia tanto como tu!"

Amina, na verdade, apesar da sua abnegação e da sua gentileza, sentia um enorme orgulho pela sua cultura popular transmitida de geração em geração desde a noite dos tempos e julgava não necessitar

de saber mais, e que os novos conhecimentos da ciência não mereciam ser adicionados ao seu saber em questões de religião, de história e de medicina. E o facto de ter aprendido com o seu pai ou na casa onde crescera só havia reforçado a fé nos seus conhecimentos. Porque o seu pai era um sheikh dos ulemás, a quem Allah, pelo conhecimento integral que tinham do Alcorão, havia concedido a primazia sobre os demais sábios. Assim, não podia de forma razoável colocar qualquer outra ciência na mesma balança, com aquela que herdara do seu pai, mesmo se, preferindo a sua integridade, jamais manifestasse o seu ponto de vista. Por isso, muitas vezes, era com maus olhos que via certas coisas ensinadas pelas escolas e ficava bastante desnorteada quer pela interpretação destas quer por ser permitido ensiná-las às crianças. Todavia, entre o que, na escola, diziam ao seu filho no tocante a questões religiosas e as suas próprias concepções não existia um desacordo tão acentuado. E, porque a lição da escola se limitava na prática à leitura de suratas, ao seu comentário e ao evidenciar dos princípios elementares da religião, encontrava aí um espaço para narrar o seu repertório de lendas, que, estava convicta, em nada diferia da autenticidade e da essência da religião. Talvez mesmo tivesse sempre visto aí a autenticidade e a essência da religião. Tratava-se, na maior parte dos casos, de milagres ou de prodígios ligados à pessoa do Profeta, aos seus companheiros ou aos santos, de todo o tipo de fórmulas mágicas para se proteger de demónios, répteis ou enfermidades. Kamal tomava-os a sério e acreditava neles porque por um lado provinham da sua mãe e o assunto representava uma novidade, e por outro não contraditavam os seus conhecimentos escolares em matéria de religião. Além do mais, a mentalidade do professor de educação religiosa, tal como se lhe revelara por vezes à luz da sua volubilidade, não divergia em quase nada daquela da sua mãe. Além disso, sentia pelas lendas uma paixão que os cursos magistrais não despertavam nele, a lição materna figurava entre as mais belas horas do dia, as mais recreativas e mais profusas em imagens. Mas, tirando a religião, e se o terreno a isso se mostrava propício, as controvérsias não escasseavam. Uma vez, as suas divergências de pontos de vista haviam-se manifestado relativamente à Terra: giraria esta em torno de si por um movimento próprio no espaço ou erguer-se-ia sobre o seu eixo, apoiada sobre a cabeça de um

touro? Como o garoto porfiasse, ela retrocedeu na sua opinião, fingindo dar-se por vencida. Mas em seguida entrou em segredo no quarto de Fahmi e interrogara-o sobre a veracidade deste touro sustendo a Terra e indagara se este continuava a carregá-la no presente momento. O jovem julgou sensato poupá-la e, falando a linguagem que ela gostava de ouvir, assegurou-lhe que a Terra estava suspensa no céu pelo poder de Allah e Sua sabedoria. Amina voltou satisfeita com a resposta que a enchera de alegria, mesmo se a imagem deste touro gigantesco não se houvesse apagado da sua imaginação.

Mas Kamal não preferia esta reunião feminina, para aí rever as suas lições, por desejar vangloriar-se da sua ciência ou por um gosto pelo debate de ideias. Na verdade, era-lhe grato não ter de se apartar delas, mesmo durante as horas de trabalho, porque sentia ao vê-las uma alegria sem par. amava a mãe acima de qualquer coisa e não podia, por um instante sequer, conceber a sua vida sem ela. O que dizer também de Khadiga, que desempenhava na sua vida o papel de uma segunda mãe apesar da sua insolência e dos seus gracejos cáusticos, ou de Aisha, que, mesmo nunca revelando um grande entusiasmo em ajudar os outros, lhe devotava um amor imenso que ele lhe retribuía plenamente. E tanto assim era que nunca o garoto bebia um gole de água da jarra de barro sem lhe pedir que bebesse antes, de modo a pousar os seus lábios na cerâmica ainda húmida da sua saliva.

A conversa prosseguiu, como em cada noite, até que as oito horas se avizinharam. Então, as duas raparigas levantaram-se, despediram-se da mãe e regressaram ao quarto. No mesmo momento, Kamal apressou-se a reler a sua lição e, tendo terminado, pegou no livro de educação religiosa e enros-cou-se perto da sua mãe, no sofá em frente, dizendo-lhe com uma voz cheia de um desafio dissimulado:

- Hoje fizeram-nos uma interpretação de uma surata maravilhosa que te vai agradar imenso!

Amina endireitou-se no seu assento:

- Mas toda a palavra de Allah é maravilhosa! - replicou, com respeito e exaltação.

O interesse manifestado pela sua mãe encantou-o e um sentimento de alegria e de orgulho fê-lo estremecer, um sentimento que só sentia aquando desta última lição do dia, a lição da religião. Porque esta lhe oferecia por certo mais do que uma razão para se regozijar: aí

desempenhava, pelo menos durante metade da sua duração, o papel do professor. Tentava, na medida do possível, recordar as lembranças fragmentárias presas na sua memória, ligadas ao seu professor, à sua atitude, aos seus gestos, ao que nele havia de sentimento de superioridade e de autoridade a que se podia identificar. Na segunda metade, saboreava as lembranças e as lendas que lhe contava a sua mãe, esta mãe que guardava só para si nas duas partes da aula. Debruçou-se sobre o livro com uma espécie de orgulho sobranceiro e principiou a recitar: "Em nome de Deus, o Clemente, o Misericordioso. Diz, foi-me revelado que um grupo de génios escutou. Disseram: 'Em verdade ouvimos um Alcorão admirável. Que guia à verdade, pelo que nele cremos, e jamais atribuiremos parceiro algum ao nosso Senhor'" [\[56\]](#) até ao fim da surata.

Os olhos de Amina transpiravam temor e confusão, pois tinha por hábito pôr o seu filho de sobreaviso para não pronunciar as palavras "demónios" ou "espíritos", de modo a premunir-se contra os malefícios cujos exemplos fornecidos iam sempre no sentido de assustá-lo, ao mesmo tempo que, por apreensão e precaução excessivas, evitava mencionar outros. Daí não saber que conduta adoptar ao ouvi-lo ler, numa surata sagrada, uma destas duas palavras fatídicas. Ainda com mais razão, ignorava como impedi-lo de decorá-la ou o que fazer se, como era seu hábito, a convidasse a decorá-la. O garoto pôde ler esta confusão no seu rosto e uma alegria cheia de malícia insinuou-se nele. Retomou desde o início e pronunciou cada palavra fatídica sublinhando-a, enquanto espiava o seu alvoroço e aguardava que ela acabasse por confessar a sua apreensão, invocando alguma desculpa. Porém, apesar da intensidade da sua perturbação, ficou-se silenciosa. Então, continuou a repetir-lhe o comentário nos termos em que o ouvira:

- Logo, como podes ver por ti mesma, entre os espíritos, alguns há que ouviram o Alcorão e nele tiveram fé, e estou em crer que os que vivem nesta casa fazem parte dos espíritos muçulmanos, caso contrário, há muito que não teriam poupado nenhum de nós.

- Talvez assim seja - respondeu Amina um tanto desconcertada -, mas é possível que entre eles outros existam talvez, então mais vale não pronunciarmos o nome deles!

- Não há nada a temer por pronunciar o nome deles, o professor

disse-o!

- O professor não sabe tudo! - respondeu, recriminando-o com o olhar.

- Mesmo se o nome em questão estiver num versículo sagrado? Acossada pela sua pergunta, ela só pôde dizer:

- Toda a palavra de Nosso Deus é bênção! Kamal ficou por ali e voltou ao comentário:

- O nosso sheikh diz também que o corpo deles é de fogo. A angústia atingiu o seu acme. Ela invocou Allah e repetiu a Basmalah [\[57\]](#) várias vezes, implorando a sua protecção.

Mas Kamal acrescentou:

- Coloquei a questão ao sheikh: será que, entre eles, os que são muçulmanos vão para o paraíso? Ele disse que sim. Então coloquei-lhe uma segunda questão: mas como é que fazem para ir para o paraíso com um corpo de fogo? - respondeu-me secamente que Deus é Todo-Poderoso.

- E se porventura os encontrarmos no paraíso, o fogo deles não nos queimará? - perguntou observando-a com insistência.

Amina sorriu e respondeu com estas palavras de fé e de profunda convicção:

- Lá não há nem dano nem temor!

O garoto quedou-se, os olhos perdidos no vazio, sonhando e saltou num repente para outro assunto:

- Veremos Deus no mundo do Além com os nossos próprios olhos?

- Eis uma verdade indiscutível - disse escudada pela mesma convicção.

Um brilho de desejo acendeu-se no seu olhar sonhador, como se brilhasse na escuridão sob o efeito da luz. Perguntou-se quando veria Deus e sob que forma se lhe revelaria. Depois, subitamente, mudou novamente o rumo da conversa e perguntou à sua mãe:

- O meu pai teme Allah?!

O assombro deixou-a petrificada.

- Que pergunta é essa! - disse numa veemente denegação. - O teu pai é um homem crente, meu rapaz, e todo o crente teme o seu Deus!

Enleado, o garoto abanou a cabeça.

- Não o imagino a temer alguma coisa! - disse em voz baixa.

- Deus te perdoe, Deus te perdoe! - exclamou num tom de censura.

Dirigiu-lhe um sorriso amorável em jeito de desculpa e convidou-a a aprender a nova surata. Começaram de novo a ler e a repetir, versículo por versículo, e quando chegaram ao termo dos seus esforços, Kamal levantou-se para voltar para o quarto. Amina ficou com ele até deslizar sob o cobertor da sua pequena cama, depois pousou a palma sobre a sua testa e recitou o versículo do Trono^[58].

Debruçou-se sobre ele e depôs um beijo sobre a sua face. Então este lançou o seu braço em torno do pescoço da mãe e deu-lhe um longo beijo, do fundo do seu pequeno coração. Ela tinha sempre dificuldade em ver-se livre dele no momento dos seus adeuses nocturnos, porque o pequeno tentava retê-la o mais que podia a seu lado por todos os meios, quando não conseguia fazê-la ficar até se ter afundado no sono, enroscado nos seus braços; e não encontrava nada melhor para alcançar os seus fins do que lhe pedir que recitasse à sua cabeceira, quando o versículo do trono findara, uma segunda surata, depois uma terceira, tanto que se podia ler no seu rosto um sorriso de esquiva. Suplicava-a, pretextando ter medo de ficar sozinho num quarto que lhe insinuava sonhos inquietantes, que somente seriam rechaçados por via de uma longa recitação das suratas sagradas. Por vezes, na sua obstinação em tê-la a seu lado, chegava a fingir estar doente, sem ver ultraje algum nesta mistificação, considerando-a de boa fé como o exercício incompleto de um dos seus direitos sagrados, usurpados do modo mais cruel no dia em que injusta e inexoravelmente o haviam separado da sua mãe, para confiná-lo nesta cama solitária, no quarto dos irmãos.

Com que despeito recordava uma época não tão longínqua do seu passado em que ambos partilhavam o mesmo leito. Dormia, a cabeça apoiada no seu braço, enquanto ela derramava no seu ouvido, com uma voz suave, as histórias dos profetas e dos santos; o sono apoderava-se dele antes mesmo do regresso do seu pai dos serões, para apenas o abandonar quando este já se levantara para ir à casa de banho. Nunca via então terceiros junto da sua mãe: o mundo pertencia-lhe, sem partilha. Depois, um decreto cego, cujo fundamento racional jamais soube, viera apartá-los. Espiou nela os resquícios deixados pela sua expulsão e qual não foi o seu assombro ao ver nos seus encorajamentos um sinal de anuência, quando o felicitava dizendo-lhe: "Tornaste-te um homem! E podes reclamar o direito a ter

uma cama só tua!" Mas quem dissera que lhe agradava ser um homem ou que reivindicava o direito de ter uma cama só dele? Todavia, se bem que banhasse de lágrimas o seu primeiro travesseiro pessoal e que avisasse a sua mãe que jamais, em toda a sua vida, lhe perdoaria, não mais ousou deslizar para o seu leito de outrora, porque compreendera que por trás desta iniciativa iníqua e cobarde estava a vontade implacável do seu pai. Concebeu uma tristeza profunda, uma tristeza cuja mácula chegou a invadir os seus sonhos. Que raiva violenta alimentava contra a sua mãe, não só porque não conseguia virá-la contra o seu pai, mas também porque era a última pessoa que imaginara aniquilando as suas esperanças! Contudo, ela soubera docemente pacificá-lo e trazê-lo de volta à serenidade. Começou por o não deixar antes que o sono o tivesse alcançado, dizendo: "Não estamos separados como tu dizes, não nos vês juntos? E assim ficaremos sempre; só o sono nos pode apartar, como já o fazia quando estávamos na mesma cama!" Doravante, era uma lembrança nostálgica e a tristeza não obstruindo mais a sua consciência, entregava-se confiante à sua nova existência, sem no entanto deixar a sua mãe partir antes de ter esgotado todos os estratagemas para retê-la a seu lado o mais que podia.

Pegara na sua mão com uma avidez febril, qual uma criança que se agarra ao seu brinquedo, numa rixa de miúdos, tentando arrancá-lo. Por iniciativa própria, começara a recitar os versículos por cima da sua cabeça até que o sono o surpreendesse; depois lançou-lhe, à guisa de adeus, um sorriso terno, abandonou o quarto e dirigiu-se para o aposento vizinho. Abriu suavemente a porta e fixou a massa sombria da cama que, à direita, se podia adivinhar:

- Estão a dormir? - perguntou baixinho. A voz de Khadiga ouviu-se...

- Como queres que eu durma quando a senhora Aisha enche o quarto com os seus roncos!

Aisha insurgiu-se já meio adormecida:

- Nunca ninguém me ouviu roncar! Ela é que não me deixa dormir com a sua tagarelice constante!

- Não vos disse, por acaso, para que pusessem às vossas conversas na altura de dormir? - disse Amina, severa.

Em seguida, fechou a porta e foi dar uma volta dos lados da sala de estudo, bateu ao de leve, abriu e passou a cabeça pela frincha,

sorrindo:

- Deseja alguma coisa, meu pequeno senhor?

Fahmi levantou a cabeça do seu livro e agradeceu, com o rosto radiante e um sorriso meigo. Então fechou a porta e afastou-se fazendo votos de felicidade e de longa vida para o seu rapaz.

Atravessou o salão em direcção ao corredor exterior e subiu as escadas até ao quarto de dormir do sayyed, no andar superior. Recitando os versículos do Alcorão, a sua voz abria-lhe o caminho.

[56] Alcorão, LXXII, versículos 1 e 2.

[57] O mesmo que "Bismillah Ar-rahman Ar-rahim". ou seja, "Em nome de Allah, o Clemente, o Misericordioso".

[58] Alcorão, II, versículo 255, conhecido por versículo do Trono: "Deus! Não há mais divindade além d'Ele, Vivente, Subsistente, a Quem jamais alcança a inactividade ou o sono; d'Ele é tudo quanto existe nos céus e na terra. Quem poderá interceder junto a Ele, sem a sua anuência? Ele conhece tanto o passado como o futuro, e eles (humanos) nada conhecem da Sua ciência, senão o que Ele permite, O Seu Trono abrange os céus e a terra, cuja apresentação não O abate, porque é Ingente, o Altíssimo,"Este versículo é frequentemente utilizado como invocação e, por vezes, também é escrito para servir de amuleto.

12

Quando Yassin deixara a casa, sabia perfeitamente aonde ia, visto que para lá se dirigia todas as noites, mas invariavelmente, como sempre que andava na rua, dava a impressão de não ir a parte alguma. Tinha a tendência natural, ao caminhar, de se deslocar com passos lentos, comedidos, envoltos num orgulho sobranceiro. Parecia nunca olvidar que possuía aquele corpo imponente, aquele rosto cheio de vivacidade e varonil, aquelas vestes elegantes, objecto de todos os seus desvelos. Não esquecia também o mata-moscas de marfim que levava sempre na sua mão, de Verão como de Inverno, e aquele fez alto, inclinado para a direita até roçar a sobancelha. Estava também nos seus hábitos, ao caminhar, levantar os olhos - mas não a cabeça - à espreita do que se passava por trás das janelas, numa procura de quimeras... Tanto que nunca passava numa rua sem sentir, ao atingir a sua extremidade, uma espécie de vertigem, de tanto mover os olhos, tal era a sua paixão, doença incurável, de devorar as mulheres que encontrava no seu caminho. De frente despia-as com o olhar, por trás escoltava com os olhos as suas nádegas. Ficava excitadíssimo, como um touro espumando, até perder consciência de si próprio e não conseguir ocultar as suas intenções, o que levou a que Amm Hassanein, o barbeiro, el-Hajj Darwish, o vendedor de fowl, el-Fouli, o leiteiro, ou Bayouni, o vendedor de sopa, ou ainda Abou Sari, o proprietário da loja de pevides e muitos outros ficassem com a pulga atrás da orelha. Entre eles, alguns tomaram a coisa num tom de brincadeira, outros consideraram-no com um olhar severo, mesmo se os vizinhos e a posição do senhor Ahmad Abdel Gawwad pesassem a seu favor do lado da absolvição e da indulgência.

A sua energia vital tinha uma tal veemência que reinava sobre todos os seus lares, sem lhe dar um instante de sossego. Continuamente sentia a sua chama afoguear os seus sentidos e as molas do seu ser, tal um demónio cavalgando-o e arrastando-o pela ponta do nariz, mas um demónio que ele não temia, que nunca o entediava e de que não desejava libertar-se, talvez, pelo contrário, esperando muito mais dele. Mas o demónio em questão depressa se volatilizou e transformou num anjo dócil assim que o rapaz se aproximou da loja do seu pai. Aí, baixou os olhos, rectificou o seu caminhar e revestiu o belo rosto da

decência e do pudor. Apressou o passo, caminhou sempre em frente e, ao passar diante da porta da loja, relanceou o seu interior. Viu muita gente mas cruzou com o olhar do seu pai sentado atrás da secretária e curvou-se respeitosamente, levando a mão à cabeça num gesto de cortesia. O seu pai devolveu-lhe o cumprimento com um sorriso. Retomou então o seu modo de andar, encantado com este sorriso, como se acabasse de ser honrado com um favor raro. Na verdade, a violência do pai, se bem que tivesse sofrido uma sensível reviravolta desde que o jovem havia integrado o corpo dos funcionários do Estado, não deixava de ser aos seus olhos uma violência mitigada pela civilidade e o funcionário não se livrara do antigo medo que enchera o seu coração de estudante. De igual modo, nele ficara ancorado que era um filho e o outro, um pai. Apesar da sua corpulência, continuava a fazer-se pequenino na sua presença, como um pardal fremindo quando cai um seixo.

Porém, mal se afastara da loja e ficara ao abrigo do seu olhar, recuperou a sua sobranceria e os seus olhos voltaram ao seu vaivém eclético, não distinguindo entre as burguesas elegantes e as vendedoras de doum e de laranjas. Porque o demónio que o montava não fazia distinção na sua paixão pelas mulheres, era um demónio humilde que via com um mesmo olho a burguesa e a plebeia. As vendedoras de doum e de laranjas, por exemplo, mesmo quando se assemelhavam na cor e na sujidade ao pedaço de terra onde se haviam sentado, não careciam por vezes de uma certa beleza: seios bem redondos, olhos sublinhados de khôl... O que mais se poderia desejar?!

Seguiu para os lados do bairro de Es-Sagha e, daí, para el-Ghuriya para finalmente rumar para o café de Si Ali, na esquina de es-Sanadiqiyya. Era uma espécie de loja, de tamanho médio, cuja porta abria sobre es-Sanadiqiya e cuja lucarna fechada por grades dava para el-Ghuriya. Sentou-se num dos bancos que, enfileirados ao longo das paredes, a mobilavam, debaixo da lucarna, que desde há semanas se tornara o seu canto favorito. Pediu o chá.

Sentara-se de modo a poder, sem dificuldade e sem levantar suspeitas, dirigir o seu olhar para a lucarna, no intuito de, através desta, observar à vontade uma pequena janela numa fachada de uma casa, do outro lado da rua. Era talvez a única entre as janelas fechadas cuja persiana não fora cuidadosamente fechada. Nada de

surpreendente, pois pertencia ao apartamento de Zubaida. "a cantora"! Mas não era "a cantora" que ambicionava porquanto, antes disso, ainda tinha de ultrapassar muitas etapas na libertinagem, com paciência e sem precipitação. Ficou apesar de tudo a espiar a aparição de Zannouba, a tocadora de alaúde, filha adoptiva da cantora e a estrela cintilante da sua orquestra.

A época da sua entrada em função no Governo fora um período rico em lembranças. Vivera-o, após uma longa ascese imposta, sofrida na desconfiança, sob a sombra terrífica do seu pai. Desde então, irrompera qual uma catarata nos declives dos locais de prazer na zona de el-Azbakiyya, apesar dos tormentos dos soldados que o fogo da guerra havia impellido para o Cairo. Depois haviam chegado os Australianos à Grande Praça e vira-se forrado a manter-se afastado dos botequins para subtrair-se à bestialidade ::aqueles. Sem solução à vista, depressa começara a calcorrear em círculos, como que tresloucado, as ruas do seu bairro, procurando aí para cúmulo das suas delícias uma vendedora de laranjas ou uma daquelas ciganas que liam o futuro. Até que certo dia vira Zannouba, e atónito a seguira até à sua casa, e logo começara a pôr-se no seu caminho de forma assídua, sem na verdade obter dela o que pudesse extinguir a sua chama. Era uma mulher, e para ele todas as mulheres eram objecto de desejo. Além do mais, era bela e fizera-lhe perder a cabeça. Nele, o amor era apenas um apetite cego ou um apetite clarividente, a forma mais elevada que se lhe conhece. Começou a alongar o seu olhar através das grades em direcção da janela, com uma ânsia à qual se juntava uma impaciência violenta que o fizeram esquecer-se de si. Destarte, mergulhou os lábios no chá a ferver e só reparou na temperatura quando já o engolira. Começou então a soprar de dor e pousou o copo na travessa dourada, lançando um olhar discreto sobre os convivas, cujas vozes estrepitosas o incomodavam, como se fossem culpados pela queimadura ou pela ausência de Zannouba à janela.

"Mas onde será que aquela maldita se enfiou...? Será que faz de propósito por não se mostrar? Sabe, de certeza, que estou aqui! Deve ter-me visto chegar. Se continua com as suas comédias até ao fim, vai fazer com que o dia de hoje se vá juntar aos meus dias no inferno!" Relanceou, de novo, discretamente os convivas para ver se ninguém o observava, mas viu-os absortos nas suas conversas intermináveis.

Animou-se e o seu olhar voltou a incidir no alvo que elegera, mas a lembrança dos problemas que o haviam perseguido, naquele dia, na escola tolheu o fluxo dos seus pensamentos. O director duvidara da honestidade do funcionário encarregado das carnes e procedera a uma investigação na qual tivera de participar, na sua qualidade de secretário da escola. Todavia, demonstrara uma certa indolência no seu trabalho, o que levava o director a admoestá-lo vivamente e a arruinar o seu bom humor durante o resto do dia. Ainda pensara fazer queixa deste ao pai, sendo eles amigos de longa data, mas receou que o pai se mostrasse mais severo do que o próprio director. "Basta, enxota estes pensamentos ridículos! A escola, o director, por hoje, isso acabou. Malditos sejam! Já estou farto do que esta gaja me faz aguentar, maldita, que até um simples olhar de esmola desdenha conceder!" Sonhos nus submergiram, de súbito, o seu pensamento, sonhos que encenava muitas vezes, no teatro dos seus fantasmas, quando olhava uma mulher langorosamente ou a recordava na sua memória. Sonhos que um temperamento feroso fazia irromperem: despojava os corpos dos seus véus, revelava-os na sua nudez, como Allah os criara, e o seu igualmente, de modo a prosseguir as suas existências por caminhos isentos de frivolidade. Mas, ainda arroubado por esta quimera, a voz de um cocheiro gritando ao seu burro: "Oh!" alertou-o. Olhou na direcção da voz e viu uma carroça deter-se defronte da casa da cantora. Perguntou-se se, por acaso, o veículo não viria buscar os membros da orquestra até conduzi-los para algum local de festa. Chamou o empregado do café e pagou a conta preparando-se para deixar o sítio de um momento para o outro se a situação assim o exigisse. Depois de um breve momento de espera e de vigilância, a porta da casa abriu-se e uma das mulheres da orquestra apareceu, trazendo atrás dela um homem cego, vestido de uma galabiyya, de um casaco, com óculos pretos e apertando um qanun [\[59\]](#) debaixo do braço.

Ela subiu para a carroça, apanhou o qanun e agarrou na mão do cego enquanto o cocheiro o ajudava por trás a juntar-se à mulher no carro. Nisso, sentaram-se ambos lado a lado à frente, e seguiu-se-lhe imediatamente uma segunda mulher segurando na mão um tamborim com címbalos, e uma terceira levando um pacote debaixo do braço. Elas estavam ali, nas suas grandes melayaf [\[60\]](#), o rosto descoberto,

tendo trocado o véu da cabeça por uma maquilhagem de cores garridas que lhes dava sobretudo o ar de bonecas do Muled [\[61\]](#).

Mas... o que é isto? O olhar cativo e o coração palpitante, viu aparecer no batente da porta, revestido da sua capa vermelha... o alaúde. Por fim, foi Zannouba na sua melaya que usava levemente descaída no cimo da cabeça sobre um lenço bordado de franjas, sob o qual brilhavam dois olhos negros e risonhos com um olhar travesso e malicioso. Aproximou-se do carro, estendeu o alaúde que uma das suas companheiras apanhou, depois levantou um pé para subir para o carro. Yassin levantou a cabeça e, esticando o pescoço, engolindo a saliva, reparou na bainha da sua meia, enrugada acima do joelho, sobre uma pele cuja suave pureza transparecia através das franjas de um vestido alaranjado... "Oh, banco, oxalá possas mergulhar comigo até um metro de profundidade! Ai! Allah! Ela tem o rosto moreno, mas esta carne que aí por baixo se esconde é branca... ou então disse se aproxima muito! Como devem ser as suas ancas! E o ventre! Uau! O ventre! Alguém me acuda!"

Zannouba poisou as palmas das mãos no tabuado do carro, ergueu-se como pôde arqueando-se e conseguiu assentar os joelhos sobre o rebordo do carro onde começou a avançar lentamente a quatro patas. "Céus! Ah! Se pudesse estar junto da sua porta ou mesmo na loja de Muhammad et-Tarabishi [\[62\]](#).

Vejam, aquele filho de cão, como está a contemplar a Lua! Ah! Com isso bem que merecia agora a alcunha de Muhammad o Conquistador [\[63\]](#)! Ó AUah! Ó Salvador!"

Depois, as costas da rapariga endireitaram-se lentamente e ela levantou-se sobre o soalho do carro. Abriu a sua melaya que segurou pelas abas e começou a agitar com pequenos movimentos regulares semelhante a um pássaro batendo as asas. Enrolou-a em torno do seu corpo num drapejado apertado que revelou a delicadeza das formas e dos pormenores e, sobretudo, evidenciou umas ancas resplandecentes. Sentou-se por fim na parte traseira do carro e, sob a pressão, as suas nádegas incharam à esquerda e à direita como duas bolas de cristal... Almofada magnífica!

Yassin levantou-se e deixou o café. Já a carroça arrancara. Seguiu-a com um passo tranquilo, a língua pendente, os dentes rangendo de emoção. O carro ia vagaroso rumo ao seu destino, um pouco mole,

titubeante, sacudindo as mulheres à direita e à esquerda sobre o seu soalho. O jovem focou o seu olhar na almofada da tocadora de alaúde, acompanhando com os olhos o seu oscilar, a tal ponto que a imaginou ao cabo de algum tempo a dançar. A escuridão começara a estender o seu manto sobre a rua estreita. Inúmeras lojas fechavam as suas portas, era a hora onde a turbamulta dos transeuntes se resumia numa multidão de operários exaustos que regressavam aos seus lares, e Yassin achou, entre esta turba cansada e a escuridão, o que podia deslumbrar o seu olhar como matéria para sonhar numa paz serena. "Oh Allah, que esta rua não termine nunca, que este movimento dançante não tenha nunca um fim... Que ancas principescas conjugando insolência e delicadeza! Mesmo um miserável como eu, com um simples olhar, pode ver a macieza e a firmeza nervosa... E aquela risca diabólica que as divide, aí a melaya quase fala... Tudo o que se esconde aí por baixo é, de certeza, ainda mais majestoso... Começo a compreender por que motivo alguns fazem duas genuflexões antes de consumir o matrimónio com a esposa. Pois não é uma qubba [64]?

E, olhem, até digo mais, debaixo desta cúpula existe um sheikh e, diabos me levem, eu sou um fanático deste sheikh... Ya hoh\ Oh Adawi [65]!"

Tossicou. A carroça chegava à altura do portão de el-Metwalli. Zannouba virou-se e viu-o. Então este teve a impressão, ao vê-la virar a cabeça, de ter notado nos seus lábios a feliz promessa de um sorriso. O seu coração começou a bater com grandes pancadas e a embriaguez de uma alegria inflamada alastrou-se nas suas fibras. Depois a carroça ultrapassou o portão de el-Metwalli e tomou pela esquerda. Aí, foi obrigado a deixar de persegui-la porque, perto dali, distinguia indícios de festa e de luzes assim como uma multidão numa alegria esfuziante. Recuou, sem deixar de contemplar a tocadora de alaúde que devorava com os olhos. Observava-a descendo, e esta devolvia-lhe um relance malicioso antes de se encaminhar para a casa da noiva, onde a porta sobre ela se fechou na algazarra dos alegres trinados.

Soltando um fundo suspiro, a confusão assaltou-o. e pareceu atarantado, como que não sabendo para onde ir. "Que Deus amaldiçoe os Australianos! Onde estás, ó Azbakiyya, para que em ti derrame a minha tristeza e as minhas mágoas e alcance um pouco de paciência?"

Regressando, balbuciava: "Caminhemos até à nossa única consolação...Até Costaki." Mas mal pronunciara o nome do vendedor de especiaria grego que logo um fresco orvalho trouxe alívio à sua mente torturada pelo desejo febril do vinho. Na sua vida, as mulheres e a bebida eram algo inseparável. Um não existia sem o outro! Fora no meio das mulheres que, pela primeira vez, se entregara ao vinho, que, com o hábito, se tornara um dos ingredientes e uma das molas do seu prazer, ainda que nem sempre fosse possível reunir, lado a lado, mulheres e vinho. Pois muitas noites houvera em que as mulheres tinham sido escassas e tivera de encontrar um lenitivo para o seu desgosto na bebida. Assim, com o volver dos dias, e pela força do hábito, tornara-se, em certa medida, um apaixonado do vinho.

Regressou por onde viera. Os seus passos conduziam-no para a loja de especiarias de Costaki, no cimo do Novo Caminho, uma loja grande com rosto de especiaria e ventre de taberna, que uma pequena porta separava. Parou à entrada fundindo-se com os clientes, enquanto esquadrihava a rua com o olhar, não fosse o seu pai estar nas imediações. Depois, avançou para a pequena porta interior. Ainda não dera um passo e logo reparou num homem em pé diante da balança e o senhor Costaki em pessoa a pesar um grande embrulho. Chamou a sua atenção, sem querer. De imediato, o seu rosto ensombrou-se e um violento tremor percorreu-o, confrangendo o seu coração com medo e repulsa. Nada havia, contudo, na fisionomia do homem que pudesse desencadear esta tempestade hostil. O homem, que orçava uns sessenta anos, trajava uma ampla galabiyya e um turbante, tinha bigodes encanecidos e um ar envelhecido e pacífico. O que não obstou que Yassin continuasse o seu caminho, o espírito turvado, como se tentasse esquivar-se antes que os olhos do homem nele incidissem. Empurrou a porta da taberna com brusquidão e entrou. O chão fugia-lhe debaixo dos pés.

[59] Instrumento musical de cordas.

[60] Manto de algodão que as mulheres usavam para nele se envolver quando saíam.

[61] Literalmente: aniversário do nascimento. Festa que se celebra por ocasião do nascimento das grandes figuras do Islão. Assim, por exemplo, no Cairo, festeja-se o Muled de el-Hussein. Vendem-se então

bonecas de açúcar revestidas de roupas em papel de cores garridas.

[62] Literalmente, Muhammad o vendedor de fez.

[63] Faz alusão ao grande sultão otomano Muhammad Al-Fatih que reinou entre 1444 e 1446. e entre 1451 e 1481, célebre por ter conquistado Constantinopla.

[64] Cúpula que dominava o túmulo de um sheikh. venerado como santo pelos Muçulmanos.

[65] Exclamação usada referindo-se ao sheikh Adawi, um egípcio que viveu com fama de santo.

13

Visivelmente esgotado, o semblante desfeito, deixou-se cair na primeira cadeira que se lhe deparou perto da porta. Mandou chamar o empregado e, num tom em que transparecia a sua impaciência, encomendou uma garrafa de conhaque. A taberna tinha mormente a aparência de uma sala, com um grande candeeiro pendente do tecto, mesas de madeira dispostas em fila ao longo da parede, cadeiras de bambu ocupadas por um grupo de indivíduos das redondezas, operários e afandiya [\[66\]](#) e, no centro, mesmo por baixo do candeeiro, uma pequena colecção de vasos com cravos.

Por incrível que isso parecesse, ele não esquecera aquele homem e num primeiro olhar reconhecera-o. Mas quando o teria visto pela última vez? Era impossível dizer. Todavia o certo é que, em doze anos, só o vira duas vezes, sendo que uma delas acabara de acontecer instantes antes. Não havia dúvida, o homem estava diferente. Tornara-se um sheikh pacífico e digno. Maldita seja a cega fortuna que o pusera no seu caminho! A sua boca contorceu-se com asco e desprezo e sentiu o sabor amargo do opróbrio correr na sua saliva. Que vergonha degradante! Mal emergira, a muito custo, da sua longa vertigem e com obstinação já para lá o reencaminhava uma daquelas recordações lúgubres ou um funesto acaso, como o de hoje, para torná-lo num ser aviltado, ludibriado... perdido. Conservou, contra a sua vontade, os olhos bem abertos face a esta assombração vinda de um passado nefando, com a força da raiva que dentro da sua cabeça e no seu coração ardia. As trevas rasgaram-se sobre uma horda de fantasmas hediondos que tantas vezes diante dele se haviam erguido, símbolos do seu suplício e da sua abominação. Avistou no meio destes uma loja de frutas simada no fim do beco de Qasr Esh-Shouq e uma imagem desfocada do tempo em que não passava de uma criança. Viu a criança avançar com passos miúdos em direcção da loja onde aquele mesmo homem o acolhia e depositava nos seus braços um cesto repleto de laranjas e maçãs. Pegava nele, maravilhado, e trazia-o à mulher que o enviara e por ele esperava... a sua mãe e ninguém mais, infelizmente!

A lembrança reflectiu na sua fronte um franzir de raiva e de desespero. Depois volveu à figura do homem e perguntou-se com

ansiedade se este o reconheceria caso aparecesse diante dele. Recordar-se-ia então do garoto que, naqueles tempos distantes, conhecera no papel de filho daquela mulher? Um estremecimento de terror percorreu o seu corpo. A grande massa do seu corpo soçobrou e a sua percepção declinante ruiu, aniquilada. Neste instante, trouxeram-lhe a garrafa de conhaque e um copo. Verteu o líquido e bebeu longos tragos, nervoso, procurando alcançar, o mais depressa possível, o esquecimento dos que se rendem à bebida. Mas, de súbito, surgiu-lhe, vindo dos abissos do passado, o rosto da sua mãe e não pôde deixar de cuspir. O que amaldiçoava assim? O acaso que dela fizera a sua mãe ou a sua beleza que arrastara mais do que um homem no fogo da paixão e fizera do drama o seu universo?! Na realidade, não lhe era dado alterar uma nota do seu destino e não tivera outra alternativa senão aceitar este decreto divino que mortificava o seu amor-próprio. Não seria pura injustiça que depois disso devesse expiar os desígnios do destino, como se fosse ele o nefando criminoso?! Nunca percebera porque lhe coubera semelhante maldição; as crianças que, como ele, haviam sorrido para o mundo no regaço de mães divorciadas não eram raras e, ao contrário da maioria, encontrara da parte da sua mãe uma ternura infinita, um amor sem limites, um carinho pleno que jamais freara a vigilância de um pai. Gozara assim de uma infância feliz cujos pilares haviam sido o amor, a ternura e a gentileza.

Ainda conservava na memória inúmeras recordações da velha casa de Qasr Esh-Shouq, do seu terraço sobrepunhando os arrabaldes, donde podia avistar, dos quatro lados, os minaretes e as cúpulas. Havia também a machrabiyya por cima de el-Gamaliyya, onde todas as noites passavam os séquitos de casamento, iluminados por velas, rodeados de fanfarrões, e que quase sempre degeneravam em rixas nas quais os bastões se entrechocavam, e o sangue jorrava. Fora naquela casa que amara a sua mãe com um amor inexcedível, fora naquela casa que um espírito de negra suspeição nele germinara e lançara no seu coração a primeira semente de uma aversão singular: a aversão de um filho pela sua mãe. Quisera o destino que posteriormente esta crescesse e se multiplicasse até se metamorfosear, com o tempo, em ódio, qual uma doença incurável. Muitas vezes dissera para si mesmo que uma vontade poderosa pode prometer o homem a muitos futuros

mas que em contrapartida, e malgrado o nosso lote de vontade, possuímos sempre, única e irremediavelmente, um só passado. Perguntava-se agora, como muitas vezes antes o fizera, quando exactamente descobrira que a mãe não era a única pessoa na sua vida. Quão longe estava de ter alguma certeza. Simplesmente lembrava que, num dado momento da sua infância, os seus sentidos haviam repellido com desprezo um novo rosto, um rosto que de forma inopinada chegava a casa, de tempos a tempos, e para o qual talvez olhasse com um misto de espanto e de um leve sentimento de temor. Talvez o outro também fizesse os possíveis para lhe ser agradável e contentá-lo... Olhava fixamente para o passado com uma aversão profunda mas considerava vã qualquer resistência, como se este passado fosse um furúnculo que teria preferido ignorar no exacto momento em que a sua mão, de quando em vez, não podia evitar palpá-lo. Além do mais havia aí coisas impossíveis de esquecer. Algures, a certo momento, entre a luz e a escuridão, perto da janela mais alta ou de uma porta recortada de triângulos de vidro azuis e vermelhos... naquele lugar lembrava ter inadvertidamente visto, em circunstâncias que o esquecimento corroerá, aquele indivíduo, surgido de nenhures, que parecia estar a devorar a sua mãe. Não pôde suster um grito, vindo do fundo do seu coração, nem os soluços gemebundos, a tal ponto que a mulher se aproximou dele, manifestamente desconcertada, procurando amenizar e acalmar a sua exaltação. Neste instante, a força do ressentimento rompeu o fio condutor dos seus pensamentos e, acabrunhado, olhou à sua volta. Despejou um copo de conhaque e bebeu. Enquanto poisava de novo o copo no seu lugar, reparou numa gota de líquido na lapela do seu casaco e, pensando tratar-se de álcool, tirou o seu lenço do bolso e pôs-se a esfregar. Ocorreu-lhe então uma ideia e examinou o exterior do copo, no fundo do qual, algumas gotas de água estavam suspensas. Deduziu assim que o que provavelmente caíra sobre o seu casaco era água e não conhaque. Recuperou a serenidade... mas que serenidade ilusória! Os seus olhos viraram-se outra vez para o espelho do passado funesto. Não recordava quando se dera o anterior incidente, nem que idade tinha então, mas do que se lembrava com segurança era que o devorador não pusera termo às suas visitas à velha casa e que muitas vezes tentava conquistar a sua amizade, oferecendo-lhe todo o tipo de frutos suculentos. Via-o também na loja,

ao fundo do beco, quando a mãe o levava consigo. Com a ingenuidade própria às crianças, incitava-a a virar a cabeça do seu lado mas ela afastava-o com brusquidão proibindo-o de lhe fazer qualquer sinal. Assim, aprendera a fingir ignorá-lo, quando na rua caminhava na companhia da sua mãe. O homem tornou-se aos seus olhos cada vez mais indeciso, obscuro.

Mais tarde, a sua mãe avisara-o para não evocar o seu nome na presença de um velho tio materno, ainda vivo na época, que de tempos a tempos os visitava. Conformara-se à sua vontade, o que exacerbou a sua confusão. No entanto, a sorte não quisera ficar por aí: se durante vários dias o homem não aparecia em casa, a mãe enviava-o à sua casa para solicitar a sua presença... "esta noite!". Então, o homem acolhia-o amável e terno, enchia uma folha de papel com maçãs e bananas e encarregava-o, da sua parte, de transmitir a sua anuência ou a sua recusa, consoante os casos. Em breve chegara ao extremo de, quando desejava aquelas frutas deliciosas, pedir permissão à sua mãe para ir ter com ele para convidá-lo... "esta noite!". Lembrava estas coisas, a fronte banhada de suor, envergonhado. Estupefacto, soprou e despejou um copo que esvaziou de um trago. Lentamente, o fogo do álcool afluía no seu sangue e começava a desempenhar o seu papel mágico, ajudando-o a suportar a sua dor. "Já o disse mil vezes, é necessário deixar o passado soterrado no seu túmulo... Para quê... Eu não tenho mãe, a mulher do meu pai, tão benevolente e boa, chega-me perfeitamente!

Tudo está bem, tirando estas velhas lembranças que só de mim depende apagar. Por que diabo tenho sempre de ceder ao seu assédio e ressuscitá-las a todo o instante? Porquê? É o azar, por certo, que colocou aquele tipo no meu caminho, mas um dia vai bater as botas, não poderá evitá-lo! Gostaria que muitos outros morressem assim... ele não foi o único!" Apesar da sua relutância inicial, o seu pensamento em efervescência prosseguia, através das trevas do passado, o seu caminho nocturno, mas num estado de tensão menor. Sem dúvida, a continuação desta história enquanto tal não era muito mais longa. Talvez se caracterizasse pela luz relativa que o alumiará após a travessia das trevas da pequena infância. Isso acontecera durante os escassos anos que haviam precedido a sua passagem para a tutela do seu pai. A sua mãe tivera o topete de lhe declarar que aquele "

vendedor de frutas" renovava as suas visitas para lhe pedir a mão, que ela hesitava em aceitar e que havia grandes hipóteses que recusasse devido ao respeito que tinha por ele. Haveria alguma verdade nestas palavras? Estava pouco seguro da exactidão das suas lembranças, mas do que estava certo era que ele esticava o pescoço para compreender, confrontado a uma dúvida obscura que só no coração se revelava, deixando a razão na sombra, e à hidra da angústia que afugentara da sua mente a pomba da paz. Foi assim que nele se formou um torrão apto a acolher a semente do ódio que, dia após dia, cresceu sempre mais. Depois, com nove anos, foi entregue à guarda do seu pai que muito raramente vira para evitar fricções com a mãe. Foi conduzido à sua casa como um garoto ainda sem apuro, desprovido dos rudimentos do saber, e começou a pagar o preço pelos aspectos negativos do casulo em que o enredara a sua mãe. Foi com um espírito revoltado e sem vontade que recebeu o ensino que lhe ministraram. E não fora a firmeza do seu pai e o ambiente caloroso do seu novo lar, não teria conseguido entrar para a escola primária tendo já perfeito dezanove anos. Depois, com a idade e a compreensão da realidade, passara em revista a sua vida em casa da sua mãe, esquadrinhando-a em todos os sentidos, com as luzes da sua nova experiência. Foi então que a verdade se lhe revelou em toda a sua amargura e crueza.

À medida que dava mais um passo na vida, o passado parecia-lhe uma arma cada vez mais envenenada, ancorada no fundo do seu ser e da sua dignidade. No começo, o seu pai tentara insistentemente interrogá-lo sobre a sua vida em casa da sua mãe, mas, apesar da tenra idade, evitara exumar lembranças penosas. O seu orgulho ferido superava o seu desejo de suscitar o interesse paterno e a paixão da tagarelice que tanto fascina as crianças da sua idade. Guardara o silêncio até ao dia em que lhe haviam chegado estranhos rumores relativos ao casamento da sua mãe com um mercador de carvão de el-Mabyada. Chorara longamente e, com o peito cada vez mais esmagado sob o peso da indignação, não mais pudera conter-se e correra contar ao seu pai o episódio do "vendedor de frutas" que um dia ela, por respeito ao filho, pretendia recusar. Desde então, os laços haviam-se rompido. Durante onze anos, apenas soubera notícias dela através do que lhe ia fornecendo o seu pai: o seu divórcio com o vendedor de carvão, por exemplo, ao cabo de dois anos de casamento, o seu novo

casamento com um brigadeiro da polícia no ano seguinte ao seu divórcio, depois, volvidos cerca de dois anos, novamente o divórcio etc. Durante a longa separação, a sua mãe tentara inúmeras vezes revê-lo. Enviara pessoas junto do seu pai para que este o autorizasse a vir visitá-la, mas Yassin fazia ouvidos de mercador, opondo aos seus desejos uma recusa e um desprezo violentos, apesar dos conselhos do seu pai que o convidava à indulgência e ao perdão. Na verdade, alimentava em relação a ela um ressentimento intenso, que vinha do fundo do seu coração amargurado. Fechara as portas do perdão e da clemência, e erigira à sua volta as muralhas do furor e do ódio, convencido de que não havia sido injusto para com ela mas lhe reservara o destino que as suas acções impunham, "Uma mulher. Sim, apesar de tudo, é apenas uma mulher e toda a mulher traz com ela a mácula e a maldição. Uma mulher só sabe o que a virtude é quando mantida afastada das sendas do adultério... Mesmo a do meu pai, que é tão bondosa, só Deus sabe o que, sem ele, lhe poderia ter acontecido!" De repente, a voz de um conviva ecoou rompendo o fio condutor dos seus pensamentos: "O vinho só tem vantagens! Àquele que diz o contrário, corto-lhe a cabeça... O haxixe, o manzul, o ópio têm muitos inconvenientes... Mas o vinho só tem vantagens!" Um outro perguntou: "E quais são as vantagens?" "Quais? Mas que pergunta!", respondeu o primeiro. "Só tem vantagens, acabei de dizê-lo... Aliás, sabes perfeitamente do que estou a falar e sei que concordas comigo!" O colega: "Mas, mete isso na tua cabeça, o haxixe, o ópio e o manzul também têm vantagens! Toda a gente o diz! Queres ir contra a opinião da maioria?" O homem esperou um momento antes de responder: "Então, tudo é bom, tudo, o vinho, o haxixe, o ópio e o manzul e tudo o que hoje se faz?" O outro voltou à carga num tom triunfante: "Sim, mas o vinho é proibido!" "E daí? Não são os expedientes que faltam!", retorquiu o outro exasperado, "Dá a esmola, faz a peregrinação, dá de comer aos pobres,.. As portas da penitência estão escancaradas e uma boa acção vale por dez!" Yassin sorriu, algo reconfortado. Sim, afinal, bem podia rir reconfortado!.,, "Que o diabo a carregue e que leve o passado com ela. Não tenho nada a ver com isso. Todo o ser, nesta vida, é maculado e quando levantamos o véu descobre-se cada uma! Só há uma coisa que me preocupa imenso: os seus bens imobiliários, A loja de el-Hamzawi, o apartamento de el-

Ghuriya e a velha casa de Qasr Esh-Shouq, Juro perante Allah que, se algum dia herdo tudo isso, irei de boa vontade rezar pedindo para ela a Clemência Divina., Ah!.,, Zannouba.,, Já me esquecia de ti. Foi o diabo, com certeza, que me fez esquecer de ti. Já que uma mulher me fez sofrer, tenho de procurar consolo junto de outra!.,, Ah!.,, Zannouba! Até hoje ignorava que o teu ventre tinha uma cor tão bela! Enfim! Afastemos este pensamento da nossa mente!... Na verdade, a minha mãe é como um molar que desperta, nunca se acalmará, enquanto não o tivermos arrancado!"

[\[66\]](#) Orientais vestidos à europeia.

14

O senhor Ahmad Abdel Gawwad sentou-se atrás da sua secretária, brincando com o seu bigode elegante com os dedos da mão direita, como sempre fazia quando o curso dos seus pensamentos o arrastava, no seu contentamento, de olhos abertos sobre o vazio, trazendo no rosto estampado as marcas de uma felicidade saciada. Sem dúvida, estava satisfeito por sentir o amor e a amizade que as pessoas lhe manifestavam. E mesmo se, diariamente, recebia provas disso, era sempre uma fonte de um júbilo radioso que nenhuma repetição podia exaurir. Acabara nesse mesmo dia de receber uma nova manifestação, quando na noite anterior se vira forçado a não participar num serão amigável para o qual um dos seus amigos o convidara. Mal se instalara na loja, de manhã, recebeu a visita do seu hóspede e de um bando de amigos convidados naquela noite. Cobriram-no de censuras pelo facto de não haver honrado o convite e responsabilizaram-no pela alegria e pelo prazer arruinados. Acresceram que não haviam rido tão alegremente como soíam fazê-lo em sua companhia, que não haviam encontrado na bebida o prazer que aí achavam quando com eles estava e finalmente que a reunião se ressentira literalmente da ausência do seu espírito. Agora, repetia para si estas palavras com uma satisfação orgulhosa que amenizou sensivelmente a rudeza das censuras que suportara e as calorosas desculpas que dera. Todavia, não cessou de flagelar uma consciência por natureza sequiosa de agradar os outros, sempre pronta a beber à fonte da amizade e da fraternidade, com sinceridade e amor ao próximo. O seu bom humor teria sofrido com isso, não fora o sopro generoso de satisfação e de orgulho que a "revolta" daqueles, reveladora do profundo afecto pela sua pessoa, nele espalhara. Quantas vezes, o amor que o impelia para os outros e atraía as pessoas a si havia sido o amparo do seu coração, uma fonte que o dessedentava a seu bel-prazer com uma alegria radiante e um orgulho inocente, como se houvesse nascido principalmente para a amizade!

Mas outra prova deste amor, um amor na verdade de uma espécie totalmente diversa, revelou-se-lhe quando, nessa manhã, Umm Ali, a casamenteira, o visitara e lhe declarara depois de muitos rodeios: "Sabias que Sitt Naffousa, a viúva de el-Hajj Ali ed-Disuqi, possui sete lojas no bairro de el-Migharbelin?"

Ahmad Abdel Gawwad sorriu e instintivamente compreendeu ao que queria chegar. Teve a intuição de que desta vez não viera desempenhar apenas o papel de casamenteira mas o de mensageira encarregue de ser discreta. Não havia tido várias vezes a impressão de que Sitt Naffousa nas suas repetidas visitas à loja onde fazia as suas compras lhe fazia quase a confissão dos seus sentimentos? Não pôde contudo deixar de trocar da mulher, mesmo que para tão-só se divertir um pouco. Disse com um interesse fingido: "Tente arranjar-lhe um marido digno dela, não é qualquer um que lhe pode convir!" Umm Ali teve a impressão de ter tocado no ponto certo e anunciou-lhe: "É a si que ela quer, e mais ninguém, o que pensa disso?" Ahmad Abdel Gawwad soltou uma gargalhada estrondosa que revelava a sua alegria e a sua confiança em si mesmo, mas replicou num tom cortante: "Já me casei por duas vezes. Fracasei da primeira vez e, da segunda. Deus concedeu-me o êxito, não vou desprezar a Sua graça!" Com efeito, durante muito tempo, relutara face às tentações do casamento, apesar das inúmeras ocasiões favoráveis que se lhe haviam apresentado, e inflexível na sua decisão, como se nunca esquecesse o exemplo do seu pai que, de forma inconsiderada, se deixara arrastar no declive de casamentos incessantes que haviam desbaratado a sua fortuna, trazendo-lhe muitas contrariedades, fazendo com que o seu único descendente recebesse uns míseros tostões. Fora, numa fase posterior, e por meio de ganhos e rendimentos próprios, que ele acedera a uma abastança que garantia o bem-estar e o conforto da sua família, e nos seus prazeres e divertimentos, lhe permitia despende com mão pródiga. Como poderia, assim sendo, dar a preferência ao que arruinaria esta situação magnífica e harmoniosa, garante de dignidade e de liberdade?! Era um facto, Ahmad Abdel Gawwad não amealhara uma fortuna, não por ser incapaz de encontrar os meios necessários, mas devido à sua natureza generosa. Esta fizera com que a sua própria dilapidação e o deleite dos seus vestígios se tornassem no único sentido dessa mesma fortuna em que ele acreditava. A isto juntava-se uma fé profunda em Deus e na Sua bondade, que derramava na sua alma paz e confiança e o resguardava do medo relativo à subsistência e ao futuro que aflige tanta gente. Mas a sua renitência face às tentações do casamento não baniam a alegria e o orgulho que o tomavam sempre que se lhe oferecia uma ocasião favorável. Não podia, por

consequente, perder de vista o facto de que Sitt Naffousa, uma mulher linda, desejava tê-lo por esposo. Esta reflexão apoderou-se dos seus pensamentos e começou a observar o seu empregado e os clientes com um olhar distraído, um sorriso sonhador banhando o seu rosto. Lembrou, ainda com o mesmo sorriso, o que, nessa manhã, lhe dissera um dos seus amigos num tom de brincadeira, fazendo alusão ao seu perfume e à sua elegância: "Pára com as despesas, velho galanteador!" Velho?!... Tudo bem, tinha quarenta e cinco anos, mas quem poderia apontar algo para criticar diante daquela compleição robusta que recendia saúde, dos cabelos alisados, de um negro lustroso? A sua sensação de juventude não o largara nem um pouco; como se, de dia para dia, o seu verdor ganhasse maior pujança, para além de estar longe de perder de vista a noção do seu mérito pessoal. Tinha de si, apesar de modesto e simples, uma percepção tanto mais penetrante que o seu orgulho e o seu amor-próprio se achavam sepultados nos recessos da sua alma. Era um férvido amante de encómios. Parecia utilizar a sua modéstia e a sua gentileza para atraí-los em maior número e a estes instigar, por um ardil bem-intencionado, os seus amigos. Mas, apesar de a sua confiança em si próprio contar com a convicção de ser, de entre os homens, o mais forte, o mais notável, o mais encantador e de melhor estirpe, jamais se havia mostrado inoportuno com alguém. Pois a sua desafecção era uma disposição natural, um traço inato que tivera origem num temperamento ameno, sincero e amável. Assim, amava por uma inclinação completamente natural, numa busca perpétua de um acréscimo de amor. A sua natureza, por este instinto inspirada, tomara o caminho da autenticidade, da fidelidade, da pureza e da modéstia, virtudes que apelavam ao amor e ao consentimento, como as flores atraem as borboletas. Por isso, era lícito afirmar que a sua modéstia era uma delicadeza ou uma disposição natural ou, melhor dizendo, uma disposição natural que tirava a sua delicadeza da voz do instinto, e não de directivas da vontade. Revelava, portanto, um carácter singelo, despido de afectação, de maneirismos. Logo, para mais facilmente encontrar afecto e amor, não referia as suas qualidades, encobria as suas virtudes, e chegava mesmo a chasquear dos seus defeitos e taras. O que tais atitudes lhe granjeavam era, em muito, superior ao que obteria da enfatuação e da vanglória, comportamentos que

habitualmente irritam e suscitam o ciúme. Uma afabilidade judiciosa levava os admiradores a porem em relevo o que, por sabedoria e pundonor, ele ocultava. Tal amplitude dada às suas virtudes jamais por ele haveria sido alcançada sem sacrificar os traços mais nobres da sua personalidade, a simpatia e o amor puro de que gozava. Fora por este sopro instintivo que se regea mesmo na sua existência dissoluta, nas suas reuniões amicais e nos seus serões de prazer. Em circunstância alguma se apartara, não obstante o grau de ebriedade, do seu discernimento e da sua delicadeza. Se assim o entendesse, teria, graças à sua vivacidade de espírito, à sua desenvoltura, ao seu humor gracioso, à sua ironia mordaz, facilmente monopolizado todas as conversas. Mas governava o seu cenáculo com perícia e generosidade, dando, a cada qual, o ensejo de se exprimir. Com as suas gargalhadas, encorajava os que se entretinham com jogos de palavras ruidosos, mesmo quando lhes negasse o êxito. Além disso, importava-lhe, em particular, não ferir ninguém com as suas zombarias e, se no fogo da acção era levado, malgrado sua vontade, a atacar algum amigo, cuidava das feridas resultantes das suas investidas, animando-o e acarinhando-o, mesmo que para isso tivesse de servir de objecto de mofa. O círculo dos amigos não se dispersava enquanto não fosse concedido a cada um o que, no néctar das suas memórias, enchia os peitos de alegria e extasiava os corações. Contudo, os resultados felizes advenientes da sua cortesia natural ou da sua natureza delicada não se restringiam à vida de folguedos e espraíavam-se por importantes domínios da sua vida social. Assim, também estes evidenciavam, da forma mais ofuscante, a sua proverbial generosidade, cujos traços eram patentes quer nos banquetes que, de tempos a tempos, oferecia na casa grande, quer nos donativos distribuídos aos mais necessitados que gravitavam em torno do seu local de trabalho ou da sua pessoa, quer ainda na sua nobreza de coração. Estas qualidades humanas asseguravam-lhe uma espécie de protecção tutelar, aureolada pelo amor e pela fidelidade dos seus amigos e dos seus conhecidos. Estes últimos a ele acorriam, caso se fizesse sentir a premência de um conselho, de uma intercessão ou de um serviço relativo a problemas profissionais ou de dinheiro, questões pessoais, familiares, como os noivados, o casamento ou o divórcio. Reconhecia para si funções que assumia com o amor como única contrapartida, desdobrando-se no

papel de mensageiro, de encarregado das questões matrimoniais, de árbitro. Os seus esforços no exercício das suas funções não impediam uma vida sempre cheia de alegria ou de jovialidade. Transpareciam nele inúmeras virtudes sociais, embora as encobrisse como se o facto de manifestá-las constituísse alguma ofensa grave. O senhor Ahmad tinha razões de sobejo- quando com os seus pensamentos se encontrava a sós e que se rasgava o véu de pudor que, face aos demais, o recobria - de avaliar morosamente as suas qualidades distintivas e deixar-se arrebatado pela soberba e pela presunção. Portanto, lembrava as censuras dos seus entusiásticos amigos e o convite de Umm Ali, a casamenteira, com um prazer e uma exultação que no seu coração se fundiam em puro embevecimento, até vir perturbá-lo a sombra de um remorso. Disse de si para si: "A senhora Naffousa tem vantagens que não podem ser negligenciadas! Muitos querem-na, mas é para mim que o seu coração tende... De qualquer modo, não faço tensões de casar com ela, está decidido... E ademais, não é o tipo de mulher que frequenta um homem fora do casamento... Sou como sou, e ela é como é... Assim sendo, como encontrarmo-nos? Se, pelo menos, ela tivesse vindo ter comigo num outro momento e não agora que os Australianos nos entrincheiraram, teria tudo corrido às mil maravilhas, mas fez-se de esquisita quando precisei dela. É pena!"

Bruscamente, uma caleche estacou à entrada da loja, o que pôs termo aos seus pensamentos. Estirou o pescoço e viu o veículo que, sob o peso de uma mulher enorme, se inclinava para a loja. Com uma lentidão extrema, começou a apeiar-se, tanto quanto lho permitiam as dobras do seu corpo anafado. Uma jovem criada negra precedera-a e estendera-lhe a mão para lhe servir de amparo. Qual um palanquim, a mulher deteve-se por instantes para recobrar o fôlego como que descansando após a descida e, qual um palanquim, arrancou, oscilando rumo à loja, antecedida pela voz da criada que ressoava anunciando a sua senhora num tom quase declamatório:

- Deixa passar, meu rapaz! Tu e o outro, aí, venham acolher Sitt Zubaida, a rainha das cantoras.

A senhora Zubaida soltou um ridendo arrulho e exclamou, dirigindo-se à criada num tom de falsa reprimenda:

- Deus te perdoe, Gulgul! Ora vejam! A rainha das cantoras! Francamente! Nunca te ensinaram o que é a virtude da modéstia!

Gamil El-Hamzawi precipitou-se para ela com um sorriso rasgado até às orelhas;

- Seja bem-vinda! Sinceramente, deveríamos ter estendido um tapete de areia!

Ahmad Abdel Gawwad ergueu-se, meditativo, examinou a cantora, com um olhar de espanto, e arrematou as saudações do seu empregado;

- Eu diria mais, um tapete de hena e de rosas! Mas o que podemos nós dizer quando a sorte, sem prévio aviso, sobrevêm diante de nós!

Ahmad Abdel Gawwad, que vira o seu empregado mover-se para trazer uma cadeira, adiantou-se-lhe e apoderou-se desta, numa única e ampla pernada quase num salto. el-Hamzawi, reprimindo um sorriso, colocou-se de lado. Então, o senhor Ahmad em pessoa ofereceu a cadeira à cantora, estendeu-lhe a palma da mão virada para cima e inclinou-se num sinal de boas-vindas, parecendo dizer; "Por favor!" Porém, a sua mão abriu-se, sem que dissesse se apercebesse, até ao seu ponto máximo de tensão e o espaço entre os dedos acentuara-se até formar um leque. Talvez a sua imaginação deflagrasse ante a visão daquele traseiro impressionante que se preparava para preencher o fundo da cadeira e a fatalmente transbordar dos lados. Ela agradeceu-lhe. Um sorriso brilhava no seu rosto, cuja beleza à luz do dia resplandecia. Depois, sentou-se deixando que o fulgor da sua maquilhagem e das suas jóias se disseminasse em seu redor. Então, virou-se para a sua criada e dirigiu-se-lhe com palavras que se referiam a outrem;

- Não te avisei já, Gulgul, que não precisamos de correr à direita e à esquerda para fazer as nossas compras quando temos à mão esta loja de categoria!

- Tens razão, como sempre, minha sultana. Por que motivo ir tão longe quando temos um homem de coração como o senhor Ahmad Abdel Gawwad! - aprovou a criada.

A senhora Zubaida deslocou a cabeça para trás, como que horrorizada pela declaração de Gulgul. Relanceou-a com uma expressão de censura, e os seus olhos borboletearam entre a criada e o nosso homem que tomou como testemunha da sua desaprovação, dizendo com um sorriso contido;

- Mas, ó infeliz! Eu estava a falar da loja, Gulgul, não do senhor

Ahmad! O coração sensível do senhor Ahmad percebeu a atmosfera de cálida amizade que as palavras da senhora exalavam, por isso o seu instinto fogoso não tardou a emergir e com um sorriso, também ele, murmurou;

- A loja e o senhor Ahmad são a mesma coisa, ó sultana!

Ela soergueu as sobrancelhas com galhardia e replicou com uma amável teimosia;

- O que nos interessa é a loja e não o senhor Ahmad!

Era manifesto que o senhor Ahmad não fora o único a sentir o ambiente caloroso que a sultana gerara. De um lado, estava Gamil el-Hamzawi, assaz dividido, que regateava com os clientes ao mesmo tempo que de soslaio olhava furtivamente para as partes descobertas do corpo da cantora, do outro, os clientes cujos olhares vagabundeavam, de uma ponta a outra, por entre as mercadorias e, neste vaivém, afluíam a mulher. E ademais a abençoada visita não cessava de atrair os olhares da rua, pelo que o senhor Ahmad julgou mais sensato aproximar-se da sultana de modo a, com as suas largas costas, separá-la da curiosidade dos transeuntes que se juntavam numa aglomeração importuna. Apesar disto, não esqueceu em que ponto da conversa estavam e retomou-a onde fora interrompida:

- Deus quis, na Sua imensa sabedoria, que, por vezes, os seres inanimados tenham um destino mais feliz que os homens!

- Penso que está a exagerar - respondeu ela num tom que era significativo. - Nunca na vida! Os seres inanimados não têm um destino mais feliz que os homens: apenas são, muitas vezes, de maior utilidade!

Os olhos azuis percorriam-na e ele exclamou, com um espanto afectado:

- De maior utilidade!... Esta loja! - acrescentou, mostrando-lhe o chão. Ela concedeu-lhe um sorriso doce e breve, antes de precisar num tom não isento de uma rudeza um tanto contrafeita:

- Quero açúcar, café e arroz. Será que, para tais coisas, o homem pode substituir a loja?

Acresceu, em seguida, num tom de indiferença em que assomava um certo garbo:

- Além do que, se há coisa que não falte por aí, são homens!

As portas da concupiscência escancararam-se diante do senhor

Ahmad. Sentiu que acabava de tropeçar em algo mais importante que o comércio.

- Nem todos os homens são iguais, sultana - protestou. - E aliás quem lhe disse que o homem não pode substituir o arroz, o açúcar ou o café?!... É, na verdade, no homem que pode encontrar o alimento, as doçuras, o prazer!

- Afinal, está a falar de um homem ou de uma cozinha? - perguntou ela, rindo.

- Se olhar com atenção - replicou então Ahmad Abdel Gawwad, num tom triunfante -, descobrirá uma semelhança espantosa entre o homem e a cozinha: ambos são vida para o ventre!

A cantora baixou os olhos por momentos. Ahmad Abdel Gawwad aguardou que ela os reerguesse banhados num sorriso deslumbrante, mas esta lançou-lhe um olhar reservado e, de imediato, ele pressentiu que a mulher acabara de mudar de "táctica" ou talvez não estivesse plenamente satisfeita com o seu deslize. E assim ouviu-a calmamente dizer, alterando a rota:

- Que Allah o ajude! Mas, contentemo-nos por hoje com o arroz, o café e o açúcar.

Forjando um semblante fechado, desviou-se e chamou o seu empregado, a quem indicou, em voz alta, a encomenda da mulher. Algo nele havia que sugeria outrossim que decidira pôr termo à brincadeira e regressar às coisas sérias. Mas era uma simples manobra ao cabo da qual reencontrou o seu sorriso corrosivo. Dirigiu-se à sultana, num sussurro:

- A loja e o seu dono estão às suas ordens!

A artimanha resultou e a mulher respondeu divertida:

- O que eu quero é a loja, mas você insiste em oferecer-se juntamente com ela!

- É porque eu valho mais do que a loja ou do que de melhor ela possa conter!

O rosto da mulher iluminou-se com um sorriso matreiro:

- Eis algo que contradiz tudo o que ouvi dizer acerca da qualidade das suas mercadorias!

O senhor Ahmad desmanchou-se a rir:

- Para que quer açúcar se na sua língua já existe tanta doçura?!

Um momento de silêncio seguiu-se a esta justa oratória. Cada qual

parecia muito satisfeito consigo mesmo. Depois, a cantora abriu a sua mala e dela retirou um espelho de punho prateado no qual começou a mirar a sua imagem. Ahmad Abdel Gawwad voltou para a sua secretária, no rebordo da qual se manteve apoiado, em pé, enquanto, com circunspeção, detalhava o rosto da cantora. Na verdade, algo o advertira, logo que sobre ela poisara os seus olhos, que a sua visita com que o honrava encobria razões alheias ao comércio.

Posteriormente, a sua conversa, com a sua cálida cumplicidade, viera consolidar este sentimento. Doravante o seu único problema era saber se devia levar adiante aquela amena cavaqueira ou deter-se por ali. Não era a primeira vez que a encontrava. Cruzara-se com ela, por diversas ocasiões, nas festas em casa dos amigos. Soubera por alguns que o senhor Khalil el-Bannan a tomara como amante durante um certo tempo, após o que, se bem que recentemente, se haviam separado. Talvez esta fosse a razão por que viera se abastecer nesta nova loja. Era de uma beleza extraordinária embora ocupasse actualmente um mero lugar secundário na sua qualidade de cantora. Mas era antes a mulher do que a cantora que lhe interessava. Não era porventura sensual e meiga? Não escondia ela nas dobras da sua exúndia e na sua carne o calor que combate o Inverno gélido que já batia às portas? A chegada de el-Hamzawi carregado com três embrulhos quebrou o fio dos seus pensamentos. A criada pegou neles, enquanto a mulher introduzia a mão na sua mala para retirar, ao que tudo levava a crer, dinheiro, mas Ahmad Abdel Gawwad deteve-a com um gesto:

- Não, assim está a querer ofender-me!

- Mas como, meu caro senhor? Não há ofensa alguma em querer pagar o que se deve! - retornou ela, disfarçando a sua surpresa.

- Esta é uma visita abençoada que devemos saudar com a homenagem que lhe é devida. Nem pense em pagar o preço!

Enquanto falava, ela levantara-se e não oferecera séria resistência diante do seu gesto nobre. Acrescentou todavia:

- Porém, a sua generosidade obrigar-me-á a pensar duas vezes antes de aqui voltar para vê-lo...

Ele desatou a rir:

- Não se preocupe, começo sempre por fazer favores aos meus clientes para recuperar tudo das vezes seguintes, nem que para tal

tenha de roubá-los. É a palavra de ordem entre nós, comerciantes!

A cantora sorriu e estendeu-lhe a mão declarando:

- Os homens generosos, como o senhor, deixar-se-iam mais facilmente roubar do que roubariam os outros! Fico-lhe agradecida, senhor Ahmad.

- Oh! Por favor, sultana, é de coração - retornou ele.

Ficou em pé, vendo-a caminhar para a porta, pavoneando-se até ter subido para a caleche e aí se ter instalado. Gulgul sentou-se num pequeno banco à sua frente e o veículo arrancou, com o seu precioso carregamento, antes de desaparecer.

Neste instante, el-Hamzawi perguntou, virando uma das páginas do livro de contas:

- Como vamos fazer para saldar esta conta?

Ahmad Abdel Gawwad lançou-lhe um olhar de relance e replicou alegre:

- Inscreve no lugar da soma: "Mercadorias destroçadas pela paixão!" Depois resmoneou enquanto se dirigia para a sua secretária:

- Allah é Belo, ama a beleza!

15

A tarde chegava ao seu termo, Ahmad Abdel Gawwad encerrou a loja e sorriu. Rodeava-o um halo de dignidade e emanava da sua pessoa um perfume delicioso. Dirigiu-se para os lados de es-Sagha ^[67] e, daí, para el-Ghuriya até ao café de Si Ali.

Reparou, enquanto se aproximava, na casa da cantora e nos edifícios adjacentes. Observou as lojas alinhadas de um lado e doutro, ainda abertas, e o fluxo de transeuntes em plena efervescência. Prosseguiu a sua marcha até à casa de um amigo onde permaneceu uma hora e do qual se despediu para regressar para os lados de el-Ghuriya que, praticamente deserta, se dissolvia sob o manto da escuridão.

Abeirando-se da casa, resoluto e calmo, bateu à porta e aguardou, examinando as imediações. O local tinha por único foco de luz um raio que coava de uma clarabóia do café de Si Ali e um candeeiro de gás pousado sobre um carro de mão perto do Novo Caminho. A porta entreabriu-se sobre a silhueta de uma criada. Sem lhe dar tempo para falar, o senhor Ahmad perguntou com uma voz portentosa e decidida:

- A senhora Zubaida está?

A criada ergueu os olhos e retornou-lhe, por seu turno, com a deferência que lhe ditavam as condições inerentes à sua função:

- Quem devo anunciar, meu senhor?

- Diga que é alguém que quer acertar com ela a animação de um serão - respondeu com a sua voz sonora.

- Faça o favor de entrar!

Arredou-se polidamente diante dele. Entrou e atrás dela subiu os degraus estreitos de umas escadas que conduziam a um corredor. Aí chegados, a criada abriu a primeira porta que dava acesso a um aposento sombrio. De pé junto à entrada, conservava-se atento aos passos da criada, que a correr sumira e que agora voltava com um candeeiro na mão. Observou-a fixamente, enquanto colocava a luz sobre uma mesa baixa e trazia uma cadeira para o meio da sala sobre a qual se alçou para acender a grande lâmpada que do tecto pendia. Posto isto, arrumou a cadeira, pegou no candeeiro e saiu, dizendo com cortesia: "Queira sentar-se, meu senhor" Ahmad Abdel Gawwad

encaminhou-se para um sofá do fundo da peça e acomodou-se com uma desenvoltura e uma calma que denunciavam o seu hábito de situações similares e a sua plena convicção quanto a um resultado satisfatório. Tirou o seu fez, colocou-o sobre uma almofada no meio do sofá e estirou as pernas, descontraído. Distinguiu então uma sala de tamanho médio, mobilada com sofás dispostos em fila ao longo das paredes e com poltronas, o chão coberto por um tapete persa e, frente a cada um dos três grandes sofás, uma mesa baixa com incrustações de nácar. As cortinas das duas janelas e da porta estavam fechadas. O ar estava carregado de um perfume de incenso que o deleitava, enquanto olhava divertido uma borboleta que volitava e nervosamente se debatia por cima da lâmpada. Ficou à espera, algum tempo, durante o qual a criada lhe serviu café, até que tilintasse aos seus ouvidos o ruído cantante de umas babuchas, com um martelar excitante. Pôs-se em alerta e fixou a porta aberta cujo vazio rapidamente foi preenchido pelo corpo bem delineado e planturoso, envolto no voluptuoso drapejado de um vestido azul. Mal a mulher poisou os olhos nele, logo estacou:

- Em nome de Allah, o Clemente, o Misericordioso! O senhor?

O seu olhar vivo e glutão corria pelo corpo da mulher, qual um rato trotando sobre um saco de arroz e procurando um meio para nele penetrar.

- Em nome de Deus, seja o que Deus quiser [68]!...- exclamou, boquiaberto de admiração.

Ela recomeçou a avançar, sorrindo-lhe:

- Baixe os olhos! Deus me proteja! - disse num tom de temor contrafeito.

Ahmad Abdel Gawwad ergueu-se, pressuroso, agarrou a mão que esta lhe estendia, onde o seu grande nariz aspirou os olores do incenso.

- Como é que pode temer os invejosos quando tem em casa um tal incenso?

Ela retirou a sua mão e recuou alguns passos até um sofá:

- O meu incenso é somente bem e bênção! - disse, sentando-se. É uma mistura de variedades diferentes, alguma árabe, outra indiana, que eu mesma preparo. É capaz de expulsar mil e um demónios do corpo!

- Excepto do meu! - replicou ele. - São demónios doutra espécie que me têm em seu poder e contra os quais o incenso não tem qualquer efeito. O meu caso é bem mais sério e alarmante!

A mulher bateu no seu peito que se sublevava como um odre:

- Mas eu animo festas e não rituais de exorcismo!

- Daqui a pouco, veremos se tem remédio para o meu mal! - acrescentou ele cheio de esperança.

Fez-se um breve silêncio. A sultana começou a olhar para ele, com um ar vivo, como se tentasse decifrar o segredo da sua presença ali. Teria realmente vindo tratar da animação de uma festa, como afirmara à criada? Dominou-a um desejo de saber mais:

- É para um casamento ou uma circuncisão?

- É o que quiser - respondeu sorrindo.

- Tem um incircunciso ou uma noiva?

- Tenho tudo, ao mesmo tempo!

Ela admoestou-o com o olhar, como que a dizer: "Como pode ser tão insuportável!" Depois acrescentou, irónica:

- Em qualquer dos casos, estamos à sua inteira disposição!

Ahmad Abdel Gawwad levou, em sinal de agradecimento, as duas mãos à cabeça e disse com uma gravidade em completa oposição às suas intenções:

- Que Deus lhe conceda grande estima! Quero todavia deixar-lhe a livre escolha!

Ela soltou um suspiro de exasperação, meio a brincar:

- É claro que prefiro os casamentos!

- Mas eu já sou um homem casado, não preciso de mais outro séquito para as bodas!

- Que brincalhão! - exclamou ela. Então que seja a circuncisão!

- Assim seja!

- É para o seu filho mais novo? - perguntou desconfiada.

- Não, é para mim! - respondeu simplesmente, torcendo os bigodes.

A sultana soltou o seu riso indolente e decidiu pôr termo à questão da animação do serão, pela qual secretamente ansiara.

- Que grande vagabundo! Se a minha mão o apanhasse, desancá-lo-ia!

Ahmad Abdel Gawwad levantou-se e aproximou-se:

- Os seus desejos são ordens!

Sentou-se ao seu lado. Estava prestes a esbofeteá-lo, mas hesitou, por um instante, e acabou por renunciar.

- Por que motivo me recusa o prazer de me bater? - perguntou ansioso.

Ela sacudiu a cabeça e replicou com ironia:

- Tenho medo de contrariar as minhas abluções!

- Posso aspirar a rezarmos juntos?

No instante em que isso dissera, no seu coração implorara a Allah que o perdoasse. Pois, mesmo se não existiam limites para a sua tagarelice :-do arrastado pelas suas brincadeiras, o seu coração não era capaz de achar consolação ou de acompanhar a impetuosidade da sua alegria antes de com sinceridade ter pedido perdão por tudo o que, de forma prazenteira a sua língua dizia.

A sultana retorquiu com um misto de galanteria e de ironia:

- Sua Excelência refere-se à oração que é preferível ao sono [\[69\]](#)?

- Diria, para ser mais rigoroso, a oração que com o sono se confunde.

- Que homem digno e piedoso por fora, vicioso e imoral por dentro!
- exclamou ela entre estrepitosas risadas. - Começo mesmo a acreditar no que, a seu respeito, me contaram!

Ahmad Abdel Gawwad retesou-se no seu lugar, inquieto:

- E o que lhe contaram? Ah, Deus nos guarde das intrigas!

- Ouvi dizer que tem um fraquinho por inúmeras mulheres e que adora beber!

Soltou um suspiro sonoro para deixar transparecer o seu alívio:

- Ufa! Estava à espera de calúnias, que Deus nos guarde!

- Não lhe disse já que não passa de um depravado impudente?!

- O que revela que fui aprovado, se Deus quiser! A mulher ergueu a cabeça com arrogância e disse:

- Nem pensar! Eu não sou uma daquelas mulheres a que está habituado... Não é que me queira vangloriar, mas todos conhecem Zubaida pelo seu sentido de honra e pelas suas escolhas escrupulosas!

O senhor Ahmad colou as suas mãos contra o peito e dirigiu-lhe um olhar de desafio em que luzia carinho e disse placidamente:

- "Quando posto à prova, o homem é ou desprezado ou reverenciado!"

- Mas donde tira tamanha petulância quando, segundo diz, nem

sequer circunciso ainda é!

Após uma gargalhada prolongada, Ahmad Abdel Gawwad acrescentou:

- Não acredite em nada disso! Ó "circuncisa"! Embora eu tenha as minhas dúvidas...

A mulher desferiu-lhe um soco no braço antes que ele tivesse terminado a frase. Este calou-se e o riso apoderou-se de ambos. Agradou-lhe vê-la compartilhar a sua alegria e anteviu aí, depois de tantas insinuações e confissões que entre eles haviam trocado, um simulacro que proclamava sua aquiescência. Os seus olhos negros filtravam um sorriso cheio de encantos, o que, no seu espírito, veio reforçar esta ideia. Pensou saudar tanta graça com as marcas de consideração apropriadas, contudo ela deu-lhe este conselho:

- Não me leve a ter ainda pior opinião de si!

Estas palavras levaram-no a pensar nos rumores a que aludira. Portanto, foi já apreensivo que perguntou:

- Quem lhe falou de mim?

- Galila! - respondeu de forma evasiva enquanto o encarava de forma acusadora. Sobressaltou-se ao ouvir este nome que nele teve o efeito de um censor que sobreviesse no meio do encontro deles. Sorriu, o seu enleio era notório. Galila, aquela cantora célebre que, a uma dada época, amara, até a saciedade os vir apartar... Cada um prosseguira a sua existência e mantivera, à distância, laços de amizade recíproca. Mas, na sua qualidade de homem entendido em mulheres, não pôde reter uma exclamação sincera:

- Maldita seja, ela e a sua voz!

E, tentando esquivar-se:

- Poupe-nos a tudo isso... E falemos mas é de coisas sérias!

- Não acha, por acaso, que Galila merece palavras mais simpáticas e delicadas? - perguntou não sem ironia. - A não ser que este seja o seu modo usual de relembrar as mulheres com as quais rompeu! - Ahmad Abdel Gawwad ficou um tanto constrangido, o que não obistou que resvalasse no vazio orgulho sexual que nele se alastrou ao ouvir as palavras de uma nova cantora acerca de uma sua predecessora. Degustou lentamente o suave enlevo do seu triunfo antes de retorquir com a sua habitual cortesia:

- Não posso desamparar tamanho esplendor, em prol de lembranças

classificadas... esquecidas!

E, conquanto a sultana não abandonasse o seu olhar escarninho, pareceu responder ao elogio soerguendo as sobrancelhas e disfarçando um leve sorriso que despontara nos seus lábios. Prosseguiu, todavia, com desdém:

- A língua de um comerciante é sempre delico-doce quando ainda não obteve o que deseja!

- Com tantas injustiças que sobre nós comerciantes se contam, já temos garantido um lugar no paraíso!

Ela encolheu os ombros com desprezo e perguntou-lhe com um interesse não dissimulado:

- Quando é que a frequentou?

Ahmad Abdel Gawwad fez um gesto com o braço, que parecia querer dizer:

- Oh! Aonde é que isto já vai!" Depois murmurou:

- Há séculos!

Sardónica, riu-se e acrescentou num tom vindicativo:

- Remonta aos tempos idos da mocidade!...

- Adorava sugar o fel da sua língua - lançou ele com um olhar de doce reprovação.

Mas ela continuou no mesmo tom:

- Apanhou-te nédio como um capão para somente deixar os ossos!

Apontando o seu dedo indicador em sinal de aviso, este contrapôs:

- Eu sou da fibra daqueles homens que, aos sessenta anos, ainda se rasam!

- Por amor ou por senilidade? Ahmad Abdel Gawwad desatou a rir:

- Minha boa senhora, tema Deus e falemos de coisas sérias!

- Sérias?! Está a referir-se à animação do serão que aqui o trouxe?

- Refiro-me à animação da vida inteira!

- Inteira ou metade?

- Deus nos conceda a força para fazer o melhor!

- Deus nos dê a força para fazer o bem!

Pediu, de antemão, perdão a Deus, nos recessos do seu ser, e disse:

- Se recitássemos a Al-Fatiha?

Ela levantou-se, com brusquidão, fingindo ignorar a sua proposta e, simulando pânico, exclamou:

- Oh! Meu Deus... Fui roubada pelo tempo quando esta noite tenho

um trabalho importante...

Ahmad Abdel Gawwad levantou-se também, estendeu a mão e pegou na dela, desdobrando a palma pintada com hena e devorando-a com os olhos, subjugado pelo desejo e pelo arrebatamento. Segurou-a com insistência embora, por duas vezes, ela tentasse retirá-la. Por fim, beliscando o dedo do homem, ergueu a mão deste em direção ao seu bigode, bramindo, ameaçadora:

- Solte-me ou então sairá daqui sem metade do seu bigode!

Ele viu o antebraço perto da sua boca e absteve-se de qualquer discurso. Aproximou suavemente os seus lábios e pousou-os na carne mole onde um adocicado perfume de cravo adejou até às suas narinas. Suspirou num murmúrio:

- Até amanhã?!

Ela libertou-se da sua mão, sem que desta vez houvesse da parte dele qualquer resistência, e fixou-o com um longo olhar, após o que segredou e sorriu:

- O meu passarinho, ó minha mãe, o meu passarinho... Para com ele brincar e contar-lhe o meu destino.

Depois pôs-se a repetir: "O meu passarinho, ó minha mãe..." por diversas vezes, despedindo-se dele. Ahmad Abdel Gawwad abandonou o aposento, redizendo, em voz baixa, o prólogo da canção, sisudo e ponderado, como se indagasse as palavras acerca dos seus subentendidos.

[67] Zona dos ourives.

[68] Expressão que indica o deslumbramento e a profunda gratidão a Deus diante da beleza da mulher.

[69] Palavras usadas no azan (chamamento) à oração da alvorada: "... A oração é preferível ao sono!".

16

Em casa de Zubaida, a cantora, a denominada "sala de cerimónia" ocupava o centro da casa como se de um salão se tratasse; ou melhor, parecia que o salão fora desviado para funções distintas, a mais importante das quais talvez fosse ser o sítio onde a cantora e o seu grupo repetiam e memorizavam o repertório das novas canções, Escolhera-a devido ao seu afastamento da rua principal, desta separada por um conjunto de quartos de dormir e de salas de estar. Além disso, as suas dimensões amplas tornavam-na um local adequado à animação de cerimónias privadas, que habitualmente iam desde cerimónias de exorcismo a concertos de canto, passando por aquelas em que a anfitriã convidava os seus amigos de renome e as pessoas do seu mais íntimo relacionamento. Estes serões não eram o mero resultado de uma generosidade profusa, pois, se generosidade aí havia, estava geralmente a cargo dos amigos. Na verdade, a anfitriã ansiava por um acréscimo do número dos seus amigos ilustres, susceptíveis de, posteriormente, recorrerem a ela para animar os seus serões ou assegurar-lhe uma publicidade útil nos meios onde evoluíam e nos quais ela recrutava, uns atrás dos outros, os seus amantes. Chegara a vez do senhor Ahmad Abdel Gawwad de honrar o ditoso salão, rodeado da fina-flor dos seus relacionamentos. Este demonstrara uma energia desmedida na sequência da entrevista arrojada que tivera com Zubaida: os seus emissários haviam trazido sem demora magníficos presentes: frutos secos sortidos, doçarias e guloseimas, para além de um forno que propositadamente mandara fabricar, cinzelar e cobrir de uma folha de prata. Tudo isso era um penhor da amizade futura. Em compensação, a sultana convidara-o para um serão, dedicado ao novo amor, para mútuo conhecimento, e deixara-o livre para trazer os amigos que bem entendesse. O aposento estava fortemente marcado de um cunho típico de sedução, com os seus sofás confortáveis, dispostos lado a lado, atapetados de brocado, respirando o luxo e a licenciosidade, e que se enfileiravam até ao fundo da peça onde se encontrava o divã da anfitriã, cercado de colchões e de almofadas que se destinavam aos membros da orquestra, O soalho estava revestido de um tapete com tonalidades e motivos variegados. Sobre uma consola, encostada ao centro da parede da direita, ardiam

candeias luxuosas, fixas em candelabros, em acréscimo ao grande lustre que no alto pendia colocado no centro do tecto rasgado por janelas que davam sobre o terraço da casa, e deixadas abertas durante as noites cálidas ou então com os caixilhos de vidro fechados, nas noites frias. Zubaida estava sentada, de pernas cruzadas sobre um divã, e à sua direita tinha Zannouba, a tocadora de alaúde, a sua filha adoptiva, à sua esquerda estava Abdu, o cego tocador de qanun, e, sentadas de um lado e do outro, as suas companheiras de música, uma segurando o tamborim com pequenos címbalos, a outra batendo a pele da darahukka [\[70\]](#) e outra ainda tocando címbalos.

A sultana instara a presença do senhor Ahmad à cabeceira da fila da direita, enquanto os restantes membros da sua companhia se sentavam nos seus lugares sem qualquer cerimónia como se fizessem parte da casa, o que aliás era normal, visto que aquele ambiente não lhes trazia nada de novo e a sultana não era, por certo, uma pessoa que viam pela primeira vez. O senhor Ahmad começou a apresentar os seus amigos à dama, começando pelo senhor Ali, vendedor de farinha, o que despertou o riso de Zubaida.

- Mas o senhor Ali não é um desconhecido, animei a festa de casamento da sua filha no ano passado!

Prosseguiu com o mercador de cobre e, quando um dos convivas censurou este pelo facto de ser um dos habituados de Bamba Kashshar, o homem defendeu-se atabalhoadamente:

- Vou lá, é verdade, mas vim aqui fazer penitência, minha senhora! Feitas as apresentações umas após as outras até à exaustão, Gulgul, a criada, chegou com os copos e fez a ronda dos convidados. Lentamente alastrava-se nas almas uma exaltação dos sentimentos onde se combinavam o entusiasmo e a hilaridade. Naquele serão, o senhor Ahmad parecia, sem sombra de dúvida, o noivo. Assim o tinham designado os seus amigos e assim se sentia no fundo da sua alma. Inicialmente, esta situação causara-lhe um certo embaraço que raramente enfrentava e que ocultou sob o manto do riso desbragado e da pilhéria. Mas mal principiara a beber e logo o constrangimento se afastara. Reencontrou então a serenidade e entregou-se aos prazeres da música e do canto. À medida que num crescendo o seu desejo ia rugindo - e Deus sabe a que ponto estes templos do êxtase podiam exasperá-lo- , observava, glutão, a rainha da assembleia, e os seus

olhos vagueavam pelo seu corpo magnífico. Todas as graças com que a sorte a cumulava enchiam de alegria e congratulava-se por todos os regozijos que o aguardavam naquela mesma noite e nas que se lhe seguiriam. "Quando posto à prova, o homem é ou desprezado ou reverenciado!" Tentemos estar à altura do ditado que lhe atirei como um desafio! Que tipo de mulher será? O que valerá? Sabê-lo-ei em tempo útil. De qualquer modo, entremos no seu jogo! Para vencer o inimigo é necessário considerá-lo sempre na sua máxima bravura e invulnerabilidade! Aliás, não me afastarei do meu velho lema que é o de relegar o meu próprio prazer para um plano secundário e fazer do seu prazer o fim supremo. E, nesta senda, o meu realizar-se-á em toda a sua magnitude. E, se bem que o nosso homem apenas tivesse conhecido do amor, apesar das suas inúmeras aventuras, a sua vertente física, a carne e o sangue, enlaçara-a no mais puro e perfeito amplexo. Não se reduzia a um simples animal. Havia-lhe sido dado, ao lado da... animalidade, uma sensibilidade requintada, exacerbada, e uma paixão pelo canto e pela música profundamente arraigada. Exalçara o desejo carnal até ao grau mais elevado que se pode atingir. O corpo fora o único motivo que o impelira a casar uma primeira vez e, mais tarde, uma segunda. A sua sensibilidade conjugal aí recebera, por um longo momento, pressões de elementos novos e temperadores, mormente a amizade e a fraternidade, mas permanecera, na sua essência, carnal e sensual. E, como um temperamento desta natureza, dotado além do mais de uma força em constante renovação e de um vigor exuberante, não podia deixar-se acanhar por um género monótono, arremetera em todos os registos do amor e da paixão, como um touro enraivecido, respondendo à enchente do seu desejo com uma fogosa embriaguez. Vira sempre numa mulher apenas um corpo e jamais se devotar a este sem antes considerá-lo realmente digno de ser visto, tocado, sentido, provado e escutado. Na verdade, nele havia um apetite, que não era selvagem nem cego; pois, uma mão engenhosa, movida pela arte, modelara-o e elegera para atmosfera e quadro a emoção estética. O sentido de humor e uma natureza amena. Nada se assemelhava mais- : seu apetite do que o seu corpo. Como este, possuía a corpulência e o vigor que inspiram a rudeza e a ferocidade, mas outrossim, a gentileza, a delicadeza e o amor que, no seu íntimo, ocultava, não obstante a austeridade e a inflexibilidade de que, por

vezes, se revestia deliberadamente.

Assim a sua imaginação incansável não se centrava meramente, mesmo quando devorava a sultana com os olhos, no acto carnal... e seus campos .adjacentes, mas vagabundava pelos caminhos esparsos da recreação, do jogo, do canto e dos gracejos. Zubaida percebeu o fogo do seu olhar e voltou-se para ele, ao mesmo tempo que fixava os rostos dos convivas com altivez e afectação:

- Olha lá, meu noivo, já tiveste a tua conta! Não tens vergonha, diante dos teus camaradas?

Pasmado, o senhor Ahmad redarguiu:

- E para que me serviria a vergonha perante um quintal de carne e gordura!

A cantora soltou uma gargalhada sonante e perguntou com uma alegria exacerbada:

- O que pensam deste vosso amigo?

A assembleia dos convivas respondeu em uníssono:

- Oh! Tem uma boa desculpa!

Face a estas palavras, o tocador de qanun abanou a cabeça da direita para a esquerda, o lábio pendente e resmungou:

- Aquele que avisa é perdoado!

Mas, embora a sua máxima fizesse furor, a mulher virou-se para o cego, encolerizada, e plantou um soco no meio do seu peito, gritando-lhe;

- Ora, fecha mas é essa matraca, dás-me cabo da paciência! - o cego encaixou o golpe rindo e depois abriu a boca prestes a falar, mas cerrou-a, temendo pela sua segurança. A cantora volveu a cabeça para o nosso homem e declarou num tom onde pairava a ameaça:

- Eis o que espera quem ultrapassar os limites!

Ahmad Abdel Gawwad arvorou uma falsa confusão e objectou:

- Mas vim aqui para aprender a descortesia!

- Ora vejam! - exclamou ela batendo com a mão no seu peito- , estão a ouvi-lo?! , .

Ao que, mais do que um respondeu em coro:

- Foi o que ouvimos de melhor até agora! E um membro da companhia lançou:

- E eu acrescentaria: não hesite em bater-lhe se ele ultrapassar os limites da incorrecção!

Um outro continuou de comum acordo:

- Obedecei às suas ordens, ou então que ele parta para a indelicadeza! Ela perguntou soerguendo as sobrancelhas para manifestar uma estupefacção no seu espírito inexistente:

- Gostam assim tanto da indelicadeza? Ahmad Abdel Gawwad soltou um suspiro:

- Que Deus no-la imponha para sempre!

A cantora apenas pôde agarrar no tamborim dizendo:

- Ides ouvir algo de muito melhor!

Ela bateu a pele do instrumento, como que por divertimento, mas o som da batida elevou-se como um aviso na bruma do tumulto até silenciá-lo. Depois, a agitação dos membros do grupo que se aprontavam para tocar afagou os ouvidos e, a pouco e pouco, transformou o auditório. Os homens esvaziaram as suas taças e voltaram as cabeças na direcção da sultana. Reinou então um silêncio eloquente pela intensidade preliminar à emoção musical. A cantora fez o sinal à orquestra que atacou o bashraf ^[71] de Otman Bey.

As cabeças começaram então a acompanhar o fluxo e o refluxo da melodia. Ahmad Abdel Gawwad entregou-se às ressonâncias cristalinas do qanun que despertava um ardor em seu coração e reanimava nele os ecos de várias cantigas herdadas de uma longa tradição de serões ricos em êxtases musicais e semelhantes a partículas de petróleo caindo sobre um tição invisível. Sem dúvida, o qanun era, na sua alma, o mais estimado dos instrumentos de música, não só pelo virtuosismo de el-Aqqad, mas pelo mistério que a natureza das suas cordas sugeria. E, conquanto soubesse que não era El-Aqqad ou Si Abdu que estava prestes a ouvir, o seu coração apaixonado encobria, com seu amor, as imperfeições da arte. Mal a orquestra tocara a última nota do bashraf, a cantora continuou com "Ó Tu, cujo mel da tua boca me inebria" e a orquestra acompanhou-a entusiasticamente. A mais bela qualidade que a canção oferecia, a que prendia a emoção, estava na resposta com duas vozes, a do músico cego, grossa e ampla, e a de Zannouba, a tocadora de alaúde, subtil, húmida do orvalho da infância. O coração do nosso homem inchou de emoção. Atirou-se ao copo colocado diante dele, emborcou-o de um trago e, impetuosamente, emprestou a sua voz ao poema musicado. Mas, na sua precipitação em cantar antes de ter acabado de engolir a

sua saliva, as inflexões da sua voz traíram, no prelúdio da canção, uma rouquidão na sua garganta. O resto dos convivas não tardou a demonstrar maior afoiteza e imitou-o. Em breve, o salão transformou-se num coro que cantava em uníssono. No fim do poema, a alma do senhor Ahmad, familiarizada, encontrava-se em condição para escutar os solos instrumentais e os layli [\[72\]](#).

Mas à coda sucedeu-se uma das gargalhadas retumbantes da cantora, destinada a revelar a sua alegria e a sua satisfação. Depois, felicitou, num tom jocoso, os recém-chegados da orquestra e perguntou-lhes qual o dawr que desejavam ouvir. Ahmad Abdel Gawwad sentiu-se constrangido no seu íntimo e, por um momento, tolhido por uma perturbação que violentamente pôs à prova a sua paixão pelo canto, embora raros fossem os que no seu círculo disso se apercebessem. Seja como for, não tardou a compreender no instante seguinte que Zubaida, como todas as cantoras, e mesmo a Bamba Kashshar em pessoa, era incapaz de improvisar os solos nos layali.

Por isso ele teve esperanças de que escolhesse uma cançoneta do género das que cantava às senhoras nas festas de casamento, em vez de se esgrimir cantando um dos dawr dos grandes mestres, cuja cadência final, sabia de antemão, ela seria incapaz de executar correctamente. Bem decidido a esimir-se às torturas que o seu ouvido já apreendia, propôs uma canção que eira apropriada à laringe da senhora.

- O que acha de "o meu passarinho, ó minha mãe"? - disse.

Fitou a sultana de maneira eloquente, como que para fazer renascer no seu espírito a inspiração desta pequena canção com que havia coroadado o primeiro encontro deles, no salão, dias antes, mas uma voz trocista bradou:

- Era melhor pedir à tua mãe!

Num ápice, a proposta sumiu sob uma explosão de risos que arruinou o plano do senhor Ahmad e, antes que lhe fosse dado tentar de novo, alguém pediu "Ó muçulmanos, ó gente de Deus" e outros ainda "Toma conta de ti, ó meu coração!", mas Zubaida, que não queria contentar uns em detrimento dos outros, declarou que cantaria "Tenho sido o réu de mim próprio", sugestão acolhida efusivamente. O nosso homem teve de acomodar a sua akna ao bom humor geral com o auxílio da bebida e dos sonhos de uma noite auspiciosa que acendeu

um sorriso imaculado nos seus lábios. Juntou-se de bom grado ao número dos que estavam já levemente embriagados. Enterneceu-se, compreendendo que o desejo da sultana, ao emprestar a sua voz aos grandes compositores, era o de agradar ao seu auditório de habituados melômanos, se bem que na sua atitude houvesse um pouco da presunção costumeira das prostitutas. Enquanto a orquestra se aprontava para iniciar a canção, um membro da assembleia levantou-se e gritou com entusiasmo:

- Dê o tamborim ao senhor Ahmad, ele percebe disso!

Zubaida acenou com a cabeça, estupefacta:

- A sério?!

Os dedos de Ahmad Abdel Gawwad agitaram-se, ágeis e nervosos, como que para lhe dar uma ideia antecipada da sua arte e Zubaida exclamou sorrindo:

- Onde está o espanto, visto ter sido um dos alunos de Galila!

Os homens perderam-se num riso desbragado que se prolongou até se altear a voz do senhor el-Far que se dirigia à sultana:

- E a senhora, o que lhe pretende ensinar?

- Ensinar-lhe-ei o qanun" - respondeu ela num tom significativo. - Está bem assim?

- Ensina-me a dança do ventre se quiseses! - replicou Ahmad implorando.

Muitos foram os que incitaram o senhor Ahmad a juntar-se à orquestra. Agarrou, pois, o tamborim e só lhe restou levantar-se e retirar a sua gubba. A sua estatura elevada, a sua robustez, o seu quftan da cor do cominho relembravam um nobre puro-sangue nervosamente empinado sobre as suas patas traseiras. Arregaçou as mangas e avançou para o divã e instalou-se ao lado da mulher. Esta, para lhe fazer um lugar, semiergueu-se e des-locou-se para a direita. Nisto, o seu vestido vermelho abriu-se descobrindo uma perna carnuda, plena de seiva, de um branco rosado devido a contínuas depilações. O tornozelo era adornado por um bracelete de ouro cujas argolas a muito custo o tentavam envolver. Um membro da assistência, ante tal visão, gritou tonitruante:

- Viva o califado!

O senhor Ahmad, cujos olhos estavam presos nos seios da sultana, exclamou logo a seguir:

- Viva es-sadr el-azam [73] queres tu dizer!

A mulher levantou a voz e avisou:

- Falem mais baixo, ou querem que os Ingleses nos façam passar a noite atrás das grades?

Ahmad Abdel Gawwad. que o vinho estonteava um pouco, retorquiu:

- Consigo, até para os trabalhos forçados eu vou! Vários lançaram:

- Morte àquele que vos deixar ir sozinhos!

A cantora quis pôr termo à discussão provocada pelo espectáculo da sua perna e estendeu o tamborim a Ahmad Abdel Gawwad dizendo:

- Mostre-me lá os seus talentos!

Pegou no instrumento e com a palma da mão bateu na pele deste sorrindo, Enquanto os seus dedos aí imprimiam movimentos soltos, os instrumentos da orquestra começaram a tocar, por seu turno. Zubaida principiou então a cantar, mirando com ternura os olhos que nela estavam fixos:

- Tenho sido o réu de mim próprio.

Enquanto o meu amado, sincero, me arrebatava para a paixão.

O nosso homem achou-se numa posição excepcional, as expirações da sultana, entre um olhar e outro, voavam até ele, cruzando-se com as radiações do vinho que, entre dois goles, partiam da sua fontanela. Em breve, - ecos de Otman, de el-Hamouli de el-Manialawi silenciaram-se dentro de si, e viveu o instante presente, feliz e saciado. A voz de Zubaida rica em- inflexões escorria, até ele, fazendo vibrar cordas secretas do seu íntimo. O seu zelo inflamou-se e tangeu o tamborim com um jogo que os músicos profissionais não teriam igualado.

Quando a cantora alcançou esta passagem da canção:

- Sê leal, tu que caminhas para o amado E dá-lhe por mim

Nos lábios um beijo.

Ele passou de imediato de um estado de leve ebriedade para uma embriaguez furiosa, inspirada, eléctrica e entusiástica. Os seus companheiros seguiam-no ou precediam-no quando o vinho, de tanto açoitá-lo, levou-o diante a sua obra: os desejos explodiram e deixaram convivas quais ramos árvores dançando no turbilhão de uma tormenta uivante. Pouco a pouco, o canto aproximou-se do seu termo, e Zubaida executou o final, num regresso ao tema inicial: "Tenho sido o réu de mim próprio", mas com uma expressão pejada de quietude, de

reminiscências, num adeus até à conclusão. A melodia desvaneceu-se como um avião desaparece, levando amado para lá do horizonte. Mas, se bem que o final houvesse sido acolhido por uma torrente de alegria e de aplausos, em breve fez-se na sala um silêncio que denotava a apatia dos espíritos, esgotados pela tensão e pela emoção. O momento alongou-se, ouvia-se tão-só aqui e ali uma tossidela, um pigarreio, um riscar de fósforo ou uma palavra que não merece ser aqui referida. O silêncio do momento parecia querer significar aos convivas: "Ide em paz." Alguns olharam para as vestes que haviam retirado, no auge da comoção e que haviam pousado, por trás deles, sobre os encostos das cabeças. Mas outros, cuja alma ainda se encontrava suspensa no fascínio do serão, relutavam em partir sem antes tê-lo sorvido até à última gota.

- Não partiremos antes de havermos conduzido a sultana ao senhor Ahmad numa procissão solene - clamou um deles.

A proposta foi recebida efusivamente. Nesse meio tempo, o senhor Ahmad e a cantora, incrédulos, rebentariam numa gargalhada uníssona. Sem que houvessem tido tempo de realizar o que lhes sucedia, um grupo de convivas envolvera-os, forçara-os a erguerem-se e fizera sinal à orquestra para atacar o hino da felicidade. Puseram-se, pois, em pé, um ao lado do outro, ela qual um palanquim, ele qual um dromedário, semelhantes a dois colossos que a beleza amansa. Depois, ela passou com garbo o seu braço sob a sua axila e fez sinal aos seus admiradores maravilhados para lhes abrir uma passagem. A tocadora de tamborim tangeu o seu instrumento e a orquestra atacou, enquanto inúmeros convivas repetiam o hino do séquito nupcial: "Vê com os teus olhos, ó lindo...!"

A passos lentos, os recém-casados avançaram, impantes de exultação e enlevo, e Zannouba, ante tal espectáculo, teve de cessar de dedilhar as cordas do seu alaúde para lançar um longo e estridente trinado de alegria que caso se materializasse lembraria línguas de um fogo estranho, dilacerando o espaço qual um cometa. Os amigos acotovelavam-se, todos querendo apresentar as suas felicitações.

- Que sejam felizes e tenham muitos filhos!

- Dêem-nos uma bela linhagem de dançarinas e de cantoras! Um deles gritou ao nosso homem à guisa de aviso:

- Não deixes para amanhã o que podes fazer hoje!

E a orquestra continuou a tocar o hino, enquanto os amigos agitavam as mãos em sinal de adeus até o senhor Ahmad e a mulher desaparecerem atrás da porta que conduzia ao coração da casa.

[70] A darahukka é um tambor com a forma de um cálice, quase sempre de terracota, que tem, na sua abertura mais larga, uma pele esticada de carneiro ou de peixe.

[71] o bashraf é um tipo de música, introduzido no Egipto pelos Turcos, exclusivamente instrumental e sempre num ritmo binário.

[72] Improvisação a partir das palavras: "Ya leili ya aini" (Ó noite, ó querida noite.'), que é utilizada frequentemente como prelúdio que antecede um trecho de música clássica.

[73] saadr significa seio mas também "a mais alta dignidade" e, neste sentido, era o título devido ao grão-vizir no Império Otomano. Obviamente, num jogo de palavras, o senhor Ahmad usa aqui a expressão que alude ao seio da mulher como à "mais alta dignidade" no país.

17

O senhor Ahmad estava sentado à sua secretária na loja, quando, de improviso, entrou Yassin. Não era apenas uma visita inesperada, mas sobretudo uma visita inusual, porquanto era algo incomum o jovem vir encontrar o seu pai na loja, quando em casa fazia todos os possíveis para evitá-lo. Além do mais, parecia sofrer, com o olhar triste...

Dirigiu-se de imediato para ele, limitando-se a levar a mão à cabeça, num gesto maquinal, sem conservar a cortesia excessiva e a submissão que geralmente manifestava na sua presença, como que desatento. Depois, disse num tom que traía uma agitação intensa:

- Assalamu Alaikum, [\[74\]](#) meu pai! Vim falar-lhe de um assunto importante.

O senhor Ahmad ergueu um olhar interrogativo. Debatia-se com uma inquietação que a sua força de vontade tentou esconder:

- Nada de grave se Deus quiser? - acabou por dizer placidamente. Gamil el-Hamzawi trouxera uma cadeira, dando-lhe as boas-vindas e o seu pai ordenou-lhe que se sentasse. O rapaz aproximou a cadeira da secretária paterna e acomodou-se. Pareceu vacilar por instantes, mas expeliu a sua indecisão num suspiro enraivecido, e com a voz trémula e uma concisão impressionante declarou:

- A questão é que a minha mãe está prestes a casar-se!

Se bem que Ahmad Abdel Gawwad estivesse à espera de uma notícia má, a sua imaginação não se aventurara, na sua ronda pessimista, até às regiões onde este canto desamparado do seu passado estava entregue ao sofrimento. Por isso a surpresa achou nele uma presa distraída. Mas depressa o seu rosto se crispou como sucedia sempre que uma recordação da sua primeira esposa surgia no seu caminho. O embaraço apoderou-se dele, depois sobreveio a inquietação, ao pensar no que tocava directamente à dignidade do seu filho. E como todos os que levantam uma questão, não com o propósito de saber algo de novo mas para encontrar uma porta de salvação face a uma situação que os desespera, ou dilatar um prazo que lhes permita reflectir e recobrar o domínio de si, o senhor Ahmad perguntou:

- E quem to disse?

- Um dos seus parentes próximos, o sheikh Hamdi. Veio hoje ver-me à Escola de en-Nahhasin e deu-me a notícia, asseverando-me que a

coisa re-a-lizar-se-á dentro de um mês...

A notícia era verídica. Não havia nenhum equívoco. Aliás, na vida daquela mulher estava longe de ser a primeira do género, e não seria a última se, como critério do futuro, se tomasse o passado. Mas que crime cometera este jovem para que lhe infligissem castigo tão severo, que devesse sofrer inexoravelmente? O nosso homem comoveu-se e enterneceu-se diante do seu filho. Era-lhe penoso vê-lo assim, tão fragilizado face ao seu desgosto, como qualquer pessoa diante da adversidade. Interrogou-se, no seu íntimo, com que estado de espírito reagiria se tivesse sido atormentado por tal mãe. O seu peito oprimido, a compaixão e a piedade que sentia por Yassin redobraram. Depois sentiu que desejava perguntar quem era o futuro marido, mas conteve-se, quer por medo de aprofundar e agravar a ferida do filho quer para se resguardar a si mesmo face ao que obteria assim procedendo, nestas circunstâncias dramáticas, impelido por uma curiosidade incongruente por uma mulher que havia sido sua esposa. Seja como for, Yassin, irritado e como se seguisse a sua ideia, declarou maquinalmente:

- E com quem ela vai casar! Um tal Yaqub Zinhum, padeiro em ed-Darrasa... um tipo de trinta anos!

A sua raiva crescera e a sua voz titubeava ao pronunciar estas últimas palavras, como se cuspiasse um fragmento de osso. O seu sentimento de asco e repulsa alastrou-se ao pai que começou, no seu íntimo, a repetir: "Um tipo de trinta anos! Que infâmia!... É o vício sob os trajes de casamento!" A cólera do pai alimentava-se da cólera do filho e o senhor Ahmad enfureceu-se por seu turno, como costumava sempre que lhe chegavam aos ouvidos alguma novidade relativa à vida privada da sua ex-mulher, como se o seu sentimento de responsabilidade se reavivasse pelo facto de um dia haver sido a sua esposa, ou como se lhe fosse penoso, mesmo depois de volvidos tantos anos, ver que ela se subtraía ao seu jugo e às suas regras. Recordou o tempo, apesar de breve, em que coabitara com ela, como quem relembra um acesso de febre. Sem dúvida, a reprodução era exagerada, mas como poderia um homem, com uma tal confiança em si mesmo, não considerar o simples facto de alguém se ter negado perante a sua vontade um crime imperdoável e uma derrota ignominiosa. E, além do mais, fora bela, e talvez ainda o fosse, de uma

feminilidade e uma sedução exuberantes. Por isso, durante alguns meses, saboreara este relacionamento com prazer, até que nela se havia manifestado o embrião de resistência àquela vontade que ele tinha tendência a impor aos próximos da sua família. Ela quisera usufruir da sua liberdade, mesmo se apenas nos limites que, de tempos a tempos, lhe permitiam ir visitar o seu pai. O senhor Ahmad ficara fora de si e se de início tentara dissuadi-la com admoestações, acabara por desancá-la. Mas a única reacção desta mulher mimada foi fugir para a casa dos seus pais. A cólera cegou o homem arrogante. Pensou que o divórcio, durante algum tempo, seria a melhor solução para corrigi-la e fazer-lhe ver as coisas de forma correcta... Durante algum tempo, claro, porque continuava fortemente ligado a ela... Assim, divorciou-se. Fingiu negligenciá-la, dia após dia, ao longo de várias semanas, na esperança de que algum conciliador da sua família dele se abeirasse. Mas, como ninguém fosse bater à sua porta, espezinhou o seu orgulho e enviou alguém sondar a situação para encontrar uma via para a paz. O mensageiro voltou dizendo que seria acolhido de bom grado, com a condição de doravante não ser mantida em reclusão nem maltratada. Mas ele esperara um acordo sem qualquer condição, por isso a sua cólera explodiu e, de si para si, jurou que mais nenhum laço os uniria para todo o sempre. Assim, tendo cada um regressado ao seu destino, Yassin foi condenado a nascer longe do seu pai e a sofrer a humilhação e a dor, estigmas da sua permanência na casa materna. Mas conquanto a mulher, por mais de uma vez, se houvesse casado e que o matrimónio fosse, aos olhos do seu filho, a mais respeitável das suas culpas, a nova união que agora se anunciava parecia-lhe em relação anteriores mais cruel, infinitamente mais pungente. Por um lado, a mulher atingira alegremente os quarenta anos, por outro, ele tornara-se um homem adulto, inteligente, capaz, se assim o desejasse, de lavar a sua honra de qualquer ofensa e agravo. Para trás ficara, portanto, o seu comportamento de outrora, ao qual o reduzira a sua tenra idade, quando acolhia as notícias chocantes da sua mãe com uma consternação e uma perturbação banhadas em lágrimas. Mostrava uma atitude nova perante o homem responsável que se tornara e a quem era impossível sofrer vexações de braços cruzados.

Estes pensamentos giravam na cabeça do senhor Ahmad, que

ponderou a gravidade da situação com angústia. Mas resolveu, no que lhe era lícito, diminuir o alcance desta, de modo a arrancar o seu filho mais velho às suas preocupações. Encolheu os seus largos ombros, fingindo não fazer caso disso tudo:

- Não havíamos jurado considerá-la como algo que jamais existira?

- Sim, mas esta coisa existe de verdade, pai - respondeu Yassin com um desalento cheio de desespero. - E seja o que jurarmos, ela continuará, durante o tempo que Deus o entender, a ser a minha mãe aos meus olhos bem como aos das restantes pessoas. E não existe nenhuma via de fuga ou de salvação!

O rapaz deixou escapar um suspiro e derramou sobre o seu pai o olhar terno dos belos olhos negros que herdara da sua mãe, como que para lhe dizer num grito de socorro: "És o meu pai todo-poderoso, estende-me a tua mão!" O senhor Ahmad chegara ao cume da emoção mas teimou em mostrar tão-só um rosto tranquilo e indiferente:

- Não censuro a tua dor íntima - disse. - O que censuro é o facto de queres extremá-la. O mesmo reprovos na tua cólera que desculpo de todo o coração, mas bastar-te-ia um pouco de bom senso para te trazer tranquilidade. Interroga-te calmamente: o que me importa o seu casamento?... Não

é, nada mais, nada menos, do que uma mulher que se casa, como tantas outras, todos os dias, a toda a hora! E não é certamente a ela, tendo em conta a sua conduta no passado, a quem deves exigir contas relativamente a um tal casamento. Bem pelo contrário, talvez seja digna de gratidão. E como te disse, várias vezes, o teu coração não terá paz enquanto não a considerares como alguém que nunca existiu. Confia em Deus e sossega o teu espírito! Consola-te, sem te preocupares com os rumores, e admite que o casamento é uma união legítima... uma união respeitável!

O senhor Ahmad sustentou este discurso somente com a sua língua, a tal ponto entrava em contradição com a sua natureza extremamente exigente quanto à questão das severas regras da família. Contudo argumentou com um fervor que raiava a sinceridade, fruto da sua longa prática da diplomacia que o formara no papel de árbitro sábio e de conciliador para quem resolver um diferendo entre indivíduos nunca fora um problema. Em circunstâncias normais, nenhuma das suas palavras se esfumava na presença dos seus filhos, mas a fúria do

rapaz era tão veemente que não se podia evaporar com um único sopro, e assim estas nele apenas fizeram o efeito de um copo de água fria vertido num jarro de água a ferver. Não tardou, aliás, a dirigir-se ao seu pai nestes termos:

- Claro, pai, é só uma união legítima; mas, por vezes, parece-me tão distante da legalidade. Pergunto-me o que pode levar um tipo destes a querer casar com ela.

Apesar da gravidade da situação, o senhor Ahmad disse para si mesmo com uma certa ironia: "Talvez fosse melhor perguntares-te quais os motivos dela!" Mas, antes de prosseguir o diálogo com o seu filho, Yassin voltou:

- É apenas concupiscência e nada mais!

- Pode também ser um desejo autêntico de desposá-la! Mas o rapaz explodiu num rugido:

- Não, é concupiscência e nada mais!

Apesar da gravidade do momento, Ahmad Abdel Gawwad não se deixou ludibriar pela dureza do tom que o seu filho empregara. E, porque compreendia a sua situação e a sua dor, experimentava algum embaraço em afirmar novamente os seus comentários anteriores. Como ele não o fazia, o rapaz acrescentou com uma calma relativa:

- O que o leva a desposar uma mulher dez anos mais velha do que ele é a cobiça da sua fortuna e dos seus bens!

O facto de mudar o rumo da conversa despertou o interesse do sagaz senhor Ahmad, a quem não escapou que, assim procedendo, impedia o rapaz de se concentrar em questões mais sensíveis e lancinantes e de pensar nos motivos que levavam a sua mãe a casar, para se focar unicamente no que levava o homem a fazê-lo. Além do mais, compreendia perfeitamente tudo o que havia de sensato no ponto de vista do seu filho acerca do marido. Por isso em breve deixara-se persuadir e começara a partilhar os seus temores. Realmente, Haniyya, a mãe de Yassin, era razoavelmente rica e o seu património imobiliário continuava intacto, apesar das suas inúmeras experiências matrimoniais e amorosas. Mas, se no passado, fora uma rapariga bela e fascinante cheia de encantos, se então era temida, era pouco provável que doravante conseguisse ter o domínio de si, e com mais razão os outros, como outrora sucedia. Donde, a sua fortuna poder muito bem ser dilapidada na batalha do amor, na qual já não era uma

lança intrépida, seria ilícito (oh, quão ilícito!) se Yassin viesse a sair do inferno desta tragédia com a honra maculada e as mãos vazias.

Ahmad Abdel Gawwad disse ao seu filho como se a si mesmo se dirigisse, chamando em seu auxílio a inspiração da sua perspicácia:

- Penso que tens razão, filho. Uma mulher da sua idade é uma presa fácil, susceptível de excitar os apetites de homens cúpidos. Mas o que é que podemos fazer? Tentar falar com este homem para instigá-lo a pôr cobro às suas aventuras? Forçá-lo por meio da ameaça seria uma conduta contrária à nossa ética e à nossa reputação! E tentar convencê-lo pela súplica e pela persuasão seria uma infâmia que a nossa dignidade jamais sofreria! Resta-nos somente a mulher! Tudo bem, não ignoro a ruptura que provocaste entre ela e ti, ruptura que ela bem mereceu e que continua a merecer. E para ser franco, não me agradaria ver restabelecido o que entre vós foi rompido, não fossem novos imperativos. Porque a necessidade a isto te obriga e, por mais que te custe o regresso, não deixa de ser um regresso à tua mãe. E quem sabe, talvez o facto de te ver surgir no horizonte da sua existência lhe meta algum juízo na cabeça!

Vendo-o assim, Yassin parecia diante do seu pai um médium diante de um hipnotizador, no instante que precede a sugestão, atónito, mudo como um túmulo. O seu estado revelava o peso da influência que o pai exercia sobre o seu espírito. Talvez também fosse a prova de que esta sugestão não o surpreendera e que ele a supunha como fazendo parte do turbilhão dos seus pensamentos antes mesmo de se lhe revelar. Resmungou todavia:

- Não há outra solução melhor?

- Penso que é "a" melhor solução! - respondeu o senhor Ahmad clara e firmemente.

- Mas como fazer para regressar junto dela?! - disse Yassin num aparte. - Como poderei mergulhar num passado do qual fugi e que ardentemente desejo ver amputado da minha vida para sempre? Não tenho mãe... Não, não tenho mãe!

Em detrimento dos seus argumentos aparentes, o senhor Ahmad tinha conseguido fazer-lhe ver o seu ponto de vista:

- Seja! Mas duvido de que o facto de subitamente lhe apareceres, depois de tão longa ausência, não produza o seu efeito! Talvez, ao verte diante dela já homem feito, o seu lado maternal desperte e recue

diante do que poderia atentar contra a tua dignidade e reveja a sua conduta! Quem sabe? - disse com cautela.

Yassin aquietou-se, absorto nos seus pensamentos, sem se importar com a imagem de mal-estar e de desespero que dava. Tremia ao pensar no escândalo e talvez esta fosse a mais cruel das suas aflições, embora o receio de perder a fortuna que esperava herdar um dia não fosse menor! O que fazer? Por mais que teimasse em analisar a proposta sob todos os seus ângulos, não encontrava solução melhor que aquela que o seu pai perspectivava. Além do que, e pese embora o seu estado de comoção, o facto de esta emanar da pessoa do seu pai conferia-lhe grande autoridade e aliviava-o de muitas preocupações. "Assim seja!", disse para si. Depois voltando-se para o seu pai: - Como queira, pai!

[\[74\]](#) Que a paz esteja convosco.

Quando chegou à rua de el-Gamaliyya, o seu peito comprimiu-se tanto que sentiu que sufocava. Onze anos de ausência... Onze anos haviam passado sem que jamais o seu coração aqui o trouxesse ou que sobre ele paliasse alguma reminiscência que não estivesse envolta numa nuvem obscura e asfixiante, urdida na trama do pesadelo. Na verdade, jamais a deixara, mas, quando a ocasião se lhe apresentara, fugira sem nada mais perguntar. Desde então, revoltado e atormentado, virara as costas a esta rua, evitando-a com todas as suas forças e chegando ao extremo de rejeitá-la quer como destino quer como simples passagem para outros bairros. Porém, o bairro conservara-se tal qual o conhecera durante a infância e a adolescência. Nada mudara. Continuava estreito, um simples carro de mãos quase podia atravancá-lo se obstruísse a calçada. As suas casas, as suas machrabiyyas tocavam-se praticamente e as suas lojas minúsculas, umas às outras aglutinadas, no meio do marulhar da sua multidão caótica, semelhavam colmeias. Aquele solo poeirento com os seus carreiros cheios de lama, aquelas crianças que juncavam os seus limites deixando impressas na terra as marcas dos seus pés nus, aqueles transeuntes cujo fluxo se agitava continuamente, a kjja de Amm Hassan, o vendedor de pevides grelhadas, o restaurante de Amm Sulaiman, haviam conservado intacta a imagem de outrora. Um sorriso nostálgico quase assomou a seus lábios, um sorriso que a criança que havia sido teria desejado arvorar, não fora a amargura do passado e a dor do presente. O beco de Qasr esh-Shoq apareceu. O seu coração começou a palpitar com pancadas fortes que ensurdeciam os seus ouvidos. De seguida, à direita, na extremidade da curva, depararam-se-lhe os cestos de laranjas e de maçãs, alinhados no passeio diante da loja de frutas. Mordeu os lábios e baixou a cabeça envergonhado. O passado, disse para si, está maculado pelo opróbrio: a cabeça enterrada na lama pela humilhação, gemia sem cessar o seu queixume de vergonha e de amargura. Tudo isto estava num dos pratos da balança, e no outro apenas havia aquela loja! E era ela, seu símbolo vivo para além do tempo, que fazia pender a balança. Com o seu proprietário, os seus cestos, os seus frutos, a sua localização,

representava a indecência altiva e a dor da sua derrota anunciada com trinados de rejubilo. E, se o passado é feito de eventos e de lembranças, sempre ameaçados dada a sua natureza fragmentária e propensa ao oblívio, aquela loja erguia-se qual testemunho que de novo intensificava a fragmentação e reacendia a ausência. A cada passo que o aproximava do beco, dez o afastavam do presente e inconscientemente retrocedia no tempo. Como se na loja visse "um garoto" que levantava a cabeça para o proprietário e dizia: "A minha mãe pede-lhe que venha esta noite", e depois regressava com um cesto cheio de frutas, o semblante alegre. Via-o caminhar, chamando a atenção da sua mãe para o homem, enquanto esta o afastava puxando-o pelo braço, temendo que os olhares sobre eles se voltassem. Ou via-o soluçar ante o espectáculo daquele arrebatamento bestial que recriava, sempre que à luz da sua jovem experiência ressurgia no seu espírito para se tornar o símbolo do próprio horror. Estas imagens pungentes começaram a persegui-lo. Tentava subtrair-se ao domínio destas, mas, mal escapava ao império de alguma, caía em poder de uma outra. Esta perseguição violenta e selvática acordava, nas profundezas do seu ser, o vulcão da raiva e do ódio. Prosseguiu a sua marcha em direcção ao seu alvo, num estado lastimável. "Como hei-de fazer para chegar rapidamente ao beco tendo aquela loja logo à entrada? E aquele homem... será que ainda se mantém no mesmo lugar como outrora? Não virarei a cabeça... Mas que força pífida me impele a olhar? Reconhecer-me-á se os nossos olhares se cruzarem? Se ele der mostras de me reconhecer, mato-o! Mas como poderia reconhecer-me! Nem ele nem ninguém no bairro. Onze anos... Deixei-o ainda criança e regresso qual um touro... com dois cornos! Então o quê! Acaso não terei a força de exterminar os insectos venenosos que não cessam de me picar?"

Enviesou em direcção ao beco, apressando ligeiramente o passo. Imaginava que todos o encaravam e se interrogavam: "Mas onde será que vi este rosto e quando?" Atacou a subida mais íngreme do caminho. Tinha de limpar, mesmo que de forma momentânea, a poeira sufocante que cobria o seu rosto e a sua cabeça e, para reavivar a sua determinação, evadia-se em pensamentos. Considerava as coisas que o rodeavam e dizia para si: "Não te enfades com este caminho extenuante, pois quanta alegria aí encontraste, quando criança,

escorregavas pela sua ladeira numa tábuia de madeira!", mas, ao avistar a parede da casa, sobressaltou-se: "Mas aonde é que vou assim?! Ver a minha mãe! Ora, não acredito nisso! Como será que a vou encontrar? E o que achará de mim?... Gostava de..." Chegado a um beco, cortou à direita e avançou até à primeira porta do lado esquerdo. Era a velha casa, não havia dúvida. Seguiu o caminho que até ela levava, como soía fazer em criança, sem vacilar, sem se questionar. Dir-se-ia que a deixara na véspera. Todavia, transpôs a sua porta acometido por uma agitação que lhe não era habitual. Subiu as escadas com passos arrastados e vagarosos e, não obstante a sua angústia, examinava tudo com atenção e confrontava o seu aspecto actual com o que a sua memória conservara. Parecia-lhe um pouco mais exígua do que imaginara, as traves laterais estavam em certos sítios corroídas e os rebordos dos degraus acima do patamar das escadas achavam-se carcomidos. Em breve as reminiscências alagaram o presente. Transpôs assim os dois andares alugados e atingiu por fim o último. Demorou-se, por instantes, de ouvido tenso, o peito arquejante, e depois encolheu os ombros "ora, porque não!" e bateu à porta. Esta, ao cabo de cerca de um minuto, abriu-se sobre um rosto de criada de meia-idade que, mal reconheceu nele um estranho, se esquivou por trás do batente, perguntando-lhe educadamente ao que vinha. Uma brusca irritação sem razão plausível, apoderou-se dele, pelo simples facto de a criada parecer desconhecer quem ele era. Entrou com um passo seguro e dirigiu-se para o salão.

- Diz à tua senhora que Yassin está aqui - ordenou peremptório. "O que é que a criada irá pensar de mim?" Virou-se e viu-a precipitar-se para o interior da casa, talvez desconcertada pelo seu tom autoritário, talvez... O rapaz mordeu os lábios ao penetrar no aposento. Era a sala dos hóspedes. Pelo meos foi o que supôs intuitivamente, dado o seu estado de febril sobreexcitação. Mas a sua memória reconhecia a disposição da casa e, se as circunstâncias fossem outras, teria dado uma volta para ressuscitar as suas lembranças: desde a casa de banho para onde o conduziam quando chorava até à machrabiyyapor cujos interstícios de madeira, noite após noite, avistava os séquitos de casamento. A mobília da sala seria a mesma de outrora? Só recordava, entre os móveis antigos, um longo espelho fixo por cima de uma jarra dourada com rosas artificiais de todas as cores. Nos ângulos de um

lado e do outro, havia candelabros dos braços dos quais meias-luas de cristal pendiam. Durante muito tempo, a sua grande paixão fora agitá-las e através delas contemplar, em transparência, as coisas que se transmutavam em estranhos fragmentos coloridos cuja fascinação guardava em sua alma, mesmo na ausência das suas imagens. Mas era inútil fazer perguntas! A mobília actual não era a de ontem, não só pelo seu aspecto recente mas também porque o salão de uma mulher que colecionava casamentos tinha razões de sobejo para ser substituído e renovado, como fora o seu pai e posteriormente o mercador de carvão e o brigadeiro. Sentia-se fulminado por uma tensão que acentuava o seu embaraço. Compreendia que não batera apenas à porta da velha casa, mas lacerara uma chaga infectada e banhava no seu pus. A espera não foi longa, talvez fosse ainda mais breve do que supunha. O seu ouvido foi alertado por um crescente ruído de passos e por uma voz sonante que despedia o seu próprio eco sem que pudesse distinguir nitidamente. Sentiu-a então, as costas ainda coladas à porta, devido ao estremecer do batente fechado contra o seu ombro. Ouviu a que exclamava, anelante:

- Yassin, meu filho! Não posso crer nos meus olhos! Meu Deus, tornaste-te um homem!

O sangue subia-lhe, por vagas, ao seu rosto redondo. Voltou-se para ela, emaranhado no mais completo desnorteamento, não sabendo nem como abordá-la nem como iria decorrer o encontro. Mas ela torneou a sua perplexidade quanto à atitude a adoptar ao precipitar-se para ele e abraçá-lo. Estreitou-o com um furor convulso e começou a beijar o seu peito, a única coisa que os seus lábios podiam alcançar no seu corpo hirto. A voz embargada, lavada em lágrimas, afundou o rosto no seu peito, abandonando-se um longo momento antes de voltar a si. Ele ainda não esboçara um só movimento, nem proferira uma só palavra, e, se bem que sentisse profunda e dolorosamente que a sua inércia excedia as suas forças, nada fez que nele pudesse deixar adivinhar alguma centelha de vida: que vida? Conservou-se imóvel e silencioso, embora fortemente comovido, mesmo se, amparado nesta situação que o reconfortava, ainda não podia identificar claramente a espécie de impressão que sentia. Mas, apesar da recepção calorosa da sua mãe, não teve o desejo de se lançar nos seus braços e estreitá-la. Talvez não conseguisse extirpar as tristes lembranças nele radicadas como uma

doença crónica, uma doença que jamais o abandonara desde a sua infância. Mas, conquanto recorresse, com firmeza e resolução, à sua vontade para, naquele instante, fazer tábua rasa do que outrora acontecera, de modo a controlar o seu pensamento e o seu discernimento, o passado recalcado reflectia sobre o seu coração o negrume da sua sombra, qual uma mosca enxotada depois de, na boca, haver deixado um virulento micróbio. Deu-se conta naquele minuto assustador, mais lucidamente do que alguma vez, da verdade aflitiva que tanto fizera sangrar os seus sentimentos... a sua mãe fora expulsa do seu coração. A mulher ergueu a cabeça para ele, como que para lhe pedir que aproximasse o seu rosto. Não teve coragem de recusar e estendeu-lho. Ela beijou-lhe as faces e a fronte. Naquele abraço, os olhares de ambos cruzaram-se e, tão-só em virtude do seu enleio e da sua vergonha, beijou a fronte da sua mãe sem qualquer outro sentimento. Depois ouviu-a que tartamudeava:

- Ela disse-me: Yassin está aqui. Eu disse para mim: Yassin? Mas quem é? Ou melhor, quem mais poderia ser? Tive um único Yassin! Aquele que se excluiu da minha casa e me privou da sua presença. Então, o que aconteceu? Como é possível que a minha prece tenha finalmente sido atendida? Corri como uma louca, sem acreditar nos meus ouvidos, e eis que estás aqui, tu e mais ninguém. Louvado seja Allah! Foi uma criança que me abandonou e é um homem que a mim retorna! Se soubesses como o desespero de te não voltar a ver me corroía ao longo deste tempo todo em que não te dignaste dar um sinal de vida!

Arrastou-o pelo braço para o sofá. Seguiu-a, perguntando-se quando iria ela aplacar esta exuberância que o submergia, e ele próprio encontrar o meio de atingir os seus fins. Lançou-lhe um olhar furtivo, onde a curiosidade se tingia de espanto e de angústia. Observava-a: não mudara e, se o seu corpo apresentava alguma corpulência, não perdera contudo os seus contornos. O seu rosto trigueiro e redondo, com uns olhos negros que o khôl sublinhava, havia conservado quase intacta a sublime beleza do passado. Desagradou-lhe ver a pele do rosto e do pescoço coberta de maquilhagem, pois talvez tivesse a esperança de que os anos de separação houvessem alterado, de algum modo, a sua antiga mania de se embonecar e a sua paixão da beleza, pelas razões mais irrisórias, mesmo quando estava só. Sentaram-se

lado a lado. A mãe ora fixava ternamente o seu rosto, ora avaliava a sua estatura e a sua corpulência, com olhos extasiados. Depois balbuciou, a voz trémula:

- Meu Deus! Por pouco quase não acreditaria nos meus olhos! Estou a sonhar, és tu, Yassin! Quanto tempo perdido a chamar por ti, a esperar! Enviei mensageiros, uns atrás dos outros... Mas o que estou eu a dizer! - Permite-me que te pergunte: como pôde o teu coração ser tão cruel, como pôde desprezar os meus apelos vibrantes e fazer ouvidos moucos diante do... do meu coração dilacerado. Como... Como pudeste esquecer que tinhas aqui uma mãe, perdida, sozinha?

A última frase reteve a sua atenção. Achou-a estranha, dando azo à zombaria e à piedade, como se, no desvairo da agitação, se lhe houvesse escapado. Sim, havia algo, aliás várias coisas, que, noite e dia, lhe lembravam que tinha uma mãe. Mas o quê?... Yassin ergueu os olhos para ela, confuso, sem proferir uma palavra, e os olhos de ambos encontraram-se por um instante. Ela retomou de chofre, impaciente e ansiosa:

- Porque não falas?

Yassin emergiu da sua confusão, soltando um suspiro sonoro, e, não podendo fazer outra coisa, declarou:

- Pensei muitas vezes em ti, mas sofria atrozmente. Era uma dor que superava as minhas forças!

Antes que houvesse terminado, a luz que brilhara no olhar da sua mãe extinguiu-se e uma nuvem de decepção e de lassidão, soprada das profundezas do passado sinistro, invadiu a sua pupila. Não pôde sustentar mais o seu olhar e baixou as pálpebras, dizendo, num tom apático:

- Julgava-te curado das tristezas do passado. Só Deus sabe que não mereciam a ira com que lhes respondeste e que, durante onze anos, te levou a abandonar-me!

Perante tais censuras, ele reagiu com um estupor que acordou o seu horror. Rejeitou-as num movimento de recusa que alastrou o fogo da sua cólera encoberta. A fúria cresceu nele, uma fúria que teria deixado irromper, não fora o propósito que o trouxera. Seria isso o que ela realmente queria dizer? Ou pouco se importaria com o que fizera, ou então cria-o Corante da situação? Esforçou-se por dominar os seus nervos, decidido a não perder de vista o seu objectivo final.

- Dizes que as minhas mágoas passadas não mereciam a minha cólera? Penso pelo contrário que só isso merecem e mesmo mais.

Ela reclinou-se no sofá, qual uma coisa derrubada, e lançou-lhe um olhar num misto de condenação e de apelo à piedade:

- Mas que vergonha pode haver para uma mulher no facto de voltar a casar após o divórcio?

Ele sentiu o fogo da cólera que queimava as suas veias apenas traído pelo cerrar crispado dos lábios. Ela continuava a falar ingenuamente, como estando firmemente convicta da sua inocência. Perguntava que vergonha haveria para "uma mulher" em casar de novo depois do seu divórcio. Ora! Não há qualquer vergonha para "uma mulher" em casar de novo depois do seu divórcio! Mas, quanto ao facto de se tratar da sua própria mãe, era uma outra história, uma história totalmente diferente! E a que casamento em particular se referia? Casamento, divórcio, casamento, divórcio, casamento, divórcio, para ela, o casamento resumia-se a isto! Mas havia pior e mais terrível! Aquele "vendedor de frutas", seria necessário refrescar-lhe a memória a este propósito? Aplicar-lhe a bofetada da amargura que a sua lembrança nele havia deixado? Confessar-lhe que não ignorava estas coisas, como ela o supunha? O agror das recordações obrigou-o desta vez a abrir mão da sua prudência e exasperado bradou:

- Casamento, divórcio, casamento, divórcio, eis procedimentos escandalosos que não são dignos de ti e que supliciam o meu coração!

Ela cruzou os braços sobre o peito com o abandono do desespero e disse com uma compaixão infeliz:

- É o azar e nada mais. O azar persegue-me, é só isto!

Interrompeu-a brutalmente, os traços contraídos, a garganta inchada e pronunciou estas palavras como uma maldade que, no seu íntimo, lhe causava repugnância:

- Não tentes desculpar-te, isso só aumentaria a minha dor! Seria melhor se cobríssemos as nossas mágoas com um véu, para dissimulá-las, já que não podemos apagá-las de uma vez por todas!

Agastada, refugiou-se no silêncio, vivamente apreensiva face a recordações que investiam contra as doçuras do reencontro e as esperanças que dentro de si haviam eclodido. Começou a observar, ansiosa, como se auscultasse os seus sentimentos secretos e, o seu silêncio pesando-lhe, acabou por se lamentar:

- Não te encarnices contra mim para me fazer sofrer! És o meu único filho!

Estas palavras causaram-lhe uma sensação estranha, como se, pela primeira vez, fossem transparentes para ele. Encontrou aí, todavia, mais uma razão para se enfurecer e manter-se na defensiva. Era o seu único filho, é verdade, tal como ela era a sua única mãe. Mas quantos homens... Desviou o rosto dela para dissimular os sinais de repulsa e de cólera que aí se desenhavam. Fechou os olhos para fugir à visão de cenas sórdidas. Ouviu-a então proferir palavras ternas e suplicantes:

- Deixa-me acreditar que a minha felicidade presente é real e não uma ilusão. Sim, realidade e não mera ilusão, e que vieste ter comigo para lavar o teu coração das mágoas do passado. Para sempre.

Poisou nela um olhar demorado e intenso, onde se lia a inflexibilidade dos seus pensamentos. Nada doravante poderia fazê-lo renunciar ao que ali viera, nem que para isso devesse adiá-lo momentaneamente. Prosseguiu com uma voz que denotava o quanto as palavras que pronunciava estavam aquém da sua real intenção.

- Só depende de ti! Se assim o quiseres, será segundo os teus desejos. Uma angústia transluzia nos olhos dela:

- Desejo o teu afecto, de todo o meu coração! Sonhei com isso tantas vezes. Procurei-o sempre, mesmo quando, impiedoso, me rejeitavas.

Mas o seu espírito turvado distraía-o das ardentes palavras da sua mãe:

- As tuas esperanças estão nas tuas mãos - disse ele. - Dependem de ti somente, se souberes fazer da sensatez o teu conselheiro!

- O que queres dizer? - perguntou, confusa.

Vê-la fingir incompreensão enfureceu-o:

- O sentido das minhas palavras é claro - resmoneou. - Significa que deves renunciar ao que, se o que me disseram é verdade, representaria para mim o golpe fatal!

Ela arregalou os olhos, o seu rosto endureceu-se num desespero evidente e balbuciou:

- O que queres dizer?

Mas, pensando que insistia em fingir não entender, este inflamou-se:

- Quero dizer que vais anular este novo projecto de casamento e que doravante não sonharás com semelhantes coisas! Já não sou uma

criança e a minha paciência não tolerará mais outro golpe!

Ela baixou a cabeça invadida por uma tristeza profunda e conservou-a inclinada como que tomada por uma baforada de sono. Depois, levantou-se lentamente, com os sinais da mais pungente das aflições estampados no rosto. Num fio de voz, como falando para si mesma, murmurou:

- Então, foi por isso que vieste?

- Sim - respondeu sem reflectir.

A sua resposta teve o efeito de um disparo. Tudo, à sua volta, principiou rapidamente a mudar de aspecto, o céu toldava-se. Mais tarde, sozinho, revendo as palavras trocadas com a sua mãe durante o encontro, confortar-se-ia com cada palavra sua até chegar a esta última resposta, diante da qual não sabia o que pensar, ignorando se cometera um erro ou se falara de forma ponderada. Manter-se-ia longamente indeciso... A sua mãe- gaguejara, o olhar perdido:

- Como gostaria de não acreditar nos meus ouvidos!...

Ele compreendeu que falara depressa de mais e zangou-se, furioso consigo próprio, antes de verter a sua indignação sobre as coisas circundantes, e conscientemente, apressou-se a acrescentar para sepultar o seu erro sob outro mais grave:

- Só fazes o que queres sem medir as consequências! Fui sempre a vítima, aquela que sofre os opróbrios, sem nada ter que me censurar. Pensava que a idade te trouxesse algum bom senso e qual não foi o meu espanto quando fiquei a saber que estavas prestes a casar outra vez. Que escândalo! Todos os três anos recomeça, como se não fosse jamais acabar! Esmagada, começou a escutá-lo numa espécie de indiferença.

- Tu és vítima, eu sou vítima - disse ela com pesar- , ambos somos vítimas daquilo que te insuflam o teu pai e aquela mulher, à sombra de quem vives.

Sobressaltou-se com este desvio no rumo da conversação. Pareceu-lhe ridículo... Mas não riu. A sua cólera talvez até se avolumasse.

- O que vêm fazer o meu pai e a sua esposa nesta história? - perguntou.- Não vás buscar pretextos para os teus actos acusando inocentes!

- Nunca vi filho tão cruel! - exclamou ela com uma voz que mais parecia um gemido. - É tudo o que tens para me dizer após onze anos

de ausência?

Enfurecido, agitou a mão num sinal de protesto e replicou num tom seco e indignado:

- Uma mãe pecadora merece dar à luz um filho cruel!

- Eu não sou pecadora, nunca na vida! Tu é que és cruel e tens um coração empedernido como o teu pai!

Lasso, suspirou e gritou:

- Lá estás tu outra vez com o meu pai! Fiquemos por aquilo que nos diz respeito! Teme Deus e desiste deste novo escândalo! Hei-de impedi-lo, custe o que custar!

A força do desalento e da tristeza lançaram sobre a sua voz um manto de frieza:

- Mas o que te importa este escândalo?

- Como é que o escândalo da minha mãe poderia não me importar? - gritou, pasmo.

- Na verdade, já não me consideras a tua mãe - disse com uma tristeza onde se entremeava o que o momento ainda lhe permitia de ironia.

- O que queres dizer?

- Já que me erradicaste da tua vida, melhor seria deixares-me em paz- resmungou desesperada, fingindo ignorar a sua pergunta.

- Já tive a minha conta no passado - gritou enraivecida -, não tolerarei que macules de novo a minha reputação!

- Nada há aqui que possa macular uma reputação - disse ela engolindo o amargor da sua saliva -, Allah é minha testemunha!

- Persistes neste casamento? - perguntou ele reprovador.

Durante um longo momento, ela manteve-se silenciosa, cabisbaixa, na mais entranhada aflição e involuntariamente soltou um suspiro fundo:

- Os dados estão lançados. O contrato foi redigido e não posso impedir mais nada - declarou numa voz quase imperceptível.

Yassin levantou-se de um salto, lívido, e o seu corpo maciço entesou-se. Fitou a cabeça inclinada da sua mãe e, espumando de raiva, vociferou num urro:

- Que mulher criminosa tu és!

Ela balbuciou então numa voz sufocada que exprimia a sua completa resignação:

- Que Deus te perdoe!

Neste instante, flagelou-o de súbito a lembrança do que conhecia sobre a sua conduta pretérita, de que o julgava ignorante: falar-lhe do "vendedor de frutas" negro seria uma autêntica bomba que largaria sobre a sua cabeça para aniquilá-la e obter a mais cruel das vinganças. Um clarão medonho lampejou nos seus olhos, jorrou sob a fronte que se enrugava e unia no seu sombrio sulco os sinais do mal e da ameaça. Abriu a boca para lançar o seu projectil mas a sua língua ficou paralisada, colada no céu-da-boca, como se o seu cérebro que a destreza não cegara diante da infelicidade aí a tivesse atraído. O instante terrível atravessou-o veloz como um sismo devastador em que o homem sente passar, várias vezes, o sopro da morte sobre o seu rosto, antes que o mundo regresse à sua imobilidade. Suspirou, esmagado cólera contida, depois renunciou sem remorsos, a fronte banhada por suores frios. Recordaria mais tarde a sua atitude, uma das lembranças que daria deste encontro singular, plenamente satisfeito por ter renunciado, mesmo se tal facto não deixasse de lhe causar assombro. Mas maior espanto lhe despertava a consciência de ter recuado simplesmente pela piedade que sentia por si e não por ela, como que para preservar a sua dignidade pessoal e não a da sua mãe... Mesmo se cabalmente inteirado de tudo o que houvera. Soprou a sua cólera nas palmas das mãos e bateu-as uma contra a outra:

- Criminosa! És o escândalo em pessoa! O que me hei-de rir da minha : estupidez sempre que me lembrar o bem que esperava desta visita!

Depois acrescentou, sarcástico:

- Só gostava de saber como é que, depois disso, pudeste desejar o meu amor!

- Tinha esperanças - respondeu ela com o coração ferido, desanimada - julguei que pudéssemos viver na ternura apesar de tudo! A tua visita surpresa fizera nascer em mim grandes expectativas, pensei poder dar-te o amor mais elevado que trago no meu coração... o mais puro!

De um salto recuou e afastou-se dela, como querendo fugir das suas palavras bondosas que tinham o condão de inflamar a sua cólera. No seu horror e no seu desespero, sentia que já não havia interesse algum em demorar-se nesta atmosfera execrável e, caminhando para a saída,

volveu:

- Desejava matar-te! - ela baixou os olhos.

- Se o fizesses, darias descanso à minha vida! - disse com o mais sentido pesar.

Estava alquebrado. Lançou-lhe um último olhar carregado de ódio e abandonou o local fazendo tremer o soalho sob os seus passos.

Quando desembocou na rua e começou a dominar-se, pela primeira vez pensou que se esquecera de falar dos imóveis e do dinheiro. Não pronunciara uma única palavra sobre o assunto. Tê-lo-ia esquecido como se este não fosse o principal motivo da sua visita?

19

Sitt Amina abriu a porta, passou a cabeça pela abertura e disse com a sua entoação habitual:

- Alguma coisa para o seu serviço, meu pequeno senhor?

A voz de Fahmi fez-se ouvir:

- Entra só cinco minutos, mãe.

Amina, feliz por aceder ao convite, entrou. Fahmi estava em pé diante da secretária, o rosto grave e preocupado. Pegou na sua mão, conduziu-a até ao sofá perto da porta, sentou-a e acomodou-se a seu lado.

- Toda a gente está a dormir? - perguntou ele.

Amina compreendeu que não a fizera entrar para um qualquer favor. Se assim fosse, esta angústia e uma entrevista a sós não teriam razão de ser. Se bem que estivesse sempre pronta para atender a todas as solicitações, a ansiedade invadiu-a prontamente:

- Khadiga e Asha estão no quarto, como todas as noites a esta hora. Quanto a Kamal, acabo de deixá-lo na sua cama.

Fahmi esperava este momento desde que se retirara para a sala de estudo, no início da noite. Mas não pudera concentrar-se como era seu hábito. O livro que tinha diante de si e começara, o espírito atormentado, a seguir por intermitências o diálogo da sua mãe com as suas duas irmãs, não sabendo quando acabariam. Depois tivera ainda de espiar a sua mãe e Kamal decorando uma frase da surata da "Grande Notícia" [75].

Até que sobreviera o silêncio e sua mãe viera dar-lhe as boas-noites. Fora então que a convidara a entrar, expectante e no auge da tensão. E, se bem que a sua mãe se assemelhasse a uma pomba indefesa e que, em relação a ela, não sentisse qualquer desconfiança ou temor, tinha no entanto alguma dificuldade em exprimir o que ansiava declarar-lhe. O embaraço do pudor apoderou-se dele e durante um momento o silêncio escoou-se, arrastado, antes de se resolver a falar, as pálpebras vacilantes:

- Chamei-te, mãe, para pedir conselho sobre algo que muito me preocupa.

A inquietação de Amina aumentou, o seu coração sensível vivia o

instante receosa ou com um sentimento que muito se lhe assemelhava.

- Fala, meu filho - disse.

Para se descontraír, o rapaz soltou um suspiro profundo.

- O que pensarias se... quero dizer... não seria possível... Parou, hesitante, depois mudou de tom.

- Eu não tenho ninguém, para além de ti, a quem confiar os segredos da minha alma! - disse com uma voz afectuosa, indecisa e perplexa.

- Claro, claro, meu menino!

Fortalecido por esta resposta, ele atirou-se à água:

- O que dirias se eu te sugerisse pedir para mim a mão de Mariam, a filha do senhor Muhammad Ridwan, o nosso vizinho?

De início, Amina recebeu as suas palavras com estupefacção dando-lhe como resposta um sorriso que revelava mais confusão do que alegria. Depois, enquanto aguardava que o seu filho lhe comunicasse os seus desejos, despiu-se do medo que a dominara por um momento. O seu sorriso alargou-se e o seu brilho anunciava um puro contentamento. Ela hesitou um instante, sem palavras, depois do que perguntou:

- É mesmo este o teu desejo? Vou dizer-te sinceramente o que penso. Se algum dia fosse pedir para ti a mão de uma boa moça, esse seria o dia mais belo da minha vida!

O rapaz corou e disse à sua mãe cheio de gratidão:

- Obrigado, mãe!

Terna, mirou-o com um sorriso gentil e acrescentou, cheia de esperança:

- Que dia feliz! Já vi tanto, já sofri tanto e para Allah seria coisa de pouca monta recompensar-me, pelas minhas penas e pela minha paciência, com um dia tão almejado como esse, ou por outros ainda, para me consolar junto de ti e das tuas irmãs, Khadiga e Aisha - o seu olhar desapareceu nas imagens de sonhos felizes até que um pensamento perpassou o seu espírito, despertando-a com brusquidão. Num movimento de angústia, a sua cabeça recuou, qual uma gata surpreendida pela chegada de um cão.

- Mas... e o teu pai? - murmurou apreensiva. Fahmi sorriu com amargura:

- Foi justamente por este motivo que pedi que viesses! Amina reflectiu um momento e disse como se falasse consigo:

- Não sei como reagirá perante semelhante pedido. O teu pai é um ser estranho, não é como toda a gente. Quase lhe parece um crime aquilo que todos acham normal...

Fahmi disse, com o semblante crispado:

- No entanto, não vejo aí razão alguma para que se zangue ou se oponha!

- É o que eu penso também!

- É claro que o casamento seria adiado até terminar os meus estudos e encontrar um emprego!

- Claro... claro!

- Então o que pode haver que se oponha a isto?

Fitou-o, com o ar de dizer: "Mas quem poderá pedir contas ao teu pai fazer caso algum da lógica?", ela que diante do seu senhor conhecia uma obediência cega, tivesse ele razão ou não, fosse justo ou injusto, acrescentou todavia:

- Espero que ele abençoe o teu pedido com a sua anuência! Então Fahmi entusiasmou-se:

- O meu pai casou-se quando tinha exactamente a minha idade. Não desejo nada disso. Pelo contrário, esperarei que este casamento seja bem aceite e que nada se lhe oponha, em todos os aspectos!

- Que Deus atenda o teu pedido!

Mantiveram um longo silêncio, trocando olhares, numa comunhão de pensamentos, sabendo intuitivamente que cada um compreendia o outro e sem a menor dificuldade na sua mente. Então, Fahmi exprimiu o que o inquietava:

- Falta saber quem lhe vai transmitir o pedido! - Amina teve um sorriso que a reflexão e a ansiedade deixaram exangue, compreendeu que o astuto do seu filho lhe notificava uma tarefa de que mais ninguém na família se podia encarregar. Ela não se opôs, não havia meio de agir de forma diferente, ainda que a aceitasse contrafeita, como aceitava muitas coisas pedindo a Allah um desenlace feliz.

- E quem mais senão eu para lho transmitir? - perguntou com doçura. Que Allah esteja connosco!

- Lamento... Se pudesse ser eu a falar com ele, fá-lo-ia!

- Encarregar-me-ei de lhe contar e, se Deus quiser, ele concordará! Mariam é uma bela rapariga, bem-educada, de boa família... calou-se um instante e tomando de novo a palavra perguntou, como se apenas

houvesse pensado nisso naquele preciso momento:

- Mas, já agora, ela não tem a tua idade ou é mesmo um pouco mais velha.

- E-me completamente indiferente - respondeu o rapaz em pânico.

- Que Allah nos conceda a sua graça - disse Amina sorrindo- , que Allah esteja connosco!

Ela levantou-se:

- Bom, agora deixo-te aos bons cuidados de Allah! Até amanhã! Inclinou-se sobre ele, deu-lhe um beijo e deixou a sala, fechando a porta atrás de si. Mas qual não foi o seu espanto quando viu Kamal sentada no sofá, o nariz enfiado no caderno colocado diante dele.

- O que fazes aqui outra vez? - gritou ela. O garoto ergueu-se com um sorriso atrapalhado.

- Lembrei-me de que tinha esquecido o caderno de inglês, então voltei para buscá-lo. Queria rever uma última vez o vocabulário. Acompanhou-o novamente até ao quarto e só o deixou quando o viu estendido debaixo do cobertor. Mas este não adormeceu. O sono era por demais fraco para sustentar a pérfida insónia que o dominara. Não tardou a saltar da cama e ficou a espiar o ruído dos passos da sua mãe que subia as escadas para o andar superior. Abriu a porta, correu até ao quarto das irmãs. Empurrou a porta do quarto destas e entrou sem fechá-la, de modo a deixar à lâmpada um espaço que lhe permitisse alumiar parte da escuridão que reinava no interior. Lançou-se sobre a cama e murmurou:

- Khadiga, minha irmãzinha! Num sobressalto, a rapariga endireitou-se na sua cama e ele atirou-se para o seu lado, ofegante de emoção e, como se uma só orelha não lhe chegasse para aí entregar o segredo que afugentara o sono das suas pálpebras, estendeu a mão para o corpo de Aisha e sacudiu-o. Mas a rapariga apercebera-se da chegada do visitante. Repuxou o cobertor, soergueu a cabeça e perguntou espartilhada entre a curiosidade e o queixume:

- O que é que queres ainda?

Ele não prestou atenção ao tom de protesto, certo de que uma só alusão ao seu segredo bastaria para metamorfoseá-las por completo. E assim agitava-se de contente. Segredou atento a que nenhuma quarta orelha pudesse ouvi-lo:

- Tenho um segredo!

- E que segredo é desta vez?! - perguntou Khadiga. - Desembucha, mostra lá se és esperto!

Sem conseguir conter-se por mais tempo, declarou:

- O meu irmão Fahmi quer pedir Mariam em casamento!

Ao ouvir estas palavras, Aisha endireitou-se, por seu turno, num movimento brusco de mola. Esta revelação tinha tido o efeito de um jacto de água fria sobre o seu rosto adormecido. As três silhuetas aproximaram-se até formar uma pirâmide que a luz frouxa que penetrava no quarto deixava entrever e delimitava no chão pelo prolongamento da porta aberta. Formava um paralelogramo cujos lados moventes respondiam às vacilações da madeixa da lâmpada que, devido à porta deixada encostada, estava exposta a uma fraca corrente de ar soprando da frincha da janela entreaberta perto do vestíbulo, com a suavidade de um murmúrio espalhando um segredo. Khadiga perguntou com um interesse acrescido:

- E como é que sabes?

- Tinha saído da cama para ir buscar o meu caderno de inglês. Foi ao passar perto da porta do meu irmão que ouvi a sua voz. Então fiquei quieto no sofá...

E repetiu aos ouvidos das duas irmãs o que conseguira filtrar por trás da porta entreaberta. Escutavam com uma atenção que as deixou sem fôlego até a narração findar. Então Aisha perguntou à irmã, como se necessitasse de se convencer ainda mais:

- Acreditas nisso?

Khadiga retorquiu com uma voz que parecia provir de um telefone numa cidade distante:

- Achas que este aqui - apontando para Kamal - é capaz de inventar uma história dessas?

- Tens razão!

Aisha riu para alijar o peso da sua perturbação:

- Inventar a morte do miúdo na rua é uma coisa, esta história é diferente!

De seguida Khadiga perguntou, sem reparar nos protestos de Kamal contra a última alusão:

- Mas como pôde isso acontecer?

- Não te tinha já dito que muito me espantava que fosse a hera que, todas as noites, atraía Fahmi ao terraço? - respondeu Aisha numa

gargalhada.

- É uma hera de outra espécie que o enredou nos seus tentáculos!
Aisha cantarolou baixinho:

- "Ninguém pode censurar... ó olhos meus... de amá-lo...

- Chiu...! - admoestou-a Khadiga- , não é o momento para cantar!
Mariam tem vinte anos e Fahmi dezoito... Como é que a mãe pôde aceitar isso?

- A mãe? Mas, a mãe é uma pomba meiga que jamais faria mal a quem quer que seja. Não sabe dizer não... Ora, paciência! A verdade é que Mariam é bela e gentil, não é? E a nossa casa é a única do bairro que ainda não celebrou um casamento!

Khadiga, tal como Aisha, gostava de Mariam, porém nunca este sentimento dissimulara a seus olhos os aspectos censuráveis daqueles que amava, independentemente de quem se tratasse, e podia muito bem, quando necessário, concentrar-se unicamente nestes. E, como a questão do casamento despertava os seus temores ocultos e o seu ciúme, depressa se virou contra a amiga, o seu coração repugnando em tê-la como esposa do seu irmão.

- És doida?! - disse ela. - Concordo, Mariam é bonita, mas perante Fahmi deixa muito a desejar! Coitada, não vês que Fahmi anda na faculdade? Mais cedo ou mais tarde será juiz. Estás a imaginar Mariam esposa de um juiz de alto gabarito? No melhor dos casos, vale o mesmo que nós e, em muitos aspectos, vale muito menos que nós, e não é por isso que vamos desposar um juiz!

"Quem diz que um juiz é melhor que um oficial?", indagou Aisha no seu íntimo.

- E porque não? - protestou esta.

Khadiga prosseguiu o seu monólogo sem se preocupar com o desacordo da irmã:

- Fahmi pode desposar uma moça cem vezes mais bela que Mariam e, além do mais, culta e rica, a filha de algum bey ou mesmo de um paxá! Então por que motivo atirar-se desta forma e pedir a mão de Mariam? Não passa de uma analfabeta com a língua comprida! Não a conheces como eu a conheço!

Aisha compreendeu que, para Khadiga, Mariam se transformara num amontoado de defeitos e taras. Não pôde deixar de sorrir a coberto da escuridão, ao ouvi-la falar de língua comprida, qualidade

de que a sua irmã ainda estava mais bem apetrechada. No entanto, evitou enfurecê-la e concluiu com fatalismo:

- Entreguemos o caso a Deus!

Ao que Khadiga com convicção e fé contrapôs:

- O caso pertence a Deus lá no céu e ao nosso pai aqui na terra.

Veremos o que ele pensa disso - depois, virando-se para Kamal:

- Quanto a ti, já é tempo de voltares para a tua cama sem fazer cenas! Kamal regressou ao seu quarto dizendo de si para si: "Falta informar Yassin amanhã!"

[\[75\]](#) Alcorão, LXXVIII.

20

Khadiga e Aisha tinham ficado de cócoras uma diante da outra, coladas às ombreiras da porta do quarto dos pais, no último andar; sustinham a respiração com cautela e tentavam ouvir o seu interior, o espírito alerta. Era um pouco antes do fim da tarde. Ahmad Abdel Gawwad levantara-se da sua sesta, fizera as suas abluções e beberricava um café, como era seu hábito, enquanto aguardava pelo chamamento do muezzin para fazer a sua oração antes de regressar à loja. As duas irmãs estavam à espera que a mãe o informasse sobre o que Kamal lhes contara, visto que não havia ocasião mais propícia. Tendo surpreendido, vinda do interior, a voz estentórica do pai que começava a falar de assuntos domésticos, ficaram à escuta, expectantes e angustiadas, enquanto trocavam olhares inquiridores. De repente, ouviram finalmente a voz materna que, com extrema polidez, submissa, dizia:

- Senhor, se me permite, gostaria de lhe falar acerca de algo de que fui incumbida por Fahmi.

Ao ouvir estas palavras, Aisha apontou com o queixo para o interior do aposento, como quem diz "este é o assunto", enquanto Khadiga tentava imaginar a sua mãe, contida, a preparar-se para a grave revelação. Fez-lhe pena. Mordeu o lábio inferior em sinal de grande apreensão. A voz do pai chegou até elas:

- O que é que ele quer?

Depois de uma curta pausa, que se arrastou para as raparigas à escuta, Amina declarou com meneios:

- Fahmi, meu senhor, é um bom rapaz, soube satisfazê-lo com a sua seriedade, o seu espírito brilhante e a sua educação. Que Allah o preserve dos invejosos. Talvez me tenha confiado a sua esperança por orgulho, ciente da estima que goza junto do seu pai.

- Mas o que quer ele? Fala!

Proferira aquelas palavras num tom que levou as duas raparigas a imaginá-lo contente. Encostaram as suas cabeças contra a porta, cada uma fitava a outra nos olhos sem vê-la realmente. Chegou-lhes então a voz desconexa de Amina:

- O meu senhor conhece o nosso venerável vizinho, Muhammad

Ridwan!

- Claro!

- Trata-se de um homem virtuoso, como o meu senhor, chefe de uma nobre família. De mais a mais, verdadeiros vizinhos, o que se não pode dizer de todos os outros!

- Sim...

Depois de alguma indecisão, ela chegou à questão:

- Fahmi pergunta, meu senhor, se o seu pai o autoriza a... hum... pedir em casamento Mariam, a filha do nosso vizinho, para que lhe fique prometida até que lhe seja possível casar.

Ouvindo estas palavras, a voz de Ahmad Abdel Gawwad troou, tingida com os rudes acentos da cólera e que gritava a sua desaprovação:

- Em casamento?!... O que estás tu para aí a dizer, mulher? Aquele garoto!... Essa agora! Repete lá isso outra vez!

Amina repetiu, a voz trémula, enquanto Khadiga imaginava a mãe, prostrada sobre si mesma, cheia de pavor.

- Ele queria simplesmente perguntar... É só uma pergunta, meu senhor, a decisão pertence-lhe!

- Não estou acostumado, e ele também não, a estas denguiques - disse deixando explodir a sua cólera - e não sei o que pode ter enlouquecido um estudante ao ponto de exprimir quejandas exigências! De qualquer modo, uma mãe como tu é capaz de perverter os seus filhos, pois, se fosses digna deste nome, nunca terias tido a audácia de vir ter comigo com uma conversa tão insolente!

As duas raparigas encheram-se de terror e de consternação, embora no coração de Khadiga houvesse, em acréscimo, uma pitada de satisfação. Ouviram a mãe responder numa voz agitada e dócil:

- Meu senhor, não se zangue! Da minha parte, não havia qualquer maldade, nem da parte do meu filho quando fez este pedido em toda a inocência! Pelo contrário, solicitou-me de boa-fé e julguei aconselhável submeter-vos o problema. Mas, visto que esta é a sua opinião, comunicar-lha-ei e ele saberá acatá-la humildemente como sempre se inclina ante as suas ordens.

- Obedecerá quer queira quer não, mas faço questão de dizer-te que és uma mãe fraca de quem nada de bom se pode esperar!

- Mas zelo para que respeitem as suas recomendações!

- Diz-me lá, o que pode tê-lo levado a fantasiar tal esperança?

As duas raparigas escutavam com um interesse misturado de perturbação, surpreendidas por esta pergunta com que não contavam. Mas nenhuma resposta obteve da mãe e elas imaginaram-na reduzida a pestanejar, alarmada e receosa. Numa viva apreensão, os seus corações apiedavam-se.

- Então, engoliste a tua língua? Fala! Acaso a viu?

- Claro que não, senhor, o meu filho não levantaria os olhos sobre uma vizinha nem sobre outra moça qualquer!

- Como é que pôde ter tido o desejo de pedi-la em casamento se não a viu? Não pensava que os meus filhos andassem a espreitar as filhas dos vizinhos!

- Allah nos guarde, senhor! Quando o meu filho caminha na rua, nunca olha nem à direita nem à esquerda, e em casa quase nunca deixa o seu quarto, se a isso não for obrigado!

- Então quem o incentivou a pedir a sua mão?

- Talvez tenha ouvido as suas irmãs falarem dela!

Um calafrio percorreu as duas irmãs em questão. Ficaram boquiabertas, aterradas, o ouvido mais atento do que nunca.

- E desde quando as suas irmãs desempenham o papel de casamenteiras? Meu Deus, será que é necessário que eu descure a loja e os meus negócios e venha enterrar-me em casa para pô-la em ordem e debelar os seus vícios?

- Mas a sua casa é a mais respeitável de todas! - gritou Amina com a voz embargada de soluços- , Allah é minha testemunha, senhor. Porque se encoleriza desta maneira? Esta questão já está resolvida, como se nunca tivesse existido!

- Diz-lhe que aprenda a ter maneiras - replicou num tom de ameaça- , a ter um pouco de decência e a ficar no seu lugar... E, também, que melhor faria em dedicar-se aos estudos!

As duas raparigas perceberam um movimento no interior do quarto. Levantaram-se com cuidado e afastaram-se da porta pé ante pé. Amina achou preferível deixar o quarto, como todas as vezes que lhe escapara alguma palavra infeliz que provocava a cólera do marido, para aí regressar somente se convidada. Pois a experiência ensinara-lhe que permanecer diante dele, quando enfurecido, e tentar apaziguá-lo com palavras doces apenas servia para deitar mais achas na

fogueira. O senhor Ahmad ficou por isso sozinho e os sinais manifestos da sua ira, que normalmente faziam irrupção nos seus olhos, na pele do seu rosto, nos gestos das suas mãos e nas suas palavras, abandonaram-no. Mas a cólera manteve-se oculta, nos recessos da sua alma, como sedimentos no fundo de uma marmita. De facto, em casa enfurecia-se pelas razões mais insignificantes, porque, por um lado, seguiam o plano que delineara para a sua conduta em questões familiares e, por outro, era arrastado pelo seu carácter irascível que não vinha conter, quando em casa, a urbanidade que usava admiravelmente fora de portas... E talvez também quisesse divertir-se um tanto, tendo em conta o controlo que exigia de si, a indulgência, a amabilidade, a condescendência para os outros e os esforços que fazia para conquistar a qualquer preço os corações. Não raro, compreendia que se deixara exaltar pela cólera sem motivo aparente, mas, mesmo assim, não lastimava os seus excessos, persuadido de que a sua cólera face a coisas triviais podia obstar a que outras mais graves acontecessem, o que lhe conferia legitimidade. Contudo, o que hoje fora dito sobre Fahmi não era uma futilidade. Via nisso, pelo contrário, um capricho absurdo que não tinha razão de ser na mente de um estudante da sua família. Além do mais, não podia conceber que "os sentimentos" se infiltrassem nas paredes da sua casa, onde exigia que o rapaz crescesse num clima de pureza austera e de castidade notória. A oração da tarde chegou como uma ocasião para mudar de ideias. Quando terminou, o seu coração serenara e o seu espírito aliviara a tensão. Teve ainda tempo para, sentado de pernas cruzadas sobre o tapete de oração, abrir as palmas das mãos e pedir a Deus que abençoasse a sua descendência e o seu património, não esquecendo, sobretudo, de rezar para que os seus filhos se orgulhassem de seguir a via da rectidão e do sucesso. Por isso, no momento em que saiu de casa, o seu semblante furibundo não passava de uma máscara com o mero propósito de atemorizar. Na loja, reencontrou alguns amigos e contou-lhes "a última", não como uma tragédia, pois repugnava-lhe acolher as pessoas com tragédias, mas como uma brincadeira de mau gosto. Foi comentada com inúmeros gracejos, aos quais, após a partida dos amigos, não tardou a dar a sua achega, rindo a bandeiras despregadas. Na loja, "a última" afigurou-se-lhe completamente diferente do que lhe parecera no quarto, em casa. Conseguiu rir-se e

até enternecer-se, acabando por concluir, dentro de si, com uma alegria prazenteira: "Quem sai ao seu pai não comete injustiça."

21

Quando Kamal atravessou a porta da casa, a noite rastejava com passos decididos, envolvendo as ruas, os becos, os minaretes e as cúpulas das mesquitas. Talvez o contentamento que lhe advinha desta saída relâmpago, que, a tão tardia hora raramente lhe era proporcionada, apenas encontrasse um equivalente no orgulho pela mensagem oral de que o encarregara Fahmi. Com efeito, não lhe escapara que era o único a quem fora confiada, num ambiente de segredo e de discrição. Tal facto conferia-lhe, e por conseguinte à sua pessoa, uma importância especial que o seu coração de menino, dançando, sentia cheio de jubilação e de orgulho. Interrogava-se o que poderia ter alquebrado Fahmi para se deixar submergir por uma angústia e uma tristeza que o envolviam qual sombrio casaco e o tornavam um estranho, que Kamal jamais vira ou ouvira antes. Porque, comparado com o seu pai, que explodia como um vulcão pelas razões mais anódinas, ou com Yassin, que, apesar dos encantos da conversa, se deixava levar pela fúria, ou mesmo com Khadiga e Aisha, a quem não faltava malícia, Fahmi, de entre todos, era o exemplo. Sim, de entre todos, era o exemplo: o seu riso era um sorriso, a sua cólera, simples careta e a sua calma imensa não impedia a sinceridade dos seus sentimentos, nem a autenticidade do seu entusiasmo. Kamal não se recordava tê-lo, alguma vez, visto no estado de hoje. Jamais esqueceria como o achara aquando do encontro que haviam tido a sós, na sala de estudo: o olhar perdido, o espírito incoerente, uma voz sumida. Jamais esqueceria como, pela primeira vez na vida, se lhe dirigira com uma voz onde ardia a súplica. O orgulho de Kamal era enorme, tanto assim que a memorização da mensagem, de que era portador, necessitara de inúmeras repetições. Compreendera, pelo seu conteúdo, que a situação estava intimamente ligada à estranha discussão que, atrás da porta, escutara e comunicara às irmãs, o que aliás provocara, entre elas, desavenças e conflitos. Em suma, referia-se a Mariam, a rapariga que muitas vezes lhe pregava partidas, e reciprocamente, cuja companhia apreciava, mas que por vezes o importunava. Todavia nunca imaginara que pudesse destruir a serenidade e a inteireza do seu irmão. Mariam? Porque fizera ela isto

ao seu irmão tão querido e maravilhoso? Pairava algo de indecifrável no ar, análogo ao que rodeia os espíritos e os espectros, e que tanto excitara a sua curiosidade e o seu medo. Estava perplexo, queria deslindar aquele mistério. Contudo, a sua perturbação não lhe impedia de repetir para si mesmo a mensagem tal como a ouvira da boca do seu irmão, de modo a ter a certeza de não omitir uma única letra do seu conteúdo. Ainda a recapitulava mentalmente quando chegou diante da casa da família Ridwan. Depois virou para o primeiro beco, onde se situava a porta de entrada.

A casa não lhe era desconhecida. Quantas vezes penetrara no pequeno pátio onde, ao abandono num canto, dormia um carro de mão com as rodas desmanteladas? Quantas vezes, na sua imaginação, trepara sobre este para consertar as rodas de modo a ir para onde bem entendesse? Quantas vezes se aventurara a deambular por entre estas paredes, sem permissão? Era acolhido de braços abertos pela dona da casa e pela sua filha, de quem se tornara alvo das brincadeiras, e que, apesar da sua tenra idade, considerava como duas velhas amigas. Esta casa, com os seus três quartos agrupados em torno de um pequeno salão albergando uma máquina de costura, por trás da janela que dava directamente para Hammam es-Sultan, era-lhe tão familiar quanto a sua, com as suas salas espaçosas e o seu grande salão, onde, todas as noites, se realizava a "sessão do café". Além disso, algumas circunstâncias havia que tinham deixado uma marca no seu espírito e ecos que pertenciam à sua infância, como o ninho de pombas, por cima da machrabiyya do quarto de Mariam, cujo rebordo se avistava sobre o seu ângulo, colado à parede qual um arco de círculo. Em volta deste entrelaçavam-se palhas e penas, donde, de quando em vez, sobressaíam a cauda ou o bico da pomba, conforme esta pousara. Observava o ninho, cheio de curiosidade, e dois desejos digladiavam-se no seu íntimo: um, que lhe era próprio, instigava-o a brincar com ele e roubar os filhotes, e outro, herança materna, que o compelia a con-ter-se nos limiares da curiosidade e daternura e de participar na vida da pomba e da sua família tão-só pela imaginação. Havia também, pendurado no quarto de Mariam, uma foto da embaixatriz Aziza [\[76\]](#), um rosto de cores vivas, pele esplendorosa e de traços delicados. Superava em formosura a beldade cuja imagem o fitava na pequena loja de Matussian.

Contemplava-a longamente, questionando-se sobre a "sua história". E Mariam contava-lhe o que acerca dela sabia e igualmente o que não sabia, com uma desenvoltura na sua expressão que o deslumbrava e cativava. A casa não lhe era, portanto, estranha. Dirigiu os seus passos para o salão, sem que ninguém se desse conta da sua presença, e, num relance furtivo para o interior do primeiro quarto, viu o senhor Muhammad Ridwan estendido sobre a sua cama, onde, há anos, se habituara a vê-lo. Sabia que o velho homem se achava doente. Diversas vezes, ouvira dizer que estava paralisado, pelo que certo dia perguntara à mãe em que consistia a paralisia. Tomada de pânico, Amina implorara a protecção de Allah contra o mal evocado pela palavra que acabara de ser proferida e Kamal retraiu-se. Desde então, aquele homem passara a despertar nele uma piedade e uma curiosidade entremeadas de temor.

Chegou perto do quarto ao lado, onde viu a mãe de Mariam em pé, frente ao espelho, tendo na mão algo que se assemelhava a massa de pão que espalhava na sua face e no seu pescoço, para de seguida retirar com pequenos golpes bruscos e regulares, antes de palpar com os dedos aquela zona da pele, como que para confirmar o seu aspecto ao toque e verificar a sua macieza. Se bem que passasse dos quarenta anos, ostentava à semelhança da sua filha uma beleza esplendorosa, adorando o riso e os gracejos. Sempre que o via precipitava-se sobre ele, bem-humorada, para abraçá-lo e indagar, como se a sua paciência estivesse prestes a se esgotar: "Então, e esta nossa maioridade, quando é que lá chegas, para que eu possa casar contigo?" Ficava envergonhado e embaraçado, embora lhe agradassem as brincadeiras e ansiasse por mais. Quanta curiosidade suscitava nele aquela operação que, de tempos a tempos, diante do espelho, a absorvia! Uma vez interrogara acerca disso a sua mãe, mas esta repreendera-o - sendo a repreensão a forma de correcção mais severa que ela empregava -, zangando-se com ele por fazer perguntas sobre assuntos que em nada lhe diziam respeito. Todavia, a mãe de Mariam, que era mais indulgente e transigente, vendo-o certo dia a estudá-la com assombro, colocou-o sobre um banco diante dela e pôs nos seus dedos o que inicialmente ele julgara ser uma massa. Depois, estendeu-lhe a face e disse rindo.- "Vamos lá trabalhar! Mostra-me os teus talentos." Começou a imitar os gestos da mulher e acabou por revelar uma

destreza que esta lhe invejou. Contudo, não lhe bastando esta agradável tentativa, perguntou-lhe: "Por que razão fazes isso?" Esta disparou uma gargalhada e respondeu: "Porque não esperas mais dez anos para julgares por ti próprio? Mas não há motivo para esperar. Não achas a pele macia mais bonita que a pele rugosa? E não achas esta suave?"

Acabava de passar diante da sua porta, pé ante pé, de modo que ela não reparasse nele, porquanto a sua mensagem era demasiado importante para que se permitisse ficar em amena cavaqueira com alguém que não fosse Mariam. Encontrou esta, sentada na sua cama do quarto do fundo, a petiscar pevides de melão grelhadas com uma tigela cheia de cascas diante dela.

- Kamal! - gritou, quando o viu.

Ia perguntar-lhe o que o trazia ali, àquela hora, mas conteve-se, temendo assustá-lo ou intimidá-lo.

- Mas quanta honra! Vem sentar-te ao meu lado!

A criança fez-lhe um sinal com a mão e depois desabotoou as suas botas e descalçou-as. Saltou para cima da cama, com a sua galabiyya listrada, conservando o seu barrete azul com riscas vermelhas na cabeça. Mariam soltou um dos seus risos deliciosos e colocou na sua mão algumas pevides, acrescentando:

- Vá, descasca, ó meu passarinho, mexe a tua dentadura de pérolas... Lembras-te do dia em que me mordeste quando eu te fazia cócegas?... Sim, assim mesmo!

Ela avançou a mão para a sua axila, mas, num movimento de reflexo, o garoto cruzou os braços sobre o peito para se proteger. Agitou-o, sem querer, um riso nervoso como se os dedos da rapariga lhe tivessem de verdade feito cócegas.

- Não - gritou. - Isto não, isto não! Por favor, querida Mariam! Retirou a sua mão estarrecida diante de tal susto.

- Porque tremes diante das cócegas? Olha, eu não me importo! - e começou a fazer cócegas a si própria, despreocupada, enquanto lhe lançava um olhar de desdém.

- Deixa que eu te faça cócegas e logo veremos! - disse desafiando-a. Ela teve de levantar os braços por cima da cabeça. O garoto cravou os seus dedos sob as axilas da rapariga e começou a fazer-lhe cócegas com toda a destreza e toda a agilidade possíveis, enquanto fitava os

seus belos olhos negros, para neles descobrir os primeiros indícios de fraqueza. Mas foi obrigado a retirar as suas mãos, suspirando, derrotado e confuso, perante a evidência. Com um doce riso zombeteiro, ela exclamou:

- Estás a ver, pequeno homem impotente, e agora não voltes a dizer que és um homem!

Depois, com um tom de alguém que de súbito pensa num facto importante:

- Oh! Que catástrofe! Esqueceste-te de me dar um beijo. Não te disse repetidas vezes que, entre nós dois, o cumprimento dos nossos encontros seria um beijo?

Aproximou dele o seu rosto, e o garoto estendeu os lábios para lhe dar um beijo na face. Viu então que uma migalha de pevide se escapara dos cantos da sua boca e ficara colada no rosto da rapariga, pelo que, acanhado, a retirou com os seus dedos. Mariam agarrou o seu queixo com os dedos da mão direita e, pródiga, beijou os seus lábios. Posto isso, perguntou atónita:

- Mas como conseguiste escapulir-te a estas horas?! Às tantas, a tia anda agora mesmo à tua procura por toda a casa!

Deixara-se levar pela tagarelice e pela brincadeira e quase olvidara a mensagem que ali o trouxera. Mas, a pergunta de Mariam recordou-lhe a sua missão e passou a observá-la de forma distinta, com um olhar ávido por decifrar, no âmago da jovem, o mistério que transtornara um irmão tão ponderado e bondoso. Porém, a sua investigação soçobrou ante o sentimento de ser portador de notícias que nada tinham de alegre:

- Foi o Fahmi que me mandou! - disse confuso.

Um olhar novo, carregado de seriedade, esboçou-se nos olhos da rapariga. Fixou o seu rosto, atenta, para aí ler o que ocultava. O garoto sentiu que o clima se alterara, como se acabasse de ser transportado de uma estação do ano para outra, quando a ouviu que perguntava baixinho:

- Porquê?!

A franqueza com que lhe respondeu provava que não medira a gravidade das notícias de que era portador, apesar do sentimento intuitivo que tinha da sua importância.

- Disse-me que te transmitisse os seus cumprimentos e te dissesse

que solicitara ao seu pai a permissão para pedir a tua mão, mas que o seu pai não aprovara que ele fizesse este pedido enquanto fosse estudante e pedira-lhe que esperasse até ter terminado os seus estudos.

Mariam fixava o seu rosto com uma atenção crescente e, quando ele se calou, baixou os olhos sem nada dizer. Um silêncio opressor abateu-se sobre ambos, um silêncio que para o seu coração de criança era difícil de suportar e que a todo o custo desejava dissipar:

- Assegura-te de que esta recusa é contra a sua vontade e que tem pressa de ver os anos passarem para realizar as suas aspirações.

Mas, vendo que as suas palavras não produziam qualquer efeito e não a arrancavam ao seu mutismo, a sua vontade de vê-la novamente alegre e bem-humorada agudizou-se:

- Queres que te diga a discussão que houve entre Fahmi e a minha mãe acerca de ti? - perguntou ele com excitação.

- O que ele disse e o que ela disse? - perguntou ela, por sua vez, com um interesse mitigado. Este sucesso parcial fê-lo transbordar de alegria e contou-lhe então, até ao fim, o que ouvira da discussão, por trás da porta. Pareceu-lhe que ela suspirava.

- O teu pai é um homem duro e assustador, é assim que é conhecido por todos - gemeu ressentida.

- Sim... é assim - respondeu maquinalmente.

Ergueu a cabeça para ela, temeroso e cauto, mas achou-a alheada. Lembrou-se então das recomendações do seu irmão e perguntou-lhe:

- Então, o que é que eu lhe digo?

Teve um riso sarcástico e encolheu os ombros. Ia responder, todavia conteve-se por alguns instantes. Por fim, disse com um olhar onde brilhava a malícia:

- Diz-lhe que ela não saberá o que fazer se outro vier pedir a sua mão durante estes longos anos de espera!

Kamal preocupou-se mais em memorizar esta nova mensagem do que tentou percebê-la. Sentiu, em breve, que a sua missão chegara ao fim.

Guardou as restantes pevides de melão no bolso da sua galabiyya, e saudou-a com a mão antes de deslizar para o chão e caminhar para a saída.

^[76] Literalmente, a embaixatriz Aziza, senhora de uma extraordinária beleza, pertencente à família de Muhammad Ali, paxá e governador do Egipto em nome do sultão otomano de 1806.

De olhos cravados no espelho, Aisha parecia mergulhada num deslumbramento profundo ante a sua imagem: era excepcional não só no seio daquela família de muito prestígio, mas ainda entre as demais raparigas do bairro em virtude dos seus cabelos dourados e seus olhos azuis. Yassin tecia-lhe louvores abertamente e os olhares que Fahmi não cessava de lhe lançar, sempre que com ela falava de um assunto qualquer, diziam a sua admiração. Até o pequeno Kamal só sentia prazer em beber pela jarra no sítio ainda húmido com a saliva dela. A mãe mimava-a e apelidava-a de "lua" mesmo se não escondia a sua inquietação diante da sua magreza e da sua fragilidade, o que a levava a incitar Umm Hanafi a compor "mezinhas" destinadas a engordá-la. Quanto a Aisha, talvez fosse quem mais se apercebesse da sua assombrosa beleza, a julgar pelo desvelo que lhe dedicava e pela cumplicidade que consigo mesma mantinha. Porém, estes cuidados excessivos não escapavam aos comentários de Khadiga, às suas censuras ou repreensões. Não que esta se desleixasse, pois na verdade era a que de forma mais acentuada herdara de sua mãe o gosto pelo asseio e pela elegância, mas porque normalmente via a irmã iniciar o seu dia escovando os cabelos e ataviando-se, mesmo antes de concluídas as tarefas domésticas, como se não suportasse que a sua beleza ficasse uma hora sem os devidos cuidados e atenções. Mas, cuidar da beleza não era o único motivo desse ritual matinal: aquando da partida dos homens para as suas respectivas ocupações, Aisha procurava refúgio na sala de estar para afastar e entreabrir levemente a janela que dava sobre Bain el-Qasrain. Postava-se atrás, o olhar fixo na rua, presa de uma espera ansiosa e turvada pelo medo. Também naquela manhã, colocara-se a seu posto, passeando um olhar indeciso entre Hammam es-Sultan e a fonte de Bain el-Qasrain. O seu coração juvenil palpitava continuamente até ao longe surgir aquele que era "esperado". Dobrara a esquina, vindo de el-Khoronfish, e pavoneava-se no seu uniforme militar, com duas estrelas cintilantes a seus ombros. A medida que se aproximava da casa, começou a erguer os olhos cautelosos sem levantar a cabeça, até que, tendo chegado ao seu lado, se esboçou no seu semblante um sorriso que era todo ele

discrição e que tocava mais o coração do que os sentidos, semelhante à lua crescente na sua primeira noite. Desapareceu, de seguida, sob a machrabiyya e Aisha virou-se para trás, precipitando-se para continuar a observação através da outra janela que dava para en-Nahhasin. Mas qual não foi o seu espanto ao ver Khadiga, sobre o sofá entre as duas janelas, que olhava para a rua por cima da sua cabeça!... Não pôde conter um grito de surpresa, os olhos esbugalhados e petrificada pelo terror.

Quando e como chegara ali? Como pudera subir sobre o sofá sem que disso se apercebesse?!... O que vira? Quando? Como? O quê? Quanto a Khadiga, continuava a fitá-la, os olhos estreitando-se a pouco e pouco, num mutismo pertinaz, dilatando o silêncio como que para prolongar o tormento. Aisha dominou-se um pouco e baixou os olhos numa extrema confusão. Encaminhou-se para a cama, debalde fingindo controlar-se e resmungando:

- Assustaste-me!

Khadiga não revelou o mínimo interesse; manteve-se na mesma posição sobre o sofá, observando a rua, através da fresta.

- Ah! Assustei-te? Allah te proteja!... Vê lá se eu sou o papão!

Aisha, tendo recuado um passo, e já ao abrigo do olhar da irmã, cerrou os dentes num acesso de cólera cuja violência se mesclava de desespero; disse, apesar de tudo, com uma voz serena:

- Vi-te de repente por cima da minha cabeça, sem me ter apercebido da tua entrada. Porque andas agora pé ante pé?

Khadiga saltou para o chão, sentou-se no sofá e com uma calma insolência disse:

- Lamento, minha querida irmãzinha! Da próxima vez pendurarei um sino ao pescoço, como se fosse o carro dos bombeiros, para que te possas dar conta da minha presença e não te aflijas!

- Não carece pendurar um sino - respondeu Aisha constrangida e ainda alarmada- , basta-te andar como qualquer criatura de Allah que se preze!

Khadiga devolveu à sua irmã um olhar cheio de subentendidos e retorquiou no mesmo tom escarninho:

- Allah sabe perfeitamente que caminho como as Suas criaturas, mas aparentemente tu estavas atrás da janela, aliás, atrás desta janela entreaberta, tão absorta por aquilo que se passava diante de ti que

perdeste a noção do que acontecia em teu redor, de tal modo que já não te assemelhavas às outras criaturas de Allah!

Aisha rebentou:

- És sempre assim!

Khadiga observou de novo uma pausa de alguns minutos e desviou os olhos da sua presa. Soergueu as sobrancelhas parecendo meditar sobre um problema espinhoso. Depois, numa alegria simulada, como que inspirada pela solução exacta, disse, num aparte, sem fitar a irmã desta vez:

- Então, é por isso que ela canta tantas vezes: "Belo oficial de púrpura agalado, tu que me tens presa, da minha desgraça tem piedade!" E eu, feita estúpida, acreditei mesmo que era uma simples cantiga, só para se divertir!...

O coração de Aisha começou a bater descompassado. O que temia acontecera. Escusado era agarrar-se às ilusões de falsas esperanças. Foi tomada por uma comoção que fazia vacilar as fundações do seu ser. Estava à beira de chorar quando o próprio desespero a compeliu a lutar denodadamente em sua defesa. Gritou, mas a sua voz entaramelada obliterou o sentido das suas palavras:

- O que significam estas palavras incompreensíveis?

Khadiga, contudo, parecia não ouvir e continuava o seu monólogo:

- Eis a razão por que se embeleza logo de manhã cedo! Quantas vezes me perguntei: "Como é possível que uma moça se emboneque antes de ir varrer e limpar o pó?" Mas quem fala em varrer ou limpar o pó, minha pobre Khadiga? Hás-de viver e morrer idiota! Varre tu, anda lá, limpa o pó, e sobretudo não te arrumes antes ou mesmo depois do trabalho! Para quê embelezar-te, infeliz?! Bem podes olhar pela fresta da janela, dia após dia... e, se alguma vez, um simples soldado de ronda mostrar algum interesse por ti, corto o meu braço!

Ao ouvir estas palavras, Aisha, nervosa e perdida, exclamou:

- Não tens o direito!... Não tens o direito!

- Ela tem razão, Khadiga! São subtilezas que não podes apreender com o teu espírito brumoso. Olhos azuis, cabelos de ouro fino, um galão vermelho, uma estrela cintilante, claro, é evidente!

- Khadiga, estás enganada, estava simplesmente a olhar pela janela, sem querer ver ninguém ou que alguém me visse.

Khadiga virou-se para ela, como se só então se desse conta da sua

objecção, e perguntou, como para pedir desculpa:

- É comigo que estavas a falar, ó minha querida? Não me leves a mal, é que estou a pensar em coisas importantes. Espera um pouco para falar comigo.

Começou a abanar a cabeça, absorta, e continuou a falar para si:

- É uma coisa natural! Mas que culpa tendes, ó sayyed Ahmad Abdel Gawwad? Tenho pena de vós, meu bom, meu generoso senhor. Vinde ver o vosso harém, ó meu sayyed e ó coroa da minha honra!

Ao ouvir o nome do seu pai, Aisha sentiu um frémito de terror. A sua cabeça foi como que tomada de uma tontura e voltaram à sua mente as palavras que aquele dissera à sua mãe quando se insurgira contra o desejo de Fahmi de pedir a mão de Mariam: "Diz-me... Ele viu-a? Não pensava ter filhos que andam a espreitar as filhas dos vizinhos." Se pensava isso do filho, o que não pensaria da filha! Numa voz sufocada lançou:

- Khadiga, isto é indigno... Estás errada... Estás errada!

Mas Khadiga prosseguia o seu solilóquio sem lhe dar a menor atenção:

- Será que é isto o amor?! Talvez! Não dizem: " O amor cravou as suas garras no meu coração... por causa dele estou prestes a ir para Tokar [zz]"? Onde fica Tokar? Talvez em en-Nahhasin ou, melhor, em casa do sayyed Ahmad Abdel Gawwad!

- Chega! Poupa-me à tua língua! Meu Deus... porque não acreditas em mim?!

- Então, Khadiga, tens de tomar medidas! Não estamos numa festa. És a irmã mais velha! O dever é o dever, por mais amargo que possa parecer. É necessário informar todos os interessados. Revelarás o segredo ao teu pai?! Na verdade, não sei como contar-lhe um segredo desta importância. Yassin? Ele ou nada, vai dar ao mesmo! Tudo o que dele podemos esperar é que nos cante disparates incompreensíveis. Fahmi? Ele também tem um fraco por estes cabelos louros que serão a fonte de todos os nossos infortúnios! Penso que é preferível avisar a mãe... e ela que faça o que bem entender!

Esboçou um gesto, como se estivesse prestes a levantar-se. Aisha precipitou-se sobre ela, qual uma galinha degolada, e agarrando nos seus ombros gritou, o peito arquejante:

- O que queres?

- Estás a ameaçar-me?! - perguntou Khadiga.

Aisha ia falar, mas de súbito as lágrimas oprimiram-lhe a garganta. Murmurou palavras que os soluços dilaceravam horivelmente. Khadiga fitava-a, silenciosa e pensativa. Depois, a expressão divertida de troça abandonou o seu rosto que se tornou sombrio. Escutava, alterada, os soluços da sua irmã.

- Cometeste um erro, Aisha! - disse, séria pela primeira vez. Calou-se, o rosto cada vez mais taciturno, o nariz parecendo mais proeminente. Estava visivelmente emocionada:

- Mas deves reconhecer o teu erro. Diz-me, como pudeste deixar-te arrastar para estes joguinhos! Enlouqueceste!

- Tu é que pensas mal de mim - tartamudeou Aisha, enxugando as lágrimas.

Khadiga suspirou, franzindo a testa, como que enfadada diante daquela vã obstinação. Mas acabou por renunciar às suas intenções belicosas e mesmo às suas zombarias. Sabia sempre onde e quando se deter de modo a não exceder os limites. O sarcasmo saciara a sua agressividade e a sua crueldade e com isso se satisfez, como usava fazer. Mas sobejavam tendências de uma outra natureza, muito distantes daquela violência malévola, que ainda não haviam sido satisfeitas e que provinham de uma sensibilidade de irmã mais velha, mormente de uma sensibilidade quase maternal, de que nenhum membro da família se podia queixar, por mais ríspidos que fossem os seus ataques. Impelida pelo desejo de apaziguar a sua propensão para o amor, disse:

- Não sejas teimosa! Vi tudo. com os meus próprios olhos, e agora já não estou a brincar. Mas gostaria de dizer-te sinceramente que cometeste uma falta grave. São frivolidades que esta casa não conheceu no passado e que não pretende conhecer, nem hoje nem amanhã! Só um desvario te pode ter conduzido a semelhante acto. Ouve-me e compreende bem o meu conselho! Não voltes a fazer isto! Por muito tempo que se consiga esconder algo, tudo acaba sempre por se saber! Imagina o que aconteceria a todas nós se algum vizinho te visse. Sabes como é a língua das pessoas! Pensa no que sucederia se isto chegasse aos ouvidos do meu pai! Allah nos proteja!

Aisha inclinou a cabeça, deixando ao silêncio o cuidado de exprimir a sua confissão. Subiu-lhe ao rosto o rubor da vergonha, aquele sangue

que a consciência verte no seu íntimo quando ferida por alguma culpa. Neste momento, Khadiga suspirou:

- Cuidado!... Cuidado! Percebes o que te quero dizer? Depois, voltou de novo à ironia, alterando um pouco o tom: - Ele viu-te, não é? O que o impede de se apresentar a ti como um homem de respeito? Chegada a hora, dir-te-emos: "Mil vezes boa viagem!" e até: "Vá para o diabo sessenta vezes, minha senhora!"

Aisha dominou-se e os seus lábios alegraram-se com um sorriso, como o brilho do primeiro acordar do olho após um longo coma. Após se haver deliciado com o prazer de tê-la à sua mercê e perante aquele sorriso, Khadiga pareceu suportar dificilmente o facto de ver a irmã fugir ao seu controlo.

- Não penses que estás livre de perigo! A minha língua não sabe calar-se caso não seja devidamente entretida!

- O que queres dizer? - perguntou a outra, reconfortada.

- Não a deixes sozinha, para que o mal a não venha tentar. Entretém-na com alguma doçura de modo que ela te esqueça. Uma caixa de drageias de Shanjarli, por exemplo!...

- Terás tudo o que desejas e ainda mais!

O silêncio recaiu. Cada uma estava imersa nos seus pensamentos. Mas o coração de Khadiga continuava a ser o que fora desde o início: um ninho povoado por sentimentos contraditórios onde o ciúme e o ódio conviviam com a piedade e a ternura.

[77] Tokar, nome de uma prisão tristemente célebre pelo seu tratamento desumano, que foi construída pelos Ingleses, na costa oriental do Sudão.

23

Sitt Amina estava a preparar o serviço de café num prelúdio à tradicional sessão do fim da tarde, quando Umm Hanafi irrompeu a correr, com um brilho nos olhos que pressagiava notícias boas:

- Minha senhora, estão aí três desconhecidas que querem vê-la - disse num tom sugestivo.

Amina largou a sua tarefa e levantou-se com uma rapidez que reflectia a impressão que a notícia nela produzira. Fixou a criada com um olhar penetrante como se fosse possível que as visitantes pudessem provir da casa reinante ou mesmo do céu.

- Desconhecidas? - murmurou, como para obter mais informações.

- Sim, minha senhora - respondeu Umm Hanafi, com um júbilo triunfante. - Bateram à porta e eu fui abrir-lhes. Disseram-me: "Estamos bem na casa do senhor Ahmad Abdel Gawwad?" Respondi-lhes que sim e elas perguntaram-me: "As senhoras estão lá em cima?" Então disse: "Sim." "Conceder-nos-ia a honra de entrar?" "E quem devo anunciar?", perguntei-lhes, ao que uma delas me respondeu, rindo: "Deixe-nos este cuidado, o mensageiro está aqui para fazer os anúncios!" Então aqui estou, voei até si, dizendo para mim: "Allah, realizai os nossos sonhos..."

- Pede-lhes que façam o favor de entrar na sala de estar... vai... despacha-te! - disse Amina de forma precipitada, tendo a mesma preocupação no olhar.

Permaneceu imóvel por alguns segundos, mergulhada em pensamentos novos, num sonho feliz cujo mundo luxuriante acabara de se abrir inopinadamente para ela, aquele mesmo sonho que fora o seu único tormento durante os últimos anos. Recuperou os seus espíritos e chamou Khadiga, num tom que não admitia demora, e a rapariga apareceu de imediato. Mal os seus olhos se cruzaram, a mãe sorriu involuntariamente:

- Estão três estranhas no salão - disse, não podendo conter a sua alegria- , veste os teus mais belos trajes e prepara-te!

O rosto de Khadiga enrubesceu, bem como o de Amina, como se de súbito contaminada pelo pudor. Depois, deixou o salão e dirigiu-se para o seu quarto no andar superior no sentido de, por seu turno, se

preparar para receber as visitantes. Khadiga começou por fitar a porta por onde a sua mãe acabara de desaparecer, o olhar ausente. O coração pulava até ao limiar da dor, perguntava-se: "O que se esconderá por trás desta visita?" Mas a perplexidade abandonou-a e o seu espírito reencontrou a sua vivacidade. Chamou Kamal que vinha do quarto de Fahmi e ordenou de forma precipitada:

- Corre até à casa de Mariam e diz-lhe: "Khadiga cumprimenta-te e pede-me que lhe traga a caixa de pó de arroz, o khôl e o batom..."

O garoto absorveu cuidadosamente a ordem e sumiu-se. Quanto a Khadiga, voltou sem detença para o seu quarto, retirou a túnica e disse a Aisha, que a observava com um olhar interrogativo:

- Escolhe para mim o mais belo vestido... Ouviste bem, o mais belo!

- Mas para quê tanta agitação? Uma visita? Quem é?

- Três senhoras - respondeu Khadiga em voz baixa - des...co...nhe...ci...das - acrescentou, articulando distintamente a palavra.

Aisha, espantada, teve um movimento de recuo da cabeça e arregalou os olhos, cheia de alegria:

- Não é possível! - exclamou. - Devo deduzir que... que notícia!- Nada de precipitações! Sabe-se lá do que se trata!

Aisha dirigiu-se para o guarda-roupa para escolher o vestido mais apropriado.

- Há alguma coisa no ar - disse rindo - o casamento é algo que se sente como os perfumes delicados!

Khadiga riu para esconder a sua perturbação. Aproximou-se do espelho e inspeccionou atentamente a sua imagem. Tapou o nariz com a palma da mão e disse, sarcástica:

- Assim, até não sou má de todo... sou até mesmo perfeitamente aceitável! Depois, retirando a sua palma:

- Mas assim, pelo contrário, que Allah nos acuda!

Então Aisha respondeu-lhe a rir, enquanto a ajudava a enfiar o seu vestido branco bordado de flores violetas:

- Pára de te menosprezares! Não há nada que escape à tua língua! A noiva não é apenas um nariz! Há também os olhos, os longos cabelos e a graciosidade!

- As pessoas só vêem os defeitos - respondeu Khadiga, fazendo uma careta.

- Pode ser verdade para as pessoas do teu jaez, mas, Allah seja louvado, nem todas são como tu!

- Responder-te-ei quando tiver tempo de cuidar de ti!

Aisha acariciou a sua cintura enquanto ajustava o vestido e disse:

- E pensa neste lindo corpinho rechonchudo! Que corpo! Khadiga riu contente:

- Se o marido fosse cego - disse - nada disso me importaria, contentar-me-ia com ele tal qual, mesmo se fosse um dos sheikhs de el-Azhar!

- Mas que desonra haverá nos sheikhs de el-Azhar? Não haverá de entre eles quem tenha dotes infinitos como o mar?!

Quando terminaram com o vestido, Aisha deixou escapar um suspiro de insatisfação:

- O que foi? - perguntou Khadiga.

- É que não há, nesta casa, uma migalha de pó de arroz, de khôl ou de batom - protestou - como se não houvesse aqui mulheres!

- Melhor seria queixares-te ao nosso pai!

- E a mãe? Não é uma mulher com o direito de se embelezar?

- É bonita assim mesmo, sem maquilhagem!

- E a senhora, vai receber as visitantes assim?

- Enviei Kamal à casa de Mariam para trazer-me o pó de arroz, o khôl e o batom - disse Khadiga rindo -; achas-me com cara de me apresentar, tal qual, às casamenteiras?

Como o momento não tolerava um minuto de inacção, Khadiga retirara o lenço da cabeça e começara a desfazer as duas tranças pesadas, enquanto Aisha se aproximava com o pente e começava a passá-lo nos longos cabelos ondeados:

- Aqui está um longo cabelo bem alisado... Que achas? Faço-te uma só trança? É mais elegante?

- Não, duas... Mas, diz-me, fico com as meias nos pés ou vou com as pernas nuas?

- O tempo é de Inverno e exige o uso de meias, mas receio que, se as conservares, elas possam julgar que as tuas pernas ou os teus pés têm algum defeito que de propósito procuras ocultar!

- Tens razão, o tribunal é certamente mais clemente do que a sala que neste momento me aguarda!

- Não te preocupes! Deus há-de cumprir a sua promessa!

Nestes entremeses, Kamal entrou de rompante no quarto, ofegante, e estendeu à irmã o estojo de beleza, dizendo:

- Fiz todo o caminho e as escadas a correr!

- Muito bem, és um campeão! - disse-lhe Khadiga, sorrindo. - E o que é que Mariam disse?

- Perguntou-me se tínhamos convidados... Quem eram. Respondi-lhe que não sabia de nada!

O olhar de Khadiga tomou uma expressão preocupada:

- E ela contentou-se com esta resposta?

- Fez-me jurar por el-Hussein que lhe confessaria tudo o que sabia, mas jurei-lhe que nada mais sabia do que lhe contara.

Aisha começou a rir, as mãos ainda entretidas:

- Vai ruminar tudo o que estará a acontecer!

- Ela não é parva! - exclamou Khadiga, pincelando o rosto com pó.- Nada lhe escapa! Até aposto que vai vir fazer-nos uma visita, o mais tardar amanhã, para fazer uma inspecção geral!

Como era de esperar, Kamal não quis deixar o quarto, ou talvez não pudesse, encantado pela cena que decorria diante dele e à qual assistia pela primeira vez na sua vida. Pois nunca lhe sucedera ver o rosto da sua irmã sofrer uma tal metamorfose, que por pouco não lhe criava um novo semblante: a sua pele aclarava, as faces ficavam rosadas, o rebordo das pálpebras tingia-se de um traço negro, que lhes desenhava um contorno sedutor e dava à pupila uma pureza radiosa. Um novo semblante que enlevava o seu coração:

- Irmãzinha, agora estás como a boneca que o pai compra por ocasião do muled en-Nabi [\[78\]](#) - exclamou extasiado. As duas raparigas desataram a rir.

- Agrado-te agora? - perguntou-lhe Khadiga.

Acercou-se dela num impulso, ergueu a mão em direcção à ponta do nariz e disse:

- Desde que tires isto!

Ela repeliu a sua mão e disse à irmã:

- Tira-me daqui esta língua de víbora!

Aisha agarrou a mão, arrastou-o para fora, e, apesar da resistência deste, conseguiu por fim fazê-lo sair. Fechando a porta à chave, voltou ao seu trabalho de artista. Em silêncio, ambas sérias, continuaram as suas tarefas febris, e, se bem que fosse estabelecido na família que o

encontro com as casamenteiras limitar-se-ia a Khadiga e a ela exclusivamente, esta última, maliciosa, não pôde deixar de dizer a Aisha:

- Tens de te aprontar também para receber as visitantes!

- Isto só acontecerá quando tu tiveres sido conduzida à casa do teu esposo! - retorquiu Aisha, com igual malícia.

Depois prosseguiu, antes que Khadiga replicasse:

- Como é que hoje as estrelas poderiam aparecer em simultâneo com a Lua?!

- E quem é a Lua? - perguntou-lhe a irmã com um olhar desconfiado.

- Eu, é evidente! - respondeu Aisha rindo. Khadiga deu-lhe uma cotovelada e suspirou:

- Se pelo menos pudesses emprestar-me o teu nariz, como Mariam me emprestou o seu pó de arroz!

- Esquece o teu nariz pelo menos esta noite. O nariz, tal como um furúnculo, quanto mais se pensa nele mais cresce!

Estavam prestes a terminar os trabalhos cosméticos. A concentração de Khadiga acerca da sua apresentação decaiu para se focar, com temor, no exame que a aguardava. Sentiu um medo que jamais conhecera antes, não só devido à sua novidade mas, sobretudo, pela importância do que estava em jogo. Não tardou a gemer:

- Que sessão aquela a que me condenam! Imagina-te no meu lugar, no meio de estranhas que não conheces de parte alguma, que não sabes se vieram com intenções honestas ou somente para se divertirem e se distraírem. O que será de mim, se forem daquelas comadres de língua viperina... como eu, por exemplo! - acrescentou com um riso breve. - ... Hum? O que posso fazer senão sentar-me ao lado delas, cortesmente, com resignação, acossada entre aqueles olhares à direita e à esquerda, à frente e atrás, obedecendo às suas ordens sem qualquer hesitação: "levante-se!", levanto-me, "caminhe!", eu caminho, "fale" e eu falo; para que nada lhes escape na minha maneira de me sentar, de me levantar, de me calar, de falar, nem nos meus braços, nas minhas pernas, ou nos traços do meu rosto. E a seguir, após toda esta "humilhação" ainda precisarei de demonstrar-lhes a minha amizade, elogiar-lhes a gentileza e a delicadeza; ignorando, ainda por cima, se consegui agradar-lhes ou suscitei um

juízo negativo. Ufa! Ufa! Maldito seja aquele que as enviou aqui!

Aisha apressou-se a acrescentar num tom sugestivo:

- Allah o proteja!

- Não rezes por ele antes de termos a certeza de que nos coube em sorte!... - retrucou Khadiga a rir. - Ó meu Deus, como o meu coração bate!

Aisha recuou alguns passos e, quando ficou fora do alcance do cotovelo da sua irmã, declarou:

- Paciência! Terás no futuro inúmeras oportunidades para te vingares da abominável reunião de hoje. E como hão-de arder no fogo da tua língua quando te tornares dona de casa... Talvez recordem então o exame de hoje e digam para si: "Quem nos dera que aquele dia jamais houvesse existido!"

Khadiga limitou-se a sorrir, escasseando o tempo para um contra-ataque, Além do mais, e visto o terror que se apossara dela e perdida como se achava entre o medo e a esperança, não retiraria daquela ofensiva, contrariamente ao que era habitual, prazer algum.

Findos os preparativos, Khadiga levantou-se e relanceou o seu aspecto geral, ao passo que o olhar de Aisha, que se mantinha dois passos atrás dela, circulava da imagem reflectida no espelho ao modelo original.

- Que bela obra as mas mãos realizaram! - murmurou Khadiga. - Belo aspecto, não é? Pois é, aqui está a verdadeira Khadiga!... O meu nariz agora já não está tão mal assim! Ó meu Deus, grande é a Tua sabedoria! Com um pequeno esforço tudo se tornou aceitável, mas porquê...

Mas contendo-se, corrigiu-se:

- Que Allah Todo-Poderoso me perdoe, pois é Sábio em tudo o que faz! Deu alguns passos para trás de modo a observar-se com cuidado no espelho e recitou em silêncio a Al-Fatiha. Depois, virando-se para Aisha:

- Reza por mim, minha filha!... E saiu do quarto...

[78] Festa do nascimento do Profeta.

24

Com a chegada do Inverno, a "sessão do café" revestiu-se de um carácter novo, simbolizado pelo grande fogão que ocupava o centro do salão e em torno do qual" se reagrupava a família: os homens envoltos nas suas capas e as mulheres nos seus xales. Esta reunião proporcionava-lhes, para além da delícia de beber e conversar calmamente, também o prazer de se aquecerem. Fahmi, não obstante a silenciosa e profunda tristeza dos últimos dias, tinha o ar de alguém prestes a comunicar aos seus familiares uma notícia importante, e a sua hesitação e reflexão prolongadas eram tão-só o indício da gravidade e importância desta.

Por fim, deixou de reflectir e de vacilar, e resolveu dar a notícia, descarregando o fardo nas costas dos progenitores, e fazendo confiança no destino. Portanto, disse:

- Tenho uma notícia importante para lhes dar, oiçam!

Os olhos fixaram-se nele com uma atenção à qual nenhum se subtraiu pois que o equilíbrio que tornara o rapaz célebre fazia com que todos esperassem uma notícia realmente importante, como ele o anunciara.

Fahmi prosseguiu dizendo:

- É o seguinte: Hassan afanai Ibrahim, oficial da esquadra de el-Gammaliyya, que é, como bem o sabem, um dos meus conhecidos, veio ter comigo e solicitou-me que transmitisse ao meu pai o seu desejo de pedir Aisha em casamento...!

A notícia originou, como Fahmi o havia pressuposto - o que o levava a hesitar e pensar demoradamente- , os efeitos mais contrastantes: a mãe sondou-o com o olhar, muito agitada, enquanto Yassin empalidecia e fitava Aisha com uma expressão maliciosa, meneando a cabeça. A rapariga baixou a sua, envergonhada, de modo a subtrair o seu rosto aos olhares voltados para ela, receando que a sua expressão pudesse denunciá-la e desvelar, aos olhos presos nela, a perturbação que estremecia o seu coração.

Quanto a Khadiga, esta havia acolhido desde o começo a notícia com um assombro que não tardou a transformar-se em medo e num mau pressentimento cujas razões não conseguia destrinçar de forma clara.

Sentia-se, na verdade, tal qual um aluno que, estando à espera de ouvir o anúncio dos resultados dos exames a qualquer momento, fica a saber do sucesso de um dos seus colegas, que tomara conhecimento do resultado por uma fonte particular.

A mãe perguntou com algum constrangimento que não se coadunava com aquele feliz instante:

- E não disse mais nada?

Fahmi, evitando olhar para o lado de Khadiga, retorquiu:

- A primeira coisa que me disse foi que desejava ter a honra de pedir a mão da minha irmã mais nova.

- E o que lhe respondeste?

- Agradei-lhe, claro está, a atenção delicada!

Amina não lhe fizera estas duas perguntas, uma a seguir à outra, para se inteirar de qualquer coisa que desejava saber, mas para dissimular o seu próprio embaraço e tirar do efeito de surpresa uma pausa para pensar. Começou a interrogar-se se este pedido não estaria ligado às visitantes que alguns dias antes tinham vindo vê-la.

Recordou então que uma delas lhe havia afirmado, antes de Khadiga aparecer, quando falava da família do sayyed Ahmad, saber que este tinha duas filhas. Compreendera então que haviam vindo ver ambas, mas fingira não perceber a alusão. As visitantes pertenciam à família de um comerciante do bairro de ed-Darb el-Ahmar, que não era o pai do oficial; este, pelo contrário, como Fahmi o dissera certa vez, era funcionário no Ministério das Obras Públicas. O que não excluía, de forma alguma, laços de parentesco entre eles, pois que era prática comum as famílias delegarem casamenteiras de um dos seus ramos e não do tronco principal, a título de precaução. Quanto não desejaria questionar Fahmi sobre este mesmo ponto, mas temia que a resposta confirmasse as suas suspeitas e destruísse as esperanças da filha mais velha, infligindo-lhe outra desilusão. Todavia, Khadiga, por pura coincidência, substituiu-se à mãe para afastar o tormento do seu peito, se bem que escondesse o seu abatimento sob um riso lânguido:

- Foi talvez quem mandou aquelas mulheres que nos visitaram há poucos dias?

Fahmi apressou-se a responder:

- Nada disso! Disse-me que nos enviaria a sua mãe se o seu pedido fosse acolhido favoravelmente...

Mas, contrariamente ao seu tom sincero, não dizia a verdade, isto é, que compreendera por aquilo que o oficial lhe contara que as mulheres que haviam visitado a sua mãe eram parentes suas. Receava, na realidade, desgostar a irmã mais velha por quem tinha um afecto profundo, não obstante o seu amor por Aisha e a sua convicção no tocante ao mérito do oficial. Por conseguinte, sofria atrozmente diante da sua desdita. Talvez a cruel decepção que ele ressentira houvesse em muito contribuído para extremar este afecto. Yassin soltou uma gargalhada sonora e exclamou com um contentamento pueril:

- Parece que dentro em breve vamos ter dois casamentos em simultâneo!

- Allah te oiça!... - gritou a mãe com sincera alegria.

- Não queres falar com o pai no meu lugar?...

A pergunta escapara-se-lhe, abalado como estava com o pedido em casamento, mas mal a proferiu, esta causou uma sensação estranha ao seu ouvido. Como se houvesse sido articulada pela sua memória e não pela ponta da sua língua, ou como se, tão logo formulada aos seus ouvidos, aí não se houvesse detido mas mergulhara nos abissos do seu ser onde sobrenadava, atraindo a si o mar das reminiscências. De imediato, rememorou uma pergunta idêntica com a qual abordara a mãe em circunstâncias análogas. O seu coração contraiu-se e a sua dor despertou. A sensação de injustiça que sepultara viva a sua esperança apoderou-se dele. Começou a repetir para si, como muitas outras vezes fizera nos últimos dias, o quanto, não fora a vontade intransigente do pai, haveria sido feliz com a sua existência quotidiana, esperando um amanhã mais auspicioso, contente com a vida que levava. Esta lembrança não lhe permitiu pensar nos problemas dos demais e deixou-se invadir pela tristeza que roía o seu coração. Quanto a Amina, permaneceu pensativa um instante e depois perguntou:

- Não seria melhor pensarmos bem no que eu vou dizer ao teu pai se ele me interrogar sobre os motivos que levaram o oficial a pedir especificamente a mão de Aisha e não a mão de Khadiga, tendo em conta que não viu nem uma nem outra?

Ambas as raparigas haviam prestado atenção à observação da mãe. Talvez houvessem recordado em simultâneo os instantes passados atrás da janela. Contudo, Khadiga acolheu esta lembrança com uma cólera que veio recrudescer a irritação presente. O seu coração

sublevou-se contra o destino cego que se encarniçava a laurear a leviandade e a frivolidade. Quanto a Aisha, o comentário da mãe suspendera o fluxo da sua alegria, qual espinha pontiaguda introduzida na comida, que se aloja de viés na garganta entretida com os pratos suculentos e atraentes que deglute deleitada-mente. O medo sorveu todo o ardor da alegria que estremecera a sua alma. Fahmi foi o único a insurgir-se contra as palavras da mãe, não porque quisesse defender Aisha como parecia, dado que jamais aprovaria que alguém tomasse a defesa de Aisha na presença de Khadiga neste ponto nevrálgico, mas porque se sentia agastado pela tristeza reprimida que lhe advinha do facto de não haver logrado enfrentar abertamente o seu pai.

Exasperado, dirigindo-se, sem disfarçar, ao seu pai por intermédio da pessoa da sua mãe, disse:

- Trata-se de uma arbitrariedade que não tem justificação em qualquer razão ou sabedoria. Em virtude da condescendência das suas parentes próximas, cujas confidências apenas pretendem juntar um homem e uma mulher numa união lícita, os homens ficam a saber inúmeras coisas acerca das mulheres enclausuradas.

Mas a mãe, com a sua objecção, não procurara senão entrincheirar-se por trás do pai para encontrar uma saída à situação difícil na qual se achavam Aisha e Khadiga. Por isso, face aos veementes protestos de Fahmi, não teve outra alternativa senão declarar:

- Não achas que seria melhor esperar por notícias das visitantes?! Khadiga, movida pelo seu orgulho que lhe impunha mostrar indiferença, apesar de toda a apreensão e do pessimismo que a consumiam por dentro, não podia conservar-se em silêncio por mais tempo:

- Isto é uma coisa, e aquela é outra. Não há razão alguma para atrasar uma em benefício da outra.

- Estamos todos de acordo em adiar o casamento de Aisha até Khadiga se casar - acrescentou Amina com uma serenidade impressionante.

Apenas restava a Aisha completar com delicadeza e resignação:

- E uma questão que já está resolvida...

Ao ouvir este tom compassivo, Khadiga enfureceu-se. Talvez fosse esta compaixão que mais a enraivecira, porque sem dúvida inspirava

uma piedade que ela recusava em absoluto ou porque esperara que a irmã manifestasse claramente a sua oposição, dando-lhe o ensejo para sobre ela se lançar e aplacar a sua própria cólera. Mas eis que esta falsa e execrável piedade se erigia como uma couraça para defendê-la de qualquer investida, o que exacerbava a ira de quem se mantivera de atalaia, pronto para dar o sinal da ofensiva. Só pôde aparar o golpe num tom não desprovido de rispidez:

- Não concordo que se diga que é uma questão resolvida, visto que não é justo que um destino infeliz nos leve a arruinar um destino feliz!

Fahmi distinguiu, apesar do aparente altruísmo, a amarga tristeza que as palavras de Khadiga continham. Libertou-se do peso das suas mágoas, arrependido por ter deixado escapar aquelas palavras, no fogo da sua fúria que Khadiga talvez interpretara como uma inclinação sincera da sua parte por Aisha. Assim sendo, dirigiu-se-lhe nestes termos:

- Revelar ao nosso pai o desejo de Hassan afanai não significa consentir em dar a precedência ao casamento de Aisha sobre o teu. Nada nos impede, caso obtenhamos a sua aquiescência relativamente a este pedido, de protelar a sua proclamação para um momento oportuno!

Yassin não estava convencido da legitimidade da opinião segundo a qual um casamento deveria forçosamente ter precedência sobre outro, porém não teve coragem de expressar abertamente o seu ponto de vista. Para sair do impasse recorreu a palavras vagas onde cada qual podia compreender o que lhe aprouvesse:

- O casamento é o destino de todo o ser vivo e aquela que não se casa hoje, casar-se-á amanhã!

Ao ouvir estas palavras, Kamal, que seguira atentamente a conversação, alteou a sua voz sonora e perguntou de forma inesperada:

- Mãe, por que razão o casamento é o destino de todo o ser vivo? Mas Amina não lhe deu atenção e o seu pedido teve eco apenas em Yassin que disparou um riso desbragado sem proferir uma palavra, ao passo que a mãe dizia outrossim:

- Fica sabendo que todas as raparigas se hão-de casar mais cedo ou mais tarde, mas há algumas considerações que não podem ser descuradas!

Kamal voltou a perguntar:

- Tu também te vais casar, mãe?

Uma gargalhada sacudiu-os a todos, aliviando a tensão. Yassin aproveitou o ensejo e, atrevido, acrescentou:

- Tens de submeter o caso ao meu pai, já que lhe cabe a última palavra! Depois Khadiga sublinhou com uma obstinação singular:

- É inevitável... inevitável!

Queria dizer precisamente o que dizia, pois, além do seu desejo de aparentar indiferença, não só sabia que era impossível ocultar semelhante situação ao seu pai, como também estava ciente de que este jamais anuiria em dar prioridade ao casamento de Aisha em detrimento do seu. E se bem que ignorasse o verdadeiro laço existente entre o oficial e as visitantes, o desassossego e o pessimismo que experimentara desde o começo não a abandonavam por um só instante.

Ainda que Amina houvesse passado, em diversas ocasiões da sua existência, por experiências susceptíveis de perturbar o seu bem-estar e a sua quietude, havia uma, recente e insólita, tanto mais singular que pela sua natureza, e ao invés das precedentes, se deveria inscrever no número das que tendem a ser consideradas como parte dos fundamentos essenciais da felicidade neste mundo. Todavia, esta nova provação tornara-se em sua casa, e principalmente no seu coração, um motivo, e não dos mais insignificantes, de desassossego e de perturbação. Quão sincera era ao se questionar: "Quem diria que a vinda de um futuro esposo, pessoa que habitualmente se aguarda com impaciência, seria para nós causa de tanta aflição!" Mas assim sucedera e o seu coração debatia-se entre sentimentos divergentes, sem conseguir alcançar a tranquilidade em nenhum deles. Ora pensava que aceitar que Aisha casasse antes de Khadiga era o meio mais certo para condenar o futuro da irmã mais velha; ora julgava, ao invés, que porfiar em contrariar os desígnios do destino era uma atitude muito temerária, susceptível de se virar contra ambas as raparigas e de acarretar as mais funestas consequências. Afigurava-se-lhe, outrossim, extremamente grave fechar a porta diante de um magnífico pretendente como aquele jovem oficial, tanto mais que dificilmente a sorte lhes ofereceria, uma segunda vez, semelhante oportunidade. Tudo isto lacerava profundamente o seu coração. Mas, o que sucederia a Khadiga? Qual seria o seu destino, o seu futuro, se tal consentimento fosse dado? Não conseguia chegar a uma conclusão definitiva, sobretudo porque o seu carácter basilar era passivo, o que a incapacitava de achar uma solução apropriada para todo e qualquer problema. Destarte, ao preparar-se para descarregar aquele ónus nos ombros do seu sayyed, principiou a sentir um certo refrigério, não obstante o susto que sempre a submergia quando devia revelar algo cujo acolhimento favorável era em muito duvidoso.

Aguardara que o esposo acabasse de bebericar o seu café, para lhe declarar, com a sua voz sussurrante, impregnada de delicadeza e humildade:

- Meu senhor, Fahmi confiou-me que um dos seus amigos o rogou

que lhe expusesse o seu desejo de pedir a mão de Aisha.

Os olhos azuis lampejaram, estupefactos e inquietos, do divã até ao colchão não distante dos seus pés, onde Amina se achava sentada, como para lhe dizer: "Como podes falar-me de Aisha quando estou à espera de notícias relativamente a Khadiga, depois de ter tido conhecimento daquelas três visitantes?"

- Aisha? - perguntou para confirmar que ouvira bem.

- Sim, meu senhor...

O senhor Ahmad olhou diante de si, perplexo, depois disse como se falasse para si:

- Já decidi há muito que é algo prematuro...

Ao que Amina se apressou a responder temendo que a julgasse em desacordo:

- Conheço o seu ponto de vista, senhor, mas é meu dever mantê-lo a par de tudo o que se passa entre nós.

Ahmad Abdel Gawwad lançou-lhe um olhar inquiridor e penetrante, como para sondar a parte que nas suas palavras haveria de verdade e de sinceridade. Mas um súbito pensamento brilhou nos seus olhos, pondo fim à sua observação:

- Não haverá por acaso uma ligação entre o que me contas e as mulheres que vieram ter contigo? - perguntou preocupado e ansioso.

Ela ficara a saber, evidentemente, da existência deste laço quando conversara a sós com Fahmi. O rapaz sugerira-lhe então que omitisse este ponto ao seu pai no momento de lhe dar a notícia e ela prometera meditar longamente na questão. Ficara na dúvida se devia concordar ou recusar e, por fim, preferira nada dizer, como Fahmi lhe recomendara. Apesar disso, ao ser confrontada com a pergunta do seu esposo e sentindo pesar sobre ela o olhar deste, ardente como o sol, vira a sua determinação soçobrar e a sua resolução dissolver-se. Sem a menor vacilação, respondeu:

- Sim, senhor, Fahmi soube que se trata de parentes do seu amigo!

O senhor Ahmad franziu o sobrolho, irado, e como sempre que se zangava, o seu tom de pele claro tornou-se sanguíneo e os seus olhos expeliram centelhas. Quem desprezava Khadiga desprezava a sua pessoa, e todo aquele que atentasse contra a dignidade da rapariga feria gravemente a sua. Não pôde expressar a sua cólera senão por meio da voz que se tornara rude e tonitruante, enquanto furioso e num

tom de menosprezo dizia:

- Quem é este amigo?

Amina sentiu, ao pronunciar o seu nome, uma agitação cujas causas desconhecia:

- Hassan Ibrahim, oficial da esquadra de el-Gammaliyya.

- Disseste que tinhas apresentado somente Khadiga àquelas mulheres?!

- Sim, senhor!

- E elas encontraram-se de novo contigo?

- Claro que não, senhor, senão tê-lo-ia dito!

Depois, acometendo-a como se a mulher fosse a responsável por aquela situação absurda:

- Então, ele envia as suas parentes que vêem Khadiga e eis que vem pedir a mão de Aisha! O que é que isto significa?!

A mãe engoliu a sua saliva que, com tantas perguntas e respostas, secara e sem mais argumentos, murmurou:

- Em tais circunstâncias, as casamenteiras apenas entram na casa desejada, após inúmeras visitas às vizinhas junto das quais indagam o que lhes interessa conhecer. Aliás, elas fizeram alusão, na conversa que comigo tiveram, que haviam ouvido dizer que o meu senhor tinha duas filhas. E talvez o facto de ter apresentado uma sem a outra...

A mulher queria dizer: "Talvez o facto de ter apresentado uma sem a outra veio confirmar os rumores acerca da beleza da mais jovem", mas abs-teve-se, temendo não só recrudescer a sua cólera como ainda proferir esta verdade que permanecia ligada, no seu espírito, a sombrias imagens de inquietude e de desespero. Calou-se, limitando-se a concluir a frase com um gesto da mão, como quem diz: "etc... etc..." Ahmad Abdel Gawwad atravessou-a com um olhar violento, ela baixou os olhos numa atitude de submissão. Passando por um estado de ressentimento e de tristeza que intensificou a sua cólera, o sayyed principiou a bater no seu peito na esperança de recobrar algum fôlego ou como que implorando auxílio:

- Já sabemos tudo isto! - trovejou. - Eis, portanto, um pretendente que vem pedir a mão da tua filha. Diz-me lá, então, qual é a tua opinião?

Amina sentiu que a sua pergunta a arrojava para um abismo sem fundo, pelo que sem vacilar, as palmas das mãos abertas em sinal de

resignação:

- A minha opinião é a sua, senhor! Não tenho outra!

- Se assim fosse, não terias vindo falar-me deste assunto! - rugiu.

- Vim falar consigo, senhor - balbuciou a mulher, doce e aterrada - somente para informá-lo sobre um novo aspecto da questão, pois é minha obrigação mantê-lo a par de tudo o que diz respeito à sua casa, de longe ou de perto!

- Quem sabe... - disse ele, abanando a cabeça, iracundo. - Sim, por Allah, quem sabe? Não passas de uma mulher e todas vós sois umas débeis mentais. O casamento, sobretudo, faz com que percais o bom senso e talvez poderias...

Ela interrompeu-o, com a voz trémula:

- Oh, senhor! Allah me guarde do que estais aí a querer atribuir-me! Khadiga é a minha filha, minha carne e meu sangue, tal como é sua filha... A sua sorte dilacera o meu coração. Quanto a Aisha, encontra-se ainda na primavera da sua existência e não lhe causará dano algum esperar que Deus auxilie a sua irmã.

O nosso homem, que começara a alisar com a palma da mão o seu espesso bigode, com um movimento nervoso, quedou-se num repente como se acabasse de lhe ocorrer algo:

- E Khadiga, sabe disto?

- Sim, senhor.

Agitando a mão enfurecido, vociferou:

- Mas como é possível que este oficial queira pedir a mão de Aisha quando ninguém a viu?!

- Já lhe expliquei, senhor, talvez tenham ouvido falar dela! - volveu Amina com fervor, enquanto o seu coração palpitava.

- Sim, mas ele trabalha na esquadra de el-Gammaliyya, ou seja, no nosso bairro, é como se fizesse parte dele!

- Olho de homem algum jamais pousou sobre nenhuma das minhas duas filhas, desde que, crianças ainda, deixaram a escola - replicou ela devorada por uma comoção lancinante.

Ele bateu as mãos, uma contra a outra, e gritou-lhe:

- Devagar... devagar! Pensas por acaso que duvido disso, mulher?! Se eu tivesse a menor dúvida, nem mesmo o assassínio me saciaria! Falo tão-só do que poderia perpassar pela mente de certas pessoas que não nos conhecem. "Olho de homem algum jamais pousou sobre

nenhuma das minhas duas filhas." Estupendo! Querias talvez que um homem pousasse os olhos nelas?! Que louca, que gralha miserável! Apenas repito o que as línguas dos insensatos... Exactly! Sim... é o oficial do bairro, deambula pelas nossas ruas de manhã até à noite, e não é impossível que alguns possam deixar entender que ele viu uma das duas raparigas, se ficarem a saber que a desposou. Não me agradaria nada, não quero dar a minha filha a alguém que pudesse levantar suspeitas quanto à minha reputação! Mais ainda, a minha filha há-de partir para a casa de um homem, somente quando eu tiver a certeza que o principal motivo que o leva a pedir a sua mão reside no desejo sincero de se tornar o meu genro!., meu!... meu! "Olho de homem algum jamais pousou sobre nenhuma das minhas filhas", parabéns... parabéns, ó senhora Amina!

A mãe escutava sem ousar dizer uma palavra. O silêncio alastrou-se pelo aposento. Então, o senhor Ahmad levantou-se, dando a entender que se ia vestir e preparar para voltar para a loja. Ela ergueu-se pressurosa, o nosso homem retirou os seus braços da galabiyya e despia-a já para retirá-la, quando se deteve antes de o colarinho ter ultrapassado o queixo para acrescentar, com a túnica amassada sobre os ombros, qual juba de um leão:

- O "senhor" Fahmi não pesou a gravidade do pedido formulado pelo seu amigo?

Após o que meneou a cabeça, contristado:

- Invejam-me porque gerei três machos... Na realidade, só gerei mulheres... cinco mulheres!

26

Assim que o sayyed Ahmad Abdel Gawwad deixou a casa, a sua decisão quanto ao pedido de casamento de Aisha correu a família, e, apesar de ser acolhido com uma resignação geral, a resignação dos que não têm outra alternativa, originou, pelo menos na mente de cada um, ecos diferentes. Fahmi mostrou-se desolado com a notícia e fez-lhe pena ver Aisha perder um bom marido como o seu amigo Hassan Ibrahim. É verdade que, antes da deliberação do seu pai, se sentira dividido entre o seu entusiasmo pelo pretendente e a piedade que lhe inspirava a situação crítica de Khadiga. Mas assim que tudo ficara resolvido e que aquele que dentro de si se con-doía por Khadiga fora tranquilizado, aqueloutro que no seu íntimo aspirava à felicidade de Aisha principiou a afligir-se e pôde dar vazão ao seu ponto de vista:

- Sem dúvida, o futuro de Khadiga preocupa-nos a todos, mas não compartilho esta obstinação em privar Aisha das boas ocasiões que se lhe oferecem. O Destino é uma incógnita. Só Allah sabe e talvez Ele reserve aos que por último são servidos uma sorte mais feliz que a dos que em primeiro lugar foram contemplados!

Talvez Khadiga experimentasse, mais cruelmente do que qualquer um, o enleio de ser pela segunda vez um empecilho no caminho da sua irmã. Não pensara neste embaraço no momento em que se achara na eminência de um perigo pairando sobre a sua felicidade, mas começara a meditar nele logo que soubera qual havia sido a decisão final do pai. Apartada a ameaça, libertara-se das garras da raiva e da dor, que davam agora lugar a um pungente sentimento de vergonha e de confusão. E se bem que as palavras de Fahmi não lhe houvessem causado boa impressão, na medida em que no seu coração ansiava por encontrar em todos eles um certo entusiasmo pelo veredicto do pai, sendo-lhe reservado em exclusivo o direito de se lhe opor, não deixou de comentar:

- Fahmi tem razão naquilo que diz! Foi o que sempre pensei! Quanto a Yassin, confirmou o seu anterior ponto de vista:

- O casamento é o destino de todo o ser vivo... Não tenham medo... não se impacientem!

Restringia-se a considerações muito vagas, apesar da sua paixão por

Aisha e do seu profundo desagrado ao vê-la assim injustiçada. No entanto, receava expressar abertamente o seu pensamento, com medo de ser mal interpretado por Khadiga que podia ver aí alguma ligação com as inocentes querelas que, com frequência, entre ambos surgiam; além do mais, o imo sentimento de ser apenas um meio-irmão dissuadia-o, ante questões familiares de maior monta e seriedade, de manifestar um parecer susceptível de ferir algum dos seus membros. Aisha não dissera ainda uma só palavra e foi assaz contrafeita que se forçou a falar; temia que o seu silêncio traísse a sua dor que resolvera dissimular e fingir negligenciar, por mais agudo que o seu sofrimento fosse ou por mais tensão que isto lhe custasse. Decidira mostrar-se aquiescente, adaptando-se ao ambiente da casa que não reconhecia aos sentimentos qualquer direito e no seio do qual os anseios do coração se escondiam sob as máscaras do ascetismo e da hipocrisia:

- Não está certo que eu case antes de Khadiga. O Bem, todo o Bem está na decisão do meu pai - acrescentou, sorrindo -; porquê apressar o casamento? Quem vos diz que na casa dos nossos esposos teremos a felicidade de gozar uma vida tão amena como a da casa do nosso pai?

E como a discussão prosseguia, como todas as noites, em torno do fogão, Aisha não se absteve de nela participar, pelo menos tanto quanto lho permitiam o seu espírito agitado e o seu coração desolado. Mas, quão semelhante era naquele instante à galinha degolada que se lança, batendo as asas, esfuziante de vitalidade e de energia enquanto do seu pescoço o sangue jorra até à última gota de vida! Na verdade, previra aquele resultado, muito antes de o assunto haver sido submetido ao seu pai. Em momento algum, a esperança, por mais recôndita ou ténue que fosse, como à que nos faz acalentar a possibilidade de vencer o primeiro prémio da grande lotaria, a florara os seus sonhos. Subordinara-se no início à objecção levantada quanto ao seu casamento, movida por um sentimento de generosidade diante do seu triunfo e da sua ventura, e também pela piedade que nela despertava a desdita da sua irmã. Mas, agora, a sua generosidade dissolvera-se, a piedade secara, e apenas sobejavam o ressentimento, a indignação e o desespero. E nada havia que pudesse fazer. Era a vontade irrevogável do seu pai, ante a qual cumpria-lhe não só obedecer e inclinar-se, mas outrossim alegrar-se e resignar-se. Mais ainda cumpria-lhe estar satisfeita e confortada. A simples

consternação era uma falta imperdoável. Quanto a protestar, era um pecado que a sua educação e o seu pudor não podiam conceber. Assim sendo, após ter emergido na embriaguez de uma felicidade abundante que por um dia e uma noite fizera girar a sua cabeça, acabara por mergulhar nas trevas do desespero e... Quão densa é a obscuridade que de imediato se segue à luz resplandecente! Em tais situações, a dor não se limita ao negrume do momento, mas agudiza-se com o lamento pela luz que sumiu. Interrogou-se por que motivo uma luz que pudera dispensar durante um certo tempo todo o seu fulgor não podia continuar a difundi-lo. Porque parara? Porque teria ela permanecido viva para finalmente se extinguir, se tornar um simples queixume anexado ao cortejo dos demais que a tristeza tecia em redor do seu coração e da sua imaginação, desenraizando-a das suas recordações pretéritas, da realidade do instante e dos sonhos vindouros! Apesar de imersa nos seus pensamentos, não cessava de reiterar as suas interrogações, como se a crua realidade comesse a atingir a sua consciência pela primeira vez: a luz apagara-se deveras?! Haviam-se rompido os laços entre ela e o jovem oficial que preencheria o seu coração e a sua imaginação? Uma nova pergunta apesar da sua constante reiteração! Um golpe novo, embora já houvesse penetrado nos recessos do seu ser. Os desgostos ardentes não se arrancam à carne, o desespero ancorado nas profundezas do ser disputa-os às esperanças que adejam no éter em que, por instantes, um raio de luz se espraia em todas as direcções. Mas de repente as aflições voltam a lançar âncora nas funduras, após o que surge de novo à superfície uma segunda, e uma terceira vez, para regressarem ao seu eterno refúgio, e não mais o abandonar até ao fim dos tempos, quando já a alma se houver despedido da sua última esperança. Esta não mais existe, como se jamais houvesse sido. A porta fechou-se sobre ela.

Mas quão insignificante era o seu problema para os seus familiares! Foi tratado da mesma forma que as simples trivialidades do quotidiano, do género "o que vamos comer amanhã", ou "tive um sonho estranho na noite passada", ou "os jasmims embalsamaram o ar do terraço". Uma palavra aqui, uma palavra acolá, fazem-se sugestões, exprimem-se opiniões, com uma calma e uma paciência inexplicáveis, depois passa-se às consolações com um sorriso no canto dos lábios, e prossegue-se com consolações que raíam a brincadeira. A conversa

muda, então, dispersa-se, tudo se desvanece para se inserir numa mera história sobre a qual a família estende o véu do esquecimento. E o seu coração nisto tudo? Mas, ela não tem coração. Ninguém imagina sequer a existência deste. E não existe, realmente! Como se sente estranha, perdida, ausente. Não têm nada a ver com ela e ela nada tem a ver com eles. Está só, abandonada, sem qualquer laço que a prenda... Como esquecer que bastava uma só palavra, se o seu pai lhe tivesse concedido este óbolo, para alterar a face do mundo e mesmo recriá-lo?! Uma só palavra! Apenas um "sim" para que se desse o milagre. Uma palavra que não lhe exigiria um décimo do esforço que lhe havia custado a sua longa discussão que concluía com uma recusa. Porém, a vontade paterna assim não fizera, e aceitara tal tormento para a sua filha. Ainda que aflita, furiosa e indignada, a sua aflição, a sua fúria e a sua indignação tinham estacado face à pessoa do pai e ela recuara diante dele com toda a sua decepção, qual uma fera enraivecida diante do domador que ama e teme em simultâneo. Não podia insurgir-se contra ele, nem mesmo no mais recôndito da sua alma, pois o seu coração mantinha-se-lhe fiel e continuava a amá-lo, e a ser-lhe dedicado com a sinceridade e a lealdade devidas a um deus cujo julgamento não se pode acolher senão com resignação, amor e fidelidade.

E destarte, a jovem, naquela noite, estreitou a corda do desespero à volta do seu pescoço grácil e teve a certeza de que o seu coração sensível se esgotara e se tornara estéril para sempre. O papel que resolvera continuar a desempenhar entre os seus, o da alegria e da indiferença, e o esforço que lhe era exigido ao participar nas conversas, aumentaram a tensão dos seus nervos a tal ponto que a sua cabeça doirada acabou por se vergar sob o fardo, enquanto, aos seus ouvidos, as vozes se transmudavam em surdos zumbidos. Por isso, quando chegou o momento de se retirar para o seu quarto, sentia-se exaurida das suas forças como uma doente. Aí, sob o véu protector da escuridão, o seu rosto ensombrou-se pela primeira vez e reflectiu uma imagem autêntica dos seus sentimentos. Contudo, um censor seguia-a, Khadiga, com a qual, desde o início se convencera, todo o fingimento seria inútil. Evitara o seu olhar durante a reunião familiar, mas agora sozinha na sua companhia, não lhe escaparia! Esperava que a rapariga, com a sua conhecida obstinação, abordasse a questão central. A sua

voz chegar-lhe-ia a qualquer momento. Acolhia com prazer, dentro de si, a ideia da discussão, não porquanto pudesse reavivar as suas esperanças, mas porque aí ansiava encontrar, além das desculpas e do embaraço que a sua irmã lhe testemunharia com sinceridade, algum consolo. Não teve de aguardar muito, pois a voz não tardou a romper a escuridão:

- Aisha, estou triste e desolada, mas Allah sabe que nada posso fazer; como desejaria ter a coragem de pedir ao meu pai que voltasse sobre a sua decisão!

Tomada por um sobressalto de raiva que dela se apoderara logo aos primeiros acentos daquele tom mortificado, Aisha interrogou-se o quanto de sinceridade e de hipocrisia haveria na suas palavras. No entanto, teve de retomar o mesmo tom que empregara durante toda a reunião com a mãe:

- Porquê estar triste ou desolada? O meu pai não cometeu nenhum erro ou injustiça e não há motivo algum para se precipitar!

- Mas é a segunda vez que o teu casamento é adiado por minha causa!

- Não o lamento minimamente.

- Mas, desta vez, é diferente da primeira vez... - acrescentou Khadiga num tom significativo.

Com a rapidez do relâmpago, a rapariga compreendeu o que estas palavras encobriam, e o seu coração começou a palpitar violentamente de dor e sofrimento, chorando de amor, o seu amor oculto que despertava sempre que até ele chegava um sinal exterior casual ou propositado, semelhante a uma ferida ou um furúnculo que se toca ou se espreme. Ia responder-lhe, mas conteve-se. O seu fôlego abandonava-a e receava que os acentos da sua voz a pudessem atraí-lo. Khadiga suspirou:

- Por isso vê-me no cúmulo da tristeza e do desgosto! Porém, Allah é generoso e não há dificuldade que não tenha a sua saída. Ademais, pode-se dar o caso que ele espere, que se mostre paciente e contra as evidências te calhe em sorte.

Aisha bradou no fundo do seu coração:

"Quem me dera!"

Mas a sua língua apenas volveu:

- É-me indiferente, a situação é mais simples do que julgas!- Assim o

espero... Estou sinceramente muito triste e desolada, Aisha!

Bruscamente, a porta abriu-se. A silhueta de Kamal recortou-se no raio da ténue luz que filtrava do vão da porta. Khadiga gritou enfastiada:

- O que é que vens aqui fazer? O que queres?

- Não grites comigo e faz um lugar para mim! - retrucou o garoto num tom que traduzia o seu descontentamento perante o acolhimento que aquela lhe reservara.

Saltou sobre a cama e meteu-se de joelhos entre as duas irmãs. Depois estendeu para ambas cada uma das suas mãos e começou a fazer-lhes cócegas para criar uma atmosfera adequada ao seu discurso, pelo menos melhor do que aquela que a repreensão de Khadiga fazia prever. Mas as raparigas afastaram as mãos do garoto e juntas exclamaram:

- São horas de dormir, vai-te embora e dorme!

- Não me vou embora enquanto não obtiver respostas às perguntas que vim fazer! - vociferou Kamal encolerizado.

- E que coisa podes ter para perguntar a esta hora da noite? Mudou de tom para obter delas uma resposta:

- Queria saber se, depois de casarem, ambas vão deixar a nossa casa?

- Espera pelo menos que o casamento chegue - gritou Khadiga.

- Mas o que é o casamento? - insistiu ele.

- Como queres que eu te responda se nunca me casei! Anda lá, vai-te deitar, e que Allah não te castigue!

- Não me vou embora enquanto não souber!

- Meu querido, confia em Deus e deixa-nos em paz!

- Quero saber se, depois de casarem, vocês vão deixar a casa? - voltou a perguntar com uma voz dolente.

- Sim, senhor! - replicou Khadiga agastada. - O que queres mais?

- Então não casem - volveu ele aflito. - Eis o que eu quero!

- Às tuas ordens!

Depois ele prosseguiu num violento protesto:

- Não posso suportar vê-las partir para longe de nós, e vou rezar a Allah para que não as case!

- Que o teu pedido seja atendido e que vá da tua boca directamente até à porta do céu! Bem! Bem! Que Allah te honre... e agora sê

simpático e deixa-nos!...

Na casa, espalhava-se um desejo de obter da vida, esmagada por um excessivo rigor, um dia de trégua em que seria permitido, querendo-o, respirar um sopro de inocente liberdade, ao abrigo de qualquer vigilância. Kamal pensava na plena liberdade que teria para brincar em casa ou na rua; Khadiga e Aisha haviam perguntado se, à noite, lhes seria permitido passar uma hora agradável e alegre em casa de Mariam. Aquela trégua não era o desenlace do fim dos rudes meses de Inverno e da chegada dos eflúvios primaveris que prenunciavam o calor e a alegria de viver, porque não seria por certo a Primavera que conseguiria dar àquela família uma liberdade de que havia sido privada pelo Inverno. Resultava simplesmente da viagem do senhor Ahmad a Port-Said devido a uma importante questão comercial que, no intervalo de certos anos, o levava a ausentar-se por um dia ou parte de um dia. E assim sucedeu que, tendo o nosso homem partido na manhã da sexta-feira, o dia do feriado semanal juntara os membros da família. No ambiente descontraído e pacífico, gerado inopinadamente pela ausência do pai, longe do Cairo, a sede de liberdade de cada um ressoou, ainda que a mãe conservasse uma atitude de reserva relativamente às aspirações das raparigas e à indocilidade do garoto. Insistia que a família perseverasse com zelo dentro das regras do costume, e se regesse, na ausência paterna, dentro dos limites em que se movia na sua presença, mais por temor desobedecer-lhe do que convencida da legitimidade do rigor e da intransigência. Pelo que as palavras de Yassin a apanharam de surpresa:

- Não vás contra a vontade divina!.. Levamos uma existência como mais ninguém no mundo inteiro... Gostaria de sugerir algo novo... Porque não te divertes também? O que acham desta proposta?

Os olhos fixaram-se nele, siderados, mas ninguém pronunciou uma palavra. Talvez, à semelhança da mãe que lhe desferiu um olhar reprovador, não tivessem levado a sério as suas palavras. Todavia, ele acrescentou:

- Porque me fitas desta maneira? Não errei em Al-Bukhari^[79]. Não cometi um crime, louvado seja Deus! Só um pequeno passeio do qual regressarias, depois de teres dado uma olhadela por uma pequena

parte do bairro onde há mais de quarenta anos vives sem nunca o teres visto!

- Que Allah te perdoe! - balbuciou Amina num suspiro.

- E que coisa deveria perdoar? - replicou o rapaz numa gargalhada. - Por acaso cometi algum pecado imperdoável? Por Allah, se eu estivesse no teu lugar iria imediatamente a Sayyedna el-Hussein^[80]! Ouviste? O teu adorado que idolatras à distância, quando na verdade se encontra aqui ao lado. Em pé, ele está a chamar por ti!

O coração da mãe agitava-se com frêmitos cujos sinais se podiam ler no rubor do seu rosto. Baixou a cabeça para encobrir a sua intensa emoção. O seu coração fora arrebatado pelo convite com uma força que nela explodira num rompante sem que o previsse, nem os que a rodeavam, nem Yassin sequer... Uma força que se assemelhava a um terramoto que faz tremer uma terra que até então desconhecia os sismos. Ignorava como o seu coração ousara responder ao chamamento, como a sua vista pudera alongar-se para além dos limites do interdito, e como a aventura lhe parecera viável, excitante e mesmo irresistível. Na verdade, a visita a el-Hussein afigurava-se um pretexto lúdico, marcado com o selo da sacralidade, para dar vazão ao anelo de liberdade para que tendia a sua vontade. Mas aquele sobressalto não era o único que o seu espírito gerara porque logo nos seus recessos haviam respondido ao apelo correntes aprisionadas, ansiando por quebrar os seus diques, quais instintos sequiosos de sangue que acorrem ao chamamento da guerra, sob o pretexto de irem pelejar em prole da liberdade e da paz. Não sabia como confessar o seu perigoso consentimento; porém, fitando Yassin, perguntou-lhe com a voz embargada:

- A visita a el-Hussein é o maior anseio da minha alma e da minha vida... Mas... e o teu pai?

- O meu pai está a caminho de Port-Said - replicou-lhe o rapaz a rir - e não estará de volta antes de amanhã de manhã. Podes, para maior precaução, levar emprestado a grande melaya de Umm Hanafi. Assim, se por acaso alguém te vir sair ou regressar a casa, tomar-te-á por alguma visitante...

Observou os filhos, envergonhada e atemorizada, como que buscando um gesto de encorajamento suplementar. Khadiga e Aisha estavam entusiasmadas com a proposta. Pareciam expressar deste

modo a libertação das suas aspirações mais reprimidas e o rejubilo que as invadia por irem ter com Mariam, o que, após aquele "golpe de Estado", estava praticamente decidido. Foi então que Kamal bradou do fundo do seu coração:

- Eu vou contigo, mãe, para te indicar o caminho!

Fahmi fitou-a com um olhar de ternura provocado pela alegria confusa que se lia no seu rosto inocente, uma alegria semelhante à de uma criancinha à qual se deixou entrever a possibilidade de um brinquedo novo.

- Deita um olhar sobre o mundo! - disse-lhe com desenvoltura, estimulando-a. - E não te preocupes. Receio que esqueças como se anda de tanto permaneceres reclusa nesta casa!

No fogo da exaltação, Khadiga correu até Umrn Hanafi e voltou com a sua melaya. As vozes rivalizavam nos risos e nos comentários; o dia transformara-se numa festa animada a que nenhum estava afeito. Cada qual participava, sem o saber, nesta sublevação contra a autoridade do pai ausente. Amina envolveu-se na melaya e desceu o véu negro sobre o rosto; depois, mirando-se no espelho, não conseguiu conter uma risada que a sacudiu toda. Kamal envergou o seu fato, colocou o fez na cabeça e precedeu a mãe no pátio. Mas esta não o seguiu. Aquela sensação de medo estreitamente ligada às situações críticas apossou-se dela, e, levantando os olhos para Fahmi, interrogou-o:

- O que achas, vou mesmo?

- Conta com Allah! - exclamou Yassin.

Depois, Khadiga acercou-se dela, e, pondo a mão no seu ombro, empurrou-a suavemente dizendo:

- Recita "por mim a Al-Fatiha, há-de proteger-te!

Não cessou de empurrá-la até tê-la conduzido às escadas; aí, retirou a sua mão e Amina desceu, escoltada por todos os seus... Encontrou Umm Hanafi que a aguardava. Esta lançou um olhar inquiridor à sua senhora, ou melhor, à melaya enrolada em torno do seu corpo; depois, com um aceno apreciativo da cabeça, abeirou-se dela e ajustou o drapejado do véu mos-trando-lhe como manter as extremidades na posição correcta. A senhora, que envergava a grande melaya pela primeira vez, submeteu-se às directrizes de Umm Hanafi. Os contornos da sua silhueta iam revelando pormenores encantadores

que as vestes largas do quotidiano encobriam. Khadiga mirou-a com um sorriso de admiração e, piscando um olho a Aisha, soltou com esta uma risada sonora em uníssono.

No momento em que transpunha o limiar da porta de entrada que dava sobre a rua, teve um instante de vacilação perante uma sensação que lhe secou a saliva na boca: a sua alegria desvaneceu-se num acesso de angústia e sob o peso de um sentimento de culpa. Avançou vagarosa, agarrando a mão de Kamal com apreensão. Os seus passos pareceram confusos, hesitantes, como se ignorasse os simples rudimentos da marcha, para não mencionar a vergonha intensa que se apoderou dela pelo facto de se achar exposta aos olhos de pessoas que tão-só conhecia, desde há tantos anos, através dos interstícios da machrabiyya. Amm Hassanein, o barbeiro, Darwish, o vendedor de foul, el-Fouli, o leiteiro, Bayyumi, o vendedor de xaropes, Abu Sari, o vendedor de pevides grelhadas. Chegou a imaginar que iam reconhecê-la do mesmo modo que ela os reconhecia... e dificilmente se convenceu de uma realidade tão evidente: jamais os olhos daqueles nela se haviam pousado durante toda a sua vida.

Naquele estado, mãe e filho atravessaram a rua e avançaram na direcção da ruela de Quirmiz que, não sendo embora o caminho mais curto para a mesquita de el-Hussein, tinha a vantagem de não passar, como a rua de en-Nahhasin, frente à loja do senhor Ahmad.

Além do mais, como não existiam aí lojas, salvo raras excepções, estava deserta de transeuntes. Quedou-se por breves instantes antes de se decidir a penetrar nela, voltou-se para a machrabiyya onde entreviu vultos indistintos por trás de um dos seus painéis, enquanto o outro fora levantado, deixando ver os rostos sorridentes de Yassin e de Fahmi. A mulher tirou desta visão um reconforto que lhe serviu para superar o seu embaraço. Estugou o passo ao lado do filho e atravessou a ruela solitária com relativa tranquilidade. No entanto, a sua inquietação ou o seu sentimento de culpa estavam longe de desampará-la, mas uma e outro haviam refluído para as fimbrias da sua consciência. Concentrava-se doravante no mundo que se oferecia ao seu olhar, impelida por uma curiosidade ardente: um beco, uma praça, algumas construções estranhas, uma multidão. Experimentava uma alegria sincera por se unir aos seres vivos, no movimento e em plena liberdade, a alegria de quem passara um quarto de século

encarcerada dentro da sua casa, salvo escassas visitas, anualmente, à casa da sua mãe no bairro de el-Khoronfish, para onde se deslocava de caleche na companhia do esposo, sem nunca se atrever a espreitar o caminho, nem sequer pelo canto do olho.

Principiou a interrogar Kamal acerca do que via, dos edifícios e dos lugares que encontravam ao longo do caminho. O garoto fornecia-lhe detalhes profusos, orgulhoso do seu papel de guia: "Aqui está a famosa passagem subterrânea de Quirmiz onde, antes de entrar, é necessário recitar a Al-Fatíha para nos proteger dos demónios que aí habitam. Ali é a Praça Bait el-Qadi com as suas grandes árvores." O garoto chamava-a "Praça da Barba do Paxá", dando-lhe o nome das flores que coroavam as suas árvores ou ainda, por vezes, "Praça Changarlf com o nome do vendedor turco de chocolate. "Aquele edifício é a esquadra de el-Gammaliyya". Se Kamal não via aí nada que despertasse o seu interesse, além da espada que pendia da cintura da sentinela, Amina observava com a curiosidade que lhe merecia um local onde se achava o homem que ousara pedir a mão de Aisha. Alcançaram a escola elementar de Khan Jafar onde Kamal passara um ano antes de ingressar na escola primária de Khalil Agha. Apontou para o balcão monumental, dizendo: "Era naquele balcão que o sheikh Mahdi, à menor asneira, ordenava que nos virássemos contra a parede e nos desancava a seu bel-prazer com o seu sapato, cinco, seis, dez vezes". Mostrou-lhe de seguida uma loja situada por baixo do balcão e parando disse-lhe num tom significativo que não passou despercebido à sua mãe: "Aquele é Amm Sadiq, o vendedor de doces" e não mais se moveu do seu lugar até ter conseguido extorquir-lhe uma piastra para comprar um malbanm ^[81] vermelho.

Após o que viraram em direcção à rua de Khan Jafar, onde ao longe surgiu parte da fachada da mesquita de el-Hussein, com uma janela de dimensões gigantescas no centro, ornamentada de arabescos e encimada, para além do pequeno muro do terraço, de merlões enfileirados quais ferros de lança. Amina, cuja alegria cantava no seu peito, perguntou: "Sayyedna el-Hussein?" Tendo o garoto respondido afirmativamente, começou a comparar o cenário do que se avizinhava - era a primeira vez que acelerava o passo desde que deixara a casa - com a imagem que forjara na sua imaginação, baseada nos exemplos de mesquitas que costumavam estar ao alcance do seu olhar, como as

de Qalawun e de Barquq. Achou que a realidade ficava aquém do sonho, pois ela dilatara a imagem em largura e em altura, proporcionalmente ao lugar que ocupava no seu coração aquele a quem a mesquita fora dedicada. Todavia, este fosso entre a realidade e o produto da sua imaginação não podia de modo algum abalar a sua alegria perante este encontro cuja embriaguez invadia os recessos do seu ser. Em seguida contornaram a mesquita até alcançarem a porta verde onde se misturaram à multidão das demais visitantes.

Quando pousou o pé no solo da mesquita sentiu que se dissolvia em doçura, afecto e ternura, que se transformava numa alma que volitava num firmamento exalando os olores da profecia e da revelação. As lágrimas inundaram-lhe os olhos, o que a ajudou a alijar a viva comoção do seu peito, o ardor do seu amor e da sua fé, e a florescência da sua gratidão e alegria. Os olhos, incendiados pelo anseio, principiaram a devorar os muros, o tecto, as colunas, os tapetes, os lampadários, o minbar^[82].

Kamal, ao seu lado, olhava todas estas coisas sob um outro prisma, que lhe era peculiar: talvez a mesquita fosse um local visitado pelas pessoas durante o dia e a primeira parte da noite, mas que se metamorfoseava em seguida numa casa onde o seu titular, que morrera mártir, ia e vinha, dispondo de todo o mobiliário que aí havia como qualquer proprietário dispõe dos seus bens. Talvez fizesse a sua ronda dentro do recinto das paredes, rezando no mibrab^[83] subindo à sua cátedra, alçando-se às janelas para ver o bairro que o cercava.

O quanto desejaria ser esquecido na grande mesquita após o fecho das suas portas para poder encontrar-se cara a cara com el-Hussein, permanecer na sua presença a noite toda até ao amanhecer! Imaginou todas as provas de amor e de submissão que lhe poderia oferecer durante o encontro, o que deporia aos seus pés como esperanças e desejos, o que encontraria perto dele de afecto e bênção. Imaginou que se abeirava dele, a cabeça inclinada, o mártir perguntando-lhe com doçura: "Quem és tu?" "Sou Kamal Ahmad Abdel Gawwad", responder-lhe-ia beijando-lhe a mão... depois perguntar-lhe-ia o que fazia na vida e ele responder-lhe-ia: "Sou aluno da escola de Khalil Agha", sem esquecer de sublinhar que era um aluno brilhante... Ou perguntar-lhe-ia ainda o que o trazia ali àquelas horas, ao que responderia que era o amor da família do Profeta e de el-Hussein em

particular. Nisso, o mártir sorrir-lhe-ia ternamente e convidá-lo-ia a acompanhá-lo na sua ronda nocturna, enquanto Kamal lhe confessaria as suas maiores esperanças: "Assegurai-me que poderei brincar a meu bel-prazer dentro de casa e na rua, que Aisha e Khadiga ficarão connosco para sempre, que alterareis o carácter do meu pai e conservareis a minha mãe em vida eternamente, que terei uma mesada suficiente e que todos nós acederemos ao paraíso sem julgamento."

Entretanto, o fluxo rastejante das visitantes, progredindo com lentidão, empurrava-os a pouco e pouco até chegarem à zona do túmulo. Amina desejava há tanto tempo visitá-lo, como se fosse um sonho impossível de concretizar neste mundo, e eis que se encontrava junto dele e mormente contra os flancos do próprio túmulo. A sua alma contemplava-o através de uma cortina de lágrimas. Ter-se-ia demorado mais de modo a saciar aquele sabor de felicidade, não fora a pressão da turbamulta. Estendeu a mão para a parede de madeira e Kamal imitou o seu exemplo e a seguir recitou a Al-Fatiha. A mãe acariciou a parede e beijou-a enquanto a sua língua prosseguia as suas preces e as suas súplicas sem interrupção. Desejava permanecer em pé por muito tempo ou sentar-se num dos cantos para contemplar, meditar de novo e fazer de novo o tawaf [\[84\]](#).

Mas o servidor da mesquita vigiava todas elas, não permitindo que nenhuma se atrasasse, exortando as mais demoradas, erguendo o seu grande bastão em sinal de aviso e solicitando à multidão que acabasse a sua visita antes da hora da oração da sexta-feira. A mulher bebera da fonte mais pura, mas não acalmara a sua sede, longe disso! A ronda ritual excitara a sua ternura, as suas fontes haviam jorrado, depois esta correria, o seu caudal engrossara e não aspirava doravante senão a uma maior proximidade e alegria. E quando se viu na necessidade de deixar a mesquita, teve de extirpar desta a sua alma e aí abandonar o seu coração, ao virar-lhe as costas. Avançava, sem forças, ferida pelo sentimento de ter de lhe dizer adeus para todo o sempre. Mas o seu carácter propenso ao contentamento com pouco e à resignação censurou-lhe a tristeza a que se rendia e devolveu-a ao deleite da felicidade que conquistara e sobre a qual se apoiou para afugentar as dores da separação. Kamal convidou-a para ir ver a sua escola no fundo da rua de el-Hussein e rumaram para lá.

Aí fizeram uma longa paragem e, como ela manifestasse o desejo de voltar por onde viera, a evocação do regresso advertiu a criança de que a feliz excursão com a sua mãe, com que jamais sonhara, estava prestes a terminar. Recusou abandoná-la quando estavam tão bem encaminhados e propugnou por esta, num impulso intrépido, sugerindo-lhe que seguissem ambos pelo Novo Caminho até el-Ghuriya. E para pôr cobro à renitência que adivinhava por baixo do véu sob a forma de um esgar sorridente, jurou por el-Hussein tão ardentemente que após um suspiro esta se entregou à sua pequena mão.

Avançavam no meio de uma turba impetuosa e de uma corrente agitada de transeuntes que caminhavam em todas as direcções, cuja centésima parte Amina não encontrara na mela tranquila por onde viera. Começou a sentir-se pouco à vontade, a desanimar e a ficar de tal modo perturbada que não tardou a queixar-se ao seu filho da sua dificuldade e do cansaço imenso que a afligia. Mas a insistência do garoto em prosseguir o alegre passeio levou-o a fazer ouvidos de mercador. Encorajou-a a ir sempre mais adiante, distraíndo-a das suas preocupações, convidando-a a observar as lojas, os carros e os transeuntes, enquanto se aproximavam a passo de tartaruga do beco de el-Ghuriya. Aí, o garoto avistou uma loja de fataer [\[85\]](#) e ficou com água na boca. Os seus olhos ficaram presos neles e começou a magicar num meio de convencer a sua mãe a penetrar na loja para lhe comprar um.

Chegados à loja, Kamal permanecia absorto na sua reflexão, quando, inopinadamente, a mãe lhe largou a mão. Voltou-se, procurando-a com o olhar. Viu-a então que se precipitava de cabeça, com um gemido lancinante. Siderado, os olhos arregalados, sentiu que petrificava. Todavia, apesar do aturdimento e do susto, pôde ainda ver, quase em simultâneo, um carro que travava com um violento fragor, levantando no seu rasto uma nuvem de fumo e de pó; por um pouco esmagava a mulher derrubada no chão, pois parara a um palmo desta. Ecoou um grito, a que se seguiu uma grande algazarra. Acudiram vindos de todos os cantos da rua, como costumam acorrer as crianças ao som da flauta do encantador de serpentes, e formaram em seu torno um círculo espesso onde se agitava um mar de olhos intrigados, de pescoços esticados, de línguas proferindo palavras onde as

perguntas se misturavam às respostas. Kamal, recompondo-se um pouco do seu abalo, e num estado onde se confundiam o medo e os gritos de socorro, começou a passear os olhos entre a mãe estendida a seus pés e aquelas pessoas. Depois deixou-se cair de joelhos ao seu lado, pousou a palma sobre o seu ombro e chamou-a com uma voz entrecortada por uma prece febril. Mas esta não lhe respondia. Levantou a cabeça, fitando a multidão, antes de rebentar em soluços, numa quente lamentação que cobriu a algazarra envolvente, silenciando-a quase. Alguns acharam por bem tentar consolá-lo com palavras vazias de sentido, enquanto outros se debruçavam sobre a sua mãe, atordoados, com desejos inconfessos no fundo dos olhos: um rezava pela salvação da vítima; outro, mais inclinado, caso a salvação fosse impossível, para o espectáculo da morte, este veredicto do destino diferido que batia a uma porta que não a dele, arrebatando uma outra alma que não a dele, como se tentasse levar a cabo, sem dano pessoal, uma espécie de repetição do papel mais arriscado a que todos estavam condenados a representar para dar a vida por encerrada. Um deles gritou:

- Foi a porta do lado esquerdo do carro que lhe bateu nas costas.

De seguida, o condutor, que saíra do seu veículo e se conservava em pé, atarantado dado o clima de acusação que sobre ele pairava, declarou:

- Desviei-me bruscamente da berma, mas não pude evitar o choque. Contudo consegui travar a fundo rapidamente, o que atenuou o embate. Se não fosse a ajuda de Allah, tê-la-ia atropelado!

Nisso, levantou-se da multidão uma voz que tinha sobre ela os olhos fixos:

- Ainda respira... Está somente desmaiada!

O condutor que vira chegar o agente da polícia, com o sabre batendo o seu flanco esquerdo, acrescentou:

- É apenas um leve embate... Não lhe pode ter feito nada de mal... Não tem nada... Ela não tem nada, senhores e senhoras, por Allah...

Depois ergueu-se o homem que primeiro chegara para a examinar. Declarou num tom de prece:

- Afastai-vos... Deixai-a respirar! Está a abrir os olhos... Não tem nada. Allah seja louvado!

Falava com uma alegria não despida de orgulho como se fora ele a

devolver-lhe a vida. Em seguida, voltou-se para Kamal, sacudido por soluços nervosos aos quais se entregava com uma emoção perante a qual as consolações das pessoas se revelavam impotentes. Virou-se para ele, acariciou a sua face com ternura e disse-lhe:

- Pára, pequeno, a tua mãe está bem. Olha! Anda, ajuda-me a levantá-la. Mas Kamal só conteve o choro no momento em que viu a sua mãe mexer-se. Debruçou-se sobre ela, pousou a mão direita sobre o seu ombro e ajudou o homem a levantá-la até ela conseguir, depois de um esforço imenso, erguer-se entre ambos, esgotada e no limite das suas forças, com a sua melaya descaída. Várias mãos estenderam-se para, na medida do possível, colocá-la de novo no seu lugar à volta dos seus ombros. Foi então que o vendedor de fataer, diante da loja de quem se dera o acidente, lhe ofereceu um banco onde a sentaram e trouxe-lhe também um copo de água. Bebeu um gole, derramando metade sobre o pescoço e o peito, que ela limpou com a mão, num gesto mecânico e soltando um suspiro fundo. Nisso, começou a respirar com dificuldade e a notar, estarrecida, os rostos fixos nela, perguntando:

- O que se passou? O que se passou? Meu Deus, mas por que choras, Kamal?!

Neste instante, o agente da polícia aproximou-se e perguntou-lhe:

- A senhora está bem? Pode caminhar até à esquadra?

A palavra "esquadra" sobressaltou o seu espírito e confundiu-a por completo:

- Mas ir à esquadra porquê? - gritou em pânico. - Nunca na minha vida hei-de ir à esquadra!

- Um carro colidiu contra si e atropelou-a - respondeu o agente. - Se lhe aconteceu alguma coisa, é necessário que vá pessoalmente à esquadra com o condutor aqui presente para registar a ocorrência.

Mas esta, trémula, exclamou:

- Não, não! Não vou... não tenho nada!

- Confirme o que está a dizer - replicou o agente. - Levante-se e caminhe para vermos se de facto não tem nada.

Amina levantou-se sem hesitar, impelida pelo pânico que nela gerara a palavra "esquadra". Ergueu-se, ajustou a sua melaya e avançou sob os olhares intrigados, enquanto Kamal, ao seu lado, sacudia o pó que nela ficara.

Em seguida, disse ao agente, esperando pôr um termo, a todo o custo, a esta situação dolorosa:

- Estou bem...

E, indicando o condutor:

- Deixe-o ir... Eu não tenho nada!

O medo que dela se apossara fizera-lhe perder a sensação de fraqueza. O espectáculo de todas estas pessoas cujos olhos sobre ela incidiam de toda a parte, com um desprezo completo pela sua longa existência que passara dissimulando-se e esquivando-se aos olhares. Depois, os seus olhos julgaram entrever vagamente por cima da multidão a imagem do seu sayyed, como que devorando-a com um olhar empedernido, gélido, pressagiando um mal cuja representação não podia suportar. Agarrou, sem mais delongas, a mão do garoto e dirigiu-se com ele para es-Sagha sem encontrar ninguém no seu caminho; mal a esquina da rua os tragara, respirou profundamente e voltou-se a Kamal como se falasse para si:

- Meu Deus! O que se passou? O que viste, Kamal? Pareceu um sonho aterrador. Tive a sensação que estava a cair das alturas dentro de um buraco negro, que a terra girava sob os meus pés. Depois não tive consciência de mais nada até abrir os olhos sobre aquele espectáculo medonho... Meu Deus, queria mesmo levar-me para a esquadra? Meu Deus, ó Senhor, Salvador! Quando é que chegamos a casa?! Choraste muito, Kamal? Não quero nunca perder-te, meu filho! Seca as tuas lágrimas com este lenço enquanto não lavas o rosto em casa... Ah!

Estavam prestes a atravessar a rua de es-Sagha, quando ela estacou. Apoiava-se com a mão no ombro do garoto, o rosto contraído. Kamal levantou a cabeça para ela, inquieto:

- O que tens?! - perguntou.

A mãe cerrou os olhos e respondeu debilmente:

- Estou cansada, muito cansada, as minhas pernas quase não me seguram! Chama o primeiro carro que encontrares, Kamal!

Este olhou em seu redor e viu apenas uma carroça parada diante da porta do hospital de Qalawun. Chamou o cocheiro que conduziu rapidamente o veículo e o parou diante deles. Amina aproximou-se apoiando-se no ombro de Kamal, depois alçou-se com a ajuda deste sobre o tabuado, sustentando-se igualmente nos ombros do cocheiro que

os baixou à sua altura até ela se sentar de pernas cruzadas, suspirando, extenuada. Kamal sentou-se ao seu lado, o cocheiro saltou para a parte da frente e, com o punho do seu chicote, aguilhoou o burro que avançou com a sua marcha vagarosa, puxou a carroça saltitante que atrás dele oscilava.

Amina resmoneou num gemido:

- Que dor! Tenho o ombro deslocado!

Kamal observava-a assustado e angustiado... A carroça passou, no seu caminho, diante da loja do senhor Ahmad sem que ele lhe prestasse atenção. Continuou a olhar diante de si até surgirem as machrabiyyas da casa. Nada mais retinha da feliz excursão senão o seu triste fim!

[79] Al-Bukhari (810-870) é considerado pelos muçulmanos sunitas, juntamente com Muslim, o maior relator de hadüih (relação dos actos e das palavras do Profeta). A sua famosa colectânea, Sahih Al-Bukhari, contém 600 000 "hadith". A obra de Bukhari está envolta em santidade, donde a expressão de Yassin.

[80] Literalmente, "O nosso senhor el-Hussein"; nome que no Cairo foi dado à mesquita que alberga o seu túmulo.

[81] Trata-se de um doce feito de amido, açúcar e pistácio.

[82] O púlpito do cimo do qual, durante a oração da sexta-feira ao meio-dia, o imã profere o chamado sermão da sexta-feira.

[83] Nicho que na mesquita indica a qibla, ou seja, a direcção da Kaba para a qual se deve voltar o muçulmano na sua oração.

[84] Rito da peregrinação que consiste em dar sete voltas em torno da Kaba, e que se pode aplicar em casos como o da visita ao túmulo de el-Hussein.

[85] Doce feito de farinha, açúcar e manteiga.

Umm Hanafi abriu a porta, mas ao ver a sua senhora sentada na carroça ficou desconcertada. Julgara num primeiro momento que talvez lhe ocorrera coroar a sua saída com uma pequena volta de carroça para se divertir e um sorriso iluminara o seu rosto, mas não por muito tempo. Acabava de ver os olhos de Kamal vermelhos do choro. Examinou de novo a sua senhora com inquietação, e pôde entrever desta vez o esgotamento e a dor que a dominavam. Deixou escapar um "Oh!" e precipitou-se para a carroça, gritando:

- Minha senhora! O que tem? Que o mal a poupe! O cocheiro respondeu:

- É só um pouco de cansaço, se Deus quiser! Ajude-me a fazê-la descer! A mulher carregou-a nos seus braços e ajudou-a a avançar para o interior. Kamal seguia-a mudo de emoção e de tristeza.

Khadiga e Aisha tinham deixado a cozinha e aguardavam no pátio, cada uma amadurecendo uma brincadeira para acolhê-los, mas ficaram muito abaladas ao verem Um Hanafi que olhava para elas do corredor externo enquanto quase carregava a mãe ao colo. Não puderam reprimir um grito e, tomadas de pânico, precipitaram-se na sua direcção, gritando:

- Mãe, mãe, o que é que tens?

Ajudaram-se mutuamente a carregá-la e nesse ínterim Khadiga começou a interrogar Kamal sobre o que acontecera. O garoto gaguejou, tolhido pelo medo:

- Um carro!

- Um carro! - gritaram em coro ambas as raparigas, repetindo a palavra que deixava nas suas mentes um eco de terror para lá do suportável. Khadiga lançou um grito de lamentação:

- Que terrível notícia! Que o mal te poupe, mãe!

Quanto a Aisha, que não conseguia articular uma palavra, debulhou-se em lágrimas. A mãe não perdera os sentidos, embora estivesse no extremo da exaustão, o que não a impediu de murmurar, desejosa de acalmar a perturbação das filhas:

- Estou bem, não tenho nada, é apenas cansaço.

A algazarra chegara aos ouvidos de Fahmi e de Yassin que,

assomando-se no topo das escadas, olharam por cima da balaustrada e não tardaram a descer apressadamente, alvoroçados, perguntando o que sucedera. Khadiga pôde tão-só designar Kamal para que este respondesse, temendo ser compelida a redizer a terrível palavra. Ambos os rapazes se voltaram para a criança que balbuciou pela segunda vez, triste e enleado, antes de se desfazer em lágrimas:

- Um carro!

Os dois irmãos mais velhos desviaram-se dele, reservando para mais tarde as questões prementes. Transportaram-na para o quarto das raparigas e sentaram-na no sofá. Fahmi perguntou-lhe, então, ansioso e atormentado:

- Diz-me o que tens, mãe! Quero saber tudo!

Mas Amina inclinou a cabeça para trás sem nada responder, à espera de recobrar o fôlego, enquanto se alteavam os choros de Khadiga, de Aisha, de Umm Hanafi e Kamal. Fahmi acabou por perder o seu sangue-frio e gritou-lhes que se aquietassem. Em seguida, chamou Kamal e principiou a interrogá-lo sobre o que queria saber: como acontecera o acidente, o que haviam feito as pessoas com o condutor, se haviam sido levados para a esquadra e em que estado se achara a mãe durante todo este tempo. Kamal ia respondendo sem hesitações às suas perguntas, num discurso encadeado onde não faltavam os mínimos detalhes. A mãe acompanhava a conversa apesar da sua debilidade e, quando o garoto por fim se calou, ela reuniu as suas forças e disse:

- Estou bem, Fahmi, não te preocupes. Queriam que eu fosse até à esquadra, mas recusei. Depois, continuei a caminhar até ao fim de es-Sagha e foi aí que as minhas forças me atraçoaram bruscamente. Não te apoquentes, não tardarei a recuperá-las assim que repousar um pouco...

Yassin, que enfrentava não só uma preocupação adveniente do acidente mas também um embaraço constrangedor, visto ter sido o principal responsável desta infeliz saída, como posteriormente seria designada, sugeriu-lhes que chamassem um médico e deixou o quarto para pôr em execução a sua proposta sem aguardar pela opinião dos demais. A palavra "médico" fez estremecer a mãe como antes a abalara ouvir a palavra "esquadra". Pediu por conseguinte a Fahmi que apanhasse o seu irmão e o dissuadissem, assegurando-lhe que

recuperaria sem a ajuda de um médico. Mas o rapaz negou-se a acatar a sua vontade, demonstrando-lhe as inúmeras vantagens da vinda daquele. Entretanto, as raparigas ajudaram-na a retirar a sua mela e Umm Hanafi trouxe-lhe um copo de água. Cercaram-na e observaram ansiosos o seu rosto que empalidecia, perguntando-lhe por diversas vezes o que sentia. Amina tentava demonstrar calma, na medida do possível, ou limitava-se a dizer quando a dor a atormentava:

- Tenho uma dor ligeira no ombro direito! Para logo de seguida repetir:

- Mas não faz sentido chamar um médico!

Na realidade, jamais lhe agradara a ideia de chamar um médico, por um lado, porque nunca se encontrara com nenhum médico, tendo em conta não só gozar de uma saúde de ferro como ainda ter sempre circunscrito as indisposições e as enfermidades de que padecera com a sua medicina privada, não tendo fé na medicina oficial, que esta estava ligada, na sua mente, aos acidentes mais graves e aos grandes desastres - e, por outro lado, porque tinha a impressão de que chamar um médico despertaria de novo o incidente que tanto desejava abafar e arrumar, antes do regresso do sayyed. Não ocultou os seus receios aos filhos, mas estes, naquele instante, estavam unicamente preocupados com a sua saúde.

Yassin esteve ausente não mais de um quarto de hora, visto que o consultório do médico se situava na praça de Bait el-Qadi. Voltou, precedendo o homem que, logo que chegou, se dirigiu de imediato para a mãe. O quarto esvaziou-se, tendo nele ficado apenas Yassin e Fahmi.

O médico perguntou a Amina quais as suas queixas. Ela apontou para o seu ombro direito e disse engolindo a sua saliva ressequida pelo medo:

- Sinto uma dor aqui!

Baseado na sua indicação, para além do que Yassin, a caminho, lhe contara em traços gerais acerca do acidente, aproximou-se para observá-la. O exame pareceu longo quer aos rapazes que aguardavam no quarto, quer às irmãs que por trás da porta escutavam com o coração latejante. Quando o médico abandonou a sua paciente, virou-se para Yassin e declarou:

- Uma fractura da clavícula direita! É apenas isto!

A palavra "fractura" provocou um arrepio de terror dentro e fora do quarto, e todos se espantaram com a expressão "É apenas isto!", como se para além da fractura pudesse existir algo que deixasse margem para a dúvida. Porém, o tom com que fora pronunciada convidava-os a tranquilizarem-se:

- É grave? - perguntou Fahmi, dividido entre o temor e a esperança.

- De modo algum! Vou colocar o osso na posição inicial e ligá-lo.

Contudo, terá de dormir algumas noites sentada, as costas apoiadas num travesseiro, porque lhe há-de ser impossível dormir de costas ou de lado. A fractura recompor-se-á no espaço de duas ou três semanas, o mais tardar. Não há motivo algum para alarme! E agora, deixem-me trabalhar!

Apesar de tudo, era uma lufada de alívio que acabavam de respirar, após tanta inquietação, e o sinal foi bem manifesto entre os que haviam permanecido no exterior:

- Que a bênção de el-Hussein esteja com ela - murmurou Khadiga. - Afinal de contas, saiu com o único propósito de lhe fazer uma visita!

E como se estas palavras relembrassem a Kamal um pormenor importante que há muito esquecera, este exclamou assarapantado:

- Como é que este acidente pôde acontecer após ter recebido a bênção na visita a Sayyedna el-Hussein?

Mas Umm Hanafi retorquiu com simplicidade:

- Quem sabe o que não lhe poderia ter acontecido, Deus nos guarde, caso não tivesse obtido a graça da visita a Sayyedna el-Hussein?

Aisha ainda não se recompusera dos efeitos do choque e teve dificuldade em falar:

- Meu Deus! - exclamou numa ardente súplica - Quando irá tudo isto acabar e voltar a ser como se nada houvesse sido?

E Khadiga, aterrada, acrescentou:

- Mas o que a terá levado até el-Ghuriya? Se tivesse regressado directamente a casa depois da visita, nada disto teria sucedido!

O coração de Kamal começou a palpar de medo e embaraço, e a sua falta assumiu aos seus olhos os contornos de um crime odioso. Todavia, tentou esquivar-se às suspeitas e num tom de censura disse:

- Quis dar alguns passos na rua e, por mais que eu dissesse ou fizesse, não houve maneira de lhe fazer mudar de ideias!

O olhar acusador de Khadiga pesou sobre ele. Ia replicar, mas achou

melhor abster-se por piedade, diante do rosto da criança que empalidecia cada vez mais. A rapariga disse para si: "Bastam-nos as preocupações do momento!"

Nisso, a porta abriu-se e o médico saiu do quarto, dizendo aos dois jovens que caminhavam atrás dele:

- Terei de vê-la todos os dias até que a fractura se solde, mas, como já vos disse, não é preciso entrarem em pânico!

Então, toda a família tomou de assalto o quarto, para ao chegar lá ver a mãe sentada na cama, reclinada num travesseiro dobrado em dois atrás das costas. Não mudara em nada, exceptuando um chumaço no ombro direito que, sob o vestido, traía as ligaduras.

- Louvado seja Allah! - gritaram todos, ao precipitarem-se para ela. Quão intensa fora a dor enquanto o médico reduzia a fractura!

Respondera com um gemido contínuo e, não fora o seu pudor natural, teria soltado gritos. Mas, agora, a dor abandonava-a, pelo menos em aparência, e sentia um apaziguamento relativo mesclado de uma certa quietude. Todavia, a acalmia da dor possibilitou à sua mente reencontrar a sua vivacidade característica e analisar a situação sob todos os ângulos. O medo não tardou a apossar-se dela. Assim perguntou, passeando um olhar perdido por entre os seus:

- O que vou dizer ao vosso pai quando regressar?

A pergunta ergueu uma barragem cáustica e provocadora, semelhante aos recifes eriçados que irrompem no caminho tranquilo de um navio, e que sucedem à brisa amena pela qual este se havia deixado levar. Não lhes causou surpresa, no entanto. Talvez já se houvesse imiscuído na profusão de sentimentos dolorosos que incendiara os seus corações, no momento do choque da notícia, mas aí se perdera, e o seu exame fora adiado por mais um tempo. E eis que voltava a ocupar o centro das atenções nas suas mentes e que não podiam evitar o seu confronto. Consideravam-na, com razão, mais penosa, para eles e para a mãe, do que a colisão a que esta acabara de escapar, próxima que se achava já da cura. A mãe experimentou, ante o silêncio com que a pergunta foi acolhida, a solidão do culpado abandonado pelos seus amigos no momento da sua condenação.

- Acabará por descobrir não só o acidente - tartamudeou com acentos gemebundos - mas ainda a minha saída que estive na origem deste!

E se bem que Umm Hanafi não estivesse menos angustiada do que o resto da família nem menos consciente da gravidade da situação, quis proferir uma palavra de reconforto no intuito de apaziguar o ambiente porque, na sua qualidade de antiga e fiel criada, sentia que o dever lhe ditava que não procurasse refúgio no silêncio ante a adversidade, sob pena de ser tachada de indiferente.

- Se o meu senhor ficar a saber o que lhe sucedeu - disse, embora tivesse plena consciência da disparidade que existia entre as suas palavras e a realidade - só poderá esquecer a sua desobediência e louvar a Allah por encontrá-la sã e salva...

As suas palavras foram recebidas com o desafecto que mereciam por parte de quem se dava perfeitamente conta da situação real. Porém, Kamal acreditou nela e disse, entusiasmando-se, como que concluindo as declarações de Umm Hanafi:

- Sobretudo se lhe dissermos que a nossa saída tinha como propósito visitar Sayyedna el-Hussein!

Amina deslizou o" seu olhar mortiço de Yassin para Fahmi e perguntou:

- O que lhe vou dizer?

- Que demónio me perdeu quando te aconselhei a sair! - respondeu Yassin, esmagado pelo peso da sua culpa. - Foi uma palavra que me saiu da boca! Quem me dera nunca ter falado! Mas foi o destino que assim o quis, para nos mergulhar neste cruel beco sem saída! De qualquer modo, asseguro-te que encontraremos algo para lhe contar e, seja como for, não te preocupes com o que irá acontecer. Tem fé em Allah! Bastam-te todos os sofrimentos e sustos que hoje tiveste de suportar!

Yassin falara com entusiasmo e piedade, rejeitando sobre si toda a sua indignação. A compaixão que experimentava por Amina vinha do sofrimento que ele próprio sentia perante esta situação. E, se as suas palavras nada podiam fazer para adiantar ou recuar as coisas, aliviavam a sua sensação de embaraço e a sua angústia. Além do mais, expressara em simultâneo o que talvez agitasse a mente de alguns dos que a seu lado se encontravam ou talvez mesmo de todos eles.

Poupava-lhes, deste modo, a necessidade de exprimi-lo. Aliás, a experiência ensinara-lhe que por vezes o melhor meio de autodefesa consiste em fazer incidir o ataque na sua pessoa e reconhecer a sua

culpabilidade, o que incita ao perdão, e que defender-se ou negar a sua responsabilidade só pode, pelo contrário, desencadear a cólera de todos. Assim procedendo, o que de pior havia a temer era a reacção de Khadiga. Esta podia, com efeito, aproveitar o ensejo para responsabilizá-lo diante da família pelo incidente que tivera na sua origem um conselho seu, o que se tornaria numa arma de arremesso contra ele. Por isso, antecipava-se-lhe e vedava-lhe o caminho. As suas suposições não poderiam ter sido desmentidas, pois, na verdade, Khadiga estava prestes a pedir-lhe que, na sua qualidade de principal responsável pelo que sucedera, achasse uma saída. Mas logo que o jovem terminara o seu discurso, teve de conter a sua investida não só por pudor mas porque geralmente só assim agia por motivos anódinos e não manchados pelo ódio. Destarte, a situação de Yassin melhorou um pouco, embora as circunstâncias gerais permanecessem desastrosas. E assim continuou até que Khadiga quebrou o silêncio perguntando:

- Porque não fingir que ela caiu nas escadas?

Amina estendeu para ela um rosto que suplicava por um qualquer meio de salvação e virou-se de forma alternada para Fahmi e Yassin, com um clarão de esperança cintilando no fundo do olhar. Mas, perplexo, Fahmi contrapôs:

- E o médico?... há-de vir vê-la dia após dia e, por certo, acabará por encontrar o nosso pai...

Mas Yassin negava-se a cerrar uma porta por onde filtrara um sopro de esperança susceptível de libertá-lo da sua dor e dos seus temores. Sugeriu pois:

- Combinemos com o médico acerca do que convém contar ao pai! Trocaram olhares cépticos, antes que a alegria alumiasse os rostos face à sensação geral de salvação. O ambiente mórbido deu lugar a uma atmosfera jovial, tal como no seio do negrume de uma nuvem irrompe de súbito um rasgo de azul que se abre... por um milagre encantador, e invade, em poucos minutos, a abóbada celeste e permite que a luz do sol passe. Yassin suspirou:

- Louvado seja Allah, estamos salvos!

Ao que Khadiga lhe retorquiu, tendo recuperado a sua vivacidade habitual, devido à recente atmosfera:

- Queres dizer: estás salvo! Não é? Senhor conselheiro! Yassin

largou a rir até todo o seu corpo volumoso estremecer:

- Ah! Quanto a isto podes estar certa! Estou salvo dos dardos da tua língua! Já estava à espera que esta se alongasse até mim para me desferir algum!

- Porém, foi precisamente esta que te salvou! "Pelas rosas também os espinhos são regados!"

Quase se esqueciam, na efusão decorrente da libertação, da presença da mãe, pregada na cama com uma clavícula partida... mas também esta parecia prestes a esquecer a sua pessoa.

29

Abriu os olhos e o seu olhar pousou sobre Khadiga e Aisha, sentadas na cama aos seus pés e que a fitavam, divididas entre o medo e a esperança. Amina soltou um suspiro, virou a cabeça para a janela e viu a persiana que vertia a luz da manhã. Tartamudeou, com um espanto evidente:

- Dormi muito?

- Algumas horas, depois de a alvorada ter surgido sem que ainda tivesses pregado o olho! - respondeu Khadiga. - Não me fales desta noite! Jamais a esquecerei enquanto for viva!

As lembranças da noite passada, com a sua dor e a sua insónia, voltaram-lhe e os seus olhos exprimiram piedade por si e pelas duas filhas que tinham permanecido todo o tempo ao seu lado, compartilhando a sua insónia e o seu sofrimento. Moveu os lábios invocando a protecção de Allah numa voz inaudível. Sussurrou então, com um semblante envergonhado:

- Estou a dar-vos tantos trabalhos!

- Estes trabalhos são um descanso! - replicou Khadiga num tom jocoso. - Mas aí de ti se voltares a causar-nos tantas preocupações!

Depois num tom onde perpassava toda a sua emoção:

- Como é possível que esta dor atroz se tenha abatido sobre ti?! Julgava-te a dormir calma e profundamente, e estendera-me para descansar um pouco, quando de repente fui acordada pelos teus gemidos. E não mais paraste de gemer até ao raiar do dia.

O rosto de Aisha irradiava optimismo:

- Seja como for, alegra-te! Quando Fahmi veio, esta manhã, saber notícias tuas, contámos-lhe como estavas. Então disse-nos que a dor que te afligia era um sinal de que o osso fracturado começara a soldar-se.

O nome de Fahmi arrancou-a à tormenta dos seus pensamentos.

- Partiram com a protecção de Allah? - perguntou.

- Claro - respondeu Khadiga. - Queriam falar contigo para verificarem pessoalmente o teu estado, mas não permiti que ninguém perturbasse um sono que só alcançaras depois de tanto nos fazeres suar!

- Louvado seja Allah! - suspirou Amina com fatalismo. - Oxalá disto tudo resultem consequências felizes! Mas... Que horas são agora?

- Daqui a uma hora será o chamamento para a oração do meio-dia! Perante o adiantado da hora, a mãe baixou os olhos, meditativa.

Ergueu-os, bruscamente, com um esgar de ansiedade:

- Talvez já esteja a caminho de casa neste momento!

As raparigas compreenderam a quem se referia e, embora ambas sentissem em seus peitos os calafrios do terror, Aisha declarou confiante:

- Que seja bem-vindo! Não há razões para nos preocuparmos. Já acertamos o que haveríamos de lhe contar. Portanto, não falemos mais nisso!

Todavia, a aproximação do seu retorno semeou a perplexidade na sua mente frágil:

- Acham mesmo que vamos lograr ocultar-lhe o que realmente aconteceu?

A voz de Khadiga tornou-se mais seca, à medida que nela crescia a angústia:

- E porque não? Dir-lhe-emos o que ficou estipulado e tudo há-de correr bem!

Amina desejou ter naquela hora Yassin e Fahmi ao seu lado para lhe infundirem coragem. Khadiga podia afirmar de forma reiterada que o sayyed seria informado segundo o acordado! Seria possível que o que sobreviera permanecesse para sempre um segredo inviolável? Poderia a verdade não achar uma brecha por onde filtrar até aos ouvidos do seu senhor? Temia a mentira tanto quanto a verdade, e ignorava que destino a aguardava! Os seus olhos deslizaram com ternura sobre ambas as filhas e ia para falar, quando Umm Hanafi entrou de rompante:

- O sayyed chegou, minha senhora - disse numa voz sussurrada, como se receasse ser ouvida no exterior do quarto.

Os corações começaram a palpitar descompassadamente. Num pulo, as raparigas saíram da cama e permaneceram em pé frente à mãe. Sem proferirem uma palavra, trocaram olhares. Nisso, Amina disse baixinho:

- Nenhuma das duas fala! Temo para vocês graves consequências se o enganardes! Deixem-me tratar de tudo... e que seja Allah o nosso

amparo!

Um silêncio tenso instalou-se no aposento, similar ao que se abate sobre as crianças pequenas na escuridão, quando um ruído de passos, nas suas mentes atribuído a algum demónio vagueando lá fora, chega aos seus ouvidos. Bruscamente, perceberam os passos do sayyed que, subindo as escadas, se aproximava. Amina repeliu, a custo, o pesadelo de silêncio e num murmúrio avisou:

- Se o deixarmos subir até ao seu quarto, não encontrará ninguém! E virando-se para Umm Hanafi, pediu-lhe:

- Diga-lhe que estou aqui, adoentada. Não acrescente nada mais!

Amina engoliu a sua saliva, com a garganta seca. Quanto às duas raparigas, saíram de forma desembestada, rivalizando na velocidade, e deixaram-na só. Achava-se como que exilada do mundo. Entregou-se portanto nas mãos do destino. Tal fatalismo, que era um traço frequente do seu comportamento, por mais desarmado que fosse, representava uma forma de coragem passiva. Reuniu, pois, os seus pensamentos para rememorar as palavras que precisava dizer, embora as dúvidas sobre a lealdade do seu estrategema não a largassem por um instante e permanecessem soterradas no fundo da sua consciência, manifestando a sua presença por um estado de angústia, de tensão e pela diluição da sua confiança. Ouviu a ponta da sua bengala que batia no chão do salão e murmurou: "Allah, tenha piedade de mim! Ajudai-me!" Depois soergueu os olhos na direcção da porta que em breve ficou preenchida pelo enorme corpo do sayyed. Viu-o que entrava e se aproximava dela, lançando-lhe olhares inquiridores. Quedou-se no meio do quarto e perguntou com um tom de voz que ela imaginou atencioso, contrariamente aos seus hábitos:

- O que tens?

- Louvado seja Allah! Ei-lo aqui, são e salvo - disse, baixando os olhos. - Estou bem, visto que estais bem!

- Mas Umm Hanafi disse-me que estavas doente!

A mulher apontou para o seu ombro direito com a mão esquerda:

- Tenho o ombro ferido, senhor. Que Allah o poupe de qualquer inconveniente!

- Como te magoaste? - perguntou, olhando para o ombro dela, ansioso e preocupado.

Os dados estavam lançados. O momento crucial chegara. Só lhe

restava falar, proferir a mentira da salvação para atravessar esta provação sem transtorno e suscitar um pouco desta piedade que se lhe oferecia. Dominando-se, levantou os olhos e quando estes cruzaram os deles, ou melhor, aí se perderam, a agitação do seu coração recrudesceu com impiedosas palpitações. Foi então que toda a sua resolução, que juntara na sua mente, se dissipou e toda a sua determinação se dispersou. Pestanejou, perturbada e obtusa. Volveu-lhe um olhar perdido, sem nada dizer. A confusão da mulher espantou-o, pelo que perguntou de chofre:

- O que aconteceu, Amina?!

Não sabia o que responder, como se nada tivesse para lhe dizer, mas era certo que doravante não se achava mais em condições de lhe mentir. A oportunidade escorregara-lhe das mãos sem que soubesse como e, se reiterada, a sua tentativa emanaria truncada e desmascarada. Amina assemelhava-se àquele que caminha sobre um fio em estado de hipnose e a quem se pede que repita a sua perigosa façanha depois de recuperada a plena consciência. À medida que os segundos transcorriam, ela afundava-se mais e mais no embaraço e na sensação de fracasso até se abismar no desespero:

- Porque não falas?

O seu tom começava a dar mostras evidentes de impaciência! Podia em breve trovejar, iracundo. Meu Deus, como precisava urgentemente de algum auxílio! Que demónio a teria desencaminhado para uma saída tão infeliz!

- É esquisito! Não queres falar?

Persistir no silêncio estava prestes a ultrapassar as suas forças. Tartamudeou, com a voz trémula, arrastada pelo desespero e pela força das circunstâncias:

- Cometi um grave erro, senhor... Um carro atropelou-me!

O senhor Ahmad Abdel Gawwad arregalou com o estupor uns olhos repletos de inquietação e de negação, como se de repente duvidasse das suas faculdades mentais. Amina não suportou mais esta hesitação e decidiu confessar-lhe tudo, independentemente das consequências, como quem se arrisca, a despeito dos perigos de vida que corre, a levar a cabo uma intervenção cirúrgica para se libertar dos tormentos de uma doença que o deixa impotente. Então a sua percepção da enormidade da culpa e da gravidade da confissão redobrou. Os seus

olhos marejaram-se de lágrimas, e, com uma voz cujos acentos lamurientos já lhe eram indiferentes, resolveu justificar-se, por mais que a voz do sayyed pudesse submergir a sua, numa eventual tentativa desesperada para fazer chover sobre si alguma piedade:

- Pareceu-me que Sayyedna el-Hussein me chamava para que o fosse visitar. Então acedi ao seu apelo. Parti e no caminho de regresso um carro embateu em mim. Foi a vontade de Allah, senhor... Levantei-me da minha queda, sem o auxílio de ninguém - sublinhara esta frase. - Naquele momento, não senti qualquer dor e julguei-me ilesa. Continuei a caminhar até casa e foi aí que a dor começou a despertar. Chamaram um médico que examinou o meu ombro e diagnosticou uma fractura. Prometeu voltar todos os dias até estar sarado. Cometi uma falta gravíssima, senhor, e apenas tive o que merecia... Allah é clemente e misericordioso!

Ahmad Abdel Gawwad escutava-a silencioso e petrificado. Não desprendera dela os seus olhos por um instante, mas nada do que lhe fervia no peito transparecera ainda no seu rosto. Pelo contrário, foi ela que inclinou a cabeça num claro sinal de submissão, na atitude de quem aguarda pela sentença. O silêncio arrastou-se, tornou-se mais pesado... O rosto do sayyed crispou-se perante as marcas do medo. Amina hesitou, não sabendo qual seria o veredicto final deste ou a que destino a condenaria, quando o ouviu declarar com uma calma singular:

- E o que disse o médico? Há algum perigo na fractura?!

Virou-se para ele atónita. Por certo, esperava tudo, excepto a graça de uma palavra atenciosa. Não fora o terror inerente à presente situação, tê-lo-ia feito repetir para confirmar o que ouvira. A emoção apoderou-se dela e duas grossas lágrimas molharam os seus olhos. Mordeu os lábios com receio do pranto e sussurrou, cabisbaixa e abatida:

- O médico disse que não há razão alguma para entrar em pânico. Allah o livre de todos os males, senhor!

O homem conteve-se por uns instantes, lutando contra o desejo que o instigava a fazer mais perguntas. Tendo-o debelado, abandonou o seu lugar para sair do quarto e disse:

- Deixa-te ficar na cama até que Allah te cure!

30

Khadiga e Aisha precipitaram-se para o quarto depois da partida do pai e pararam diante da mãe, pousando sobre ela um olhar intrigado, cheio de preocupação e de ansiedade. Repararam nos seus olhos vermelhos das lágrimas e ficaram mudas de emoção. Khadiga, que pressentira, no seu coração, o medo da mãe e antevira o pior, perguntou:

- Está tudo bem, pelo menos?

- Confessei-lhe a verdade! - limitou-se a responder Amina, de uma forma evasiva, pestanejando com enleio.

- A verdade!

- Não pude senão confessar-lhe tudo - disse com resignação. - Não era possível que tal história não lhe chegasse aos ouvidos algum dia! Por isso fiz bem...

Khadiga bateu no seu peito e exclamou:

- Ó nosso dia funesto!

Aisha, por seu lado, ficou atônita, os olhos presos no rosto da mãe, os lábios cerrados. Mas Amina sorria com um semblante de orgulho mesclado de confusão. O seu rosto pálido enrubesceu ao recordar a piedade que o sayyed lhe demonstrara quando já só esperava uma cólera devastadora aniquilando o seu futuro. Sentia, pois, orgulho e confusão ao estar prestes a evocar a piedade que o seu senhor lhe testemunhara na sua provação e como esquecera a sua cólera diante da emoção e da apreensão que dele se haviam apoderado.

- Foi clemente para comigo, que Allah lhe prolongue a sua vida!

Escutou-me em silêncio, perguntou-me a opinião do médico quanto à gravidade da fractura e deixou-me, aconselhando-me a permanecer na cama até que Allah me curasse...

As duas raparigas trocaram olhares de espanto e de incredulidade. Seja como for, o medo abandonou-as rapidamente e suspiraram de alívio, com o brilho da felicidade a iluminar os seus rostos.

- Estás a vê-la, esta é a bênção de el-Hussein! - exclamou Khadiga. E Aisha acrescentou:

- Todas as coisas têm os seus limites, mesmo a cólera do pai. Não era possível que se zangasse, vendo-a neste estado... Agora, já sabemos

o que a mãe significa para ele!

Depois, voltando-se para a mãe, num tom jocoso:

- És uma mãe abençoada pela sorte! Os meus cumprimentos pela homenagem e pela piedade!

O rosto de Amina enrubesceu novamente:

- Que Allah lhe prolongue a sua vida - disse num balbucio envergonhado.

Depois, suspirou:

- Louvado seja Deus! Estamos salvos!

Ocorreu-lhe algo e virou-se para Khadiga, preocupada:

- Tens de ir ter com ele, vai de certeza precisar dos teus serviços.

A rapariga teve a impressão, devido ao embaraço e à perturbação que a subjugavam na presença do seu pai, de ter caído numa cilada. Retornou com irritação:

- E porque não Aisha?!

Mas Amina replicou num tom de censura:

- És a mais capaz para servi-lo. Vai, não te demores, minha filha, pode ser que ele esteja a precisar de ti agora mesmo!

Khadiga sabia que os seus protestos de nada serviriam, como sempre sucedia quando a mãe lhe pedia que se encarregasse de uma tarefa para a qual a julgava mais apta do que a sua irmã. Insistiu, porém, em expô-los, como era seu hábito em semelhante situação, instigada por nervos facilmente inflamados e impelida por aquela tendência belicosa que encontrava na sua língua o mais flexível e afiado de todos os instrumentos. Pretendia com isto levar a sua mãe a repetir que ela era "mais capaz nisto ou naquilo do que Aisha", o que para ela era uma grata confissão, que a consolava e servia de aviso à irmã. Na verdade, caso Amina encarregasse Aisha, no seu lugar, de alguma das ditas tarefas "importantes", ficava ainda mais furiosa, pois proibia o acesso a estas à irmã, considerando-as, no seu íntimo, como um dos seus direitos e prerrogativas que lhe cabiam enquanto mulher merecedora do segundo lugar a seguir à mãe, em casa. Contudo, ao executá-las, recusava admitir, em voz alta, estar a exercer um direito seu, preferindo que este passasse por um pesado fardo que tinha de aceitar contrafeita. Destarte, quem a solicitava sentia-se sempre embaraçado, e ela, por seu lado, podia dar vazão aos seus protestos, e a uma cólera que lhe mudava as ideias. Fazia então ouvir os

comentários que lhe mereciam a sua escolha para que esta fosse apreciada como um favor digno de agradecimentos.

Por isso, abandonou o quarto dizendo:

- É sempre a mesma coisa, nas situações difíceis, tens de chamar a Khadiga, como se não tivesses mais ninguém senão a Khadiga! O que farias se eu não existisse?

Contudo o seu orgulho abandonou-a para dar lugar ao terror e à perturbação, assim que deixou o quarto. Interrogava-se por que milagre iria apresentar-se diante dele e assegurar o seu serviço, como a trataria se gaguejasse, se atrasasse ou cometesse algum erro. Mas o sayyed Ahmad já

retirara as suas vestes e envergara sozinho a sua galabiyya e, quando a rapariga se deteve na soleira da porta, perguntando-lhe o que precisava, este pediu que lhe trouxesse um café, que ela se apressou a preparar e a vir oferecer com passos miudinhos, os olhos baixos, amedrontada e intimidada. Depois regressou ao salão e aí permaneceu para ficar à sua disposição caso a chamasse, sem conseguir desprender-se da sensação de terror que a dominava, chegando a interrogar-se como poderia continuar a servi-lo ao longo de todas aquelas horas que ele passaria em casa, dia após dia, até ao fim das três semanas. Pareceu-lhe realmente penoso e percebeu pela primeira vez a importância do papel que a sua mãe desempenhava. Por isso rezou pela sua cura tanto por amor pela sua mãe como por piedade pela sua própria pessoa.

E infelizmente para Khadiga, o pai ressentiu o desejo de se repousar da fadiga da viagem e não partiu para a loja, ao contrário do que ela esperava, pelo que se viu constrangida a permanecer no salão como uma prisioneira. Nesse entretanto, Aisha subiu até ao andar superior e, sem fazer barulho, infiltrou-se no salão onde se encontrava a sua irmã sentada, de modo a apanhá-la de surpresa e escarnecer da sua atitude com um olhar e em seguida voltar para perto da mãe, deixando-a a espumar de raiva. Pois nada enfurecia mais a sua irmã do que ver alguém zombar dela, embora pessoalmente encontrasse um prazer inexprimível a fazer o mesmo com toda a gente.

Só recuperou a sua liberdade, momentânea, claro está, quando o senhor Ahmad se afundou no sono. Então, voou até à mãe e principiou a contar-lhe todos os serviços, reais e imaginários, que prestara ao pai,

descrevendo as marcas de ternura e de apreço pelos seus serviços que pudera ler nos seus olhos. Não esqueceu também de fazer um parêntese relativo a Aisha, derramando-se em reprimendas e admoestações face à conduta pueril que esta tivera. Regressou depois para junto do pai assim que este despertou e trouxe-lhe o almoço. Terminada a refeição, o homem sentou-se para rever alguns papéis durante um longo tempo, antes de chamá-la e pedir-lhe que conduzisse à sua presença Yassin e Fahmi assim que regressassem a casa. Esta recomendação encheu Amina de ansiedade, pois temia que a cólera contida houvesse principiado a desenvolver-se no espírito do sayyed e agora desejasse dar-lhe vazão. Quando Yassin e Fahmi chegaram, tomaram conhecimento da situação e souberam que o pai lhes ordenava que se apresentassem diante dele. O pensamento que atravessara a mente de Amina apoderou-se deles igualmente e puseram-se a caminho do quarto numa viva apreensão. Mas o pai, contrariamente à expectativa destes, recebeu-os com uma calma inusitada, questionando-os sobre o acidente, as circunstâncias, o diagnóstico do médico. Relataram-lhe exaustivamente os factos de que estavam a par. Este escutava-os interessado e por fim perguntou:

- Estavam em casa quando ela saiu?

Se bem que a pergunta fosse aguardada desde o início, deixou neles, depois desta calma surpreendente e inesperada, uma impressão perturbadora e temeram que fosse o prelúdio de uma mudança de tom que punha termo ao sentimento apaziguador de salvação. Incapazes de falar, refugiaram-se no silêncio. De resto, Ahmad Abdel Gawwad não julgou necessário dar um carácter de urgência à questão, como se pouco lhe importasse ouvir a resposta que compreendera antecipadamente, a não ser que quisesse desmascarar a culpa sobre os seus rostos sem se preocupar em ouvi-los confessá-la. Limitou-se a mostrar-lhes a porta do quarto, autorizando-os a retirarem-se. Mas ao se encaminharem para a porta, ouviram-no que exclamava, falando para si:

- Já que Allah não me quis dar homens, que me dê pelo menos paciência!

Embora o acidente tivesse abalado o sayyed Ahmad ao ponto de alterar a sua conduta habitual o que a todos deixara desconcertados, não pôde contudo deixar de ir ao seu serão usual. Assim que a noite

tombou, revestiu suas vestes e abandonou o quarto derramando diante de si de forma generosa o seu perfume. Passou contudo no seu caminho para a saída pelo quarto de Amina e pediu notícias suas, razão pela qual a mulher orou longamente por ele, grata e reconhecida. Ainda que estivesse presa na cama, não viu na sua partida para mais um serão uma recusa em se abandonar à piedade, mas interpretou ao invés o facto de passar pelo seu quarto e de se preocupar com a sua saúde como uma honra que ultrapassava as suas expectativas. Além do mais, abster-se de despejar sobre ela a sua cólera era já uma graça com a qual jamais sonhara. Os irmãos haviam perguntado antes de deixar o quarto:

- Achas que ele vai desistir do seu serão esta noite? Mas a mãe respondera:

- E porque haveria de ficar, se sabe que está tudo bem?

Esperara talvez secretamente que coroasse a sua benevolência para com ela renunciando ao serão, como convinha a um homem cuja esposa acabou de receber um golpe destes. Mas conhecia por demais a sua natureza e encontrou-lhe antecipadamente desculpas. Tanto que, quando ele partiu para o serão, como já esperava, pôde, para esconder a situação, justificar a sua partida pela desculpa que ela própria forjara sem o acusar de qualquer indiferença. Porém, Khadiga perguntou:

- Como pode ter a desfaçatez de ir fazer serão quando te vê neste estado?

Nisso, Yassin respondeu:

- Não podemos censurá-lo visto que sossegou em relação ao seu estado. As emoções dos homens são diferentes daquelas das mulheres e a ida de um homem para um serão não é incompatível com a tristeza! Talvez a distração lhe seja necessária para prosseguir facilmente a sua vida penosa.

Não era tanto o seu pai que Yassin defendia, mas o seu próprio desejo de sair que no mais fundo de si começava a agitar-se. Todavia o seu subterfúgio não escapou a Khadiga que lhe perguntou:

- Tu, por exemplo, serias capaz de ir para o teu café fazer serão esta noite?

Apressou-se a responder-lhe amaldiçoando-a interiormente:

- Claro que não! Mas eu não sou o pai!

Quando o senhor Ahmad deixou o quarto, Amina reencontrou

aquela impressão de alívio que sobrevêm depois de ultrapassar um perigo e os seus traços iluminaram-se com um sorriso:

- Talvez tenha considerado a minha punição à altura da minha falta e me tenha perdoado. Allah lhe perdoe como a todos nós!

Yassin bateu as palmas e disse, protestando:

- Há homens ciumentos como ele, de entre eles amigos seus, que não vêem mal algum no facto de as suas mulheres saírem quando a necessidade ou algum acto de cortesia assim o exige. Mas por que motivo teima em fazer desta casa uma prisão perpétua?!

- Porque não propugnaste pela nossa causa quando te encontravas na sua presença?! - perguntou Khadiga observando-o, maliciosa.

O jovem lançou-se num riso que fez estremecer o seu amplo ventre e respondeu:

- Precisava de ter, em primeiro lugar, um nariz como o teu para me defender caso fosse necessário!

Assim acamada, os dias escoaram-se e o sofrimento que a atormentara na primeira noite não recidivou, mesmo se a dor ameaçava o busto e o ombro ao mais ínfimo dos seus gestos. Depois foi-se encaminhando a largos passos para a cura, graças à sua robusta constituição e à sua vitalidade transbordante a cuja natureza repugnava a imobilidade e a inacção, o que tornou a obediência aos preceitos do médico uma obrigação penosa cuja tortura eclipsou as piores dores da fractura. E talvez sem a vigilância estrita dos seus filhos tivesse mandado para o diabo as recomendações médicas e ter-se-ia levantado em dois tempos para regressar aos seus afazeres. De resto, o facto de estar acamada não a impedia de exercer a partir da sua cama uma supervisão rígida sobre tudo o que se passava em casa e de impor às duas filhas que lhe comunicassem de forma exaustiva e esgotante o que lhes havia dito que fizessem. Era o caso em particular das tarefas delicadas que temia serem negligenciadas ou esquecidas. Com insistência perguntava:

- Sacudiste o pó por cima dos cortinados e nas persianas? Queimaste o incenso na casa de banho para o teu pai? Regaste a hera e o jasmim?

Questões estas que enfureciam Khadiga a um ponto tal que não pôde conter-se:

- Fica sabendo que, se tu cuidavas da casa, eu cuido dela cem vezes

mais!

Além disso, o abandono forçado da sua posição eminente provocava nela uma ambivalência de sentimentos que não cessava de atormentá-la. Talvez se interrogasse se a casa, ou algum dos seus membros, não teria perdido, pelo facto de ter largado as rédeas, uma parte da sua ordem ou da sua tranquilidade. Mas não sabia o que era preferível: que tudo andasse nos eixos como dantes graças às suas duas filhas, fruto da sua obra, ou se algo no seu equilíbrio se perdesse, de modo a significar a cada um o vazio que ela deixara atrás de si. Imaginemos que o sayyed tivesse pessoalmente sentido esse vazio; seria este um facto susceptível de levá-lo a dar importância ou, pelo contrário, de enfurecê-la contra a sua culpa que estava na origem de tudo isto? Hesitou longamente envergonhada e a simpatia pura que sentia pela; verdade, teria ficado profundamente triste se alguma coisa tivesse alterado a ordem da casa. Do mesmo modo, se esta continuava perfeita como se nada faltasse, também era motivo para ela se afligir...

Efectivamente, o vazio que ela deixara, ninguém poderia percebê-lo e, prova disso era que por mais diligentes que se nostrassem as duas raparigas eram incapazes de dar resposta a todas as solicitações; a mãe não se alterou, nem exteriormente nem no seu íntimo. O seu sentimento arrancou-se à sua consciência e tomou apaixonadamente a defesa de Khadiga e de Aisha, antes que p desespere e a dor se assenhorassem dela e não mais tolerassem o seu isolamento.

À alvorada do dia prometido, pelo qual tanto ansiara, saltou da cama com um ligeireza infantil, transportada pelo júbilo, semelhante a um rei que, após o exílio, recupera o seu trono... Desceu à sala do forno para reatar os seus velhos hábitos, com os quais havia cortado ao longo de três semanas, e chamou Umm Hanafi. A mulher despertou sem crer no que ouvia, voltou-se para a sua senhora e estreitou-a nos seus braços, pedindo a Allah que lhe concedesse saúde. Depois iniciaram os trabalhos matutinos com uma alegria indescritível e, assim que flamejou o primeiro raio de sol, Amina subiu ao primeiro andar onde os rapazes a receberam no meio de uma profusão de cumprimentos e beijos. Depois, abeirou-se da cama onde dormia Kamal para acordá-lo. Mal o garoto descerrou os olhos, a surpresa e a alegria deixaram-no boquiaberto. Suspendeu-se ao seu pescoço, mas sem detenções esta soltou-se dos seus braços docemente e disse:

- Não tens medo de que o meu ombro volte a ficar como antes?
Kamal cobriu-a de beijos e pôs-se a rir perguntando com malícia:
- Diz-me, minha querida, quando voltaremos a sair juntos?
- Quando Allah te houver guiado na senda da rectidão de modo que não me arrastes contra a minha vontade para aquele caminho onde quase me despedi da vida! - respondeu ela num tom de ridente censura.

O garoto compreendeu que aludia à sua obstinação, causa directa das suas desditas, e soltou gargalhadas como um culpado para quem as portas da salvação se abrem de par em par, depois de, ao longo de três semanas, a sua falta haver permanecido suspensa por cima da sua cabeça. Tivera um medo horrível de que o inquérito iniciado pelos seus irmãos e irmãs desembocasse na identificação do criminoso, pois que as suspeitas que ora Khadiga, ora Fahmi haviam feito pairar sobre ele, por pouco o desmascaravam, não fora a determinação da sua mãe em tomar a sua defesa e assumir sozinha, contra tudo e todos, a responsabilidade do acidente. E quando o inquérito transitou para as mãos do pai, atingira o acme do seu terror e já se imaginava a ser chamado a qualquer momento a comparecer na sua presença. E a isto

tudo se acrescia o seu desgosto, por ver, no decorrer daquelas três semanas, a sua mãe, que ele tanto amava, presa numa cama num tormento terrível e incapaz de se estirar ou levantar... Mas, agora, o acidente integrava o passado e as suas sequelas sumiam com ele. Não se falava mais de inquérito e a sua mãe voltava a despertá-lo de manhã e adormecê-lo à noite... Numa palavra, tudo havia regressado à ordem natural e a tranquilidade desfraldava os seus estandartes. Tinha pois motivos para soltar risadas e congratular-se com o bem-estar que se oferecia... A mãe deixou o quarto, subiu ao andar superior e, aproximando-se da porta do quarto do sayyed, ouviu a voz deste que, orando, repetia: "Louvado sejas, Deus glorioso." O seu coração irrompeu num brusco palpitar e teve de estacar a um passo de distância da porta, como que hesitante. Depois, surpreendeu-se a interrogar-se: "Vais entrar para dizer-lhe bom-dia ou será melhor preparar em primeiro lugar a mesa do pequeno-almoço?" Não tanto para se questionar mas para eximir ao pavor e à vergonha que se haviam assenhorado da sua mente, em simultâneo, como por vezes, à laia de refúgio para um problema premente difícil de resolver, se forja um outro fictício. Apesar da sua angústia crescente, seguiu para a sala de jantar onde lançou mãos à obra com redobrada aplicação.

O prazo que se concedera foi-lhe completamente inútil pois nesta espera não achou o lenitivo por que ansiara mas uma provação ainda mais excruciante do que a situação à qual se subtraíra. Estupefacta, interrogou-se como pudera renunciar a entrar no "seu quarto" e comportar-se como se aí se preparasse para entrar pela primeira vez, quando o seu senhor não havia cessado de visitá-la dia após dia durante a sua convalescença. Na verdade, a sua cura retirara este escudo protector que a doença havia erigido à sua volta e sentiu que, pela primeira vez desde a confissão da sua falta, iria achar-se a sós diante dele. A chegada dos rapazes uns atrás dos outros atenuou um tanto a sua solidão.

O senhor Ahmad não tardou a entrar, revestido da sua ampla galabiyya, sem que o seu rosto deixasse transluzir a menor reacção ao vê-la. Perguntou tão-só, imperturbável, ao tomar o seu lugar:

- Estás aqui?

Posto isto, acrescentou para os rapazes, enquanto se instalava:

- Sentem-se!

Principiaram então a comer o pequeno-almoço. Ela postou-se no seu lugar de sempre e, se bem que um medo imenso a houvesse subjugado aquando da entrada deste, lentamente foi recobrando ânimo, ou seja, a partir do momento em que vira que o primeiro encontro após a cura se havia desenrolado bem com a graça de Allah. Então sentiu que lhe seria fácil ficar dentro em breve sozinha na sua presença. Depois todos se dispersaram e o sayyed Ahmad voltou para o quarto. Juntou-se-lhe, alguns minutos mais tarde, trazendo o tabuleiro do café que pousou sobre a mesa. Postou-se num dos cantos, esperando que ele acabasse de bebericar a sua bebida para o auxiliar a revestir as suas roupas. O nosso homem bebeu o seu café imerso num silêncio profundo, não o silêncio que se instala de per si ou advém do repouso após a fadiga ou ainda o que se abate quando a conversa se esmorece, mas um silêncio resolutamente silente, envolto em premeditação.

Tinha ainda esperança, mesmo se de forma ténue, que ele lhe testemunhasse algum afecto através de uma palavra meiga ou pelo menos abordasse algum dos temas da sua conversa habitual àquela hora da manhã. Por isso, aquele mutismo deliberado desorientou-a e ela recomeçou a questionar-se se ele não ponderava fazer algo. A agulha da angústia principiou de novo a trespassar o seu coração, mas o silêncio não se prolongou. O homem reflectia com uma celeridade e uma contenção de espírito despidas de qualquer sabor. Não era uma reflexão nascida da inspiração do momento mas uma outra, pertinaz, arraigada no tempo, que não desamparara a sua mente no transcorrer dos últimos dias. Acabou por perguntar sem levantar o nariz da sua chávena de café vazia:

- Já estás de boa saúde?

- Louvado seja Allah, senhor! - respondeu Amina baixinho.

Depois ele acrescentou numa acerba digressão:

- Há uma coisa que não pára de me causar espanto: como é que ousaste empreender semelhante façanha!

Amina baixou a cabeça, muda devido à confusão, o coração sacudido por golpes violentos... Se não suportava a sua cólera quando pleiteava por uma falta cometida por um terceiro, como a suportaria agora que era ela a culpada... O pavor paralisou a sua língua no preciso momento em que ele aguardava a sua resposta. Por isso prosseguiu, reprovador:

- Será que fui enganado por ti durante todos estes anos, sem o saber?

Ao ouvir tais palavras, a mulher abriu as palmas, transtornada pelo pânico e pela dor, e murmurou ofegante:

- Allah me proteja, senhor! É certo que a minha falta é enorme mas não mereço tais palavras!

Contudo ele prosseguiu o seu discurso com uma calma aterradora perto da qual urros haveriam sido um lenitivo:

- Como pudeste cometer tamanha falta? Porque me afastei por um só dia?

- Pequei, senhor - disse com um tremor na voz, reflexo do calafrio que se assenhorara do seu corpo. - O perdão pertence-vos. A minha alma aspirava a visitar Sayyedna el-Hussein e julguei que aquela visita abençoada advogaria em meu favor para sair nem que fosse uma única vez.

O sayyed meneou a cabeça não sem acrimónia, parecendo dizer: "Pouco importa entrar em polémicas!" Depois ergueu os olhos para ela, o semblante fechado e enfurecido e disse-lhe num tom irrevogável:

- Apenas te quero dizer isto: sai da minha casa sem mais delongas!

A ordem caiu sobre a sua cabeça como um golpe letal. Aturdida, quedou-se muda, incapaz de esboçar um gesto. Nas mais cruéis horas da sua provação, no momento em que esperava pelo seu regresso de Port-Said, imaginara um sem-número de coisas terríficas: que derramava sobre ela a sua cólera, que a ensurdecia com os seus urros e as suas injúrias, e nem sequer afastava a hipótese de ser surrada. Mas jamais lhe ocorrera ser expulsa de casa, pois aí vivera ao seu lado ao longo de vinte e cinco anos sem supor em dia algum que pudesse existir um motivo capaz de separá-los ou de a arrancar àquela casa de que se tornara parte integrante.

Quanto ao sayyed Ahmad, livrara-se do peso de um pensamento que o exasperara durante três semanas... a luta principiara desde o instante em que Amina, presa na sua cama, confessara a sua falta, debulhada em lágrimas. Naquele exacto momento, não acreditara no que acabava de ouvir, depois começara a reunir as suas ideias e a tomar consciência da hedionda realidade que enfrentava, arrostando o seu orgulho e a sua presunção. Adiou porém o prazo do seu furor, o tempo necessário para se inteirar do que padecia a mulher. Ou talvez,

na realidade, porque não conseguia reflectir no que desafiava o seu orgulho e a sua presunção, quando o habitava uma profunda angústia, que raiava o medo e o pânico que dele se apossara por causa da esposa cuja companhia apreciava, cujas qualidades admirava, ao ponto de por ela conceber uma piedade que lhe fizera esquecer a sua falta e orar a Deus pela sua salvação. A sua tirania como que se retraíra ante o perigo que a ameaçava e o affecto imenso que guardava nos recessos do seu ser despeitara. Naquele dia, regressara ao seu quarto acuado na mais funda tristeza, embora sobre o seu semblante nada transparecesse. Seja como for, vendo-a caminhar com passos rápidos e seguros para a convalescença, serenara a pouco e pouco e por conseguinte começara a reavaliar o acidente na sua globalidade, nas suas causas e nos seus efeitos, com um outro olhar, ou melhor dizendo, com o seu antigo olhar através do qual se habituara a observar a sua família. Ora sucede que, por uma casualidade infeliz, para Amina claro está, ele reconsiderou os eventos com ponderação, consigo mesmo metido, e persuadiu-se que, caso permitisse que o perdão vencesse e respondesse com piedade, como a sua alma aspirava, arruinaria o seu prestígio, a sua dignidade, a sua própria história e as suas tradições. As rédeas escorregar-lhe-iam das mãos, e o tecido familiar, que insistia tenazmente em conduzir com firmeza e rigor, desagregar-se-ia... numa palavra, não mais seria Ahmad Abdel Gawwad mas outro homem que por nada neste mundo aceitaria ser. O facto de haver considerado os acontecimentos calmamente de si para si foi, pois, uma infelicidade. Caso houvesse dado vazão à sua fúria aquando da confissão de Amina, uma vez saciada, o incidente passaria sem consequências nefastas. Mas a cólera não sobreviera em tempo oportuno. Assim, manifestá-la na sequência do restabelecimento de Amina, depois de uma acalmia de três semanas, não podia contentar o seu orgulho, dado que mais se aproximaria da reprimenda premeditada do que propriamente da cólera verdadeira. A sua irascibilidade deflagrava geralmente por causa da sua natureza e também de forma propositada, e, como a primeira não achara no momento oportuno um exutório, era necessário que o seu lado premeditado, já que uma ocasião de tranquilidade lhe havia sido oferecida para congeminar aquela situação, encontrasse um meio eficaz para se afirmar sob uma forma que se adequasse à gravidade da

falta. Assim, o perigo que por um certo tempo ameaçara a vida de Amina e a protegera da cólera do sayyed, em virtude da piedade que nele nascera, se havia transformado num instrumento de castigo de grande envergadura, devido ao tempo de maturação e de reflexão que lhe proporcionara.

O senhor Ahmad levantou-se, o semblante fechado, virou-lhe as costas e, pegando nas suas roupas sobre o sofá, disse ríspidamente:

- Vestir-me-ei sozinho!

Amina não se mexera, atordoadada perante tudo isto. Porém, a voz deste fez com que voltasse a si. Segundo as suas palavras e vendo-o levantar-se, realizou de imediato que lhe ordenava que partisse.

Encaminhou-se para a porta com passos silenciosos e, antes de tê-la atravessado, a voz do esposo atingiu-a:

- Não te quero ver aqui quando voltar ao meio-dia!

Chegada ao salão, as suas forças desampararam-na e deixou-se cair no rebordo de um sofá. As palavras duras e categóricas do seu esposo ainda ressoavam nela. Não estava a brincar. Aliás teria ele brincado alguma vez?! Não se conseguia mover, apesar do seu desejo de fugir. Temia que se antes de sair de casa fosse, contrariamente aos seus hábitos, descer ao andar inferior, pudesse espertar suspeitas nos seus filhos, e ela não queria que comesçassem o dia ou se dedicassem às suas tarefas tendo de "engolir" a notícia da sua expulsão. Mas um outro sentimento havia, talvez a vergonha, que a impedia de encontrá-los no estado humilhante que era o seu, o de alguém que acaba de ser repudiado. Por isso decidiu permanecer no seu lugar até que o esposo deixasse a casa, ou, melhor dizendo, refugiar-se na sala de jantar de modo a evitar os seus olhares quando ele tomasse o caminho da saída. Entrou na sala sub-repticiamente, o coração dilacerado, e sentou-se num colchão, acabrunhada e aterrada. O que queria ele dizer? Expulsá-la-ia por um certo tempo ou para sempre? Não podia crer que tivesse a intenção de se divorciar. Era por demais generoso e nobre! Era inegavelmente colérico e despótico, mas seria mostrar-se extremamente pessimista se omitisse as provas da sua magnanimidade, da sua nobreza de coração e da sua clemência. Poderia Amina esquecer como ele se afligira diante do seu estado quando estivera acamada? Como dia após dia viera vê-la para saber novas da sua saúde. Semelhante homem não podia ficar indiferente perante o facto de destruir um lar, de despedaçar um coração ou de arrancar uma mãe aos seus próprios filhos! Ruminava estes pensamentos, como para introduzir um pouco de quietude na sua mente abalada. Insistia neles, o que mostrava que a tranquilidade recusava imobilizar-se na sua mente, semelhante àqueles doentes que, quanto mais sentem crescer neles o sentimento da sua fragilidade, mais alardeiam as suas forças. Pois, ela não sabia o que fazer com a sua vida ou o que esta poderia significar se a esperança se revelasse uma ilusão e algo deplorável viesse a suceder.

Enquanto ele se encaminhava para a saída, o ruído da sua bengala no chão do salão chegou até ela e disseminou os seus pensamentos.

Escutou, atenta, as pancadas repetidas até haverem desaparecido. Então, face à sua situação, sentiu uma dor pungente a que se mesclava a indignação contra aquela vontade intransigente que não dava mostras de nenhuma piedade pela sua fraqueza. Depois, ergueu-se como que exaurida e abandonou o aposento para descer ao primeiro andar. No cimo das escadas chegaram-lhe as vozes dos filhos que desciam uns atrás dos outros. Estendeu a cabeça por cima da balaustrada e viu Fahmi e Kamal que seguiam Yassin em direcção à porta que dava para o pátio. Então, um sobressalto de ternura comprimiu o seu coração e deixou-a devastada: perguntou-se como pudera deixá-los partir sem se despedir deles. Não lhe havia sido proibido vê-los durante vários dias ou semanas inteiras? Talvez não os visse mais em toda a sua vida, senão fortuitamente, como estranhos! A ternura voltou-lhe latejante, enquanto permanecia em pé no cimo das escadas, imóvel. O seu coração, se bem que coraçado para a vida, não podia admitir, em virtude da sua infinita fé em Allah que a preservara na sua solidão de outrora contra os demónios, da sua confiança inabalável no seu esposo e porque jamais fora vítima de algum mal grave na sua vida passada, susceptível de lhe roubar a sua confiança numa vida pacífica, que este destino funesto lhe fosse predestinado. Por conseguinte, a sua mente tendia a considerar a sua provação como uma experiência cruel que atravessaria sem nela se afundar.

Encontrou Khadiga e Aisha envolvidas numa discussão como era hábito que abandonaram contudo vendo a sua consternação e o seu olhar esmorecido. Temiam provavelmente que a mãe houvesse deixado a cama antes de ter recuperado por completo a sua saúde. Por isso Khadiga perguntou, inquieta:

- O que tens, mãe?

- Por Allah, não sei o que vos diga.. Vou-me embora.

Ainda que estas últimas palavras houvessem sido ditas de forma evasiva e imprecisa, tomaram, através do seu olhar desesperado e dos seus acentos plangentes, uma sombria significação que assustou as raparigas:

- Para onde?!

- Para a casa da minha mãe - respondeu, desalentada e apreensiva diante do choque que a sua resposta causara às filhas e ainda mais a si mesma.

Precipitaram-se alarmadas:

- O que estás tu a dizer? Não repitas isto! O que aconteceu?

A consternação das suas duas filhas foi um consolo para ela, mas um consolo que em quejanda situação fez prorromper a sua aflição. A voz trémula devido às lágrimas contidas disse:

- Ele nada esqueceu e nada perdoou.

Depois voltou com um agror que desvelava a sua tristeza profunda:

- Alimentava em segredo a sua cólera contra mim e adiava-a enquanto aguardava que me curasse. Disse-me: "Sai da minha casa sem mais delongas..." e também: "Não te quero ver aqui quando voltar ao meio-dia."

Depois acrescentou num tom de censura, desolada e desesperada:

- Às suas ordens!... Às suas ordens!

- Não posso acreditar! Não posso acreditar! - gritou Khadiga transtornada e nervosa. - Diz outra coisa... O que mais aconteceu?!

- Nem penses nisso! - exclamou Aisha com uma voz vacilante. - Será que é a este ponto indiferente à nossa felicidade?

Khadiga replicou, furiosa e exasperada:

- Mas o que quer ele dizer com isto? O que quer ele dizer com isto, mãe?

- Não sei. Foi tudo o que me disse! Nem mais nem menos!

Num primeiro momento contentou-se com estas palavras, talvez com o desejo de, aninhando-se nelas, granjear mais piedade e desespero de modo a achar algum consolo. Mas, paralelamente ao desejo de apaziguar a sua mente, apoderou-se dela o medo, e continuou:

- Acho que só pretende afastar-me de vocês por alguns dias para castigar os meus excessos!

- O que te aconteceu não lhe basta?! - exclamou Aisha. Amina, com um suspiro aflito, balbuciou:

- O caso está entregue a Deus! Agora tenho de partir.

Mas Khadiga vedou-lhe o caminho, dizendo numa voz que as lágrimas estrangulavam:

- Não te deixaremos partir! Não abandones a tua casa. Não acredito que há-de persistir na sua cólera se voltar e te encontrar no meio de nós...

Depois Aisha acrescentou numa súplica:

- Espera que Fahmi e Yassin regressem... o nosso pai jamais consentirá em expulsar-te se estivermos todos juntos...

Porém a mãe contrapôs em jeito de advertência:

- Não é nada sensato provocar a sua fúria. Os homens daquele jaez são brandos com a obediência e impiedosos com a rebelião!

As raparigas iam refutá-la de novo quando as calou com um sinal da mão-.

- As palavras não vão alterar nada. Tenho de partir! Vou juntar as minhas roupas e sair. Não se preocupem, não ficaremos separados por muito tempo, daqui pouco estaremos outra vez juntos... Inshallah^[86]!

A mulher dirigiu-se para o seu quarto no andar superior, seguida das filhas lavadas em lágrimas, quais crianças. Começou a tirar do guarda-fato as suas roupas até Khadiga deter a sua mão, dizendo emocionada:

- O que estás a fazer?

A mãe sentia que as lágrimas estavam prestes a vencê-la. Não falou, receando que a sua voz pudesse traí-la ou que se abandonasse ao choro a que decidira resistir enquanto estivesse sob o olhar das suas duas filhas. Fez um gesto com a mão, parecendo dizer: "A situação exige que eu arrume as minhas roupas." Mas Khadiga declarou categórica:

- Levas apenas uma muda de roupa... uma só!

A contragosto suspirou... Como desejaria que tudo isto não passasse de um sonho ruim.

- Receio que se enfureça se vir que as minhas roupas permanecem no lugar!

- Ficarão connosco!

Aisha juntou as roupas e pôs de parte uma única muda, como a sua irmã sugerira; Amina cedeu com um sentimento profundo de reconforto, como se o simples facto de as suas roupas ficarem em casa lhe provasse ter o direito de regressar. Depois foi buscar um pano quadrado no qual embrulhou os pertences que lhe haviam permitido levar. Sentou-se no sofá para enfiar as meias e os sapatos, com as filhas diante dela olhando-a com uma tristeza estarrecida, a tal ponto que o seu coração se apiedou e Amina lhes disse com fingida serenidade:

- Tudo voltará ao que era antes! Tenham coragem e não despertem a

sua cólera. Confio-vos a casa e os seus ocupantes com uma total confiança nas vossas competências. Não duvido por um segundo sequer que encontraráis em Aisha uma ajudante dedicada. Façam o que fazíamos juntas, como se eu estivesse convosco. Tanto uma como a outra, sois raparigas capazes de fundar um lar e de enchê-lo de vida!

Levantou-se para pegar na sua melaya, colocou-a sobre os ombros e desceu sobre o rosto o véu branco com uma lentidão propositada de modo a diferir o mais possível o último instante com a sua tortura e o seu infortúnio. Permaneceram em pé, umas em frente das outras, sem saber como passar para a etapa seguinte. A sua voz desfalecia perante a palavra adeus e nenhuma das filhas teve coragem para se jogar nos seus braços como teria desejado fazê-lo... Os segundos escoaram-se, peçados de dor e angústia, e, embora a mãe se houvesse couraçado com toda a sua força, temia que a sua firmeza de ânimo a desamparasse. Esboçou um passo para as suas filhas e debruçou-se para abraçá-las uma após a outra, sussurrando:

- Coragem! Allah está com todos nós!

Ao ouvir aquelas palavras, penduraram-se ao seu pescoço e desfizeram-se em lágrimas.

A mãe abandonou a casa com dois olhos marejados de lágrimas, através das quais a rua lhe surgia tortuosa.

[86] Literalmente, " Se Deus quiser".

33

Ao bater à porta da velha casa, pensava, com dor e vergonha, no desassossego e no descontentamento que a sua chegada, na sua qualidade de banida, iria originar. A porta abriu-se sobre um beco que partia da rua de el-Khoronfish e desembocava numa Zaiviya^[87] que durante muito tempo havia sido um local de oração antes de ser abandonado em virtude da sua vetustez.

Todavia, sempre que ela aí vinha para ver a sua mãe, estes vestígios deteriorados recordavam-lhe a sua tenra infância, na época em que esperava o pai à porta até ele terminar a sua oração e regressar para junto dela; uma época em que estendia a cabeça para o interior, nas horas da oração, para com o espectáculo das genuflexões e das prosternações se divertir; uma época em que contemplava os seguidores das ordens de darvizes que, reunidos nas áleas um pouco mais distantes, acendiam as lâmpadas, estendiam as suas esteiras no chão e entoavam os seus zikrm.^[88]

Quando a porta se abriu, surgiu a cabeça de uma criada negra, com cerca de cinquenta anos. Mal avistou a visitante, o seu rosto iluminou-se e soltou gritos de boas-vindas. Depois arredou-se de modo a desobstruir a passagem e Amina entrou. A criada manteve-se na sua posição como que à espera de mais alguém, mas Amina, compreendendo o significado da sua atitude, murmurou, agastada:

- Fecha a porta, Saddiqa!

- O sayyed não veio consigo? - perguntou a criada, atónita.

Fez um sinal de negação com a cabeça, fingindo não reparar no seu espanto e atravessou o pátio da casa, no fundo do qual enxergava a sala do forno e do lado direito o poço, antes de atingir as escadas estreitas que tomou para subir ao primeiro e último andar. Depois seguiu pelo corredor até ao quarto da sua mãe, onde entrou. Viu-a sentada de pernas cruzadas sobre o sofá colocado na extremidade do pequeno aposento, apertando nas suas palmas um longo rosário que pendia no seu regaço e olhando para a porta com curiosidade, uma curiosidade que as pancadas na porta e o ruído dos passos que se aproximavam haviam despertado. Quando Amina avançou, ela perguntou:

- Quem é?

Mas no preciso instante em que colocava esta pergunta, já um leve sorriso, reflexo da sua alegria e do seu acolhimento cordial, corria sobre os seus lábios como se pressentisse a identidade da sua visitante. Amina respondeu-lhe com a voz sumida do seu coração oprimido e da sua mágoa:

- Sou eu, mãe, Amina!

A velhota saltou para o chão e procurou com os pés tateantes as suas babuchas. Assim que as localizou, enfiou-as e levantou-se de braços abertos, numa espera fremente. Amina atirou a trouxa sobre o rebordo do sofá e enroscou-se nos braços da mãe, beijando a sua fronte e as suas faces ao mesmo tempo que a outra beijava tudo o que da sua cabeça, do seu rosto e do seu pescoço os seus lábios encontravam ao acaso. Terminado o amplexo, a velhota afagou-lhe ternamente as costas e em seguida conservou-se na mesma posição, o rosto virado para a porta, com um sorriso prestes a desabrochar sobre os seus lábios destinado a um outro recém-chegado, como anteriormente Saddiqa fizera. Amina percebeu pela segunda vez o significado desta espera e disse num tom amargurado e resignado:

- Vim sozinha, mãe!

A cabeça rodou na sua direcção, parecendo inquiri-la:

- Sozinha? - murmurou a velhota.

Depois, com um sorriso forçado que queria dissipar a inquietação que dela se apoderara, acrescentou:

- Glória ao Eterno!

Receu até ao sofá e sentou-se, interrogando-a num tom que já indiciava a sua preocupação:

- Como é que estão as coisas? Porque não veio ele contigo como de costume?

Amina sentou-se ao seu lado e respondeu no tom de um aluno que confessa que as suas respostas no exame estavam incorrectas:

- Está zangado comigo, mãe!

A mãe pestanejou, muda de emoção, e a seguir balbuciou desolada:

- Amparo-me em Allah contra Satanás, o lapidado! O meu coração, que nunca me engana, ficou sobressaltado, mal disseste: "Vim sozinha, mãe!" O que pôde desencadear a sua cólera contra um anjo de bondade como tu, que não foi o privilégio de homem algum antes dele?! Conta-me, minha filha!

- Fui visitar Sayyedna el-Hussein durante a sua viagem a Port-Said - disse Amina num suspiro.

A mãe meditou, infeliz e desconcertada, antes de perguntar:

- E como é que ele soube da tua visita?

Amina procurou de imediato não fazer alusão ao acidente com o carro, por piedade pela sua mãe de idade avançada por um lado, e para escapar a toda a responsabilidade por outro. Por isso, deu-lhe a resposta que antecipadamente preparara para esta questão:

- Alguém me viu talvez e denunciou-me!

- Mas ninguém te conhece para além dos que contigo convivem na tua casa! - replicou secamente a mãe. - Não suspeitas de ninguém? Talvez aquela mulher, Umm Hanafi? Ou o filho da outra esposa?

Amina interrompeu-a logo, asseverando-lhe com convicção:

- Foi talvez alguma vizinha que me viu e falou disso em toda a inocência com o seu esposo, e este repetiu a notícia ao meu senhor, sem medir bem as consequências! Podes pensar o que quiseses, mas não duvides de ninguém da minha casa!

A velhota sacudiu a cabeça, perplexa e céptica, e declarou:

- Hás-de ser sempre tão ingénua! Só Allah vê o que vai nas almas e se encarrega de sancionar a astúcia do conspirador... mas o teu esposo!... Um homem inteligente ... Que já anda pelos cinquenta anos... Expulsar a companheira da sua existência e arrancá-la aos seus filhos, foi a única solução que achou para demonstrar a sua raiva? Louvado sejas, ó meu Deus! Normalmente à medida que envelhecem, as pessoas tornam-se mais sensatas. Mas nós, quanto mais velhos, mais inconsequentes nos tornamos! Será alguma impiedade, uma mulher virtuosa visitar Sayyedna el-Hussein! Acaso os seus amigos, que são tão ciumentos e viris como ele, não autorizam as suas esposas a sair por motivos diversos?! Mesmo o teu pai, que era um sheikh entre os guardiães do Livro de Deus, permitia-me ir a casa dos vizinhos para ver passar o mahmal^[89].

O silêncio e a consternação pesaram por um longo momento; por fim a velhota voltou-se para a filha com um sorriso de confusa censura nos lábios e perguntou:

- O que te levou a desobedecer-lhe depois de toda uma vida de cega obediência?!... Francamente, é algo que me transcende! Pois que, e malgrado o seu carácter impetuoso, sempre é o teu esposo e seria

prudente, pela tua tranquilidade e pela felicidade das crianças, zelares por lhe obedecer. Não é verdade, minha filha?... O mais espantoso é que nunca te vi precisar de um conselho!

Nas comissuras dos lábios de Amina desenhou-se um sorriso involuntário que tomava a forma de uma leve crispação de enleamento e pudor.

- Foi a mão de Satanás - gaguejou.

- Allah o amaldiçoe! Poderá este réprobo fazer com que titubeies após vinte e cinco anos de harmonia e paz!... Foi quem expulsou o nosso pai Adão e a nossa mãe Eva do paraíso!... Causa-me um grande sofrimento, minha filha, mas é uma simples nuvem de Verão que se há-de dissipar e então tudo voltará ao que era.

Depois, como que falando para si mesma:

- Que diferença lhe faria deixar-se guiar pela ponderação? E um homem é sempre um homem terá defeitos que cheguem para toldar o sol!

E num tom de boas-vindas e de alegria afectada, acrescentou:

- Tira as tuas roupas e põe-te à vontade. Não te preocupes! Que mal haverá em passares alguns dias de férias com a tua mãe no quarto onde nasceste?!

O olhar de Amina correu maquinalmente a velha cama de colunas esmaecidas, o tapete gasto e desfiado, embora o motivo das suas rosas conservasse a cor vermelha e o verdor dos seus tons... Mas o seu coração, afectado pela separação dos seus entes queridos, não estava preparado para enfrentar a vaga de lembranças, e o convite da sua mãe não despertou a nostalgia habitual nos seus momentos de felicidade, as recordações longínquas daquele quarto. Pôde apenas suspirar:

- A minha única preocupação, mãe, são os meus filhos!

- Estão nas mãos de Allah e, com a permissão do Benevolente e do Misericordioso, não ficarás longe deles por muito tempo!

Amina ergueu-se para retirar a sua melaya enquanto Saddiqa, triste e desconcertada diante de tudo o que ouvira, abandonava a entrada do quarto onde permanecera em pé durante toda a discussão. Depois, Amina sentou-se de novo junto de sua mãe e ambas não tardaram, num pairar incessante, a passar em revista todos os temas de conversa possíveis. Havia, naquele frente a frente, algo que apelava à meditação

sobre as estranhas leis da hereditariedade e sobre a inexorabilidade do tempo. Era como se se tratasse de uma única pessoa cuja imagem se reflectia no espelho do futuro ou no espelho do passado. Em ambos os casos, entre o original e a imagem reflectida, algo havia que deixava entrever o terrível combate que levavam a cabo por um lado as leis da hereditariedade, obrando em prol da similitude e da perenidade, e, por outro, a lei do tempo, impelindo para a metamorfose e a decadência; este combate geralmente desemboca numa série de derrotas atribuídas às leis da hereditariedade até estas serem reduzidas a desempenhar um papel insignificante em relação à decisiva lei do tempo. No âmbito desta, a velha mãe transformara-se num corpo descarnado, num rosto engelhado com dois olhos privados de visão, ao que se acresciam transformações internas inacessíveis aos sentidos, até que das alegrias da vida lhe sobejasse tão-só o que comumente se denomina por encantos da velhice, ou seja, uma placidez, uma tibia e melancólica dignidade, uma cabeça coroada de alvura.

Contudo, descendia de uma geração vigorosa, famosa pela sua resistência, e o facto de haver transposto o cabo dos setenta e cinco anos não a impedia de se levantar todas as manhãs, como era seu hábito desde há meio século, de procurar, sem precisão da criada para a guiar, a casa de banho onde procedia às suas abluções e em seguida retornar ao quarto para rezar. Quanto ao resto do dia, passava-o a recitar o seu rosário numa meditação silente que a todos ignorava enquanto Saddiqa se azafamava em torno dos seus afazeres domésticos, ou entretida em amenas cavaqueiras se esta última lhe fazia companhia. Nem mesmo os atributos que geralmente acompanham o ardor do trabalho e a força do entusiasmo pela vida a haviam desertado. Prova disso era o rigor nas contas que exigia à sua criada relativamente aos mais ínfimos gastos, à manutenção e arrumação da casa, à sua demora ao ir fazer um recado, ou o seu atraso caso se alongasse num passeio. Não raro, obrigava-a a jurar pelo Alcorão para se assegurar da veracidade das contas prestadas acerca da lavagem da casa de banho e das loiças, da limpeza do pó das janelas. Um rigor que mais se avizinhava da meticulosidade. Talvez esta obstinação em perseguir a sua criada fosse a persistência de um hábito cujas raízes mergulhavam na sua juventude. Podia outrossim ser um avatar da velhice e que ao seu temperamento excessivo se

juntara a sua teimosia em permanecer na sua casa numa espécie de completa solidão desde a morte do seu esposo, bem como uma obstinação em af permanecer mesmo depois de ter perdido a visão, mantendo-se surda às reiteradas exortações do sayyed Ahmad Abdel Gawwad que a convidava a se instalar em sua casa para aí viver rodeada dos cuidados da sua filha e dos seus netos. Na verdade, haviam-na suspeitado de estar senil, o que incitara o sayyed Ahmad Abdel Gawwad a renunciar em definitivo a convidá-la. Mas, a bem dizer, repugnava-lhe deixar a casa devido ao laço estreito que a esta a ligava. Além do mais, queria evitar o abandono involuntário que poderia encontrar na nova morada ou os encargos suplementares que a sua presença não deixaria de acarretar para a sua filha já tão sobrecarregada. A isso se acrescia ainda a sua repugnância em se lançar de forma inconsiderada na casa de um homem conhecido entre os seus pela sua ferocidade e sua irascibilidade, receando também ser arrastada na torrente das suas observações, cujas consequências para a felicidade da sua filha ela temia, isso sem mencionar o pudor e o orgulho que dissimulava no fundo de si e que lhe fizera preferir a vida na casa que possuía, apoiando-se, logo a seguir a Deus, numa pensão que lhe deixara o falecido esposo. Mas havia outras razões que explicavam a sua insistência em permanecer em sua casa, e que nenhuma sensibilidade excessiva ou lucidez justificavam. Havia o medo de ser forçada a ter de escolher entre duas possibilidades, no caso de sair de casa: ou permitir que estranhos habitassem uma casa que era o seu bem mais precioso logo a seguir à sua filha e aos seus netos, ou votá-la ao abandono, correndo o risco de ver os demónios transformá-la no campo dos seus jogos depois de ter sido ao longo da sua existência a morada de um sheikh, o seu esposo, guardião do Livro de Deus. Sendo que a sua instalação em casa do seu genro lhe podia criar problemas inextricáveis cuja solução em nada se lhe afigurava simples. Portanto, não cessava de se questionar se deveria aceitar a hospitalidade do sayyed sem qualquer contrapartida, situação esta que não a contentava, ou ceder-lhe a sua pensão em troca da sua estadia em casa deste, o que desagradava ao seu instinto de posse que, com a idade, se tornara numa das componentes fundamentais do seu "escrúpulo" geral. Ademais, perante a insistência em instalá-la em sua casa, imaginara-o por vezes acalentando algum intento de explorar a

sua pensão e a sua casa que ficaria vaga. A tal ponto se assustou que lhe opôs uma recusa que raiava a obstinação cega e quando o sayyed Ahmad se inclinou perante a sua vontade, disse-lhe, satisfeita:

- Não me queiras mal por causa da minha teimosia, meu filho. Que Allah te honre pelo afecto que me testemunhas! Não vês que não consigo abandonar a minha casa? Quem melhor do que tu é capaz de se adaptar às fraquezas de uma velhota como eu! Contudo, quero que jures em nome de Allah que deixarás Amina e os filhos virem de tempos a tempos visitar-me, visto que sair da minha casa tornou-se-me impossível!

E destarte ficara confinada na sua casa como pretendia, usufruindo da sua soberania, da sua liberdade, bem como dos numerosos hábitos que pertenciam ao seu passado querido. E se alguns de entre estes, como o invulgar e excessivo controlo das lides domésticas e do aspecto pecuniário, eram incompatíveis com a tranquilidade e a complacência própria a uma velhice sensata, aparecendo até como um dos sintomas recorrentes da senescência, havia entre tudo o que ela conservava um outro hábito, capaz de embelezar a juventude e prestigiar a idade provecta..., a adoração de Deus. Esta havia sido e continuava a ser a aspiração da sua existência, a alavanca das suas esperanças e da sua felicidade. Criança ainda, mamara o seio desta, debaixo da asa protectora de um pai que fazia parte dos sheikhs da religião. Mais tarde, compenetrara-se das suas profundezas, ao desposar um outro sheikh, não menos piedoso ou devoto do que o seu pai.

Posteriormente, continuara a praticar com amor e sinceridade, uma sinceridade na qual, a bem dizer, não destrinchava o que pertencia à religião e o que era mera superstição, de tal modo que entre as suas vizinhas ficara conhecida como "a sheikha [\[90\]](#) abençoada".

Saddiqa, a sua criada, era a única que a conhecia na sua melhor faceta bem como na pior. Dizia-lhe, por vezes, depois de uma alteração entre ambas:

- Minha senhora, não seria mais digno preencher o seu tempo com o culto do que com zangas e brigas por motivos fúteis?!

- Ó malandra! - retornava aquela, com rispidez. - Não me aconselhas a praticar o culto por amor deste, mas para teres o caminho livre para dar azo à tua negligência, à tua sujidade, ao teu roubo e à tua espoliação. Se Allah impõe a limpeza e a honestidade, então vigiar-te e

exigir de ti que me prestes contas é um culto que há-de obter a sua recompensa!

E como a religião ocupava um lugar de destaque na sua vida, o seu pai e, mais tarde, o seu esposo haviam granjeado junto dela elevada consideração, muito superior à que decorre do simples parentesco. Quantas vezes lhes invejara a honra que lhes conferia o facto de trazer em seus corações as palavras de Allah e do Seu profeta! Talvez pensasse nisso no preciso momento em que cheia de compaixão se dirigiu a Amina e a encorajou:

- O sayyed só te afastou da tua casa para manifestar a sua cólera ante a tua desobediência às suas ordens, mas não irá além dos limites da boa educação! Não, nenhum mal se pode abater sobre quem teve um pai e um avô como os teus!

A evocação do seu pai e do seu avô confortou Amina que se assemelhava a alguém que, tendo perdido o seu caminho na noite, ouve a voz do guarda-nocturno que grita:

- Está aí alguém!

Por isso, no seu coração, confiou nas palavras da sua mãe, não só porque ansiava reencontrar a quietude, mas sobretudo porque acreditava na bênção dos dois sheikhs defuntos. Ela era apenas uma cópia da sua mãe, no seu corpo, na sua fé ou no seu carácter de uma maneira geral. Neste instante, as recordações do pai, que preencheram o seu coração de menina de amor e de fé, voltaram em catadupa. Então orou a Deus para que a tirasse daquele aperto, em homenagem à sua bênção. A velha mulher voltou às suas palavras consoladoras e disse com um sorriso doce sobre os seus lábios secos:

- Allah tem-te conservado sempre na Sua misericórdia! Lembra-te do período da epidemia, que Deus não no-lo traga de novo! Ele salvou-te do Seu flagelo e chamou a Si todas as tuas irmãs, sem que a ti nada de mal acontecesse!

Ela permitiu, apesar da sua aflição, que um sorriso forçasse os seus lábios e com o olhar esquadrinhou a penumbra do passado que o esquecimento quase apagara. Do caos das suas reminiscências, desprende-se, com alguma nitidez, uma imagem que ressuscitou no seu espírito os ecos de um tempo de terror. Era na época uma menina que saltava ao pé-coxinho atrás das portas que se haviam fechado sobre as irmãs, prostradas nos seus leitos de doença e de morte;

espreitava pela janela para ver um ininterrupto cortejo de caixões, à passagem do qual as pessoas fugiam; ou escutava a gente do povo que numerosa procurava, no seu pavor e desespero, este ou aquele homem religioso como o seu pai, e que soltava lamentos nas suas preces ao Deus dos Céus. E, apesar do agravamento do mal e do falecimento de todas as suas irmãs, ela atravessara os germes da epidemia, incólume, sã e salva, sem que nada alterasse o seu bem-estar, tirando os sumos de limão e de cebola que era obrigada a beber uma a duas vezes por dia. A mãe retomou com uma voz cuja doçura e nostalgia diziam o seu abandono ao devaneio, como se, devolvida por aquela reminiscência a tempos revolutos, reencontrasse uma existência e lembranças que lhe eram muito queridas e preciosas por estarem ligadas à sua juventude, e serem desprovidas dos resíduos da dor esquecida:

- Além disso - disse - a tua boa fortuna não se limitou a salvar-te da epidemia, mas fez de ti a filha única da família, toda a sua esperança, todo o seu consolo e sua felicidade neste vale de lágrimas. Foi assim que germinaste em nossos corações!

Após aquele discurso, Amina não via mais o aposento com os mesmos olhos. A frescura da juventude desabrochava outra vez em todas as coisas, nas paredes, no tapete, na cama, na sua mãe e nela própria. O seu pai vivia de novo e retomara o seu lugar habitual, e ela ouvia outra vez os sussurros do amor e das carícias, sonhava com os relatos dos profetas e dos milagres, reencontrava as histórias dos antepassados, desde os companheiros do profeta e os incrédulos até Orabi Paxá e os Ingleses. A vida de antigamente ressuscitava com os seus sonhos mágicos, as suas esperanças cheias de promessas, as suas alegrias ansiadas. Depois, a velhota perguntou no tom de quem conclui um raciocínio lógico cujas premissas estabeleceu:

- Então, não é Allah teu guardião e protector?!

Mas aquelas palavras que eram portadoras de consolo reavivaram a sua situação presente, e ela despertou do sonho jubiloso do tempo de antanho, para regressar à sua aflição, como alguém que, esquecido das suas mágoas, as torna a ruminar por causa de uma palavra de conforto que com a melhor das intenções lhe fora dirigida. Permaneceu ao lado da sua mãe, num estado de vazio rígido que só conhecera durante a sua doença. Era insuportável, e a conversação incessante com a sua mãe só reteve metade da sua atenção, ao passo que a outra metade se

entregava à inquietação e à angústia. E quando, ao meio-dia, Saddiqa chegou com o tabuleiro do almoço, com o propósito de divertir a sua filha, a velha mulher disse-lhe:

- Eis aqui um vigilante que vem pôr a nu os teus roubos!

Mas naquele momento, pouco importava a Amina que a criada fosse uma ladra ou uma mulher honesta. Esta última não respondeu, em primeiro lugar por respeito pela visitante, mas também porque estava afeita à rudeza e à doçura da sua senhora, sem as quais aliás não conseguia passar. À medida que o dia se escoava, o pensamento de Amina prendia-se cada vez mais à sua casa, onde se engolfava. Aquela hora, o sayyed chegava para almoçar e fazer a sesta. Depois, uma vez regressado à loja, os filhos voltariam, um a seguir ao outro, e então viu, graças à sua imaginação que da dor e da nostalgia extraía uma força prodigiosa, a sua casa e os seus ocupantes como deveras se estivesse presente. Viu o seu senhor que retirava a sua gubba e o seu cafetã, sem o seu auxílio, um auxílio que, assim o temia, ele se habituara a dispensar desde o longo período em ela estivera acamada. Tentou ler os pensamentos e as intenções que remoinhavam sob a sua fronte: sentiria o vazio que atrás dela deixara? O que sentira quando em casa não achara resquício algum da sua presença? Acaso o seu nome viera por algum momento aos seus lábios por um motivo ou outro? Mas eis que os filhos regressavam: precipitavam-se para a sala, depois de haverem aguardado com grande impaciência a sessão do café, mas encontravam o seu lugar vazio e inquiriam acerca da sua ausência, obtendo, à guisa de resposta, os olhares sombrios e humedecidos do choro das duas irmãs. Como reagiria Fahmi ao saber esta notícia? E Kamal - aí, o seu coração pulsou de forma pungente - compreenderia o significado da sua ausência? Consultar-se-iam por muito tempo? O que esperavam? Talvez já estivessem a caminho e rivalizassem para saber qual deles chegaria primeiro!... Deviam estar a caminho! Deviam estar em el-Khoronfish!... Dentro em breve, saberia...

- Estás a falar comigo, Amina?

Com aquela pergunta, a velha mulher interrompeu a corrente dos seus pensamentos e transferiu a sua atenção sobre si mesma, num estupor impregnado de vergonha, dando-se conta de que algumas palavras do seu solilóquio haviam filtrado, sem ela saber, a fronteira

dos seus lábios, e provocado um sussurro que o ouvido apurado da sua mãe captara. Só conseguiu responder:

- Estava a perguntar-me, mãe, se os meus filhos virão até cá para me ver!

- Acho que já chegaram! - disse a velha mulher que escutava e esticava a cabeça para a frente.

Amina pôs-se à escuta, silenciosa, e então percebeu o ruído da aldraba da porta que soava com pancadas rápidas e próximas como uma voz lançando, com fervor, ardentes gritos de socorro. Reconheceu por trás das pancadas o pequeno punho de Kamal, tal como o reconhecia quando batia na porta da sala do forno. No mesmo instante, precipitou-se do alto das escadas, chamando Saddiqa para que esta abrisse a porta. Debruçou-se, então, por cima da balaustrada e viu o garoto que desembestado subia as escadas, seguido de Fahmi e de Yassin. Suspendeu-se ao seu pescoço, impedindo-a de abraçar os outros dois. Depois, entraram no quarto e, com o espírito toldado e os pensamentos baralhados, puseram-se todos a falar em simultâneo, sem que nenhum se preocupasse com o que os outros diziam. E quando viram a avó em pé, de braços abertos, o rosto iluminado por um sorriso de boas-vindas banhado de amor, abstiveram-se de falar por um instante e lançaram-se nos seus braços um atrás do outro. Seguiu-se um curto silêncio, entrecortado pelo sopro acariciante dos beijos trocados. Por fim, Yassin exclamou com uma voz que reflectia a sua desaprovação e a sua tristeza:

- Agora, já não temos um lar! E não o teremos, enquanto não voltares! Kamal aninhou-se no seu regaço, como para aí encontrar um refúgio e disse, exprimindo pela primeira vez o intento que albergara no segredo do seu peito, em casa e já a caminho:

- Eu fico com a mãe! Não volto convosco!

Quanto a Fahmi, contemplava demorada e silenciosamente a sua mãe, como sempre sucedia quando lhe queria falar através do seu olhar e ela achou, naquela muda troca, o melhor intérprete dos sentimentos que agitavam os corações de ambos. Aquele ser querido, cujo amor por ela só era ultrapassado pelo amor que ela lhe tinha, ele que só em raras ocasiões dava mostras dos seus sentimentos aquando das suas discussões com ela, mas cujos sobressaltos das palavras e dos gestos tanto o traíam! O jovem pudera ler nos seus olhos uma

expressão de dor e humilhação. A sua emoção recrudesceu e, triste e amargurado, declarou:

- Fomos nós que te sugerimos de sair e te encorajámos, e agora és a única castigada!

Amina sorriu, pouco à vontade, e respondeu:

- Já não sou uma criança, Fahmi, não o devia ter feito!

Yassin ficou atónito com aquela troca de palavras e sentiu um extremo embaraço, pois fora o protagonista daquela sugestão infeliz, o que agudizou o seu tormento. Hesitava muito entre pedir de novo desculpas pelo desditoso conselho, e isso na presença da avó cujas furiosas críticas temia, e o silêncio, não obstante toda a sua ânsia de aliviar o seu constrangimento. Por fim, saiu da sua hesitação e traduziu as palavras de Fahmi com outros termos:

- Pois é, nós é que somos os culpados e és tu a acusada!

Depois, acrescentou, sublinhando as palavras como se sublinhasse a teimosia do seu pai e a sua inexorabilidade:

- Mas hás-de regressar e a nuvem, que nos ensombra a todos, desvanecer-se-á!

Kamal virou a cabeça da sua mãe para ele, agarrando-a pelo queixo e assaltou-a com uma torrente de questões: o que significava a sua partida de casa, quanto tempo duraria a sua estadia em casa da avó, o que se passaria se ela regressasse, e muitas outras, para as quais não obteve qualquer resposta cabal, susceptível de acalmar o seu espírito. Nem mesmo a decisão que tomara de permanecer junto da sua mãe, da qual era o primeiro a duvidar da sua exequibilidade, lhe trouxe algum conforto!

Expressos os sentimentos de cada um, a discussão tomou uma rota diferente e começou-se a encarar a situação em modos concretos, pois, como Fahmi o disse:

- De nada nos adianta epilogar acerca do que passou, mas em compensação convém interrogarmo-nos sobre o que agora irá suceder!

Yassin respondeu às suas inquietações:

- Um homem como o nosso pai não podia olhar para um acontecimento como a saída da mãe simplesmente com transigência. Tinha de, custe o que custasse, manifestar a sua fúria de uma forma exemplar. Mas não irá além do que fez.

A opinião pareceu convincente, e encontrou a aprovação na mente

de todos. Fahmi acrescentou, para deixar patente em simultâneo a sua certeza e as suas esperanças:

- A prova da justeza da tua opinião é que ele não empreendeu nada mais. Ora, os indivíduos do seu jaez não protelam a decisão que tomam para mais tarde, quando estão firmemente determinados!

Falaram muito do "coração" do pai. Chegou-se ao consenso de que possuía um coração bom, apesar da sua impulsividade e virulência, e que a última coisa que podiam imaginar era vê-lo arriscar uma acção susceptível de macular a reputação ou lesar alguém. Foi então que a avó, no intuito de gracejar um pouco e ciente do absurdo do que almejava, exclamou:

- Se fossem homens, dignos desse nome, procurariam um meio de conquistar o coração do vosso pai para que recuasse na sua obstinação!

Yassin e Fahmi trocaram olhares irónicos relativos àquela pretensa "virilidade" que derretia à simples evocação do pai. Quanto a Amina, temia que a discussão entre os dois jovens e a avó pudesse evocar o acidente com o carro e fez-lhes compreender, por meio de um sinal, fazendo ir e vir a sua mão entre o seu ombro e a sua mãe, que lhe havia omitido aquele ponto. Depois, apressando-se a tomar a defesa da virilidade de ambos, replicou:

- Não quero que nenhum dos dois se exponha à sua cólera!
Deixemo-lo a sós consigo até decidir perdoar...

- E quando é que perdoará? - perguntou Kamal.

Amina apontou o seu dedo indicador para cima, resmoneando:

- O perdão a Deus pertence!

E como sempre acontecia em semelhante situação, a discussão andou às voltas e trouxe de novo tudo o que havia sido dito, com as mesmas palavras ou outras, mas assinalando uma preferência recorrente pelos votos piedosos. E assim se prolongou sem nada adiantar até a escuridão ter deixado cair o seu véu e ter chegado a hora de partir. E naquele momento, a tristeza da separação abateu-se sobre todos os corações, como um nevoeiro, e os pensamentos aflitos não mais tentaram exprimir-se. Então reinou um silêncio análogo ao que precede a tempestade. Quebrado somente por raras palavras que, na melhor das hipóteses, se destinavam a aliviar o seu peso e a afugentar a iminência da despedida. Parecia que, por piedade para com os que

ficavam, cada qual remetia para outro a responsabilidade de anunciar que o prazo expirara. Naquele instante, a velhota pressentiu no seu coração o que consumia as mentes em seu redor e os seus olhos rendidos às trevas pestanejaram. Os seus dedos, com gestos febris e desordenados, brincaram nervosamente com as contas do rosário, e ela atravessou alguns minutos que, apesar de breves, se lhe afiguraram opressivos e similares àqueles em que o sonhador atormentado por um pesadelo aguarda a sua queda num precipício. Depois, ouviu-se a voz de Yassin que dizia:

- Acho que está na hora de partir. Havemos de voltar, dentro em breve, para te levar connosco, inshallah.

A velha mulher ficou atenta para observar uma tremura na voz da sua filha no momento de falar, mas nada ouviu senão um movimento que testemunhava o fim da reunião, ruídos de beijos e murmúrios de adeus acompanhados dos protestos lacrimosos de Kamal contra a sua retirada forçada. A seguir, chegou a sua vez de se entregar às despedidas naquela atmosfera saturada de tristeza e prostração. Por fim, os passos começaram a afastar-se, abandonando-a à sua solidão, à sua tristeza...

Pouco depois, os passos leves de Amina voltaram e a velha mulher pôs-se à escuta, ansiosa, antes de lhe gritar:

- Estás a chorar?! Que parva! Como se não aguentasses passar duas noites no seio da tua mãe!...

[87] Local dedicado à oração que muitas vezes se encontra ao lado do túmulo de alguém cuja vida e morte está rodeada de um halo de santidade.

[88] Comemoração através da invocação do nome de Allah. Trata-se duma prática mística que consiste na repetição de determinadas palavras ou fórmulas de louvor a Allah, por vezes acompanhadas de música e dança.

[89] Estrutura de madeira de forma piramidal, revestida de brocado, que servia para transportar, do Cairo até Meca, o tecido de seda negra recamado, confeccionado no Egipto, com o qual era revestido o muro exterior da Kaaba, e que tem de ser renovado anualmente. O mahmal era transportado no dorso de um camelo e, no momento da partida da peregrinação, atravessava as ruas do Cairo no meio de uma multidão

de gente em ambiente de festa. Esta cerimónia, que remonta ao século XIII, deixou de se realizar a partir de 1952 na sequência da Revolução dos Oficiais Livres chefiados por Gamai Abdel Nasser.

[\[90\]](#) Neste contexto o termo é usado com o significado de "velha".

34

Khadiga e Aisha pareciam ser as que mais abatidas se mostravam devido à ausência da mãe. É necessário dizer que, para além da tristeza que compartilhavam com os irmãos, tinham de suportar, sozinhas, todas as tarefas domésticas e servir o pai. E, se no primeiro caso nada sentiam que fosse opressivo, no segundo, o serviço do pai, era um encargo que elas rodeavam de mil cautelas. Aisha tendia a fugir à proximidade deste, pretextando que, antes dela, Khadiga exercera estas funções durante o período em que a mãe estivera acamada e assim esta vira-se obrigada a sofrer de novo aquelas situações angustiantes e amedrontadoras que advinham da vizinhança do pai quando tinha de assegurar as suas necessidades. A sua mãe ainda não partira há uma hora e já Khadiga dizia:

- Espero que esta situação não se arraste, sem ela a vida nesta casa é um sofrimento insuportável!

Aisha concordara com aquelas palavras, sem achar contudo uma outra arma além das lágrimas... que vertera em abundância. Khadiga aguardara que os seus irmãos voltassem da casa da avô para com eles falar, mas ainda não proferira uma única palavra acerca do que fazia a sua cabeça andar à roda. Eles começaram a evocar o estado da mãe no seu "exílio" e aquele relato impressionou-a estranha e bizarramente porque aí se referia desconhecidos que ela jamais encontrara. Irritou-se com isso, malgrado seu, e disse, áspera:

- Se cada um de nós se limitar a ficar calado e a esperar, ela pode vir a permanecer assim dias ou semanas, afastada do seu lar até que a tristeza a consuma! Tudo bem, falar com o nosso pai acerca deste assunto é uma tarefa difícil, mas não mais do que este silêncio indigno da nossa parte! Precisamos de encontrar uma solução... Nós temos que falar com ele!

E, embora aquele "nós" com que rematara a sua frase abarcasse todos os membros presentes, ela visava, como de imediato cada um intuiu, uma ou duas pessoas, as quais, ao ouvi-la, experimentaram um embaraço cujos motivos não escapavam a ninguém. Contudo, Khadiga prosseguiu:

- Nunca a necessidade de lhe falar de assuntos nossos foi mais fácil

para a mãe do que o seria para nós. Apesar disso, por respeito por cada um de nós, ela nunca hesitou em falar. É justo que aguentemos o mesmo sacrifício por amor dela!

Yassin e Fahmi trocaram olhares que exprimiam uma sensação de sufoco que principiava a aniquilar as suas forças, mas nenhum dos dois ousou abrir a boca, com medo de que a escolha pudesse recair sobre ele e transformá-lo num bode expiatório. Renderam-se pois a uma espera silente, como o rato que se abandona à gata. Khadiga cessou de proferir frases impessoais para, virando-se para Yassin, dizer abertamente:

- És o nosso irmão mais velho e, ademais, és funcionário, ou seja, és um homem feito! Por conseguinte, de nós todos és o mais capacitado para te encarregares desta tarefa!

Yassin inspirou profundamente e de seguida suspirou, brincando com os seus dedos, visivelmente atrapalhado:

- O nosso pai rebenta à menor centelha - tartamudeou ele - não aceita que se volte atrás sobre as suas decisões. No que me toca, já não sou uma criança. Tornei-me um homem... um funcionário, como dizes, e o que de mais terrível posso recear é que ele expluda contra mim e que eu perca o controlo e também me enfureça!

Apesar do estado de tensão nervosa, da aflição de todos, eles não puderam suster um sorriso. Aisha, que por pouco desatava a rir, escondeu o rosto nas mãos. Talvez fosse precisamente aquele estado de tensão que lhes permitiu aceitar o sorriso como um tranquilizante e um sedativo temporário para a dor e a inquietação, como por vezes acontece no auge da tristeza, quando os espíritos se abandonam à volúpia por uma ninharia no sentido de acalmar um estado com o seu contrário. Na verdade, levaram aquelas palavras na conta de uma graça que contava com o riso e a zombaria. Ele era o primeiro a ter consciência da sua completa incapacidade em arrostar não só a cólera paterna mas ainda opor qualquer resistência diante do seu pai e o primeiro a saber que dissera aquilo que dissera para escapar ao confronto com o pai e se premunir contra o seu furor. Por isso, quando viu a derisão daqueles, só pôde sorrir por sua vez, encolhendo os ombros, como quem diz: "Deixem-me em paz!"

Apenas Fahmi pareceu mostrar alguma reserva no seu sorriso, persuadido que estava de que o golpe o atingiria antes de este se

apagar. O seu pressentimento revelou-se certo. Khadiga desviou-se de Yassin com desdém e desalento e dirigiu-se-lhe, suplicante e apiedada:

- Fahmi... és o nosso homem!

Ele ergueu as sobrancelhas, com embaraço, e levantou os olhos para ela parecendo dizer: "Conheces quais são as consequências melhor do que ninguém!"

É certo que ele gozava de qualidades que não partilhava com mais ninguém na família: era estudante de direito, era o mais inteligente de todos, possuía o juízo mais pertinente e um controle de si nas situações mais delicadas que eram marcas inegáveis de coragem e virilidade. Porém, não obstante isto, perdia rapidamente todas estas qualidades assim que se achava na presença do seu pai, em relação ao qual conhecia unicamente uma obediência cega. Pareceu ficar sem palavras, pelo que Khadiga com um aceno da cabeça o exortou a falar e, cheio de confusão, este disse:

- Estás a vê-lo aceder aos meus rogos? Claro que não! Vai mas é man-dar-me passear, dizendo: "Não te metas onde não és chamado!" E isto se não se enfurecer e começar a atrair-me palavras mais duras e brutais!

Estas palavras "sensatas" não desagradaram a Yassin que nelas viu uma defesa da sua atitude. Ele acrescentou em jeito de conclusão para o ponto de vista do irmão:

- Além do mais, pode ser que a nossa intrusão neste assunto faça com que de novo nos peça contas sobre o nosso comportamento no dia da sua saída, o que seria abrir uma fenda que não saberíamos como fechar!

A rapariga virou-se para ele, furiosa e fulminante, e retrucou com ironia e amargura:

- Não podemos esperar nada de ti, nem evitar o teu mal!

Fahmi, que tirara do instinto de "sobrevivência" uma força renovada, acudiu em defesa do irmão:

- Encaremos a situação no seu todo: não creio que ele atenda um rogo meu ou de Yassin, pela simples razão de que nos tem por cúmplices daquela falta. Nestas condições, a causa está de antemão perdida se algum de nós tomar a sua defesa. Em contrapartida, se uma de vós lhe falar, talvez consiga inspirar-lhe dó, ou, na pior das hipóteses, esbarrar-se-á com uma recusa mitigada que jamais

alcançará os extremos da violência. Porque é que uma de vós não lhe fala? Tu, por exemplo, Khadiga?

A rapariga caíra na cilada e o seu coração contraiu-se; fixou Yassin, e não Fahmi, com um olhar irado, dizendo:

- Julgava que esta era uma missão mais apropriada aos homens!

- É justamente o contrário! - retorquiu Fahmi, movido pela sua ofensiva pacífica. - Já que todos nós buscamos o sucesso deste empreendimento, não esqueçamos o facto de, ao longo da vossa existência, haverem muito raramente sido o alvo da sua sanha. Pois tão meigo costuma ser convosco como se mostra violento connosco!

Num estado de angústia evidente, Khadiga baixou a cabeça, reflectindo, e, como temia, caso o seu silêncio se alongasse, que a campanha contra ela se intensificasse e que a pesada missão lhe coubesse, levantou a cabeça e disse:

- Se assim é, então Aisha está em melhores condições para lhe falar!

- Eu? Mas porquê?!

Aisha perguntara porquê, em pânico como quem se vê ao alcance de um perigo depois de, durante muito tempo, ter beneficiado da confortável posição de espectador em nada ligado ao caso, já que tanto pela sua jovem idade como por uma predominância de uma sensibilidade de criança mimada, jamais uma questão importante se lhe havia colocado, e muito menos a missão mais grave que se podia apresentar a qualquer um deles!

No entanto, embora Khadiga não achasse uma ideia clara para justificar a sua sugestão, manteve-a com uma pertinácia onde se misturavam amargura e ironia. Disse para responder ao porquê da irmã:

- Porque temos de aproveitar os teus cabelos loiros e os teus olhos azuis para sermos bem-sucedidos!

- E o que é que os meus cabelos e os meus olhos têm a ver com o facto de enfrentar o meu pai?!

Mais do que convencer, Khadiga tentava, naquele instante, avistar uma saída de modo a preparar o terreno para bater em retirada, desviando as atenções para assuntos mais ligados à brincadeira. Pois a fuga é o mais seguro dos caminhos possíveis. Como quem, cai numa situação crítica e a quem escasseiam argumentos de defesa, recorre à zombaria, preferindo abrir um caminho de fuga no meio da alegre

algazarra do que no meio dos sarcasmos e do desdém. Portanto ela retornou-lhe:

- Sei que têm um efeito mágico sobre todos os que te rodeiam, Yassin, Fahmi... e até Kamal. Então por que motivo não teriam o mesmo efeito no meu pai?

O rosto de Aisha enrubesceu:

- Mas como é que lhe vou falar de tudo isto - disse ansiosa - se assim que os seus olhos pousam em mim, a minha cabeça se esvazia?!

Naquele instante, todos se haviam esquivado, um após outro, à perigosa missão, e mais ninguém se sentia ameaçado de forma directa, apesar de a libertação não os poupar a um sentimento de culpa. Talvez fosse este o principal motivo, pois se o homem concentra o seu pensamento na salvação no momento de perigo, a sua consciência, logo que está a salvo, apanha-o à traição. Assim sucede com o corpo que consome toda a sua vitalidade no membro enfermo até que, este recuperando a saúde, a sua vitalidade se distribui em partes iguais entre os membros, provisoriamente negligenciados. Era como se Khadiga se quisesse ver livre daquela sensação:

- Já que todos nós somos incapazes de falar com o pai - disse ela- temos de pedir ajuda à nossa vizinha, Umm Mariam!

Mal pronunciara o nome de "Mariam", observou maquinalmente Fahmi e os olhos de ambos cruzaram-se numa insinuação que desagradou ao jovem; desviou o seu rosto, simulando indiferença. Pois o nome de Mariam não voltara a ser pronunciado na presença de Fahmi, desde que a sua proposta de casamento fora rejeitada, quer por consideração pelos seus sentimentos, quer porque Mariam se revestira de um outro significado após o jovem lhe haver declarado o seu amor, o que a classificara como fazendo parte dos tabus que as tradições familiares não permitiam remexer abertamente diante do interessado. Apesar disso, Mariam não cessara as suas visitas à família, mas fingira ignorar o que sobre ela se contava atrás das portas. Yassin, que se apercebera do instante de desconforto mútuo entre Fahmi e Khadiga, tentou encobrir as eventuais consequências, e orientou as atenções para um alvo novo. Pousou a mão sobre o ombro de Kamal e disse num tom de ironia e de exortação:

- Aqui está o nosso verdadeiro homem! Só ele pode pedir ao seu pai que lhe devolva a mãe!

Ninguém levou a sério as suas palavras, a começar pelo próprio Kamal. Porém, o que Yassin dissera voltou-lhe à memória no dia seguinte, no momento em que atravessava a praça de Bait el-Qadi, de regresso da escola, após um dia, em grande parte, passado a pensar na sua mãe exilada. Caminhava em direcção à ruela de Quirmiz, quando parou e se voltou para a rua de en-Nahhasin, hesitante, o coração palpitante de angústia e dor. Então mudou de rota e dirigiu-se para en-Nahhasin com passos lentos sem se firmar numa decisão, mas empurrado para diante pela dor de ter perdido a mãe e puxado para trás pelo medo que o dominava à simples evocação do seu pai... quanto mais para lhe falar ou solicitar um favor. Não se conseguia imaginar, parado na sua frente, a abordar aquele assunto, e os terrores que eram susceptíveis de recair sobre ele não escapavam à sua consciência. Não tomou nenhuma decisão, mas prosseguiu no entanto a sua marcha lenta até surgir diante dos seus olhos a porta da loja. Era como se ele tentasse contentar o seu coração atormentado, conquanto se tratasse de um contentamento abstracto, qual milhafre que volteia em torno do raptor das suas crias sem ter coragem de o atacar. Aproximou-se da porta e parou a alguns metros. Aí, prolongou a sua paragem, sem avançar nem recuar, sem se decidir, quando bruscamente saiu da loja um homem que ria às gargalhadas e, para seu espanto, o seu pai que, para se despedir, o acompanhava até à soleira da porta e também ele com um riso sonoro. O espanto deixou-o confuso e petrificado, observando o semblante ridente e álaque com uma negação e um assombro indescritíveis. Não podia crer no que via e julgou que uma nova personalidade se havia infiltrado no corpo do seu pai ou que aquele homem hílare, embora parecido, era uma outra pessoa que pela primeira vez via. Uma pessoa que ria a bandeiras despregadas, com uma alegria que irradiava do seu rosto como a luz irradia do Sol. Quando o sayyed Ahmad Abdel Gawwad já se virava para entrar na loja, os seus olhos incidiram no garoto que o observava assarapantado. A sua postura, o seu ar espantaram-no e os seus traços retomaram uma expressão sisuda e grave.

- O que te traz aqui? - perguntou, examinando o seu rosto.

Mal dissera aquilo e já o instinto de autodefesa submergia o garoto que, apesar da estupefacção, se acercou do pai, estendeu a sua mãozinha para a dele e, inclinando-se sem nada dizer, a beijou com

cortesias e humildade.

- Queres alguma coisa?! - perguntou outra vez o sayyed.

Kamal engoliu a saliva, não sabendo o que responder além de, para a sua salvação, dizer que nada desejava mas que simplesmente passava, a caminho de casa. Contudo, o pai começou a languescer e, em breve, a exasperação era notória no seu semblante.

- Não fiques aí especado como uma estátua - lançou-lhe com brusquidão- , diz o que queres!

A rispidez da voz atingiu o seu coração e ele estremeceu. Ficou calado como se as suas palavras houvessem ficado coladas no fundo da garganta. Cada vez mais agastado, o pai vociferou num tom impressionante:

- Desembucha! Perdeste a fala?

Todas as forças do garoto se organizaram numa única vontade: sair do seu silêncio, a todo o custo, para se precaver contra a cólera do seu pai.

Abriu a boca e disse maquinalmente: " ,.

- Voltava da escola, ia a caminho de casa...

- E o que é que te deteve aqui como um louco?

- Vi... Vi o meu pai e quis beijar a sua mão!

Um olhar duvidoso perpassou nos olhos do sayyed Ahmad Abdel Gawwad que disse com uma ironia mordaz:

- Só isso! Sentiste assim tanto a minha falta! Não podias esperar por amanhã de manhã para, se assim o quisesses, beijares a minha mão? Ouve lá ... Ai de ti se fizeste alguma das tuas, na escola! Acabarei por saber tudo!

- Não fiz nada, juro por Allah! - apressou-se a responder Kamal, preocupado.

- Então podes ir! - concluiu o homem, já impaciente. - Estiveste a fazer-me perder tempo desnecessariamente. Anda, desaparece!

Kamal abandonou o sítio quase sem ver, na sua emoção, onde pousava os pés, ao passo que o sayyed voltava já para a loja. Mas o garoto, mal se viu liberto do olhar do seu pai, voltou à vida e bradou, sem se dar conta, e antes que este desaparecesse e o ensejo se perdesse:

- Devolva-nos a nossa mãe, Allah o proteja! E deitou a correr desembestado...

35

O sayyed Ahmad Abdel Gawwad beberricava o seu café da tarde, no seu quarto, quando Khadiga entrou e declarou com uma voz quase inaudível de tanta submissão:

- A nossa vizinha Sitt Umm Mariam deseja ver Vossa Excelência...

- A esposa do senhor Muhammad Ridwan? - perguntou, surpreendido. - O que quer ela?

- Não sei, pai!

Escondendo a sua estupefacção, ordenou-lhe que a fizesse entrar. E se bem que a vinda, entre as vizinhas, de algumas mulheres estimáveis, desejosas de encontrá-lo por motivos ligados ao seu comércio ou a uma reconciliação que ele tentaria obter entre elas e os seus esposos que constavam entre as suas amizades, não fosse, embora coisa rara, novidade para ele, rejeitou a hipótese de aquela mulher vir ter com ele por algum destes motivos. Ainda se interrogava, quando Mariam e a discussão que sobreviera entre a sua esposa e ele relativa ao pedido de casamento atravessaram o seu espírito. Mas que ligação haveria entre aquele segredo que não podia ter saído do círculo familiar e esta visita? Pensou então no senhor Muhammad Ridwan e supôs que o motivo da visita estivesse de algum modo relacionado com ele, mas este último nunca passara de um simples vizinho a que estava ligado por laços de vizinhança que jamais se haviam alçado ao nível da amizade. As suas visitas mútuas haviam-se outrora mantido dentro dos limites das ocasiões obrigatórias, até o homem ficar paralisado, época em que com frequência o visitara. Depois, só viria a bater à sua porta por ocasião das festas. Apesar disso, Sitt Umm Mariam não lhe era estranha. Recordava claramente que, certa vez, viera à loja para comprar alguns artigos. Aí, dera-se a conhecer de modo a solicitar a sua atenção e ele dispensara da sua generosidade, o que lhe parecera digno da boa vizinhança. Uma outra vez, encontrara-a à porta de casa, num dia em que a sua visita com a filha coincidira com a saída dele. Ficara siderado com a sua ousadia ao cumprimentá-lo, dizendo: "Boas-tardes, meu caro senhor!"

Na verdade, a convivência com os seus amigos ensinara-lhe que alguns deles toleravam coisas com as quais ele se mostrava intratável

em virtude de uma observância excessiva das regras hereditárias da família. Efectivamente, aqueles não viam mal algum no facto de as suas esposas saírem para fazer visitas ou compras, como também não viam qualquer inconveniente numa saudação inocente, como a que Umm Mariam lhe dirigira. Todavia, apesar do seu hanbalismo^[92], não estigmatizava o que os demais aceitavam para eles próprios e para as suas esposas.

Mais ainda, não julgava mal alguns notáveis das suas amizades que acompanhavam as esposas e as filhas de carro, em passeios por sítios isolados ou certos casinos inocentes, limitando-se em semelhantes casos a repetir a sua máxima: "Tendes a vossa religião e eu tenho a minha!"

Por outras palavras, não tendia a aplicar cegamente as suas formas de pensar aos demais. Além disso, sabia pertinentemente estabelecer a distinção entre o que era bem e o que era mal, ainda que não abrisse o seu coração a "tudo o que era bem", nisso seguindo a sua natureza tradicionalista e austera. Assim sendo, considerava a visita da sua esposa a el-Hussein um crime que havia sancionado com a pena mais severa que alguma vez pronunciara durante a sua segunda vida conjugal. Por conseguinte, o seu espírito respondera aos cumprimentos de Sitt Umm Mariam com um espanto mesclado de uma certa confusão, sem que todavia nisto houvesse um julgamento no tocante aos seus costumes. Ouviu, atrás da porta do quarto, um pigarreio e compreendeu que a visitante o advertia da sua chegada. Entrou, envolta na sua melaya, o rosto coberto por um véu negro cujo arw^[93] em ouro pendia entre dois grandes olhos negros amendoados que o khôl sublinhava.

Aproximou-se dele, com o seu corpo roliço, carnudo, as ancas frementes, e ele ergueu-se para recebê-la, estendendo-lhe a mão.

- Seja bem-vinda - disse. - É uma honra para a minha casa e as suas gentes.

Ela estendeu-lhe a mão, depois de tê-la embrulhado na extremidade da melaya com medo de contrariar as suas abluções, e disse:

- Que Allah exalte a sua estima, caro senhor!

Ele convidou-a a sentar-se e ela sentou-se. Após o que ele fez o mesmo e perguntou-lhe por cortesia:

- Como está o senhor Muhammad?

- Louvado seja Allah, que ninguém senão Ele seja louvado pelas nossas infelicidades! Que Allah seja misericordioso com todos nós! - disse, suspirando, com uma voz sonora, como se a pergunta reavivasse o seu desgosto.

O sayyed Ahmad Abdel Gawwad meneou a cabeça com um ar pungido e resmoneou:

- Que Allah o ajude e lhe dê paciência e saúde!

Um breve silêncio seguiu-se às cortesias da praxe e a mulher preparou-se para o discurso sério, que motivara a sua vinda, como um cantor se prepara após a execução do prelúdio instrumental.

Entrementes, o sayyed baixou os olhos por decoro, deixando flutuar sobre os seus lábios um sorriso para manifestar a sua boa disposição ante a declaração esperada.

- Sayyed Ahmad, o senhor é, no tocante às qualidades de coração, um exemplo citado em todo o bairro. Aquele que faz apelo a si jamais vê a sua esperança defraudada!

- Que Allah me perdoe! [\[94\]](#) - resmungou Ahmad Abdel Gawwad com uma voz tímida e em simultâneo dentro de si interrogava-se: "O que será que se esconde por trás disto tudo?!"

- Pois, vinha agora visitar a minha irmã, Sitt Umm Fahmi [\[95\]](#), e qual não é o meu espanto quando ouço dizer que não se encontra em casa e que o senhor está zangado com ela!

A mulher calou-se para sondar o impacto das suas palavras e ouvir a opinião do sayyed. Mas este último escudou-se no silêncio como quem não sabe o que responder. E, se bem que sentisse algum desagrado em abordar aquele assunto, o seu sorriso de boas-vindas ficou preso aos seus lábios.

- Acaso existe mulher mais perfeita do que Sitt Umm Fahmi?! [\[95\]](#) É o exemplo do bom senso e do pudor. Uma vizinha há mais de vinte anos, ao longo dos quais só ouvimos dizer, acerca dela, coisas que alegram o espírito. Que crime pôde cometer para merecer a cólera de um homem justo como o senhor?!

O sayyed Ahmad Abdel Gawwad persistiu no seu silêncio, fingindo ignorar a pergunta. Depois algumas ideias desfilaram na sua cabeça que acentuaram a sua contrariedade: a visita daquela mulher seria fruto do acaso ou a maquinação de algum conspirador? Khadiga?... Aisha?... Amina em pessoa? Contudo, os filhos não haviam defendido

a mãe! Estaria esquecido de como Kamal ousara gritar na sua cara para exigir o regresso da sua mãe?... Algo que mais tarde lhe valera uma tarefa que lhe queimara as nádegas e lhe fizera ferver o cimo do crânio.

- Uma mulher tão boa que não merece semelhante castigo... E um homem tão generoso a quem não fica bem a violência! É mais uma armadilha de Satanás, o maldito, que Allah o cubra de opróbrio! Mas a sua nobreza pode frustrar esta cilada!

Naquele instante, sentiu que o silêncio excedera a medida do tolerável por respeito pela visitante. Por isso, resmungou com um laconismo propositado:

- Queira Allah remediar a situação!

Umm Mariam prosseguiu com entusiasmo, estimulada pelo sucesso que obtivera a sua tentativa de fazê-lo falar:

- Como me entristece ver a nossa boa vizinha deixar a sua casa depois de uma longa vida cheia de discrição e de dignidade!

- As águas hão-de tornar ao seu leito... Mas cada coisa a seu tempo!

- O senhor é o meu irmão! Mais querido ainda do que um irmão! E não acrescentarei nem mais uma palavra...

Havia algo de novo no caso que não escapou à sua consciência vigilante! Por isso, registou como um observatório regista um tremor de terra distante, independentemente da sua fraca intensidade. Pareceu-lhe, quando ela lhe dissera: "o senhor é meu irmão!" que a voz se enternecera, suavizada, e fizera jorrar uma ternura cálida que derramara naquele clima de timidez uma baforada salutar, quando ela acrescera: "mais querido ainda do que um irmão". Espantou-se, interrogando-se, e não podia suportar, por mais tempo, esconder para si mesmo a sua dúvida. Levantou os olhos, vacilante... Lançou uma olhadela furtiva ao rosto da mulher e viu, ao contrário do que esperara, que o observava com os seus grandes olhos negros em forma de amêndoa. O seu coração entrou em ebulição e ele baixou os olhos rapidamente, aturdido e atrapalhado. Depois acrescentou, alongando a discussão de modo a encobrir a sua agitação:

- Agradeço-lhe a fraternidade que me atribui.

Recomeçou a questionar-se: tê-lo-ia contemplado assim durante toda a conversa ou erguera ele a cabeça no preciso momento em que o seu olhar se pousara sobre ele? E o que dizer do facto de não haver

baixado os olhos no instante em que cruzara os seus? Mas não tardou a rir dos seus pensamentos, dizendo para si que a sua paixão pelas mulheres e a experiência que tinha das suas intimidades exacerbava indubitavelmente nele a propensão para depreciá-las e que a verdade estava sem dúvida muito distante do que imaginara. Talvez Umm Mariam fizesse parte daquelas mulheres que, por natureza e compleição, transbordam de uma ternura que os que as não conhecem tomam erroneamente por uma tentativa de sedução. E para se assegurar da pertinência da sua opinião, pois continuava a precisar de uma certeza, levantou os olhos uma segunda vez, e qual não foi o seu espanto ao constatar que o mirava com ternura. Atreveu-se desta feita e fixou-a por um breve instante, ao passo que ela continuava a observá-lo com uma entrega audaciosa, a tal ponto que, totalmente confuso, teve de arredar os olhos. Então a voz meiga da mulher perseguiu-o dizendo;

- Depois deste pedido, saberei se realmente sou estimada por si! Estimada? Se aquela palavra fosse proferida num outro contexto que não aquele clima pejado de sensibilidade, electrificado pela dúvida e confusão, não teria relevância, mas agora! Observou-a de novo, completamente atrapalhado, e leu nos seus olhos certos sinais que aguçaram as suas suspeitas... O seu sentimento teria algum fundamento? Seria possível semelhante coisa, quando intercedia a favor da sua esposa?... Mas como poderia isto espantar um homem com a sua experiência das mulheres?... Uma mulher folgazã contemplada com um esposo paralítico! Alegres sobressaltos percorreram as fibras do seu ser, enchendo-o de ardor e de orgulho. Mas quando surgira tal sentimento? Seria antigo, tendo aguardado que a sua hora chegasse?... Não passara ela, certo dia, pela loja, sem nada deixar transparecer de equívoco?... Mas a loja não era um local apropriado para pôr em confiança uma mulher destas, para fazer a confissão de um amor contido, sem antes o preceder de um prelúdio, como o fizera Zubaida, a cantora. Ou seria então um sentimento daquele instante, nascido em virtude de uma ocasião oportuna, no quarto vazio. Se assim era deveras, tratava-se de uma outra Zubaida sob os trajes de uma mulher virtuosa. Não era de espantar que ele vacilasse, apesar da sua experiência no campo das prostitutas, pois que desejava tenazmente dar mostras de um respeito exemplar em

relação aos vizinhos. Mas o que haveria ao certo e como responder-lhe: "A senhora tem muito mais a minha estima do que julga."

Palavras delicadas, indubitavelmente, mas que podiam levá-la a ver nelas uma saudação favorável ao seu convite. Não, não queria isto, recusava terminantemente! Não porque ainda não estivesse saciado de Zubaida, mas porque não aceitava de modo algum desviar-se dos seus princípios no tocante à veneração da honra em geral e, no que lhe dizia respeito, de tudo o que se prendia aos amigos e aos vizinhos em particular. Por isso nunca a mais pequena mancha, de que pudesse corar perante um amigo, um vizinho ou as pessoas santas, viera deslustrar o seu semblante, apesar dos seus excessos amorosos e das suas estroinices. Nunca deixara de perseverar no temor a Deus, na diversão ou na seriedade, de modo a consentir à sua pessoa somente o que considerava lícito ou fazer parte de pequenos desregramentos da sua conduta.

Não queria isto significar, de forma alguma, que era provido de uma força de vontade extraordinária que conseguia mantê-lo afastado das paixões. Possuía pelo contrário a paixão do amor, mas de tal modo se acautelava na presença das mulheres casadas que intencionalmente e durante toda a sua vida jamais pousara os olhos sobre o rosto de uma mulher do seu bairro. De resto, pela sua honra e por piedade por um dos seus conhecidos, abdicara de um amor que se oferecera, certo dia, quando um mensageiro viera ter com ele, convidando-o a encontrar-se, por ocasião de um serão marcado, com a irmã do homem em questão, uma viúva de meia-idade. O sayyed Ahmad Abdel Gawwad recebera o convite em silêncio, cumprimentara o emissário com a cortesia que lhe era habitual e passou a desertar, anos a fio, a rua onde se situava aquela casa. Talvez Umm Mariam fosse a primeira tentação que, num desafio aos seus princípios, ele enfrentava. E embora lhe agradasse, não respondeu às solicitações do amor, mas deixou triunfar a voz da sensatez e da dignidade. Pôs a sua reputação, que desenfreava todas as línguas, ao abrigo dos motivos para críticas, como se o bom nome fosse preferível a um prazer, que se achava ao seu alcance, colhido em pleno voo, quando lhe era possível consolar-se com as pequenas aventuras que sem o menor perigo se lhe ofereciam de tempos a tempos. Este espírito respeitoso pelo compromisso, sincero para com os seus irmãos, não o largava, nem mesmo na arena dos

prazeres e dos apetites carnaís, e nunca fora censurado por lançar os olhos para a concubina de um companheiro ou cobiçar com o olhar a amante de um amigo, pois preferia a amizade às paixões. Porque, como tinha por hábito dizer, "o amigo é uma amizade duradoura e a amada é um amor efêmero". Por conseguinte, restringia-se a escolher as suas amantes entre as que se achavam sem companheiro. Ou então esperava pelo romper de uma relação para se preparar e aproveitar a oportunidade. Por vezes chegava ao extremo de pedir licença ao antigo amante, antes de cortejar aquela que fora a amada deste, enveredando então pela senda do amor com um rejubilo que nenhum ódio mútuo ensombrava. Por outras palavras, conseguira conciliar "o animal" que se espojava nos prazeres e "o homem" cujo olhar se voltava para princípios excelsos, agrupando-os numa unidade harmónica em que nenhum dos seus detalhes sobressaía em relação aos demais, cada qual possuindo uma existência independente no regozijo e na alegria. Alcançara esta junção, do mesmo modo que antes havia conciliado a devoção e a tentação numa unidade desprovida de qualquer sentimento de culpa e refreamento. Porém, não procedia com tamanha lealdade pelo simples respeito dos costumes mas, além disso ou antes de mais, porque desejava possuir o amor continuando a gozar de uma brilhante reputação. Tanto mais que os seus frutuosos saques no campo amoroso facilitavam a sua renúncia a uma inclinação que teria a marca do engano e da baixeza. Além de que jamais conhecera uma paixão verdadeira capaz de conduzi-lo a uma das alternativas: ou obedecer ao sentimento poderoso sem se incomodar com os princípios ou soçobrar numa aguda crise sentimental e moral cujos suplícios não lhe estavam predestinados. Via em Umm Mariam só uma variedade deliciosa de alimento do qual não veria inconveniente algum ter de desistir, se ao ingeri-lo corresse o risco de uma indigestão, para se voltar para outro, saboroso e seguro, que abundava sobre a mesa. Destarte, volveu-lhe cortesmente:

- A sua intervenção será aceite, inshallah, e muito em breve há-de ouvir coisas que serão motivo da sua alegria!

- Que Allah honre o senhor! - concluiu ela, depois de se levantar.

Estendeu-lhe uma mão branca e rechonchuda, e ele estendeu a sua, baixando os olhos. Pareceu-lhe, aquando da despedida, que ela exercia uma ligeira pressão na sua mão. E ele começou a interrogar-se se esta

seria a sua maneira usual de cumprimentar ou se lhe apertava a mão de propósito. Tentou recordar como ela havia agido no momento em que a recebera, mas a sua memória negou-se-lhe. Assim, passou a maior parte do tempo, antes de regressar à loja, pensando naquela mulher, nas suas palavras, na sua doçura e no seu jeito de cumprimentar.

[92] Doutrina fundada por Afimad Ibn Hanbal (m. 855). Uma das quatro escolas de direito canónico muçulmano. O hanbalismo considera que a tradição, a seguir ao Alcorão, é a única fonte da lei, opondo-se a qualquer inovação, no mais estrito conservantismo.

[93] Literalmente quer significar "esposa, mulher, boneca". Trata-se de uma espécie de pequeno tubo de ouro ou de metal dourado, usado entre os olhos e muitas vezes sobre o nariz no interior do qual passa um pequeno cordão que segura o véu da mulher, unindo-o a uma tira de tecido colocado sobre a cabeça dela, para segurá-lo.

[94] Frase que se emprega normalmente para rejeitar elogios, em sinal de modéstia.

[95] Literalmente: a senhora mãe de Fahmi. Chamar uma senhora com o nome do filho mais velho de sexo masculino, precedido pela designação de mãe (Umm), é um sinal de respeito. Na ausência de um filho de sexo masculino, utiliza-se o nome da filha mais velha, como acontece com a mãe de Mariam, Sitt Umm Mariam.

36

- A tia, esposa do falecido Shawkat, deseja falar com o senhor!

O sayyed Ahmad Abdel Gawwad lançou um olhar enfurecido a Khadiga e vociferou:

- E porquê?

Mas os acentos enraivecidos da sua voz e o seu olhar coriscante anunciavam que não estava nas suas intenções ficar pelo "porquê", como se entendesse dizer: "Ainda não acabei com o mediador de ontem e já tu me trazes outro hoje! Quem te disse que as tuas astúcias iriam pegar comigo? Como é que tu e os teus irmãos têm a ousadia de zombar de mim?"

Khadiga empalideceu e respondeu com uma voz tremida:

- Por Allah, não sei!

Ele sacudiu a cabeça como quem diz: "Muito pelo contrário, sabes perfeitamente e eu também, e os teus joguinhos hão-de acabar por ter as piores consequências!"

Prosseguiu furioso:

- Fá-la entrar! Já é tarde de mais para beber o meu café em paz! O meu quarto passou a ser um tribunal, com juízes e testemunhas. Eis o descanso que encontro na minha casa. Que Allah os amaldiçoe a todos!

Khadiga sumiu antes que ele terminasse, como, ao menor estalido, desaparece o rato. O sayyed Ahmad Abdel Gawwad ficou alguns instantes de semblante fechado, iracundo, até tornar à sua mente a imagem de Khadiga saindo espavorida. O seu pé tropeçara nos tamancos de madeira e a sua cabeça por um triz não embatera na porta. Um sorriso condoído desenhou-se nos seus lábios e apagou a sua cólera abusiva, humedecendo o seu coração de ternura. Que crianças aquelas que recusavam olvidar a mãe por um minuto sequer! Dirigiu o olhar para a porta, preparando-se para receber a visitante com um semblante animado, como se houvesse acolhido com entusiasmo a ideia da sua visita. Mas ele não dominava a cólera que o incendiava, em sua casa, pelas razões mais triviais ou até sem razão alguma. Não obstante isto, a visitante pertencia a uma classe social privilegiada, à qual nenhuma das mulheres que, de quando em vez,

frequentavam a sua casa ascendia. A esposa do defunto Shawkat, e já antes o falecido, provinha de uma família ligada à sua por uma amizade sincera, desde a geração dos seus antepassados. O defunto ocupava, na sua mente, o lugar de um pai e a sua viúva conservava, para ele e por conseguinte para a sua família, o lugar de uma mãe. Fora ela que pessoalmente pedira a mão de Amina, e que recebera, à nascença, entre as suas mãos os filhos dele. Além do mais, os Shawkat eram pessoas cuja amizade era tida como uma honra, não só pela sua origem turca, mas também pela classe social e pela importância dos seus bens imobiliários espalhados entre os bairros el-Hamzawi e es-Surin. E se o sayyed Ahmad Abdel Gawwad pertencia à classe média, eles faziam parte incontestavelmente da elite. Talvez o sentimento materno que a mulher nutria por ele e o sentimento filial que este por ela sentia o levassem a adoptar ante a iminência da sua intercessão uma atitude receosa e retraída. Pois ela não era o tipo de mulher que se atabalhoava com a deferência quando falava com ele, nem se esforçava por obter a sua piedade, isso sem contar com a franqueza brutal pela qual era conhecida e que tinha a sua justificação quer na sua idade avançada quer no seu estatuto social. Pois, não era absolutamente...

Ouvindo o ruído dos seus passos, abandonou os seus pensamentos e levantou-se, dizendo num tom jovial:

- Seja bem-vinda, é o profeta que nos visita!

Era uma mulher de idade que avançava coxeando, apoiada numa sombrinha, e que erguia para ele um rosto de uma alvura resplandecente, coberto de rugas, e cujo véu branco transparente não escondia quase nada. Acolheu as suas saudações com um sorriso que mostrava os seus dentes de ouro e devolveu ao seu cumprimento. Depois instalou-se a seu lado, sem cerimónias, e disse-lhe:

- Quem viverá ver! Até tu, jóia dos homens!... E esta casa onde sucedem coisas de que se não fala de ânimo leve. Envelheceste, ó Deus de el-Hussein és disso testemunha! Ficaste caquético antes do tempo!

Ela começou a alastrar-se num palavrear que dava vazão à sua língua que pulava de um assunto para outro, sem conceder ao sayyed a menor hipótese de interrompê-la ou de inserir um comentário. Disse-lhe como viera fazer-lhe uma visita e notara a ausência da esposa:

- Num primeiro momento, julguei que tivesse saído para fazer

alguma visita. Então, surpreendida, bati no meu peito dizendo para mim: "O que sucedeu ao mundo... e como é que o senhor Ahmad pôde permitir-lhe que saísse, desdenhando os mandamentos divinos, as leis dos homens e dos irmãos otomanos?!..." [96]

Depois, acrescentou que rapidamente soubera a verdade:

- Mas o meu juízo regressou e disse para mim mesma: "Louvado seja Allah, tudo está bem! Este é o verdadeiro Ahmad Abdel Gawwad, outra coisa não seria de esperar vindo dele!"

Depois, abandonou o seu tom irónico e começou a pregar-lhe um sermão pela sua dureza. Não poupou a sua comiseração por Amina que considerava ser a última das mulheres a merecer uma punição. Sempre que tentava interrompê-la, ela bradava:

- Shht! Caluda! Nem uma palavra! Guarda os teus belos discursos que tão bem sabes adornar, porque isto não pega comigo! O que eu quero é uma boa acção e não palavras bonitas!

Em seguida, disse-lhe sem rodeios que ele dava mostras na condução da sua família de um excesso que ultrapassava o que é habitual e que melhor faria se revelasse um pouco mais de moderação e de clemência.

O sayyed Ahmad Abdel Gawwad escutou-a demoradamente e quando esta, exausta, lhe deu permissão para falar, ele explicou-lhe o seu ponto de vista, e nem a ardente manifestação de recusa da mulher nem a consideração de que esta gozava junto dele obstaram a que lhe declarasse que a política que empregava com a família era uma convicção de que se não apartaria, apesar de lhe prometer, em jeito de conclusão, como o fizera com Umm Mariam anteriormente, um gesto de bondade. Pensou que chegara o momento de pôr termo à entrevista, mas, apanhando-o desprevenido, ela disse-lhe:

- A ausência da senhora Amina é uma surpresa desagradável... Pois queria vê-la devido a um assunto da maior importância e, com a minha saúde, sair já não é uma tarefa fácil! Não sei se faço bem em falar já sobre o que aqui me trouxe ou se é melhor aguardar o seu regresso?!

- Estamos todos à sua disposição! - volveu o sayyed sorridente.

- Teria preferido que ela fosse a primeira a ouvir-me, mesmo se não lhe permites ter voto na matéria. Mas, já que não tenho esta sorte, a minha consolação é preparar-lhe uma ocasião auspiciosa para voltar...

O nosso homem hesitou quanto à interpretação das suas palavras e fixou-a ao perguntar:

- De que se trata? -

- Serei breve - disse, raspando o tapete com a ponta da sua sombrinha. - Escolhi Aisha para ser esposa do meu filho Khalil!

O sayyed ficou atónito como todo aquele que é apanhado por um acontecimento inesperado. O embaraço e sobretudo a confusão apoderaram-se dele, e isto por razões bastante óbvias: compreendeu de imediato que a sua velha decisão de não casar a filha mais nova antes das núpcias da mais velha colidia, desta vez, com um desejo de raro valor que ele não podia desdenhar... um desejo que lhe era participado por alguém que não ignorava aquela resolução, o que provava que a rejeitava de antemão e recusava inclinar-se ante a sua sentença.

- Porque ficas calado como se não me houvesse ouvido?

O sayyed Ahmad Abdel Gawwad teve um sorriso de enleio e de pudor, depois disse em jeito de reparo e como forma de cortesia, o tempo necessário de examinar o problema sob os seus diversos ângulos:

- É uma grande honra para nós!

A mulher atirou-lhe um olhar que parecia dizer: "Arranja outro meio que não sejam estas palavras delicodoces!" Retomou então num tom agressivo:

- Não preciso que façam troça de mim com palavras ocas! Não aceitarei outra resposta que não seja um pleno consentimento! Khalil encarregou-me de lhe escolher uma esposa e eu disse-lhe que tinha a melhor esposa que ele poderia encontrar. A minha escolha encantou-o e não achou nada de mais invejável do que se tornar o teu genro... Vais responder a um tal anseio, vindo de mim mesma, mantendo-te em silêncio e tentando esquivar-te? Allah... Allah.

Por quanto tempo ainda iria ele ficar enredado num problema espinhoso de que não podia sair sem lesar gravemente uma das suas filhas? Observou-a, como que implorando alguma compaixão face à sua situação e gaguejou:

- As coisas não são o que aparentam! O seu desejo é mais do que bem-vindo, mas...

- Que se danem os "mas"!... Não me digas que decidiste não casar a

mais nova antes da mais velha. Quem és tu para decidir isto e aquilo? Deixa a Allah o que a Allah pertence! Ele é misericordioso entre todos. Se quiseses, dou-te dezenas de exemplos de filhas mais novas que casaram antes das mais velhas e cujo casamento não impediu o das irmãs com os melhores esposos. Khadiga é uma excelente rapariga e não deixará de encontrar um bom esposo quando Allah assim o entender... Até quando te vais interpor entre Aisha e a sua sorte? Será que não é de igual modo digna do teu afecto e da tua piedade?

- "Se Khadiga é uma excelente rapariga", disse ele de si para si, "então porque a não escolhes tu?"

Esteve para apanhá-la em falta, por seu turno, mas temeu que ela lhe arremessasse, mesmo que bem intencionada, uma resposta afrontosa para Khadiga e por conseguinte para a sua pessoa. Disse numa voz cheia de gravidade e de inquietação:

- Só há uma coisa: tenho piedade de Khadiga!

Ao que ela lhe retorquiu num tom incisivo como se fosse visada pessoalmente:

- Todos os dias, há casos como estes e não são empecilho para ninguém. Allah detesta a pertinácia e a presunção nos seus servidores! Atende a minha súplica e confia em Allah. Não recuses a minha mão pois que a não estendi a ninguém mais antes de ti!

O sayyed Ahmad dissimulou a sua emoção sob um sorriso e declarou:

- É uma imensa honra como lhe disse agora mesmo... Mas conceda-me um. breve prazo, o tempo suficiente para voltar a mim e pôr em ordem os meus assuntos! E então achará a minha decisão digna do assentimento, inshallab!

- Não tenho o direito de te roubar mais tempo - disse num tom de quem pretendia dar por terminada ali a conversa. - E quanto mais discuto, mais me parece que não aceitarás de bom grado o meu pedido. As mulheres como eu desejam, quando te dizem "eu quero", que te apresses a responder "sim" sem tergiversar. Só acrescentarei mais uma palavra ao que já te disse: Khalil é o meu filho e o teu e Aisha é a tua filha e a minha!

Levantou-se e o sayyed Ahmad fez o mesmo para saudá-la. Estava à espera de uma só palavra de adeus, uma saudação, mas ela insistiu, a todo o custo, em lhe rememorar o conjunto das suas recomendações,

como se temesse que alguma coisa lhe escapasse. Repetiu-lhas, pois, ao pormenor e, sem que ele, ou ela, se apercebessem, ela voltou a sustentar alguns dos seus pontos de vista, e a consolidar outros. Depois, cedendo à livre associação de ideias, rendeu-se a estas, sem qualquer freio, e repetiu-lhe na totalidade o que dissera relativamente ao pedido de casamento. E não contente com isso, não quis dar a conversa por concluída sem antes evocar a mãe banida com uma, duas ou três palavras, até que, de repente, tendo sido arrebatada de novo pelo jogo das ideias, aí mergulhou uma outra vez a tal ponto que o homem por pouco não perdeu a paciência. Por fim, esteve quase para rebentar numa gargalhada quando ela lhe disse:

- Não tenho o direito de te roubar mais tempo!

Acompanhou-a até à porta, receando a cada passo que ela estacasse e se atolasse de novo em outros discursos... Por fim, voltou a sentar-se e respirou fundo. Mas estava magoado, triste. O seu coração era sensível! Mais sensível do que muitos o supunham e mesmo mais do que o necessário. Como poderiam nisto acreditar os que apenas o viam fazer esgares e vociferar, ou rir e caçoar? Porque um toque de tristeza que mordida uma parte preciosa da sua carne era capaz de toldar o céu da vida inteira e, segundo ele, macular de lodo o rosto da existência. Como o enchia de felicidade o facto de despender os seus esforços no sentido de tornar as suas duas filhas felizes, tanto aquela em cujo belo rosto via o da sua mãe, como aqueloutra a quem coubera uma pálida pincelada de beleza! Tanto uma como a outra entravam no pulsar do seu coração, no suco da sua alma. Porém, o esposo que a viúva do falecido Shawkat oferecia era um tesouro escondido, com tudo o que esta palavra podia significar! Um jovem de vinte e cinco anos, titular de uma renda mensal não inferior a trinta guines^[97].

É certo que, como inúmeras pessoas da alta sociedade, não tinha qualquer ocupação. É certo que possuía apenas um nível de instrução muito baixo, não ultrapassando o domínio da leitura e da escrita. Mas distinguia-se por um conjunto de qualidades análogas às do seu pai, a bondade, a nobreza dos costumes... O que fazer? Era necessário tomar uma decisão, pois não era hábito seu hesitar ou pedir conselho. Ademais, recusava aparecer diante dos seus, por um instante que fosse, como um ser desprovido de opinião. Pedir conselho aos seus íntimos? Não via aí qualquer inconveniente sempre que uma questão

importante se lhe colocava. De facto, a discussão principiava pelo passar em revista das mágoas e dos problemas, antes de o vinho os transportar a todos para aquele mundo que justamente desconhece mágoas ou problemas. Todavia, assim como era muito obstinado nas suas posições de modo a não se desviar destas, também era dos que na consulta procuram o que possa consolidar o seu ponto de vista e não o que dele os possa afastar. Porém, tal consulta era, mesmo na circunstância, um consolo e uma lufada de ar puro. E quando o homem se cansou dos seus pensamentos, exclamou;

- Quem poderia acreditar que esta preocupação intolerável que me atormenta não é outra coisa senão o resultado de uma graça com a qual Allah me honrou?!

[96] Este termo indicava, na Turquia, um decreto ou um édito do sultão otomano.

[97] Moeda do Egipto.

Amina não teve outra ocupação, durante os seus dias de exílio, a não ser ficar junto de sua mãe, entretendo-a com longas conversas, com evocações que emergiam do encontro do passado recente, do passado longínquo e do presente, entre as doces lembranças e o drama actual. E não fora a dor da separação e a ameaça do repúdio, ter-se-ia deixado ir, confiante, na sua nova existência, como se se tratasse de férias que lhe permitiam descansar da fadiga das tarefas domésticas ou uma viagem imaginária no mundo das recordações. Contudo, aqueles dias passados sem que se produzisse o que receava, acrescidos do relato que lhe haviam feito da intercessão de Umm Mariam e da viúva do falecido Shawkat, tudo isto dera determinação ao seu coração e apaziguara-a. Além disso, as visitas dos filhos, todas as tardes, eram, para o seu coração destroçado pela tristeza, baforadas de uma esperança sempre renovada. E, se bem que o tempo em que ela os não via não fosse muito mais longo na sua nova morada do que na antiga, já que só se lhes reunia, num caso como no outro, nas horas de lazer, na reunião da noite, acabou por sentir saudades deles, como o estrangeiro num país distante sente saudades de entes queridos dos quais foi forçosamente separado pela vida; como quem está privado de respirar o perfume da companhia destes, de viver no meio das suas recordações e escolher para eles o tempo das coisas sérias e o do divertimento; como se o coração, a cada centímetro que o corpo percorre no caminho da separação, sofresse como se de quilómetros se tratasse. A sua velha mãe teimava em dizer-lhe, sempre que colidia contra o seu silêncio ou pressentia algum desvario nas suas palavras:

- Paciência, Amina! Lamento a tua situação. Uma mãe é uma estranha quando se encontra afastada dos seus filhos. Uma estranha, mesmo quando permanece na casa onde nasceu!

Pois era uma estranha, como se aquela casa não fosse o único berço que conhecera a sua existência, como se aquela mãe não fosse aquela cujo afastamento outrora não podia suportar por um só instante. Já não era "a sua casa", mas tão-só o lugar do exílio, entre os muros do qual aguardava fervorosamente o perdão vindo do céu.

E, depois de uma longa espera, o perdão chegou, trazido uma noite

pelos seus filhos. Precipitaram-se para ela, os olhos cintilantes com um clarão semelhante ao relâmpago que surge, um clarão que fez estremecer o seu coração até o peito fremir por completo, a tal ponto que receou ter levado a interpretação além do que lhe era dado aguentar. Mas Kamal correu para ela e suspendeu-se-lhe ao pescoço antes de gritar, não podendo conter a sua alegria:

- Coloca a tua melaya e vamos embora! E Yassin acrescentou numa gargalhada:- Já está, acabou!

Ao que Fahmi, juntando-se-lhe acrescentou:

- O nosso pai chamou-nos e disse-nos: "Ide buscar a vossa mãe..." Ela baixou os olhos para ocultar a alegria extravasante. Quão incapaz era de esconder os vários sentimentos que nela se agitavam, como se o rosto fosse um espelho de extrema sensibilidade que jamais deixava passar no imo do seu ser o mais ínfimo sobressalto sem trair a sua presença. Como teria desejado receber a notícia com a calma apropriada à sua condição de mãe! Mas a alegria dava-lhe asas, os traços do seu rosto desabrocharam e reflectiram um contentamento infantil. Contudo, naquele preciso momento, um sentimento de vergonha, cuja origem desconhecia, invadiu-a. Ficou por um momento petrificada, de modo que Kamal, perdendo a paciência, a puxou pela mão, atirando-se para trás com todo o seu peso até ela se render aos seus desejos e se levantar. Permaneceu alguns instantes em pé, debatendo-se com um estranho enleamento e, virando-se maquinalmente para a mãe, perguntou:

- Vou-me embora, mãe?

A pergunta, que lhe escapara com uma nota de embaraço e de pudor, parecia inusitada. Fahmi e Yassin sorriram. Kamal foi o único a reagir com alguma surpresa, acompanhada de inquietação, e pôs-se a confirmar-lhe as notícias do perdão. Quanto à avó, apercebera-se perfeitamente do seu sentimento e pressentira os seus pensamentos secretos. Apiedou-se e tentou não deixar transluzir qualquer desaprovação, mesmo que por um leve sorriso, ao declarar num tom sério:

- Vai, volta para casa, e que Allah te acompanhe!

Amina revestiu a sua melaya e embrulhou as suas roupas, com Kamal que a não abandonava por um segundo. Nesse ínterim, a avó dirigiu-se aos dois jovens e perguntou-lhes num tom de censura que

ela suavizou com um sorriso afectuoso:

- Não teria sido mais adequado o vosso pai vir em pessoa?

- Mas a avó conhece bem o feitio dele! - respondeu Fahmi como que se desculpando.

Enquanto isso Yassin acrescentava:

- Temos que agradecer a Allah por aquilo que foi!

A avó resmoneou sons ininteligíveis e depois suspirou, como se respondesse à sua rabugice:

- Seja como for, o sayyed Ahmad é um homem sem igual!

Abandonaram a casa com as preces da avó ecoando aos seus ouvidos e caminharam juntos na rua pela primeira vez na vida: a paisagem pareceu-lhes intensamente estranha. Fahmi e Yassin trocaram olhares sorridentes e Kamal lembrou o dia em que, como hoje, andara segurando a mão da sua mãe, conduzindo-a de ruela em ruela, e de todo o sofrimento e susto que se lhe seguira, que pesadelo algum podia abarcar. Espantou-se muito, mas não tardou a esquecer as mágoas do passado face às alegrias do momento. Respondendo à sua tendência para a brincadeira, riu-se ao dizer à mãe:

- Anda, vamos dar um salto até Sayyedna el-Hussein!

Yassin desatou a rir e acrescentou num tom carregado de sentido:

- Que Allah esteja satisfeito com ele, é um mártir, e Ele ama os mártires!

A machrabiyya apareceu-lhes, bem como duas silhuetas que se agitavam por trás da clarabóia. O coração de Amina voou até elas, inchado de ternura e de desejo. Por trás da porta, encontrou Umm Hanafi pronta a acolhê-la, e a mulher cobriu de beijos as mãos da sua senhora. No pátio, encontrou Khadiga e Aisha que se agarraram a ela como duas crianças. Por fim, numa manifestação estrepitosa e num embevecimento de voluptuosa alegria, subiram as escadas. A seguir, detiveram-se todos no seu quarto e, na algazarra dos risos, apressaram-se a retirar-lhe as roupas, símbolo execrado da separação. Quando se sentou entre eles, arquejava de emoção e desassossego. E Kamal, que queria expressar a sua alegria por vê-la, não encontrou nada melhor do que dizer:

- Este dia para mim é mais importante do que o dia do mahmal.

Era a primeira vez, desde há muito, que a família se reunia por completo para a sessão do café. Por isso, naquele dia caloroso que

sucedida a uma semana de frieza, começou-se por retomar a discussão numa atmosfera de regozijo cujas horas de separação e de desespero anteriores apenas serviam para recrudescer a alegria e aumentar o prazer. Contudo, a mãe cujos instintos espertavam, não obstante a satisfação do reencontro, não se esqueceu de interrogar as duas raparigas sobre questões domésticas, procedendo por ordem, desde a sala do forno até à hera e ao jasmim. Colocou outrossim um sem-número de perguntas relativas ao pai e qual não foi a sua alegria ao saber que não permitira que ninguém o ajudasse a retirar ou vestir as suas roupas! Assim, apesar do descanso que gozara com a sua ausência, uma mudança se produzira na disciplina da sua vida, e sem dúvida lhe trouxera uma fadiga que, com o seu regresso, desapareceria, regresso este que lhe assegurava a vida à qual estava afeito e que lhe aprazia. A única coisa que não ocorrera a Amina era que alguns daqueles corações jubilantes com o seu regresso pudessem achar, neste mesmo regresso, uma razão para repisar as suas mágoas e o seu desespero. Mas assim era! Aqueles corações, cuja tristeza da mãe distraíra das suas próprias mágoas, fecharam-se de novo sobre as suas aflições quando ficaram certos da sua salvação, qual uma cólica aguda e súbita nos faz esquecer uma oftalmia crónica, de modo que quando a primeira esmorece, as dores oculares reaparecem. Fahmi começou de novo a dizer para si: "Toda a tristeza, ao que parece, tem um fim! Veja-se o caso da minha mãe: o seu desgosto volatilizou-se! Contudo a minha tristeza parece não ter fim!"

Aisha regressou aos seus pensamentos, cujos segredos ninguém conhecia. Os devaneios agitavam-se ante os seus olhos, as lembranças abatiam-se sobre ela, mesmo se todos a considerassem, quando comparada ao irmão, mais serena e apta a esquecer.

Mas como Amina não lia os pensamentos, nada veio perturbar a pureza da sua felicidade e, quando à noite se dirigiu para o seu quarto, deu-se conta de que o sono não se acomodaria no seu espírito açambarcado pela alegria. Por isso, a ele sucumbiu só por fugazes instantes, até a meia-noite chegar. Então, abandonou o seu leito e pôs-se à espera na machrabiyya, como soía fazer, passeando o olhar, por entre os orifícios dos batentes, pela rua fascinante, até chegar o veículo oscilante que trazia o seu esposo de volta à casa. O seu coração estremecia descompassado e corou de pudor e enleio, como se fosse

encontrá-lo pela primeira vez, como se não houvesse imaginado longamente aquele instante... o instante tão ansiado do reencontro. Como acercar-se dele? Como a trataria, após aquela longa ausência? Que lhe poderia ela dizer ou que teria ele para lhe falar? Se pudesse fingir que dormia! Mas fingia muito mal e não suportava que ele a encontrasse estendida caso entrasse de forma inopinada no seu quarto. Bem pelo contrário, era-lhe impossível falhar ao seu dever de sair até às escadas, o candeeiro na mão, para o iluminar. Mas sobretudo, após a vitória do regresso, sumida a indignação, a generosidade do contentamento espraçou-se no seu coração e ela não só perdoou o passado, como ainda fez recair sobre si todo o peso da culpa, ao ponto de considerar o seu esposo digno de ser atendido, ainda que não se houvesse incomodado em ir até à casa da sua mãe para se reconciliarem. Agarrou no candeeiro, caminhou para as escadas, estendeu o braço por cima da balaustrada e manteve-se em pé, seguindo o ruído dos passos que se aproximavam, o coração palpitante, até que ele se lhe juntou no cimo das escadas. Recebeu-o, cabisbaixa, sem ver o seu rosto no momento do encontro e sem saber que metamorfose se operara quando a vira. Depois, ouviu-o que dizia num tom normal, isento de qualquer vestígio do passado recente e deplorável:

- Boa noite...

- Boa noite, meu senhor! - gaguejou ela.

Dirigiu-se para o quarto e seguiu-o, alteando o candeeiro. Começou a retirar as suas vestes em silêncio e aproximou-se dele no intuito de ajudá-lo. Aplicou-se na sua tarefa, o coração a exalar baforadas de alívio. E, posto que recordasse a funesta manhã da ruptura, quando se erguera para envergar as suas roupas, dizendo, acerbo: "Visto-me sozinho!", aquela lembrança voltou-lhe, despida das sensações de dor e desespero que então a haviam afligido, e sentiu, ao levar a cabo a tarefa que ele não concedera a ninguém mais, que reencontrava o que de mais importante possuía no mundo. Ele sentou-se no sofá e ela sentou-se, por seu turno, pernas cruzadas, sobre um colchão colocado aos pés do sayyed, sem que nenhum dos dois articulasse uma palavra. Esperava que ele sepultasse "o passado lamentável" com uma palavra, um conselho, uma advertência ou qualquer coisa do género. Ela tomara mil disposições, mas este limitou-se tão-só a perguntar:

- Como está a tua mãe?

- Bem, meu senhor - respondeu ela com um suspiro de desafogo. - Manda-lhe os seus cumprimentos e os seus votos!

Um outro momento de silêncio passou antes de o homem declarar com uma espécie de indiferença:

- A viúva do falecido Shawkat informou-me que pretende escolher Aisha para esposa de Khalil!

Amina levantou os olhos para ele com um estupor que dizia o efeito da surpresa. Mas ele encolheu os ombros com menoscabo. E, como se receasse que ela emitisse uma opinião que, quiçá, poderia coincidir com a sua decisão a respeito da qual ninguém havia sido informado, fazendo com que ela julgasse que ele tivera em consideração a sua opinião, adiantou-se e disse:

- Pensei muito sobre a questão e cheguei à conclusão que devo dar o meu consentimento. Não posso opor-me à sorte desta filha por mais tempo. Antes e depois, a decisão a Allah pertence.

Aisha acolheu a boa nova com uma alegria digna de uma rapariga que acalentava o sonho do casamento desde a sua terna infância sem que nada a desviasse deste intento. Por um pouco não acreditava nos seus ouvidos, quando lhe haviam anunciado a notícia. O seu pai consentira deveras? Podia o casamento haver-se tornado numa realidade próxima e não mais ser um sonho com cruéis motejos? Quase três meses haviam volvido desde a decepção que sobre ela se abatera e, embora pungente e inexorável, esta suavizara-se e alijara-se com o decorrer dos dias, até não passar de uma recordação esmaecida que despertava, se despertada, uma dolência leve e sem gravidade. Todas as coisas, naquela casa, se curvavam com uma submissão cega a uma vontade suprema que gozava de um poder ilimitado, comparável em muitos aspectos ao poder religioso. No interior dos seus muros, o próprio amor insinuava-se nos corações com pezinhos de lã, tímido, titubeante, despido de confiança em si. Ignorava, por conseguinte, a violência e a tirania que soía empregar, dado que aí só existia uma tirania, a daquela vontade suprema! Por isso, quando o pai dissera "não", a sua sentença gravara-se no mais fundo do seu espírito e a rapariga acreditara firmemente que tudo terminara, que todo o subterfúgio, o recurso ou toda a esperança eram escusados, como se aquele "não" participasse do movimento cósmico, análogo à alternância do dia e da noite, contra a qual toda a oposição é vã, e apenas é admissível a aquiescência. Aquela convicção obrara do seu lado, sem que ela dissesse se apercebesse, e pusera cobro àquela situação que não mais fora abordada! Mas ela não deixara de se questionar, nos recessos do seu coração, que, caso o consentimento ao seu casamento houvesse sido dado antes do transcorrer dos três meses sobre a data da última recusa, ela não desposaria aquele para quem o seu coração tendia... Seja como for, a questão continuou subjacente. Ninguém a evocou, nem mesmo a sua mãe. Pois que manifestar contentamento pelo esposo, enquanto pessoa abstracta, era já considerado como um descaramento que atentava contra o pudor. Então, imaginem o que seria revelar o seu desejo por um homem em particular! Mas apesar disso e não obstante o facto de ignorar tudo acerca do novo esposo,

exceptuando os comentários da sua mãe, atirados no meio dos comentários gerais da família, ela acolhera a boa nova com felicidade e que felicidade! Parecia-lhe que os seus sentimentos sequiosos haviam encontrado, na sua paixão ardente, um pólo onde ancorar, como se o seu amor, mais do que um apego por um determinado homem, fosse uma espécie de "disposição" e que bastava que um deles fosse eliminado e por outro substituído para que a sua disposição achasse o que a contentasse. Assim, as coisas entraram na ordem: é evidente que um determinado homem, mais do que qualquer outro, podia merecer uma preferência, mas não a ponto de corromper o prazer da vida ou instigá-la à revolta e à desobediência. E com o enlevo da sua alma e o seu coração palpitante de júbilo, uma ternura e uma piedade puras manavam de dentro de si voltadas para a sua irmã e ela desejou que esta última a houvesse precedido no matrimónio. Disse-lhe, aliando desculpas e encorajamentos:

- Teria desejado que me precedesses no caminho do casamento! Mas é o destino. Todas as coisas virão a seu tempo!

Khadiga, para quem o consolo era insuportável no momento da derrota, acolheu aquelas palavras com um profundo despeito que não escapou à irmã. Já a mãe se desculpara, dizendo com a sua delicadeza e o seu acanhamento habituais:

- Todos nós tínhamos esperanças que a tua vez viria em primeiro e laborámos neste sentido por mais de uma ocasião, mas talvez a nossa obstinação perante coisas que estão fora do nosso alcance haja originado obstáculos à tua sorte. Deixemos as coisas acontecer em conformidade com a vontade de Allah. Todo o atraso possui aspectos positivos!

Encontrou sentimento análogo de parte de Yassin e de Fahmi. Estes ora lho manifestavam abertamente por palavras, ora mediante as atenções com que a rodeavam e que haviam substituído, embora temporariamente, os sarcasmos que habitualmente eram arremessados entre ela e os seus irmãos, em especial entre ela e Yassin. Na verdade, a sua tristeza face ao infortúnio só igualava a sua irritação perante a compaixão que se derramava do seu círculo, não por uma repulsão face a uma atitude que era constitutiva da sua natureza, mas porque, na sua situação, se podia equiparar ao doente que apanhou gripe e a quem é nocivo expor-se ao ar livre, ao ar livre

que geralmente o revigora, quando de boa saúde. Pouco lhe importava uma compaixão que ela sabia ser uma alternativa inútil a uma esperança perdida. Talvez suspeitasse outrossim dos motivos que os levavam a rodeá-la com tal piedade: acaso não havia sido a sua mãe, desde sempre, o intermediário entre as casamenteiras e o seu pai? Ora quem podia asseverar que ela o assumia de feição a levar a cabo o seu papel de dona de casa e não movida pelo secreto anseio de casar Aisha? Não fora o próprio Fahmi que lhe comunicara a mensagem do oficial da esquadra de el-Gammaliyya?... Não lhe teria sido possível encontrar, discretamente, um meio de lhe fazer mudar de ideias? Seria Yassin?... Mas como podia censurar Yassin, quando os seus próximos a haviam ludibriado? Mas que piedade era aquela, ou melhor, que hipocrisia e que mentira! Por isso, sentia-se agastada e assimilava-a a uma ofensa, não à benevolência. Encheu-se de uma fúria e de um despeito que no entanto ela enterrou nos recessos de si, com medo de parecer desaprovar a felicidade da sua irmã ou de se expor, assim lhe haviam descrito a sua maledicência, à alegria maliciosa dos que se regozijam com os infortúnios dos outros. De resto, ela só podia esconder os seus sentimentos, pois a dissimulação era, naquela família, em particular quando tocava a sentimentos, um hábito bem ancorado e uma necessidade moral que a sombra do terror paterno impunha. Assim, entre fúria e despeito por um lado, dissimulação e contentamento fingido por outro, ela passou a viver um contínuo suplício, numa mágoa de cada instante. E o seu pai?! O que o levava a renunciar à sua antiga decisão? Acaso se lhe tornara desprezível, depois de haver gozado da sua estima? Acaso perdera a paciência de esperar pelo seu casamento e resolvera-se a sacrificá-la e entregá-la aos decretos do destino? Estava siderada ao ver que desistiam dela como se nada fosse! Na sua exaltação, esquecia a atitude anterior daqueles, na época em que tomavam a sua defesa, e só recordava a última "traição". Mas aquela cólera generalizada nada era quando comparada com os sentimentos de ciúme e de ódio que o seu coração alimentava por Aisha. Odiava a sua felicidade e ainda mais a sua ocultação de tal felicidade. Odiava a sua beleza que lhe parecia, qual a lua cheia rutilante diante do homem acossado, um instrumento de suplício e de tormento. E além do mais, odiava a vida que doravante tão-só lhe reservava desespero. E os dias sucediam-se para extremar a

sua tristeza, face a todas as prendas, às amabilidades do esposo que traziam até casa, todos os motivos de alegria e de regozijo que alastravam por todo o lado. Achou-se, destarte, cruelmente insulada. Os desgostos proliferavam dentro de si como insectos num charco de água estagnada. A seguir, o chefe de família principiou a constituir o enxoval da noiva e a discussão em torno deste monopolizou as reuniões vespertinas da família. Eram propostos à noiva vários estilos de mobília, de guarda-vestidos; ela pasmava de admiração diante de alguns, rejeitava outros, ponderava isto e aquilo, com um cuidado que fazia com que todos esquecessem a irmã mais velha, bem como o consolo e as atenções que lhe eram devidos. Esta viu-se mesmo compelida, em virtude da complacência que ostentava, a participar da alegria e do entusiasmo gerais e das infundáveis discussões. Mas aquela situação afectiva complexa que, a um estranho à família, podia parecer o sinal de um mal com sérias consequências, mudou num repente, quando a reflexão incidiu no vestido da noiva e, por conseguinte, quando os olhares se suspenderam em Khadiga e nela se concentraram toda a atenção e toda a expectativa. Ela aguardara aquele dever como sendo algo de incontornável, um dever cuja forçosa aceitação a fazia desesperar. Não podia recusar, sem dar a ver os seus sentimentos ocultos. Mas, quando os olhos se ergueram para ela e a sua mãe lhe recomendou que cuidasse bem da sua irmã, quando esta a observou, acanhada e expectante, e Fahmi disse a Aisha na sua presença: "Não serás uma noiva digna deste nome enquanto Khadiga te não houver confeccionado o teu vestido de noiva", e Yassin, comentando as suas palavras, acrescentou: "Tens razão... eis uma verdade incontestável!", depois de tudo isso, a sua fúria amainou e o pudor reprimiu a sua exaltação. Os seus bons sentimentos, sepultados, voltaram à superfície como a água doce faz eclodir o verdor das sementes que sob a argila dormem. Ao invés do que sucedera com a piedade "factícia" daqueles, Khadiga não duvidou dos motivos de semelhante interesse, porque tinha a convicção de que era sincero e se dirigia à sua inegável perícia. Era como um reconhecimento unânime da sua prevalência e envergadura, mas também do facto de os elementos constitutivos daquela felicidade, que se negava a ficar do seu lado, não estarem todos reunidos enquanto não participasse directamente. Acolheu esta nova tarefa com uma disposição despojada

das suas agruras rancorosas. É certo que estas se apossavam daquela família como o fazem com a maior parte dos humanos, mas sem nunca aí conquistarem um coração realmente mau, onde pudessem introduzir-se e criar raiz. Existia, a bem dizer, entre eles, alguns sempre prontos a deflagrarem numa propensão para a cólera análoga à propensão para o álcool, mas rapidamente a fúria abrandava, os cérebros reaviam a lucidez, os corações perdoavam, lembrando os dias do Inverno egípcio cujas nuvens se toldam até trazerem chuviscos, antes de devolverem ao firmamento, ao cabo de uma hora ou de algumas horas, a sua cor azul e o seu sol radioso.

Todavia, Khadiga não esquecera por completo as suas mágoas, a bondade lavara-a tão-só do rancor e do ódio. Com o volver dos dias, censurou menos Aisha ou qualquer um dos seus próximos do que a sua sorte que se tornou alvo do seu despeito e da sua revolta, aquela sorte que, no campo da beleza, a servira de forma tão parcimoniosa, que protelara o seu casamento além dos vinte anos e manchara o seu futuro com angústias e temores. Mas, por fim, entregou-se, como a sua mãe, à força do destino. O seu lado impulsivo, herdado do pai, bem como a sua complexidade, herdada do seu meio, sendo, tanto um como outro, incapazes de resolverem o seu destino infeliz, encontrou a salvação, ao refugiar-se no lado pacífico que lhe advinha da mãe. Assim, entregou-se à fatalidade, como um general que, não conseguindo atingir o seu objectivo, escolhe um sítio que oferece uma protecção natural para aí estacionar a sua retaguarda em debandada ou apelar à concórdia e à paz. Começou a lamentar o facto de tanto se ter dedicado à oração e às confidências a Allah, o Clemente. Desde criança, imitara a mãe no tocante à sua religiosidade e à sua observância dos deveres inerentes, com uma perseverança que denotava o espertar do seu sentimento religioso, não como Aisha que abraçava a devoção por ímpetos espaçados e não suportava aí se quedar. Quantas vezes se espantara, quando comparava a sua própria sorte com a da irmã, ao ver a sanção severa que lhe valia a sua devoção sincera e a recompensa que a outra retirava da sua desenvoltura...

- Faço regularmente todas as minhas orações rituais, mas ela não consegue aguentar dois dias consecutivos. Faço o jejum durante todo o Ramadão, mas ela jejua um ou dois dias, após o que finge e, às escondidas, vai à despensa encher a barriga com nozes e amêndoas, o

que não a impede de, todas as noites quando ouve o disparo do canhão, [\[98\]](#) se precipitar para a mesa antes dos que ainda nada comeram!

Mesmo no tocante à beleza, não conseguia dar-se por vencida de forma incondicional perante Aisha. É evidente que nunca andara a clamar a sua opinião junto de ninguém! Pelo contrário, preferia culpar a sua própria pessoa, de modo a desarmar os seus agressores emboscados, o que não a impedia de observar demoradamente o seu rosto no espelho e de fazer para si confidências do género: "Aisha é bela, é indubitável, mas é magra! A gordura é já metade da beleza. Eu sou bem gordinha e por um pouco a redondez do meu rosto dissimularia a espessura do meu nariz! Basta que a minha sorte se torne mais activa!" Porém, a última crise fizera-lhe perder a autoconfiança. E, se bem que reiterasse, numerosas vezes, estas mesmas confissões sobre a beleza, a corpulência e a sorte, regressava a estes pontos desta vez para varrer a excruciante sensação que a oprimia, como em certas ocasiões recorremos à lógica para nos reconfortarmos relativamente a temas como a saúde, a felicidade, o desgosto, o amor ou o ódio, tudo coisas que nada têm a ver com a lógica...

Amina não esquecera Khadiga, não obstante as tarefas que eram da sua incumbência, na sua qualidade de mãe da noiva, a não ser que a alegria que uma delas lhe causava lhe relembrasse a tristeza que sentia pela irmã, do mesmo modo que o alívio que nos é dado nos traz à memória a acção de um analgésico, que adormenta a dor que não tardará a ressurgir dentro em breve. E, como o casamento de Aisha despertava os seus velhos temores em relação a Khadiga, procurou reconfortar-se por todos os meios e mandou Umm Hanafi junto do sheikh Raouf, em el-Bab el-Akhdar, munida de um lenço de Khadiga para que lhe predissesse o futuro. A mulher voltou com um semblante de boa nova e disse à sua senhora que o sheikh lhe declarara: "Não tarda nada que me tragas duas libras de açúcar!" E, se bem que não fosse a primeira boa nova do género que lhe houvesse sido dada acerca de Khadiga, esperou que daí adviesse algum bem e acolheu-a alegre, como um sedativo para a angústia que a não desamparava.

[\[98\]](#) Durante o mês do Ramadão, em que é obrigatório jejuar desde o

nascer ao pôr do Sol, a refeição quotidiana que quebra o jejum (iftar) é anunciada no Cairo por um tiro de canhão, disparado da Cidadela.

39

- Ainda não chegou a hora, filha da puta? Derreti, ó Muçulmanos, derreti como um sabonete, do qual só restou a espuma! E ela sabe isso e não quer abrir a janela! Vá lá, faz o teu número de sedução... Filha da puta! Não havíamos chegado a um acordo acerca deste encontro? Mas tens razão... uma só mama do teu peito bastaria para arrasar Malta... e a outra faria Hindenburg perder a razão! Tens dentro de ti um tesouro! Senhor, poupai-me! Poupai-me, bem como todos os pobres diabos como eu que frente a dois seios túrgidos, um traseiro roliço e olhos delineados com khôl passam noites em claro... Os olhos delineados com khôl em última instância, já que uma cega com nádegas rechonchudas e seios redondos vale por certo mil vezes mais do que uma magricela alisada com uma plaina e com os olhos maquilhados. Ó filha da cantora, ó minha vizinha, tu que habitas perto da viela de et-Tarbia...! A cantora ensinou-te as regras da sedução, a viela for-nece-te os segredos da beleza. Resultado, os teus seios incham de tantos amantes brincarem com eles! Havíamos chegado a um acordo acerca deste encontro, não estou a sonhar! Anda lá, abre a janela, filha da puta, abre, tu, a mais bela de todas as que fizeram tremer o umbigo! Saborear os teus lábios, chupar o bico dos teus seios! Esperarei até à aurora! Só tens de levantar o dedo mindinho: se queres que eu seja a parte posterior da carroça sobre a qual oscilas, sê-lo-ei! Se queres que eu seja o burro que puxa a carroça, sê-lo-ei! Que tortura, pobre Yassin! Que fracasso, ó filho de Abdel Gawwad! Os Australianos riem dos teus infortúnios. Pobre de mim, exilado de el-Azbakiyya, prisioneiro de el-Gammaliyya. É a guerra, Ó povo! Guilherme desencadeia-a na Europa e sou eu que pago por causa disso em en-Nahhasin... Abre a janela, alma da tua mãe, abre a janela, minha alma...

Yassin começou desta forma a falar consigo, sentado num banco do café de Si^[99] Ali, os olhos erguidos para a casa de Zubaida, a cantora, através da lucarna que dava sobre el-Ghuriya.

Sempre que o desalento o consumia, afundava-se nos seus sonhos para aí apaziguar e excitar os seus desejos, como aqueles soníferos que curam a insónia, mas debilitam o coração. Já havia dado um passo

feliz na corte que fazia a Zannouba, a tocadora de alatide, uma corte que o levava desde os preliminares - frequentar à noite de maneira assídua o café de Si Ali, espiar, caminhar atrás da carroça, fazer sorrisinhos, enrolar os bigodes, dar à sobancelha - até às negociações e à preparação para a acção. Acontecera na viela comprida e exígua de et-Tarbia, que serpenteava sob a sua cobertura de toldos, no meio das suas lojas, aglutinadas nas suas bermas como colmeias. et-Tarbia não era novidade para ele. Como o poderia, se aquele era o mercado das mulheres, onde todos os estratos sociais se confundiam, onde elas afluíam numerosas para comprar em grande quantidade substâncias olorosas voláteis mas muito proveitosas, que se tomariam numa fonte de alegria, de beleza e utilidade, et-Tarbia era o seu alvo, quando nenhum destino certo guiava os seus passos. Era o local de pastagem na sexta-feira de manhã. Percorria-o vagarosamente, consoante a multidão e o desejo em simultâneo, de uma ponta a outra, como se passasse em revista as lojas para escolher algum artigo, quando na verdade examinava nos rostos e nos corpos, o que um véu retirado deixava entrever ou as formas avantajadas que o drapejado de uma melaya mais apertada moldava, tudo o que, no geral ou em algum pormenor, se oferecia ao seu olhar, respirando os perfumes subtis que aqui e ali se exalavam, atento às vozes que coavam de quando em vez e aos risos sussurrados, observando normalmente os limites da decência, tendo em conta a prevalência dos bons elementos entre a multidão das visitantes, limitando-se a ver, cotejar, criticar, enquanto delas respigava o que os seus olhos conseguiam capturar como imagens que ornamentavam o museu da sua memória. Nada podia exceder a sua felicidade, quando o seu olhar descortinava uma pele clara que jamais vira antes, uns olhos que nunca cruzara outros iguais, um peito invulgarmente desconforme e formoso, de modo que por vezes ao recapitular as suas visões, dizia para si: "Hoje são os seios da senhora que estava parada em frente da loja que levam vantagem!" ou: "É o dia do traseiro que ultrapassa o tamanho cinco!" ou: "Que mala, que mala, é o dia das malas resplandecentes!" Pois o seu temperamento conduzia-o a cobiçar o corpo da mulher, e pouco caso fazendo da personalidade, e depois a centrar a sua atenção em certas partes daquele corpo, fingindo ignorar o conjunto. Era como se ressuscitasse e renovasse de forma incessante as suas esperanças, na

qualidade de homem não tendo no seu universo outro propósito senão as mulheres, quer se tratasse de oportunidades eventuais que aquele dia ou o seguinte lhe reservavam, quer se tratasse de belas presas que raramente se lhe ofereciam durante aquele tipo de digressões sexuais.

Numa dessas tardes, estando ele sentado no seu posto, sob a lucarna do café de Si Ali, viu a tocadora de alaúde que deixava a casa sozinha. Levantou-se de imediato e pôs-se a segui-la. Ela virou na direcção da rua de et-Tarbia e ele virou por seu torno, no seu encalço. Depois, ela parou numa loja e ele parou a seu lado. Aí, ela aguardou que o droguista terminasse de atender alguns clientes e ele aguardou. Como não se virava para ele, deduziu perante este "desinteresse fingido", que ela reparara na sua presença e que fatalmente, e desde o início, pressentira que a seguia.

- Boa noite - segredou-lhe junto ao ouvido.

Ela continuou a olhar em frente, mas ele não pôde deixar de reparar num trejeito sorridente nas comissuras dos seus lábios, em resposta ao seu cumprimento ou como recompensa pela assiduidade que demonstrava ao segui-la, noite após noite. Ele soltou um suspiro de alívio e de triunfo, seguro de colher o fruto da sua paciência, com a água do desejo na boca, qual glutão esfaimado a cuja narina adeja o aroma do assado confeccionado propositadamente para ele. Julgou sensato simular que haviam chegado juntos e pagou o montante das suas compras em hena e raízes de romãzeira, com a boa disposição de um homem persuadido de estar a adquirir, ao cumprir aquele dever aprazível, um direito ainda mais agradável e deleitoso, e isto sem se perturbar com a tendência, que ela parecia dar mostras, para aumentar as suas compras, assim que se convencera de que ele as pagaria. No caminho de regresso, disse-lhe com a pressa de quem vê chegar com receio o fim do caminho:

- Rainha da graça e da beleza, passei a minha vida atrás de ti, disso és testemunha. A recompensa do apaixonado limitar-se-á a um simples encontro?

Ela devolveu-lhe um olhar malicioso e perguntou com ironia:

- Um simples encontro?

Ele estava à beira de rir de todo o corpo e alma, como sempre sucedia quando a embriaguez da alegria o transportava, mas apressou-se a cerrar hermeticamente a boca, com medo de provocar uma

algazarra susceptível de atrair os olhares e respondeu-lhe num murmiário:

- O encontro e os seus acessórios! Ela tomou um tom de reprovação:

- Todos querem "o encontro" como se nada fosse..., uma palavra anódina, mas dizendo isto, têm em mente um projecto de envergadura que em casa de certas pessoas só se consegue levar a cabo mediante o pedido, a recomendação, a recitação da Al-Fatiha, o dote, o enxoval e o mazonl Não é assim, senhor afandi, tu que és quase tão alto e largo como um dromedário?!

Ele corou com uma espécie de enleio.

- E esta! - disse ele. - Isto é que é colocar alguém no seu devido lugar! Por mais severa que esta repreensão seja, vinda dos teus lábios é mel! Não é assim o amor, rainha de beleza, desde que Allah criou a terra e os que nela habitam?

Ela respondeu, erguendo as sobrancelhas até que estas roçassem as extremidades do arcos do seu véu, qual libélula que desdobra as suas asas:

- Mas quem me haveria ensinado as coisas do amor, meu dromedário? Não passo de uma tocadora de alaúde e nada mais! Será que o amor também tem acessórios?

Tentando abafar o riso, ele disse:

- Eles são com os acessórios do encontro uma só e mesma coisa!

- Nem mais nem menos?

- Nem mais nem menos! Nem um grãozinho a mais ou a menos!

- Então talvez seja aquilo a que chamam adultério?

- Em carne e osso!

Ela rebentou numa gargalhada.

- Tudo bem! - disse ela. - Espera no sítio onde costumavas esperar todas as noites, no café de Si Ali, e, assim que eu abrir a janela, sobe até casa!

Ele esperou uma noite, outra e mais outra. Na primeira noite, ela saiu com o grupo de carroça; na segunda, partiu com a cantora numa caleche e na terceira, não houve o mínimo sinal de vida na casa. Todavia, ele mantinha-se ali à espera, com os nervos cervicais enrugados de tanto fixar a janela.

A noite avançava, as lojas fechavam as portas, as ruas tornavam-se desertas e a escuridão invadia el-Ghuriya. Sentiu então, como lhe

sucedida muitas vezes na solidão da rua e na escuridão, um estranho incitamento que lhe dizia para ir colher o seu desejo na palma da sua mão. O seu desespero agudizou-se. Mas todas as coisas têm um fim, mesmo a espera que parece interminável. Foi assim que, vindo da janela afogada na escuridão, lhe chegou um ruído que lhe insuflou uma nova esperança. Assim se alastra a esperança na alma dos que, estando no Pólo, se perderam, quando lhes chega aos ouvidos o roncar do avião que supõem vir buscá-los no meio do gelo.

De repente, apareceu uma abertura, deixando filtrar um raio de luz. Depois, a silhueta da tocadora de alaúde iluminou-se no meio da fenda e ele levantou-se prontamente para deixar o café e atravessar a rua até à casa da cantora. Empurrou a porta sem bater e esta abriu-se como se uma mão houvesse puxado o ferrolho.

Precipitou-se para o seu interior e achou-se numa espessa escuridão onde não conseguia dirigir-se para as escadas; por isso ficou onde estava, no sentido de evitar bater em alguma coisa ou tropeçar. Foi então que lhe ocorreu questionar-se um tanto aflito se Zannouba não o haveria convidado às ocultas da cantora, se esta lhe permitia ver os seus amantes em sua casa. Mas pôs a língua de fora em sinal de despreocupação, visto que nenhuma barreira podia fazer com que desistisse de uma aventura e que a captura de um apaixonado, numa casa cujos muros velam sobre os corações dos amantes, não era nada cujas consequências devesse temer. Parou de pensar, quando uma luz baça lhe surgiu, caindo do alto. Observou o seu ondear sobre os muros que a pouco e pouco se aclaravam e enxergou a sua posição, a um palmo de distância do primeiro degrau das escadas situadas à sua direita. Não tardou muito a ver Zannouba que chegava, um candeeiro na mão, e ébrio de desejo juntou-se-lhe, apertando com ternura o seu braço, grato e ansioso, enquanto ela soltava uma doce gargalhada que apesar da sua suavidade revelava a sua ausência de desconfiança.

- Esperaste muito tempo? - perguntou com malícia.

Ele brincou com as madeixas que caíam sobre as suas têmporas e disse queixando-se;

- Os meus cabelos tornaram-se brancos! Que Allah te perdoe! - E acrescentou com uma voz lamurienta;

- A senhora está cá?

- Sim...- respondeu ela, imitando a sua voz segredada, em jeito de

troça. - Está a sós com um amigo tão importante como o mundo ...

- Não se zangará se souber que estou aqui a estas horas? Zannouba virou-lhe as costas, encolhendo os ombros com desdém, e subiu as escadas dizendo:

- Haverá hora mais apropriada para um amante da tua laia?

- Então, não se importa que nos encontremos em sua casa?

Zannouba abanou a cabeça com um movimento dançante:

- Talvez o único mal, para ela, seja que não nos reunamos!

- Viva ela!... Viva ela!

Depois a rapariga disse num tom impregnado de orgulho:

- Não sou uma simples tocadora de alaúde! Sou também a sua sobrinha e nada há que seja em demasia para mim! Anda, vem, nada tens que recear!

Quando alcançaram o corredor, ouviram os ecos álares de uma canção, acompanhada pelo alaúde e o tamboril. Yassin escutou por um momento, antes de perguntar:

- Trata-se de algum encontro privado ou de uma festa?

- As duas coisas em simultâneo! - segredou-lhe ela ao ouvido. - O amante da sultana é um melómano, um homem de temperamento. Não suporta que o seu cenáculo esteja privado por um segundo que seja do alaúde, do tamboril, da bebida e do riso... Oxalá que te tornes como ele!

Ela dirigiu-se para uma porta, abriu-a e entrou, com Yassin que a seguia. Pousou o candeeiro sobre uma consola e parou frente ao espelho para aí mirar-se com um olhar circunspecto. Yassin esqueceu então Zubaida e o seu amante melómano e cravou os olhos famintos no corpo desejável que se lhe oferecia, despido pela primeira vez da melaya. Fitou-o com veemência e concentração, fazendo com que os seus olhos se movessem suave e deleitadamente, de cima a baixo, de baixo a cima... mas, antes de pôr em prática uma única das dezenas de intenções que dentro dele borbulhavam, Zannouba declarou, como se prosseguisse o seu discurso interrompido:

- É um homem que não tem o seu igual no que toca a gentileza e a sensibilidade musical. Quanto à generosidade, poderia continuar a falar até amanhã! É assim que deve ser o amor...

Os subentendidos contidos naquela alusão à "generosidade" do amante da cantora não lhe passaram despercebidos e, se bem que de

antemão se houvesse convencido de que o seu novo amor acarretaria despesas exorbitantes, a alusão da rapariga, por mais anódina que pudesse parecer, deixou-o desconfortável e só pôde dizer, levado pelo instinto de sobrevivência:

- Deve ser um homem muito rico!

- A riqueza é uma coisa, a generosidade é outra! - exclamou Zannouba, numa réplica às suas manobras. - Há muitos ricos avarentos...

Yassin perguntou, não porque quisesse saber, mas para quebrar um silêncio que talvez provocasse a irritação da rapariga:

- Mas quem será este homem tão generoso?

Ela respondeu, girando a pequena roda do candeeiro, para puxar a mecha:

- É do nosso bairro, de certeza que já ouviste falar dele... é o sayyed Ahmad Abdel Gawwad!

- Quem...?

A tocadora de alaúde voltou-se para ele admirada, para ver o que o apavorara assim, mas encontrou-o hirto, com os olhos que lhe saíam das órbitas.

- Que tens? - perguntou, com um tom de censura.

O nome que ela acabara de pronunciar fizera-lhe o efeito de uma massa abatendo-se com violência sobre o seu crânio e a pergunta escapulira-se-lhe num grito de pânico sem que ele se apercebesse. Permaneceu alheado durante alguns instantes de pasmo até o rosto de Zannouba lhe surgir com uma expressão de surpresa e de incompreensão. Receando ser descoberto, ele concentrou toda a sua força de vontade para defender a sua posição, determinado a fingir para ocultar a sua confusão. Bateu as palmas, uma contra a outra, como se não acreditasse no que acabara de lhe ser dito, dada a austeridade que ele lhe supunha, e tartamudeou:

- O sayyed Ahmad Abdel Gawwad! O dono da loja de en-Nahhasin? Ela encarou-o com um olhar de acerba crítica por estar a importuná-la sem motivo algum e perguntou-lhe num tom sarcástico:

- Sim, é ele... e então, porque estás a gritar como uma jovem prestes a perder a virgindade?

Riu maquinalmente e atónito acrescentou, louvando Allah em segredo por não ter revelado o seu nome por extenso no dia em que se

havam conhecido:

- Quem o diria, sendo um homem tão digno e devoto?!

Ela lançou-lhe um olhar carregado de suspeição e volveu, trocista:

- Foi por isso que te assustaste?... Nada mais?! Julgavas talvez que era um homem infalível!... E o que há de repreensível nisso?...

Porventura não é através do amor que o homem se completa?

- Tens razão - disse em jeito de desculpa. - Não nos devemos espantar com nada neste mundo!

Depois, rindo nervosamente, acrescentou:

- Imagina aquele homem digno a fazer a corte à sultana, a beber vinho e extasiar-se com o canto...!

- E além do mais, toca o tamboril com mais talento do que Ayyusha, a tocadora do tamboril! - disse Zannouba completando o discurso de Yassin num tom outra vez sarcástico. - Ele distribui dichotes como se fossem pérolas e faz morrer de riso os que estão à sua volta. E não é de espantar, depois de tudo isto, vê-lo na loja, qual modelo de seriedade e de respeitabilidade... porque a seriedade é a seriedade e o divertimento é o divertimento! Uma hora para Allah, uma hora para o coração!...

Tocava tamboril com mais habilidade do que Ayyusha, a tocadora do tamboril!... Distribuía gracejos que faziam morrer de riso os que se achavam em seu redor! Quem era aquele homem? O seu pai, o sayyed Ahmad Abdel Gawwad?!... O austero, o déspota, o terrível, aquele que temia Allah, o pio, o que aterrorizava os seus próximos? Como crer no que ouvia?... Como?!

Como?!... Não se trataria porventura de um caso de homonímia? Não existia talvez qualquer ligação entre o seu pai e aquele tocador de tamboril? Mas Zannouba afirmara que o sayyed era proprietário da loja existente em "en-Nahhasin" e en-Nahhasin não tinha outra loja com o mesmo nome para além da do seu pai!... Meu Deus! O que ouvira seria realidade ou alucinação?... Que vontade de descobrir por ele próprio a verdade, vendo com os seus próprios olhos, sem intermediários!

Aquele desejo apossou-se de imediato dele e realizá-lo pareceu-lhe a coisa mais importante de toda sua existência. Não pôde resistir, sorriu para a rapariga meneando a cabeça como faz o homem sábio, como quem diz: "Que tempo é este em que vivemos, tão cheio de coisas

estranhas!" Depois perguntou-lhe, com o tom de quem é instigado pela curiosidade:

- Poderia observá-lo sem ser visto?

- O teu pedido é esquisito! - disse Zannouba, protestando. - Qual a razão desta espionagem?!

- É um espectáculo que merece ser visto, não me quero privar dele!- respondeu o rapaz com um ar de súplica.

Ela riu, sardónica:

- Um cérebro de criança num corpo de dromedário! Não é assim, meu dromedário?... Mas morra quem não atenda o teu pedido...

Esconde-te no corredor, eu vou entrar com uma travessa de frutas e deixarei a porta aberta até voltar...

Deixou o aposento e ele seguiu-a com o coração a palpar. Depois, encolheu-se num dos ângulos do corredor imerso na escuridão, enquanto a tocadora de alaúde continuava a caminhar em direcção à cozinha. Ao cabo de alguns instantes, voltou carregando uma travessa com uvas e dirigiu-se para a porta donde emanava o canto. Bateu, aguardou alguns instantes, depois empurrou-a e entrou sem fechá-la atrás de si. Naquele momento a assembleia musical apareceu no fundo do aposento com Zubaida no centro estreitando o alaúde nos seus braços e dedilhando as cordas com os dedos enquanto cantava "Ó muçulmanos, ó povo de Deus". Era "o seu pai" que estava sentado perto dela e ninguém mais - ao vê-lo, as palpitações do seu coração aceleraram - havia retirado a gubba, com as mangas arregaçadas, e agitava o tamboril diante dele ^[100], os olhos fixos na cantora com um semblante que exprimia hilaridade e alegria.

Embora a porta ficasse aberta somente até Zannouba voltar, ou seja, durante um ou dois minutos que lhe permitiram avistar um espectáculo assombroso, uma vida misteriosa, uma longa história no fim da qual ele despertava como quem desperta de um sono longo e profundo com o estremecer de um violento terramoto. Em apenas dois minutos havia-lhe sido desvelada toda uma existência, condensada num quadro, como quem vê num sonho fugaz uma única imagem que agrega eventos que, no mundo real, se sucederam no decorrer de muitos anos. Vira o seu pai, ele e ninguém mais, mas não como se habituara a conhecê-lo; porque jamais o vira sem gubba participando numa reunião alegre daquele género. Jamais o vira, os cabelos negros

emaranhados como se acabasse de chegar a correr, de cabeça descoberta. Jamais vira a sua perna nua assim exposta aos olhares sobre o sofá, debaixo de uma ponta do cafetã arregaçada. E jamais vira, tendo entre as mãos - sim, por Allah! - o tamboril que vibrava emitindo sons arrastados produzidos pelos discos de metal, alternando com leves percussões sobre a pele daquele instrumento. Jamais vira, e talvez esta fosse a coisa mais surpreendente, aquele rosto jovial, radioso, banhado de amor e de quietude, que o deixara aturdido como acontecera com Kamal quando o avistara a rir à frente da loja, no dia em que fora ter com ele movido pelo desejo de resolver a situação da mãe. O espectáculo durara apenas dois minutos e, quando Zannouba fechou a porta e voltou para o quarto, ele ficou onde estava a escutar o canto e o tinido prolongado do tamboril, com a cabeça tomada de vertigens. Era a mesma voz que ele ouvira ao entrar em casa, mas que mudança desde que aquela impressão marcara o seu espírito! Que significados, que imagens novas transmitia agora à sua sensação? Era como o tinir do sino da escola ao qual a criança sorri se o ouve fora dos muros da escola, mas que se torna o sinal que anuncia inúmeras dificuldades caso o ouve no meio dos alunos. Zannouba bateu na parede do quarto, convidando-o a juntar-se a ela. Ele emergiu do seu alheamento e foi ter com ela, tentando dominar-se de modo a não parecer perturbado ou apavorado na sua presença e ostentou nos lábios um sorriso.

- O que acabaste de ver fez com que te esquecesses de ti mesmo?!
- É um espectáculo invulgar - disse num tom que expressava alegria e contentamento- , um canto admirável!
- Gostarias que fizéssemos como eles?
- Na nossa primeira noite?!... Oh, não! Não te quero partilhar com ninguém, nem mesmo com o canto!

E se de início se esforçara por falar de modo a parecer diante dela, e também diante de si mesmo, sereno e natural, acabou por se entranhar em discursos sem a isso ser obrigado, tentando recuperar, o mais rapidamente possível, o seu estado normal, como quem afecta um ar acabrunhado num funeral e acaba por verter lágrimas verdadeiras. Não obstante isto, de repente, foi de novo invadido pelo estupor, e disse para si mesmo:

"Estou admirado por causa de uma situação que antes nunca me

teria ocorrido: eu aqui na companhia de Zannouba e o meu pai no quarto ao lado, com Zubaida, ambos na mesma casa!"

Mas em breve, com um encolher de ombros, prosseguiu o seu monólogo interior:

"Mas para quê me espantar com um acontecimento e considerá-lo extraordinário uma vez que me dou conta de que é real?... Ele está lá; é absurdo perguntar-me, atônito, se é possível acreditar em tal coisa... Tenho de acreditar embora esteja espantado!... De resto, o que se pode censurar-lhe?"

Aquela reflexão não lhe trouxe meramente satisfação mas também uma alegria que superou todas as previsões; não que ele necessitasse de algum estímulo para prosseguir na senda dos sentidos, mas porque, como a maior parte dos que se embrenham na luxúria, apreciava a companhia de um seu semelhante, e tanto melhor se o encontrava na figura do seu pai, o modelo tradicional que, de forma mais ou menos consciente, tantas vezes o incomodara, ao lhe notar pontos de vista totalmente opostos.

Yassin fingiu esquecer tudo, menos a sua alegria, como se esta fosse a conquista mais preciosa da sua vida, e experimentou pelo pai um amor e uma admiração novos, diferentes do amor e da admiração que nutrira por ele no passado, nascidos sob um denso véu de respeito e de temor. Um amor e uma admiração que irrompiam das profundezas do seu ser, embebiam as raízes mestras ou, melhor ainda, como que se fundiam no amor e na admiração por si mesmo! O homem já não era distante, difícil de alcançar, insondável, pois ali estava ele, muito próximo, numa parcela da sua alma e do seu coração. Um pai e um filho, uma só e mesma alma. O homem que no interior agitava o tamboril não era o sayyed Ahmad Abdel Gaywad mas Yassin em pessoa, tal como ele era, tal como precisava de ser, tal como lhe convinha ser, sem que nada os separasse, exceptoando certas considerações secundárias, como a idade, a experiência... "Parabéns, meu pai! Hoje, descobri-te. Hoje é o teu aniversário para a minha alma! Que dia, e que pai; até esta noite, eu não passava de um órfão! Bebe e toca o tamboril como sou incapaz de fazê-lo, tão bem como Ayyusha, a tocadora! Estou orgulhoso de ti... mas... será que também cantas?"

- O sayyed Ahmad Abdel Gawwad canta por vezes?

- Ainda estás a pensar nele?! O mal das pessoas vem delas mesmas!... Pois, por vezes ele canta, meu dromedário... E participa na dança do ventre quando embriagado...

- E como é a sua voz?...

- Forte e bela como o seu pescoço!...

"Eis pois a origem das vozes que cantam em casa! Todos cantam, uma família enraizada na arte do canto! Quem me dera ouvir-te mesmo que uma só vez! Conservo de ti na minha memória somente gritos e fúrias, o único refrão que, entre nós, se tornou célebre é: "puto, touro, filho de cão..." Queria ouvir, vindo de ti "o amor é uma madrepérola no coração dos dias felizes", ou "estou apaixonado, querida". Como será que te embriagas, meu pai? Como discutes? Necessito sabê-lo para seguir o teu exemplo e perpetuar a tradição! Como amas, como abraças?..."

Voltou-se para Zannouba e viu-a diante do espelho, que ajustava, com os dedos, a franja. Uma fenda do vestido deixava entrever a axila, lisa, de um branco imaculado, cuja cavidade se ligava à base do seio túmido semelhante a uma fogaça de massa fresca. O arroubo da excitação espalhou-se por todo o seu corpo e ele arremessou-se sobre ela quase como um elefante se lança sobre uma gazela...

[99] Encarregado do registo do contrato matrimonial.

[100] O tamboril com pequenos discos (duff) é segurado na vertical à altura do peito, com a pele voltada para o exterior. O círculo de madeira é mantido fixo nas palmas, entre o polegar e o indicador de ambas as mãos e os dedos livres tangem a pele e agitam os pequenos discos.

40

Três automóveis, que amavelmente haviam sido disponibilizados por alguns amigos, pararam frente à casa do senhor Ahmad; estavam à espera da noiva e das suas damas de honor, para conduzi-las à casa dos Shawkat, no bairro de es-Sukkariyya. Era um final de tarde e os raios do Sol no seu ocaso já se haviam retirado da rua, para pousar nas casas defronte à da noiva. Nenhum sinal aparente podia fazer supor que havia uma boda, tirando as rosas com que o primeiro dos três veículos estava enfeitado, atraindo os olhares dos donos das lojas mais próximas e numerosos transeuntes. Fora firmada, anteriormente, a promessa de casamento, os presentes haviam chegado, o enxoval havia sido levado para casa do esposo e ficara estipulado o contrato nupcial sem que um só trinado se elevasse da casa, sem que nenhuma grinalda fosse pendurada na porta de entrada ou que qualquer outro dos sinais habituais dos casamentos revelasse o que no seu interior estava a acontecer; aqueles sinais que as famílias se orgulham de mostrar em semelhantes ocasiões, como pretexto e auspícios ruidosos para exprimirem através da voz do canto, da dança e dos trinados as aspirações secretas da alegria. Tudo decorrera no silêncio e na tranquilidade e ninguém soubera de nada, salvo os próximos, os amigos e vizinhos íntimos. O sayyed Ahmad Abdel Gawwad recusara desviar-se do seu fundamentalismo ou permitir que algum membro da família o fizesse, nem por uma hora sequer, e foi à sombra daquela atmosfera açaimada que a noiva e as suas convidadas deixaram a casa, apesar dos protestos de Umm Hanafi contra aquela saída silenciosa. Aisha entrou no automóvel com uma presteza fulgurante como se receasse que o seu vestido de noiva de seda branca adornada com jasmim se incendiasse sob o olhar dos mirones. Khadiga, Mariam e algumas raparigas subiram com ela; Amina, algumas senhoras da família e vizinhas reservaram para si os dois outros automóveis, e Kamal sentou-se ao lado do condutor do automóvel da noiva. A mãe manifestou o seu desejo de ver o séquito passar, a caminho de es-Sukkariyya, pela rua de el-Hussein, para de novo espreitar o seu mausoléu cujo anseio que aí a conduzia anteriormente lhe havia custado tão caro, no intuito de pedir ao seu titular que concedesse a sua bênção à sua bela noiva.

Os carros atravessaram as ruas que, naquele dia, na companhia de Kamal, ela havia tomado, antes de virar na direcção de el-Ghuriya, ao dobrar a esquina onde quase perdera a vida, e deixá-las por fim ao Portão de el-Metwalli, frente à entrada de ees-Sukkariyya, demasiado exígua para deixar passar os automóveis.

As mulheres apearam-se e avançaram para a viela, onde surgiram os sinais da festa. Os garotos do bairro corriam ao encontro delas, gritando, e os trinados elevavam-se da casa dos Shawkat, a primeira à direita logo à entrada da viela, cujas janelas estavam povoadas com as cabeças das espectadoras que soltavam trinados. Khalil Shawkat, o noivo, encontrava-se à entrada na companhia do seu irmão Ibrahim Shawkat, de Yassin e de Fahmi. Aproximou-se sorridente da noiva e apresentou-lhe o seu braço. A rapariga ficou embaraçada e manteve-se imóvel até que Mariam se precipitou sobre a sua mão e a enfiou sob o braço do jovem. Depois, este último, para conduzi-la ao interior, atravessou o pátio pululante de gente, enquanto rosas e drageias choviam aos pés da noiva e das damas que faziam parte do seu séquito nupcial, até a porta do harém se haver fechada sobre elas. E, se bem que a união de Aisha e de Khalil estivesse firmada há um mês ou mais, a sua marcha lado a lado, de braços dados, foi acolhida por Yassin e Fahmi, e sobretudo por este último, com um espanto mesclado de pudor, um sentimento que se avizinhava da condenação, como se o ambiente familiar não pudesse admitir os rituais legítimos das cerimónias matrimoniais. Aquele fenómeno encontrou a sua expressão mais nítida em Kamal, que se pôs a puxar a mão da mãe, agitado, apontando o jovem casal que todos precedia nas escadas e como que solicitando o seu auxílio para repelir um mal abominável.

Ocorreu aos dois jovens relancear furtivamente o rosto do pai para aí ver o efeito que aquele singular espectáculo provocava. Abarcaram o local com uma olhadela rápida, mas os seus olhos não encontraram o menor indício da sua pessoa. Não estava nem à entrada, nem mais além no recinto do pátio, onde se dispunham em círculo pequenos bancos e cadeiras, no fundo do qual se erguia o estrado para o canto. Na verdade, o sayyed Ahmad Abdel Gawwad isolara-se com alguns dos seus íntimos na sala de estar do pátio, que não mais deixara desde a sua chegada a casa, firmemente resolvido a dali não sair até ao fim da noite e a manter as distâncias da "turbamulta" que lá fora bramia.

Nada o aborrecia tanto como aparecer entre os seus, numa noite de núpcias, pois nem se resignava a lhes impor a sua vigilância num dia de pura felicidade, nem suportava ser a testemunha do completo abandono daqueles aos apelos da alegria. Além disso, nada lhe era mais execrável do que ser visto, no meio deles, numa atitude diferente daquela, dura e severa, a que eles estavam habituados, e, se dependesse dele unicamente, a cerimónia nupcial ter-se-ia desenrolado no mais completo silêncio. Mas a viúva do falecido Shawkat assumira, face à sua opinião na matéria, uma posição crítica e inabalável, ela queria, a todo o custo, transformá-la numa noite de regozijo e combinara a sua animação com a cantora Galila e o cantor Sabir.

Parecia que era Kamal o jovem noivo da noite, tendo em conta o seu entusiasmo ante a liberdade e a alegria que lhe eram proporcionadas. É que ele era um dos poucos a estarem autorizados a deslocar-se livremente entre o harém, no interior, e a assembleia do canto, no pátio da casa. Permaneceu na companhia da mãe, por um longo momento, no meio das mulheres, o olhar deambulando entre os vestidos e as jóias, escutando os gracejos e as conversas, dominadas no essencial pelo casamento, ou escutando religiosamente Galila, a cantora, que ali presidia, enorme e ornamentada como o mahmal, e que começou a entoar canções e a beber à vista de todos. Ele sentia-se à vontade naquela atmosfera frívola cuja vertente estranha amava, fascinado sobretudo por Aisha, embelezada, como jamais antes sonhara. A sua mãe incentivou-o a permanecer ao seu lado, de forma a mantê-lo sob o seu cuidado, depois desistiu ao cabo de um momento, compelida a encorajá-lo baixinho para se juntar à assembleia onde estavam os seus dois irmãos, devido a razões que não esperava, nomeadamente o interesse por ele manifestado pelo vestido de Aisha e pela sua maquilhagem. Receava, da parte do garoto, comentários relativos ao traje da noiva ou os reparos pueris e ingénuos que acabaram por lhe escapar acerca de algumas mulheres, como quando bruscamente chamou a mãe e, apontando uma mulher da família do esposo, gritou, dizendo:

- Olha, mãe, o nariz daquela mulher ali é maior do que o de Khadiga! - ou então a surpresa que provocou na assembleia ao se juntar à orquestra e repetir em coro, enquanto Galila cantava: "Linda

pomba... Onde posso buscá-la?", a tal ponto que a cantora o convidou a sentar-se entre os membros da sua orquestra. Com aquele incidente e outros mais, atraiu os olhares, e as convidadas principiaram a dirigir-lhe graçolas, contudo Amina, que não via com bons olhos a algazarra que ele suscitara, preferiu, contrafeita, por temer para algumas a sua malícia e por ele os olhos das admiradoras, incitá-lo a deixar o local. Juntou-se pois ao círculo dos homens, hesitando entre as filas, antes de se deter entre Fahmi e Yassin até Sabir ter terminado o dawr: " Mas bela, porque estás apaixonada?" A seguir, retomou a sua ronda até passar, em caminho, diante da sala de estar, onde a curiosidade o levou a espreitar o seu interior. Estendeu a cabeça e, por infelicidade, os seus olhos encontraram os do seu pai. Ficou petrificado, incapaz de desviá-los dele, quando um dos amigos do sayyed, o senhor Muhammad Iffat, o viu e o chamou. Não pôde senão responder ao convite para evitar a cólera do seu pai e aproximou-se do homem, contra a sua vontade, assustado, até parar diante daquele, hirto, os braços ao longo do corpo, como um soldado em fila.

- Oh! Que belo jovem! - exclamou o homem, apertando-lhe a mão.- Em que ano andas?

- No 3.º ano!

- Bem... bem! Estiveste a ouvir Sabir?

Se bem que respondesse às perguntas do senhor Muhammad Iffat, Kamal procurou desde o início que as suas respostas fossem do agrado do seu pai... Não soube, em particular, como responder à última, ou, pelo menos, hesitou antes de aprestar a resposta. Mas o homem antecipou-se-lhe, perguntando com doçura:

- Não gostas do canto?

- Não!... - respondeu o garoto com convicção.

Alguns dos presentes estavam à beira de comentar com um gracejo aquela resposta, a última que se poderia esperar de um membro da família de Abdel Gawwad, mas o nosso homem dissuadiu-os num relance e estes abstiveram-se. Muhammad Iffat, pelo contrário, insistiu:

- Não gostavas de ouvir alguma coisa?

- O Nobre Alcorão - respondeu Kamal, os olhos fixos no seu pai.

Levantaram-se vozes de aprovação e o garoto pôde retirar-se. Não lhe foi dado ouvir o que nas suas costas disseram sobre ele quando numa

gargalhada o senhor el-Far declarou:

- Se aquilo é verdade, então o miúdo nasceu do adultério!

Ahmad Abdel Gawwad riu e retorquiu, indicando o sítio onde Kamal estacara:

- Já viram alguém mais manhoso do que aquele filho de cão, vem até aqui fingir que é religioso na minha presença?... Um dia, ao voltar a casa, surpreendi-o que cantava "Oh! Pássaros sobre as árvores".

E o senhor Ali acrescentou:

- Ah! Devias tê-lo visto escutar religiosamente Sabir entre os seus irmãos, os lábios movendo-se ao ritmo da canção numa perfeita harmonia! Tal qual Ahmad Abdel Gawwad em pessoa!

Naquele mesmo instante, Muhammad Iffat dirigiu-se ao sayyed Ahmad Abdel Gawwad e perguntou:

- O importante é que nos digas se a sua voz te agradou no "Oh! Pássaros sobre as árvores"?

Ahmad Abdel Gawwad rebentou numa gargalhada e respondeu apontando para si mesmo:

- O leãozinho que viram sai ao leão aqui presente!

- Que Deus tenha piedade da grande leoa que vos deu à luz!

Kamal abandonou a sala de estar e dirigiu-se para o bairro como se despertasse de um pesadelo. Parou no meio das crianças que enchiam a rua e não tardou a sentir novamente conforto, deambulando, orgulhoso, nas suas roupas novas e com a alegria da sua liberdade que tornava o local, tirando a terrível sala de estar, um domínio legítimo, sem qualquer opositor ou vigilante. Ah! Que noite aquela para recordar no tempo! Uma só coisa arruinava a sua tranquilidade sempre que aflorava o seu coração: a partida de Aisha para aquela casa que doravante chamavam "a sua casa"; aquela partida que se realizara contra a sua vontade, sem que ninguém o conseguisse convencer da sua justeza ou utilidade. Questionara de forma insistente como pudera o pai permitir tal coisa, ele que não permitia sequer que a sombra de nenhuma mulher da sua família aparecesse por trás dos interstícios de uma janela, mas obtivera à laia de resposta uma risada sonora.

Perguntara outrossim à sua mãe num tom de censura como podia negligenciar Aisha ao ponto de abandoná-la a outros e ela respondera-lhe que um dia ele seria crescido e também ele tiraria uma rapariga da casa paterna para que lha trouxessem no meio de trinados. Perguntara

a Aisha se estava deveras contente por separar-se deles e ela respondera que não. Mas o enxoval fora transportado para a casa do "estrangeiro" e Aisha seguira-o; a sua Aisha, aquela por amor de quem ele não sentia prazer em beber senão no lugar onde antes ela pousara os seus lábios... Sim, realmente, a alegria do momento fazia esquecer coisas que jamais teria pensado esquecer, um instante sequer, mas pensamentos tristes cobriam o seu coração jovial como uma pequena nuvem esconde a face da Lua numa noite de céu limpo.

Coisa estranha, naquela noite, a alegria do canto superou todas as demais; a alegria de brincar com os garotos ou de olhar as mulheres e os homens, entregues à euforia desenfreada, ou mesmo a de observar, com água na boca, "o pão do palácio"^[101] e a gelatina de cereja sobre a mesa posta para o jantar.

E, se o grande interesse do garoto por escutar Galila e Sabir, interesse esse que não se coadunava à sua jovem idade, surpreendeu as mulheres e os homens que o observavam, não causou qualquer espanto nos seus familiares, que conheciam os seus antecedentes em matéria de canto com a sua professora Aisha, e a beleza da sua voz tida como a melhor da família depois da própria Aisha, mesmo se a do pai, que eles só ouviam nos seus rugidos, fosse a mais bela de todas.

Kamal escutou longamente Galila e Sabir mas, inesperadamente, achou o modo de cantar do homem e a música da sua orquestra mais gratos para o seu coração e mais cativantes para o seu espírito. Assim algumas estrofes, como "Porque amas?... por causa disto!", gravaram-se na sua memória, a tal ponto que se pôs a repeti-las sob o tecto de hera e de jasmim da sua casa, muito depois da noite do casamento.

Amina e Khadiga partilharam com ele algumas das oportunidades de alegria e liberdade que se ofereciam a Kamal. Também elas, como este, nunca haviam assistido a uma noite como aquela, cheia de intimidade, de regozijo, de alegria de viver. O que alegrou sobretudo Amina foram a cortesia e as atenções de que era objecto na sua qualidade de mãe da noiva, ela que jamais, em toda a sua vida, soubera o que eram a cortesia e as atenções. Até mesmo a dor de Khadiga se eclipsou entre as luzes da festa, como as trevas se dissolvem aos primeiros raios da manhã. Esqueceu as suas mágoas no meio das risadas aveludadas, das melodias suaves e das conversas amenas. Um esquecimento que crescia devido a uma nova tristeza,

sem segundos pensamentos, nascida da consciência da separação iminente de Aisha, sensação que despertava nela um amor e uma ternura sinceras. Assim, as antigas dores apagaram-se diante da nova tristeza, tal como os ódios se extinguem perante a generosidade ou como acontece a um indivíduo, em relação a outro, que neste aprecia certos aspectos e detesta outros; na hora do adeus, por exemplo, apaga-se o ódio por um aspecto face à tristeza por outro. Isto sem contar com uma nova sensação de confiança em si que a invadira no momento em que aparecera envergando um traje que dera ao seu corpo e ao seu rosto uma harmonia tal que atraía os olhares de algumas mulheres. Estas prodigalizaram-lhe elogios que a encheram de esperança e de sonhos, com que se alimentou durante um longo tempo feliz. Quanto a Yassin e Fahmi, permaneciam sentados, lado a lado, percorrendo e escutando a música. Khalil Shawkat, o noivo, juntava-se-lhes, de quando em quando, sempre que achava um momento de trégua entre os deveres importantes, posto que apazíveis, daquela noite. Mas, não obstante a atmosfera saturada de alegria e de voluptuosidade, Yassin sentia uma certa angústia; uma expressão de alheamento constante desenhava-se nos seus olhos. O jovem interrogava-se, por momentos, se teria o ensejo de saciar a sua sede, mesmo se com um ou dois copos apenas. Por isso, debruçou-se um instante ao ouvido de Khalil Shawkat, amigo comum dos irmãos, e murmurou-lhe:

- Junta-te a mim antes que o serão fique arruinado! > Então o jovem respondeu-lhe placidamente, fazendo-lhe sinais com os olhos:

- Mandei preparar uma mesa numa sala especial para amigos como tu... Com o espírito doravante tranquilizado, Yassin reencontrou o brio para discutir, chasquear e escutar o canto. Não tencionava embebedar-se, pois que num local como aquele, repleto de parentes e conhecidos, o facto de beber um pouco de álcool já podia ser considerado uma grande vitória, tanto mais que o seu pai, embora isolado na sala de estar, não estava longe. O facto de estar a par dos segredos da existência deste não fizera, de modo algum, vacilar o seu prestígio tradicional. O pai mantinha-se entrincheirado na sua inexpugnável fortaleza de dignidade e de respeito e ele, Yassin, numa posição de obediência e de escravidão. O jovem nem sequer ponderara em divulgar a alguém o segredo que às ocultas deslindara, nem sequer a

Fahmi, o mais próximo dos familiares. Por todas estas razões, contentou-se antecipadamente com um ou dois copos para apacar o seu irreprimível desejo e preparou-se para saborear a alegria de viver, a conversa, a volúpia do canto e outros prazeres que, para ele, sem a bebida, pareciam desprovidos de todo o sabor.

Fahmi, contrariamente a Yassin, nada encontrou, ou, melhor dizendo, não teve a certeza de encontrar o que pudesse apacar a sua sede. A sua dor acordara num momento em que não o esperava, à chegada da noiva. Fora acolhê-la juntamente com o esposo e Yassin, o coração leve, quando o seu olhar incidira em Mariam que caminhava logo a seguir a Aisha, com os lábios iluminados por um sorriso que a todos se destinava, mas dele distraída por causa dos trinados e das rosas, com o véu de seda que deixava entrever, em transparência, a graça do seu rosto sereno. Seguiu-a com o olhar, o coração palpitante, até a porta do harém se fechar sobre ela. Voltou para o seu lugar, a alma turvada, qual uma barca exposta subitamente a um ciclone. Contudo, antes de vê-la, tinha o espírito em paz, deleitava-se com os vários temas da conversação como o homem que, uma vez encontrado o conforto, é levado ao esquecimento. Na realidade, momentos havia em que atravessava um peculiar estado de consolo e de oblívio e o seu coração descansava das suas mágoas. Mas bastava que uma ideia lhe perpassasse a mente, ou que emergisse uma lembrança, ou que alguém pronunciasse o nome de Mariam, ou... ou... para que o seu coração estremecesse de dor e juntasse aflições e mais aflições, como um dente cariado e inflamado cujas pontadas, após uma breve acalmia, ressurgem ao mastigar um bocado de comida ou algo duro. Naqueles momentos, o amor golpeava o interior do seu peito, como se andasse à procura de um lugar onde respirar livremente, para gritar como um possesso que continuava cativo e que nem a consolação nem o esquecimento lhe haviam permitido evadir-se. Quantas vezes esperara que os olhares indiscretos perdessem a visão ao fitá-lo, de modo a poder reerguer-se sozinho como um homem livre para delinear o seu próprio destino! Tal como o havia almejado, passaram-se dias, semanas, meses, sem que nenhum noivo se apresentasse a Mariam, mas no entanto Fahmi estava longe de gozar uma verdadeira tranquilidade, pois que alternadamente era vítima da angústia e do medo que dele se apoderavam, sem interrupção, que destruíam a sua

paz, turvavam os seus sonhos, provocando mil dores e ciúmes que, se bem que irreais, não eram menos ferozes e cruéis do que o seriam se se houvessem realizado. E, de tal forma assim foi que a própria esperança e o atraso em se verificar a catástrofe se tornaram outros tantos motivos para reavivar nele a angústia, o medo e, em seguida, a dor e o ciúme; à medida que se exacerbava o sofrimento, ele esperava que a catástrofe se produzisse e que lhe coubesse, em definitivo, a sua parte de tristeza; talvez só então pudesse, devido ao desespero, obter o repouso e a paz que não conseguira alcançar com as vãs esperanças. Não queria deixar-se arrastar pela tristeza numa reunião álaçre na qual estava rodeado pelos olhares de amigos e familiares. Todavia, ver Mariam que caminhava atrás da irmã havia causado nele um "efeito" que não podia passar sem uma reacção sensível; mas, como não era possível, em semelhante reunião, ruminar as suas próprias mágoas e deixar transparecer os segredos do seu coração, ao contrário de si mesmo e dos seus próprios sentimentos, passou o tempo todo mergulhado na conversação, no riso e numa alegria e numa felicidade simuladas.

O que não obstava a que, logo que por um instante se rendia à introspecção, sentisse, no fundo de si, uma grande solidão de coração em relação a todos os convidados. Realizava, com o volver do tempo, que ver Mariam que caminhava soberba na companhia da noiva excitara o seu amor qual uma súbita algazarra excita um ser angustiado e com tendência à insónia. Compreendeu que não conheceria, pelo menos naquela noite, as doçuras de um coração sereno e que nada do que em seu redor sucedia lhe poderia extirpar do seu pensamento a sua imagem, nem o sorriso com que Mariam saudara aquele ambiente de calorosa recepção, pleno de trinados de alegria e de rosas. Um sorriso doce e puro, revelador de um coração livre que aspira à tranquilidade e à alegria. Um sorriso cuja graça fazia supor que no mesmo ponto dos lábios não poderiam desenhar-se as pregas da dor. O aspecto da rapariga picara intensamente o seu coração, fazendo-lhe ver que era o único que sofria e o único que suportava a dor. Mas não estava ele, agora, a rir fragorosamente, oscilando a cabeça ao ritmo da melodia como um ser feliz, ébrio de música?... Não seria possível que, quem assim o via, fosse induzido em erro e tivesse dele a mesma percepção?... Achou, na sua reflexão,

algun lenitivo, mas não uma consolação maior do que a de um doente com tifo que se interroga: "Não será possível que eu me cure tal como fulano se curou antes de mim, tendo a mesma doença?" E, com efeito, Eahmi não tardou a recordar a mensagem que, alguns meses antes, Kamal lhe trouxera: "Diz-lhe que ela não saberá o que fazer se outro vier pedir a sua mão durante estes longos anos de espera!" E questionou-se, como antes o fizera dezenas de vezes, se por trás daquelas palavras não se escondia um qualquer sentimento! Certamente, nenhum homem, por mais obstinado que fosse, poderia censurar-lhe uma única daquelas palavras, como não poderia fingir ignorar a sua sensatez e a sua sabedoria. Todavia, eram as mesmas palavras que nele haviam suscitado uma espécie de impotência sempre que se deparava com a rapariga, a que seguira uma irritação em relação a esta, porque é raro que a sensatez e a sabedoria consigam satisfazer um sentimento que, por natureza, não conhece limites. Regressou ao presente, à alegre reunião, ao amor inflamado. Não era só o facto de tê-la visto que lhe infligira aquele violento abalo; mas, talvez, o vê-la pela primeira vez num sítio novo, o pátio da casa dos Shawkat, longe da sua casa, fora da qual jamais lhe fora anteriormente dado vê-la. A constante presença de Mariam no ambiente que lhe era costumeiro situara-a, de modo automático, no prolongamento normal da vida quotidiana, ao passo que o aparecimento repentino da rapariga num local distinto, aquele seu aparecimento que a havia como que recriado a seus olhos, produzira, no seu íntimo, um sentimento de vida nova que por seu turno despertara o próprio sentido da existência nele antes latente. Pois a soma destas duas vidas provocara-lhe aquele violento abalo. Talvez fosse necessário procurar a causa outrossim na presença da rapariga longe da sua casa e de todas as tradições rígidas que lhe estavam ligadas, na sua presença numa atmosfera de liberdade e desconstracção, de sedução e movimento a que ele não estava afeito, na sua presença naquela atmosfera nupcial, inspiradora de pensamentos de amor e afecto, que havia erguido entre eles um muro de desesperança. Tudo isto propulsara-o fora da sua concha para um lugar onde o coração de Fahmi podia avistá-la como uma aspiração realizável.

Parecia que ela lhe dizia: "Observa bem onde me vês agora; falta só mais um passo e encontrar-me-ei nos teus braços!" Mas aquela

esperança rapidamente tropeçou na dura realidade, contribuindo para aquele violento abalo no jovem. Talvez fosse necessário ainda ter presente que o senti-la, de qualquer modo, ligada aquele novo sítio a ancorara mais profundamente no seu espírito, internando-a na sua vida, e inserira-a de forma mais duradoura nas suas recordações. Pois as imagens penetram em nós de uma forma mais intensa quando fundidas com os diferentes locais onde se estenderam as nossas experiências.

E, assim como, no passado, a figura de Mariam estivera ligada ao terraço da casa e ao pequeno jardim de hera e jasmim, a Kamal e à recitação do vocabulário de inglês, à sessão do café, à conversa com a mãe na sala onde ele estudava e à mensagem que Kamal trouxera, do mesmo modo, a partir daquela noite, ficaria ligada a es-Sukkariyya, ao pátio da casa dos Shawkat, à alegre reunião, ao canto de Sabir, ao matrimónio de Aisha e a outras coisas entre as que submergiam o seu ouvido, a sua visão e todos os seus sentidos. Um tal processo não podia ser levado a cabo sem contribuir para produzir o violento abalo que o atordoara... Durante o intervalo, aconteceu que a voz de Galila, que cantava "O meu amado partiu...", atingiu o grupo dos homens através das janelas que davam para o pátio. Eahmi pôs-se à escuta com grande entusiasmo, concentrando nas notas os seus próprios sentidos, não porque a voz da cantora lhe agradasse, mas porque imaginava Mariam ouvindo-a, naquele preciso instante, e as palavras da canção falando em simultâneo ao ouvido de ambos juntava-os num estado de escuta e talvez de emoção, e assim criava entre eles um ponto de encontro onde as suas almas podiam convergir. Todos estes elementos conjugados induziram-no a respeitar a voz e amar a melodia através da qual se podia unir, numa sensação comum, com Mariam. Longamente tentou penetrar na alma da rapariga, curvando-se sobre si mesmo para colher as vibrações da emoção desta, seguindo as suas próprias vibrações, e tentou viver por ínfimos instantes em estreito contacto com ela, sem barreiras, independentemente da distância e da espessura dos muros. Procurou perceber a partir das palavras da canção que reflexos teriam na alma da amada e que marca deixariam frases como estas: "O meu amado partiu..." ou "Há muito tempo que não me envia cartas".

Mergulhara ela no lago das recordações? Ou talvez avistara o seu

rosto, desvelado por uma onda que naquele lago se levantara? Ou sentira talvez o coração oprimido por uma mordedura pungente, ou por um forte desgosto, ou então mantivera-se impassível, durante todo aquele tempo, não encontrando nas notas nada além da alegria da música?

Fahmi tentou imaginá-la enquanto prestava atenção ao canto com uma vitalidade ostensiva com os lábios que não paravam de se iluminarem com um sorriso semelhante ao que lhe vira quando ela chegara. Aquele sorriso fê-lo sofrer, pois aí notara consolação e obívio. Imaginou-a pois tagarelando com uma das suas irmãs, como lhe aprazia fazer. Fahmi invejava as irmãs por tal privilégio, embora estas não vissem nisso, coisa que o surpreendia e quase perturbava, senão uma conversação trivial, como as que mantinham com as demais raparigas da vizinhança. É certo que a atitude das irmãs face a Míriam o surpreendera por muito tempo; não que estas mostrassem desinteresse por ela, pois a amavam deveras, mas porque a amavam como às restantes raparigas do bairro, como se ela fosse tão-só mais "uma rapariga" entre as outras da vizinhança. Espantava-se sempre ao ver o acolhimento banal que lhe reservavam, um acolhimento despido de emoção, como o que ele destinava a qualquer rapariga de passagem ou a qualquer um dos seus amigos estudantes da faculdade de direito; ao ver outrossim como elas falavam dela dizendo: "Mariam disse, Mariam fez", pronunciando o seu nome como um outro qualquer...Umm Hanafi, por exemplo, como se não fosse aquele o que ele jamais proferia, tirando uma ou duas vezes, sem logo ficar assombrado com o efeito que provocava aos seus ouvidos, ou que ele jamais pronunciava, nem mesmo sozinho, a não ser como se pronunciam os nomes dignos de veneração que se imprimem no pensamento, revestidos de sonhos e nunca proferidos sem que se lhes siga a fórmula: "Que Allah fique satisfeito com ele!" ou "Que a paz de Allah esteja com ele!". E como pudera acontecer que o nome e a pessoa também fossem espoliados pelas duas irmãs dos atributos da magia e da sacralidade?! Quando Galila terminou de cantar, elevaram-se as aclamações e as palmas, às quais ele prestou atenção com um interesse que a própria exibição não tivera a honra de obter e isto porque a garganta de Mariam e as suas mãos ali estavam associadas. Ele teria desejado ser capaz de destringer a sua voz entre todas as demais,

separar as suas palmas dos aplausos gerais, mas isto não era mais fácil para ele do que distinguir o bramir de uma onda particular no fragor produzido pelas vagas que nas margens se quebram. Contudo, dedicou o seu amor a todos os aplausos, a todas as palmas sem distinção... qual uma mãe que, ouvindo as vozes dos alunos da escola frequentada pelo filho, invoca sobre todos eles a bênção e a paz.

Ninguém se assemelhava mais a Fahmi, na sua solidão interior, ainda que por motivos diferentes, do que o seu pai, que permanecia fechado na sala de estar, rodeado por um grupo de amigos entre os mais fiéis, até que os que dentre eles não suportavam mais manter a austeridade quando ouviam a música que no exterior soava romperam o círculo em seu redor e se espalharam entre os ouvintes, para aí se alegrarem e divertirem. Permaneceram com ele tão-só os que tinham a sua companhia como mais preciosa do que qualquer divertimento. Permaneceram todos num estado de insólita seriedade, como se cumprissem um dever ou assistissem a um funeral. Havia já imaginado que assim seria quando o sayyed Ahmad Abdel Gawwad os convidara para a festa de núpcias, inteirados por experiência da sua dupla natureza de que só conheciam um aspecto e a família o outro. Nenhum dos aspectos da contradição existente entre aquela reunião austera com a qual festejavam a "noite do casamento" e os turbulentos serões, no decorrer dos quais nada festejavam, lhes escapou. Não tardaram, pois, a tornar aquela seriedade no alvo de sarcasmos e de leves remosques. Assim, quando se ouviu a voz do senhor Iffat altear-se numa sonora risada, o senhor el-Far apressou-se a levar o dedo indicador aos lábios, como que para lhe ordenar de baixar o tom de voz, e segredou-lhe ao ouvido em jeito de sobreaviso e censura:

- Ó homem, estamos num casamento!

Num outro momento, depois de imerso num longo silêncio, o senhor Ali pôs-se de súbito a escutar todos os rostos e depois, levando a mão à cabeça num sinal de agradecimento, disse:

- Que Allah recompense os vossos esforços!^[102]

Ao ouvir aquelas palavras, o sayyed Ahmad convidou-o a juntar-se ao resto da companhia lá fora e a divertir-se com os demais. Mas o senhor Iffat, voltando-se para ele com um tom de severa reprovação, disse:

- Deixar-te sozinho numa noite como esta?! Acaso não será somente

nos momentos de infortúnio que se reconhecem os verdadeiros amigos?!

Ahmad Abdel Gawwad não pôde conter-se e numa gargalhada retrucou:

- Mais algumas noites de festejos nupciais e todos nós obteremos o perdão de Allah!

Mas a festa do casamento revestia-se aos olhos do sayyed Ahmad de significados distintos da gravidade forçada numa reunião agradável e alegre, significados que só a ele diziam respeito na qualidade de pai dotado de um carácter pouco comum. A ideia do casamento da filha continuava a causar-lhe uma sensação estranha, desagradável, conquanto nem a sua razão nem a sua moral o aprovassem. Isto não significava, no entanto, que ele não desejava casar as duas filhas, porque na realidade, como todos os pais, pretendia para elas uma vida protegida. Mas talvez houvesse esperado que o matrimónio não fosse o único expediente para obter tal "protecção". Talvez houvesse desejado que Allah criasse as raparigas com uma natureza que não implicasse necessariamente o casamento, ou talvez não ter uma prole do sexo feminino; todas eram esperanças que se não haviam realizado e que não havia forma de realizar. Não lhe restava senão, agora, aguardar pelo casamento das suas filhas, qual o homem por vezes confia, ao desesperar da eternidade da vida, numa morte digna e tranquila! Havia muitas vezes exprimido a sua aversão em modos contraditórios, consciente e inconscientemente. Chegava a dizer a alguns dos seus amigos mais íntimos:

- Perguntas-me o que significa dar à luz fêmeas?... É uma desgraça contra a qual nada podemos! Em todos os casos, o nosso dever é agradecer a Allah! Isto não quer dizer que eu não ame as minhas filhas porque na verdade as amo tanto quanto Yassin, Fahmi e Kamal, nem mais nem menos, mas como posso sossegar sabendo eu que um dia as entregarei a um estranho do qual, seja qual for a sua aparência, só Allah conhece profundamente a natureza íntima? O que pode fazer uma débil rapariga face a um estranho quando longe da protecção do pai?... O que será dela se o esposo um dia a repudiar, o pai morto, e ela tenha de buscar refúgio na casa de um irmão para aí viver em réproba?! Não me preocupo nada com nenhum dos meus filhos porque, independentemente do que possa lhes advir, sempre se trata

de homens capazes de enfrentarem a vida... mas uma rapariga! Oh, Allah nos proteja!

Dizia ainda, com um tom quase sincero:

- Uma rapariga é um verdadeiro problema... Imagina: esforçamo-nos por educá-las, guiá-las, protegê-las e defendê-las... Tudo isto para posteriormente entregá-las pessoalmente a um qualquer estranho para que delas faça o que bem lhe aprouver!... Louvado seja Allah pelos nossos infortúnios, e nenhum outro senão Ele!

Que estranha sensação de angústia se concretizava no olhar crítico com que observava Khalil Shawkat, o noivo. Um olhar inquisidor e maledicente que se recusava a retroceder antes de desentocar um defeito que contentasse a sua teimosia, como se Khalil não pertencesse à família Shawkat, à qual o sayyed Ahmad estava ligado desde há muito por laços de amizade e de fidelidade, como se não fosse o jovem a que todos os que o viam reconheciam dotes de virilidade, de generosidade e de prestígio. Não pudera negar nenhuma das suas qualidades mas detivera-se demoradamente no semblante próspero do jovem e no seu olhar pacífico e grave que lhe davam um ar de preguiça; podia tranquilamente deduzir os sinais animalescos deixados na sua existência pelo ócio e dizia de si para si: " Não passa de um boi, vive para comer e dormir!"

Com efeito, reconhecer nele num primeiro momento as qualidades e posteriormente procurar, para lho atribuir, um qualquer defeito, para simplesmente a expressão de um sentimentalismo que reflectia o desejo oculto nos recessos da sua alma de casar a filha, mesclado com uma repulsa ante a ideia de matrimónio. Assim, o reconhecimento das qualidades preparara o terreno para o casamento e a procura dos defeitos reanimara o sentimento de hostilidade, qual um opiómano que, escravo do prazer e aterrorizado pelos danos que este representa, parte à procura do ópio com afã, embora o amaldiçoe. Contudo, na companhia dos seus amigos íntimos, fingiu esquecer aqueles estranhos sentimentos, ora deixando-se divertir pela conversa, ora prestando atenção à música. Abriu o seu coração ao contentamento e à alegria e implorou, para a sua filha, felicidade e uma vida tranquila; e mesmo o seu olhar crítico em relação a Khalil Shawkat se transformou num sentimento de sarcasmo não desprovido de indignação.

Quando os presentes foram convidados a se dirigirem para a mesa,

Fahmi e Yassin separaram-se pela primeira vez e Klialil Shawkat conduziu este último até uma mesa privada onde o vinho jorrava. Mas Yassin, que parecia prudente e medir as consequências de beber, declarou-se satisfeito ao cabo de dois copos, resistindo com coragem, ou cobardia, ao manancial das bebidas até arder numa primeira ebriedade, o que excitou nele as reminiscências de volúpias que debilitaram a sua força de vontade e o levou a ansiar poder embriagar-se mais ainda, sem contudo ultrapassar os limites do controlo de si. Emborcou um terceiro copo antes de fugir de livre vontade da mesa, mas escondeu num lugar secreto, à cautela, porque estava sempre com um olho no paraíso e outro no inferno, uma garrafa meio vazia à qual poderia recorrer em caso de extrema necessidade.

Em seguida, os convidados voltaram para os seus lugares com uma alma renovada, dançante, que irradiava no ar envolvente uma alegria isenta de qualquer peia.

No harém, a ebriedade de Galila, a cantora, raiava já a impertinência. Os seus olhos num repente começaram a vaguear por entre os rostos das convidadas, interrogando:

- Qual de vós é a esposa do sayyed Ahmad Abdel Gawwad?

A sua pergunta atraiu os olhares e suscitou o interesse geral, de tal forma que a vergonha se apossou de Amina, que não soltou uma palavra e cujos olhos esbugalhados se fixaram no rosto da cantora com enleio e desaprovação.

E, quando Galila reiterou a sua pergunta, a viúva do defunto Shawkat, que sentia que era seu dever indicar Amina, disse:

- Esta é a esposa do sayyed Ahmad; porque pergunta?

A cantora examinou Amina com um olhar penetrante e depois disparou uma gargalhada estridente antes de replicar, num tom que dizia o seu contentamento:

- Juro pela Casa de Allah^[103], é uma beldade! O bom gosto do sayyed é inexcelável!...

Amina, atrapalhada e envergonhada, assemelhava-se a uma virgem. Mas o acanhamento não era a única coisa que a fazia sofrer, pois que se questionava, confusa e inquieta, o que significariam as palavras da cantora acerca da mulher do sayyed Ahmad Abdel Gawwad ou o seu elogio sobre o bom gosto do sayyed expresso num tom que só quem o conhecia pessoalmente poderia empregar.

Aisha partilhou a sensação da mãe e Khadiga também, cujo olhar circulava entre a cantora e algumas das suas jovens amigas a quem pedia uma opinião sobre "aquela mulher bêbada". Mas Galila, que pouco se importava com a perturbação que as suas palavras haviam provocado, voltou-se para a noiva e examinou-a como antes fizera com a mãe, declarando, por fim, deslumbrada e movendo as sobrancelhas:

- Mas pelo profeta de Allah, é uma "lua"! És mesmo a filha do teu pai! Quem vê estes olhos relembra de imediato os dele...

Depois, com uma gargalhada:

- Vejo que se estão todas a interrogar: "Mas como é que esta mulher conhece o sayyed Ahmad?..." Ora, conheci-o antes mesmo da sua esposa! Era o filho adoptivo do bairro e o companheiro inseparável da minha infância. Os nossos pais eram amigos - voltou-se para Amina - ou talvez pense que uma cantora não tem pai?... O meu era um sheikh numa escola corânica, um homem dotado de poderes sobrenaturais... O que pensa disso, ó jóia das mulheres?!

Mal a última pergunta fora colocada a Amina e logo o susto e o seu carácter dócil e afectuoso a impeliram a responder, apesar de lutar contra o constrangimento que dela se assenhorara:

- Que Deus tenha piedade dele! Somos todos filhos de Adão e Eva! Galila abanou a cabeça à direita e à esquerda, semicerrando os olhos como se a emoção suscitada pelas recordações, em virtude do seu apelo à moralidade, houvesse atingido o seu acme, a não ser que a sua cabeça turvada pelo álcool encontrasse naquele movimento uma ginástica com a qual se deleitava. Retomou, dizendo:

- Era um homem com um grande sentido de honra, mas eu nasci com um carácter frívolo, sou indiferente a tudo, como se houvesse sugado a coquetaria desde o berço. Bastava-me rir no último andar e logo os corações dos homens, que na rua passavam, se excitavam! E o meu pai, assim que ouvia a minha voz, espancava-me, atribuindo-me os piores epítetos!

Mas que serventia podem ter as lições para alguém como eu predestinado para as artes do amor, do prazer e da sedução?!... O castigo evoluiu-se como poeira! Ele foi para o Paraíso e sua beatitude, e eu, pelo contrário, estou condenada a carregar o estigma das piores alcunhas que ele me atribuíra... Assim vai o mundo! Que Deus vos conceda todos os bens e vos livre das infelicidades!... E que não prive

nenhuma de nós de homens seja na licitude seja na ilicitude!

As gargalhadas ressoaram nos quatro cantos do aposento até cobrirem as exclamações de espanto que, inadvertidamente, saíam aqui e ali da boca das convidadas. Talvez suscitadas principalmente pelo contraste entre a licenciosidade da última prece e as expressões anteriores que respiravam, pelo menos em aparência, seriedade e gravidade, com as quais a mulher se mascarara e os gracejos evidentes aos quais por fim se entregara com toda a liberdade. Mesmo Amina, apesar do embaraço, não pôde suster um sorriso, inclinando contudo o rosto de modo a dissimulá-lo. Importa dizer que as mulheres, em reuniões similares, faziam eco dos gracejos das cantoras galhofeiras e reservavam um bom acolhimento às suas brincadeiras, conquanto por vezes ferissem o pudor, aí encontravam uma distração para uma contínua austeridade. A cantora embriagada prosseguiu dizendo:

- O meu pai, que Allah faça do Paraíso a sua última morada, era de índole branda. Prova disto é que certo dia veio ter comigo com um homem bom como ele e queria que eu o desposasse! - rebentou numa risada estrepitosa. - Mas que matrimónio, ó Umar^[104]! O que poderia ficar para o marido depois de o passado haver sido aquilo que fora? Disse para mim: estás desonrada, Galila, sombrio é o teu destino...

Calou-se por um longo momento para fazer crescer o interesse ou para saborear um pouco mais o silêncio originado pela atenção centrada nela, atenção que jamais a honrara mesmo quando cantava. Retomou a seguir:

- Mas Allah libertou-me e a salvação veio até mim alguns dias antes do escândalo previsto, dado que fugi com o defunto Hassuna el-Baghl, o vendedor de manzul. Este tinha um irmão, tocador de alaúde, na orquestra da cantora Naizak; como a minha voz lhe agradasse, ensinou-me a cantar. Então ajudou-me, fazendo-me entrar na orquestra de Naizak, a qual, após sua morte, eu vim a substituir. Fui cantora durante muito tempo, tive muitos amantes, cento e...

Ela franziu as sobrancelhas esforçando-se por relembrar o resto do número e depois voltou-se para a tocadora de tamboril e perguntou:

- Cento e quantos, Finu?

- E Khamsa^[105] no olho de quem não reza pelo profeta! - replicou apressadamente a tocadora de tamboril.

Levantou-se uma nova onda de risadas entre algumas das mulheres

presentes; outras, entusiasmadas com o que Galila contava, tentaram silenciar as que riam, para que ela sobressaísse naquela atmosfera; porém, Galila ergueu-se repentinamente e encaminhou-se para a porta, sem prestar a menor atenção às que lhe perguntavam aonde ia sem obter qualquer resposta. Mas nenhuma insistiu na questão, pois era sabido que era sujeita a caprichos aos quais, quando a assolavam, se rendia sem pensar.

A cantora desceu as escadas com precipitação até alcançar a porta do harém e transpô-la, em direcção ao pátio. E, como a sua súbita aparição atraiu os olhares de algumas pessoas na proximidade, ela permaneceu onde estava de modo a ser vista por todos e saborear o interesse que o seu aspecto despertava nos homens, interesse este com que pretendia outrossim desafiar Sabir, cujos ouvintes atingiam o paroxismo da exultação.

O anseio de Galila não tardou a concretizar-se, pois o seu nome começava já a circular na língua de todos, e os espectadores em seu redor foram como que investidos por um contágio que se alastrou de um para outro e os forçou a voltarem-se para ela, num contágio que se assemelhava a um bocejo. Em breve, Sabir, embora imerso no canto, deu-se conta da brecha súbita que o apartara dos seus ouvintes e lançou os olhos para o ponto de mira de todos até avistar na cantora, que na distância o observava, a cabeça ligeiramente inclinada para trás sob o efeito do álcool e da soberba.

Viu-se então compelido a cessar o seu canto e fez um sinal à orquestra, que, por seu turno, parou. Depois levou as mãos à cabeça para saudá-la!...

Sabir estava acostumado aos caprichos de Galila e, contrariamente a muitos outros, conhecia o seu coração generoso, conquanto em simultâneo calculasse o perigo de querer arrostá-la. Assim sendo, manifestou-lhe uma amizade sem reserva. O seu subterfúgio foi bem-sucedido, os traços do rosto da mulher iluminaram-se de alegria e ela gritou:

- Continua a cantar, senhor Sabir, vim com o único propósito de te ouvir!

Os convidados aplaudiram e voltaram a escutar Sabir exultante; entretanto, Ibrahim Shawkat, o irmão mais velho do noivo, acercou-se de Galila e perguntou-lhe amavelmente se precisava de algo. Ela

recordou, devido à pergunta, o motivo real que a instigara a vir e, por sua vez, perguntou com uma voz que atingiu os ouvidos de inúmeros convidados, entre os quais Yassin e Fahmi, que para ela eram os mais importantes:

- Como é possível que eu não veja o sayyed Ahmad Abdel Gawwad?! Onde é que o homem se esconde?

Ibrahim Shawkat pegou na mão dela e conduziu-a até à sala de estar, com um sorriso nos lábios, ao passo que Fahmi e Yassin trocavam um olhar interrogativo, pejado de espanto e de dúvidas. Seguiram com olhos intrigados Ibrahim e a cantora até a porta se fechar sobre eles. O sayyed não ficou menos abismado do que os filhos ao vê-la avançar na sua direcção, pavoneando-se; relanceou-a agitado e inquisitivo, enquanto os amigos cruzavam olhares divertidos carregados de sentido. Galila abarcou o grupo com um lance de olhos rápido e cumprimentou-o:

- Uma noite de alegria, meus senhores!

Depois fitou o sayyed e, malgrado seu, foi tomada por riso descontrolado ao lhe perguntar sarcástica;

- Estás assustado com a minha vinda, senhor Ahmad?!

O sayyed, à guisa de advertência, apontou para o exterior e disse com muita seriedade;

- Tem juízo, Galila, o que te deu para vires aqui perante o olhar de todos?!

Ela respondeu, como quem se desculpa, sem todavia abandonar o seu sorriso sarcástico;

- Ficaria desgostosa se não te felicitasse pelo casamento da tua filha!

- Agradeço-te, senhora - respondeu o sayyed, que se sentia incomodado - mas não pensaste nas suspeitas que a tua vinda poderia originar naqueles que te vêem?

Galila bateu as suas palmas, uma contra a outra, e retorquiu com um tom próximo da reprovação;

- É o que tens de melhor para me ofereceres como recepção? Depois, voltando-se para os amigos;

- Ó homens! Sois testemunhas de que este homem não era feliz enquanto não pousava um bigode no meu umbigo! Olhem para ele, agora, já nem suporta ver-me!...

O sayyed fez-lhe um sinal com a mão, como para dizer; "não deites

óleo no fogo!" e, suplicante, retomou;

- Allah sabe que não me envergonho de te ver, mas é o embaraço, como vês...

Nisto, o senhor Ali disse, para lembrar algo que não convinha esquecer:

- Vivestes como amantes e separastes-vos como amigos. Não há nada que deva ser vingado, mas a família de Ahmad está lá em cima e aqui fora estão os seus filhos...

Então ela, continuando a provocar o sayyed, volveu:

- Porque finges, junto dos teus familiares, ser temente a Allah quando não passas de um poço de devassidão?!

- Galila! - exclamou ele lançando-lhe um olhar de protesto- , não existe poder nem força senão em Allah?

- Galila ou Zubaida, ó favorito de Allah?

- Basta-me Allah, o defensor extraordinário!

Ela agitou as sobrancelhas tal como antes o fizera com Aisha, mas desta vez sarcástica e não com admiração e contrapôs com uma voz calma e grave, como um juiz ao proferir a sua sentença:

- Que ames Zubaida ou uma outra qualquer, tanto se me dá, mas, pela cabeça da minha mãe, o que me desagrada é o facto de te espojares na poeira depois de haveres mergulhado até às orelhas - apontou para si mesma - na nata...

Ao ouvir estas palavras, o sayyed Muhammad Iffat, um dos melhores amigos dela, levantou-se receando que a bebedeira a levasse a exceder os limites e trazer consequências desagradáveis e agarrou na sua mão, arras-tando-a suavemente para a porta e segredando-lhe ao ouvido:

- Jura-me por el-Hussein que vais voltar junto das tuas ouvintes que te aguardam trémulas de impaciência...

Depois de se opor com uma certa relutância, Galila obedeceu mas, tendo-se afastado um pouco, ainda se voltou para o sayyed e disse:

- Não te esqueças de apresentar os meus cumprimentos à prostituta e... um conselho meu por amor fraterno... depois, desinfecta-te com álcool, porque o seu suor é uma sanguessuga.

O sayyed acompanhou-a com um olhar indignado, amaldiçoando a sorte que quisera desmascará-lo na presença de tantas pessoas, sobretudo da sua família, que o tinham como um modelo de seriedade

e austeridade. É claro que subsistia a ténue esperança de o incidente não ter chegado aos ouvidos de nenhum parente, mas quão leve era! Restava outrossim a esperança, no caso de vir a ser do conhecimento daqueles, que, sendo eles de índole tão ingénua, não entendessem qual o seu real significado. Mas nada o assegurava. Contudo, na pior das hipóteses, não havia motivo para se assustar, sendo que tanto a submissão à sua autoridade como o seu despotismo em relação a eles estavam por demais solidamente firmados para que pudessem vacilar por uma qualquer razão, nem sequer devido a um escândalo. Ademais, nunca considerara a eventual descoberta das suas façanhas pessoais por um ou todos os seus filhos como sendo uma hipótese absurda, o que no entanto não o angustiava em demasia, em virtude da confiança que punha na sua própria força e de nunca ter alicerçado a educação dos seus filhos sobre noções de exemplaridade e persuasão para temer que eles se desviassem do caminho da rectidão ao ver que ele se havia apartado deste. Entre outras coisas, julgava improvável que os filhos descobrissem algo acerca dele antes de atingirem a maioridade, ou seja, quando já pouco lhe importaria saber o seu segredo desvendado. Mas nada disto conseguiu amainar a sua irritação contra tudo o que acontecera. É certo que estava satisfeito e impante de orgulho sexual ao pensar que uma mulher como Galila viera pessoalmente até ao grupo de amigos que o rodeavam para com ele se alegrar, gracejar e mesmo ironizar sobre o seu novo amor, o que se afigurava ser um "acontecimento" de notável alcance entre as testemunhas dos seus serões e uma "manifestação" saturada de toda uma densidade de sentidos para um homem do seu jaez que nada colocava ao nível do amor, da música e da companhia agradável. Mas quão mais puro seria o seu júbilo se o feliz acontecimento se houvesse produzido longe daquele ambiente familiar!

Quanto a Yassin e a Fahmi, os seus olhos não se haviam despregado da porta da sala de estar desde que Galila aí penetrara até à sua saída acompanhada pelo senhor Muhammad Iffat. Fahmi foi tomado por um assombro que lhe causou vertigens, como sucedera a Yassin quando ouvira Zannouba dizer:

- É do nosso bairro, de certeza que já ouviste falar dele... é o sayyed Ahmad Abdel Gawwad!

Yassin, pelo contrário, foi arrastado por uma curiosidade ardente e

compreendeu, com um contentamento que despertou no seu coração transportado pelo entusiasmo e pelos mesmos sentimentos que experimentara no cotejo com o pai, quando no quarto de Zannouba, que Galila era uma outra das aventuras na vida daquele, vida que, ele tinha a certeza, era uma ininterrupta cadeia dourada de casos amorosos em que o pai superara tudo quanto a imaginação em seu redor podia architectar. Fahmi, por seu turno, persistia na esperança e no anseio de vir a saber, a qualquer momento, que a cantora quisera encontrar o pai por uma razão atinente ao convite que este lhe fizera para animar o casamento de Aisha, até chegar Khalil Shawkat, que lhes anunciou a rir que Galila estava a "brincar" com o sayyed e a "gracejar com ele como se fossem amigos de longa data". Ao ouvir aquelas palavras, Yassin não conseguiu ocultar por mais tempo o segredo que encerrava dentro de si e arrastado pela bebedeira revelou tudo quanto sabia. Esperou que Khalil se afastasse e depois inclinou-se ao ouvido do irmão e, com uma risada sufocada, disse-lhe:

- Escondi-te coisas que me causavam um certo embaraço ter de contar em seu tempo, porém, tendo visto aquilo que vi e ouvido o que acabei de ouvir, revelar-tas-ei.

E principiou a relatar-lhe o que vira e ouvira em casa de Zubaida, a cantora. Fahmi interrompia-o de quando em quando, dizendo aturdido: "Não digas isso!", "Enlouqueceste?", "Como queres que acredite em ti?", até o jovem lhe contar a história nos seus mais ínfimos detalhes. Fahmi, com a fé e o idealismo com que crescera, era incapaz de perceber e muito menos de digerir aquele comportamento oculto que se lhe desvelava pela primeira vez, sobretudo, quando o próprio pai era parte integrante dos alicerces da sua fé e dos pilares do seu idealismo. De súbito o jovem começou a sofrer e a sensação que experimentou no momento daquela descoberta talvez se pudesse comparar à de um feto, se tal imagem é lícita, no momento em que do tranquilo mundo uterino transita para o tumultuoso mundo da vida. E quicá, se lhe houvessem dito que a mesquita de Qalawun fora reconstruída às avessas, com o minarete em baixo e o túmulo em cima, ou que Muhammad Farid traíra a mensagem de Mustafa Kamel e se vendera aos Ingleses, estas notícias não lhe provocariam maior reprovação e perturbação:

- O meu pai vai beber, cantar e tocar tamboril em casa de Zubaida!

O meu pai deleita-se a gracejar e tentar agradar Galila! O meu pai é culpado de embriaguez e de adultério! Como é possível reunir estas três coisas juntas? Então é diferente do pai que conheci em casa, modelo de devoção e de força! Qual é o autêntico? Parece-me ainda ouvi-lo dizer: "Allah é o maior... Allah é o maior." Mas como pode dizer o canto? Uma vida de simulação e de hipocrisia! E contudo é sincero quando ergue a cabeça para rezar, sincero quando se encoleriza!... Será que o meu pai é o vício ou será que a devassidão é uma virtude?!

- Estás chocado?! Também o fiquei quando Zannouba proferiu o seu nome, mas a seguir considerei-me logo um tonto e questionei-me o que lhe poderia censurar. A impiedade?... Mas todos os homens são assim ou assim é necessário que sejam... - disse Yassin.

- Estas palavras são verdadeiramente dignas de Yassin... Yassin... é uma coisa, o meu pai é outra...Yassin! Quem é Yassin? Mas com que direito repito tais coisas doravante se o meu pai em pessoa em nada difere dele, a não ser que o tenha superado na degradação. Mas não, não se trata de degradação! Há qualquer coisa que desconheço... O meu pai não peca... É inacessível ao pecado... Está acima de toda a suspeita... E, em qualquer dos casos, acima do desprezo..."

- Ainda estás chocado?! . .

- Não consigo imaginar uma só coisa daquilo que me contaste!

- Porquê?... Ri-te disso e procura compreender o mundo! Canta, e então? Que mal há em cantar? Embriaga-se: acredita em mim, embriagar-se é muito mais agradável do que comer! Ama torridamente, mas a paixão era a principal distracção dos califas. Lê a colectânea de poesias intituladas Al-Hamasa^[106] e os comentários contidos nas suas margens. Nada há que possas objectar ao nosso pai. Grita comigo: "Viva o sayyed Ahmad Abdel Gawwad! Viva o nosso pai!" Bom, deixo-te por uns instantes, o tempo de fazer uma visitinha, nesta ocasião que bem o merece, à garrafa que escondi por baixo da cadeira!

Quando a cantora regressou à orquestra, a notícia do seu encontro com o sayyed Ahmad Abdel Gawwad percorreu o harém, passando de língua em língua até chegar aos ouvidos de Amina, Khadiga e Aisha. E, posto que ouvissem aquelas coisas pela primeira vez, muitas senhoras, cujos maridos eram amigos do sayyed, receberam a notícia sem a

mínima surpresa, trocando piscares de olhos, sorrindo como quem sabe mais do que diz. Contudo, nenhuma se rendeu à tentação de abordar o assunto em questão, quer por um tal comportamento em público ser inconveniente na presença das filhas, quer por as regras do decoro lhes recomendar não o fazer perante Amina e as suas duas filhas. No entanto, a viúva de Shawkat disse a Amina, gracejando:

- Mantém-te atenta, Amina, parece que os olhos de Galila se extraviaram nos do sayyed Ahmad!

Amina sorriu mostrando-se indiferente ainda que o sangue do pudor e do constrangimento lhe colorisse o rosto. Era a primeira vez que tinha provas tangíveis de algo que corroborava as dúvidas que, de longa data, haviam assaltado a sua mente. E, apesar de afeita à paciência e à resignação no tocante ao que lhe coubera em sorte, o facto de tropeçar numa prova tangível feriu-a vivamente e sentiu uma dor que jamais experimentara, uma ferida que sangrava nos recessos do seu orgulho. Uma mulher que quis comentar as palavras da viúva de Shawkat com uma frase de cortesia digna da mãe da noiva disse:

- Quem tem um rosto delicado como o de Sitt Umm Fahmi não deve rezear que o esposo comece a fazer olhinhos a outra mulher!

Todo o seu ser estremeceu ante o elogio e o seu belo sorriso reapareceu; aí achou, afinal de contas, um pouco de conforto para a dor surda que a magoava, contudo, quando Galila entoou uma nova canção e a sua voz encheu os seus ouvidos, uma cólera brusca irrompeu dentro dela e compreendeu, numa fracção de segundo, que estava prestes a perder o domínio de si mesma. Abafou-a de imediato com as forças de uma mulher que jamais admitira ter o direito de se deixar levar pela cólera. Khadiga e Aisha souberam da notícia com espanto e trocaram olhares desconcertados que se interrogavam sobre o significado daquela história. No entanto este espanto, contrariamente ao que sucedera a Fahmi, não era acompanhado pela perturbação nem, como sucedera à mãe, pela dor. Talvez pensassem que o facto de uma mulher como Galila abandonar a orquestra e se dar ao trabalho de descer até ao grupo onde estava o pai para cumprimentá-lo e falar com ele nada tinha na verdade de surpreendente. Khadiga sentiu por instinto a necessidade de examinar o rosto da mãe e relanceou-o furtivamente. E, ainda que a visse sorrir, percebeu que era esmagada por uma dor e um embaraço que a

sufocavam e aniquilavam a sua tranquilidade. Desconsolada diante de tal situação, não tardou a sentir rancor contra a cantora, contra a viúva do defunto Shawkat e todas as mulheres ali presentes...

Mas, quando veio o momento de acompanhar a noiva à casa do esposo, cada qual esqueceu os seus desgostos pessoais. Passar-se-iam semanas, meses, sem que a imagem de Aisha no seu vestido de noiva abandonasse as mentes.

El-Ghuriya parecia envolta na escuridão e no silêncio quando a família deixou a casa do noivo para regressar a en-Nahhasin. O sayyed Ahmad caminhava sozinho à frente, seguido, a poucos metros, por Fahmi e Yassin. Este último tentava, o melhor que podia, dominar-se e controlar a sua marcha, temendo que a consciência, confusa devido ao excesso de álcool, o traísse. Depois, na cauda, vinham Amina, Khadiga, Kamal e Umm Hanafi. Kamal juntara-se à caravana contrafeito e, não fora o "cameleiro" que a chefiava, teria encontrado um meio de libertar-se da mão da sua mãe e voltar atrás até onde abandonara Aisha. Desta feita, entre um passo e outro, o garoto virava-se na direcção do portão de el-Metwalli para se despedir, triste e agoniado, dos sinais ainda visíveis do casamento, como a lâmpada acesa que um criado, subindo a um escadote de madeira, fora desprender do gancho por cima da entrada de es-Sukkariyya. É pouco afirmar que se lhe despedaçara o coração ao constatar que a família partia sem aquela que, para ele, a seguir à mãe, era o elemento mais querido. Olhou para esta última e num murmúrio questionou:

- Quando é que a irmãzinha Aisha volta para casa?

- Pára de repetir sempre a mesma coisa e reza pela sua felicidade! - respondeu Amina, igualmente num murmúrio. - Há-de visitar-nos muitas vezes e também nós iremos vê-la muitas vezes!

Kamal sussurrou de novo, irado:

- Vocês enganaram-me!

Amina, apontando com a mão para diante deles na direcção do sayyed quase tragado pelas trevas, exclamou: "silêncio!", mas Kamal estava absorto, trazendo à sua imaginação as imagens das cenas a que assistira na casa nupcial.

Estas pareciam-lhe deveras estranhas e haviam baralhado a sua mente. Puxou para si a mão da mãe para apartá-la de Khadiga e de Umm Hanafi e, indicando o caminho que iam deixando para trás, segredou-lhe:

- Então tu não sabes o que lá se está a passar?
- O que queres dizer?
- Olhei pelo buraco da fechadura!

O coração de Amina contraiu-se, angustiado, ao imaginar a porta a que aludia; contudo, combatendo aquela intuição, perguntou-lhe:

- Que porta?
- A porta do quarto da noiva!
- Que vergonha, olhar pelo buraco das fechaduras!... - retorquiu a mãe extremamente agitada.

Mas ele apressou-se a contrapor num sussurro:

- Aquilo que vi é ainda mais vergonhoso!
- Está calado!
- Vi Aisha e o senhor Khalil sentados na cadeira de repouso... e Khalil... Ela desferiu-lhe uma violenta palmada no ombro e ele calou-se. Depois, vsegredou-lhe ao ouvido:

- Devias ter vergonha de dizer tais coisas, o teu pai mata-te se te ouvir! Mas o garoto voltou à carga no tom de quem precisa revelar à mãe uma realidade de que ela jamais suspeitaria:

- Estava a segurar-lhe no queixo e beijava-a...

Amina bateu novamente no seu ombro com uma força que ele nunca antes lhe conhecera e Kamal apercebeu-se de que cometera deveras um erro sem o querer. Assustado, calou-se. Porém, ao atravessar o pátio da casa submersa na obscuridade, na cauda da família, e vendo Umm Hanafi que se conservava atrás deles para fechar a porta, trancá-la e puxar o ferrolho, a confusão e a ânsia de saber tornaram-se-lhe ainda mais prementes, pelo que abandonando o silêncio e o temor perguntou, suplicante:

- Diz, mãe, por que razão é que ele a beijava?

E Amina com firmeza replicou:

- Se comesças outra vez com esta história, digo ao teu pai!

[\[101\]](#) Ou seja, "o pão dos ricos", espécie de fogaça muito doce, embebida de mel e muitas vezes recoberta de natas.

[102] Expressão de condolência utilizada nas cerimónias fúnebres.

[103] Kaaba, em Meca, na Arábia Saudita.

[104] Exclamação dialectal que se usa em certos ambientes, nomeadamente, os que são específicos às cantoras, para responder ironicamente a um pedido ou lastimar algo.

[105] Jogo de palavras com o número cinco {Khamsd), que, em árabe, indica também a mão de Fátima, filha de Muhammad, profeta do Islão, utilizada como amuleto contra o mau-olhado.

[106] Antologia de poesias antigas e de crónicas sobre vários poetas árabes do período pré-islâmico e dos primeiros anos do Islão, composta por Abu Tammam Habib Ibn Aws (808-845). O título da obra deriva do título do primeiro capítulo dedicado à coragem, ao valor guerreiro (Al-Hamasa).

Yassin procurou refúgio no seu quarto num estado de completa embriaguez. Quando se achou a sós com Fahmi, seguro de não ser espiado- Kamal afundara-se no sono mal pousara a cabeça no travesseiro - foi tomado por um violento desejo de se libertar, numa reacção ao esforço terrível que tivera de manter durante todo o serão e, em especial, no caminho do regresso no sentido de conter e subjugar a sua conduta. Mas o quarto pareceu-lhe demasiado exíguo para a sua ânsia de se enfurecer e pensou que o melhor meio de se acalmar seria continuar a falar. Num lançar de olhos para os lados de Fahmi que se despia, exclamou, escarninho:

- Compara um pouco o nosso estado de frustração com a habilidade do nosso pai!... Ele, sim, é que é um homem de verdade!

Todavia, ainda que aquelas palavras acordassem a dor e a confusão dentro de Fahmi, ele restringiu-se a responder-lhe, com um amargo trejeito dos lábios, numa sombra de sorriso:

- Que Allah te abençoe, és o melhor sucessor!
- Desagrada-te que o nosso pai faça parte dos grandes caçadores?
- Queria que a imagem ideal que em mim existia não se houvesse alterado!

- A imagem real é ainda mais magnificente e agradável! - retornou Yassin, esfregando as mãos, exultante. - Que pai fabuloso! Ele é o homem ideal! Devias tê-lo visto com a mão a tocar tamboril, tendo diante de si um cálice brilhante. Bravo... Bravo sayyed Ahmad!

- E a sua constância e o seu temor a Allah?! - questionou Fahmi, desconcertado.

Yassin franziu o sobrolho e concentrou-se no problema, mas estava num estado em que, para ele, era menos difícil somar elementos contrastantes do que conciliá-los, pelo que retrucou, movido tão-só pelo estupor:

- Não há qualquer problema! É a tua mente vil que o cria a partir do nada. O meu pai é decidido, crente e gosta de mulheres. É uma coisa simples, límpida, tal como um e um são dois, e eu sou aquele que talvez mais se lhe assemelha, já que também sou crente e gosto de mulheres, apesar de ser menos decidido do que ele. Tu também és

crente e decidido, e as mulheres agradam-te, porém, embora leves a cabo a fé e o rigor, cuidas muito menos do terceiro atributo. Em seguida, acrescentou a rir:

- Todavia é precisamente o terceiro que é o mais constante!

É provável que, no final do seu discurso, já Yassin houvesse esquecido o prazer que o impelira a se alongar daquele modo, pois que só em aparência as suas palavras visavam defender o pai, enquanto na realidade eram a mera expressão de um sentimento tórrido que exacerbava o seu sangue ébrio e de uma embriaguez frenética que o subjugara mal se haviam eclipsado os observadores de que desconfiava. Um desejo que germinava de uma imaginação sobreexcitada devido à bebida pela qual o corpo tresloucado bradava o seu amor, sem que a vontade pudesse refrear ou aplacar a sua cobiça. Mas onde achar o objecto do seu desejo? Teria tempo?!... Zannouba?! O que se interpunha entre eles?!... Só um pequeno percurso! Deitar-se-ia em breve com ela! Depois voltaria, internando-se num sono profundo e calmo! Sorriu ante aquela imagem tentadora com a alegria de quem não tem de prestar contas a ninguém; por isso apressou-se, sem mais hesitações, a fazer tudo para realizar aquele desejo e, pouco depois, disse ao irmão:

- Está calor. Vou subir um pouco ao terraço para respirar o ar fresco da noite!

Saiu do quarto e caminhou para o corredor exterior, começou a descer as escadas, tacteando na completa escuridão, tomando infinitas precauções para não fazer barulho. Mas como chegar à casa de Zannouba àquela hora da noite? Bater à sua porta?... E quem viria abrir? O que responderia se lhe perguntassem o que queria? E se ninguém acordasse para lhe abrir? Ou se aparecesse o guarda-nocturno, com a sua notória indiscrição? Estes pensamentos afloraram a sua mente, qual bolhas de ar; alastraram-se de seguida, transportados pela irresistível corrente do álcool. Não os recusou como obstáculos cujas consequências deviam ser tidas em conta. Pelo contrário, sorriu-lhes como se fossem gracejos susceptíveis de entreter a solidão da sua aventura. Porque a sua imaginação as havia ultrapassado, para voar até ao quarto de Zannouba que dava para o cruzamento de el-Ghuriya e de es-Sanadiqiyya. Imaginou-a com a sua camisa de noite branca transparente que se arqueava seguindo com

delicadeza os contornos dos seios e das nádegas, sublinhando a nudez de duas pernas roliças e acobreadas. O jovem foi tomado por um acesso de loucura; teria desejado saltar os degraus, não fora a completa escuridão. Ao sair, desembocou no pátio e encontrou-se numa zona onde as trevas se atenuavam um pouco pela claridade que as estrelas espargiam sobre a terra mas que, aos seus olhos por demais afeitos às escadas sombrias, pareceu uma verdadeira luz. Mal dera dois passos em direcção à porta principal, no fundo do pátio, quando uma luz frouxa, proveniente de uma lâmpada colocada sobre um banco frente à sala do forno, despertou a sua atenção. Alongou o olhar, não sem espanto, até discernir, a dois passos dali, um corpo estendido no chão. Alumiu-o com a lâmpada e reconheceu Umm Hanafi, que, aparentemente, preferira dormir ao ar livre para evitar a atmosfera sufocante da sala do forno. Preparou-se para prosseguir o seu caminho mas algo o deteve. Olhou de novo para a mulher adormecida e, donde se achava, a poucos metros de distância, distinguiu-a com uma insólita nitidez. Viu-a deitada de costas, a perna direita, dobrada, desenhava no ar, com a extremidade da galabiyya colada ao joelho, uma espécie de pirâmide erecta. A coxa esquerda estava, de igual modo, descoberta e desnudada do joelho para cima, onde se abismava na obscuridade da abertura que a galabiyya arregaçada deixava entrever entre a perna alçada e a outra estirada no chão. Embora Yassin se desse conta de que o tempo urgia e que não diminuía a sua necessidade premente de atingir o objectivo preestabelecido, não desviou o olhar do corpo jacente ao seu lado, ou melhor, não conseguiu desviá-lo e, sem disso se aperceber, começou a examiná-la com uma atenção que se revelava na vivacidade dos seus olhos avermelhados e no relaxamento dos seus lábios carnudos. A seguir, o interesse do jovem pelo corpo volumoso que ocupava um espaço equivalente ao de um búfalo cevado, transformou-se num desejo a tal ponto turvo que o seu olhar pousou no espaço tenebroso que se abria entre a perna erguida e a estendida e o fluxo ardente que escorria nas suas veias lhe fez desviar o olhar da porta de saída e dirigir-se para a sala do forno. Era como se acabasse de descobrir pela primeira vez a mulher que estivera sempre ao seu lado, durante longos anos, sem ele nunca lhe prestar atenção.

Contudo Umm Hanafi era desprovida de qualquer dos atributos específicos da beleza; o seu rosto parecia mais velho do que os seus

pouco mais de quarenta anos de idade. Também o seu corpo, com toda aquela carne e aquela gordura desconforme e de repartição desarmónica, mais se assemelhava a uma enorme e grosseira intumescência. E Yassin, seja pelo grande isolamento da mulher na sala do forno, seja porque tivera sempre em contacto com ela desde a sua infância, nunca se interessara em especial por ela. Mas agora achava-se num estado de excitação tal que perdera toda a capacidade de raciocínio. Um desejo ardente cegava-o... Mas que desejo? Um desejo intenso pela mulher em si, que prescindia dos belos atributos ou do aspecto; um desejo que, embora atraído pela beleza, não experimentava contudo aversão pela fealdade e era incapaz, em tempo de "crises", de fazer qualquer distinção, nisso semelhante ao cão que devora, sem hesitar, tudo o que encontra na lixeira.

Naquele momento, o objectivo da sua aventura inicial, Zannouba, afigurou-se-lhe rodeado de dificuldades cujas consequências eram imprevisíveis. Chegar até ela, aquela hora da noite, bater à porta, achar as palavras que deveria dizer a quem lha abrisse, o guarda-nocturno, já não eram, para ele, as brincadeiras diante das quais sorria, mas obstáculos que importava evitar. Aproximou-se de Umm Hanafi, pé ante pé, com cautela, a boca escancarada e sem nada distinguir para além daquele quintal de carne jacente ao seu lado que, aos seus olhos glutões, parecia decidido a recebê-lo. Colocou-se entre a perna levantada e a que estava esticada, debruçando-se com lentidão sobre ela, quase inconsciente, movido por uma forte tentação que por dentro e por fora o assaltava.

Sem entender como, achou-se deitado em cima dela. Talvez não fora premeditado chegar àquele extremo de uma só vez. Talvez houvesse pensado em algo como preliminar necessário ao violento movimento final. Mas o corpo sobre o qual se estendera foi sacudido por um forte tremor de medo e deixou escapar um grito repentino que ultrapassou em rapidez a mão de Yassin, no exacto momento em que tentava sufocá-lo. O silêncio absoluto foi lacerado e na cabeça do jovem o rude impacto fez com que voltasse a si num instante. Tapou-lhe a boca com a palma da mão, sussurrando-lhe ao ouvido, muito ansioso e assustado:

- Sou eu, Yassin! É o Yassin, Umm Hanafi, não tenhas medo!...
Repetiu as mesmas palavras até estar seguro de que ela o reconheceria

e só então, recuperando a calma, retirou a mão. Mas a mulher, que não parara de se lhe opor, conseguiu por fim afastá-lo e sentar-se, arquejante devido ao esforço e à emoção. Perguntou-lhe então com uma voz que o enfastiou:

- O que quer, senhor Yassin?

- Não fales tão alto! - disse-lhe num tom submisso e suplicante. - Estou a dizer que não precisas de ter medo. Não há mesmo nada para temer...

Ela perguntou de novo, com dureza, embora numa voz mais baixa;

- Porque veio aqui?

O jovem começou a dar-lhe leves palmadinhas na mão, tentando cair nas suas boas graças, enquanto suspirava com um certo alívio não desprovido de nervosismo, como se visse no facto de ela baixar a voz um sinal encorajador e respondeu-lhe;

- Porque estás zangada? Não pretendia fazer-te mal!

Depois, esboçando um sorriso, disse com um acento obsceno;

- Anda lá à sala do forno!

- Não senhor! - replicou a mulher com uma voz perturbada, mas não menos resoluta por isso. - Volte para o seu quarto! Que Deus amaldiçoe o demónio.

Umm Hanafi não havia ponderado nas palavras a utilizar, deixando-as escapar conforme a situação o exigia. Não se exprimira talvez da forma mais adequada mas, em compensação, manifestara de forma clara, embora inconsciente, o seu extremo espanto diante de um episódio que nenhum facto anterior fazia prever e que lhe caíra em cima enquanto dormia, como o milhafre que se abate sobre o pintainho. Por instinto, repelira o jovem e mandara-o para o diabo, sem pensar em ralhar-lhe ou repreendê-lo seriamente. Yassin, por seu lado, considerando inconveniente o que ela lhe dissera, foi invadido pela cólera e por pensamentos que fervilhavam na sua cabeça: "O que vou fazer com esta filha de cão? Não posso recuar depois de me ter exposto desta maneira e ter raiado o escândalo! Tenho de conseguir aquilo que quero, nem que seja à força!"

Ponderou rapidamente qual seria o modo mais eficiente de vencer a relutância que ela lhe opusera mas, antes mesmo de chegar a uma decisão, apercebeu-se de um ruído suspeito, passos talvez, que vinham da porta das escadas. Pôs-se em pé num salto, no auge do pânico,

engolindo o seu desejo abrasador qual o ladrão engole o diamante roubado quando apanhado em flagrante. Voltou-se para o lado para ver o que estava a acontecer e viu o pai que transpunha a soleira, o braço erguido e um candeeiro na mão. Ficou imóvel onde estava, como que petrificado e resignado, em estado de choque e desesperado. Compreendeu de imediato que o grito de Umm Hanafi não se perdera no vazio e que a janela do pai, virada para as traseiras, lhe servira de posto de observação. Mas o que lhe valia agora compreender isto?!... Caíra na cilada do destino!

O sayyed fitou-o fixamente, com severidade, num silêncio obstinado... trémulo de cólera. Sem desviar os olhos desapiedados, mostrou-lhe a porta e ordenou-lhe que entrasse. Conquanto desaparecer, naquele instante, fosse algo mais desejado do que a própria vida, Yassin não conseguiu esboçar um movimento, em virtude do terror e do embaraço.

O pai perdeu a paciência e, no seu cenho, surgiram os sinais precursores de uma explosão de fúria. Rugiu e os seus olhos lampejaram, reflectindo a luz do candeeiro que vacilava devido ao tremor da mão que o segurava.

- Sai, criminoso, filho de cão!...

Yassin continuou imóvel até o pai se arremessar contra ele, agarrando-lhe o braço com a mão direita e apertando-o com força, antes de arrastá-lo com veemência até à porta. Então, puxado por aquela força extraordinária, o jovem por pouco não caiu de cabeça. A seguir, voltou-se para trás espavorido e reequilibrou-se e de moto próprio deitou a correr, sem mais se preocupar com a escuridão.

Para além do pai e de Umm Hanafi, duas outras pessoas ficaram a par do escândalo de Yassin: Amina e Fahmi. Ambos haviam ouvido o grito de Umm Hanafi e assistido, das respectivas janelas, ao que se passara entre o jovem e o pai; haviam logo imaginado o que estaria por trás, sem que fosse necessário uma grande intuição. Todavia, o sayyed revelou à esposa o erro de Yassin e perguntou-lhe tudo quanto sabia acerca de "Umm Hanafi". Amina tomou a defesa da sua criada e falou-lhe do seu carácter e da sua rectidão, lembrando ao sayyed que, sem aquele grito, nunca ninguém teria sabido o que acontecera. Durante uma hora, o homem soltou injúrias e maldições. Imprecou contra Yassin e si mesmo, pois "mais valia não ter tido filhos machos capazes de destruir a sua tranquilidade, com inclinações perversas"!

A cólera a pouco e pouco tornou-se excessiva e acabou por abarcar nas suas injúrias toda a família! Amina manteve-se silenciosa, como o faria mais tarde, como se de nada soubesse. Do mesmo modo, Fahmi fingiu desconhecer aquela questão; fingiu estar a dormir profundamente, quando o irmão regressou ao quarto, arfante, após aquela batalha perdida. E nada manifestou a seguir que deixasse transparecer que estava a par do sucedido. Repugnava-lhe confessar ao irmão que assistira à humilhação e ao vilipêndio que sobre este se haviam abatido, dado o respeito que nutria pelo irmão mais velho, um respeito que não fora anulado pelo que havia descoberto sobre a sua desfaçatez e a sua impudência ou pela consciência de superá-lo tanto em conhecimentos gerais como em termos culturais, ou pela indiferença de Yassin em manifestar o mesmo respeito para com os irmãos, tendo em conta o modo como se divertia a caçar deles e irritá-los. Fahmi continuava a ter uma grande consideração pelo irmão e talvez a vontade de preservá-la intacta se devesse à educação, à seriedade e à reserva que impunha a si mesmo e que lhe haviam valido adquirir o aspecto de uma pessoa mais velha do que a sua idade.

Khadiga, pelo contrário, no dia a seguir à ocorrência, não deixou de observar que Yassin não tomava o pequeno-almoço à mesa com o pai e, ao perguntar-lhe espantada qual a razão, o jovem respondeu que não digirira o jantar nupcial. A rapariga intuiu, sendo de uma extrema

desconfiança por natureza, que, para além dos problemas digestivos, outro motivo haveria para explicar a sua ausência à mesa. Debalde interrogou a sua mãe: não conseguiu obter nenhuma resposta satisfatória.

Também Kamal, ao voltar da sala de jantar, se questionava, movido não pela curiosidade ou pelo desgosto, mas com a secreta esperança de achar, na hipotética resposta, uma boa notícia que lhe confirmaria que, por mais algum tempo, o terreno da primeira refeição ficaria livre de um rival tão perigoso como Yassin. O assunto teria pois caído no esquecimento não houvesse Yassin saído de casa naquela mesma noite, sem participar na habitual sessão do café. E, ainda que se houvesse desculpado com Fahmi e a mãe, afirmando ter um encontro, Khadiga declarou com toda a sua franqueza:

- Há, nesta questão, alguma coisa escondida! Não sou parva... Corto um dos meus braços se Yassin não está a esconder algo!

Amina viu-se então forçada a mencionar a cólera do sayyed contra Yassin por um motivo que desconhecia... Passaram uma hora a tecer conjecturas sobre as possíveis causas; e até mesmo Amina e Fahmi se aliaram para ocultar a verdade.

Yassin continuou a evitar a mesa do pai até, certa manhã, ser chamado a ir ao seu encontro antes do pequeno-almoço. Aquela convocação não o surpreendeu, mas no entanto ficou muito perturbado. Dia após dia, aguardara que isto sucedesse, convencido de que o pai não se contentaria, para castigar o seu erro, com o violento empurrão que quase o fizera cair e que era inevitável que ele voltasse a este assunto duma maneira ou de outra. Talvez estivesse à espera de ser tratado de uma forma que não condizia com o funcionário que era, o que lhe fez querer, por inúmeras ocasiões, deixar a casa momentânea ou definitivamente. É certo que seria pelo menos indelicado por parte do seu pai, sobretudo por parte daquele pai que conhecera em casa de Zubaida, enfurecer-se contra o seu erro com tamanha obstinação, como seria indigno para ele expor-se a um tratamento impróprio à sua virilidade; assim sendo, o mais digno seria partir. Mas para onde?... Não lhe restava senão viver uma vida independente, sozinho, o que não seria impossível. Contudo, quando se pôs a meditar na questão sob os seus diversos ângulos e avaliou as despesas inerentes, questionou-se, o que, feitas as contas, lhe sobejaria para os seus

divertimentos: o café de Si Ali, a taberna de Costaki e Zannouba. Chegado a este ponto, o seu entusiasmo esfriou e depressa se extinguiu qual uma mecha de candeeiro exposta a uma forte corrente de ar. Começou a dizer de si para si, ciente da sua covardia: "Se obedeco ao demónio e deixo a casa, dou origem a um mau hábito que não é conveniente para a nossa família. Independentemente daquilo que o meu pai possa dizer ou fazer, continua a ser o meu pai e é absolutamente impensável que uma lição, vinda dele, me seja nefasta!" Nisto, disse com aquela franqueza que fingia quando queria gracejar: "Ora, Yassin Bey" [\[107\]](#), um pouco de humildade! Poupa-nos com a tua dignidade, pela vida da tua mãe! O que é que preferes: a dignidade da tua honrada pessoa ou o conhaque de Costaki e o umbigo de Zannouba?"

E, destarte, desistiu da ideia de deixar a casa e ficou na expectativa da convocação até esta chegar. Reuniu então todas as suas forças e apressou-se, relutante e num estado de viva apreensão; entrou no quarto, cabisbaixo, com passos ligeiros, e deteve-se longe do sítio onde o pai estava sentado, sem se atrever a cumprimentá-lo. Aguardou. O sayyed observou-o demoradamente e depois, como que estupefacto, meneou a cabeça e disse:

- Que bonito!... Que tamanho, que corpulência, que bigodes, que nuca! Se alguém te vê na rua, deve dizer de si para si, cheio de admiração: "Que homem maravilhoso e que filho bem-educado!" Mas era melhor que viesse a casa para ver como és na realidade!...

Aumentaram o embaraço e a vergonha do jovem, que nada disse. O sayyed continuou a mirá-lo com uma profunda irritação e, lacónico, comunicou-lhe, num tom seco e despótico:

- Decidi que deves casar!

Yassin ficou aturdido, chegando a duvidar dos seus ouvidos. Estava à espera de injúrias e maldições, nunca lhe ocorrera ouvir uma decisão tão grave que alterava radicalmente o curso de toda a sua existência. Não pôde evitar erguer os olhos para o rosto do pai, mas, quando estes se cruzaram com o olhar azul e penetrante do seu pai, baixou-os, afogueado pela confusão, e refugiou-se no silêncio. O sayyed deu-se conta de que o filho fora apanhado desprevenido por aquela decisão "feliz", em vez de ser tratado da forma rude que era prevista. A sua cólera deflagrou contra as circunstâncias que lhe haviam sugerido

acolhê-lo com um ar afável, capaz de desmentir a ideia que o filho tinha da sua autoridade; por isso, disseminou o furor nos acentos da sua voz e, de cenho carregado, volveu:

- O tempo escasseia, quero ouvir a tua resposta!

Uma vez que o homem decidira casar o filho, pretendia ouvir uma única resposta. Quanto a Yassin, nada o impedia de responder ao pai conforme a vontade deste, não só para obedecer à ordem, mas ainda para saciar uma ânsia pessoal. Efectivamente, mal o pai lhe havia comunicado a sua resolução, a fantasia de Yassin irrompera a conceber a imagem da bela "noiva" que se tornaria sua propriedade, à sua disposição sempre que bem lhe aprouvesse. A imaginação alegrou de tal modo o seu coração que a voz quase o traiu quando disse:

- A decisão pertence-lhe, meu pai!

- Queres casar, sim ou não?... Fala!

O jovem respondeu com a vacilação de quem deseja casar sem ter posses para tal:

- Já que esta é a sua vontade, aceito de bom grado!

O sayyed, suavizando o tom áspero da sua voz, acrescentou:

- Pedirei para ti a mão da filha de um amigo meu, o sayyed Mxxhsiram-à Iffat, comerciante de tecidos em el-Hamzawi. Um pedacinho da sua unha vale bem o pescoço de um touro como tu!

Yassin esboçou um leve sorriso e disse com uma modéstia forçada:

- Mas, graças a si, tornar-me-ei digno dela!

O pai fitou-o com um olhar agudo, como que para penetrar no fundo da sua hipocrisia, e replicou:

- Quem te ouve não faz ideia dos teus actos, hipócrita!... Desaparece da minha vista!...

Yassin estava prestes a se mover quando o sayyed o deteve com um gesto de mão, antes de lhe perguntar, para completar o seu discurso e como se lhe colocasse a questão por mera casualidade:

- Suponho que arranjaste o dote!

Yassin, atrapalhado, não respondeu. Então o sayyed enfureceu-se e reprovador perguntou-lhe:

- Embora tenhas um emprego, tens vivido às minhas custas como quando eras estudante. O que fizeste ao teu salário?

O jovem conseguiu tão-só agitar os lábios sem proferir uma palavra. O pai sacudiu a cabeça, agastado, e recordou o discurso que lhe fizera

um ano e meio antes com todas as suas recomendações, quando o rapaz começara a trabalhar: "Se eu agora te pedisse que te encarregasses daqui em diante das tuas despesas pessoais, não estaria a ultrapassar os limites existentes na relação entre um pai e um filho, porém não te pedirei nem um milésimo, para que tenhas a possibilidade de pôr de lado algum dinheiro que poderá ser-te útil em caso de necessidade!"

Aquele comportamento era sintomático da confiança que tinha no próprio filho. Com efeito, nunca supusera que algum filho seu, após a educação e a disciplina severas que dele recebera, pudesse ter inclinações para uma daquelas paixões indomáveis que desbaratam uma fortuna. Nunca imaginara que o seu "rapazinho" se havia de transformar num bêbado despudorado. Pois que o álcool e as mulheres, que ele considerava, na sua existência, como sendo divertimentos que em caso algum prejudicavam a sua virilidade ou lesavam terceiros, se tornariam, caso "manchassem" um dos seus filhos, num crime imperdoável. Por isto, o erro do jovem, de que fora testemunha na sua própria casa, o havia aquietado apesar de desencadear a sua ira, visto que Umm Hanafi jamais haveria despertado o desejo do rapaz se este não devesse suportar uma rectidão e uma castidade superiores às suas forças... Não duvidara da inocência do filho, embora houvesse por diversas vezes reparado na sua paixão pela elegância, a preferência por roupas, camisas e gravatas caras, o que lhe desagradara e acerca da qual o avisara, para além de outras despesas excessivas. Contudo, ele não considerava, por outro lado, a elegância um crime, e o facto de o filho tentar imitá-lo ou assemelhar-se-lhe num aspecto do seu comportamento- não vendo nada de mal a que os seus filhos o imitassem - enchera o seu coração de ternura e tolerância. Mas o que resultara de tamanha tolerância? Dinheiro dilapidado em futilidades, como agora o constatava de forma inequívoca? O homem suspirou, no auge do agastamento e da indignação, e, num tom ríspido, disse:

- Desaparece da minha vista!

Yassin deixou o quarto, alvo da ira paterna suscitada pela sua prodigalidade inconsiderada e não pelo erro fortuito, contrariamente ao que havia esperado ao se dirigir para o quarto do pai. Aquela mesma prodigalidade que nunca antes o angustiara, à qual se

entregara impensada e inconscientemente, gastando tudo quanto tinha nos bolsos para saborear plenamente o instante, cerrando os olhos sobre aquilo a que chamam "futuro", como se para ele não existisse. Embora houvesse deixado o quarto enleado e apavorado porque o pai o atormentara, sentiu todavia um profundo alívio, pois compreendeu que aquele acesso de cólera não significava unicamente que o sayyed o mandara embora, mas que providenciaria as despesas do casamento. Era como uma criança cujo pai, farto da insistência em pedir uma piastra, acaba por dá-la, empurrando-o para longe... e, bruscamente, o pequeno esquece a violência do empurrão perante a alegria da vitória.

O pai permaneceu raivoso e continuou a repetir:

- Que animal! Um corpo enorme, ombros desta largura, mas nenhum cérebro!

O esbanjamento do filho irritara-o, como se não fosse outrossim o emblema da sua própria existência! Mas ele não via mal algum na sua dissipação pessoal, como não via nas suas outras paixões que não lhe faziam descurar os seus deveres e não degradavam a sua personalidade. Que garantia tinha que Yassin conseguiria também ele resistir? Ele proibira-lhe o que a si mesmo se permitia e isso não por puro egoísmo mas por recear pelo filho, ainda que aquele receio fosse o indicador de uma confiança em si que, quando comparada aos outros, não estava isenta de muita presunção.

Como de costume, a sua cólera diluiu-se com a mesma velocidade com que irrompera e de novo encontrou a tranquilidade. Os seus traços alisaram-se, as coisas começaram a surgir-lhe sob um ângulo diferente, aprazível, benigno...

- Queres imitar o teu pai, meu touro! Então não vás buscar só uma faceta, descurando as demais; sê Ahmad Abdel Gawwad da cabeça aos pés se conseguires, se assim não for, mantém-te dentro dos teus limites! Acreditas deveras que me zanguei contigo por causa da tua dissipação porque esperava casar-te às tuas expensas? Qual quê!... Esperava tão-só que fosses moderado para eu custear o teu casamento não obstante a abundância das tuas economias. Pois bem, eis uma esperança defraudada! Achas que me preocupei em escolher-te uma esposa somente depois de te apanhar em flagrante delito de adultério! E que adultério! Um adultério abjecto, como os teus gostos e os da tua

mãe! Não, espécie de mula! Tenho pensado na tua felicidade desde o dia em que arranjaste emprego, e como poderia ser de outro modo sendo tu o que primeiro me tornou pai! Tu, o único companheiro nos tormentos que nos inflige a tua maldita mãe! Achas que não tenho todo o direito de ficar contente com o teu casamento, sobretudo quando terei ainda de esperar muito tempo para me alegrar com o daquele outro boi, o teu irmão, o cativo da paixão? Mas quiçá? Quem viverá verá!"

Pouco depois lembrou algo que estava em estreita ligação com a presente situação. Lembrou como falara com o senhor Muhammad Iffat acerca do "crime" de Yassin, de como se vira forçado a invectivar o rapaz e arrastá-lo com tamanha força que ele quase caíra de cabeça; e isso no exacto momento em que se preparava a pedir ao amigo a mão da filha para o seu primogénito. Na verdade, o acordo entre os dois homens havia sido firmado muito antes do próprio Yassin ser consultado. Naquela ocasião, Muhammad Iffat dissera:

- Não achas que devias mudar a maneira como tratas o teu filho à medida que este se aproxima da maioridade, tanto mais que tem um emprego e doravante é um homem responsável?

Depois acrescentara, rindo:

- É evidente que tu és daquele tipo de pais que não se refreiam enquanto os filhos não se rebelarem abertamente contra eles!

Recordou que, convicto, lhe respondera:

- Nunca na vida! A relação que tenho com os meus filhos nunca se há-de sujeitar à mudança com o passar do tempo!

Aquela última resposta brotara de uma soberba e de uma confiança em si ilimitadas. Todavia, em seguida, reconheceu que o seu modo de proceder se havia alterado efectivamente consoante as circunstâncias, mesmo se, no que lhe tocava, obrasse para que nenhum deles se apercebesse da sua secreta intenção de modificar o tratamento, e acrescentara:

- Para dizer a verdade, agora, já não levanto a mão sobre Yassin ou Fahmi. De facto, tratei Yassin com demasiada violência, estando eu subjugado por uma raiva desenfreada e não avaliando até onde me deixava arrebatado.

Depois, retomara e referira um período do passado mais distante:

- O meu pai, que Allah o tenha na Sua misericórdia, exigia de si, ao

educar-me, uma severidade extrema. Quando comparada com esta, a que uso com os meus filhos é insignificante. Mas de repente mudou o seu modo de me tratar a partir do momento em que me pediu que o ajudasse na loja. Depois, quando casei com a mãe de Yassin, o seu comportamento transformou-se numa amizade paternal, tanto que cheguei a arrogar-me o direito de me opor ao seu último casamento, dada a sua idade proecta, por um lado, e , por outro, porque a noiva era ainda muito jovem. Ele respondeu-me muito simplesmente: "Estás a querer contrariar-me, ó touro!... O que tens a ver com isto? Sou mais capaz do que tu de satisfazer qualquer mulher!" Só pude rir e confortá-lo, desculpando-me.

Ao relembrar todas aquelas coisas, o sayyed repensou no provérbio que diz: "Se o teu filho crescer, torna-te irmão dele." Sentiu então, como nunca antes lhe sucedera, talvez pela primeira vez na vida, a complexidade da função de pai.

Na mesma semana, Amina anunciou, durante a sessão do café, a notícia do noivado de Yassin.

Fahmi já fora informado pela boca do próprio Yassin, enquanto Khadiga não pôde deixar de estabelecer um nexa entre o pedido de casamento e o que soubera sobre a cólera do pai contra Yassin, e convenceu-se de que a cólera decorria do desejo expresso por Yassin de casar, atendendo às precedentes discussões que ali se haviam desencadeado entre o pai e Fahmi pelo mesmo motivo. A rapariga exprimiu aquela sua opinião como quem se interroga e Yassin a rir replicou, lançando à mãe um olhar furtivo não isento de vergonha e embaraço:

- Na realidade, existe uma estreita relação entre a fiaria e o noivado... Mas Khadiga retrucou, numa desaprovação fingida, querendo chasquear e ironizar;

- O pai tem desculpa pela sua cólera porque, estimado senhor, não creio que você possa honrá-lo perante um grande amigo, como o senhor Muhammad Iffat!...

Yassin aceitou a ironia e acrescentou;

- A situação do nosso pai tornar-se-á ainda mais crítica se o grande amigo, ou seja, o referido sayyed, ficar a saber que o noivo da sua filha tem uma irmã como tu... estimada senhora!

Então Kamal perguntou:

- Yassin também nos vai deixar, como a irmãzinha Aisha?
- Não! - respondeu Amina com um sorriso. - Mas, em compensação, vai entrar em nossa casa uma nova irmã, a noiva!

Kamal ficou satisfeito com a resposta com que não contava. Ficou contente por saber que o "seu narrador", aquele que o divertia com as suas histórias, as suas anedotas e a sua companhia, ficaria, o que não impediu que perguntasse de novo por que motivo Aisha não ficava também. A mãe respondeu-lhe que o costume assim o determinava, a esposa mudava-se para a casa do marido, mas não o inverso. O garoto ignorava quem instituíra aquele costume mas, quanto haveria preferido o contrário, mesmo se devesse sacrificar Yassin e as suas belas palavras! Seja como for, não pôde expressar abertamente o seu desejo e exprimiu-o tão-só com um olhar eloquente que dirigiu à mãe. Fahmi foi o único para quem a notícia reavivou desgostos, não porque não compartilhasse da alegria de Yassin, mas porque o tema do matrimónio doravante despertava nele invariavelmente os seus sentimentos e chamava a tristeza, tal como o facto de ouvir falar de vitória desperta a tristeza numa mãe que perdeu o filho numa batalha vitoriosa...

[107] Bey, antigo título turco que na origem designava o chefe do clã e que aqui tem claramente um sentido irónico.

43

A caleche arrancou, conduzindo Amina, Khadiga e Kamal até es-Sukkariyya. O matrimônio de Aisha era talvez o prelúdio de uma nova era de liberdade? Poderiam finalmente ver a luz do mundo, de tempos a tempos, e respirar o seu ar puro?!... Amina não se deixara contudo embalar pelo optimismo, nem ousara antecipar os eventos. Com efeito, aquele que lhe proibira de ir visitar a mãe, a não ser em raras ocasiões, poderia também, do mesmo modo, proibir-lhe de se encontrar com a filha! Não esquecia que haviam passado muitos dias desde o casamento de Aisha, durante os quais, o pai, Yassin, Fahmi e até Umm Hanafi haviam-na visitado, sem que tal lhe fosse permitido, ou sem que ela tivesse a coragem de pedir autorização. Evitava lembrar ao esposo que também ela tinha uma filha em Es-Sukkariyya que devia visitar. Manteve-se em silêncio conquanto a imagem da pequena não houvesse abandonado por um segundo sequer o seu pensamento. Mas, quando os tormentos da espera se lhe tornaram insuportáveis, reuniu a sua força de vontade e perguntou:

- Inshallah, talvez o meu senhor tenha decidido ir visitar, dentro em breve, Aisha para que fiquemos tranquilos no tocante ao seu estado?...

O sayyed compreendeu o desejo latente que se escondia por trás do pedido e zangou-se com ela, não porque quisesse proibir-lhe as visitas a Aisha, mas porque pretendia, como acontecia em situações análogas, que a autorização emanasse dele como uma concessão que nenhum pedido precedera, de maneira que na alma dela não nascesse a suspeita de que o seu pedido tivera algum peso na sua decisão. Achou desagradável que ela tentasse chamar a sua atenção com um pedido manhoso. Já havia reflectido anteriormente no problema com um certo embaraço e irritara-se, vendo que se tratava de uma necessidade para a qual não havia escapatória. Por isso, gritou-lhe enfurecido:

- Aisha está na casa do seu esposo e não precisa de nenhum de nós... E, além disso, fui vê-la, bem como os seus irmãos. Então, o que te preocupa?!

Amina sentiu um baque no coração, a sua saliva secou-se com o desespero e a dor. Quanto ao sayyed, ele propusera-se manter o silêncio como se houvesse proferido a última palavra no concernente

àquele assunto, para puni-la pelo que considerava uma astúcia imperdoável por parte dela. Depois ignorou-a o tempo todo, espiando a tristeza que ensombrava os traços do seu rosto, até ao momento de sair para voltar para o trabalho em que ele lhe disse, duro e lacónico;

- Vai visitá-la amanhã!

O sangue da alegria afluiu ao seu rosto que não sabia nada ocultar e apareceu como subjugada por uma alegria infantil. Mas, rapidamente, um novo acesso de cólera se apossou dele;

- Depois disso, não a verás mais, a não ser que o esposo lhe permita visitar-nos!...

Ela evitou qualquer comentário, mas não esqueceu a promessa feita a Khadiga ao falar-lhe do encontro com o pai e apreensiva perguntou, depois de hesitar um pouco;

- O meu senhor permite que leve comigo Khadiga?

Ele sacudiu a cabeça como para dizer; "Que bonito...Que bonito!" e depois respondeu num tom áspero;

- Pois... Pois!... Visto que aceitei casar a minha filha, é necessário que a minha família se misture com a gente da rua!... Leva-a contigo e que Allah vos leve a todos!

Era uma alegria maior do que Amina poderia imaginar, e ela nem prestou atenção à última evocação que se habituara a ouvir... tanto mais que sabia que, nos momentos de cólera ou de fingimento de cólera, o que saía da boca do marido estava bem longe do que guardava no coração. Naquela ocasião, ele era semelhante a uma gata que, enquanto transporta os seus pequenos, parece querer devorá-los... A esperança de Amina realizara-se e a viatura encaminhou-se em direcção de Es-Sukkariyya. Kamal parecia o mais feliz dos três pelo simples facto de ir ver Aisha de caleche juntamente com a mãe e a irmã. Dir-se-ia que não conseguia conter a sua alegria, desejando manifestá-la publicamente ou que talvez, sentado na caleche entre a mãe e a irmã, quisesse chamar a atenção sobre a sua pessoa. Mal a viatura chegou perto da loja de Amm Hassanein, o barbeiro, ele levantou-se de um salto, gritando;

- Amm Hassanein, olha!

O homem olhou para ele e, vendo que não estava só, baixou rapidamente os olhos, sorrindo. Amina que se sentiu derreter de pudor e embaraço, puxou-o pela ponta do casaco com medo de que

voltasse à carga diante das outras lojas, e começou a censurá-lo por causa da sua "louca" iniciativa. Depois apareceu a casa de es-Sukkariyya, não mais sob o seu manto de luzes da noite do casamento, mas antiga e decrépita. Contudo, a sua própria vetostez, aliada à imponência do edifício e à decoração preciosa, eram índices de poder e prestígio. A família Shawkat era uma "antiga" família mesmo se, da antiga glória restasse somente o nome, sobretudo após a repartição hereditária do património e devido ao desprezo pela instrução!

A esposa tinha o segundo piso enquanto a viúva do defunto Shawkat que, devido à idade, tinha dificuldades em subir as escadas, descera para o primeiro e com ela o seu primogénito, Ibrahim. Permanecia assim vago um terceiro piso porque não tinham nada com que o preencher e não queriam alugá-lo.

Quando entraram no apartamento de Aisha, Kamal, deixando-se arrebatado pela sua natureza e agindo como se estivesse na sua própria casa, quis explorar os aposentos para encontrar por si mesmo a irmã e saborear o prazer da surpresa que ele imaginara ao subir a escada. Mas a mãe, não obstante a sua resistência, não o deixou fugir-lhe da mão. Depois, sem que tivesse tempo de se dar conta, a criada acompanhou-os à sala de estar onde os deixou a sós. Kamal teve a impressão de que os tratavam como "estranhos" ou "hóspedes". Apertou-se-lhe o coração e acalmou-se repetindo ansiosamente:

- Onde está Aisha? Porque ficamos aqui?

Não ouvia senão "caluda" e advertências que o punham de sobreaviso contra o facto de lhe ser proibida outra visita caso falasse demasiado alto! Mas a dor abandonou-o em breve quando chegou Aisha a correr, com o rosto iluminado por um sorriso cujo esplendor eclipsava as cores do seu maravilhoso vestido e da magnífica maquilhagem. Ele precipitou-se ao seu encontro e lançou os braços ao seu pescoço. Aisha, a mãe e a irmã trocaram cumprimentos enquanto o garoto se mantinha na sua posição! Aisha parecia muito contente consigo mesma, com a sua nova vida e com a visita da sua família. Falou-lhes das visitas do pai, de Yassin e de Eahmi, contou como o desejo de vê-los vencera o pavor que tinha do pai, ao ponto de ousar pedir-lhe que concedesse aos irmãos a permissão de visitarem-na!

- Não sei como a minha língua conseguiu obedecer-me ao ponto de falar! - disse. - Talvez o seu novo aspecto, que eu nunca lhe vira antes,

me tenha dado coragem. Pareceu-me gentil, sereno, sorridente. Sim, por Allah, sorridente! Mas mesmo assim hesitei muito; temia que bruscamente mudasse e se zangasse comigo! Depois confiei em Allah e falei!

A mãe perguntou que resposta recebera e ela disse:

- Respondeu-me de forma lacônica: "Inshallah" e depois voltou apressadamente ao seu tom sisudo para avisar-me: "Mas não penses que se trata de um jogo, todas as coisas têm o seu limite!" O meu coração começou a palpitar com força e pedi-lhe longamente que se acalmasse e consentisse!

Depois voltou um pouco atrás e descreveu a sua reacção quando lhe haviam anunciado que o seu pai, o grande sayyed, se encontrava na sala de estar.

- Corri à casa de banho e lavei o meu rosto, tentando eliminar qualquer resquício de maquilhagem, ao ponto de Si Khalil me perguntar porque fazia tudo isso, ao que lhe respondi: "Procura compreender! Não posso recebê-lo com um vestido de Verão que deixa ver os meus braços!"... e não dei nem mais um passo sem antes me ter envolvido num xaile de caxemira.

Assim contou Aisha e a seguir acrescentou:

- E quando a mãe soube disso... - riu Quero dizer, a minha nova mãe!... Quando Si Khalil lhe contou o que acontecera, começou a rir e disse-lhe: "Conheço o sayyed Ahmad muito bem... Ele é assim e ainda pior."

Depois voltando-se para mim, disse: "Mas fica sabendo, meu tesouro, que já não fazes parte da família de Abdel Gawwad. Agora és um membro da família dos Shawkat, não te preocupes com os outros!.."

O seu ar alegre e as suas palavras infundiam nas suas almas amor e estupor, Kamal arregalou os olhos diante dela como o fizera na noite do casamento e perguntou, protestando:

- Porque é que não tinhas este ar quando estavas connosco? Ela respondeu logo, a rir:

- Naquela época, não era ainda um membro da família dos Shawkat. Também Khadiga a observava com um olhar afectuoso. Com efeito, com o casamento de Asha, os motivos de zanga entre as duas raparigas, que se deviam à convivência, haviam desaparecido. Por

outro lado, do sentimento de raiva que dela se apoderara no momento em que fora dado o consentimento para o casamento da irmã antes do seu restava tão-só um ténue vestígio que ela atribuía ao seu "destino" e já não a Aisha. O seu coração agora nutria somente amor e desejo. Quanta falta lhe fazia sempre que precisava de uma confidente a quem revelar os segredos da sua alma!

Depois, Aisha falou da sua nova casa, da machrabiyya que dava para o Portão de el-Metwalli, dos minaretes que nas imediações se elevavam para o céu e do incessante fluxo de transeuntes. Tudo, em seu redor, lhe rememorava a velha casa, as mas e os edifícios vizinhos. Nada havia de diferente, salvo os nomes e alguns aspectos secundários...

- Mas, agora que penso nisso, o Portão não tem equivalente entre vós - disse e continuou com uma certa indiferença- , embora o mahmal não passe por baixo, como me disse Si Khalil!

Aisha prosseguiu o seu relato:

- Debaixo da machrabiyya há um lugar onde se juntam três homens que não se vão embora antes do cair da noite: um mendigo coxo, um vendedor de sapatos e um geomante. Estes são os meus novos vizinhos; o geomante é o mais afortunado de todos: não imaginam a enorme quantidade de mulheres e de homens que vêm acorocar-se diante dele para questioná-lo acerca dos seus destinos! Quem me dera que a minha machrabiyya fosse mais baixa para ouvir o que ele lhes diz! Mas o espectáculo mais divertido é o dos swa-res que vêm de ed-Darb el-Ahmar. Se encontra um daqueles carros com pedras procedentes de el-Ghuriya, a entrada do Portão torna-se demasiado exígua para ambos e cada condutor segue geralmente o que tem em mente, intimando o outro a recuar para desobstruir a passagem. A discussão principia com uma certa delicadeza, depois torna-se agitada, áspera e as suas gargantas acabam por gritar impropérios e insultos. Entretanto, vão chegando carroças e carros de mão, a rua fica completamente atravancada e ninguém mais sabe restabelecer a situação. Neste ponto, mantenho-me atrás da fresta da janela e sustenho o riso enquanto observo os rostos e as cenas.

Como era parecido o pátio da nova casa com o deles: a sala do forno, a despensa, a sogra, rainha do pátio, e a criada Suwaídan.

- Não preciso de fazer nada: mal pronuncio a palavra "cozinha"

trazem-me o tabuleiro da refeição! - disse Aisha.

Ao ouvir aquelas palavras, Khadiga não pôde conter o riso, dizendo:

- Alcançaste o que há tanto tempo desejavas!

Kamal não achara nenhum interesse na conversa, mas percebeu contudo, pelo tom geral, que algo revelava a estabilidade daquela que assim falava, pelo que foi tomado pela inquietação e perguntou:

- Não voltas nunca mais para a nossa casa?

Uma voz ressoou então na sala:

- Não, não voltará para a vossa casa. Si Kamal!

Era Khalil Shawkat que entrava de forma inesperada, pavoneando-se com o seu corpo de estatura média revestido de uma túnica de seda branca. Tinha o rosto oval, cheio, uma pele clara, os olhos levemente proeminentes e uns lábios carnudos. A cabeça grande terminava com uma fronte estreita da qual partia uma abundante cabeleira negra que, na cor e no penteado, muito se assemelhava à do sayyed. Dos seus olhos emanava uma expressão de bondade e de indolência, efeito provável do conforto, do ócio e da saciedade. Ele debruçou-se sobre a mão de Amina para beijá-la, mas esta, intimidada e embaraçada, retirou-a bruscamente, balbuciando agradecimentos... Depois Khalil saudou Khadiga e Kamal, e sentou-se como se fosse "um deles", segundo a expressão que mais tarde Kamal empregaria. O garoto aproveitou o ensejo, enquanto o esposo estava ocupado a conversar, para observar atentamente o seu rosto, aquele rosto de origem estrangeira que emergira no oceano das vidas deles e tomara um lugar de primeiro plano, que lhe permitira tornar-se no mais próximo parente, ou melhor dizendo, no rosto ligado ao de Aisha. Cada vez que aquela primeira verdade lhe ocorria, arrastava a segunda, como o branco atrai o negro. Examinou-o demoradamente, repetindo para si aquelas palavras cheias de certeza: "Não, não voltará para a vossa casa. Si Kamal!" Experimentou por ele um sentimento de repulsa, de aversão e de ódio que se teria assenhorado do seu coração caso o homem de repente não se houvesse levantado e saído para regressar com um tabuleiro de prata repleto de deliciosos doces de diferentes tipos, que lhe ofereceu com um sorriso. Um sorriso que brilhou sobre os seus lábios e pôs em evidência dois dentes encavalitados. Depois chegou a viúva do defunto Shawkat, apoiada no braço de um homem que todos supuseram, dadas as semelhanças com Khalil, ser o irmão

mais velho. Esta dedução foi rapidamente confirmada pela apresentação que a viúva fez nestes termos:

- Ibrahim, o meu filho... Não o conheciam ainda?!

Tendo reparado no embaraço de Amina e de Khadiga no momento dos cumprimentos, ela acrescentou sorrindo:

- Somos como uma só família desde há muito tempo, mas uma parte vê a outra pela primeira vez somente agora!... Não faz mal...!

Amina compreendeu que a mulher a encorajava e lhe simplificava a situação e sorriu-lhe, mas um sobressalto de angústia invadia-a e perguntava-se se o sayyed aprovaria que elas encontrassem sem véu aquele homem, embora fosse considerado um novo membro da família tal como Khalil... Será que deveria falar daquele encontro ou evitar fazê-lo por uma questão de tranquilidade?... Se não fosse a idade, Ibrahim e Khalil poderiam passar por gémeos. Embora a diferença física entre eles parecesse quase inexistente em comparação com a diferença de idade. Com efeito, se Ibrahim não tivesse cabelos curtos e bigodes torcidos em ponta, nada o distinguiria de Khalil. Era como se não tivesse quarenta anos ou como se o seu aspecto juvenil não sentisse o passar dos anos. Amina recordou então tudo o que certa vez lhe dissera o sayyed acerca do defunto Shawkat, isto é, que ele "aparentava ter menos vinte anos, ou mais, do que a sua verdadeira idade" ou que "não obstante a sua bondade e generosidade, não permitia nunca que os seus pensamentos estragassem a sua serenidade, como um animal". Não era estranho que Ibrahim aparentasse uns trinta anos, apesar de ter casado muito jovem e tido dois filhos que mais tarde viriam a falecer bem como a esposa?! Contudo saíra incólume daquela cruel experiência e retomara a sua vida ao lado da mãe, uma vida feita de inércia, calma e ócio como todos os Shawkat.

Khadiga, sempre que sentia estar ao abrigo dos olhares indiscretos, deleitava-se a assestar os seus olhos nos dois irmãos, a relevar furtivamente os extraordinários pontos comuns entre eles existentes; o rosto cheio de tom claro, os mesmos olhos grandes um tanto proeminentes, a corpulência, o ar lânguido... Todos aqueles traços despertavam nela a ironia que escondera dentro de si e em breve a sua imaginação azafamada acumulava na sua memória algumas imagens a que tornaria durante a sessão do café. Em consonância com o espírito

crítico que era o seu, deixou-se levar pela brincadeira e pela zombaria. Preocupou-se assim em arranjar para ambos os homens uma alcunha descritiva e maledicente similar às que costumava geralmente atribuir às suas vítimas e segundo o exemplo sobretudo da que escolhera para a senhora Shawkat, a que dera o nome de "metralhadora" porque espargia gotículas de saliva quando falava. Num dado momento, volveu o olhar para Ibrahim mas qual não foi o seu espanto ao encontrar os seus grandes olhos que sob as espessas sobrancelhas se entretinham a observar atentamente o seu rosto! Khadiga baixou os olhos, intimidada e atrapalhada, e interrogou-se, com o receio suscitado pela dúvida, de que modo haveria interpretado o seu olhar. Depois surpreendeu-se a pensar com angústia no seu próprio aspecto geral e na impressão que pudera causar. Estaria Ibrahim a pensar com ironia no seu nariz tal como ela o fizera com as sobrancelhas e a apatia dele?! As suposições e a angústia dominaram-na...

Quanto a Kamal, aquela reunião aborrecera-o porque, apesar de lhe ser permitido ver Asha, fazia-o sobretudo como os convidados que se reúnem e, na verdade, tirando os doces que recebera, não realizara nenhum dos seus desejos. Acercou-se da esposa e fez-lhe um sinal; esta percebeu logo que queria ficar sozinho com ela. Levantou-se, pegou na mão dele e saíram da sala. Ela julgou que o irmão ficaria contente por estar em sua companhia na sala de estar, mas ele puxou-a pelo braço na direcção do quarto de dormir e fechou a porta com tamanha força que esta estremeceu. Neste instante, os traços do rapaz serenaram e os seus olhos principiaram a cintilar.

Observou-a demoradamente, depois examinou o quarto sob todos os ângulos, respirando o cheiro dos móveis novos ao qual se misturava uma suave fragrância, talvez um vestígio daquela que haviam deixado as mãos e as vestes dos visitantes, todos eles perfumados. A seguir, olhou para o leito fofo, as duas almofadas cor-de-rosa colocadas uma ao lado da outra em cima da coberta posta sobre os dois travesseiros e perguntou:

- O que são aquelas duas coisas?
- Duas pequenas almofadas! - respondeu ela.
- Usa-as para pousar a cabeça?
- Não, servem só para enfeitar! - disse Aisha a sorrir. Depois, indicou o leito e perguntou:

- Onde é que dormes?
- Dentro - respondeu ela com o mesmo sorriso.

Continuou a interrogá-la, convencido de que o esposo dormia com ela:

- E Si Khalil?
- Fora - respondeu, beliscando-lhe docemente a bochecha.

Ao ouvir aquelas palavras, o garoto voltou-se, curioso, para a cadeira de repouso, aproximou-se e sentou-se. Depois, pediu a Aisha que se sentasse junto dele, o que ela fez, e mergulhou nas suas lembranças, mantendo os olhos cerrados para esconder a sensação de dúvida que dentro dele ficara devido às censuras da mãe, na noite do casamento, quando lhe confessava o que vira pelo buraco da fechadura. A sua alma, impelida por uma forte tentação, dizia-lhe que revelasse à irmã o seu segredo, que a questionasse acerca disso. Mas a vergonha que brotara do seu sentimento de suspeita deteve-o e, contrariado, reprimiu o seu desejo. Depois, levantou sobre ela dois olhos límpidos e sorriu-lhe. Ela respondeu ao seu sorriso com um sorriso antes de se inclinar sobre ele e beijá-lo. Após o que se ergueu e disse, com o semblante radioso:

- E agora vou encher os teus bolsos de chocolates...

Entre a vozeria dos rapazes que se amontoavam frente à porta da casa e no passeio da fonte de Bain el-Qasrain e emitiam sons alegres, distinguiu-se o grito de Kamal:

- Ali está o carro da noiva!

Repetiu-o três vezes até no grupo de pessoas paradas à entrada do pátio se destacar Yassin, muito elegante, que se dirigiu para a rua onde parou, diante da porta, olhando na direcção de en-Nahhasin e viu o cortejo da noiva que lentamente avançava, como que se pavoneando. Naquela hora feliz e simultaneamente grave, e não obstante todos os olhares presos nele quer no interior quer no exterior da casa, em cima e em baixo, ele aparentava estar seguro de si e nada intimidado, cheio de virilidade e de energia. Talvez fosse sustentado, na sua firmeza, pelo facto de que sentia ser o ponto de convergência dos olhares e superou com coragem a perturbação que o agitava, com receio de surgir aos observadores num estado que podia ferir a sua virilidade. Talvez soubesse outrossim, embora não o vendo, que o pai se achava na última fila do grupo que aguardava à porta do pátio e reunia os homens das famílias dos noivos. Mas, para se dominar, bastava-lhe olhar o automóvel ornado de rosas que lhe trazia a noiva - ou melhor dizendo, aquela que era a sua esposa há mais de um mês, apesar de ainda a não ter visto - ou ajudar-se com a esperança que os seus sonhos, sequiosos de uma felicidade que se desejava eterna, haviam forjado para ele.

O automóvel parou diante da casa à frente de uma longa fila de viaturas e ele preparou-se para o feliz acolhimento, animado pelo desejo, recentemente nascido nele, de olhar através do véu de seda, para enxergar pela primeira vez o rosto da noiva. Depois abriu a porta do automóvel e dele apeou-se uma criada negra de cerca de quarenta anos, de sólida compleição, pele resplandecente e dois olhos enormes, e ele compreendeu, pelo à-vontade e pela familiaridade dos seus gestos, que se tratava da criada que fora decidido pôr à disposição da noiva na nova casa. Ela arredou-se e imobilizou-se, hirta como uma sentinela, antes de se dirigir com uma voz igual ao tinir do cobre e um sorriso que descobria uns dentes de um branco maravilhoso:

- Queira receber a sua noiva!

Yassin aproximou-se da porta, inclinou-se levemente para o interior e viu a noiva no seu vestido branco, entre duas raparigas.

Naquele instante, um perfume fascinante envolveu-o e, deslumbrado, ele perdeu-se no universo da beleza. Estendeu-lhe o braço, sem praticamente nada ver, como quando o olhar enfraquece após a visão demorada de uma luz resplandecente. O pudor paralisou a noiva que permaneceu imóvel. Mas a rapariga, à sua direita, prontificou-se a ajudá-la, pegou-a pela mão que colocou sobre o braço de Yassin, sussurrando-lhe com um acento ridente:

- Anda, coragem, Zainab!

Entraram, lado a lado; a rapariga por pudor pôs, entre ambos, um grande leque de penas de avestruz, por trás do qual ocultava o rosto e o pescoço. Atravessaram o pátio entre duas filas de espectadores, seguidos pelas convidadas da família da noiva cujos trinados de alegria ressoavam alto, como se não se importassem com o sayyed Ahmad que se achava a dois passos delas. Assim, pela primeira vez, trinados de alegria ecoaram na casa silenciosa e aos ouvidos do seu dono prepotente. Suscitaram, por certo, um grande espanto nos seus habitantes, mas era um espanto imbuído de alegria e não desprovido de um regozijo malicioso e em simultâneo inocente e exuberante, que aliviou os corações do duro decreto que proibira trinados de alegria, canções e divertimentos de modo que a noite de núpcias do filho mais velho decorresse como uma outra qualquer noite. Amina, Khadiga e Aisha trocaram olhares interrogativos; com um sorriso nos lábios apinharam-se atrás da janela que dava para o pátio, para observarem o efeito que os trinados da alegria produziam no sayyed. Contudo, viram-no que falava com o senhor Muhammad Iffat, rindo, e Amina murmurou:

- Esta noite não poderá fazer outra coisa senão rir mesmo se o que se passa não lhe agrada!

Umm Hanafi aproveitou o ensejo para rebolar como um barril no meio do círculo das mulheres que gritavam, e também ela fez soar um trinado potente e estridente que submergiu todos os restantes e a compensou por todas as ocasiões de se divertir e alegrar que, na atmosfera de terror que envolvera os noivados de Aisha e de Yassin, se haviam perdido. Avançou para as suas três senhoras, soltando

trinados de alegria, até que estas desatassem a rir. Depois disse-lhes:

- Vá, façam-no também, pelo menos uma vez na vida... Esta noite o sayyed não conseguirá saber de quem provêm!

Mal Yassin voltou, depois de ter acompanhado a noiva à porta do harém, encontrou Fahmi, com um sorriso nos lábios que exprimia enleio e apreensão, e que talvez fosse tão-só o reflexo do efeito que nele haviam provocado aquela animada algazarra "ilícita". Observou o pai pelo canto do olho, depois relanceou o rosto do irmão e soltou uma risada breve e sonora, pelo que Yassin lhe disse num tom desgostoso:

- Que problema há em festejar a noite de casamento com júbilo e trinados de alegria? O que custaria ao nosso pai convidar uma cantora ou um cantor?!

Aquele fora o desejo da família que não encontrara outro modo de exprimi-lo a não ser exortando Yassin a pedir a intercessão do senhor Muhammad Iffat junto do pai. Mas o sayyed recusara e quisera que a noite de núpcias se desenrolasse no silêncio e que os divertimentos se restringissem à sumptuosa ceia.

Yassin retomou, desolado:

- Não terei nenhuma cantora para me acompanhar até à minha noiva, em grande pompa, nesta noite que jamais se repetirá!... Entrarei no quarto nupcial sem o acompanhamento dos cantos ou dos tambores, como um bailarino que prossegue os seus movimentos mesmo na ausência da música...

Depois um sorriso malicioso, alegre, cintilou nos seus olhos e ele continuou:

- Não haja dúvidas: o nosso pai só tolera "as cantoras" nas suas casas!

Kamal permaneceu durante uma hora no andar superior que fora preparado para acolher as convidadas, depois desceu ao primeiro, que se destinava a receber os homens, à procura de Yassin encontrando-o no pátio a vistoriar o bufete confeccionado pelo cozinheiro.

Aproximou-se dele muito satisfeito, orgulhoso por ter levado a cabo a missão que lhe fora confiada, e disse-lhe:

- Fiz o que me mandaste: segui a noiva até ao seu quarto e observei-a atentamente depois de ter retirado o véu do rosto!

Yassin arrastou-o para um canto e perguntou-lhe, a sorrir:

- E como é o seu corpo?

- Como aquele da irmã Khadiga... Ele riu-se:
- Bom, então não é mau!... Agrada-te como Aisha?
- Não! A irmãzinha Aisha é muito mais bonita!
- Que a tua casa seja aniquilada! Queres dizer que se parece com Khadiga?

- Não, é mais bonita do que a irmãzinha Khadiga!...
- Muito mais?

Kamal sacudiu a cabeça, pensativo, até Yassin lhe perguntar, latejante:

- Diz-me lá, o que é que te agradou nela?
- Tem um nariz pequeno como o da mãe... E os olhos também são parecidos com os da mãe...

- E depois?...
- Tem a pele branca, os cabelos negros e cheira muito bem!
- Louvado seja Allah... Que Ele te faça feliz com as Suas graças...
Mas pareceu-lhe que o garoto continha mais alguma coisa que queria dizer, pelo que lhe perguntou, um pouco ansioso:

- Anda lá, conta tudo, não tenhas medo!

E Kamal disse, baixando os olhos:

- Vi-a tirar um lenço e em seguida assoou o nariz!

Os seus lábios contraíram-se de asco, como se não pudesse admitir que uma noiva no apogeu do encanto se tornasse culpada de semelhante gesto. Yassin só pôde rir e dizer:

- Até agora tudo bem, que o Senhor faça com que as consequências sejam positivas!

Lançou um olhar desolado ao pátio vazio, ocupado tão-somente pelo cozinheiro, os seus ajudantes e alguns miúdos e miúdas, e pôs-se a imaginar as decorações típicas, o dossel da orquestra, o círculo dos convidados! Quem decidira daquela maneira? O seu pai! O homem que respirava saciedade, libertinagem e desregramento... Que homem aquele que se concedia todos os divertimentos ilícitos e proibia aos seus familiares um só dos que eram lícitos! Pôs-se a pensar de novo na atitude do pai como o fizera no quarto de Zubaida entre o cálice e o alaúde e, sem que se desse conta, um pensamento invulgar atravessou a sua mente, e que antes nunca se lhe manifestara, não obstante a evidência com que agora se lhe revelava: a afinidade existente entre a natureza do pai e a da mãe! Uma só e mesma natureza que se

caracterizava pela voluptuosidade e pela procura do prazer, sem escrúpulos e que não dava a mínima importância às tradições. Houvesse sido um homem, talvez a sua mãe tivesse a mesma paixão que o pai pelo vinho e pela música! Eis a razão pela qual o pai e a mãe haviam rapidamente rompido, pois que uma pessoa como ele não podia suportar outra igual, e vice-versa. Além disso, o sayyed jamais teria conhecido uma vida marital estável caso não houvesse encontrado a actual esposa. Depois, Yassin disse de si para si, com uma gargalhada a qual, em virtude do medo que lhe inspirara aquele "estranho pensamento", não lhe trouxe alegria alguma: "Agora sei quem sou! Não passo do filho daqueles dois devassos. Não posso ser diferente daquilo que sou!" Um instante depois, interrogou-se se não fizera mal em não convidar a mãe para o seu casamento. Interrogou-se, ainda que persistisse em crer ter agido de forma correcta, se por acaso o pai teria pretendido aliviar a consciência quando, algumas noites antes da noite de núpcias, lhe dissera:

- Penso que deverias informar a tua mãe. Se queres, podes convidá-la.

Estava convencido de que ele proferira aquelas palavras com a língua e não com o coração. Não conseguia acreditar que fosse do agrado do pai vê-lo ir até àquela casa onde residia o homem vil que, após tantos outros, a mãe desposara, para acarinhá-la, sob o olhar daquele, e convidá-la a participar no seu casamento. Não seria por certo aquele casamento, nem outro tipo de felicidade neste mundo que o incitariam, algum dia, a reatar os laços doravante rompidos entre ele e aquela mulher... Aquele escândalo... Aquele recordação aviltante! Eis o motivo por que então respondera ao seu pai:

- Se tivesse tido uma mãe de verdade, seria a primeira a ser convidada ao meu casamento!

Dirigiu novamente, num repente, a sua atenção sobre os rapazinhos e as rapariguinhas e perguntou-lhes com uma voz aguda e jovial:

- Já sonham em casar, meninas?

Depois encaminhou-se para a porta do harém, recordando as palavras sarcásticas que, na véspera, Khadiga lhe lançara: "Faz atenção de modo a não te vergares ao acanhamento amanhã na frente dos convidados; poderiam descobrir a amarga verdade, isto é, que foi o teu pai que te casou, que te pagou o dote e todas as despesas da

recepção. Mexe-te sem parar. Vai de um aposento ao outro entre os convidados, ri-te com este, fala com aquele, sai, desce, dá uma volta na cozinha, chama, grita: só assim todos acreditarão que és realmente o homem e o sayyed do serão!"

Ele continuou a caminhar rindo, com o propósito de seguir o conselho irónico e começou a pavonear-se entre os convidados com o seu corpo alto e planturoso, de um garbo surpreendente, de uma beleza encantadora e no auge da juventude. Ia e vinha, saía e descia, ainda que sem nada que fazer; mas o movimento apartava da sua mente os pensamentos intempestivos e punha a sua alma em harmonia com os encantos da noite.

Quando, depois, o pensamento na noiva bateu à porta do seu coração, um sobressalto bestial atravessou o seu corpo. Inopinadamente lembrou-se da última noite que passara com Zannouba, a tocadora de alaúde, um mês antes, e de como lhe anunciara o seu casamento próximo, dizendo-lhe adeus para sempre e de como ela lhe gritara com uma cólera fingida: "Ah! Filho de cão! Escondeste a notícia até conseguires o que querias!.. (Antes o barco que leva do que o que traz!) Vai-te embora com mil chinelos, filho da puta!" Não restavam, vestígios de Zannouba na sua alma, nem de qualquer outra. Estendera um véu, para todo o sempre, sobre aquela faceta da sua existência. Talvez se afundasse de novo no álcool pois não cria que aquela paixão pudesse ter um fim. Quanto às mulheres, não imaginava que os seus olhos voltassem a cobiçar alguma de forma transitória quando possuía uma beldade disposta a obedecer-lhe mal ele levantasse um dedo. A sua noiva era um prazer que recomeçaria sempre, uma fonte que aplacaria a sede instintiva que há tanto atormentava o seu ser. Começou a fantasiar a sua vida futura, a noite de núpcias, as noites subsequentes, os meses, os anos, toda a existência; o seu rosto iluminou-se com uma alegria gritante que Fahmi notou com um olhar cheio de curiosidade e de plácida inveja, bem como com uma grande amargura.

Kamal, que em simultâneo estava em todos os lados, chegou bruscamente e voltou-se para Yassin, radiante de alegria:

- O cozinheiro disse-me que há muito mais doces do que podem comer os convidados e as convidadas e que uma grande quantidade há-de sobrar...

Com a chegada de Zainab, um novo rosto veio juntar-se à "sessão do café", um rosto esplêndido em virtude do fausto da juventude e do júbilo do casamento. Tirando o facto de os três aposentos contêrminos ao quarto dos pais, no andar de cima, haverem sido guarneceados com os móveis da rapariga, o casamento de Yassin não trouxera em toda a organização da casa nenhuma alteração assinalável, que do ponto de vista das decisões se conservou submetida, na verdadeira acepção do termo, ao poder e à vontade do sayyed, ao passo que a administração interna se manteve totalmente dependente da autoridade da mãe, como anteriormente ao casamento. A mudança verdadeiramente essencial foi a que desabou sobre as almas, subvertendo os pensamentos e que, após constatação, transtornou os sentidos. De facto, não era nada fácil para Zainab ocupar o lugar de esposa do filho mais velho na mesma casa onde se agrupavam os demais membros da família, sem que uma sensível transformação se operasse nos sentimentos e nos modos de sentir. A mãe observava-a com um olhar em que a esperança se ligava à prudência; que tipo de pessoa era aquela rapariga ao lado da qual estava destinada a viver por um longo período, talvez até ao fim da sua vida? O que dissimulava por trás do seu sorriso delicado?... A bem dizer, havia-a acolhido como um proprietário recebe um novo inquilino, depositando nele esperança mas não deixando de adoptar uma atitude de desconfiança nos seus encontros. Quanto a Khadiga, apesar das civilidades trocadas com a cunhada, começou a assestar nela os seus olhos cheios de ironia e de astúcia, procurando defeitos e motivos alvos de censura com um afã desmedido. Na verdade, a entrada da rapariga na casa e o seu casamento com o irmão, haviam agravado nela o seu oculto desconforto. E quando Zainab se retirava para os seus aposentos, nos primeiros dias de casamento, Khadiga perguntava à mãe, achando-se ambas na sala do forno:

- Será a sala do forno um local pouco conveniente para ela?

E, se bem que a mãe achasse na investida da filha um lenitivo para o alvoroço dos seus próprios pensamentos, procurava tomar a defesa da esposa, redarguindo:

- Tenta ser paciente! Trata-se ainda uma recém-casada no dealbar de uma nova existência!

A outra porfiava com um tom de reprovação:

- Mas, ao fim e ao cabo, quem é que disse que nós devíamos ser as suas criadas?!

Então a mãe perguntava, como se a si mesma colocasse a questão:

- Preferias que ela tivesse uma cozinha à parte? Mas Khadiga recusava energicamente, e vociferava:

- Se a fizesse com o dinheiro do seu próprio pai e não com o do meu pai, aí sim! Só estou a dizer que, tal como nós, deve trabalhar!

Contudo, quando Zainab, após uma semana de casada, resolveu realizar algumas tarefas na sala do forno, Khadiga acolheu com enfado aquele gesto de cooperação e observou o trabalho da esposa com um espírito exprobrador, dizendo mais tarde à mãe:

- Não veio ajudar-te, mas exercer o que talvez estime ser um direito seu! Acrescentou num tom mordaz:

- Sempre ouvimos dizer que a família Iffat pertence à elite, que come o que os demais não comem... Achas mesmo que há, no seu modo de cozinhar, algo de excepcional, algo que nunca tenhamos provado anteriormente?

Certo dia, Zainab propôs confeccionar uma sharkasiyya, o prato predilecto da mesa paterna. Era a primeira vez que a sharkasiyya penetrava em casa do sayyed. Chegado o momento de comê-lo, o prato obteve um sucesso geral que alcançou o mais alto grau junto de Yassin, e tanto assim foi que até Amina sentiu uma pontinha de ciúmes. Quanto a Khadiga, foi tomada por um acesso de loucura e principiou a ironizar:

- Disseram uma sharkasiyya, dizemos: "o professor vive para aprender sempre coisas novas!", mas, o que estamos nós a ver? Arroz e salsa confeccionados assim ao acaso, sem qualquer sabor... como uma noiva que, em grande pompa, é conduzida ao seu noivo, na noite de núpcias, com um vestido sumptuoso e jóias deslumbrantes mas que mal retira o vestido se transforma numa rapariga vulgar, igual a todas as demais: feita de carne, ossos e sangue!

Ao cabo de duas semanas de casamento, Khadiga disse aos ouvidos da mãe e de Kamal, que a esposa, ainda que tendo uma pele branca e uma dose "modesta" de beleza, era antipática como a sua sharkasiyyal

Disse aquelas palavras no preciso momento em que se encontrava totalmente embrenhada preparando de memória, com a sua reconhecida habilidade, a receita da famosa sharkasiyyal.

Estas foram algumas das alegações com que ela acometia Zainab em toda a boa fé - à falta de outras, porque a hora da má vontade ainda não soara- , que agitaram os pensamentos e lançaram sobre eles uma sombra de suspeição; com efeito agradava à rapariga, de todas as vezes que se lhe oferecia o ensejo, fazer alarde da sua origem turca, embora sempre de forma polida e gentil, bem como lhe aprazia contar-lhes alguns dos seus passeios na caleche do pai e na companhia deste, em locais de diversão e em jardins... Todos aqueles discursos deixaram Amina abismada, enchen-do-a de um estupor que chegava a perturbá-la profundamente. Maravilhava-se com aquela vida de que, pela primeira vez, ouvia falar, desaprovava-a, revelando no seu íntimo uma enorme reprovação por tão singular liberdade; isto para não referir aquele jeito de alardear a origem turca - conquanto amenizada pela delicadeza e pela inocência - que muito a descontentava, orgulhosa como era, apesar de humilde e reservada, do seu pai e do seu esposo e persuadida que graças a estes ocupava uma posição inigualável. Todavia, sufocava o seu rancor e Zainab não encontrou da sua parte senão uma escuta atenta e um sorriso de cortesia. Mas, não fora o ardente desejo de paz por parte da mãe, a fúria de Khadiga teria explodido e a situação ter-se-ia exacerbado. Todavia, Khadiga conseguiu descarregar a sua sanha por vias tortuosas que não transtornavam a quietude e a paz, como quando comentava as observações relativas às saídas em caleche acerca das quais não podia exprimir abertamente a sua opinião pessoal - exagerando ao simular espanto, ou exclamando com os olhos esbugalhados fixos na sua interlocutora que falava: "Que notícia!", ou batendo no peito com a palma da mão, e dizendo: "E os transeuntes viam-te caminhar no jardim?" ou ainda: "Não julgava que tais coisas fossem possíveis, meu Deus!", ou outras expressões que, sem manifestar qualquer ofensa, continham porém, no tom enfático, teatral, mais do que um subentendido; um tom similar ao da repreensão pensado pelo pai quando, recitando o Alcorão, percebia que, não longe, o filho mostrava menos disciplina ou boa educação e ele não podia suspender a oração para repreendê-lo abertamente. Por conseguinte, Khadiga doravante

não mais se encontrava a sós com Yassin sem que se apressasse a dizer-lhe, para se divertir com a própria cólera que não conseguia mitigar:

- Que rica prenda me saiu a tua esposa, a apaixonada pelos passeios!

Ao que ele contrapunha a rir:

- É a moda turca que excede os limites do teu entendimento!

O qualificativo "turco" fê-la recordar a altivez da jovem que o carregava e disse:

- A propósito, a dona da casa ufana-se imenso da sua origem turca! Porquê?... Porque o seu tetravô era turco? Fica avisado, meu querido irmão, todas as turcas acabam por ensandecer!

Mas Yassin retrucou com a mesma ironia:

- Prefiro a loucura a um rosto cujo nariz enlouqueça uma pessoa de bom gosto!

As bicadas previstas no horizonte familiar entre Khadiga e Zainab apareciam com toda a evidência aos olhos das pessoas capazes de fazerem prognósticos; Fahmi recomendou à primeira que sofresse a língua para evitar que algumas das suas palavras escarninhas chegassem aos ouvidos da esposa. Fez também uma discreta advertência a Kamal que se acostumara a ir e vir entre eles e a esposa, qual uma borboleta que de flor em flor leva o pólen!

Porém passava-lhe despercebido, como passava despercebido a toda a família, que o destino, do seu lado, estava obrando no sentido de separar as duas raparigas. Com efeito, a viúva do defunto Shawkat, acompanhada por Aisha, fez-lhes uma visita cujo escopo jamais havia sido sequer sonhado. Na presença de Khadiga, a velha senhora voltou-se para Amina, e disse:

- Senhora Amina, vim hoje de propósito para lhe pedir a mão de Khadiga para o meu filho Ibrahim!...

Era uma alegria imprevista que, após tão demorada espera, exaurira toda a esperança. A voz da senhora soou, aos ouvidos de Amina, como uma bela prosa rimada; tanto assim foi que não mais se recordou que já palavras análogas haviam insuflado no seu coração confiança e serenidade quase como um orvalho. A satisfação extasiou-a e, com a voz entaramelada, disse:

- Não tenho mais direitos sobre Khadiga do que tu tens! É a tua filha, e sob a tua protecção ela encontrará o dobro da felicidade que

tinha em casa do pai!

Entregaram-se àquela amena conversa, enquanto Khadiga, a pouco e pouco, se afastava, submersa numa espécie de desnorteamento. Atordoada, enleada, baixou os olhos; aquele espírito zombeteiro, que tantas vezes lhe ardera nas pupilas, desamparou-a. Uma invulgar humildade trespassou-a e ela deixou-se transportar pelo fluir dos seus pensamentos. O pedido chegara de forma inopinada e, assim como se lhe afigurara inverosímil depois de tanto se fazer rogar, também parecia inacreditável agora que fora feito, ao ponto de a sua jovialidade de rapariga sumir sob uma vaga de perturbação... "...Para lhe pedir a mão de Ivhadiga para o meu filho Ibrahim!...". O que é que lhe dera? Não obstante a fleuma do jovem que nela suscitara a sua ironia, ele tinha uma bela aparência, era respeitado pelos outros homens... O que é que lhe dera?!

- É uma felicidade as irmãs ficarem juntas debaixo do mesmo tecto.

A voz da viúva do defunto Shawkat veio corroborar a realidade e embelezar as suas múltiplas facetas... Não havia qualquer dúvida... Ibrahim possuía tanto dinheiro e prestígio quanto Khalil: que sorte lhe reservara o destino! Desagradou-lhe o facto de ter ficado penalizada por Aisha se casar antes dela, mas desconhecia então que aquele mesmo matrimónio se destinava a franquear-lhe as portas cerradas da sorte.

- E que bonito a cunhada ser a irmã, assim sumir-se-á uma das principais causas de preocupação das famílias.

Depois, rindo:

- Sobeja a sogra, mas julgo que será um caso fácil!

- Se a cunhada é a irmã, então a sogra não será menos do que uma mãe para ela!

As duas mulheres não cessaram de se congratular. Doravante Khadiga amava a velha senhora que lhe trouxe tão boa nova, tal como a abominara no dia em que pedira a mão de Aisha!... "Mariam tem de saber desta notícia ainda hoje!", pensou Khadiga, Não a adiaria até amanhã! Ignorava donde lhe vinha aquele desejo premente, talvez das palavras que Mariam lhe dirigira no dia que se seguira ao noivado de Aisha: "O que lhes teria custado aguardar que viessem pedir em primeiro lugar a tua mão?" Então, o seu hábito de conjecturar sempre o mal levava-a a questionar a aparente inocência daquelas palavras.

Quando a família Shawkat partiu, Yassin disse, no intuito de provocá-la e de caçoar dela em simultâneo:

- Para ser franco, quando vi Ibrahim Shawkat, disse cá para mim: este boi que parece não saber distinguir o branco do preto, é bem capaz de, um dia, escolher uma mulher como Khadiga!...

Khadiga esboçou um sorriso e não proferiu uma palavra. Então Yassin exclamou, siderado:

- Até que enfim um pouco de educação e de pudor!

Destarte, ainda que zombasse com ela, o semblante da rapariga revelava contentamento e felicidade, e nada vinha alterar a serenidade de todos até que Kamal perguntou muito alarmado:

- Também Khadiga nos vai abandonar?

- Es-Sukkariyya não fica longe! - retorquiu Amina para consolá-lo e para se consolar a si mesma.

Porém, Kamal só exprimiu francamente aquilo que o confrangia, quando à noite ficou a sós com a mãe. Sentou-se de pernas cruzadas diante dela, sobre o sofá, e inquiriu-a com um tom indignado e crítico:

- Mas o que acontece ao teu bom senso, mãe? Não te importas mais com Khadiga como antes te desinteressaste de Aisha?

Ela tentou fazer-lhe compreender que não se desinteressara das duas filhas, mas que se alegrava com o que as tornava felizes. Então ele disse, admoestando-a, como que a chamar a sua atenção para um detalhe que já anteriormente lhe escapara e que de novo lhe escapava:

- Também ela partirá! Acaso pensas que voltará como o julgaste para Aisha, mas não o fará e, quando te vier visitar, se vier, será como um hóspede e logo que tiver bebido o café, dir-te-á adeus. Digo-to de forma inequívoca: ela não voltará.

Depois acrescentou num tom de aviso e de exortação:

- Ficarás sozinha, sem companhia! Quem te ajudará a varrer e a limpar o pó? Quem te ajudará na sala do forno? Quem te fará companhia durante a sessão do café? Quem te fará rir? Terás unicamente Umm Hanafi que ficará livre para tranquilamente roubar todas as nossas provisões.

Amina fez-lhe compreender de novo que a felicidade estava no casamento! Ao que o garoto objectou:

- Asseguro-te de que não existe felicidade alguma no casamento! Como se pode ser feliz longe da mãe? - e assim prosseguiu

fogosamente. - E além do mais Khadiga não ansiava pelo casamento tal como Aisha antes dela também não... Confessou-mo certa noite na sua cama!

Mas Amina disse-lhe que uma rapariga não tem outra escolha a não ser casar e ele, sem conseguir conter-se, contrapôs:

- Mas quem disse que uma rapariga deve forçosamente ir para casa de estranhos! E o que farás se o outro a fizer sentar numa cadeira de repouso, lhe pegar no queixo e...

Ao ouvir aquelas palavras, Amina repreendeu-o com dureza e ordenou-lhe que não falasse de coisas que lhe não diziam respeito. Ele bateu uma palma contra a outra, e disse-lhe como que a pô-la de sobreaviso:

- Faz como quiseses... mas verás!

Naquela noite, Amina não pregou olho, o júbilo mantinha-a acordada, qual um céu de lua cheia que a escuridão não envolve. Permaneceu achorada até ao regresso do sayyed depois da meia-noite. Comunicou-lhe então a boa nova que ele acolheu com uma alegria que afastou da sua cabeça o entorpecimento do álcool, se bem que nesta existissem estranhas teorias relativas ao matrimónio das filhas! Mas, num repente, ficou sorumbático e perguntou: . ,

- Ibrahim viu-a?!

A mulher interrogou-se se aquele contentamento, raro nas suas manifestações, poderia durar mais de meio minuto... .

- A mãe dele - começou ela a tartamudear, aflita.

Com enfado, o esposo interrompeu-a:

- Ibrahim viu-a?!

Pela primeira vez naquela noite sentiu que a alegria a desamparava enquanto respondia:

- Entrou uma vez de súbito no apartamento de Aisha, na qualidade de membro da família. Não vi aí nada de mal!

- Mas eu não soube de nada! - exclamou o sayyed, vociferando.

Tudo fazia prever o pior. Iria ele desferir um golpe funesto para o futuro da rapariga? Os seus olhos marejaram-se de lágrimas involuntárias sem ela se aperceber e disse maquinalmente, dando pouca importância à sombria cólera do esposo:

- Meu senhor, a vida de Khadiga está nas suas mãos! Jamais a sorte lhe sorrirá uma segunda vez.

O sayyed lançou-lhe um olhar duro e pôs-se a estrepitar, a rosar, a resmungar, roncando como se a raiva o houvesse reconduzido a um daqueles estádios de expressão por meio de resmoneios que os seus antepassados na antiguidade haviam atravessado. Mas não adiantou nada mais. Chegara por certo a um consentimento desde o início, recusando concedê-lo sem antes expressar a sua indignação como o homem político que ataca o adversário, conquanto esteja convencido dos fundamentos do objectivo que este propõe, e isto tão-só para defender os seus próprios princípios...

Yassin passou o mês da lua-de-mel entregando-se por inteiro à sua nova vida conjugal, sem que nenhum afazer o distraísse de dia - pois o casamento coincidira com o período das férias de Verão - nem qualquer serão durante a noite, só se afastando em casos de extrema necessidade, como por exemplo comprar uma garrafa de conhaque. Tirando isto, não encontrava nenhuma ocupação, nenhum sentido, nenhum interesse além dos da esfera do matrimónio à qual se consagrou com uma veemência, um arrebatamento e um optimismo dignos de um homem que acreditava cumprir os primeiros passos de um vasto programa de deleites carnavais que, dia após dia, mês após mês, ano após ano, se amplificariam.

Mas compreendeu, no último terço do mês, que aquele optimismo era, talvez, um tanto exagerado ou que talvez uma anomalia cuja verdadeira natureza desconhecia se estava a abater sobre a sua vida. Estava infectado, numa extrema confusão, e pela primeira vez na sua vida, por aquela doença endémica à alma humana: o tédio. Jamais a experimentara antes com Zannouba ou com a vendedora de doum, pois que não havia possuído nem esta nem aquela como agora possuía Zainab, que era a sua exclusiva propriedade e que tinha debaixo do seu tecto. Que langor emanava daquela "propriedade" segura e tranquila... propriedade aparentemente atractiva e bela de morrer, mas no seu interior austera e onerosa até à indiferença ou à náusea, como aqueles falsos chocolates que se oferecem no primeiro dia de Abril, com um invólucro doce e um recheio de alho. Que tragédia ver o roubo do coração e do corpo conformar-se ao sistema mecânico do hábito metódico, racional, gélido e repetitivo susceptível de aniquilar os sentimentos e toda a novidade, quase uma visão espiritual mas rotineira, de tanto assumir consistência mediante uma prece oral que a memória rediz inconscientemente!... O jovem começou a interrogar-se sobre o que derrotara o seu ardor, domesticara os diabos que o habitavam. Como sobreviera aquela saturação e para onde fugira a tentação? Onde estavam Yassin e Zainab, onde estavam os sonhos? Era aquela a condição inerente ao casamento em geral ou era tão-só um problema dele? O que iria acontecer com o transcorrer dos meses

que se avizinhavam!

Não era que não continuasse a desejar a sua esposa, mas já não era um desejo idêntico ao que experimenta alguém que pratica o jejum diante de uma bela refeição. Ficou surpreendido ao ver o seu desejo amainar quando antes pensara vê-lo crescer. E o facto de a jovem esposa não deixar transluzir qualquer reacção ou, melhor dizendo, dar mostras de uma maior vitalidade e desejo recrudescia a sua perplexidade. Assim, quando alcançado um lânguido cansaço, pressupunha que no final o sono fosse um dever, e apercebia-se de que a perna dela se pousava maquinalmente sobre a dele como por mero acaso, de tal modo que de si para si comentava: "É incrível! Os meus sonhos relativos ao casamento tornaram-se realidade para ela somente!" Descobria, por outro lado, no próprio modo de abraçar, uma espécie de timidez, mesmo se no começo se alegrara com esta que, num recuo, o mergulhava de novo nos vales das recordações a que julgara ter dito adeus para sempre. Saídas dos abissos, Zannouba e as demais asse-nhorearam-se da sua mente, como os detritos que sobrenadam no mar quando a tempestade amaina, não porque ele tivesse incubado propósitos secretos pois que, na verdade, voara para o ninho conjugal com um coração repleto de boas intenções, mas porque queria confrontar, cotejar, ponderar e convencer-se por fim de que a esposa não era a chave mágica do mundo da mulher. Não sabia como se dedicar sinceramente às boas intenções com que atapetara a senda do matrimónio. Pelo menos uma parte dos seus sonhos ingénuos parecia-lhe de difícil concretização: como a sua ilusão de reduzir a importância do mundo exterior, entre os braços da esposa, aninhado sob a protecção desta para o resto da sua vida, num devaneio de paixão carnal dos mais ingénuos. Assim sendo, percebeu que, doravante, a renúncia ao seu universo e aos seus hábitos lhe pesava e que aquela não se lhe afigurava como uma qualquer necessidade: precisava de buscar, a pouco e pouco, um meio de se evadir de si mesmo, evitando pensamentos e desilusões, qual o cantor que, demorando o seu prelúdio vocal, faz brotar na alma dos ouvintes o desejo de se entranharem na própria canção. E depois tinha, para escapar ao seu cárcere, a oportunidade de se reunir aos seus amigos casados, junto dos quais poderia achar respostas tranquilizadoras para as perguntas confusas que o assaltavam. Mas aquela não era, por

certo, a panaceia para todos os males... Como podia ainda pensar encontrar um remédio que curasse todos os males?!...

Melhor faria, doravante, não fazer planos de longo alcance sempre prontos a soçobrar, zombando da sua capacidade de imaginação. Seria preferível pautar a sua própria existência, passo a passo, de modo a escolher o sítio onde lançar a âncora, começando por pôr em prática uma proposta da sua esposa, a de saírem juntos...

Uma noite, a família ficou a saber de forma inopinada que Yassin e a esposa haviam saído de casa, sem dizer a ninguém onde iam, tendo embora passado parte da noite com toda a família. A saída pareceu, quer pela hora tardia quer pelo facto de ter sucedido na casa do sayyed, um acontecimento estranho e deu azo a toda a espécie de suposições. Assim Khadiga não tardou a chamar Nour, a criada da esposa, para inquiri-la sobre a saída da sua senhora. A criada respondeu com uma voz sonante e uma extrema simplicidade:

- Foram ao Kiskish bey, minha senhora.

- Kiskish bey! - exclamaram Khadiga e a mãe em uníssono.

O nome não lhes era estranho, quando evocado parecia invadir a casa e todos principiavam a entoar as suas canções; todavia ele surgia, ao longe, qual herói das lendas ou o zepelim, o diabo dos céus. Mas o facto de Yassin levar consigo a esposa já era outra questão, como se tivessem dito: "Foram levados ao tribunal penal!" Amina moveu o seu olhar de Khadiga para Fahmi e perguntou, como que aterrada:

- Quando é que regressam?

- Depois da meia-noite - voltou Fahmi com um sorriso nos lábios despido de sentido- , talvez um pouco antes da aurora!

Amina mandou embora a criada e aguardou que o ruído dos seus passos desaparecesse, antes de dizer num balbucio e atarantada:

- O que deu a Yassin?! Estava sentado entre nós na plena posse das suas faculdades... Acaso não se preocupa mais com o seu pai?

- Yassin é demasiado sensato para congeminar uma tal aventura! - contrapôs Khadiga, abespinhada. - O seu defeito não é a falta de juízo; não, mas tem uma forma de se submeter que é imprópria de um homem; corto-me um braço se não foi ela quem o instigou...

Fahmi, na esperança de amainar o ambiente tenso, embora sentindo repulsa pela ousadia do irmão, e considerando a natureza hereditária, disse:

- Yassin tem, há muito, uma fraqueza pelos locais de diversão. Aquela tomada de posição a favor do irmão só fez com que se avolumasse a raiva de Khadiga, que disparou:

- Não estamos a falar de Yassin e das suas inclinações! Pode gostar dos locais de diversão que bem quiser e continuar a permanecer fora de casa até de madrugada sempre que bem lhe aprouver; mas levar consigo a esposa casta é uma ideia que não pôde partir dele unicamente, mas de outro que lha insinuou e ao qual foi incapaz de se opor visto que tem todo o ar de se lhe subordinar, qual uma gata doméstica. E depois, ao que me é dado ver, ela não parece ter qualquer escárnio em ter um desejo destes! Não a ouviram quando narrava as suas saídas em companhia do pai? Se ela lho não tivesse sugerido, Yassin jamais a teria levado consigo a Kiskish bey! Que vergonha! Nestes dias em que os homens se encerram em casa quais ratos na toca, com medo dos Australianos...

Os comentários acerca do sucedido não tinham mais fim, dada a indignação que nas almas causara quer atacassem, quer tomassem a defesa, ou ainda se mantivessem neutros. Kamal era o único que seguia a acalorada discussão observando um silêncio atento, sem todavia compreender o mistério que tornara Kiskish bey num crime nefando, que despoletara tal discussão e tamanha confusão. Não era Kiskish bey por acaso aquele homenzinho representado em estátuas que se vendiam nos mercados, com um corpo que se contorcia como que pela viva satisfação, com um semblante risonho, uma barba comprida, e que vestia uma gubba muito ampla e um turbante demasiado pequeno? Não era a ele que se atribuíam canções festivas, algumas das quais ele retivera na sua memória e cantava com o seu amigo Fuad, filho de Gamil el-Hamzawi, o empregado do seu pai? De que crime era acusada aquela simpática personagem que, na sua imaginação, estava ligada à boa-disposição e à alegria? Talvez o motivo de todo aquele alarido se devesse ao facto de Yassin ter saído com a esposa e não propriamente a Kiskish bey. Se disso se tratava, então, ele concordava com os seus familiares quando estes se inquietavam com o atrevimento da iniciativa de Yassin, sobretudo porque a visita da mãe a el-Husseini, com todos os acontecimentos subsequentes, não desamparava a sua mente. Por certo, melhor fora se Yassin tivesse ido sozinho ou, se tanta questão fazia numa companhia,

o tivesse levado, já que estava no período das férias de Verão e obtivera excelentes resultados na escola. E, sem se dar conta, disse em voz alta, como que influenciado pelos seus pensamentos;

- Não teria sido melhor levar-me a mim?

A sua pergunta infiltrou-se na discussão como num puro motivo oriental se insinua uma melodia ocidental de empréstimo.

- A partir de agora - disse Khadiga - teremos de te desculpar pela tua debilidade mental!

Fahmi soltou uma gargalhada:

- O filho do ganso sabe nadar...

Contudo o provérbio soou errado aos seus próprios ouvidos e o olhar espantado que lhe devolveram a mãe e Khadiga confirmou a sua tolice. Deu-se conta do erro involuntário e tentou corrigi-lo dizendo enquanto se debatia com a cólera e a vergonha:

- Queria dizer... o irmão do ganso sabe nadar!...

Na sua generalidade, a conversa indicou, por um lado, o partido tomado por Khadiga contra Zainab e, por outro, o temor de Amina pelas consequências do sucedido. Todavia não exprimiu tudo o que lhe ia na alma: aquele serão provocara dentro dela sensações nunca antes experimentadas. É certo que muitas vezes havia sentido diante de Zainab desagrado e mal-estar que, contudo, jamais se haviam transformado em aversão e ódio; por outro lado, atribuía, com ou sem razão, aqueles seus sentimentos à presunção da rapariga. Mas hoje ficara horrorizada ao vê-la violar os costumes e as tradições, permitindo-se o que, segundo o seu ponto de vista, era tão-só consentido aos homens. Condenava aquela atitude com os olhos de uma mulher que passara toda a vida encarcerada entre muros, uma mulher que havia pago com a saúde e a integridade física o preço de uma visita inocente ao mais magnífico dos membros da família do Profeta, e não a Kiskish bey!

Assim a sua surda crítica prendia-se a uma sensação transbordante de animosidade e de raiva. Era como se agora a sua lógica dentro de si lhe repetisse: "Ou ela também tem o castigo merecido ou esta vida desfaz-se em pó!" Foi desta maneira que a ira e o rancor, após um mês de convivência com uma outra mulher, vieram macular aquele coração puro e casto que, em toda a sua vida transcorrida na austeridade, no rigor e na fadiga, não conhecera senão a obediência, o perdão e a

pureza. E quando alcançou o quarto não sabia se queria realmente, como pedira na presença dos filhos, que Allah estendesse um véu sobre o "crime" de Yassin ou se desejava que este, ou melhor dizendo a sua esposa, recebesse a reprimenda e o correctivo que merecia!

Naquela noite parecia não ter outra preocupação no mundo que não fosse a de ver preservadas as tradições familiares contra um qualquer excesso e de ver rechaçada qualquer agressão que pudesse fazê-las perigar. Sentia-se ciosa dos costumes até aos extremos da severidade e sepultou no mais recôndito do seu ser os sentimentos gentis que lhe eram costumeiros, em nome da fidelidade, da virtude e da religião, todos estes, princípios aos quais recorria para fugir à sua consciência que penava, qual o sonho que consente dar vazão a instintos contidos em nome da liberdade ou de valores mais elevados.

Encontrava-se naquele estado de resolução quando o sayyed chegou mas o seu aspecto apavorou-a e a sua língua imobilizou-se. Começou a seguir as palavras deste, respondendo às perguntas, distraída, com o coração a palpitar violentamente, ignorando como se libertar do fogo que na sua mente se alastrava. À medida que o tempo se escoava e se avizinhava a hora de dormir, um desejo febril de falar a supliciava cada vez mais. Quem lhe dera que a verdade se desvendasse de per si, que Yassin, por exemplo, regressasse com a esposa antes de o pai se engolfar no sono profundo, para que o sayyed descobrisse por si mesmo a acção abjecta do filho e recebesse a esposa frívola lançando-lhe à cara o que pensava do seu comportamento sem que ela, a mãe, tivesse de intervir. Isto, sem dúvida alguma, tê-la-ia simultaneamente entristecido e aliviado. Durante muito tempo, aguardou, apreensiva e acabrunhada, que batessem à porta. Minuto após minuto, aguardou, até o sayyed bocejando lhe dizer em voz baixa:

- Apaga o candeeiro...

Então o desalento apossou-se dela, a língua soltou-se-lhe e baixinho, titubeante, como se segredasse aquela confidência para si mesma, disse-lhe:- Já é tão tarde e Yassin e a esposa ainda não regressaram! O sayyed encarou-a com olhos esbugalhados e estupefacto perguntou:

- ... e a esposa? Mas onde foram eles?...

A mulher engoliu a saliva, amedrontada, com receio do marido e também de si mesma, mas não pôde deixar de acrescentar:

- Ouvi a criada dizer que foram os dois a Kishkish bey!

- Kiskish!

A voz soou alta, virulenta e centelhas chisparam dos seus olhos incendiados pelo álcool. Começou a acometê-la com perguntas umas atrás das outras, rugindo e resmoneando, até que o sono se volatilizou da sua cabeça e não se quis levantar da cadeira antes do regresso dos dois fugitivos. Esperou então, espumando de raiva e, como a sua fúria se reflectia nela e a deixava em pânico, sentiu-se tomada pelo terror como se ela fosse a culpada. Depois sufocou-a o remorso devido à sua iniciativa, um remorso que se abateu sobre ela repentinamente depois de haver revelado o que sabia, como se tivesse desvendado o segredo unicamente por desejar arrepender-se! Agora, estava disposta a tudo para corrigir o seu erro, a qualquer preço!

Era dura para consigo própria, sem contemplanções, e acusava-se pelo incidente e pela maldade. Acaso não teria sido mais digno encobri-los, com a condição de lhes fazer entender, no dia seguinte, o erro que haviam cometido, se realmente pretendia censurá-los e não vingar-se?...Mas havia cedido a um sentimento ruim, propositadamente e com má intenção, e havia preparado para o jovem e a sua esposa desgostos aos quais não havia pensado, atraindo sobre si, por outro lado, um remorso que agora queimava sem dó a sua alma turvada. Pôs-se a invocar Allah, não ousando quase a pronunciar o Seu nome, para que concedesse a todos eles a Sua benevolência... O tempo passava e cada minuto golpeava mais intensamente o seu coração. Bruscamente, a sua atenção foi atraída pela voz do sayyed que dizia com amarga ironia:

- Chegou Si Kishkish!

Amina apurou o ouvido, movendo os olhos para a janela que dava sobre o pátio e percebeu o ranger da porta que acabava de se fechar. O sayyed levantou-se, deixou o quarto enquanto ela se erguia maquinalmente, mas para se conservar imóvel, por cobardia e humilhação, com o coração que batia com violência, até ouvir a voz tonitruante do esposo que se dirigia aos recém-chegados:

- Sigam-me até ao meu quarto!

No acme do terror, ela deslizou, fugindo, para fora do quarto... O sayyed encaminhou-se para a sua cadeira, seguido de Yassin e Zainab. Sondou a rapariga com um olhar acutilante, fingindo ignorar o filho, após o que declarou com resolução, conquanto tivesse abandonado o

tom rude e seco:

- Ouve-me bem, minha menina, o teu pai, para mim, é um irmão ou mais ainda, pela amizade e pelo afecto que lhe tenho, e tu és, como Khadiga e Aisha, a minha filha. Nunca pretendi ofuscar a tua serenidade, mas há certas coisas que considero ser um crime imperdoável silenciar. Entre estas, está o facto de uma rapariga como tu permanecer fora de casa até estas horas da noite. Não julgues que a presença do teu marido ao teu lado possa desculpar a excentricidade de um tal comportamento, já que o marido que desta maneira age pouco caso faz da sua própria honra e destarte não está capacitado para sublinhar os erros que, infelizmente, é o primeiro a provocar. Como estou convencido da tua inocência, ou melhor, de não teres outra culpa senão a de tê-lo seguido no seu capricho, pedir-te-ei tão-só que me ajudes a corrigir a sua conduta, não cedendo mais às suas seduções.

A rapariga manteve-se calada, subjugada pelo estarrecimento e, se bem que houvesse gozado sob a protecção do pai de uma relativa liberdade, não teve coragem de discutir com o sayyed e muito menos de contradizê-lo, como se o facto de ter morado durante um mês na sua casa houvesse predisposto a sua personalidade a ceder e por fim a inclinar-se ante a vontade deste, uma vontade que em casa fazia estremecer de medo todo o ser vivo. Algo dentro dela protestava: o seu pai aceitara, por mais de uma ocasião, acompanhá-la ao cinema e o sayyed não tinha o direito de lhe negar fazer algo que o esposo autorizara; continuou persuadida de que não violara qualquer regra, que não infringira qualquer proibição. No seu íntimo, redizia isto e mais ainda, mas diante daqueles olhos que exigiam dela obediência e respeito e daquele nariz proeminente que se assemelhava, quando ele erguia a cabeça, a uma pistola apontada para ela, a rapariga não conseguiu articular uma só palavra. Assim o seu monólogo interior permaneceu sufocado sob uma aparência resignada e cortês, quais ondas sonoras de um aparelho de rádio receptor quando se desliga o botão. Depois, sem que tivesse tempo para se dar conta, ele pediu-lhe como se prolongasse o seu desafio:

- Tens alguma objecção a fazer no que toca ao que te disse?

Ela sacudiu a cabeça num aceno de negação e sobre os seus lábios a palavra "não" desenhou-se sem que a pudesse sequer proferir.

- Então estamos de acordo. Podes ir para o teu quarto em paz!
Zainab deixou o aposento, o rosto lívido, e o sayyed voltou-se para Yassin que conservara os olhos pregados no chão. Disse-lhe com um tom de grande desolação e meneando a cabeça:

- A façanha é deveras preocupante, mas o que posso eu fazer?! Já não és uma criança, pois caso contrário ter-te-ia rachado a cabeça. Pobre de mim! És um homem, um funcionário e também um marido e, se os laços do casamento te não fazem renunciar à devassidão, o que poderei fazer contigo? É este o fruto da educação que eu te dei?...

Depois, com uma voz ainda mais desesperada:

- O que é que te deu? Onde está a tua virilidade? Onde está a tua dignidade? Por Allah, custa-me acreditar no que acaba de suceder.

Yassin não levantou a cabeça nem proferiu uma só palavra. O pai pensou que aquele silêncio se devesse ao pavor ou ao reconhecimento do erro - não imaginava que, na realidade, ele estivesse completamente embriagado - mas não viu nisto conforto algum. A falta parecia-lhe desmedida para ser deixada sem a punição adequada e, visto que doravante não era possível recorrer aos castigos de antigamente - o bastão- , desejava encontrar um que não fosse menos duro, pois caso assim não fosse todo o tecido familiar desagregar-se-ia. Disse:

- Não sabes que proíbo a minha mulher de sair nem que seja para fazer uma visita a el-Hussein?! Como, assim sendo, ousaste levar a tua esposa a um local de diversão indecente e aí ficar até depois da meia-noite? Grande imbecil, estás a atirar-te, e a tua mulher contigo, num precipício! Que demónio se apoderou de ti?

Yassin encontrava no silêncio o refúgio mais seguro; temia que os acentos da sua voz pudessem traí-lo ou que, alongando-se em discursos, a sua suspeita desenvoltura pudesse revelar o seu estado de embriaguez, tanto mais que a sua imaginação, sobrevoando a sua grave situação, o convidava a deslizar para fora do quarto e lançar-se para horizontes remotos que, na sua mente alcoolizada, surgiam ora dançantes ora vacilantes. A voz do pai não podia, não obstante o terror que semeara na sua alma, silenciar as melodias cantadas no teatro pelos comediantes, melodias estas que lhe regressavam, contra a sua vontade, de tempos a tempos, em ondas, quais fantasmas que, durante a noite, sussurram ao homem que dorme aterrorizado:

"Venderei os meus andrajos por um beijo nas maçãs de nata do teu rosto, ó malban"[\[108\]](#)

Tu que és doce como a basbusa ou como uma mehallabeya[\[109\]](#) ou melhor ainda!"

Depois sumiam sob o efeito do medo e de um salto ressurgiam. Mas o pai enfureceu-se diante do seu silêncio e vociferou, furibundo:

- Mas fala! Diz-me o que pensas! Sabes que estou firmemente determinado a não permitir que as coisas fiquem assim!

Yassin teve medo das consequências do seu mutismo e, apavorado e transtornado, decidiu sair daquele aperto. Com um esforço extremo para se dominar, disse-lhe:

- O pai dela tratava-a com uma certa tolerância... - depois acrescentou de súbito - mas admito ter cometido um erro.

O sayyed exclamou então furioso, fingindo não reparar a última frase:

- Ela já não está em casa do pai! Tem de se sujeitar às regras da família da qual passou a fazer parte. És o marido e o sayyed dela, cabe-te só a ti moldá-la como bem te aprouver. Diz-me lá, quem é o responsável pelo facto de ter ido contigo? Tu ou ela?

Apercebeu-se, não obstante o estado de embriaguez, da cilada que lhe era montada, mas o medo levou-o a ocultar a verdade, gaguejando:

- Quando soube da minha intenção de sair implorou-me que a levasse comigo!

O sayyed bateu uma palma contra a outra dizendo:

- Mas que espécie de homem és tu? A única resposta que merecia era uma estalada! Os homens são os únicos responsáveis pelas depravações das mulheres! E nem todos os homens são dignos de reger as mulheres"[\[110\]](#)... E além do mais, vais com ela a um sítio onde as mulheres dançam seminuas!

As imagens, que as objecções levantadas pelo pai no cimo das escadas haviam ensombrado, agitaram-se de novo diante dos seus olhos. As melodias começaram a ecoar na sua cabeça... "Venderei os meus andrajos..." Mas compreendeu ainda que em jeito de ameaça o pai lhe dizia:

- Esta casa tem uma lei que tu conheces, conforma-te com ela e respeita-a se nela quiseses permanecer..!

[108] Trata-se de um doce feito de amido, açúcar e pistácio.

[109] Espécie de pudim feito de farinha de arroz, leite e açúcar, muitas vezes coberto de pistácio e amêndoas.

[110] Alusão ao versículo: "Os homens são os protectores das mulheres, porque Deus dotou uns com mais (força) do que as outras e com o seu sustento do seu pecúlio.", Alcorão, IV, versículo 34.

Aisha esmerou-se ao aformosear Khadiga, o melhor que pôde, com um zelo inexcedível e uma habilidade notável, como se estivesse a cumprir, da forma mais exímia, a mais nobre missão que, em toda a sua vida, lhe fora incumbida. Khadiga parecia uma noiva digna deste nome, uma noiva que se aprontava para se instalar em casa do esposo - e segundo o seu hábito de diminuir a importância dos serviços que os outros lhe prestavam - que, entre tudo o que contribuía para lhe dar o aspecto apropriado, o maior mérito cabia, principalmente, à sua gordura. Aliás, a sua "beleza" cessara de ser objecto das suas inquietações desde que um homem, que por acaso a havia visto com os seus próprios olhos, a pedira em casamento.

Contudo, todas as manifestações de felicidade que a rodeavam não podiam eliminar as palpitações de nostalgia da sua alma que no seu íntimo se insinuavam ante a iminência da separação da família, uma nostalgia peculiar de uma rapariga do seu jaez, cujo coração pulsava unicamente por amor pela sua família, por toda a casa, desde os pais reverenciados até às galinhas, à hera e ao jasmim. E nem mesmo o casamento, cuja espera a consumira durante tanto tempo, numa triste ansiedade, podia atenuar a amargura da separação. Até ao casamento, parecia pouco sensível ao amor e à sua ligação à casa. Sem dúvida, o fastio do quotidiano submergira-a e ela tentara manter secretos os seus sentimentos profundos e sinceros, porque o amor é como a saúde, pouco relevo tem quando nos está unido mas quão valioso se torna quando o destino dele nos separa. Destarte, mal ficou o seu futuro garantido, o seu coração recusou transitar de uma vida para outra sem experimentar um grande desespero, como se devesse expiar algum pecado ou quisesse preservar algo que lhe era precioso. Kamal olhou para ela em silêncio, sem perguntar outra vez "voltará?"; sabia agora que as que casavam não mais voltavam. Virou-se, contudo, para as irmãs, tartamudeando:

- Ao sair da escola, irei muitas vezes ter convosco.

Elas receberam a sua proposta com grande entusiasmo, mas no que se lhe referia já não se deixava ludibriar por falsas esperanças.

Quantas vezes fora à procura de Aisha sem conseguir encontrar a sua

Aisha de tempos idos? No seu lugar, deparava-se com uma outra, toda aprumada, que o acolhia com tamanho afecto que ele acabava por se sentir um estranho; quase não ficava a sós com ela, pois o marido juntava-se-lhes de imediato; este que não abandonava a casa e se limitava a uns escassos passatempos, nomeadamente: o cigarro, o narguilé e um alaúde com que, de quando em vez, se entretinha. Khadiga não seria melhor do que Aisha. A única companhia que lhe restava, em casa, era Zainab, que não lhe concedia a amizade pela qual tanto almejava a não ser na presença da mãe, como se quisesse manifestá-la a Amina; com efeito, assim que esta se afastava, Zainab fingia ignorá-lo como se não existisse!

Embora Zainab não sentisse estar a perder um ser querido com a partida de Khadiga, mostrou-se contudo desgostosa com o ambiente sorumbático e silencioso que recairia sobre o dia do casamento. Aproveitou o ensejo para expressar toda a indignação e a raiva que alimentava pelo despótico sayyed, e com ironia disse:

- Nunca vi uma casa onde as coisas lícitas são proibidas como na vossa! Isto é incompreensível!

Mas não quis deixar de cumprimentar Khadiga com uma palavra amável; assim enalteceu muito as suas capacidades, o facto de ser uma "dona de casa" digna do apreço do esposo. Aisha corroborou as suas palavras, acrescentando:

- Não tem qualquer defeito., a não ser a língua! Ainda não a experimentaste, Zainab?

A outra não pôde senão rir:

- Não, graças a Deus, ainda não a experimentei, mas, em contrapartida, ouvi-a enquanto outros a suportavam!

Desataram a rir, Khadiga a primeira, quando de repente viram Amina que apurava o ouvido, dizendo:

- Chiu!

Calaram-se todas e vindas do exterior ouviram-se vozes. Khadiga gritou bruscamente muito sobressaltada:

- O sayyed Ridwan morreu!

Mariam e a mãe já se haviam desculpado por não poderem assistir à cerimónia nupcial, dado o agravamento da doença do sayyed Muhammad Ridwan, e desta feita nada havia de surpreendente no facto de Khadiga deduzir por aquelas vozes que o homem falecera. A

mãe precipitou-se para fora do aposento, sumindo por alguns minutos, após o que voltou e terrivelmente aflita declarou:

- O sheikh Muhammad Ridwan faleceu realmente... Que situação constrangedora!

Zainab exclamou:

- Mas a nossa desculpa é clara como o sol! Já não podemos protelar o casamento ou impedir que o noivo festeje em sua casa que, graças a Allah, fica longe daqui! Quanto a vós, é-vos por acaso requerido um silêncio mais profundo do que um silêncio como este?!

Mas Khadiga perdia-se em outras cogitações que lhe oprimiam o peito com medo; viu um mau presságio na infeliz notícia e murmurou, como que falando de si para si:

- Ó Complacente! Ó Senhor!

Amina leu os seus pensamentos e o seu coração apertou-se-lhe, por seu turno. Recusou-se porém a render-se àquele sentimento imprevisto ou permitir que a sua filha se lhe entregasse, pelo que com aparente à-vontade, disse:

- Aquilo que Deus dispõe não nos diz respeito! A vida e a morte estão nas Suas mãos e o pessimismo provém de Satanás...

Yassin e Fahmi, depois de se aprontarem, juntaram-se ao grupo das mulheres reunidas no quarto da noiva e informaram Amina que o pai se encarregara, em nome de toda a família, das condolências à família do sayyed Ridwan, dada a escassez de tempo de que dispunham.

Yassin relanceou Khadiga e declarou a rir:

- O sayyed Ridwan não aceitou permanecer neste mundo agora que não mais serás a sua vizinha...

Ela respondeu-lhe com um sorriso descorado, cujo significado escapou ao irmão que continuou a observá-la atentamente, meneando a cabeça e exibindo um ar de contentamento, antes de prosseguir suspirando:

- Tinha razão aquele que disse: "Vesti uma cana e esta tornar-se-á numa noiva!"

Khadiga franziu o sobrolho, dando-lhe a entender que não estava com disposição para rivalizar com ele e repreendeu-o dizendo:

- Cala-te! A morte do sayyed Ridwan no dia do meu casamento é para mim um mau presságio!

- Não sei qual dos dois lesou o outro! - respondeu Yassin a rir.

Depois, sempre a rir:

- Nada tens a recear da morte deste homem! Não te aflijas pensando nele. É sobretudo a tua língua que me inquieta. É por causa desta que deverias ter maus presságios... O conselho que não me canso nunca de repetir é o seguinte: fá-la depurar num xarope saturado de açúcar até que fique bem doce para poder falar com o noivo!...

Fahmi interrompeu-os com delicadeza:

- Tirando o sayyed Ridwan, o dia do teu casamento terá contudo a bênção que o mundo inteiro há tanto tempo aguardava! Não sabes que foi proclamado o armistício?

- Quase me esquecia! - exclamou Yassin. - O teu casamento não é o único milagre do dia, pois aconteceu o que há anos não acontecia. A guerra acabou e Guilherme capitulou!

Amina perguntou:

- Será que o elevado custo de vida e os Australianos vão desaparecer?

- Claro... claro! - respondeu Yassin a rir. - O elevado custo de vida, os Australianos e a língua da senhora Khadiga!

Fahmi tinha um olhar sonhador, ao falar de si para si:

- Os Alemães foram derrotados! Quem diria?! Doravante, já não há a mínima esperança de que Abbas ou Muhammad Farid regressem. E, desta feita, também as esperanças do Califado ficam defraudadas. A estrela dos Ingleses sobe sempre mais alto ao passo que a nossa está no ocaso, mas é a vontade de Allah!

Yassin acrescentou:

- São dois os que venceram a guerra, os Ingleses e o sultão Fuad ^[111]
Os primeiros não sonhavam conseguir derrotar os Alemães e o outro não sonhava com o trono!

Calou-se por um instante e retomou a rir:

- Vejo uma terceira pessoa não menos afortunada do que os outros dois: a nossa noiva que não sonhava arranjar um marido!...

Ela lançou-lhe um olhar ameaçador e retorquiou:

- Não te resignas a que me vá embora sem que a minha língua te pique...

Mas ele voltou à carga com o argumento anterior:

- Também eu farei bem em pedir o armistício! No fundo, não sou mais forte do que Guilherme ou Hindenburg!

Depois, virando-se para Fahmi cujo ar pensativo não se adequava ao festivo evento, disse-lhe:

- Atira a política para trás das costas e prepara-te para o júbilo e os mais apetitosos manjares e bebidas...

E se bem que Khadiga fosse dominada por inúmeros pensamentos e mil sonhos cintilassem no seu coração, a recordação de um recente acontecimento, que datava daquela mesma manhã, a perseguia, de tal modo a surpreendera que quase ofuscara as suas outras mágoas. Era o convite que o pai lhe fizera para que se apresentasse sozinha diante dele, por ocasião daquele dia que era considerado o início de um novo percurso na sua existência. Acolhera-a com uma doçura e uma benevolência que haviam sido uma espécie de bálsamo reconfortante para o mal-estar que dela se apossara em virtude do pudor e do pânico e a fizera titubear no caminho. Depois, dissera-lhe com uma delicadeza que nela despertara uma estranha impressão, visto não ser habitual:

- Que Allah guie os teus passos e te conceda êxito e paz. Não tenho melhor conselho a dar-te a não ser este: segue o exemplo da tua mãe em todas as coisas, sejam elas grandes, sejam elas pequenas...

Dera-lhe depois a mão e ela beijara-a e abandonara o quarto quase sem nada enxergar diante de si devido à emoção e à comoção. Não se cansava de redizer:

- Como é gentil, delicado e bondoso!

Depois recordou, com o coração transbordante de felicidade, as suas palavras: "Segue o exemplo da tua mãe em todas as coisas, sejam elas grandes, sejam elas pequenas!" e disse a Amina que a escutava, com o rosto enrubescido e os olhos tremeluzentes:

- Não significará isto por acaso que ele te considera o modelo adequado da mulher ideal?

Depois acrescentou a rir;

- És uma mulher de sorte! Mas quem poderá acreditar em tudo isto? Tenho a impressão de estar a viver um sonho feliz! Onde escondia uma tão maravilhosa ternura?

Em seguida, orou longamente por ele, até os olhos se lhe marejarem de lágrimas... Naquele instante, surgiu Umm Hanafi que vinha anunciar que os automóveis acabavam de chegar.

[\[111\]](#) Trata-se de Fuad I, que subiu ao trono em 1917. A 15 de Março, anunciou o fim do protectorado inglês e a independência do Egipto, comunicando, para além disso, ter assumido o título de rei do Egipto.

48

A "sessão do café" ficou privada do rosto de Khadiga, como já havia acontecido com o de Aisha, embora Khadiga aí tivesse deixado um vazio insubstituível. Era como se a rapariga lhe houvesse subtraído a alma, des-pojando-a da vitalidade e tirando-lhe peculiaridades que não eram de somenos importância, como o bom humor, a alegria de viver e de contestar ou, como Yassin disse para si mesmo:

- Para a nossa reunião, ela era como o sal para a comida... o sal de per si não é agradável mas sem ele a comida não tem qualquer sabor!

Todavia, o jovem não manifestou o seu ponto de vista por respeito pela esposa porque, não obstante a desilusão com o seu casamento, para o qual não via doravante remédio algum em casa, continuava preocupado em não ferir os seus sentimentos, para que ela não pensasse mal das suas incessantes saídas, noite após noite, até ao "café", como lhe afirmava.

E se nele a brincadeira superava a sisudez, se de sisudez era lícito falar, Yassin tinha contudo perdido a companhia de pândega que, por muito tempo, zombara com ele e o inspirara. Só lhe restava, naquela reunião tradicional, dar-se por contente com o pouco que encontrava. Mantinha-se ali sentado com as pernas cruzadas sobre o sofá, alongando o olhar para o sofá da frente onde via a mãe, a esposa e Kamal mergulhados em discussões triviais. Espantava-se talvez pela centésima vez diante da taciturna reserva de Zainab e recordava Khadiga que a tratara de antipática, uma opinião que hoje compartilhava. Em seguida, abria a antologia intitulada a Al-Hamasa ou o romance A Bela de Kerbala e lia ou ainda contava a Kamal alguma coisa daquilo que lera; quando se voltava para a esquerda, via Fahmi pronto a intervir na conversa. Para falar de quê? Muhammad Farid, Mustafa Kamel? Ignorava a que mais se poderia referir o irmão! Ademais, naquele dia, ao regressar da faculdade, Fahmi tinha o ar de um céu que ameaça chover. Deveria estimulá-lo?... Oh, não era necessário! O outro abordou-o bruscamente, muito abalado, lançou-lhe um olhar sugestivo e eloquente e perguntou-lhe:

- Tens notícias recentes?...

Pedia-lhe notícias recentes, a ele! "Tenho quantas notícias quiseses!... O casamento é o maior logro. Em poucos meses, a mulher

transforma-se numa purga de óleo de rícino. Não te aflijas por aquilo que perdeste com Mariam, meu querido político tão ingénuo! Queres outras notícias?... Tenho tantas, mas por certo não te interessam realmente, e depois a coragem desamparar-me-ia se fosse tentado a comunicá-las na presença da minha esposa."

Em seguida, sem se dar conta, citou como exemplo o seguinte verso de Esh-Sharif^[112], claro está, de si para si:

"Tenho mensagens de amor para exprimir, mas nada direi... Sem este observador atento, a tua boca já os conheceria." Depois, perguntou por sua vez;

- A que tipo de notícias recentes te referes? Muito agitado, Fahmi disse;

- Circulava hoje uma notícia extraordinária entre os estudantes que foi tema de conversa durante todo o dia; uma delegação^[113] egípcia, composta por Saad Zaghlul paxá, por Abdel Aziz Fahmi bey e por Ali Sharawi paxá deslocou-se ontem à sede do protectorado e encontrou-se com o vice-rei para solicitar a eliminação do protectorado e a proclamação da independência...

Yassin arqueou as sobrancelhas, nervoso, nos seus olhos cintilou um olhar dúbio onde se misturava o estupor. O nome de Saad Zaghlul não lhe era, efectivamente, desconhecido, ainda que não houvesse nunca evocado para ele nada de preciso, salvo algumas vagas recordações, coligidas com eventos de tempos imersos no oblívio, que não lhe haviam deixado no coração - que pouco se inquietava com questões públicas - resquício algum susceptível de fazê-los, ainda que de longe, emergir de novo na sua consciência. De qualquer modo, os outros dois nomes, ouvia-os pela primeira vez, mas estes não eram importantes, quando comparados ao movimento desencadeado pelos seus titulares, caso o que Fahmi dizia fosse verdade. Como imaginar pedir aos Ingleses, no dia a seguir à vitória destes sobre os Alemães e o Califado, que concedessem a independência ao Egipto?!

Perguntou:

- O que sabes acerca destes senhores?

Fahmi respondeu-lhe, com um tom não isento do ressentimento natural de quem teria desejado que aqueles homens fossem membros do partido nacionalista;

- Saad Zaghlul é vice-presidente da Assembleia Legislativa, Abdel

Aziz Fahmi e Ali Sharawi são também membros desta. A bem dizer, nada sei acerca destes dois últimos. Quanto a Saad, não tenho uma opinião demasiado negativa, tendo em conta o que me contaram muitos dos meus colegas, estudantes nacionalistas, que acerca dele têm opiniões divergentes: uns consideram-no, nem mais nem menos, um títere dos Ingleses, ao passo que outros lhe reconhecem grandes qualidades que farão com que se eleve ao nível dos homens do partido nacionalista. Seja como for, o passo que levou a cabo com os seus dois companheiros (diz-se aliás que foi ele o instigador) é uma acção magnífica e talvez, actualmente, não se encontre outra pessoa capaz de semelhante feito, após a deportação das grandes figuras do nacionalismo, mormente, Muhammad Farid.

Yassin continuou sombrio, temendo que o outro pensasse que menosprezava o seu entusiasmo e de novo disse como que falando para si mesmo:

- Pedir a abolição do protectorado e proclamar a independência!
- Correm boatos de que eles também pediram para se deslocarem a Londres procurando a independência e que, com este intuito, se encontraram com Sir Reginald Wingate.

Yassin não podia continuar a esconder a sua perplexidade: no seu rosto era legível, enquanto interrogava o irmão, num tom de voz bastante alto:

- A independência!... É o que pretendes realmente dizer? O que queres dizer exactamente?...

- Falo da expulsão dos Ingleses do Egipto - replicou Fahmi visivelmente agastado -, ou da evacuação, segundo a expressão de Mustafa Kamel que lançou a ideia...

- Que esperança!

O interesse pelas discussões políticas não fazia parte da sua natureza, mas correspondia sempre ao convite de Fahmi quer para evitar contrariá-lo quer na esperança de encontrar um novo género de distrações. Talvez o seu interesse despertasse, de tempos a tempos, ainda que não atingisse o extremo do entusiasmo. Talvez partilhasse as esperanças de Fahmi de um modo passivo e reservado, embora houvesse mostrado, durante toda a sua existência, ser indiferente aquela faceta da vida pública, como se a nada mais aspirasse além do gozo das delícias e dos prazeres da vida. Por conseguinte, não estava

realmente disposto a tomar a sério as palavras do irmão e perguntou ainda:

- E isto é realmente algo de realizável?

- Não há desespero com a vida, irmãozinho! - retorquiu Fahmi com um arrebatamento não isento de reprovação.

Aquela frase, como todas as demais do género, reavivou a inclinação de Yassin para o sarcasmo; porém, adoptando um ar grave, perguntou outra vez:

- Mas como faremos para expulsá-los?

- Foi por isso que Saad e os seus dois companheiros pediram para ir a Londres!

A mãe seguia a conversa com interesse, concentrando toda a atenção para compreender o mais que podia, como fazia sempre que surgia uma discussão relativa a questões públicas, bem distantes da trivialidade da vida doméstica. Aqueles assuntos fascinavam-na e pretendia ser capaz de apreendê-los, não hesitando, quando se lhe apresentava uma oportunidade, em tomar parte no debate, sem cuidar na falta de consideração, ainda que imbuída de ternura, que frequentemente as suas opiniões provocavam. Mas nada podia sofrer o seu ímpeto ou levá-la a desistir do seu interesse por aquelas questões "importantes" que parecia seguir, impelida pelas mesmas razões que a instigavam a comentar as lições de religião de Kamal ou a questionar tudo aquilo que o garoto referia sobre geografia ou história, à luz dos seus próprios conhecimentos religiosos ou míticos. Esta contumácia levava-a a adquirir um certo grau de competência relativamente ao que se dizia acerca de Mustafa Kamel, Muhammad Farid e do "nosso Afundi no exílio [\[114\]](#) homens cuja fidelidade ao Califado fizera com que o seu amor por eles recrudescesse, o que os aproximava aos seus olhos, na qualidade de pessoa que exalçava os homens, em função da dignidade religiosa destes, ao plano dos santos de Allah que ela amava com loucura. Assim, mal Fahmi havia afirmado que Saad e os seus dois companheiros pediam para se deslocarem até "Londres", ela rompeu de imediato o silêncio e perguntou:

- Mas que país de Allah é este Londres?

Kamal apressou-se a responder-lhe, dizendo no tom melódico com que os alunos declamam as lições:

- Londres é a capital da Grã-Bretanha, Paris é a capital da França. O

Cabo tem por capital a Cidade do Cabo...

Depois, aproximou-se do ouvido desta e segredou:

- Londres é o país dos Ingleses.

A mãe ficou estupefacta e perguntou, voltando-se para Fahmi:

- Então vão ao país dos Ingleses para lhes pedirem que saiam do Egito?!... Não é nada cortês. Como podes vir à minha casa meditando expulsar-me da tua?!

A sua interrupção exasperou o jovem, que olhou para ela com um sorriso não desprovido de uma sombra de repreensão, mas ela julgou conseguir convencê-lo e acrescentou:

- Como podem pedir-lhes que saiam do nosso país, depois de terem aqui vivido todo este tempo?! Estavam aqui quando nós nascemos e quando nascestes! Acaso é "humano" que agora nós os afrontemos, após esta longa vida de convivência e vizinhança, para lhes dizer de forma peremptória e rude, e além do mais, no país deles, que se vão embora?!

Fahmi sorriu desesperado ao passo que Yassin desatou a rir. Zainab, por sua vez, disse muito séria:

- Como têm a coragem de fazer um tal pedido deslocando-se ao país deles?! Suponhamos que os Ingleses os assassinem lá, quem o saberá? Acaso os seus soldados não transformaram algumas ruas dos bairros periféricos em sítios onde é perigoso andar? Imaginemos então o que não farão aos que ousarem aventurar-se no país deles!

Yassin teria gostado de prosseguir aqueles discursos ingénuos com as duas mulheres para acalmar a sua sede de gracejos, mas vendo a irritação de Fahmi, querendo evitar que ele se enfurecesse, voltou-se para este, retomando a discussão interrompida:

- Há alguma verdade naquilo que elas disseram mas não souberam exprimi-la devidamente. Diz-me, irmão, o que pode fazer Saad perante um estado que hoje é tido como o senhor absoluto do mundo?

Amina, que partilhava plenamente aquele ponto de vista, fez um sinal com a cabeça como se aquelas palavras lhe fossem dirigidas, e começou a dizer:

- Orabi paxá era o maior e o mais corajoso dos homens! Nem Saad nem nenhum outro se lhe podem comparar. Era um cavaleiro, um guerreiro, e o que é que obteve dos Ingleses, senhor? Atiraram-no para a prisão e em seguida mandaram-no para o exílio, nos confins do

mundo!

Ao ouvir aquelas palavras, Fahmi não pôde senão dizer-lhe num tom de súplica e embaraço:

- Mãe!... Vais deixar-nos falar?!

Ela sorriu, visivelmente intimidada, receando tê-lo encolerizado. Mudou então o seu tom exaltado como se, alterando o tom de voz, quisesse declarar ter modificado por completo a sua opinião e disse, desculpando-se com delicadeza:

- Meu senhor, todo o esforço merece uma recompensa! Possam eles ir protegidos por Allah! Talvez tenham a sorte de obter a simpatia da grande rainha...

Maquinalmente, o jovem perguntou estupefacto:

- Mas a que rainha te referes?

- À rainha Vitória, meu filho, não é assim que se chama? Sempre ouvi o meu pai falar dela. Foi ela que mandou Orabi para o exílio, mas, segundo dizem, ficou muito surpreendida com a sua coragem...

Mordaz, Yassin retorquiu:

- Se já mandou para o exílio Orabi, o cavalheiro, mais capaz é ainda de exilar o velho Saad!

- Seja como for - volveu a mãe- , trata-se sempre de uma mulher em cujo peito se abriga, sem dúvida, um coração sensível e, caso eles saibam dirigir-se-lhe com gentileza e conquistar a sua amizade, ela os contentará...

Yassin achou uma viva satisfação na lógica da mãe, que se pusera a falar da figura histórica da rainha como se estivesse a falar de Umm Mariam ou de uma outra vizinha qualquer. Não teve mais vontade de competir com Fahmi e, encorajando-a, perguntou-lhe:

- Diz-nos lá o que deveriam eles dizer à rainha?

Amina endireitou-se no seu lugar, jubilante com aquele pedido que lhe reconhecia mérito "político". Pôs-se a reflectir num estado de forte concentração, franzindo as sobrancelhas como se se preparasse para dar início a uma "conferência". Porém, Fahmi não lhe deu tempo para terminar a sua reflexão e lançou-lhe conciso e abespinhado:

- A rainha Vitória morreu há muito tempo. Não te canses em vão! Yassin notou então a sombra da noite que se arrastava através da fresta da janela e compreendeu que era chegada a hora de saudar os membros da reunião e de se retirar para passar o serão fora de casa;

contudo, plenamente consciente de que a sede de falar de Fahmi ainda não se aplacara, quis desculpar-se pelo facto de sair, mostrando, de uma maneira ou outra, que partilhava o entusiasmo do irmão pela notícia que o espantara e assim, ao levantar-se, disse:

- São homens que, por certo, conhecem a importância desta acção e que se apetrecharam de modo a serem bem-sucedidos! Oremos pelo êxito deles!

Fazendo sinal a Zainab para que se lhe juntasse no sentido de preparar as suas roupas, abandonou a reunião.

Fahmi seguiu-o com um olhar não isento de cólera, a cólera de quem não teve a felicidade de encontrar uma participação apaixonada capaz de se harmonizar com a sua alma inflamada. Os discursos sobre o nacionalismo despertavam nele os sonhos mais fascinantes! Naquele seu mundo de fantasia irrompia um universo novo, uma pátria nova, uma casa nova, uma família nova que todo o estremecia com vitalidade e de ardor... Contudo, mal retornava à realidade daquele ambiente asfixiante de langor, de ingenuidade e de apatia, logo o fogo do remorso e da dor se incendiava em seu peito e, num desejo de se libertar de alguma forma, procurava uma brecha por onde se evadir num voo de fantasia. Naquele instante, com todas as suas forças, desejava que a noite passasse num abrir e fechar de olhos para estar novamente junto dos seus "irmãos" estudantes e aplacar a sua sede de entusiasmo e de liberdade, ascendendo, no ardor da paixão destes, a um mundo grandioso de sonho e de glória. Yassin perguntara que coisa faria Saad diante de um país que, naquele tempo, era considerado, e com toda a razão, o dono do mundo. A bem dizer, nem mesmo Fahmi sabia o que faria Saad, nem que coisa poderia fazer. Todavia sentia, com toda a veemência do seu coração, que alguma coisa devia ser feita. Talvez não fosse capaz de enxergar de uma forma nítida a configuração do mundo real, mas sentia-a latente no seu coração e no seu sangue, a tal ponto que tinha de emergir à luz da vida e da realidade se não queria que a sua existência continuasse a ser mais uma entre as inúmeras futilidades, as inúmeras falsidades...

[112] Trata-se de esh-Sharif xMuhammad er-Radi (970-1015), famoso poeta descendente da família do profeta, falecido em Bagdade.

[113] Delegação (Wafdem árabe) que se dirigiu ao alto comissário

inglês, Reginald Wingate, em 13 de Novembro de 1918, na verdade, para pedir somente a abolição da lei marcial e da censura à imprensa de modo a permitir aos Egípcios exprimirem as suas opiniões quanto ao futuro do país. Posteriormente o Wafd veio a ser a designação de um novo movimento nacionalista, liderado por Saad Zaghlul (falecido em 1927) e que estava destinado a tornar-se num dos mais importantes partidos políticos egípcios.

[\[114\]](#) Os Egípcios apelidavam de "o nosso Afandi o quediva Abbas Hilmi II, deposto pelos Ingleses dadas as suas simpatias nacionalistas. Aquando da declaração da guerra, o governo britânico opusera-se ao regresso ao Egipto do quediva, que se encontrava de viagem na Turquia. A 19 de Dezembro de 1914 o governo britânico anunciou a sua destituição e a subida ao trono, com o título de sultão, do seu tio Hussein Kamel.

49

A rua, frente à loja do sayyed Ahmad, surgia, como era seu hábito, apinhada de transeuntes, de viaturas e dos clientes das várias lojas que de ambos os lados se amontoavam, exceptuando o céu que se adornara com a transparência delicada do suave clima de Novembro, com um sol velado por ténues nuvens cujas fímbrias de um branco cândido rutilavam por cima dos minaretes de Qalawun e de Barquq, quais lagos de luz.

Nada havia aí de estranho, no céu ou na terra, relativamente ao que o sayyed se acostumara a presenciar todos os dias; mas a akna do homem, a das pessoas que gravitavam na sua órbita e talvez as almas de todos os restantes tinham de enfrentar uma violenta onda de comoção e de sentimento. O que de tal modo o consumia que o sayyed afirmara jamais haver atravessado dias como aqueles, em que uma só notícia reagrupava as pessoas e um único sentimento fazia pulsar todos os corações.

Fahmi, que se encerrava no silêncio na presença do pai, enquanto este não iniciasse a conversa, contara-lhe, alongando-se em detalhes, tudo quanto soubera do encontro de Saad com o vice-rei. Na noite daquele mesmo dia, ante uma mesa festiva repleta de convivas, o sayyed asseverara a um grupo de amigos que a notícia era autêntica e que não havia motivo para dela se duvidar. Aconteceu também, por mais de uma ocasião, na sua loja, clientes que anteriormente não se conheciam começarem a discutir acerca do encontro. Ademais, naquela manhã o sheikh Metwalli Abdes Samad irrompera dentro da loja e não se limitara a recitar os versículos do Alcorão e levar o seu quinhão de açúcar e sabão, mas quisera absolutamente anunciar a notícia da visita com o tom de quem é o primeiro a trazer a boa nova e, quando o sayyed lhe perguntara, para caçoar, qual a sua opinião quanto ao eventual resultado da missão, o sheikh respondera-lhe:

- É absurdo! É absurdo que os Ingleses saiam do Egipto! Acha-los tão parvos assim para que deixem o país sem lutarem? Não, o combate é inevitável... Mas, visto que lutar não é para nós, não há portanto maneira de expulsá-los! Talvez os nossos homens consigam, pelo menos, que os Australianos partam, para que a segurança volte ao que

era dantes, e a paz!

Foram dias repletos de notícias, de sentimentos exasperados que encontraram no sayyed Áhrazá um homem que era facilmente contaminado pelos interesses patrióticos e políticos. Ele entrou, destarte, num estado de espera e de expectativa que fez com que se atirasse com emoção à leitura de jornais, que, regra geral, pareciam quase todos serem publicados num país estrangeiro, pois que neles não figuravam qualquer paixão ou agitação; o sayyed começou a receber os amigos com um olhar interrogador, no qual brilhava o desejo de saber qual a nova que com eles traziam. Naquele mesmo estado de alma, acolheu também o sayyed Muhammad Iffat, ao vê-lo entrar impetuosamente na loja. O olhar vivaz e o porte enérgico do homem davam a entender que não era um simples visitante que, passando por acaso, entrara na loja para beber um café ou contar uma anedota divertida; o sayyed viu, portanto, no seu aspecto algo que se coadunava com o seu espírito angustiado, subjugado pelo desejo de saber e, ao passo que o outro abria uma passagem por entre os clientes que Gamil el-Hamzawi servia com toda a azáfama, apressou-se a aproximar-se dele e disse-lhe:

- Que a tua manhã seja banhada de orvalho! Quais as notícias que me trazes, velho leão?

Muhammad Iffat sentou-se junto da sua secretária, com um sorriso surpreendido, como se a pergunta do sayyed "Quais as notícias que me trazes?" - pergunta que repetia sempre que se encontrava com algum dos seus amigos - representasse um reconhecimento da sua importância naqueles dias críticos, tendo em conta os laços de parentesco que o ligavam a certas figuras de grande influência do Egipto. O sayyed Iffat servira sempre de intermediário entre o seu grupo de origem, constituído por comerciantes, e os altos funcionários e os advogados que, com o volver do tempo, se haviam juntado àquele, ainda que o sayyed Ahmad gozasse de uma grande consideração em virtude da sua personalidade e das suas qualidades humanas. Contudo, aqueles laços de parentesco que haviam preservado muito do seu valor aos olhos dos amigos comerciantes, que lançavam um olhar cheio de respeito aos funcionários e a todas as pessoas com um título honorífico, aqueles laços haviam-se tornado mais importantes naqueles dias em que a "última notícia" se transformara em algo de

vital, mais ainda do que comer e beber!

O sayyed Iffat desdobrou uma folha que tinha na mão direita e disse:

- Um novo passo. Não sou apenas alguém que traz notícias, tornei-me num mensageiro para levar, a ti e a outros homens honrados, esta procuração providencial.

Estendeu-lhe a folha e murmurou com um sorriso nos lábios:

- Lê!

O sayyed pegou nela e leu:

"Nós abaixo assinados demos procuração aos senhores Saad Zaghlul paxá, Ali Sharawi paxá, Abdel Aziz Fahmi bey, Muhammad Ali Alluba bey, Abdel Latif El-Mekabbati, Muhammad Mahmud paxá e Ahmad Lutfi el-Sayyed bey, com poderes para agregar as pessoas da sua escolha, procurar onde quer que estejam, mediante vias pacíficas e legais, os meios para conseguir para o Egipto uma plena independência."

O rosto do sayyed iluminou-se de alegria ao ler os nomes dos membros da delegação egípcia que ouvira nomear na torrente de notícias relativas à vida nacional que corriam de boca em boca, e perguntou:

- O que significa este papel?

- Não vês as assinaturas?... - respondeu o outro exultante. - Assina tu também por baixo e diz a Gamil el-Hamzawi que faça como tu. Esta é uma das procurações imprimidas pela delegação para que seja assinada pelo povo e venha a representar a nação egípcia.

O sayyed pegou numa pena e assinou com uma felicidade que transluziu no brilho dos seus olhos azuis, com o rosto animado por um leve sorriso que dizia a alegria e o orgulho por ter dado a sua procuração a Saad e aos seus companheiros, aqueles homens que haviam cativado as almas independentemente de só há pouco se terem tornado célebres, por aí terem despertado paixões profundas, reprimidas, como sucede com um novo remédio no qual se colocam todas as esperanças dos doentes com velhas doenças incuráveis, ainda que seja ministrado a estes pela primeira vez.

Depois chamou el-Hamzawi que, por sua vez, também assinou e a seguir, voltando-se para o amigo, muito preocupado, disse-lhe:

- Ao que parece, o caso é sério!

- Muito sério! - exclamou o homem, batendo o punho no rebordo da secretária. - As coisas estão a acontecer com resolução e firmeza. Sabes o que levou a que esta procuração fosse impressa? Dizem que o "Inglês" perguntou em nome de quem Saad e os seus dois companheiros tinham vindo falar-lhe no passado dia 13 de Novembro. Então a delegação só pôde basear-se nesta procuração para comprovar que estavam a falar em nome da nação...

- Ah! Se Muhammad Farid também estivesse connosco! - disse o sayyed comovido.

- Muhammad Ali Alluba bey e Abdel Latif el-Mekabbati, homens do partido nacionalista, juntaram-se à delegação - acrescentou o sayyed Iffat.

Depois, encolhendo os ombros como que para sacudir das costas todo o passado, prosseguiu:

- Todos nós nos lembramos de Saad e do grande alarido que suscitou quando ingressou no ministério da Instrução Pública e, mais tarde, no da Justiça. Recordo ainda a calorosa recepção que o Liwa [\[115\]](#) lhe reservou quando se apresentou como candidato ao ministério, mesmo se não esqueço como o jornal mais tarde o atacou. Aliás, não nego ter estado do lado dos detractores, dada a minha estreita ligação com o defunto Mustafa Kamel. Mas Saad provou sempre ser merecedor de arrebatrar até ao êxtase os seus admiradores; quanto à sua última proeza, ela é digna de ocupar o lugar mais querido nos corações!

- Tens razão, uma acção abençoada! Peçamos a Allah que seja bem-sucedida!...

Depois, apreensivo:

- Acreditas que será autorizado a empreender uma tal viagem? E o que pensas que farão caso consigam partir?

O sayyed Muhammad Iffat dobrou de novo a procuração e, levantando-se, disse:

- O amanhã não está distante...

Enquanto se encaminhava para a porta da loja, o espírito folgazão do sayyed veio à tona e ele segredou ao ouvido do amigo:

- Estou tão feliz com esta procuração nacional que tenho a impressão de estar no mesmo estado de ebriedade, após o oitavo copo bebido entre as coxas de Zubaida!

Muhammad Iffat meneou a cabeça, impressionado, como se a imagem materializada pela sua fantasia, mal pensara no copo e em Zubaida, o deixasse ébrio e murmurou:

- Sabe-se lá o que ouviremos amanhã!

Depois saiu da loja com o sayyed, que o seguia sorrindo:

- ... e o que veremos depois de amanhã!

Após o que voltou para a secretária com as linhas do rosto estiradas pela brincadeira e o coração ainda inflado com um entusiasmo que não afrouxava, como em todas as ocasiões da vida que se lhe apresentavam longe de casa. Porque se era de uma extraordinária seriedade sempre que a situação o exigia, não hesitava em apaziguar a atmosfera com graçolas e facécias, quando a isto se sentia intimado por uma natureza com a qual não se podia comprometer, embora parecesse possuir um extraordinário dom para resolver a sua dualidade. Assim sendo nem a seriedade calava nele a vontade de se divertir nem esta comprometia a outra e, como a vontade de se divertir não era um daqueles luxos supérfluos que giram nas margens da vida, mas uma necessidade para ele tão imperiosa como a seriedade, jamais teria conseguido restringir-se tão-só à seriedade, nela centrando todos os seus esforços. Por isso, contentara-se sempre, no seu "nacionalismo", com uma simpatia e uma participação sentimental, sem nunca se afoitar a enfrentar uma acção susceptível de alterar o curso da sua existência, para ele mais do que satisfatória e, por conseguinte, de modo algum substituível.

Destarte, ele jamais pensara aderir a qualquer comissão do partido nacionalista, embora estando profundamente ligado aos seus princípios, nem nunca assistira a uma qualquer reunião do partido. Fazê-lo não seria porventura desperdiçar o seu "precioso" tempo? A pátria não precisava do seu tempo, ao passo que ele chorava cada minuto perdido que podia ser dedicado à família, ao trabalho e, sobretudo, ao divertimento ao lado dos seus queridos amigos e dos seus fiéis companheiros! Pois então! O seu tempo destinava-se por completo à sua vida; a pátria podia exigir o que entendesse do seu coração, dos seus sentimentos, até mesmo do seu dinheiro, na medida das suas possibilidades.

O sayyed, na verdade, não se mostrava avarento caso fosse necessário dar um contributo para um qualquer objectivo; aliás nunca

sentia estar a falhar ao seu dever. Pelo contrário, era conhecido, entre os seus amigos, pelo seu patriotismo, quer porque os corações destes não confessavam sentimentos similares aos dele, quer porque aqueles cujos corações eram generosos não chegavam ao extremo de, como ele, fazer contribuições monetárias.

Ele era, portanto, conhecido pelo seu patriotismo e, ciente disso, anexava-o às demais qualidades de que se vangloriava às ocultas, nos recessos do seu coração. Não imaginava que o patriotismo pudesse exigir dele mais do que aquilo que prodigamente ele concedia. Naquele coração apaixonado pelo amor, pela alegria e pela jocosidade não faltava espaço, ainda que transbordasse, para o sentimento nacional que, embora visse o terreno da sua vitalidade reduzido tão-só ao seu coração, não era no entanto menos possante, profundo, absorvente e desinquieto para o espírito. Aquele sentimento não lhe sobreviera fortuitamente, mas crescera com a sua infância, no seio de relatos heróicos que ouvira os antepassados contar acerca de Orabi. Depois, ateara-se o tição oculto com a leitura dos artigos do Liwa e dos seus discursos e por isto fora um espectáculo único, suscitando simultaneamente a emoção e o riso, o dia em que o haviam visto chorar como uma criança aquando da morte de Mustafa Kamel! Os seus amigos haviam-se emocionado, nenhum estando livre da tristeza, e mais tarde, durante a animada reunião nocturna, rebentaram numa gargalhada, ao lembrarem a cena, de tal modo era invulgar ver o "senhor do riso" lavado em lágrimas! Hoje, após extinção do fogo da guerra, após a morte do jovem chefe e o exílio do seu sucessor, após a esperança no regresso do "nosso Afandf ter sido defraudada, após a derrota da Turquia e a vitória dos Ingleses, após tudo isto, ou apesar de tudo isto, notícias incríveis propagavam-se, portadoras de realidades com personagens lendárias... O "Inglês" confrontado com as reivindicações de independência, a assinatura das procurações nacionais, a interrogação sobre a etapa subsequente, os corações valorosos arrancados ao seu torpor, as almas radiantes de esperanças. O que é que tudo aquilo prometia? A sua imaginação plácida, afeita à resignação, debalde se interrogava. Aguardava pela noite com sofreguidão para voar até à sua prazenteira assembleia onde as conversas políticas se haviam tornado na "mezzd^[116] das bebidas alcoólicas e dos prazeres. Estavam doravante ligadas ao séquito de

estímulos que nele atraíam o lânguido desejo do seu serão, como Zubaida, o amor fraterno, a bebida, a música.

Naquele ambiente cativante, pareciam um refrigerio, com um novo sabor que enriquecia o coração com todo o tipo de sentimentos de enlevo e de amor, sem reclamar dele o que não lhe era possível fazer! Meditava em tudo isso quando Gamil el-Hamzawi dele se abeirou, dizendo:

- Não ouviste o novo nome que deram à casa de Saad paxá? Chamam-na "a Casa da Nação".

E o homem debruçou-se sobre ele para lhe comunicar como soubera desta notícia...

[115] O Estandarte, jornal fundado por Mustafa Kamel em 1900, órgão do partido nacionalista. O Liwa era igualmente publicado na França, em edição francesa.

[116] Refere-se a um conjunto de diferentes aperitivos salgados: azeitonas, pepinos e limões macerados em vinagre, pedacinhos de queijo, amendoins, etc, servidos em pequenos pratos e que acompanham sobretudo a cerveja ou o arak (espécie de aguardente com sabor a erva-doce).

50

No momento em que a pátria estava empenhada em reivindicar a liberdade, Yassin continuava a pelejar obstinada e decididamente pela sua. Com efeito, conseguira retomar livremente os seus serões nocturnos, não sem alguma luta, e isso após um período de abdicação que se devera ao seu desejo de integridade, durante as primeiras semanas do matrimónio. É certo que repetira muitas vezes para si, como que para legitimar a sua conduta, que jamais poderia supor, quando os atractivos do casamento ainda o deixavam entusiasmado, ter que regressar, um dia, à sua existência errática entre o café e a taberna de Costaki, tendo de boa fé julgado haver-lhe dito adeus para todo sempre para se dedicar à vida conjugal com as melhores das intenções... até ao inevitável desengano do casamento o colher de surpresa. Os seus nervos foram incapazes de suportar o tédio e a vida inane - como lhe chamava - e refugiou-se com toda a força da sua alma corrompida e sensível na distração, nos folguedos e no esquecimento: entre o café e a taberna, levando uma vida que já não era um entretenimento efémero como julgara no passado, quando o casamento representava uma esperança de reserva, mas que para ele era tudo quanto lhe sobejava, de facto, como prazeres, após o casamento se ter revelado uma amarga desilusão; assim como sucede àquele que, induzido pelas esperanças para longe da sua pátria, a esta retorna, contrito, não tendo sido bem-sucedido.

E a própria Zainab, que conhecera o cálido afecto, as carícias insaciáveis e mesmo a grande consideração que fizera com que a levasse consigo ao teatro de Kishkish bey, desafiando o inexpugnável baluarte das severas tradições alteado pelo pai em torno da família, sofrera um golpe que lhe era insuportável, vendo que todas as noites a abandonava até à meia-noite para regressar embriagado e titubeante; por conseguinte, ela teve de lhe revelar os seus tormentos. Como o jovem intuía que uma súbita mudança na sua vida conjugal não se realizaria sem provocar estragos, previra desde o começo uma certa relutância, como por exemplo uma censura ou uma zanga. Assim sendo, socorrera-se de um plano apropriado para encarar a situação, nisso amparando-se nas palavras que o pai lhe dirigira na noite em

que o apanhara em flagrante no regresso de Kishkish bey:

"Os homens são os únicos responsáveis pelas depravações das mulheres e ninguém mais! E nem todos os homens são dignos de reger as mulheres." Mal Zainab principiara a lamentar-se, Yassin volvera-lhe:

- Não é uma razão para ficares triste, minha querida. Desde a mais remota antiguidade, as casas pertencem às mulheres e o mundo aos homens! Todos os homens são iguais. O marido sincero permanece fiel quer esteja longe da mulher quer esteja ao seu lado. Além do mais, trago dos meus serões uma distração para a alma e uma alegria que garantem outrossim um gozo perfeito à nossa vida!

Depois, quando ela mencionou a sua ebriedade, apresentando como desculpa que "receava pela sua saúde", ele desatou a rir e retorquiulhe num tom que conjugava delicadeza e determinação:

- Todos os homens se embebedam; a minha saúde melhora com a embriaguez.

Depois rindo ainda:

- Pergunta ao meu pai ou ao teu!

Mas como a jovem se predispunha a prosseguir a contenda, atrás de uma vã esperança, ele mostrou-se mais resoluto, movido pelo tédio, que o levava a superar o medo de enfurecer a esposa, medo este que até àquele momento o havia demovido. Pôs-se portanto a sublinhar o direito absoluto que assiste aos homens de fazerem o que bem entendem e o dever das mulheres de obedecerem e manterem-se no lugar que lhes é devido.

- Repara na esposa do meu pai; acaso a viste opor-se, uma vez que fosse, ao seu modo de agir? É por esta razão que formam um casal feliz e uma família sem problemas. É necessário não voltarmos mais a este assunto!

Talvez, se houvesse seguido tão-somente os seus próprios sentimentos, não tivesse recorrido a tamanha diplomacia ao falar-lhe, visto que a sua decepção com o casamento o levava, por vezes, a experimentar em relação a ela uma vontade de vingança, outras vezes, uma espécie de ódio fugaz, embora continuando, de quando em vez, a desejá-la. Mas tinha o cuidado de ser carinhoso com ela por respeito ou medo do pai, cuja profunda ligação ao pai desta - o sayyed Muhammad Iffat - conhecia. Na verdade, nada o angustiava mais do

que o receio de vê-la queixar-se junto do pai e este queixar-se por seu turno ao sayyed, e tanto assim era que estava seriamente decidido, caso se verificasse o que temia, a ir morar sozinho, enfrentando todas as consequências. Contudo, os seus temores não se confirmaram. A rapariga, apesar do desgosto, deu mostras de ser uma mulher "sensata", como se fosse da mesma têmpera da esposa do sayyed.

Zainab soube avaliar com justeza toda a situação e optou pelo bom senso, sossegando relativamente ao esposo, em virtude de tudo o que ele não se cansava de repetir sobre a sua sinceridade e os seus anódinos serões; assim, limitou-se a alijar a mágoa e a consternação no estreito círculo familiar - a "sessão do café" - sem nunca achar um verdadeiro amparo. Aliás como poderia encontrá-lo num ambiente em que a sujeição aos homens era tida como uma espécie de religião ou dogma? Bem pelo contrário, Amina reprovava as suas lamúrias e revoltara-se ante a sua insólita pretensão em querer influir no esposo: na realidade, não era capaz de imaginar as mulheres e os homens, senão tomando-se a si e ao seu esposo como referência. Por isso nada via de estranho no facto de Yassin gozar de uma certa liberdade; eram as lamentações da mulher que lhe pareciam surpreendentes.

Fahmi foi o único que compreendeu o sofrimento da rapariga e quis de moto próprio fazê-lo chegar aos ouvidos de Yassin, convencido embora, de antemão, ser esta a defesa de uma causa perdida. Talvez a isto o encorajasse os seus frequentes encontros no café de Ahmad Abdu em Khan el-Khalili, aquele café por baixo da terra, qual uma gruta escavada no bojo de uma montanha, coberto pelas casas do velho bairro e distante do mundo, com salas exíguas uma atrás das outras, um pátio com uma fonte emudecida no seu centro, candeeiros acesos dia e noite, uma atmosfera sossegada e fresca que fazia sonhar. Yassin escolhera aquele café quer por ficar perto da taberna de Costaki quer porque se vira compelido a desertar o café de Si Ali em el-Ghuriya, depois da ruptura com Zannouba. Escolhera-o também pelo aspecto tradicional que achava eco na sua alma afeiçoada à poesia. Quanto a Fahmi, não aprendera o caminho que conduz aos cafés, movido por problemas que poderiam lesar o seu comportamento de estudante aplicado, mas por- que era uma resposta para a febre daqueles últimos dias que conduzia estudantes e outros a se juntarem para se consultarem de tempos a tempos.

Escolhera, portanto, com um pequeno grupo de colegas, o café de Ahmad Abdu pelo seu aspecto vetusto que o subtraía aos olhares indiscretos.

Noite após noite, os jovens reuniam-se ali e discutiam, consultavam-se, planejavam e aguardavam pelos acontecimentos. Os dois irmãos encontravam-se muitas vezes em alguma daquelas minúsculas salas, ainda que por ínfimos instantes, antes da chegada dos colegas de Fahmi ou de ser tempo para Yassin trocar o café pela taberna de Costaki. Numa daquelas vezes, Fahmi aludira à perturbação de Zainab, revelando-se surpreendido com a conduta do irmão que se não coadunava com uma vida conjugal que mal principiava. Yassin riu-se, como um homem que considera estar no seu pleno direito ao caçoar da ingenuidade de um outro que tem o desplante de lhe falar, com um tom de conselheiro, de coisas que ignora por completo. E desta feita não quis de imediato justificar o seu comportamento, divertindo-se com as primeiras palavras que emergiram ao seu espírito; voltou-se para o irmão e disse:

- Houve um tempo em que desejaste desposar Mariam. Não duvido que sofreste muito por causa da atitude do pai que obstou à realização deste teu anseio. Mas deixa-me que te diga..., e sei muito bem do que falo: se naquela altura soubesses o que o casamento oculta sob a sua superfície, agradecerias a Allah pela tua desdita.

Fahmi ficou tão assarapantado que permaneceu desnorteado, pois fora apanhado de surpresa desde a primeira frase de Yassin que abarcava palavras que situavam num mesmo plano "Mariam", "casamento" e "desejo", cujos correspondentes pensamentos haviam desempenhado papéis inolvidáveis cuja marca ainda não se apagara.

Exagerava talvez no seu assombro no sentido de esconder o sofrimento e a agitação que as lembranças haviam acordado dentro de si. Talvez por este mesmo motivo, não conseguia articular uma só palavra. Porém, Yassin prosseguiu, pautando o seu discurso com um movimento da mão cheio de enfado e tédio:

- Não imaginava que o casamento resultasse num tal vácuo. Na realidade, não passa de um sonho ilusório... e cruel como toda a impostura nefasta! ,.

Foram palavras suspeitas que Fahmi teve dificuldade em engolir; o que era normal para um jovem cujo laço sentimental com a vida, para

ele, redundava numa única finalidade que era apenas manifesta na imagem da "mulher" e na palavra "casamento". Era-lhe difícil tolerar que o seu irmão irresponsável pronunciasse aquele termo abençoado com uma amargura tão sarcástica. Com profundo espanto, balbuciou:

- Mas a tua esposa é uma mulher perfeita!

- Uma mulher perfeita! É mesmo isto! - exclamou Yassin com ironia.- E acaso não é também a filha de um homem virtuoso, a nora de uma família respeitável? Bonita, bem-educada... mas ignoro qual o demónio, encarregue da vida conjugal, que torna estas referidas qualidades em características desprovidas de significado e que um tédio esgotante obsta a que sejam tomadas em consideração. Ela assemelha-se aos atributos de honradez e de felicidade com que embelezamos a miséria sempre que nos parece conveniente consolar um pobre pela sua indigência.

- Não compreendo uma só palavra daquilo que me estás a dizer! - limitou-se a declarar Fahmi, singela e calmamente. ,.

- Espera até descobrires por ti mesmo!

- Então porque é que, desde que o mundo foi criado, as pessoas teimam em casar?..

- Porque para o casamento tal como para a morte são inúteis avisos ou cautelas!

Depois, continuou como se falasse consigo mesmo:

- A fantasia prejudicou-me imenso! Arrebatou-me para mundos em que as alegrias superavam os sonhos; quantas vezes, me interroguei: "Então é verdade, vou viver na mesma casa com uma bela rapariga para todo o sempre?" Ah! Que sonho! Garanto-te, porém, que não há pior desgraça do que viver na mesma casa com uma bela rapariga para todo o sempre!

Fahmi titubeou com o espanto de um homem que lutava com os desejos da sua juventude, a qual dificilmente consegue imaginar o que possa ser o tédio:

- Talvez estejas a ver para além da irrepreensível aparência outra coisa qualquer!

- Mas é precisamente desta irrepreensível aparência e de nada mais que eu me queixo! - volveu Yassin com um riso acerbo. - Na verdade, é precisamente da beleza que me queixo! É ela que me enfastia ao ponto de me deixar doente! É como uma palavra nova cujo significado

começa por te encantar, não te cansas de repeti-la e utilizá-la a todo o instante até que te provoque o mesmo efeito que as palavras "cão", "verme" ou "lição" ou outra qualquer tão banal e acabe por perder todo o seu sabor a novidade! Talvez já nem te lembres do seu significado e esta tornou-se uma palavra estranha despida de sentido e sem que doravante haja motivo algum para continuar a usá-la. E se alguém a descobre por acaso no teu modo de falar fica deslumbrado perante a tua capacidade, ao passo que tu ficas atónito com a sandice deste. E não me perguntes em que consiste o drama de experimentar enfado diante da beleza, dado que este surge como um enfado sem justificação e, destarte, um destino fatal! É impossível escapar a uma desesperança insondável! Não fiques abismado com as minhas palavras. Perdoo-te porque observas à distância... e a beleza tal como a miragem só se enxerga ao longe...

Não obstante o tom amargo, Fahmi continuou perplexo quanto à veracidade daquele arrazoado, pois que desde o começo tendera a acusar não a natureza humana na sua generalidade, mas o irmão, plenamente consciente dos seus não raros desvios de comportamento no caminho da rectidão. Acaso não se poderia ligar os seus lamentos actuais à libertinagem a que se entregara no período da sua existência que precedera o matrimónio?! Insistia em assim pensar, com a pertinácia de um homem que recusa ser atingido nas suas esperanças mais preciosas; e porque Yassin dava menor importância às opiniões do irmão do que à expressão do que pessoalmente sentia, prosseguiu o seu discurso sorrindo pela primeira vez com sinceridade:

- Começo a entender perfeitamente o comportamento do meu pai! E entendo o que o levou a tornar-se num homem turbulento sempre atrás das paixões! Como conseguiria ele restringir-se a um só pasto, ao longo de um quarto de século, quando ao cabo de cinco meses o tédio já me matou?!

Acabrunhado pelo facto de o pai ter sido envolvido na discussão, Fahmi replicou:

- Admitindo embora, como mera hipótese, que os queixumes possam ser o fruto de uma complexa desdita que se prende com a natureza humana, o remédio que sugeres é... - ia dizer "anormal", mas para um maior rigor lógico renunciou e acrescentou - está longe da religião!

Yassin, que, no tocante à religião, se limitava à fé, sem cuidar seriamente das prescrições e dos interditos, retorquiu:

- A religião confirma a minha opinião e prova disso é que permite desposar quatro mulheres, para além das concubinas que proliferavam nos palácios dos califas e dos ricos. Isto quer dizer que se percebeu que até a beleza, caso a rotina e o hábito abusem dela, acaba por aborrecer, faz com que fiquemos doentes e mata-nos...

- Tínhamos um avô que se deitava ao lado de uma mulher e acordava ao lado de outra, talvez tenhas herdado dele... - retornou Fahmi, sorrindo.

- Talvez - resmoneou Yassin num suspiro. Contudo, até àquele momento ainda não conseguira concretizar nenhum dos seus sonhos rebeldes. É certo que voltara ao café e posteriormente à taberna, mas hesitara em levar a cabo o derradeiro passo, o de se encontrar com Zannouba ou uma outra qualquer. O que o fizera ponderar e vacilar? Não lhe faltava, claro está, um certo sentimento de responsabilidade em relação à vida matrimonial e não se eximia ao receio, infundido pela religião, relativo ao "marido devasso", categoria esta que ele bem sabia não ter comparação perto do simples "jovem devasso". Talvez fosse outrossim a decepção da maior esperança que nele vibrara e desviara Yassin dos prazeres do mundo, até se dominar. Todavia, nada disto podia constituir, no seu caminho, um real obstáculo capaz de conter o curso da sua existência. Aliás, ele havia encontrado um estímulo irredutível na conduta do pai que sempre o subjugara. A "sabedoria" revelada pela esposa, comparara-a, no seu íntimo, à da mulher do pai e deste modo a sua imaginação entusiasmara-se ao esboçar um plano para a futura vida conjugal de Zainab decalcado sobre o modelo de Sitt Amina e do seu pai. Desejava muito que Zainab se satisfizesse com a existência que lhe era destinada, tal como a esposa do seu pai se satisfizera para que, à semelhança do pai, ele pudesse levar a bom porto as suas façanhas e, ao regressar a meio da noite, ter a alegria de encontrar uma casa serena e uma esposa adormecida. Só assim podia conceber uma vida conjugal tolerável, e mesmo aprazível, da qual, com tais características, ele poderia eventualmente sentir a falta...

"O que é que toda a mulher pode almejar para além da casa e da satisfação sexual? Nada! As mulheres são animais domésticos e como

tal devem ser tratadas! Sim, não permitimos aos animais domésticos que invadam a nossa vida privada; devem aguardar em casa que tenhamos disponibilidade para afagá-los! No meu caso, ser um marido que se dedica com lealdade à vida matrimonial seria o mesmo que morrer. Sempre a mesma aparência, a mesma voz, o mesmo gosto... sempre repetido, até a mobilidade e a imobilidade se tornarem idênticas, ruído e silêncio se tornarem gémeos... Não, não foi por este motivo que me casei! Dizem que ela tem a pele branca, e daí? Porventura não desejei já raparigas morenas ou até pretas? Dizem que é viçosa, mas pode isto por acaso consolar-me do desejo que sinto pelas magras ou pelas gordas? Dizem que ela tem boas maneiras, que vem de uma família nobre e generosa, mas isto por acaso prejudica de algum modo as raparigas das carroças?! Anda lá, para diante... continua!...

O sayyed Ahmad estava debruçado sobre os seus registos quando um sapato de salto alto transpôs a soleira da loja. Ergueu os olhos, espontaneamente interessado, e viu entrar uma mulher cuja ampla melaya envolvia o corpo enorme, enquanto o bordo do véu negro descobria uma fronte alva e dois olhos delineados com khôl. Os traços do seu rosto dis-tenderam-se num sorriso de cordial acolhimento àquela que há muito ele esperava. Reconhecera logo Sitt Umm Mariam, ou a viúva do defunto Ridwan, como desde há pouco a apelidavam, e estando Gamil el-Hamzawi ocupado com fregueses, pediu-lhe que se sentasse perto da sua secretária. Num saracoteio, a mulher aproximou-se, sentando-se no pequeno escabelo, do qual as suas nádegas transbordaram, e disse bom-dia ao seu anfitrião. Embora os seus cumprimentos e a recepção que o sayyed lhe reservara houvessem decorrido de acordo com os modos usuais por este reiterados sempre que chegava uma "cliente" digna de ser tratada com deferência, a atmosfera que envolvia o canto da loja em torno da secretária carregou-se de uma electricidade nada inocente, cujos sinais eram perceptíveis quer pelas pálpebras da mulher baixadas por pudor de ambos os lados do arus do véu, quer no olhar de emboscada do homem por cima das asas do nariz proeminente. Uma electricidade insidiosa, silente, cuja luz oculta estava pronta, à espera de um simples contacto, para resplandecer e se incendiar...

Era como se ele aguardasse aquela visita que fazia emergir esperanças sussurradas e sonhos contidos, visto que a morte do sayyed Muhammad Ridwan suscitara nele ideias e acendera desejos, como no fim do Inverno renascem toda a espécie de esperanças de juventude na natureza e nos seres vivos. Com a morte do homem, a inquietação que representara um obstáculo para o seu sentimento de virilidade havia desaparecido e pôde relembrar para si que o defunto não passara de um mero vizinho, não de um amigo, e que doravante não mais pertencia a este mundo! Também a sua consciência da beleza daquela mulher, de que se afastara por um tempo no sentido de preservar a sua dignidade pessoal, podia doravante se exprimir e reclamar o seu quinhão de alegria e de vida. Sobretudo quando os seus sentimentos

para com Zubaida se haviam deteriorado como sucede a um fruto em fim de estação. Assim sendo, a mulher encontrou, ao contrário da anterior visita, um macho empreendedor e um amante que havia recuperado a liberdade. Mas um pensamento desagradável - o de que talvez a visita da mulher fosse inocente - ocorreu-lhe. Depressa o repeliu energicamente, aduzindo, para provar a si mesmo, as discretas alusões e as subtis dúvidas que ela fizera nascer no decorrer do primeiro encontro. O sayyed também alicerçava as suas suposições na visita daquele dia que não parecia ter outra finalidade senão a que ele almejava... Por fim, resolveu, como um velho perito, sondar o terreno e sorrindo-lhe disse, amável:

- Que bela iniciativa!

- Que Allah seja generoso contigo - retorquiu a mulher um tanto embaraçada. - Estava a voltar para casa quando, ao passar diante da loja, me lembrei de levar, pessoalmente, as provisões para o mês!

Ele avaliou a desculpa apresentada pela mulher, mas recusou acreditar nela. Nada haveria a dizer no querer levar pessoalmente as provisões para o mês, caso não existisse por baixo outra coisa que a movia. No fundo, ela sabia por intuição e por instinto que a sua vinda, depois dos "preliminares" da última visita, haveria de despertar nele suspeitas e por conseguinte o seu comportamento poderia parecer um "pretexto" para um significado bem legível. O facto de a mulher se ter apressado a fornecer uma desculpa aumentou a confiança do sayyed que disse:

- É uma ótima ocasião para te saudar e me colocar à tua disposição!

Ela agradeceu-lhe com escassas palavras que o homem escutou distraidamente porque estava entretido a cogitar no que diria a seguir. Talvez fosse normal recordar o defunto esposo, pedindo para ele a misericórdia de Allah, mas em breve afastou esta ideia com receio que arruinasse tudo. Preferiu interrogar-se se seria mais oportuno passar ao ataque ou então abs-ter-se para, ao invés, levá-la a pouco e pouco a dar o primeiro passo... Cada táctica tem o seu encanto, contudo ele não queria perder de vista que só o facto de ter vindo era já um passo considerável da sua parte que merecia ser bem acolhido. Continuou dizendo como que para completar o discurso precedente:

- Bem pelo contrário, é uma ocasião magnífica para te ver!

As pálpebras e as sobrancelhas da senhora começaram a mover-se de forma a deixar transparecer o pudor ou o acanhamento, ou ambas as coisas em simultâneo, mostrando ter bruscamente percebido os sentidos ocultos que se escondiam por trás da aparente cortesia do sayyed. Quanto a este, leu naquela reacção de pudor mais uma revelação do sentimento íntimo que a levava a fazer-lhe uma visita do que algo em correlação com as suas palavras, o que intensificou a sua certeza no tocante às suas suposições liminares e principiou a insistir no que pretendia dizer com acentos carinhosos:

- Sim, é uma ocasião magnífica para te ver!

Ao ouvir aquelas palavras, ela respondeu-lhe num tom imbuído de uma censura reprimida:

- Não penso que aches realmente que é uma ocasião magnífica para me ver!

Aquele tom de reprovação causou-lhe satisfação e alegria, todavia objectou com um ar indignado:

- Diz a verdade quem afirma que "certa suspeição é pecado".

Ela meneou a cabeça como que para dizer: "Este género de discurso não me impressiona nada!", após o que acrescentou:

- Não se trata de uma simples suspeição! Quero mesmo dizer aquilo que disse! És um homem não desprovido de inteligência e também eu, embora julgues o contrário... e não é lícito que um de nós tente ludibriar o outro...

Aquelas palavras, ditas por uma mulher que acabara de perder o esposo há apenas dois meses, fizeram nascer nele um sentimento de sarcasmo e em simultâneo de amargura. Tentou encontrar-lhe desculpas, o que em circunstâncias diferentes jamais lhe teria ocorrido, dizendo para si: "A forma como suportou pacientemente a longa doença do esposo intercede em seu favor!" Em seguida, desfez-se daquele sentimento passageiro e disse, patenteando uma certa aflição:

- Estás zangada comigo?! Eis um infortúnio que não mereço!

Num ímpeto, por certo, resultante de nem o local nem o tempo lhe oferecerem espaço suficiente para com ele rivalizar, respondeu:

- Enquanto vinha ter contigo, dizia para mim mesma: "Não deverias ir!..." Por isso, agora sou a única que pode ser censurada!

- Quanta raiva, senhora! Interrogo-me qual terá sido o meu crime?!

- O que é que se pode fazer quando se cumprimenta um homem e ele não nos responde do mesmo modo nem com um qualquer aceno?!
- perguntou a mulher num tom pejado de sentido.

O sayyed compreendeu num repente que ela se referia à manifestação de ternura a que se entregara durante a última visita e que ele recebera em silêncio. Fingiu, contudo, não notar a alusão e prosseguiu imitando o tom insinuante da mulher:

- Talvez a saudação não chegasse aos ouvidos dele por um motivo ou outro!

- Ele tem o ouvido e todos os demais sentidos muito bem desenvolvidos.

Involuntariamente, um sorriso de presunção correu sobre os seus lábios e, no tom de um culpado que começa a confessar, disse-lhe:

- Talvez não respondesse por pudor ou temor!

- Ele não tem qualquer pudor! - respondeu esta com uma sinceridade que o deixou entusiasmado e sobressaltou o seu coração. - Quanto às restantes desculpas, como poderiam corações sinceros se preocupar com isto?

O sayyed estava prestes a soltar uma gargalhada que conteve, olhando furtivamente para Gamil el-Hamzawi que parecia atarefado com um grupo de clientes, e depois continuou:

- Não quero voltar a circunstâncias que naquela altura foram, para mim, desagradáveis, porém não há razão para desesperos pois que existe o remorso, a penitência e o perdão!

- Quem garante o remorso? - perguntou a mulher com desaprovação. Então ele replicou com o tom inflamado no qual se tornara mestre, com o volver dos anos:

- Saboreei-o longamente, Allah é testemunha disso!

- E a penitência?

- Consiste em responder ao cumprimento dez vezes! - respondeu o homem encarando-a com um olhar resplandecente.

Então esta perguntou-lhe delicadamente:

- E quem disse que há perdão?

- Acaso o perdão não faz parte dos costumes das pessoas generosas?
- volveu ele com amabilidade.

Depois acrescentou num estado de grande enlevo:

- O perdão é, não raras vezes, a palavra-chave para se entrar no

paraíso! - e, observando o doce sorriso que cintilava nos olhos dela:

- O paraíso a que me refiro situa-se no cruzamento de Bain el-Qasrain com en-Nahhasin! E é por uma feliz casualidade que a sua porta se abre sobre uma ruela lateral, longe de olhares indiscretos e que não tem guardião!

Enquanto falava, deu-se conta de que o guardião do paraíso de que falava não era outro senão o "defunto" que fora o guardião do paraíso "terrestre" em direcção ao qual tentava naquele instante se encaminhar. Uma certa apreensão veio alterar o seu pensamento e receou que também a mulher se houvesse apercebido da mesma verdade irónica, mas viu-a imersa numa espécie de sonho e suspirou, pedindo no seu íntimo perdão a Allah. Gamil el-Hamzawi, que despachara os outros clientes, acercou-se da senhora para atender aos seus pedidos, o que proporcionou ao sayyed uma ocasião favorável para meditar. Recordou então que o seu filho Fahmi, um dia, havia desejado pedir a mão de Mariam, a filha daquela mulher, e que Allah o inspirara a recusar. Acreditara, então, que seguia tão-somente a sua própria vontade. Não lhe ocorrera que mantinha, desta maneira, o filho longe do pior dos dramas que se pode abater sobre um marido! Será, realmente, possível que uma rapariga aja de forma distinta do exemplo da sua mãe? E que mãe! Uma mulher perigosa! Até podia ser uma pedra preciosa para caçadores do seu jaez, mas em casa seria uma terrível tragédia! Quem sabe o caminho que ela teria percorrido em todos aqueles anos em que o esposo vivera como um morto-vivo! Todos os indícios apontavam para uma única forma de vida. Talvez fosse do conhecimento de numerosos vizinhos. Talvez se em sua casa existisse alguém capaz de observar todas estas coisas, ele não teria ficado na ignorância relativamente a nada disso e a sua esposa não teria dedicado à amiga devoção e fé durante todo aquele tempo. O sayyed sentiu uma vontade que, como após a última visita muito ambígua, se apossava dele de novo, e que não conseguiria levar avante sem levantar suspeitas: vedar o acesso entre aquela mulher despudorada e a sua casa pura. Parecia-lhe agora que as condições eram apropriadas para pôr em prática a sua resolução, fazendo crer à mulher que ele queria gradualmente romper as relações dela com a esposa, lançando mão de todos os pretextos que lhe ocorreram de modo a alcançar o objectivo que preestabelecera sem todavia ofender a

dignidade de Umm Mariam, aquela mulher que, quanto mais se avizinhava do seu coração, mais se afastava do seu respeito! Quando el-Hamzawi terminou de aprontar tudo o que Umm Mariam pedira, esta levantou-se e estendeu a mão para o sayyed que, sorridente, a saudou, dizendo baixinho:

- Adeus...

- Ficamos à sua espera - murmurou a mulher preparando-se para partir. Deixou-o transbordante de felicidade, ébrio de triunfo e de orgulho, mas havendo feito nascer nele uma inquietação que antes não existia, uma inquietação digna de ocupar um lugar de relevo entre as suas preocupações quotidianas. Doravante perguntar-se-ia qual o modo mais seguro para abandonar a casa de Zubaida com o mesmo receio com que se interrogava o que fazia o poder militar, o que meditavam os Ingleses ou quais eram os planos de Saad. Pois esta felicidade sem precedentes arrastava consigo, como de costume, um manancial de pensamentos. Se não estivesse profundamente ligado ao facto de ser estimado pelas pessoas com um amor que, para ele, era fonte da maior felicidade, ter-lhe-ia sido fácil romper com a cantora, assim que o seu amor se havia consumido, que as flores haviam murchado e a saciedade o mergulhara num fétido pântano. Mas evitava sempre deixar nas suas costas um coração enfurecido ou uma alma cheia de rancor. Quão agradável seria para ele, sempre que o tédio o confrangia, se a amante o abandonasse de livre vontade para que fosse ele o abandonado e não aquele que abandona... O que não daria para que a sua relação com Zubaida terminasse do mesmo modo que haviam terminado anteriormente quejandas relações, com um rancor transitório que os presentes escolhidos para acompanhar o adeus teriam eliminado, antes de se transformarem numa sólida amizade. Acolheria Zubaida, que ele julgava tão saturada quanto ele, com bons olhos a sua desculpa? Poderia ele esperar que as suas prendas contribuíssem para perdoar o abandono que ele decidira levar a cabo? Dar-lhe-ia mostras de ser uma mulher de grande coração, de alma generosa, como o fora por exemplo a sua colega Galila? Precisava de meditar longamente e avaliar quais os pretextos mais vantajosos. Soltou um fundo suspiro como se lamentasse o que se havia tornado num amor decrépito, o que não daria para evitar ao coração as mágoas das paixões. Depois, a fantasia transportou-o, devorando literalmente

o dia, e viu-se embrenhado nas trevas, procurando o caminho para a casa prometida, ao passo que a mulher, segurando um candeeiro na mão, o aguardava...

"A Inglaterra proclamou o protectorado por sua própria iniciativa, sem que a nação egípcia lho pedisse ou o aceitasse! Por conseguinte trata-se de um protectorado sem validade, legalmente inexistente; é um dos muitos imperativos da guerra que com esta findará ..."

Fahmi ditava as palavras, uma a uma, pacientemente, com uma voz límpida, enquanto a mãe, Yassin e Zainab seguiam com interesse a nova lição de ditado que, absorto, Kamal escrevia, focando toda a sua atenção nas palavras sem entender o significado de nenhuma das que escrevera correcta ou incorrectamente. Nada havia de insólito no facto de Fahmi dar ao irmãozinho uma lição de ditado ou de outra coisa, durante a "sessão do café", mas o tema do ditado pareceu novo não só à mãe mas também a Zainab. Quanto a Yassin, olhando para o irmão, disse-lhe:

- Vejo que estes conceitos se assenhorearam de ti e que Allah não te inspirou nada mais senão ditar a este pobre miúdo um discurso político nacionalista que há-de reabrir as portas cerradas das prisões!

Fahmi apressou-se a corrigir a opinião do irmão:

- É um trecho do discurso de Saad perante as autoridades das forças de ocupação na Assembleia Económica e Legislativa.

- E o que lhe responderam? - perguntou Yassin com um interesse mesclado de espanto.

- A resposta ainda não chegou! - retornou Fahmi com exasperação.- Todos se interrogam perplexos e angustiados! É uma cólera que ruge face a um leão que se não deixa comover pela resignação ou pela justiça.- Depois acrescentou com um suspiro furioso:

- Seria necessária uma explosão de cólera depois de terem proibido a delegação de partir para Londres, depois de o Primeiro-Ministro Rushdi paxá se ter demitido do ministério e o sultão ter defraudado todas as expectativas, aceitando a demissão...

Precipitou-se para o seu quarto e regressou com uma folha dobrada que desdobrou e estendeu ao irmão dizendo:

- Não tenho somente o discurso! Lê este panfleto, clandestinamente distribuído, que contém a carta da delegação ao sultão...

Yassin pegou no panfleto e principiou a ler: " Vossa Alteza,

Os abaixo assinados, membros da Delegação egípcia, têm a honra de remeter a V. Alta Autoridade, em nome da nação, o que se segue:

Os beligerantes, tendo chegado a um consenso que põe como seus alicerces os princípios de liberdade e de justiça e tendo declarado que os povos, cuja guerra alterou o estatuto, serão consultados relativamente à sua autodeterminação, assumimos empenharmo-nos para obter a independência para o nosso país, defender a causa diante da Conferência da Paz, visto que o direito mais forte desapareceu do campo da política e que o nosso país, findo o domínio turco, está doravante desligado de todos os direitos que a este o ligavam, e porque o protectorado proclamado pelos Ingleses, sem o consentimento da nação egípcia, é nulo, não representou nada mais senão uma necessidade adveniente da guerra e que com o fim desta chega ao seu termo. Ademais, tendo por base estas circunstâncias e o facto de o Egipto, alinhado entre os que pleiteiam a causa do direito das pequenas nações à liberdade, ter pago tudo quanto podia, nada obsta a que a Conferência da Paz reconheça a nossa liberdade política em conformidade com os princípios sobre os quais foi fundada.

O desejo de nos deslocarmos a Londres foi, por nós abaixo assinados, exposto ao Vosso Primeiro-Ministro Sua Ex.^a Hussein Rushdi paxá, o qual havia prometido ajudar-nos a levar avante esta viagem, confiante no facto de estarmos a expressar a opinião de toda a nação. Dado que não nos foi consentido realizar esta viagem e que nos encontramos detidos entre as fronteiras do nosso país pela força da arbitrariedade e não pela lei e porque não é proibido defender a causa da nação aflita, Sua Ex.^a o Primeiro-Ministro não pôde assumir a responsabilidade de continuar no seu cargo, quando o povo se opunha à sua vontade, e também ele apresentou, à semelhança do seu colega, Sua Ex.^a Adli Yakan paxá, a sua demissão definitiva, aceite pelo povo que os homenageou e lhes reconheceu a sinceridade do patriotismo.

Pensava-se que eles haviam tido, em tão nobre atitude em prol da liberdade, um sólido apoio por parte de V. Alteza. Assim sendo, ninguém, no Egipto, podia esperar que a solução última para a questão da viagem da delegação fosse a aceitação da demissão dos dois ministros. Pois nisso há um anuimento perante a vontade dos que nos querem humilhados, há um reforço do escolho colocado no caminho dos que anseiam expor a causa da nossa nação na Conferência, há uma

proclamação de aquiescência a um poder estrangeiro no nosso país para todo o sempre...

Nós abaixo assinados sabemos que V. Alteza foi, sem dúvida alguma compelida por motivos dinásticos, a aceitar o trono de vosso glorioso pai, mantido vago na sequência da morte de vosso irmão, o defunto sultão Hussein. Mas a nação estava persuadida que o haver aceite o trono sob um protectorado temporário e sem base legal o não impediria de obrar no sentido da independência do país. Todavia, resolver a questão ao concordar com a demissão dos dois ministros que haviam dado mostras de respeitar a vontade do povo não pode ser compatível com o amor pelo país que em Vós é inato nem com o respeito pela vontade do povo. Destarte, todos ficaram surpreendidos com os Vossos conselheiros que, nesta altura crítica, se não voltaram para a nação. Esta pede-Vos - ó mais sábio dos filhos de Muhammad Ali, o grande libertador da nação - que Vos torneis no seu principal apoio para a obtenção da independência, custe o que custar. A Vossa ambição é sobremaneira grande para poder ser limitada pelas circunstâncias. Como pôde escapar aos Vossos conselheiros que a leitura da demissão de Rushdi paxá não permite que um egípcio com sentido patriótico lhe possa suceder, assumindo o seu cargo? Como pôde escapar-lhes que um governo alicerçado sobre um programa em contradição com a vontade do povo está votado ao fracasso? Queira perdoar-nos, Senhor: a nossa intrusão nesta matéria em circunstâncias distintas em nada seria inconveniente, mas a situação actual é por demais grave para que sejam levadas em consideração questões que não sejam do interesse da pátria de que Vós sois o fiel servidor. V. Alteza detém a mais alta autoridade do país e, por conseguinte, incumbe-lhe a mais alta responsabilidade. É em Vós que residem as esperanças maiores e não será um conselho pernicioso suplicarmo-vos que tomeis conhecimento da vontade da nação antes de vos decidirdes de uma forma definitiva no tocante à crise actual. Afiançamos a V. Alteza que não existe um único dos Vossos súbditos, de uma ponta dopaís à outra, que não reclame a independência: colocar entraves às reivindicações da nação é uma responsabilidade que os conselheiros de V. Alteza não ponderaram cabalmente. Destarte, o dever de servir o nosso país e a lealdade a V. Alteza levaram-nos a informar-Vos relativamente ao sentimento da nação

que hoje sente uma enorme esperança em conseguir a independência e um extremo temor em cair nas mãos dos colonizadores. A nação pede-Vos, em nome do direito, que Vos associeis à sua cólera e permaneçais nas suas fileiras de modo a alcançar o seu objectivo! E isto é algo que V. Alteza pode fazer..."

Yassin levantou a cabeça do panfleto com um olhar atónito, o coração que uma nova emoção fazia palpar; porém, meneou a cabeça e disse:

- Que carta!... Não me imagino enviando uma semelhante ao director da minha escola sem que ele me infligisse um tremendo castigo!

Fahmi encolheu os ombros com desdém:

- "A situação actual é por demais grave para que sejam levadas em consideração questões que não sejam do interesse da pátria!"

Repetiu a frase de memória, exactamente como surgia no panfleto, e Yassin disse a rir:

- Decoraste o panfleto! Mas isto não me surpreende! Parece que, toda a tua vida, estiveste à espera de um movimento como este para te atirares de corpo e alma. Talvez eu também não esteja desprovido de sentimentos e de esperanças análogos aos teus, mas reprovo o facto de teres conservado este panfleto... sobretudo após a demissão do ministério e a provocação que constitui à lei marcial!

- Não me limito a conservá-los - replicou Fahmi com orgulho - como também estou, o mais que posso, empenhado em distribuí-los!

Angustiado, Yassin arregalou os olhos; ia falar, mas Amina antecipou-se-lhe e perguntou, agitada:

- Não posso acreditar no que estou a ouvir! Como podes expor-te a um tal perigo, logo tu que és o ser mais ajuizado que conheço?

Fahmi não soube o que lhe responder, compreendeu contudo que a sua temeridade o havia conduzido a uma situação crítica. Nada o inquietava mais do que abordar com ela um tal assunto. Ter-lhe-ia sido mais fácil tocar no céu do que persuadi-la de que expor-se ao perigo pelo bem da pátria era um dever, pois que, para esta, a pátria valia menos do que um pedacinho de unha. Por outro lado, parecia a Fahmi mais simples expulsar os Ingleses do Egipto do que levar a mãe a se convencer da necessidade de mandá-los embora ou levá-la a execrá-los.

Mal a conversa começou a versar sobre aquele tema e logo ela se exclamou com grande ingenuidade:

- Por que razão os odeias, meu filho? Acaso não são pessoas como nós que têm filhos e mães?!

Ao que ele respondeu com rispidez:

- Sim, mas ocupam o nosso país!

Percebendo a violência contida na voz do filho, Amina refugiou-se no silêncio, dissimulando um olhar condoído que, caso pudesse falar, teria dito: "Não te aflijas com isto!" Certa vez, ele declarara-lhe, agastado com a sua lógica:

- Um povo não pode viver governado por estrangeiros!

E ela, estarecida, replicara-lhe: .

- Mas todos nós continuamos a viver apesar de nos governarem há tanto tempo! Trouxe-vos ao mundo, a todos vós, à sombra do poder deles! Não nos chacinam, meu filho, não se opõem às mesquitas e a comunidade do Profeta Muhammad continua a prosperar!

O jovem respondera-lhe, então, abespinhado:

- Se o nosso Profeta Muhammad fosse vivo, jamais admitiria ser governado pelos Ingleses!

- É verdade - dissera Amina com sabedoria. - Mas quem somos nós em comparação com o Profeta, que a salvação e a bênção de Allah estejam com ele? Deus auxiliá-lo-ia com os seus anjos!

- Saad Zaghlul há-de fazer o que os anjos fariam! - bradara Fahmi furioso.

Mas ela gritara, por sua vez, levantando os braços ao céu como se quisesse repelir alguma desgraça inevitável:

- Não digas isso, meu filho! Pede perdão ao teu Senhor. Oh, meu Deus, peço a Tua clemência e o Teu perdão!

Ela era assim. Como responder-lhe agora que via na distribuição de panfletos um perigo que o ameaçava? A única solução era refugiar-se na mentira, por isso, fingindo minimizar a situação, disse:

- Estava só a brincar, não leves as coisas tão a sério, por uma ninharia! Contudo, a mãe recomeçou a falar com resignação:

- Assim o espero, meu filho, a minha boa opinião acerca do mais sensato dos homens jamais se há-de perder. O que temos nós a ver com estas questões? Se os nossos paxás acham que os Ingleses devem sair do Egipto, eles que os façam partir!

Durante toda a conversa, Kamal parecera esforçar-se por relembrar algo de importante e, assim que se chegou àquele argumento, ele exclamou:

- Ontem o professor de árabe disse que as nações conseguem a sua independência graças à resistência e à firmeza dos seus filhos!

- Estava, certamente, com o seu discurso, a querer referir-se aos alunos mais velhos! - protestou Amina zangada. - Não me contaste, um dia, que alguns alunos já têm bigodes?

- E o meu irmão Fahmi não é um aluno sénior? - interrogou o garoto com toda a ingenuidade.

- Não, o teu irmão não é um aluno sénior - volveu Amina com uma rispidez que era contrária aos seus hábitos. - Fico estupefacta com estes professores e com a alma que lhes sugere falar-vos de coisas que em nada têm a ver com a lição! Se ele quer ser um patriota, que faça estes discursos aos seus próprios filhos, na sua casa, e não aos dos outros!

A conversa estava a inflamar-se e a alongar-se quando uma palavra fortuita veio modificar o seu rumo; Zainab, tentando agradar a sogra, apoiou-a na sua defesa e manifestou-se contra o professor de árabe que caracterizou como sendo "um simples estudante de uma universidade teológica que o governo fez com que se transformasse num homem importante em pouco tempo". Mas assim que Amina ouviu aquele ultraje dirigido ao "estudante de teologia", impelida pelo respeito que a sua alma nutria pela memória do pai, susteve a sua cólera e não quis deixar passar aquelas palavras, ainda que proferidas em sua defesa, sem fazer um reparo. Voltou-se para Zainab e disse-lhe pausadamente:

- Minha filha, estás a desdenhar o que de mais nobre existe nele! Os sbeikhs são os herdeiros dos profetas, aquele homem deve ser criticado por ter excedido os limites da sua veneranda função. Quem dera que se restringisse a ser um mero "estudante de teologia" e um sbeikhl...

A brusca mudança de Amina não passou despercebida a Yassin, que se apressou a intervir para delir a marca que a inocente defesa da sua esposa deixara.

53

"Olha para a rua, olha para as pessoas! Quem poderá afirmar depois disto que não aconteceu uma catástrofe?" Mas o sayyed não necessitava de olhar mais. As pessoas interrogavam-se, tremiam; os seus amigos afundavam-se em acesas discussões nas quais o queixume, a consternação e a ira retumbavam. Por outro lado, a notícia já fora debatida por todos os amigos ou pelos fregueses que haviam passado para vê-lo e todos concordavam ao declarar que Saad Zaghlul e os seus leais companheiros haviam sido detidos e conduzidos para local desconhecido, no Cairo ou fora da cidade...

O sayyed Iffat vociferou com o semblante congestionado pelo sangue da cólera:

- Não tenham dúvidas sobre a veracidade da notícia! As más notícias têm um odor nauseabundo! Já era de esperar depois da carta da delegação ao sultão! Ou depois da resposta deste último à advertência britânica, a seguir ao envio daquela violenta missiva ao Primeiro-Ministro inglês?

- Estão a prender os grandes paxás! - comentou o sayyed profundamente acabrunhado. - É terrível! O que irão fazer com eles?

- Só Allah é que sabe... O país está a sufocar sob o jugo da lei marcial...

Naquele entretanto, o sayyed Ibrahim el-Far, vendedor de utensílios de cozinha de cobre, entrou de rompante correndo e gritando, a ofegar:- Já sabem da última notícia?... Malta! Depois, batendo as palmas, precisou:

- Eles foram deportados para Malta! Nem sequer ficam entre nós... Deportaram Saad e os seus fiéis companheiros para a ilha de Malta!

- Deportaram-nos! - exclamaram todos em uníssono. A "deportação" despertou, nas suas almas, as antigas e tristes lembranças de Orabi paxá e do seu trágico fim que os obcecava desde a infância. Perguntaram, não conseguindo refrear os temores dos seus corações:

- Será que Saad Zaghlul e os seus companheiros vão ter o mesmo destino? Ião ficar apartados da pátria para sempre? Morrerão estas grandes esperanças sem haverem tido tempo de eclodir?

O sayyed sentiu uma tristeza que jamais experimentara antes.

Uma tristeza densa, áspera, que se espalhava no seu coração como a náusea e sob o peso da qual se sentia apagado, prostrado, asfixiado. Em seguida, os presentes trocaram olhares sombrios, desalentados que falavam sem precisão da língua, que vociferavam embora sem voz, que se sublevavam sem vociferar, enquanto todos saboreavam um mesmo travo amargo na saliva. Depois de el-Far, veio um outro amigo, um segundo e um terceiro; todos rediziam a mesma notícia, esperando encontrar junto dos outros algum lenitivo para a dor que nas suas almas ardia, mas nada achando além daquela silenciosa tristeza, aquele mutismo desolado, aquela surda revolta.

- Serão estas esperanças frustradas hoje como já aconteceu no passado?

Ninguém respondeu. O olhar daquele que formulara a pergunta continuou a vaguear por entre os restantes rostos, sem sucesso. Não existia qualquer resposta onde a alma pudesse se refugiar longe da sua própria perturbação, ainda que se recusasse admitir, diante de todos, o terror que o abalava. Saad fora exilado: era verdade, será que tornaria volvido algum tempo? Como poderia Saad regressar? Que força poderia trazê-lo de volta? Não, Saad jamais regressaria! Para onde vão as grandes esperanças? Da nova esperança brotara uma vida ardente, profunda, cujo fascínio exercido sobre eles não consentia que se rendessem ao desespero... No entanto, não sabiam mais como justificar a ilusão de vê-la renascer.

- Mas não há esperança alguma de que a notícia propalada seja falsa?

Ninguém prestou atenção àquele que colocara a pergunta, aliás ele próprio não deu importância alguma à indiferença, pois que as suas palavras pretendiam apenas, na realidade, achar uma forma, mesmo que puramente ilusória, para fugir ao desespero opressor.

- Os Ingleses meteram-nos na prisão. Mas quem triunfar dos Ingleses?

- Um homem excepcional! Fez surgir um vislumbre de vida prodigiosa e partiu...

- Como um sonho... Será esquecido e dele restará apenas aquilo que na manhã subsiste de um sonho!

Alguém bradou com a voz embargada pelo sofrimento:

- Mas Allah existe!

- Sim, e é o mais misericordioso! - clamaram em uníssono.

A evocação do nome de Allah teve o efeito de um pólo magnético: reuniu em torno de si todas as ideias esparsas, concentrou os pensamentos confusos devido ao desespero.

Naquela noite, e pela primeira vez num quarto de século ou mais, a reunião dos amigos fiéis, marcada por um mutismo aflito, pareceu fugir à diversão e à ledice. Todos os temas de conversa estavam focados no chefe exilado. A tristeza oprimia-os, embora entre eles houvesse quem se debatesse entre a tristeza e a ânsia de beber, por exemplo. Contudo, a primeira sobrepujou a segunda, por respeito ao sentimento geral e em conformidade com a situação. Mas, quando a conversa se arrastou, de facto, em demasia e havendo sido esgotados todos os assuntos, entrincheiraram-se numa espécie de mutismo; em breve uma angústia latente assaltou-os, reflexo do estímulo que se devia ao hábito inveterado de beber que despontava neles a gemer e pareceu-lhes que estavam à espera do sinal do temerário que sempre existe à cabeça da fila. Mas o sayyed Muhammad Iffat exclamou subitamente:

- Chegou o momento de regressarmos às nossas casas!

As suas palavras não exprimiam, de facto, as suas intenções. Era como se pretendesse adverti-los de que, caso deixassem passar o tempo como o faziam, não lhes restariam senão voltar deveras para casa. Os laços recíprocos de longa data ensinaram-lhes a compreenderem-se na perfeição por meio de alusões; Ali Abdel Rahim, o vendedor de farinha, atreveu-se a lançar uma espécie de exortação larvar:

- Voltar a casa sem um copito sequer para atenuar as desgraças do dia? As suas palavras tiveram sobre as almas a mesma ressonância das do cirurgião que, ao sair da sala de operação, declara aos familiares do paciente: "Louvado seja Allah... A operação foi um êxito!" Contudo, um deles, agitado entre a tristeza e a vontade de beber, não pôde senão dizer, numa espécie de revolta e dissimulando o alívio que lhe refrigerara o peito:

- Beber num dia como este?!

O sayyed Ahmad fixou-o com um olhar carregado de sentido e depois disse-lhe sarcástico:

- Deixa-los beber sozinhos! Nós vamos embora, filho de cão! - Pela primeira vez desataram a rir; trouxeram algumas garrafas e o sayyed, como se quisesse desculpar o comportamento geral, disse:

- O divertimento não modifica, por certo, aquilo que há no coração dos homens!

Com as suas palavras, os presentes aquietaram-se. Era a primeira vez que vacilavam tanto antes de responder ao apelo do desejo e o sayyed não tardou a dizer, emocionado com a visão das garrafas:

- Saad insurgiu-se para que os Egípcios fossem felizes, não para atormentá-los, por isso não tenham vergonha por se entregarem à bebida no momento em que estão prostrados por causa dele...

A tristeza não o impediu de gracejar, ainda que naquela noite a sua tranquilidade não estivesse isenta de um certo desassossego, de tal modo que mais tarde a definiria como: "Uma noite adoentada em que foram curados por meio das bebidas alcoólicas!"

A família enfrentou a habitual reunião num ambiente de tristeza que nunca antes conhecera. Fahmi lançou-se num discurso revolucionário com os olhos marejados de lágrimas e Yassin escutou-o, acabrunhado e desolado. A mãe desejava dissipar a aflição, atenuar a desolação, mas receava que o seu propósito se pudesse virar contra ele. Em seguida, foi outrossim contaminada pela tristeza e apiedou-se pela sorte do velho sheikh que fora arrancado à sua casa e à sua esposa para um longo exílio.

- Que facto infeliz! - exclamou Yassin. - Foram exilados, em simultâneo, para longe da pátria todos os nossos homens, Abbas, Muhammad Farid e Saad Zaghlul...

Fahmi prosseguiu com um intenso agastamento:

- Que patifes, estes Ingleses! Falamos com eles utilizando a linguagem com que tentavam seduzir-nos quando estavam em apuros e respondem-nos com ultimatoss militares, deportações e expulsões...

Amina, não conseguindo ver o filho naquele estado de grande irritação, esqueceu a tragédia do líder e voltou-se para ele com doçura e ternura:

- Poupa-te, meu filho, Deus é generoso connosco!...

Mas aquele tom pressuroso fez crescer a indignação do jovem que, sem mesmo se virar para ela, gritou:

- Se não respondermos ao terrorismo com a cólera que merece, é o fim da pátria a partir de hoje! O país não pode gozar a paz sabendo que o seu líder padece os tormentos da prisão por se ter sacrificado.

- Felizmente - disse Yassin pensativo - entre os exilados está El-Basel paxá. Ele é o sheikh de uma temível tribo, não penso que os seus homens fiquem quietos após a sua deportação.

Fahmi retorquiu ríspido:

- E os outros? Não têm também os seus homens? Não é um assunto de uma só tribo, mas de toda a nação!...

A conversa prosseguiu sem pausas, tornando-se cada vez mais cortante e agressiva; as duas mulheres entrincheiraram-se por trás do silêncio, atemorizadas. Zainab não conseguia entender os motivos daquele alvoroço de paixões nem o seu significado. Saad fora exilado com os seus homens; se tivesse vivido como "os servidores de Allah", como todos, jamais alguém haveria pensado em mandá-los para o exílio! Mas haviam decidido de outro modo, haviam feito escolhas perigosas, propondo-se objectivos com consequências fatais e desnecessários. Mas, não obstante o problema, o que poderia suscitar em Fahmi toda aquela louca exaltação como se Saad fosse o seu pai ou o seu irmão?! E, mais ainda, o que levava Yassin, um homem que só se deitava a cambalear de bêbado, a um semelhante estado de extravio? Seria possível que uma pessoa como ele estivesse realmente aflita devido ao exílio de Saad ou de algum outro? Como se a sua vida ainda precisasse de ser amargurada e o prazer daquela breve reunião estragado por Fahmi e a sua revolta sem sentido!

Pôs-se a considerar todas estas coisas, observando, de quando em vez, o marido, siderada e descontente ao mesmo tempo, como se quisesse dizer-lhe no seu íntimo: "Se a tua tristeza fosse deveras sincera, esta noite não irias à taberna... pelo menos esta noite!" Mas nada fez. Era demasiado sensata para lançar os seus frios pensamentos naquela torrente de fogo.

Quanto a Amina, que rapidamente perdia a coragem ante a cólera, por mais ligeira que fosse, assemelhava-se-lhe neste ponto. E, assim, também ela se entrincheirou por trás do silêncio, fechando-se num profundo devaneio e seguindo apreensiva a conturbada e tempestosa

conversa. Porém, compreendia melhor do que a esposa de Yassin as razões daquela tempestade, porque na sua abna ainda vivia a lembrança de Orabi e o seu coração estava ainda cheio de saudades do "nosso Afandf. Sim, a palavra "exílio" não estava desprovida de ecos na alma de Amina, mas ela não tinha aquelas esperanças que eram susceptíveis de iludir uma pessoa como Fahmi, razão pela qual, na sua mente - como na do esposo e dos amigos - aquela palavra acabara por significar "sem esperança de um eventual regresso" ou "onde estará o nosso Afandi e quem melhor do que ele mereceria regressar à pátria?". Manter-se-ia Fahmi naquele estado de abatimento durante todo o tempo de exílio de Saad? Que infortúnio se obstinava, naqueles dias, a enviá-los para a cama com uma notícia e a despertá-los com outra, ao ponto de fazer vacilar a quietude e perturbar a serenidade que lhes era peculiar?! Quem lhe dera que a paz retornasse, a reunião deles fosse novamente agradável como sempre havia sido, os traços do rosto de Fahmi repousassem, a conversa fosse outra vez amena! Quem lhe dera...

- Malta!... Aqui está Malta! - exclamou num repente Kamal, levantando a cabeça do pequeno mapa do Mediterrâneo, mantendo o dedo fixo na ilha e olhando o irmão, triunfante e satisfeito, como se acabasse de descobrir Saad Zaghlul em pessoa. Mas viu-o com um rosto sombrio e amuado. Não respondeu ao seu apelo nem lhe prestou a mínima atenção, pelo que o garoto se acalmou e virou outra vez para o mapa, embaraçado e envergonhado. Continuou a examiná-lo demoradamente, calculando por alto a distância que separava Malta de Alexandria e do Cairo, tentando representar para si a verdadeira imagem daquela terra, tanto quanto lho permitiam a sua fantasia, e o aspecto dos homens de quem se falava e que para aí haviam sido conduzidos. E, como ouvira Fahmi dizer acerca de Saad que os Ingleses o haviam transportado "sobre a ponta de lanças", não conseguia imaginá-lo senão transportado sobre a ponta de lanças, sem se lamentar ou gritar como seria de esperar em tais circunstâncias, mas "firme como uma rocha" como o descrevera o irmão num outro momento da conversa. Oh! Quanto não daria para poder interrogar o irmão sobre a real natureza daquele homem fascinante e extraordinário que ficara suspenso na ponta das lanças "como uma rocha". Mas, ante o rebentar da cólera que submergira a quietude da

reunião, adiou a satisfação do seu desejo para uma ocasião mais propícia.

Por fim, Fahmi não pôde aguentar mais a reunião, tendo sentido que a paixão que o agitava era por demais forte para achar consolo numa conversa com o irmão, que, mais do que qualquer outro, se colocava, relativamente aos seus sentimentos, numa posição de espectador ou até de censor! Teve vontade de se juntar aos seus "irmãos" no café de Ahmad Abdu, onde havia corações que se harmonizavam com o seu, almas que rivalizavam com a sua, ao expressarem as sensações e as ideias que neles lavravam. Ali, reconhecia ecos similares da cólera que abrasava o seu coração, identificava-se às audácias, às inflamadas sugestões numa atmosfera resplandecente sequiosa de uma plena liberdade. Debruçou-se sobre Yassin e segredou-lhe ao ouvido:

- Vamos até ao café de Ahmad Abdu!

Yassin soltou um suspiro vindo das profundezas do seu ser porque já começava a interrogar-se, no acme do embaraço, qual o melhor expediente para se subtrair à reunião e sair para ir passar o seu serão fora, sem atizar ainda mais a raiva de Fahmi.

A sua tristeza não era simulada, pelo menos não completamente. A importante notícia fizera estremecer o seu coração, todavia, se tivesse estado sozinho, tê-la-ia facilmente esquecido. Havia porém submetido os seus nervos a um esforço terrível quer para não contrariar Fahmi quer por respeito por este e pela sua cólera, uma cólera que jamais vira outra idêntica; abandonou o aposento dizendo baixinho:

- Hoje já fiz o bastante pelo movimento nacional, agora tenho dívidas para com o meu corpo!

Fahmi abriu os olhos às pancadas do amassadouro que da sala do forno se elevavam. O quarto, com as janelas cerradas, estava imerso na penumbra que tingia uma luz frouxa por trás das persianas. O leve sopro da respiração entrecortada de Kamal chegou aos seus ouvidos e ele virou a cabeça na direcção da sua cama ao lado. As recordações da sua vida desenrolaram-se ante os seus olhos. Era uma nova manhã. Despertava de um sono profundo que o arrastara para uma exaustão que abarcava a alma e o corpo. Ignorava se na manhã seguinte despertaria naquela mesma cama ou se nunca mais despertaria. Não sabia. Ninguém sabia. A morte calcorreava as ruas de uma ponta a outra do Cairo e dançava nas esquinas. Que coisa espantosa! Aquela era a sua mãe que amassava segundo a sua rotina de sempre. Aquele era Kamal que dormia, roncando e virando-se nos seus sonhos, e aqueloutro era Yassin cujo ruído dos passos sobre o tecto do quarto indicava que se levantara da cama. Quanto ao seu pai, talvez naquele momento estivesse sob a água fria do duche... Aquela era a luz da manhã, esplêndida e tímida, cujos primeiros raios pareciam pedir licença para penetrar com uma extrema delicadeza. A vida familiar continuava a sua normalidade, como se nada tivesse acontecido, como se o Egipto não estivesse em rebuliço, como se as balas não silvassem à procura dos peitos e das cabeças, como se o sangue inocente não maculasse a terra e os muros. O jovem fechou os olhos e suspirou, sorrindo diante do caudal crescente das suas sensações que, em ondas sucessivas, transportava entusiasmo, esperança, tristeza e fé. Vivera efectivamente nos últimos quatro dias uma vida de horizontes vastos como jamais conhecera antes, salvo nos fantasmas dos seus sonhos de olhos abertos. Uma existência pura, nobre, disposta a se sacrificar com o maior prazer por algo de maravilhoso, de mais precioso e mais importante do que a própria vida; uma vida que se expunha, com desdém, à morte, arrostando-a encarniçadamente, arremessando-se contra ela; uma vida que, se por acaso escapava às garras da morte uma vez, a elas regressava uma segunda, tentando não ponderar as consequências, com os olhos arregalados sem cessar sobre uma luz alucinante da qual jamais se desviava, impelido por uma força sobre a

qual não tinha qualquer poder, confiando o seu destino a Allah, que pressentia em seu redor qual o ar que envolvia por todos os lados. A vida, como meio, tornara-se insignificante, de tal modo que não pesava mais do que um átomo, ao passo que, como fim, era tão grandiosa que podia conter os céus e a terra. A morte e a vida confraternizavam; eram uma só mão ao serviço de uma única esperança que uma delas sustentava mediante a guerra santa e a outra através do sacrifício. Caso não houvesse rebentado a tremenda explosão, ele teria sucumbido ao desgosto e à aflição. Não teria suportado que a vida persistisse no seu lento e plácido trânsito sobre os despojos dos homens e das esperanças. Fora necessária uma explosão para trazer a si e à pátria um pouco de ar, qual um sismo que liberta os vapores acumulados nas profundezas da terra. E, quando o abalo se produzira, encontrara-o pronto para se arremessar naquele oceano... Quando acontecera isto? Como?

Ia no eléctrico de el-Ghiza, rumo à faculdade de direito, quando se vira no meio de um pequeno grupo de estudantes que discutiam e agitavam o punho gritando: "Saad, que manifesta os desejos dos nossos corações, foi exilado; ou ele regressa para retomar a sua guerra santa ou também nós iremos para o exílio com ele!"

A gente do povo que se encontrava entre os passageiros unira-se-lhes na discussão e nas ameaças; por fim, o próprio revisor descurara o trabalho, parando para escutar e falar. Que instante!.. Um instante no qual a esperança cintilava de novo na sua alma, depois da noite de breu da tristeza e do desespero.

Tivera então a certeza de que aquele fogo aceso não mais se apagaria. Quando haviam alcançado o pátio da faculdade, acharam-no a abarrotar, submerso num clamor tal que fazia estremecer os corações que os haviam precedido naquela direcção. Depois haviam-se precipitado para os seus colegas com o pressentimento de que em breve algo sucederia. Não havia passado muito tempo quando um dos jovens os incitara à greve! Algo de que jamais antes ouvira falar! Contudo, os estudantes haviam aplaudido a ideia da greve, segurando os livros de direito debaixo do braço. Quando se lhes juntara o director, o senhor Welton, que, com uma inusitada amabilidade, os aconselhara a entrar para as salas de aulas, um jovem subira as escadas que levavam ao escritório do secretário e, como resposta,

lançara-se num discurso com uma extraordinária veemência, não deixando outra alternativa ao director senão retirar-se. Fahmi escutara o orador com toda a sua alma, os olhos esbugalhados presos nos daquele, com o coração que pulsava decidida e precipitadamente. Quem lhe dera também sair e juntar-se-lhe para deixar extravasar a fonte ardente do seu coração, mas, sem grandes dotes oratórios, aceitara que outro exprimisse o brado da sua alma. Seguiria o orador com uma atenção entusiasmada até este fazer uma primeira pausa no seu discurso e ele então, com os colegas, gritara em uníssono; "Viva a independência!" Continuara depois a escutar com uma atenção à qual o grito havia injectado uma nova vitalidade, até uma ulterior interrupção do orador. Neste ponto, clamara com os outros: "Abaixo o protectorado!" Depois, recomeçara a escutar apaixonadamente, com o corpo retesado de emoção, cerrando os dentes para conter as lágrimas que o vivo abalo da alma lhe fazia verter contra a sua vontade. Depois, quando o orador concluía a terceira parte do discurso, gritara ainda com os outros: "Viva Saad!" Novo grito... Naquele dia, tudo parecia novo. Mas era um grito fascinante que o seu coração expelia do mais fundo de si e mantinha ao ritmo das suas palpitações aceleradas, como um eco da sua língua, ou, melhor dizendo, como se o grito da sua língua fosse o eco do seu coração. Lembrava agora como o coração repetira aquele grito num angustiado silêncio durante toda a noite que precedera a explosão e que ele passara desalentado e extenuado.

Os seus sentimentos reprimidos, o amor, o entusiasmo, a ambição, a aspiração a um ideal, os sonhos haviam permanecido extraviados, disseminados, até ressoar a voz retumbante de Saad para a qual todos se elevavam num voo, como o pombo que voa no espaço é atraído pela agitação de um outro pombo. Depois, sem que tivesse tempo para se dar conta, o senhor Eamous, vice-conselheiro legal britânico do Ministério da Justiça, abrira uma passagem na multidão e eles haviam-no acolhido com o grito: "Abaixo o protectorado... Abaixo o protectorado!" O homem arrostarta-os com uma frieza que não ultrapassava o limite da civilidade, aconselhando-os a regressar às suas lições, convidando-os a deixar a política para os pais.

Naquela altura, um estudante fizera-lhe frente e dissera:

- Os nossos pais foram atirados para a prisão, não estudaremos a lei num país em que esta é calcada!"

Levantara-se uma aclamação do imo dos corações, semelhante ao ribombar de um trovão, e o homem retirara-se de forma precipitada.

Fahmi, pela segunda vez, quisera ser ele a discursar. As ideias convergiam em catadupa na sua mente, mas outros antecipavam-se-lhe na sua expressão. A sua exaltação saía reforçada e ele consolava-se ao pensar que aquilo que o aguardava seria para ele uma compensação por aido o que deixava fugir. A seguir, tudo acontecera muito rapidamente. Tendo alguém convidado os demais a sair, haviam-se manifestado. Encaminharam-se para a faculdade de Arquitectura, que se lhes havia juntado, depois para a faculdade de Agronomia, cujos estudantes se precipitaram até junto deles gritando como se estivessem à espera deles. Depois, fora a vez da faculdade de Medicina e de Comércio e, mal haviam chegado à praça de es-Sayyeda Zainab, haviam-se fundido numa manifestação gigantesca, à qual se juntara a população.

Elevaram-se aclamações em nome do Egipto, da independência e de Saad. A cada passo, a participação espontânea e a adesão natural, que em toda a parte viam, aumentaram neles o ardor, a confiança e a fé, e as almas dos homens, prontos para a revolta, que haviam encontrado no caminho, eram de tal modo sacudidas pela cólera que achavam um alívio na manifestação. Quase mais espantado pela forma como esta começara do que pela emoção que sentia pela manifestação em si, se interrogava: "Como é que tudo isto aconteceu?" Havia passado somente poucas horas desde a manhã que se vira aviltado e desmoralizado e ali estava ele, pouco antes do meio-dia, a participar numa tumultuada manifestação onde cada coração ecoava o seu, repetindo o seu grito e esconjurando-o a com uma fé inquebrantável de prosseguir até ao fim. Que alegria era a sua! Que entusiasmo era o seu! A sua alma arremessara-se para um mar de esperança ao qual nenhum horizonte impunha limites, arrependia-se de ter sido subjugado pela humilhação, envergonhava-se por ter suspeitado de pessoas bem-intencionadas. Na praça es-Sayyeda Zainab, deparara-se com um espectáculo novo naquele dia extraordinário: vira avançar, junto aos demais, um grupo de polícias a cavalo, com um inspector inglês à cabeça, que levantava atrás uma nuvem de poeira, ao passo que a terra tremia sob o estrépito dos cascos. Lembrava ainda como alongara o olhar para eles com o estupor de quem nunca se achara

exposto a um perigo tão ameaçador, como se voltara e vira rostos em cujas órbitas os olhos luziam de entusiasmo e de raiva, como suspirara nervosamente e agitara os braços bradando... Os homens a cavalo haviam cercado a multidão e, naquele imenso mar em que ondeava, nada mais vira além de um limitado espaço de cabeças soerguidas entre as quais estava imerso... Depois, espalhara-se o rumor de que a polícia havia detido inúmeros estudantes entre os que tentavam enfrentá-los ou chefiavam o cortejo e, pela terceira vez naquele dia, quisera... quisera estar entre os estudantes detidos, sem todavia sair do círculo onde se debatia com esforços enormes. Contudo, comparado com os que se lhe sucederiam, aquele dia fora um dia pacífico!

Desde o início da manhã, a segunda-feira tomara o aspecto de um dia de greve geral a que todas as escolas participavam com as suas bandeiras, com uma multidão imensa. O Egito despertara, era um país novo que se amontoava para soltar a cólera por demasiado tempo contida. E ele lançara-se naquela multidão, ébrio de alegria e entusiasmo, como alguém que se perdeu, saindo de um caminho e reencontra os seus após uma longa separação. A manifestação desfilara sob os olhos de uma multidão de espectadores, passando defronte das residências dos representantes políticos, proclamando o seu protesto através de diferentes línguas, até alcançara a rua dos ministérios. Aí, uma violenta onda de agitação atravessara a turbamulta. Ouvira-se um grito: "Os Ingleses!" As balas haviam principiado a estourar de imediato, abafando a voz dos que gritavam. O primeiro morto tombara. Um pequeno grupo que o precedia havia continuado, com desenfreado entusiasmo, ao passo que outros se imobilizavam. Muitos haviam dispersado, refugiando-se em casas e cafés, e ele achara-se entre estes últimos... Deslizara atrás de uma porta, com o coração palpitante, esquecendo tudo o que não fosse a sua própria vida, permanecendo assim por tempo indeterminado. Quando o silêncio dominara, esticara a cabeça, pusera um pé fora e lançara-se, confiando nos seus passos, incrédulo por estar são e salvo, e voltara para casa num estado de grande confusão. Na sua triste solidão, sentira o desejo de estar entre os que não mais existiam, ou pelo menos entre aqueles que se não haviam movido e, na veemência do seu severo exame de consciência, prometera a si próprio expiar e,

felizmente, o campo de expiação anunciava-se próximo e vasto...

A terça-feira e a quarta-feira foram idênticas ao domingo e à segunda-feira. Dias semelhantes nas suas alegrias e nos seus sofrimentos: manifestações, aclamações, balas, vítimas. Atirara-se àquele mar com paixão, ele-vando-se para os horizontes remotos dos sentimentos nobres, inquieto pela vida, excruciado pelo remorso de continuar vivo. Os sentimentos de cólera e de revolta que se propagavam aumentaram o seu zelo e as suas esperanças. O pessoal das linhas de eléctrico, os motoristas, os varredores não tardaram a fazer greve; a capital mostrava um semblante triste, encolerizado, selvagem. Depois, a torrente de informações trouxera a boa nova da greve iminente dos advogados e dos funcionários. O coração do país pulsava de vida e de indignação. O sangue não jorraria em vão, os exilados não seriam olvidados. O despertar das consciências abalara a terra do vale do Nilo.

O jovem agitou-se na cama, voltou a si, arrancando-se ao abismo das recordações. Principiou de novo a seguir os baques do amassadouro, passeando o olhar pelos quatro cantos do quarto que ia clareando à luz que lentamente brilhava através das janelas fechadas. A sua mãe amassava! Nunca deixaria de amassar, manhã após manhã. Nunca um qualquer acontecimento a teria impedido de pensar em pôr a mesa, lavar a roupa, limpar os móveis. Os mais grandiosos eventos não perturbavam os mais ínfimos labores! O coração da sociedade tem sempre espaço suficiente para as grandes coisas bem como para as mais insignificantes, para contê-las e acolhê-las de forma harmónica umas ao lado das outras! Mas calma! Não era uma mãe às margens da vida, aquela que o havia dado à luz, pois que os filhos são o combustível da revolução e ela alimentava-o, porque o alimento é o combustível dos filhos! Na verdade, nada há na vida que seja fútil. Mas não viria um dia em que os grandes acontecimentos agitariam em bloco todos os egípcios sem dividir corações como eles se haviam dividido desde há cinco dias na sessão do café?! Oh! Quão distante era ainda aquele dia! Depois, um sorriso correu sobre os seus lábios ao despontar uma pergunta no seu espírito: "O que teria feito o seu pai caso soubesse da sua "guerra santa", aquela guerra que sem tréguas levava a cabo, dia após dia? O que teria feito aquele pai, autoritário e despótico, e o que teria feito a mãe, doce e meiga?"

Sorriu perplexo, sabendo que os aborrecimentos que sobre ele se abateriam então não seriam inferiores aos que enfrentaria se o seu segredo chegasse ao poder militar! Depois, afastou o cobertor e sentou-se na cama, murmurando: "Tanto me faz viver ou morrer! A fé é mais forte do que a morte e a morte é mais nobre do que a humilhação! Parabéns a nós por esta esperança perto da qual a vida nada vale. Que seja bem-vinda uma nova manhã de liberdade... Que seja feita a vontade de Allah!"

Ninguém podia pretender que a revolução não houvesse pelo menos alterado um dos aspectos da sua existência. O próprio Kamal vira a liberdade de que beneficiava desde há bastante tempo, ao ir e vir da escola sozinho, exposta a um desagradável imprevisto que muito o contrariou, embora nada podendo fazer. Com efeito, a sua mãe ordenara a Umm Hanafi segui-lo à ida e à volta da escola e não o largar por razão alguma, de modo a acompanhá-lo para casa se, em caminho, topasse com uma manifestação, sem lhe dar hipóteses para vadiar ou ceder aos seus tolos caprichos. As notícias das manifestações e desordens haviam perturbado Amina; os casos das selváticas agressões aos estudantes haviam-na transtornado; estava preocupada naquele período cujos dias sombrios a enchiam de pavor e terror.

Teria desejado conservar os filhos ao seu lado até a calma ser restabelecida. Mas não conseguira encontrar um meio para concretizar os seus desejos, sobretudo depois de Fahmi, em cuja "sensatez" tinha uma fé inquebrantável, lhe prometer que não participaria de modo algum nas greves e depois de o sayyed ter rejeitado a ideia de manter Kamal em casa, sabendo que a escola impedia aos alunos mais jovens nelas participar.

Assim sendo, ela resignara-se contrafeita a ver os dois filhos irem para a escola, mas impôs a Kamal a vigilância de Umm Hanafi, dizendo-lhe: "Se me fosse dado sair como eu desejaria, acompanharte-ia pessoalmente!" O garoto opôs-se com todas as suas forças porque instintivamente se dava conta de que aquela vigilante, que nada manteria escondido da mãe no tocante ao seu comportamento, seria um golpe fatídico para toda a espécie de entretenimentos e de astúcias que animavam o seu percurso que transformaria aqueles instantes breves e felizes do seu dia idênticos aos que passava nas duas prisões entre as quais andava numa roda-viva: a casa e a escola. Além do mais, agastava-o sumamente ter de caminhar na rua ao lado de uma mulher que necessariamente atrairia os olhares dada a sua extrema obesidade e o seu modo de andar baloiçando-se. Mas teve de se conformar aquela vigilância, sobretudo depois da ordem taxativa do pai que exigira que ele a aceitasse. A única coisa que podia fazer para respirar um pouco

era afastá-la sempre que se aproximava e impor-lhe que se mantivesse uns metros atrás.

Seguiam daquele modo para a escola de Khalil Agha na quinta-feira de manhã, o quinto dia de manifestações no Cairo, e tinham chegado diante da porta da escola quando Umm Hanafi se abeirou do porteiro e, segundo a ordem diária que em casa recebera, o interrogou:

- Há alunos na escola?

- Alguns entram, outros vão-se embora! - respondeu o homem com indiferença. - O director não levanta objecções!

Esta resposta foi para Kamal uma desagradável surpresa. Estava psicologicamente preparado para ouvir a resposta que desde segunda-feira se lhe tornara habitual: "Os alunos estão em greve." Assim voltavam ambos para casa, onde ele podia passar o dia inteiro como bem entendia, o que à distância tornara a revolução querida ao seu coração. A sua alma ansiava fugir para se esquivar às complicações daquela inesperada resposta, pelo que, voltando-se para o porteiro, disse:

- Eu estou entre os que partem!

Afastou-se da escola com Umm Hanafi que o seguia, passo a passo, e, quando esta lhe perguntou porque não entrara com os outros, ele pediu-lhe carinhosamente, pela primeira vez na sua vida, que dissesse à mãe que os alunos estavam em greve e, para dar maior ênfase à sua súplica e ao testemunho de afecto, ao passar frente à mesquita de el-Hussein, pediu uma vida longa e muita felicidade para ela. Mas Umm Hanafi teve de confessar a verdade à mãe, tal qual a ouvira, e Amina repreendeu Kamal pela sua preguiça, ordenando à mulher que o acompanhasse outra vez à escola. Deixaram de novo a casa com o garoto a arremessar a estas palavras duras, acusando-a de traição e deslealdade. Na escola, encontrou somente colegas da sua faixa etária, os mais jovens! Os restantes, e representavam a esmagadora maioria, estavam todos em greve. Na sua turma, que mais do que as outras todas contava um maior número de alunos juvenis, Kamal achou apenas um terço dos alunos presentes. Aliás, o professor mandou-os reverem as lições anteriores e dedicou-se à correcção de alguns cadernos, confinando-os, na prática, a um estado de semigreve.

Kamal abriu um livro que fingiu ler, sem contudo prestar a mínima atenção. Permanecer na escola sem nada fazer deprimia-o porque não

estava nem entre os que faziam greve, nem em casa a usufruir dos lazes que aqueles dias maravilhosos de forma inopinada lhe ofereciam com tanta prodigalidade. A escola entediava-o como nunca antes havia sucedido e a sua imaginação volitava, maravilhada e curiosa, para junto dos que lá fora manifestavam. Interrogara-se, não raras vezes, o que eram na realidade: uns "irresponsáveis", como os definia a sua mãe, que não tinham compaixão pelas suas pessoas nem pelas suas famílias e corriam ao encontro da morte; ou heróis, como os pintava Fahmi, que se sacrificavam pela pátria e travavam uma guerra santa contra os inimigos de Allah e os seus próprios inimigos?!...

O garoto pendia sobretudo para a opinião da mãe, devido ao seu ódio pelos alunos mais velhos - o grupo dos grevistas - que haviam deixado na sua alma, e na dos seus semelhantes, os alunos mais jovens, as piores impressões por causa da grosseria e da empáfia às mãos dos quais tinham de padecer, cuja corpulência e cuja insolência dos bigodes os provocava no pátio da escola. Mas não se deixava convencer por completo pelo ponto de vista materno, visto que as palavras de Fahmi tinham sobre ele uma força persuasiva que o impedia de minimizá-las ou privá-las de todo o heroísmo com que o irmão atribuía aos companheiros, a tal ponto que teria desejado, a partir de um ponto seguro, assistir ao vivo aos seus combates sangrentos.

Não havia dúvida, o mundo estava profundamente subvertido, pois se assim não fosse por que motivo fariam greve os Egípcios e em massa se encarniçariam contra os soldados? E que soldados! Os Ingleses! Os Ingleses, cujo nome bastava pronunciar para esvaziar as ruas! O que sucedia ao mundo e às pessoas? Era uma luta inaudita cuja ferocidade havia marcado, de forma inconsciente ou involuntária, os próprios elementos constitutivo da alma do garoto; palavras como Saad Zaghlul, Ingleses, estudantes, mártires, panfletos, manifestações, quase se haviam tornado no seu íntimo em forças motoras e inspiradoras, embora ele questionasse o significado destas, o garoto adoptava a atitude de quem, desorientado, procura informar-se e compreender. E o facto de os seus familiares reagirem aos eventos de modo divergente, por vezes até antagónico, intensificava a sua confusão.

Assim, enquanto de um lado via Fahmi revoltado, que se insurgia

contra os Ingleses, pelos quais nutria um ódio de morte, e que, ao invés, nutria um carinho por Saad que lhe fazia verter lágrimas, por outro lado reparava em Yassin que comentava as notícias com neutralidade, com um certo desprazer que não obstava a que continuasse a fazer a sua rotina diária, entre as conversas e os risos da sessão do café, a leitura da poesia e dos contos, antes de partir para o serão até a meia-noite. A mãe, pelo contrário, não se cansava de pedir a Allah para que espalhasse a paz, trouxesse de novo a segurança, aquietasse os corações de todos os egípcios e dos Ingleses. A mais astuta de todos era Zainab, a mulher do irmão, que, aterrorizada pelos eventos, não encontrara outro sobre o qual fazer recair a sua cólera além do próprio Saad Zaghlul, acusando-o de ser a origem de toda aquela desventura, afirmando que se ele "tivesse vivido como os demais servos de Allah, tranquilamente e em paz, ninguém lhe teria feito mal e nunca aquele incêndio teria deflagrado". Por isto, o entusiasmo do garoto inflamava-se ante a ideia da luta em si, enquanto a sua tristeza transbordava face à ideia da morte, considerada na sua essência, sem que a sua alma percebesse, de longe ou de perto, o sentido claro da própria palavra.

Como ficara aflito no dia em que os alunos de Khalil Agha haviam pela primeira vez convocado a greve! Destarte, tivera o ensejo de ver uma manifestação de perto ou de nela participar, mesmo se apenas do pátio da escola; porém, o director apressara-se a encerrar os mais pequenos nas suas salas de aula e a ocasião desvanecera-se. Encontrara-se, por este motivo, atrás de muros, a ouvir as aclamações retumbantes com um estupor a que se mesclava uma oculta alegria, que talvez resultava da desordem que em todas as coisas se inserira e sem piedade sacudira a rotina quotidiana.

Naquele dia, a ocasião de participar numa manifestação sumira-se como hoje perdera a de usufruir o seu lazer em casa. Permanecia sentado, como que pregado, num tédio de morte, olhando para o livro com olhos que nada viam, alongando, de quando em quando, uma mão para a pasta, com cautela e temor, aguardando pelo término daquele comprido dia.

Mas, bruscamente, alguma coisa chamou a sua atenção, um bulício estranho talvez, ao longe, ou um sussurro ao seu ouvido e, para confirmar a sensação, olhou em redor e viu as cabeças dos demais

alunos erguidas, os olhares que se cruzavam antes de convergirem para as janelas que davam para a rua.

Não era, portanto, uma ilusão, mas algo real que lhes despeitara a atenção. Eram vozes, amalgamadas numa só, possante, indiferenciada que o ouvido percebia na distância qual o fragor longínquo das ondas. Agora que havia principiado a intensificar-se, podia ser definido como um tumulto, ou melhor, como um mmulto que se aproximava... Um alvoroço percorreu a sala, levantou-se um rumorejar, até soar uma voz que disse: "Uma manifestação!" O coração do garoto pôs-se a bater com força e um lampejo de alegria a que se misturava uma certa confusão alumiou os seus olhos. O tumulto estava cada vez mais perto, tornava-se num brado tonitruante e ciciante em torno da escola. Os nomes que haviam ocupado a sua mente, nos últimos dias, ressurgiram aos seus ouvidos: Saad, a independência... O protectorado. O clamor avizinhou-se mais e mais e alteava-se até encher o pátio da escola. Os alunos continuavam calados e bem depressa tiveram a certeza de que o dilúvio os iria tragar inexoravelmente. Acolheram porém aquela hipótese com uma alegria infantil que não avaliava as consequências, no febril anseio de desordem e liberdade.

Depois, ouviu-se um tropel de passos que se aproximavam rapidamente com um enorme fragor; os dois batentes da porta abriram-se sob o impulso de um violento golpe e alguns grupos de estudantes e azharitas [\[117\]](#) irromperam na aula, semelhantes às águas que transvazaram por uma fissura aberta numa barragem, ao grito de "Greve... greve... ninguém deve ficar aqui!".

Em poucos minutos, Kamal viu-se submerso num rio vociferante que o arremessava para diante com uma força contra a qual toda a resistência era inútil. No auge da confusão, o garoto movia-se com uma lentidão extrema, qual grão de café dentro do moinho, incapaz de enxergar onde estava, distinguindo tão-só corpos aglutinados num tumulto que dilacerava os ouvidos, até que pôde concluir, ao ver o céu por cima da sua cabeça, que estava na rua.

O torno estreitou-o ao ponto de quase impedir a sua respiração. Num pavor imenso, soltou um grito agudo, penetrante, ininterrupto, após o que e, sem que ele soubesse como, uma mão agarrou no seu braço, arrastando-o vigorosamente, abrindo caminho por entre a

multidão antes de colá-lo contra a parede do passeio.

Começou a arfar, esquadrinhando à sua volta à procura de um lugar onde se abrigar até o seu olhar incidir na loja de Amm Hamdan, o vendedor de basbusa, que baixara a porta a poucos centímetros do chão. Precipitou-se para lá e, rastejando sobre os joelhos, entrou. Quando se levantou no interior, viu Amm Hamdan, que o conhecia bem, com duas mulheres e um pequeno grupo de jovens alunos. Recostou-se contra a parede onde estava suspensa a lista dos pratos, com o coração num contínuo latejar. Ouviu Amm Hamdan que dizia:

- Azharitas, estudantes, operários, transeuntes... Todas as ruas que levam a el-Hussein pululam de seres humanos. Não imaginava, antes deste dia, que a Terra pudesse albergar toda esta gente!

- Mas porque é que se obstinam a manifestar depois de terem disparado sobre eles? - perguntou, estupefacta, uma das mulheres.

E a outra, aflita:

- Meu Deus, és Tu quem nos guia... São todos pessoas de bem!...

Amm Hamdan acrescentou:

- Nunca vimos nada igual no passado! Que Allah os proteja!

O clamor que explodia nas gargantas fendia o ar, ora próximo, como se ribombasse no interior da loja, ora longínquo, num forte alvoroço, desordenado, qual o sibilar do vento. Prolongou-se, sem interrupção, num movimento lento e constante, reflectindo a variação de intensidade e de altura das suas ondas que fluíam e refluíam; sempre que se afigurava querer cessar, sobrevinha uma outra onda que parecia nunca mais acabar.

Toda a energia vital de Kamal se concentrou na audição que ele apurou, perturbado e alarmado ao mesmo tempo. Todavia, à medida que o tempo se escoava sem nada sobrevir de desagradável, recobrou o fôlego e gradualmente acalmou-se. Por fim, conseguiu reflectir sobre o que estava a acontecer em seu redor, considerando-o um facto excepcional mas que dentro em breve se dissiparia e perguntou-se quando estaria de novo em casa para contar à mãe o que lhe sucedera: "As nossas salas de aula foram tomadas de assalto por uma manifestação que não tinha princípio nem fim. Nem sequer tive tempo para me aperceber, encontrei-me no meio de uma torrente enorme que me cercava e me arrastava para a rua. Gritei com os outros: "Viva Saad! Abaixo o protectorado, viva a independência!" e fui levado de

rua em rua até os Ingleses nos ataquem e dispararem sobre nós..."

A mãe ficaria tão amedrontada que choraria e talvez não acreditasse que ele ainda vivia, são e salvo, e trémula recitaria muitos versículos do Alcorão.

Mas ele prosseguiria o seu relato: "Uma bala passou de raspão perto da minha cabeça, ainda oiço o seu sibilar zumbindo aos meus ouvidos. Todos se debatiam como loucos e eu teria morrido com os outros se um homem não me tivesse empurrado para o interior de uma loja..."

O fio dos seus devaneios foi quebrado por um grito retumbante e irregular e um tropel confuso e desenfreado de passos.

O seu coração começou a bater com força e ele observou os rostos à sua volta. Viu os olhos esbugalhados que fitavam a porta como quem está à espera de um golpe sobre a nuca. Amm Hamdan aproximou-se da porta, curvou-se para ver pela fenda que em baixo havia o que se estava a passar, quando subitamente recuou e desceu a porta até ao chão, balbuciando desorientado:

- Os Ingleses!...

Lá fora, muitas vozes gritavam: "Os Ingleses!... Os Ingleses!", enquanto outras bradavam: "Resistam!... Resistam!" e outras ainda: "Morramos, mas que a pátria viva!". E, pela primeira vez na sua curta existência, Kamal ouviu disparos de armas de fogo a pouca distância. De instinto, reconheceu-os e todo o seu corpo tremeu e, assim que um grito de pânico escapou às duas mulheres, foi sufocado por soluços. Então Amm Hamdan começou a dizer numa voz trémula: " Digam que Allah é único... Digam que Allah é único!"

Mas o garoto sentiu um medo gélido como a morte percorrer-lhe todo o corpo, dos pés à cabeça. Os disparos sucediam-se; ouviu um ranger de rodas e o relinchar de um cavalo. Vozes e gestos concatenavam-se com uma velocidade prodigiosa, seguidos de contínuo por bramidos, gritos e gemidos. Houve um breve momento de luta corpo a corpo que, para aqueles que se haviam encolhido atrás da porta, pareceu uma eternidade na presença da morte. Por fim, caiu um silêncio pavoroso semelhante ao desfalecimento que se segue ao paroxismo da dor.

- Foram-se embora?!... - perguntou Kamal com a voz trémula e estrangulada.

Amm Hamdan levou o dedo indicador aos lábios e murmurou:

- Chiu!

Depois, recitou o versículo do Trono ^[118] e Kamal recitou-o igualmente no seu íntimo, não conseguindo falar em voz alta: "Dize: Ele é Deus, o Único"^[119], julgando poder repelir os Ingleses como repelia os demónios na escuridão!

Seja como for, a porta só foi de novo aberta ao meio-dia e o garoto então lançou-se através da rua deserta e desatou a correr lesto como o vento. Ao passar pelas escadas que desciam para o café de Ahmad Abdu, reparou num indivíduo que estava a subir no qual reconheceu o irmão Fahmi. Precipitou-se para ele como quem está prestes a se afogar e encontra por acaso uma tábua de salvação. Agarrou o seu braço, o jovem voltou-se para ele com um ar aterrorizado e, vendo quem era, exclamou:

- Kamal?! Mas onde estavas enquanto lutavam?

O garoto notou que o irmão tinha a voz embargada, sufocada. Todavia respondeu-lhe:

- Estava na loja de Amm Hamdan e ouvi os tiros e tudo o mais...

- Volta para casa! - ordenou-lhe Fahmi num balbucio pressuroso. - Não digas a ninguém que me encontraste... percebeste?

- Não voltas comigo?! - perguntou o miúdo, enleado.

- Não...agora não! - respondeu o outro no mesmo tom. - Voltarei à hora de costume. E não te esqueças, em caso algum, tu me viste!

Empurrou-o de tal modo que não lhe dava qualquer hipótese de rebater e o garoto deitou a correr. Chegado à curva de Khan Gafar, viu um sheikh em pé no meio da rua que apontava para o chão com o dedo e falava com um grupo de homens. Kamal olhou para o local assinalado e distinguiu manchas vermelhas cobertas de pó... e ouviu o homem que dizia, num tom de elogio fúnebre:

- Este sangue inocente é um grito que nos incita a prosseguir a guerra santa... Allah quis que fosse derramado na zona de el-Hussein, senhor dos mártires, para que possamos unir numa morte heróica o nosso presente ao nosso passado... Que Allah esteja connosco!

Kamal sentiu de novo o pânico que se apoderava dele, desprende o olhar da terra ensanguentada e pôs-se a correr como um louco.

^[117] Estudantes ou corpo docente da universidade de Al-Azhar, no Cairo, uma das mais antigas universidades do mundo.

[\[118\]](#) Alcorão II, versículo 255.

[\[119\]](#) Alcorão CXII, versículo 1.

Através da escuridão da alvorada que surgia, Amina procurava tactean-te a porta do quarto, vagarosamente e com muitas cautelas com receio de acordar o sayyed. Chegou-lhe vindo da rua um ruído estranho, semelhante ao zumbido das abelhas. Normalmente aquela hora, em que estava habituada a despertar, aos seus ouvidos chegavam tão-só o ranger das pesadas carroças do lixo urbano, a tosse dos operários madrugadores e as invocações de um homem que, regressando da oração da madrugada, se deleitava repetindo, gritando de forma entrecortada, no silêncio profundo: "Digam, Ele, Deus, é único" mas jamais ouvira antes aquele estranho rumor. Estava desorientada sem conseguir explicá-lo; esforçou-se por perceber donde provinha e encaminhou-se com passos leves para uma janela do salão que dava para a rua. Abriu a persiana, pôs a cabeça de fora e viu uma obscuridade que iluminava no horizonte os sinais precursores da luz, ainda demasiado ténues para lhe permitirem discernir o que por baixo dela se estava a passar.

Não obstante isto, o ruído crescia em intensidade e simultaneamente em mistério até ao instante em que ela percebeu vozes humanas de origem desconhecida. Varreu com os olhos a escuridão à qual começara a se acostumar e descortinou, perto da fonte de Bain el-Qasrain, na encruzilhada de en-Nahhasin com a ruela de Quirmiz, silhuetas humanas de contornos indefiníveis e certos objectos com a forma de pequenas pirâmides e outros que se assemelhavam a jovens arbustos.

Retirou-se da janela, perplexa, depois desceu, dirigindo-se para o quarto de Fahmi e de Kamal. Aí vacilou: deveria acordar Fahmi para que visse o que se estava a passar e lhe desvendasse aquele mistério ou deveria aguardar que acordasse de per si? Por fim resolveu não o incomodar, restando o seu desejo, até ao momento do seu despertar, ao romper do dia já muito próximo. Em seguida, orou e voltou à janela, movida pela curiosidade, e nela se debruçou.

A claridade da aurora começava a insinuar-se no ainda sombrio manto de noite e as luzes da manhã expandiam-se do cimo dos minaretes e das cúpulas.

Foi-lhe assim possível ver nitidamente a rua e procurar com o olhar as silhuetas que a haviam atemorizado na escuridão. O real aspecto destas apareceu-lhe de forma inequívoca e ela deixou escapar uma exclamação de susto. Voltou a correr ao quarto de Fahmi e acordou-o sem qualquer pejo. O jovem sobressaltou-se na sua cama e inquieto perguntou;

- O que tens, mãe?

- Os Ingleses ocuparam a rua, aqui mesmo por baixo da nossa casa!- respondeu anelante.

Fahmi saltou num ápice da cama e correu para a janela, alongou o olhar e enxergou perto da fonte de Bain el-Qasrain um pequeno acampamento militar que controlava o início das ruas que ali se cruzavam, composto por um certo número de tendas, três camiões e vários destacamentos militares dispersos. Ao lado das tendas, estavam erguidas algumas espingardas, quatro a quatro, e todas juntas formavam uma espécie de pirâmide que tinha por base a coronha de cada espingarda colocada a certa distância uma das outras e por cume as pontas dos canhões reagrupadas.

Alguns soldados de guarda estavam inteiriçados como estátuas frente às tendas, os restantes estavam espalhados aqui e ali, conversando entre eles numa língua incompreensível e rindo. O jovem olhou para os lados de en-Nahhasin e viu um outro acampamento no cruzamento entre en-Nahhasin e es-Sagha, e depois um terceiro na outra extremidade de Bain el-Qasrain, na curva de el-Khoronfish. De repente, percorreu-o uma ideia louca, a de que aqueles soldados tinham vindo para detê-lo! Mas considerou-a logo disparatada, atribuindo-a àquele desagradável despertar matutino que o arrancara a um sono de que ainda não emergira e ao sentimento de perseguição que o não largava desde o começo da revolta.

Depois, gradualmente, a realidade surgiu-lhe nítida, ou seja, o bairro que causara problemas às forças ocupantes com incessantes manifestações estava sitiado militarmente.

Continuou a observar através da persiana os soldados, as tendas, as espingardas, os camiões, com o coração palpitante de terror, mas também de tristeza e de raiva impotente. Em seguida, afastou-se da janela, extremamente pálido, e murmurou à mãe:

- São os Ingleses, como disseste. Vieram semear o terror e abafar as

manifestações no seu berço.

Assim falando pôs-se a deambular pelo quarto, indo e vindo, enquanto repetia de si para si, muito agastado: "Nunca na vida... Nunca na vida", até ouvir a mãe que dizia:

- Vou acordar o teu pai para informá-lo da situação...

Amina proferira aquelas palavras como se fossem o seu único recurso, como se o sayyed, que sempre lhe resolvera todos os problemas na vida, fosse capaz de encontrar também para isto uma solução susceptível de trazer de novo a segurança! Porém o jovem volveu-lhe com tristeza:

- Deixa-o acordar à hora habitual...

- Mas o que vamos nós fazer, meu filho - perguntou aterrada- , quando eles estão acampados frente à entrada da nossa casa?

Fahmi meneou a cabeça, perplexo, e disse:

- O que vamos fazer? - depois com um tom mais confiante - Não é motivo para termos medo. Estão lá somente para assustar os manifestantes!

- Tenho medo de que impliquem com os que se mantêm calmamente em suas casas! - disse Amina engolindo a saliva seca.

Fahmi ponderou por alguns instantes as palavras da mãe e a seguir acrescentou:

- Não! Se, na realidade, o objectivo deles fosse atacar as casas, não teriam ficado quietos até agora!

Não estava completamente seguro do que afirmava, mas pensou que era o melhor que podia dizer. Amina voltou a interrogá-lo:

- Mas até quando permanecerão entre nós?

- Quem pode dizê-lo?! - respondeu Fahmi com o olhar ausente. - O certo é que não partirão tão cedo, visto que plantaram as suas tendas!

Deu-se conta de que ela o interrogava como se dialogasse com o comandante das forças armadas. Olhou para ela com carinho, dissimulando um sorriso sardónico que descerrava os seus lábios descorados. Pensou por um instante contrariá-la, mas a gravidade da situação dissuadiu-o e ficou de novo sorumbático, como frequentemente lhe sucedia quando Yassin lhe contava "uma façanha extraordinária" do pai que, em si mesmo, o teria feito rir dada a sua peculiaridade, mas que a angústia que dele se apossava quando descobria mais uma faceta oculta da personalidade disso o demovia.

Ouviram um tropear de passos que acorriam até eles. Yassin fez irrupção no quarto com Zainab no seu encalço; os olhos inchados, o cabelo desgrenhado, gritou:

- Viram os Ingleses?

- Fui a primeira a ouvi-los - exclamou Zainab - ao assomar-me à janela, vi-os e acordei Si Yassin...

Yassin prosseguiu o relato:

- Corri a bater à porta do pai para acordá-lo e informá-lo. Mal os vi com os seus próprios olhos, ordenou-me que não saísse de casa e não tirasse o cadeado da porta... Mas o que estarão eles a fazer? E nós, o que é que podemos fazer? Não há, neste país, um governo que nos proteja?

- Não creio que incomodem ninguém para além dos manifestantes...- volveu Fahmi.

- Mas até quando ficaremos encarcerados nas nossas casas? As casas estão cheias de mulheres e crianças, porque vêm eles acampar logo aqui por baixo?

- Acontecerá connosco o que acontece aos outros - balbuciou Fahmi embaraçado. - Aguentemos com paciência e esperemos!

- Não se ouve nem se vê outra coisa senão terror e desolação! - exclamou Zainab num estado de evidente nervosismo. - Que Allah amaldiçoe aqueles bastardos!

Neste instante, Kamal abriu os olhos e observou, estarrecido, todos os familiares que se haviam reunido, de forma inesperada, no seu quarto.

Sentou-se na cama e olhou para a mãe com olhos interrogadores. Esta aproximou-se da cama e afagou a grande cabeça com a mão fria. Depois, num sussurro e com a alma alheada, recitou a Al-Fatiha.

- O que fazem aqui? - perguntou o garoto. Ela achou oportuno dar-lhe a notícia sob a sua faceta mais favorável e com doçura disse-lhe:

- Hoje não vais à escola!

- Por causa das manifestações? - perguntou Kamal radiante.

Fahmi interveio então com uma certa rudeza:

- Os Ingleses vedam a rua!

Kamal teve a impressão de que compreendia o motivo da presença deles no seu quarto. Olhou para os rostos à sua volta, espantado, depois precipitou-se para a janela; olhou demoradamente através da

persiana e regressou desconcertado e dizendo:

- As espingardas... quatro a quatro...

Fitou Fahmi como que a implorar o seu amparo e tartamudeou assustado:

- Vão matar-nos?

- Não vão matar ninguém! Vieram no encalço dos manifestantes!

Um minuto de silêncio escoou-se até o garoto num repente exclamar como que falando para si:

- Como são belos!

- Agradam-te deveras? - perguntou Fahmi com ironia.

- Muito! - respondeu ingenuamente Kamal. - Imaginava-os semelhantes aos diabos!

- Sabe-se lá - replicou Fahmi acerbo- , talvez, se visses os diabos, agra-dar-te-ia o aspecto deles!

Naquele dia, o cadeado não foi retirado da porta. Nenhuma das janelas que davam para a rua foi aberta para arejar ou para deixar entrar o sol, e pela primeira vez o sayyed Ahmad ficou a conversar com eles livremente durante o pequeno-almoço.

Disse, com o ar de alguém bem informado, que os Ingleses se mostravam inflexíveis quanto à proibição das manifestações e por isso haviam ocupado os bairros em que estas eram mais frequentes, pelo que ele achava mais prudente naquele dia todos permanecerem em casa até a situação se tornar clara.

O homem teve a força de falar com determinação e manter o habitual controlo de si, não deixando transluzir nada da angústia que nele se derramara assim que se havia levantado quando Yassin batera à sua porta. Pela primeira vez, Fahmi ousou questionar o ponto de vista do pai e num modo cortês disse:

- Mas, pai, se eu ficar em casa, poderão pensar na faculdade que faço parte dos grevistas!

É claro que o sayyed não sabia que de facto o filho participava nas manifestações!

- A necessidade tem a sua justificação! - disse. - O teu irmão está empregado e a situação dele é ainda mais delicada do que a tua. Seja como for, a desculpa é válida...

Fahmi não teve coragem de voltar atrás sobre a decisão do pai, por um lado com receio de suscitar a sua cólera, por outro porque a sua

ordem para não abandonar a casa oferecia à sua consciência um motivo que justificava a renitência em sair à rua, ocupada por aqueles soldados sequiosos do sangue de estudantes como ele.

Levantaram-se todos da mesa e o sayyed regressou ao seu quarto. Amina e Zainab atiraram-se às suas tarefas quotidianas e, visto que era um dia solarengo - um dos últimos de Março em que os tépidos eflúvios do ar primaveril se tornavam mais intensos- , os três irmãos subiram para o terraço e sentaram-se sob a cúpula de hera e de jasmim. Kamal encontrou uma grande diversão no galinheiro, e que diversão! Entrou nele e pôs-se a lançar grãos às galinhas, a persegui-las, feliz com o cacarejar destas, e a apanhar os ovos que lhe vinham à mão, enquanto os irmãos discutiam as notícias extraordinárias que se difundiam, de boca em boca, acerca da revolução que incendiava todo o vale do Nilo, do extremo norte ao extremo sul.

Fahmi contou o que sabia sobre o corte das vias ferroviárias, dos telégrafos, dos telefones e da vaga das manifestações em muitas províncias; falou dos combates que haviam eclodido entre os Ingleses e os revolucionários, dos massacres, dos mártires e dos funerais nacionais em que, às dezenas, eram transportados os caixões para a sua última morada, mas contou também o que sabia sobre a capital com os seus estudantes, os seus operários e os seus advogados em greve, onde actualmente o único meio de transporte limitava-se a umas poucas carroças. Com fervor, disse:

- É realmente a revolução? Então, que matem tanto quanto lhes exige a ferocidade! A morte só fará com que em nós a vida recrudesça!

Yassin meneou a cabeça, com assombro:

- Não julgava que o nosso povo possuísse um tal espírito combatente! Fahmi respondeu-lhe, como se houvesse esquecido ter alcançado o acme do desespero pouco antes do deflagrar da revolução, antes que esta o surpreendesse com o seu terramoto e o ofuscasse com as suas luzes:

- Com efeito, o povo está completamente possuído por este espírito de eterna luta que arde na sua carne do Assuão até ao Mediterrâneo! Foram os Ingleses que o provocaram até o despertar e agora não mais se extinguirá!

- Até as mulheres saíram para participar na manifestação! - exclamou Yassin com um sorriso nos lábios.

Então Fahmi recitou, para a ocasião, alguns versos do poema de Hafez ^[120], relativos à participação das mulheres nas manifestações: "Elevando o seu protesto, as belas saíram.

O seu cortejo eu segui.

Eis que dos trajes soturnos e negros as belas

Fazem de súbito o seu estandarte.

Como os astros cintilantes se levantam

E brilham nas trevas do firmamento.

Longo é o caminho do seu percurso

Que a casa de Saad tem por última meta."

Yassin estremeceu no seu íntimo e rindo disse:

- Devia ser eu a recordá-los!

Fahmi teve um pensamento repentino e acrescentou tristemente:

- Pergunto-me se os ecos da nossa revolução chegaram até Saad no seu exílio. Terá o grande sheikh sabido que o seu sacrifício não foi em vão ou ter-se-á afundado no desespero do exílio?

^[120] Hafez Ibrahim (falecido em 1932), poeta e escritor egípcio cuja arte poética se caracterizava pela introdução de temas modernos na poesia e por um peculiar interesse pelas questões sociais. Traduziu para árabe Les Misérables de Victor Hugo.

Permaneceram sobre o terraço até ao final da manhã e os dois irmãos observaram com interesse o pequeno acampamento britânico. Viram um grupo de soldados que, depois de terem equipado uma cozinha de campo, preparavam o almoço. Grande parte deles encontrava-se dispersa entre a entrada da ruela de Quirmiz e en-Nahhasin e Bain el-Qasrain que fora desertada. De quando em vez, muitos deles punham-se em fila e, ao primeiro toque de clarim, pegavam na espingarda e saltavam para um dos camiões que se apressavam a transportá-los para os lados de Beit el-Qadi, o que indicia o começo das manifestações nos bairros adjacentes. Fahmi observava-os que se reagrupavam e partiam, com o coração palpitante e a imaginação acesa... Por fim, os dois irmãos abandonaram o terraço, deixando Kamal divertindo-se sozinho como bem entendia, e refugiaram-se na sala de estudo.

Fahmi debruçou-se sobre os seus livros para recuperar o atraso acumulado nos últimos dias. Yassin, por seu lado, pegou na colectânea de Al-Hamasa e em A Bela de Kerbala e dirigiu-se para o salão, onde pensava, com o auxílio das duas obras, passar o tempo que se lhe oferecia em tão grande profusão atrás das paredes que o mantinham preso, como sucede com as águas contidas pelas barragens. Os romances, do género policial ou outro, fascinavam-no mais do que a poesia, da qual ele se acercava contudo com naturalidade, colhendo o que era fácil e limitando-se, quando o significado era complexo, a apreciar o ritmo, raramente lendo os comentários que abundavam nas margens do texto. Sucedia-lhe fixar na memória um verso e recitá-lo, tocando ao de leve o seu significado. Ou então atribuía-lhe um que não tinha qualquer nexos com a realidade e, por vezes, não lhe achava simplesmente significado algum. Não obstante isto, certas imagens, certas expressões enraizavam-se na sua mente, constituindo um tesouro, daqueles que indivíduos do seu jaez se orgulham de possuir, do qual se servia, de forma propositada ou despropositada na maior parte dos casos. E, se porventura tinha de escrever uma carta, preparava-se para tal como um escritor, socorrendo-se ao acaso de palavras bombásticas que a sua memória conservara e nela

incorporando todo o património poético ao qual Allah lhe dera acesso, de tal modo que entre os seus colegas era conhecido pela sua eloquência; não que fosse realmente eloquente, mas aparentava-o dada a incapacidade dos colegas em competirem com ele e o espanto destes pelo carácter excepcional das coisas que ele sabia de cor.

Nunca conhecera antes um período de ócio tão longo que tinha de aguentar, hora após hora, sem a mínima hipótese de se mover e divertir. A leitura tê-lo-ia provavelmente ajudado a suportar caso tivesse a paciência para se lhe dedicar, mas regra geral entregava-se-lhe com moderação e tão-só naqueles breves lapsos de tempo que precediam as suas saídas para os serões nocturnos e, mesmo naqueles momentos, interrompia-a com as suas intervenções na conversa durante a "sessão do café". Acontecia também que, depois de ler um pouco, chamava Kamal para lhe contar o que havia lido, divertindo-se com o entusiasmo manifestado pelo garoto que escutava com a atenção peculiar das crianças e dos meninos. Por conseguinte, nem a poesia nem os romances podiam aquietar a sua solidão num dia como aquele. E, na realidade, depois da leitura de alguns versos e de alguns trechos de A Bela de Kerbala, deixou que o tédio nele se destilasse gota a gota e ficou a amaldiçoar os Ingleses do fundo do seu coração, cansado, desalentado, oprimido, até chegar a hora do almoço.

A mesa reuniu-os novamente; a mãe serviu-lhes sopa, frango assado e arroz e, como lhes faltassem os pratos de verduras, devido ao cerco militar em redor da casa, Amina acrescentara-lhes queijo, azeitonas e mish^[121].

Além disso, servira mel negro como sobremesa. Mas Kamal foi o único que comeu com apetite, o sayyed e os dois filhos mais velhos, tendo ficado sentados todo o dia sem nada fazer e sem se mover, não acolheram bem a comida. E todavia a refeição, predispondo-os para o sono, ofereceu-lhes o ensejo para escapar à inactividade forçada. E isso acontecia sobretudo ao pai e a Yassin que conseguiam dormir como e quando queriam. Yassin só abandonou a cama pouco antes do pôr do Sol e desceu ao piso inferior para participar na sessão do café, que contudo foi breve porque a mãe, que não podia deixar o sayyed demasiado tempo sozinho, os saudou e saiu. Assim, Yassin, Zainab, Fahmi e Kamal ficaram a conversar numa atmosfera carregada de apatia até Fahmi pedir licença e se retirar para a sala de estudo,

chamando logo em seguida Kamal, e assim os dois esposos ficaram sozinhos.

"Mas o que posso fazer até à meia-noite?" Esta pergunta que atormentava Yassin desde há alguns momentos acabou por obcecá-lo e o dia pareceu-lhe cada vez mais desagradável, mais intolerável, sobretudo com o decorrer do tempo, ao passo que a rua estava saturada de alegrias de toda a espécie. Sentia-se como um ramo desbastado de uma árvore que se torna num pedaço de lenha seca! Porque, sem o cerco militar, estaria, naquele preciso momento, no seu local predilecto, o café de Ahmad Abdu, beberricando um chá verde, tagarelando com os clientes que conhecia, deleitando-se com a atmosfera antiquada do sítio que o encantava pelo seu cunho antigo e estimulava a fantasia com as salas sepultadas sob os vestígios da História.

O café de Ahmad Abdu era aquele que o seu coração mais estimava e, mesmo sem o desejo - desejo que, como dizem, é uma doença- , não teria escolhido nenhum outro. Fora unicamente o desejo que o atraía, no passado, ao "Clube Egípcio" porque se situava perto da esquina favorita da vendedora de doudou, fora aquele mesmo desejo que o impelira posteriormente a mudar para o café de Si Ali em el-Ghuriya porque este ficava frente à casa de Zannouba, a tocadora de alaúde. Por outras palavras, Yassin mudava de café em conformidade com o seu desejo e até mudava de amigos, aqueles cuja amizade lhe era oferecida em tais locais, sempre tão-só em função do desejo. Porque além do desejo, Yassin não tinha nem café nem amigos habituais... Onde estavam o "Clube Egípcio" e os amigos daquele tempo? Onde estavam o café de Si Ali e as amizades que aí fizera? Havia desaparecido, afastando-se da sua vida! Talvez, se algum deles se cruzasse com ele na rua, fingiria não o reconhecer ou mesmo fugiria dele! Agora era a vez do café de Si Abdu e dos companheiros de serão ali encontrados. Somente Allah sabia quais os cafés e os amigos que o futuro lhe reservava.

Contudo, nunca se demorava no café de Si Abdu; rapidamente dava um salto à mercearia de Costaki ou mais precisamente à taberna secreta, para aí reencontrar a sua garrafa vermelha, a sua "habitual", como lhe aprazia denominá-la... Mas quão longe estava a sua "habitual" naquela austera noite! Ao recordar a taberna de Costaki, um

frémito de desejo percorreu-lhe o corpo e, em breve, um olhar de tédio profundo transpareceu nos seus olhos. E foi assaltado pelo mau humor próprio de quem está encarcerado. Permanecer em casa pereceu-lhe uma aflição infundável que culminava numa dor aguda quando pensava nos prazeres e nas lembranças da embriaguez, associadas à taberna e à garrafa. Estes sonhos perturbavam-no e atiçavam o fogo do seu desejo. Reacendiam a sua ardente nostalgia da música interior do vinho e do efeito que este mantém com a mente, aquele efeito turbulento, fogoso, transbordante de alegria e de contentamento... Nunca se dera conta, antes daquela noite, de que era incapaz de passar, nem que por um só dia, sem beber. Aliás, ter descoberto esta fraqueza e escravatura não o entristeceu realmente; nem se censurou por aqueles excessos que agora o faziam infeliz pelo motivo mais fútil. Estava bem longe de se lamentar ou indignar contra si mesmo. Não aduzia como explicação para o seu sofrimento senão o cerco feito pelos Ingleses em redor da casa e a sede que o queimava quando a fonte da embriaguez estava a alguns passos dali.

Voltou-se para Zainab e viu-a que o fitava com um olhar irritado que parecia dizer: "O que é que tens, porque ficas aí distraído, taciturno? A minha presença não consegue arrancar-te ao tédio e às preocupações?" Ele entendeu o sentido no breve instante em que os seus olhos se cruzaram. Mas não respondeu àquela censura exasperada e triste; pelo contrário, isto irritou-o ainda mais. Pois nada era mais insuportável para Yassin do que se ver constrangido a ficar ao lado da sua esposa uma noite inteira, sem desejo, sem alegria e, para cúmulo, sem aquela ebriedade que o ajudava a suportar o fardo da sua vida conjugal.

Pôs-se a observá-la furtivamente e a interrogar-se, estupefacto: "Será deveras ela? Será deveras a que me enfeitiçou na noite de núpcias?! Será a que me enlouqueceu de amor durante noites e semanas inteiras?! Por que razão se me tornou ela tão indiferente? O que lhe aconteceu? O que tenho eu? Porque me irrita, porque me enfado, sem achar na sua beleza ou na sua cortesia o que me permita passar sem uma bebedeira apenas adiada?" E pôs-se, como já o fizera anteriormente por várias vezes, a acusá-la de ser incapaz de fazer aquilo em que Zannouba e as suas semelhantes se mostravam peritas. Na verdade, com Zainab, ele tivera a primeira experiência de

convivência continuada. Pois, o seu relacionamento com a tocadora de alaúde ou a vendedora de doudou não se haviam prolongado por muito tempo e não o impedira de ter outras, sempre que se lhe apresentavam novas oportunidades. Mais tarde, volvidos muitos anos, recordar-se-ia daqueles instantes de confusão e daqueles pensamentos e compreenderia algo que a sua alma até então jamais imaginara relativamente à sua pessoa e à vida em geral.

Yassin foi surpreendido pela pergunta da esposa:

- Talvez não te agrade ficar em casa?!

Não estava em condições para suportar a mínima censura e a pergunta irónica teve o efeito da dor lancinante de um abcesso.

- Claro que não! - apressou-se a responder com uma franqueza e uma determinação ofensivas.

E, se bem que Zainab, desde o começo, tentasse por todos os meios evitar os litígios, aquele tom feriu-a profundamente, pelo que lhe retornou com dureza:

- Não tenho culpa; é incrível, não consegues passar uma noite sequer sem saíres?

- Aponta-me um só motivo que possa fazer com que esta casa se torne suportável! - retrucou Yassin ressentido.

Então, ela levantou-se, furiosa, e, num tom que prenunciava choro, disse-lhe:

- Deixo-te à vontade, talvez fiques melhor..!

Virou-lhe as costas para fugir; ele seguiu-a com o olhar e disse para si: "Que parva! Não se dá conta de que é somente pela vontade divina que continua na minha casa!"

Apesar de a disputa aliviar em parte a sua cólera, Yassin teria preferido que não tivesse sucedido para não aumentar a tristeza da inactividade forçada. Se assim lhe aprouvesse, teria sido capaz de se reconciliar com ela, mas a indolência que se havia apoderado de todos os seus sentidos deteve-o.

Todavia, alguns minutos depois, uma relativa tranquilidade envolveu-o e o eco das duras expressões que dirigira à mulher ressoou aos seus ouvidos.

Reconheceu que haviam sido muito más e completamente injustificadas; foi então tomado por uma sombra de remorso, não porque, num canto do seu coração, houvesse de forma inopinada

reencontrado um resíduo de amor por ela, mas porque tinha o extremo cuidado de não ultrapassar os limites da correcção no seu modo de tratá-la, talvez por respeito pelo pai desta, o sayyed Muhammad Iffat, ou por medo do seu próprio pai, até mesmo no período delicado de transição em que se resolvera submetê-la à sua política com severidade e firmeza. Achou justificação para o seu comportamento na sua cólera, aquele estado de alma que não era raro na família, que tinha tendência para ser tolerante somente nos momentos em que também estava presente o sayyed, o qual era o único a ter o direito de se enfurecer. Contudo, a cólera deles parecia um relâmpago: pronta a acender-se, pronta a extinguir-se, deixando-os sujeitos a muitos desgostos e remorsos... Yassin, para além disto, distinguia-se pela teimosia; por isso, o desgosto não o levou a tentar reconciliar-se com a mulher, mas a dizer de si para si: "Foi ela que me irritou! Não podia falar comigo num tom mais amável?" Quem lhe dera vê-la sempre cheia de paciência, de tolerância, de perdão, de modo a poder entregar-se às suas paixões tranquilamente.

Porém, depois de ela ter manifestado o seu furor e se ter retirado, exa-cerbou-se nele a sensação de mal-estar por estar como que aprisionado e deixou o aposento para subir ao terraço. Aí achou o ar doce, uma noite serena e uma completa escuridão que se adensava tão-só sob a cúpula de hera e de jasmim e se atenuava na outra parte do terraço que tinha por abóbada o céu encastado de estrelas semelhantes a pérolas. Pôs-se a caminhar de um lado para o outro entre o pequeno muro que dava para a casa de Mariam e o fundo do pequeno jardim de hera que dominava Qalawun, abandonando-se a um mar de imagens. E, enquanto andava lentamente, à entrada da pérgula, ouviu um ruído, talvez um murmúrio, mais precisamente uma respiração descompassada. Perscrutou a escuridão, espantado, e exclamou:

- Quem está aí?

Chegou-lhe então uma voz que conhecia perfeitamente e que lhe respondeu com um timbre de cobre:

- É Nour, meu senhor...

Yassin lembrou-se de imediato de que Nour, a criada da esposa, passava a noite num cubículo de madeira contíguo ao galinheiro e que armazenava várias bugigangas. Olhou na direcção do terraço e

distinguiu a sua silhueta erguida perto dele, qual um pedaço de noite que se teria condensado e solidificado. Viu o branco resplandecente dos seus olhos como dois círculos desenhados a giz sobre uma ardósia negríssima. Retomou a sua marcha sem proferir uma palavra, enquanto a imagem desta se desenhava automaticamente na sua imaginação: uma preta de cerca de quarenta anos, bem constituída, com extremidades toscas, seios túrgidos, ancas torneadas e firmes, um rosto luminoso com olhos cintilantes e dois lábios carnudos. Havia nela algo de robusto, rude e estranho ou talvez tal lhe parecera, desde o dia em que entrara em sua casa.

De repente, sem aviso prévio, sentiu o impulso de possuí-la, tal como alguns petardos que explodem sem anúncio prévio. Uma vontade poderosa, titânica, como se esta fosse o único objectivo da sua vida, apossou-se dele, como já sucedera na noite do casamento de Aisha ao ver Umm Hanafi à soleira da porta do pátio. Uma vitalidade ardente espalhou-se no seu ser apático e a excitação infiltrou-se no seu sangue electrizando-o. O tédio e o cansaço deram lugar a um interesse febril, desenfreado, louco. Tudo isso num abrir e fechar de olhos. A energia insinuou-se-lhe na sua forma de caminhar, no seu pensamento, na sua imaginação e pôs-se, sem se dar conta, a percorrer o terraço de uma ponta à outra, reduzindo o seu trajecto e voltando aos dois terços do caminho, depois à metade do percurso.

Sempre que passava perto da mulher, um desejo violento agitava o seu corpo. Uma preta?.. Uma criada?... Não importa! Tinha precedentes inegáveis nesta matéria! O seu desejo não elegia fatalmente raparigas iguais a Zannouba! Bastava-lhe um só elemento de beleza; no passado, haviam sido suficientes uns olhos sublinhados a khôl da vendedora de dourado da ruela de el-Watawit que lhe fizera ignorar o mau odor das axilas e a lama incrustada nas pernas da jovem. Aliás, a fealdade, quando se tratava de uma mulher, era desculpável aos olhos do seu cego desejo, fealdade que observara em Umm Hanafi ou naquela geomante estrábica com a qual se isolara num canto, atrás do Portão de en-Nasr. Seja como for, Nour era uma mulher com um corpo planturoso, firme, e tocá-lo devia suscitar, por certo, os ardores másculos e o desejo de um amplexo. E, além do mais, era uma moça negra e ter relações sexuais com ela, prometia, sem dúvida alguma, algo de original, uma experiência nova e uma ocasião

para verificar a proverbial capacidade de despertar o ardor e o calor das raparigas da sua raça.

Em seu redor, a atmosfera parecia maravilhosamente propícia, segura e tenebrosa. O desejo incendiou-se, ele sobressaltou-se, o coração abando-nou-se a um palpar descompassado. Lançou um olhar penetrante para o local onde estava a mulher e começou a encaminhar-se suavemente na sua direcção para que, de um modo ou de outro, ao passar ao seu lado, lhe "acontecesse" ter de roçá-la.

Adiou a proclamação do seu desejo, até conseguir tomar o pulso num ambiente de prudência, receando que também a mulher se revelasse uma parva como Umm Hanafi, e que um novo escândalo se repercutisse aos quatro cantos da casa. Aproximou-se dela com passos lentos, fixando-a atentamente. Quem lhe dera que, visto todo o desejo que lhe ardia no seu íntimo, tudo o que estava escrito nos seus olhos, não obstante a difusa escuridão, pudesse ser por ela percebido. Aproximou-se outra vez, com o coração a pulsar violentamente, pôs-se em seguida frente a esta e roçou o seu peito com o cotovelo; mas prosseguiu a sua marcha, como se fosse mera casualidade. Porém um frémito perpassara-o por inteiro no preciso momento em que o havia tocado, sem saber sequer onde, dado o êxtase em que se perdera. Destarte, mal recuperou um mínimo de consciência, no fundo do terraço, restou-lhe tão-só uma sensação mórbida, repleta de ternura. O retraimento instintivo da mulher veio fortalecer a impressão dele de que Nour não alimentava qualquer suspeita acerca das suas intenções. Voltou-se, decidido a tornar à carga. Espetou novamente o braço na direcção dela e tocou um dos seus seios - e desta feita não foi ludibriado na sua sensação - com o cotovelo que não retirou, como seria de esperar de alguém que pretendia achar-se ali por engano. Ou antes, fez por roçar o outro seio, acariciando-o suavemente, pouco se importando em afastar as suspeitas. Depois, passou outra vez, dizendo para si: "Sem dúvida alguma, há-de perceber quais as minhas intenções, talvez até já tenha percebido e fez um gesto, para simular que se apartava, mas levou tanto tempo. Ou foi talvez apanhada de surpresa e ficou confusa. De qualquer modo, não pôs as mãos para se defender de mim e não se mexeu. Não, não gritará como a outra filha da puta! Tentemos uma terceira vez." Voltou desta vez com um passo rápido e impaciente. Vacilou um pouco diante dela, antes de avançar o

seu cotovelo para o seu peito intumescido, qual um pequeno odre inchado. Depois, o seu braço esboçou um gesto que denotava hesitação e perplexidade ao mesmo tempo. Passou outra vez, impelido pelo desejo de fugir, mas constatou que se abandonava a uma certa passividade que o arrebatou, no seu íntimo, numa torrente de loucura. Estacou de súbito, perguntando com uma voz que dele emanava como que liquefeita e trémula pela intensidade do desejo:

- És tu, Nour?!

- Sim, meu senhor - respondeu a mulher que recuava ao passo que Yassin avançava para que ela se lhe não escapasse, até esta se achar encostada à parede com Yassin quase colado a ela.

Queria dizer qualquer coisa para exprimir o que fervia no seu íntimo, qual o pugilista que agita o punho no ar, aguardando o instante favorável para assestar o golpe fatal. Com a respiração a acariciar a fronte desta, perguntou-lhe:

- Por que razão não estás no teu quarto?

- Estava a apanhar um pouco de ar! - replicou Nour gaguejando, cercada por ele.

Depois, como se a cobiça houvesse derrubado toda a hesitação, Yassin levou a mão à cintura desta, puxou-a suavemente contra o seu peito enquanto ela parecia oferecer uma certa resistência que lhe impedia de alcançar o seu objectivo. Segredou-lhe ao ouvido, apoiando a sua face à dela:

- Vamos lá! Vem para o quarto!

- Não está certo, meu senhor! - tartamudeou, enleada. .

O timbre de cobre da voz desta teve, no silêncio, uma ressonância que o atemorizou. Ela não alteara intencionalmente a voz, mas parecia não saber murmurar, mesmo quando na intensidade mais fraca. Seja como for, a inquietação não tardou a abandoná-lo, em virtude, por um lado, do ardor do desejo e, por outro, da ausência no tom da mulher do protesto que a sua frase, ao contrário, parecia sugerir. Agarrou na mão dela e murmurou:

-Vem, minha linda...

Nour deixou-se agrilhoar pela mão de Yassin, talvez por consentimento, talvez por obediência, ao mesmo tempo que ele recobria as suas faces e o seu peito de beijos, cambaleando sob o jugo da emoção. Depois, no arroubo da alegria, começou a dizer-lhe:

- O que te apartou de mim durante todos estes meses?
- Não está certo, meu senhor! - respondeu-lhe no tom habitual desprovido de qualquer vestígio de protesto.
- Que adorável resistência! - disse sorrindo. - Fá-lo outra vez!
E todavia ela não mais se debateu assim que alcançou a soleira do quarto, dizendo:

- Não está certo, meu senhor!

Depois, como que pondo-o de sobreaviso:

- O quarto está cheio de percevejos!

Ao ouvir aquelas palavras, ele sussurrou-lhe junto à nuca:

- Por ti, Nour, dormiria num leito repleto de escorpiões!

Uma criada... era assim que ela lhe aparecia, na mais exacta acepção da palavra. Permaneceu hirta, rendida diante dele na escuridão. Pôs os seus lábios sobre os dela, beijou-a com ardor e desejo, enquanto ela permanecia inerte, abandonada, como se estivesse a assistir a um espectáculo no qual não desempenhava qualquer papel, a tal ponto que, irritado, ele lhe disse:

- Beija-me!

Colou de novo os seus lábios sobre os dela, beijando-a, e ela correspondeu-lhe. Depois, pediu-lhe que se sentasse e ela repetiu a frase do costume: "Não está certo, meu senhor!" que acabou por soar ridícula, tendo sido tantas vezes repetida com o mesmo tom monótono. Fê-la sentar à força e ela obedeceu-lhe sem qualquer resistência. Então ele descobriu, no facto de Nour hesitar entre resistir-lhe e oferecer-se-lhe de livre vontade, um prazer novo que tentou aumentar. Assim, entre as resistências verbais e o abandono efectivo da mulher, ele esqueceu o tempo.

De repente, teve a impressão de que a escuridão se movia em seu redor ou que criaturas estranhas bailavam nos seus ângulos. Fora sem dúvida vencido pelo esforço que se havia prolongado por muito tempo, se é que realmente se havia esforçado por muito tempo. Na verdade, não sabia precisamente quanto tempo tudo aquilo durara. Ou talvez o rebentar das ondas das torrentes inflamadas dentro da sua cabeça haviam acendido diante dos seus olhos luzes imaginárias! Mas, devagar! As paredes do quarto ondulavam, reflectindo uma luz frouxa que se fundia com a escuridão e criava uma atmosfera que deixava entrever até as coisas mais escondidas. Yassin ergueu a cabeça, os

olhos arregalados, e viu, através das fendas da parede de madeira, infiltrar-se e irromper uma luz ténue no seu interior. Bruscamente, ouviu ecoar, no exterior, a voz da sua esposa que chamava a criada:

- Nour, estás a dormir?!... Nour, não viste por acaso Si Yassin?

O coração de Yassin sobressaltou-se aterrorizado; levantou-se de um salto e pôs-se a apanhar as suas roupas com um afã febril e a vestir-se, explorando o quarto com um olhar agitado, tentando achar um esconderijo no meio das bugigangas.

Mas bastou-lhe um único relance para perder toda a esperança de se dissimular, ao passo que o ruído das babuchas que se aproximavam lhe feria os ouvidos. Neste momento, a criada limitou-se a dizer com uma voz desalentada:

- A culpa é do senhor! O que posso fazer agora?

Deu-lhe uma palmada no ombro com uma certa violência e ela calou-se; depois o jovem fitou a porta, aterrorizado, desesperado, recuando, impelido por uma força inconsciente, para um recanto mais afastado da entrada, até se achar de costas coladas contra a parede, mantendo-se imóvel, à espera. Os apelos sucederam-se, sem resposta; depois, a porta abriu-se e surgiu o braço de Zainab precedido por um candeeiro:

- Nour! Nour! - chamava.

Ao ouvir aquelas palavras, a mulher teve de romper o silêncio, balbuciando com uma voz apagada e aflita:

- Sim, senhora?

- Deitas-te muito cedo, minha velha - replicou Zainab com uma voz cheia de fúria e de repreensões. - Não viste Si Yassin? O sayyed Ahmad mandou-me ir à procura dele. Procurei-o no andar de baixo, no pátio e agora nem no terraço o encontro! Viste-o?

Mal acabara de falar e já a sua cabeça assomava dentro do quarto, avistando, com estupor, a criada sentada e muito embaraçada. Depois, voltou-se maquinalmente para a esquerda e o seu olhar recaiu no esposo, colado à parede, com o seu grande corpo quase abatido e desfalecido pela humilhação e pela vergonha. Os seus olhos cruzaram-se por um segundo. Ele baixou os dele. Foi um silêncio de morte. Depois, Zainab gritou, qual um animal ferido, e recuou, golpeando o seu peito com a mão esquerda:

- Que vergonha! Tu!.. Tu!..

Começou a tremer, pelo que se podia constatar pelas oscilações do candeeiro que segurava na sua mão e pelo vacilar da luz reflectida na parede frente à porta. Fugiu com um grito que supliciava o silêncio. Então, Yassin disse de si para si, engolindo a sua saliva: "Estou desonrado! E o que está feito, feito está!" Permaneceu na sua posição, alheado de tudo quanto estava a acontecer, depois voltou a si e saiu para o terraço, sem sequer atravessá-lo. Não sabia o que fazer nem até que ponto iria chegar o escândalo. Confinar-se-ia ao seu quarto ou extravasar-se-ia para fora? Começou a praguejar contra si mesmo pela sua falta de sangue frio e pela sua fraqueza que o haviam impedido de seguir a esposa para conter o escândalo nos limites o mais exíguos possível. Depois do acme da angústia, perguntou-se de que forma deveria agir? Seria a firmeza uma ajuda neste caso? Era provável, com a condição da notícia não chegar aos ouvidos do pai. Sentiu que algo se mexia dos lados do maldito quarto. Voltou-se e viu a silhueta da criada que saía, com um grande embrulho na mão, e corria para a porta do terraço que transpôs. Encolheu os ombros com desdém e, palpando o peito com a mão, reparou que se esquecera de vestir a camisa interior, pelo que se apressou a regressar ao quarto.

[\[121\]](#) Tipo de queijo branco, extremamente salgado, que faz parte da refeição diária dos camponeses quando estão a trabalhar nos campos. Na cidade, por vezes é servido com óleo e limão.

Cedo de manhã bateram à porta; era o sheikh do bairro que vinha informar o sayyed Ahmad de ter sido encarregue pelas autoridades de avisar os habitantes dos bairros ocupados de que os Ingleses importunariam unicamente os manifestantes: o sayyed devia abrir a loja, o estudante voltar para a escola e o funcionário para o trabalho. Advertiu-o ainda, dizendo-lhe que manter em casa os estudantes poderia levar a pensar que eram grevistas e chamou a sua atenção para a proibição absoluta de se manifestarem e de fazerem greve. Assim, a casa retomou as actividades com que costumava acolher a manhã. Os homens soltaram um profundo suspiro de alívio ao reaverem a liberdade após o sequestro do dia anterior e as almas respiraram um pouco de serenidade e de paz.

Yassin pensou de si para si, ao comentar a visita do sheikh do bairro: "As coisas estão a melhorar lá fora, mas em casa é só lodo!"

Na verdade, grande parte da família havia passado uma noite penosa, dominada pelo escândalo e dilacerada pelo desassossego. Quanto a Zainab, a paciência que se havia imposto para reprimir no seu coração a consternação e os queixumes sucumbira ante a visão medonha com que topara no quarto da criada; o seu coração rebentou numa cólera que envolveu todos e tudo, e ela fizera intencionalmente com que os seus gritos chegassem também aos ouvidos do sayyed Khmuà.

Este precipitara-se para Zainab, submergindo-a de perguntas, e então estoirara o escândalo...

Ela contou-lhe tudo, encontrando coragem na exasperação, sem a qual talvez jamais teria ousado enfrentá-lo para lhe relatar tudo o que havia sucedido, porque continuava a experimentar um pavor em relação ao sayyed que não sentia por mais ninguém.

Era uma forma de vingar a honra imolada e de ser compensada pela paciência a que se obrigara, ora de moto próprio, ora a maioria das vezes contra a sua vontade. "Uma criada! Uma doméstica da mesma idade que a mãe dele! Na minha casa! Então do que será capaz lá fora?" Ao dizer aquelas palavras, Zainab não vertera uma só lágrima de ciúme; este, talvez, se escondesse por um certo tempo atrás de um

espesso véu de pesar e cólera, como desaparece o fogo atrás das nuvens de fumo.

Era como se, depois do que havia acontecido, a morte fosse preferível a ter de continuar ao lado do marido debaixo do mesmo tecto por mais um dia! Sim, abandonara o quarto de dormir e fora para a sala de estar para aí passar a noite, sendo que a maior parte desta transcorrera sem conseguir pregar o olho, em pleno delírio, como os doentes com uma febre alta, e assim dormira por escassos segundos um sono pesado, inquieto, turbado. De manhã acordara determinada a deixar a casa e talvez fosse esta decisão que viera aplacar o seu sofrimento. O que poderia fazer o sogro? É evidente não podia impedir uma acção nefanda depois de se ter verificado! E, não obstante a sua autoridade, era-lhe impossível dar ao seu esposo o justo castigo que permitiria sarar a ferida do seu coração. Poderia, quando muito, censurá-lo e derramar sobre ele toda a sua cólera que o "fornicador" escutaria, cabisbaixo, para de seguida perseverar na sua conduta obscena!

Na verdade, o sayyed pedira que lhe confiasse a situação e aconselhara-a a passar por cima daquele lapso do marido, adoptando a paciência que convém às mulheres virtuosas. Mas ela não queria nem sequer ouvir falar de paciência ou perdão! Uma criada negra com mais de quarenta anos! Isso não!... Não. Desta vez, deixá-lo-ia sem hesitar, contaria ao pai todas as suas mágoas e ficaria sob a protecção paterna até que o esposo voltasse à razão. E, se por acaso não retornasse a ela contrito, decidido a modificar a sua conduta, então... que toda aquela existência, com tudo quanto de bom e de mau tinha, fosse para o diabo!...

Yassin enganara-se quando julgara que, por sensatez e sabedoria, ela esconderia no seu peito a sua dor. Na verdade, a angústia apossara-se dela desde o começo e ela revelara à mãe a sua preocupação. Mas esta dera mostras de ser uma mulher circunspecta e não deixara que os lamentos da filha chegassem aos ouvidos do pai. Sugerira à sua filha que fosse paciente, afirmando que era próprio dos homens passar a noite fora de casa e beber, como o seu pai fazia, por exemplo: ela devia contentar-se com uma família próspera, dedicada ao bem e que o esposo sempre haveria de regressar para ela, por mais longos que fossem os seus serões fora de casa e profundas as suas bebedeiras.

A jovem, que ouvira o conselho contrafeito, esforçara-se de todas as maneiras por ser paciente, procurara satisfazer-se com aquilo que lhe oferecia a realidade, alimentando grandes expectativas com o pouco que a situação lhe concedia, tanto mais que uma nova vida germinava no seu ventre e anunciava uma maternidade para ela muito importante. É provável que a revolta persistisse dentro dela, por mais que se exercitasse à resignação, seguindo nisso quer o exemplo da sua mãe, quer o da esposa do sogro.

Contudo, quando meditava no que o esposo podia fazer nos seus serões votados à bebida, nela despontavam, de quando em vez, certas dúvidas que a torturavam.

Um belo dia, comunicara à mãe os seus temores, sem lhe ocultar sequer a tibieza dos sentimentos do marido para com ela. Porém, a mãe, como mulher experiente que era, fizera-lhe compreender que uma tal tibieza não era forçosamente decorrente do que ela pressupunha, mas que se tratava de "algo natural" comum a todos os homens, e que ela reconheceria isso de per si, à medida que fosse tendo uma maior experiência de vida... Contudo, ainda que admitindo a exactidão das suas suspeitas, o que poderia fazer? Aceitaria abandonar a casa apenas porque o marido tinha relações com outras mulheres? Não, mil vezes não! Se uma mulher desertasse o seu lar por semelhante razão, as casas ficariam sem mulheres respeitáveis! E ademais, bem podia um homem lobrigar esta ou aquela mulher, que sempre retornaria ao seu lar se a esposa fosse digna de constituir, aos seus olhos, o último abrigo, o refúgio seguro... As mulheres capazes de ter paciência seriam bem-sucedidas.

A sua mãe continuara a falar, lembrando-lhe as mulheres injustamente divorciadas ou as que tinham de dividir o marido com outras mulheres. A leviandade do seu esposo, admitindo que fosse real, não seria porventura um mal menor quando comparado com a conduta de tantos outros?! E, afinal, Yassin só tinha vinte e dois anos; estava destinado a tornar-se sensato, a regressar a casa e encontrar nos seus descendentes aquilo que o divertiria do mundo inteiro. Ou seja, Zainab devia conformar-se, ainda que as suas suspeitas se revelassem ter fundamento; e o que diria ela se, pelo contrário, fossem falsas?! A mãe repetira inúmeras vezes aqueles argumentos e outros mais que iam no mesmo sentido, até a obstinação da rapariga se

amenizar e optar pela resignação e com ela se contentara. Mas o incidente do terraço aniquilara tudo aquilo que a sua alma fizera para aguentar, e todo o edifício de esperanças soçobrara como se jamais houvesse existido.

O sayyed não se apercebera daquela lastimosa realidade, calculando que a rapariga se aquietara, seguindo os seus conselhos, mas a fúria desta era por demais violenta para passar sem consequências. A criada fizera bem em fugir! Quanto a Yassin, não se movera do terraço e, alvoroçado, ficara a pensar na tempestade que o esperava, até que chegou até ele a voz do pai que o chamava com um tom de voz que se assemelhava ao estalar de um chicote. O seu coração disparou num pulsar agitado. Não respondeu nem obedeceu ao apelo. Conservou-se imóvel no seu lugar, desesperado, sem perceber que o pai se precipitara sobre o terraço onde estacara, por breves instantes, invectivando-o e esquadrinhando tudo em seu redor até avistar a silhueta do filho, para a qual se dirigiu. Deteve-se ao seu lado, de braços cruzados sobre o peito, o olhar fixo no dele, o semblante fechado e fulminante, e manteve-se um longo momento silencioso de modo a prolongar o suplício e aumentar o terror. Era como se, através daquele mutismo, tentasse manifestar-lhe aquilo que pensava dele e que as palavras eram incapazes de transmitir, ou melhor, a carga de murros e de pontapés que desejaria dar-lhe para emendá-lo, não fora o facto de ser um homem adulto e casado. Contudo, em seguida, não conseguindo aguentar o silêncio, trémulo de cólera e de fúria, despejou sobre ele uma torrente de insultos e rudes críticas.

- Vens provocar-me debaixo do meu nariz! Vai para o diabo, tu e a tua torpeza! Conspurcaste a minha casa, cobarde! Não poderá nunca ficar pura enquanto tu viveres nela!.. Antes do casamento ainda tinhas uma desculpa, mas qual é a tua desculpa agora?!.. Se as minhas palavras se dirigissem a um animal, por certo conseguiriam educá-lo, mas é a uma pedra que elas se dirigem. Uma casa que te conta entre os seus membros está condenada a atrair sobre ela as maldições!

Destarte, o sayyed atenuara o fogo que lhe consumia o peito com palavras candentes como o chumbo em fusão, ao passo que Yassin se conservava ali, na sua frente, inerte, silente, cabisbaixo, como que na iminência de se dissolver na escuridão até que, tendo-se esgotado as vociferações do sayyed, este voltou costas ao filho e partiu

amaldiçoando-o, e, amaldiçoando outrossim o seu pai e a sua mãe, regressou ao seu quarto, totalmente devastado pela ira e subjugado pela cólera, considerando a grave falha de Yassin um crime que merecia a pena de morte. Olvidava, naquela exasperação, que todo o seu passado nada mais era do que uma cópia ampliada e multiplicada do erro de Yassin; e que porfiava na sua conduta, tendo já embora atingido os cinquenta anos, filhos crescidos que se haviam tornado maridos ou mulheres. A bem dizer, não se tratava de um oblívio ligado à ira; na realidade, julgava para si lícitas certas coisas que não permitia a nenhum dos seus. Podia fazer o que bem entendesse, mas os demais deviam cingir-se aos limites por ele prescritos. Assim sendo, talvez o furor adveniente da culpa de Yassin, que representara um "desafio" à sua vontade, um "desprezo" à sua presença, uma "mutilação" da imagem que os filhos deviam ter dele, acabara por superar em muito o furor que sentia pelo erro em si. Aliás, a sua cólera, como de costume, não durara muito. Depressa a chama se debilitara, o fogo se apagara e a quietude retornara gradualmente, ainda que somente em aparência fosse ensombrada pela consternação e pela tristeza. Pudera então avaliar o "crime" de Yassin sob mais do que um aspecto. Reflectindo, com a mente sossegada, no progressivo desvanecer da ignomínia, revelaram-se-lhe algumas circunstâncias ridículas que o distraíram na sua solidão forçada. Em primeiro lugar, tentara encontrar uma desculpa plausível para o culpado, não porque fosse do seu agrado mostrar-se indulgente, pois que abominava sê-lo na sua casa, mas para servir-se daquela desculpa como "justificação" à revolta do filho contra a sua vontade, como se dissesse a si mesmo: "O meu filho não faltou à obediência! Nunca, na sua vida! Pelo contrário, a sua desculpa consiste nisso e naquilo!..." Seria necessário alicerçar aquela desculpa na sua juventude, enquanto idade da irreflexão e da impetuosidade? Claro que não! A juventude era uma desculpa para o erro mas não para a rebelião do jovem contra a sua vontade, senão Fahmi e até Kamal teriam podido, com mais razão, chegar a desprezar os seus ensinamentos. Destarte, só lhe restava procurar uma desculpa para o filho na virilidade alcançada, aquela virilidade que o autorizava a eximir-se à vontade paterna, mesmo que só até certo ponto, poupando-o a ele - o sayyed - a ter de assumir a responsabilidade das acções do jovem, como se dissesse para si mesmo: "Não se insurgiu

contra a minha vontade, nunca na vida! Simplesmente chegou à idade em que a sua culpa não pode ser considerada uma revolta contra a minha vontade!" É inútil dizer que, diante de Yassin, nunca lhe teria reconhecido aquele direito e dado o seu perdão quando mesmo o jovem houvesse ousado lho pedir. Aliás, nunca teria reconhecido, de si para si, um tal direito ao filho a não ser no caso de uma desobediência que exigisse uma justificação enquanto rebelião contra a vontade paterna. Não esquecia, até em semelhante situação, lembrar a si mesmo, para um maior sossego, que havia dado uma educação particularmente rígida, que raros eram os pais a considerarem lícita, uma educação recebida com total humildade como poucos eram filhos capazes de suportar... O seu pensamento transferira-se, em seguida, para Zainab, mas sem achar a menor simpatia. Confortara-a por respeito pelo seu querido e amado pai, mas não pensava que a rapariga fosse realmente digna do pai. Não era digno de uma mulher generosa infamar o esposo, independentemente das circunstâncias, como ela o havia feito com Yassin!... Ah! Como se lamentara impetuosamente!... Como gritara!... Mas o que teria feito ele, o sayyed, se um dia Amina o houvesse surpreendido em quejanda situação?! Contudo, como comparar Zainab com Amina?! Uff... uff... Como a jovem lhe havia contado o que vira, sem o mínimo pudor... Se a rapariga não fosse a filha de Muhammad Iffat, Yassin teria tido o direito de castigá-la; e mesmo, se ele quisesse, não teria aceite deixar passar aquele incidente sem uma punição exemplar. É evidente que Yassin havia cometido um erro, mas ela cometera um ainda maior. Depois, em breve voltara a pensar em Yassin e começara a reflectir, sorrindo de si para si, perante o facto de possuírem uma mesma natureza, sem dúvida herdada do avô e que talvez ardesse até dentro de Fahmi, sob a máscara da boa educação e da rectidão! E, lembrava também como ao regressar, certo dia, de forma inopinada, ouvira a voz de Kamal que cantava: "Ó pássaro sobre a árvore!..."

Mantivera-se então atrás da porta, não só para fingir ter chegado no fim da canção, mas ainda para escutar a voz, saborear o timbre cristalino, avaliar a sua extensão; quando depois o garoto terminara de cantar, ele batera à porta com força e penetrara em casa, tossindo e dissimulando uma alegria de que ninguém se apercebera.

Que prazer para ele ver-se reflorir na vida dos filhos, pelo menos nas

horas da calma serenidade! Mas atenção! Yassin tinha a sua própria natureza, que ele não partilhava. Ou talvez, analisando a fundo o significado do termo, não os unia de facto qualquer natureza! Yassin parecia antes um animal cego... ora se arremessava sobre Umm Hanafi, ora era apanhado em flagrante com Nour... espojando-se na imundície qual um louco! Ele não era assim! Claro, compreendia o tédio que havia submergido Yassin ao pensar que tinha forçosamente de passar a noite em casa... quase em prisão. Compreendia-o, tanto mais que ele experimentara uma sensação análoga à dor e à aflição de quem perdeu um ente querido. Mas suponhamos que tivesse ido dar uma volta no pequeno jardim do terraço, como o fizera Yassin, e ali topasse com uma criada! Suponhamos ainda que esta fosse do seu agrado. Ter-se-ia atirado de cabeça perdida naquela aventura? Não, claro que não! E o que o teria impedido? O local? A família? A idade? Ah! Sentia o transtorno que este último escolho causara na sua alma e teve a impressão de que invejava Yassin quer pela sua juventude quer pela insânia do seu pecado! Mas, seja como for, eram naturezas distintas... O sayyed não tinha, como o filho, uma paixão incondicional pela mulher. O seu desejo carnal sempre sobressaía em virtude de uma peculiar capacidade de discernimento, invariavelmente guiada por uma escolha requintada. Aliás, entre as suas muitas peculiaridades, o desejo era também condicionado pela qualidade social, que se viera acrescer às suas qualidades naturais. Estava enamorado pela beleza feminina, pela sua carne, pela sua sumptuosidade e pelo seu donaire. Nem Galila nem Zubaida, nem Umm Mariam, nem dezenas de outras estavam desprovidas de uma ou mais daquelas particularidades. Para além de tudo isto, nada havia que o punha de tão bom humor, o tornava tão sereno, como uma mulher de compleição agradável, uma reunião íntima a que se seguiam a bebida, a conversa animada e o canto. Cada "nova amante" não precisava de muito tempo para conhecer os seus gostos no amor e lhe assegurar a atmosfera amena, perfumada com as essências de rosa, de incenso e de almíscar a que a sua alma aspirava. E, assim como amava a beleza em abstracto, amava-a também no seu halo social. Era atraído por uma posição de destaque, por uma reputação ilustre e aprazia-se a alardear o seu amor e as suas amantes junto dos amigos íntimos, tirando casos muito raros como o de Umm Mariam em que a discrição

se impunha.

Todavia, aquele amor "social" não o forçava a sacrificar a beleza que, neste campo, andava lado a lado com a reputação, qual um objecto e a sua sombra. Acontecia frequentemente a beleza tornar-se na chave mágica que abria o caminho para a reputação e o prestígio social tão almejados. Amara as mais célebres cantoras do seu tempo e nenhuma desiludira alguma vez o seu gosto de beleza ou a sua paixão pela graça. Tudo isso incitava-o a pensar com desprezo na leviandade de Yassin, a propósito da qual continuava a dizer para si, com censura: "Umm Hanafi! Nour!... Mas que animal!" Não tinha semelhantes anomalias, por certo! Aliás, não precisava de se interrogar muito acerca da origem destas, principalmente quando ainda não esquecera a mulher que dera à luz Yassin, transmitindo-lhe a sua natureza apaixonada pela sordidez. A ele se devia a impetuosidade do desejo de Yassin, ao passo que a mãe era responsável pela qualidade daquele mesmo desejo que tendia para a degradação.

Na manhã seguinte, reexaminara com circunspecção o problema e estivera prestes a chamar ambos os esposos para emendar as relações entre ambos, e entre eles e ele. Mas adiara tudo para um momento mais apropriado do que a manhã.

Quando Fahmi perguntou a Yassin por que motivo não comparecera à mesa, este respondeu de forma evasiva:

- Uma coisa fútil! Conto-te mais tarde!

Fahmi continuou a desconhecer o mistério da cólera do pai em relação a Yassin até que soube do desaparecimento de Nour, a criada; intuiu logo do que se poderia tratar.

O novo dia veio encontrar a família fora dos seus hábitos: Yassin saíra precipitadamente e Zainab ficara no quarto. Depois, os homens haviam partido, atemorizados, evitando soerguer os olhos para os soldados, enquanto a mãe, em pé, atrás dos orifícios da machrahiyya, implorava a Allah que os protegesse de todos os males. Ela não quisera imiscuir-se no "incidente" do terraço e descera à sala do forno, esperando que, a qualquer momento, Zainab se lhe juntasse, como era usual.

Amina, que não aprovava a irritação manifestada pela nora para salvaguardar a honra e que a tinha como uma extravagância escandalosa, começara a interrogar-se: "Como pode ela querer

arrogar-se direitos a que mulher alguma jamais aspirou?" Sem dúvida, Yassin pecara maculando uma casa pura, mas pecara contra o seu pai e a esposa deste, não contra Zainab... E perguntava-se ainda se, quando confrontada com aquela rapariga, ela não seria um anjo. Tendo porém a sua espera demorado demasiado tempo, ela não pôde continuar a fingir que não reparava na ausência de Zainab e convenceu-se de que era necessário ir ter com ela para confortá-la. Subiu ao aposento da jovem, chamando-a, antes de penetrar no quarto sem topar vestígio algum da sua presença. Por isso, percorreu todos os aposentos, continuando a chamar por ela até revistar de cima a baixo toda a casa. Depois, batendo uma palma contra a outra, exclamou:

- Ó meu Deus! Será que Zainab achou por bem abandonar a sua casa?!

59

Durante todo o dia, Amina não conseguiu subtrair-se à alicção, pois a hipótese de que os soldados pudessem importunar um dos seus homens, na ida ou no regresso dos seus afazeres, não desamparou por um segundo a sua alma. Fahmi foi o primeiro a voltar e o facto de vê-lo alijou um pouco o peso da sua inquietação. Ao constatar que o filho tinha um ar taciturno, perguntou-lhe:

- O que tens tu, meu filho?

- Detesto ver estes soldados! - exclamou Fahmi agastado.

- Então, a mulher disse-lhe com apreensão:

Não lhes mostres a tua aversão! Se me queres bem, não o faças!

Todavia, ele não o havia feito, sem precisão dos rogos da mãe; não ousara desafiá-los, nem sequer com o olhar, enquanto caminhava na rua à mercê deles. Havia até evitado lançar um olhar sobre alguns e regressara para casa interrogando-se, com ironia, como teriam reagido os soldados ingleses se soubessem que voltava de uma manifestação que depois degenerara numa espécie de batalha contra os seus companheiros de armas e que, nas primeiras horas daquela mesma manhã, distribuía dezenas de panfletos que instigavam a combatê-los. Sentou-se e continuou a passar em revista os factos do dia, fazendo reviver em número reduzido os que realmente haviam acontecido e, em número maior, os que desejara que houvessem acontecido.

Assim lho sugeria o seu carácter: de dia, agir e, à noite, sonhar. Num e no outro caso, era impelido pelos sentimentos mais sublimes e mais ferozes: por um lado, o amor pela sua gente, por outro, o seu desejo de carnificina e extermínio. Sonhos com os quais se extasiava por tempos mais ou menos longos, emergindo deles consternado devido à sua absurdidade, abatido pela extravagância das suas fantasias; sonhos cuja trama e cuja urdidura formavam um tecido de batalhas dominado por figuras heróicas como Joana d'Arc, onde se apoderavam das armas do adversário e, depois de uma arremetida contra este, se assistia à derrota dos Ingleses! Um discurso inolvidável na Praça da Ópera; os Ingleses compelidos a proclamar a independência do Egipto; o regresso do exílio de Saad vitorioso; um encontro entre ele e o grande

líder, e o discurso deste último... Mariam, no meio das testemunhas daquela inauguração histórica, Sim, a imagem de Mariam coroava sempre os seus sonhos, embora, naqueles derradeiros dias, ela houvesse sido relegada para um canto remoto do seu coração, preenchido por todas aquelas preocupações, assim como a Lua se oculta atrás das nuvens durante a tempestade.

Bruscamente, ouviu a mãe que lhe dizia, atrapalhada, apertando o lenço à volta da cabeça:

- Zainab foi-se embora para a casa do pai, furiosa.

Ah., Quase havia esquecido o que acontecera ao irmão e à família naquela mesma manhã! Agora via confirmar-se a inimizade que tivera quando soubera que a criada Nour sumira.

A vergonha fez-lhe evitar os olhos da mãe, com receio de que ela lesse os seus pensamentos, tanto mais que estava persuadido de que esta compreendera a real situação. Havia também a possibilidade de Amina ter percebido ou, pelo menos, julgar provável que ele também estivesse a par dos factos.

Não soube o que dizer, sobretudo porque não tinha o hábito, ao falar com ela, de demonstrar sentimentos distintos dos que realmente nutria e nada lhe era mais intolerável do que acolher entre ambos o engano para se substituir à sinceridade. Limitou-se a resmungar:

- Oxalá Deus ponha tudo no seu devido lugar!

Amina não proferiu uma só palavra, como se o desaparecimento de Zainab fosse tão insignificante que não merecesse mais do que um sucinto aviso informativo seguido de uma prece! Fahmi não tardou a dissimular um sorriso, que teria comprometido a sua usual reserva, quando se deu conta de que a mãe experimentava o mesmo sentimento e que estava um tanto enleada devido a uma inata incapacidade de simulação. Ela não sabia, de facto, mentir e, ainda que por vezes fosse constrangida a fazê-lo, a sua natureza, que rejeitava toda e qualquer máscara, acabava por atraiçoá-la.

Mas, o embaraço não durou muito; pois, após escassos minutos, viram Yassin que se dirigia para eles. Ambos tiveram a impressão de que os observava com o ar de quem não avaliava bem os aborrecimentos que o aguardavam em casa, ainda que ninguém conhecesse então a gravidade destes.

Fahmi não se admirou muito, pois conhecia bem o desdém do irmão

pelas dificuldades que assaltavam os demais. Mas, na verdade, Yassin estava subjugado por uma sensação maravilhosa, a de ter saído vitorioso de uma aventura que lhe fizera esquecer por momentos os seus problemas.

Caminhava em direcção à porta da casa quando um soldado, como que surgido da terra, lhe vedara a passagem. O jovem tremera de todo o seu corpo, temendo um qualquer perigo nunca antes experimentado ou, pelo menos, um vexame perante os olhares dos donos das lojas e dos transeuntes. Mas não vacilou, pôs-se na defensiva e volveu para o soldado num tom afável e amistoso, como quem lhe pedisse permissão para prosseguir:

- Por favor, senhor!

Mas o soldado, sorrindo - sim, sorrindo realmente!- , pediu um fósforo e Yassin ficou tão surpreendido que lhe foi difícil compreender o que o outro deveras pretendia, até este repetir o seu pedido.

Não imaginava que um soldado inglês pudesse sorrir daquela maneira, ou melhor, que os soldados ingleses pudessem sorrir como todos os demais seres humanos, e que um lhe sorrisse logo a ele, Yassin, de um modo quase cortês. Sentiu-se enlevado por uma alegria que o debcou porém tão tolhido que se conservou imóvel por alguns minutos, sem responder nem esboçar o mínimo gesto. Depois precipitou-se, com toda a impetuosidade, para fazer aquele pequeno favor ao extraordinário soldado sorridente. Mas, não sendo ele fumador e não tendo portanto fósforos consigo, teve de correr até el-Hajj Darwish, o vendedor de fowl, e comprar uma carteira de fósforos; depois apressou-se a voltar para junto do soldado e estendeu-lhe a mão com a carteira e o outro, pegando nesta, disse:

- Obrigado!

Ainda não se refizera do efeito daquele sorriso, e eis aquele "obrigado" que se lhe acrescia qual uma caneca de cerveja que revigora o bebedor já saturado de whisky. Sentiu-se cheio de gratidão e de empáfia: o seu rosto redondo corou, os seus traços iluminaram-se, como se aquele "thank you" fosse alguma condecoração com a qual havia sido homenageado; isso para não referir o facto de que esta lhe permitia doravante ir e vir à vontade sob os olhares dos soldados acampados.

E, mal o soldado fez menção de se retirar, Yassin disse-lhe

amigavelmente, do fundo do coração:

- Boa sorte, senhor!

Regressou a casa titubeante de alegria. Que sorte tivera! Um inglês - não um australiano nem um indiano - que não só lhe sorrira como ainda lhe agradecera! Um inglês, isto é, o tipo de homem que representava, na sua fantasia, o modelo da perfeição humana. Talvez o odiasse, como todos os egípcios, mas, no seu íntimo, respeitava-o e exaltava-o ao ponto de imaginá-lo muitas vezes feito de uma massa distinta dos restantes seres humanos! Aquele homem sorrira-lhe e agradecera-lhe! E, por seu turno, ele respondera imitando de forma exímia, tanto quanto lho consentia a elasticidade dos seus músculos labiais, a pronúncia inglesa. E fora muito bem-sucedido, merecendo, por conseguinte, um agradecimento. Como acreditar em todos os actos de crueldade que lhes eram imputados?! Por que motivo pessoas tão afáveis haveriam exilado Saad Zaghlul?! Mas, assim que viu Amina e Fahmi, o seu entusiasmo esmoreceu. Conseguiu ler o que estava nos olhares destes e o fio das suas inquietudes, que há pouco se havia rompido, consolidou-se de imediato. Apercebeu-se de que estava de novo frente ao problema a que, cedo naquela mesma manhã, fugira. Apontando o dedo em direcção ao andar de cima, perguntou:

- Ainda não veio ter convosco? Continua chateada?

Amina trocou um olhar com Fahmi e balbuciou, atrapalhada:

- Foi-se embora para casa do pai!

Yassin arqueou as sobrancelhas devido à surpresa e ao sobressalto, e perguntou:

- E por que razão a deixaste ir?

- Esgueirou-se sem que ninguém se desse conta - volveu Amina, suspirando.

Yassin, sentindo que era seu dever dizer algo para salvaguardar, na presença do irmão e da mãe, a sua dignidade pessoal, exclamou:

- Ela que vá para onde bem entender!

Fahmi, seja para fazer crer ao irmão que não descortinara o seu segredo, seja para eliminar perante a mãe a suspeição de que ele pudesse tê-lo revelado, decidiu, indo contra o seu próprio desejo de se refugiar no silêncio, perguntar com ingenuidade:

- Qual a causa desta desgraça?

Yassin fitou-o com um olhar perscrutador e, depois, abanou a sua

grande mão e torceu a boca, como que para lhe dizer: "Não há nenhuma causa para esta desgraça!", e declarou:

- As raparigas de hoje já não são capazes de viver bem as relações familiares.

Em seguida, olhando para Amina

- Onde estão as mulheres de outrora?!

Amina baixou a cabeça, aparentemente por pudor, mas na realidade para ocultar um sorriso que não conseguia reprimir porque a sua mente fazia um paralelo entre a atitude que Yassin naquele momento adoptava, a de uma pessoa ponderada, de um bom orador e de uma vítima, e aquela outra, de ontem à noite, em que fora apanhado em flagrante sobre o terraço.

Todavia, a preocupação de Yassin superava em muito aquilo que a situação lhe consentia revelar, pois que, não obstante as cruéis desilusões que sofrera na sua vida conjugal, não pensara, por um instante sequer, pôr-lhe um termo. Com efeito, aí achara um refúgio estável, muita atenção, para além da iminente paternidade que lhe fora anunciada e que ele acolhera com uma enorme felicidade! Tivera sempre a esperança de que aquela existência permaneceria atrás das suas costas como um porto seguro ao qual podia regressar, depois de todos os deslizes, qual um viajante obstinado retorna à pátria no fim do ano. Não lhe passava despercebido o novo conflito que a fuga da esposa suscitaria entre ele, o pai e o sayyed Iffat, isto para não falar no escândalo que tudo cobriria, disseminando-se no ar até empestá-lo... Que filha de cão! Estava firmemente decidido a levá-la a admitir que cometera um erro mais grave do que o dele. Estava tão convencido de que assim seria que já o dava por certo. Jurara para si mesmo obrigá-la, custasse o que custasse, a pedir perdão e acreditara poder encarregar-se pessoalmente da tarefa de corrigi-la por todos os meios; mas ela partira... Subvertera os seus planos de alto a baixo, colocando-o numa situação nada fácil... Filha de cão!

Foi distraído da corrente dos seus pensamentos por um grito que rasgou o silêncio em redor da casa; virou-se para Fahmi e para a mãe e viu-os que escutavam, preocupados e aflitos.

O grito prolongou-se e eles deram-se conta de que se tratava de um grito de mulher. Os seus olhares mostraram-se perplexos, interrogando-se donde viria e qual seria a sua causa: tratar-se-ia de

um prenúncio de morte, uma briga, um pedido de ajuda? Amina pusera-se a invocar a protecção de Allah contra todos os males, quando Fahmi disse:

- Vem de muito perto... Talvez mesmo da nossa rua.

Depois, levantou-se num repente e, franzindo o sobrolho, perguntou:

- Será que os Ingleses atacaram uma mulher que passava na rua? Precipitou-se para a machrahiyya, com os outros dois, seguindo-os, mas o grito cessara bruscamente sem que se percebesse donde emanara. Os três alongaram o olhar através dos orifícios da machrahiyya, esquadrinhando a rua, até os seus olhos se pousarem numa mulher que chamava a atenção porque se imobilizara de forma estranha, no meio da rua, cercada pelos transeuntes e pelos donos das lojas. Reconheceram-na logo e gritaram, numa só voz:

- Umm Hanafi!

Amina, que lhe ordenara que fosse buscar Kamal à escola, perguntou:

- Porque é que não vejo Kamal com ela?! Porque está ali plantada qual uma estaca? E Kamal? Ó meu Deus, onde está Kamal?

Depois, movida por um sentimento instintivo:

- Foi ela que gritou... Agora já estou a reconhecer a sua voz... Onde está Kamal? Socorro!...

Fahmi e Yassin conservaram-se calados. Estavam absortos na observação da rua e, em particular, do acampamento inglês para o qual notaram que estavam voltados os olhares dos presentes, e, entre todos estes, principalmente os de Umm Hanafi. Não restava qualquer dúvida, havia sido ela quem tanto gritara, fazendo com que, à sua volta, se juntassem os transeuntes. Entre outras coisas tiveram o súbito pressentimento de que gritara, pedindo ajuda por causa de algum perigo que ameaçava Kamal, antes de os seus receios se focarem nos Ingleses. Mas de que perigo se tratava? E onde estava Kamal? O que sucedera ao garoto?

Por seu turno, Amina não parava de soltar gritos de socorro e eles não sabiam como sossegá-la. Talvez precisassem de quem os acalmasse em primeiro lugar! Onde estaria Kamal? Uma parte dos soldados estava sentada, outra mantinha-se em pé, ao passo que alguns prosseguiam na vida deles e outros ainda cuidavam dos seus

afazeres como se nada fosse, como se não se houvesse formado uma concentração!

De repente, Yassin exclamou, desferindo uma palmada no ombro de Fahmi:

- Vês aqueles soldados parados em círculo ao lado da Fonte de Bain el-Qasrain? Kamal encontra-se no meio deles... Olha!

Amina não pôde senão bradar:

- Kamal no meio dos soldados? Meu Deus, mas é mesmo ele... Meu Deus... Socorro!

Quatro soldados gigantescos estavam em pé, em círculo, formando uma corrente com os braços. O olhar de Fahmi passara e voltara a passar por eles sem divisar o objecto desejado mas, por fim, viu Kamal, em pé no meio do círculo, que se entrevia pela abertura formada pelas pernas do soldado que estava virado de costas para eles. Imaginou que ele ia ser atirado de um para outro a pontapé, como uma bola, até matarem-no. O medo pelo irmão fez-lhe perder o sangue-frio e voltou-se, dizendo com uma voz perturbada:

- Vou ter com ele, sejam quais forem as consequências! Mas Yassin agarrou-o pelo braço e disse-lhe com firmeza:- Pára!

Depois, voltou-se para a mãe com calma e, sorrindo:

- Não tenhas medo, se quisessem fazer-lhe mal não teriam hesitado! Olha para ele! Não parece mergulhado num grande discurso? E o que é aquela coisa cor-de-rosa que segura na mão? Até aposto que é um chocolate! Vá, tem calma! Estão só a divertir-se com ele!

E acrescentou, num suspiro:

- Apanhámos um valente susto para nada!

O medo de Yassin achou uma trégua; pensou novamente na sua feliz aventura com o soldado e não excluiu a hipótese de que pudessem existir, entre os seus companheiros de armas, pessoas tão educadas e amáveis quanto ele. Depois, sentiu a necessidade de reforçar o seu discurso e de fixá-lo no coração de Amina, consumida pela ansiedade, e disse, apontando para Umm Hanafi, que não se movera do seu lugar:

- Não vês que Umm Hanafi parou de gritar quando não teve mais motivos para o fazer? Olha, eis que as pessoas à sua volta se dispersam, sossegadas...

- Seja como for, não ficarei descansada enquanto ele não estiver ao meu lado! - balbuciou Amina com a voz trémula.

Todos eles fitaram o garoto, ou melhor, aquilo que dele se podia entrever, de quando em vez. Mas, os soldados romperam a corrente, desenlaçando os braços, e fecharam outra vez as suas pernas abertas, como se tivessem a certeza de que Kamal havia abandonado todo e qualquer projecto de fuga.

Então, surgiu, em pé, sorridente, enquanto conversava, como puderam depreender pelos movimentos dos seus lábios e pelos gestos das suas mãos de que se auxiliava para exprimir o seu pensamento. O facto de o garoto e os soldados parecerem entender-se levava a crer que os Ingleses conheciam algumas palavras árabes; mas do que poderiam estar a falar? Ninguém conseguia imaginá-lo. Contudo, os familiares refaziam-se do susto e até Amina era capaz, por fim, de observar aquele espectáculo que se desenrolava sob o seu olhar com um espanto a que se mesclava uma silenciosa angústia, sem queixumes nem gritos de socorro, ao passo que Yassin a rir ia dizendo:

- Parece-me que pecámos por excesso de pessimismo quando julgámos que a ocupação levada a cabo por estes soldados seria para nós uma fonte de infundáveis sarilhos!

Se bem que Fahmi parecesse grato pela atitude dos soldados em relação a Kamal, o comentário de Yassin desagradou-lhe, pelo que replicou, sem desprender o olhar do garoto:

- Têm com certeza um modo de tratar os homens e as mulheres diferente do que usam com as crianças! Mas, também tu, não te excedas em optimismo!

Yassin estava quase a lançar-se numa discussão acerca das suas felizes peripécias com os soldados, mas deteve-se a tempo de evitar enfurecer o irmão e acrescentou, por pura amabilidade;

- Que Deus nos salve deles e nos liberte!

Amina perguntou com apreensão:

- Não terá chegado o momento de o deixarem seguir o seu caminho? Mas, no círculo formado à volta de Kamal, surgiu um elemento novo.

Um dos quatro soldados deslocou-se até à tenda mais próxima donde regressou, volvidos alguns instantes, com uma cadeira de madeira que colocou à frente de Kamal. O garoto saltou logo para cima desta e aí se imobilizou, hirto, com os braços caídos ao longo do corpo, como se estivesse na fila de uma coluna de algum destacamento especial.

O fez deslizar para a nuca, muito provavelmente sem que disso se apercebesse, destapando a fronte proeminente da sua grande cabeça. O que se estava a passar? O que queria dizer aquela conduta? A pergunta não ficou por muito tempo sem resposta, pois logo se elevou a voz límpida e aguda do garoto que cantava:

" Ó tu que me és querido, quero regressar ao meu país

Ó tu que me és querido, o poder levou o meu filho." [\[122\]](#)

Cantou a canção, estrofe após estrofe, com a sua voz agradável, enquanto os soldados o observavam boquiabertos, sorrindo e aplaudindo a cada refrão. Um deles, comovido por ter em parte percebido o significado das palavras da canção, pôs-se a clamar:

- ...regressar ao meu país... regressar ao meu país!

Kamal, estimulado pela sua capacidade de causar emoção em todos aqueles que o ouviam, tentou cantar ainda melhor, aperfeiçoando a entoação do canto e alteando o tom da voz, até findar no meio de aplausos e da aprovação geral igualmente partilhada pela família que se encontrava por trás da machrahiyya, com o coração impante de alegria e de um misto de apreensão. Sim, os membros da família estavam unidos no aplauso geral, após terem participado - ainda que só com o coração - na canção. Havia acompanhado o garoto, com tremor e angústia, haviam rezado por ele para que fosse excelente e perfeito, receando que pudesse cometer um erro ou uma fífia, como se estivesse a cantar na qualidade de representante de todos eles ou como se fossem eles quem cantava através da sua garganta, e a dignidade deles - individual e colectiva - dependesse, naquele instante, unicamente do êxito da canção! Amina esquecera o seu pavor na voragem das suas emoções. Até mesmo Fahmi pensara, o tempo todo, tão-só na canção, desejando que fosse bem-sucedida. Quando tudo terminou bem, a família soltou um profundo suspiro de alívio e esperou que Kamal não tardasse a voltar para casa antes que sucedesse outro imprevisto que viesse arruinar o maravilhoso almíscar do final.

A festa também parecia ter chegado ao seu termo. Kamal saltou para o chão, saudou os soldados um a um e levantou o braço num sinal de despedida antes de deitar a correr para casa.

A família deixou a machrahiyya e precipitou-se para o salão de modo a estar pronta a acolhê-lo. Ele lançou-se ao encontro destes,

ofegante, com o rosto afogueado, a fronte banhada em suor, exprimindo o júbilo e o triunfo através dos olhos, dos traços do seu rosto e dos movimentos descoordenados dos seus braços que se moviam em diversas direcções. O seu coraçãozinho estava repleto de uma enorme felicidade que ele necessitava manifestar por todos os meios, convidando os demais a dela participarem, qual a cheia, que o leito do rio não pode conter, inunda campos e vales.

Um olhar atento bastaria para lhe revelar que a sua aventura já se reflectia nos semblantes de todos... Mas a alegria cegava-o e assim exclamou:

- Tenho de vos contar uma história que para vocês é, sem dúvida, extraordinária e inimaginável!

Yassin desatou a rir e perguntou irónico:

- Que história, "Ó tu que me és querido"?

A frase arrancou o véu dos seus olhos, qual uma luz que de súbito brilha nas trevas, e aquela luz foi-lhe possível discernir claramente os rostos deles, que sem falarem se expressavam... Mas o facto de saber que eles haviam testemunhado a sua aventura, compensava-o pela oportunidade perdida de poder deslumbrá-los ao narrar a sua história fabulosa. Soltou uma louca gargalhada, batendo nos joelhos com as mãos...

- Então, viram-me realmente? - perguntou, contendo o riso. Nisso, ouviu-se a voz lamuriosa de Umm Hanafi:

- Melhor fariam se reparassem na minha infelicidade! Que sentido tem tamanha alegria quando eu fiquei completamente transtornada? Mais outro golpe destes e bem pode Allah chamar-me para junto de Si!

Não retirara ainda a melaya, pelo que se assemelhava a um saco de carvão a abarrotar, com o rosto lívido, cansado, e um estranho olhar de desamparo,

- O que é que aconteceu? - perguntou-lhe Amina, - Porque gritaste? Allah foi generoso connosco e não nos fez presenciar nada de tão terrível!

Umm Hanafi apoiou-se ao batente da porta e principiou a contar:

- Aconteceu o que jamais poderei esquecer, minha senhora!

Estávamos no caminho de regresso e eis que um daqueles soldados diabólicos se arremessa à nossa frente e pede a Kamal que vá com ele, este deita a correr para a ruela de Quirmiz,, mas eis senão quando um

outro lhe veda a passagem e ele obliqua para Bain el-Qasrain a berrar,,, O meu coração começou a palpitar desordenadamente no meu peito com medo e pedi ajuda, gritando o mais que podia, sem perder de vista Kamal, que corria de um soldado para outro até eles o cercarem.,. Quase morri de susto,,, A minha vista toldou-se e nada mais pude enxergar! Não me dei conta de que as pessoas se estavam a reunir à minha volta enquanto não parei de gritar, até que Amm Hassanein, o barbeiro, me disse: "Deus o proteja destes bastardos! Declare a unicidade de Allah, Estão a brincar com ele!" Ah! Minha senhora, o nosso Senhor el-Hussein esteve connosco presente e afastou de nós o mal,,

- Mas eu nunca gritei! - protestou Kamal.

Umm Hanafi bateu no seu peito com a mão e retorquiu:

- Os teus gritos perfuraram os meus ouvidos até me levarem à loucura! O garoto volveu baixinho, como que querendo desculpar-se:

- Pensei que me queriam matar, mas um deles pôs-se a assobiar uma melodia e a afagar os meus ombros, e depois deu-me... - e nisso apalpou o bolso - ... um chocolate, então já não tive medo...

A alegria desamparou Amina; talvez houvesse sido uma alegria falsa, uma alegria precipitada. A única verdade que não devia perder de vista era que o susto dominara Kamal por alguns minutos e que devia rezar longamente ao seu Deus para evitar as eventuais sequelas.

Amina não considerava o medo apenas um sentimento transitório, não, era uma sensação anómala, rodeada por um halo tenebroso no qual se albergavam os demónios, como os morcegos nos cantos sombrios, de tal modo que, se envolvia um ser - sobretudo uma criança- , imprimia nele um mal com consequências funestas. Por isso, segundo ela, Kamal precisava de mais atenções e cautelas, como, por exemplo, recitações de versículos do Alcorão, uma defumação de incenso, um talismã...

- Assustaram-te? - perguntou, contristada. - Que Allah os combata! Yassin leu o seu pensamento e disse, a gracejar:

- Os chocolates são um talismã eficaz contra o medo...

E, voltando-se para Kamal:

- O diálogo desenrolou-se em árabe?

Kamal ficou contente com a pergunta, pois esta vinha franquear-lhe de novo as portas da imaginação e da aventura, distraíndo-o do tédio

da realidade.

- Falaram-me num árabe estranho! - disse com o rosto novamente relaxado. - Havias de ouvi-los!

Pôs-se a imitar o modo deles de falar árabe e todos desataram a rir... até Amina sorriu.

Yassin, que invejava o irmãozinho, continuou a interrogá-lo:

- E o que te disseram eles?

- Muitas coisas! Perguntaram-me como me chamava, onde morava, se gostava dos Ingleses!

- E o que respondeste a esta pergunta insólita? - voltou Fahmi com ironia. Kamal olhou para o irmão, hesitante... Mas Yassin replicou no seu lugar:

- É claro que disse que gostava deles. O que querias que ele dissesse?
"

Contudo, Kamal retomou com renovado entusiasmo:

- Mas disse-lhes também que fizessem regressar Saad paxá!

Fahmi riu fragorosamente, antes de perguntar:

- A sério? E o que é que eles te responderam?

- Um deles puxou-me a orelha e disse: "Saad paxá, não...!" - voltou Kamal aquietado pela gargalhada do irmão.

Yassin prosseguiu o interrogatório:

- E que mais te disseram eles?

- Perguntaram-me se na nossa casa havia raparigas! - replicou Kamal com toda a ingenuidade. Os presentes trocaram o primeiro olhar preocupado desde o regresso do garoto.

A medo, Fahmi perguntou:

- E o que é que tu respondeste?

- Disse-lhes que a irmãzinha Aisha e a irmãzinha Khadiga haviam casado, mas não perceberam as minhas palavras, então acrescentei que em casa só havia a minha nenah ^[123]. Eles perguntaram-me o que significava "nenatí" e eu respondi...

Fahmi relanceou Yassin, como para dizer: "Vês que a minha desconfiança não é despropositada!" e, gracejando, acrescentou:

- Com certeza, não lhe ofereceram o chocolate por amor a Allah!

Yassin resmoneou, sorrindo timidamente:

- Não é um motivo para aflições...

Não querendo que aquela nuvem ensombrasse a reunião deles,

perguntou a Kamal:

- E porque te convidaram a cantar?

- Enquanto estávamos a falar - respondeu Kamal a rir- , um deles pôs-se a cantar baixinho e eu pedi licença para fazer ouvir a minha voz!

Yassin desatou a rir:

- Que jovem corajoso! Não tiveste medo quando estavas entre as pernas deles?

- Nunca! - retorquiu Kamal com orgulho. Depois, acrescentou, comovido:

- Como são belos! Nunca vi ninguém tão belo quanto eles. Olhos azuis, cabelos de ouro, pele branca... quase como a irmãzinha Aisha!

Correu até à sala de estudo, ergueu a cabeça para uma fotografia de Saad Zaghlul afixada na parede ao lado da do quédiva, de Mustafa Kamel e de Muhammad Farid e a seguir regressou dizendo:

- São muito mais bonitos que Saad paxá!

Fahmi sacudiu a cabeça, magoado e bradou:

- Que raça de traidores! Compraram-te com um pedaço de chocolate. Já não és assim tão pequeno para que tais palavras te possam ser perdoadas. Na tua escola alguns morrem como mártires todos os dias... Que Allah te condene ao fracasso!

Umm Hanafi transportara o pequeno forno de terracota, a cafeteira, as chávenas e a lata do café. Amina pôs-se a preparar o café para a habitual reunião. Tudo voltou à normalidade, excepto para Yassin que de novo começou a pensar na fúria da sua esposa. Quanto a Kamal, refugiou-se num canto, sacou o chocolate do bolso e principiou a retirar o lustroso papel cor-de-rosa... A severa repreensão de Fahmi desfizera-se em fumo aparentemente, já que naquele instante, no coração do garoto, só havia lugar para a satisfação e o amor...

[122] Canção bastante difundida no Egipto durante a ocupação inglesa.

[123] o mesmo que "mamã".

O problema conjugal de Yassin complicou-se e atingiu uma gravidade que ninguém teria previsto. O sayyed Ahmad não estava à espera de, no dia seguinte àquele em que Zainab partira para se refugiar na casa paterna, receber a visita de Muhammad Iffat na sua loja.

Antes de haver desprendido a sua mão da do sayyed que a estreitava num caloroso cumprimento, Muhammad Iffat disse:

- SayyedÁhmãà, vim com um pedido. É necessário que Zainab se divorcie hoje mesmo se possível!

O sayyed foi apanhado de surpresa. É evidente que a conduta de Yassin o havia terrivelmente entristecido mas jamais teria imaginado que esta pudesse deveras levar um homem respeitável como o sayyed Muhammad Iffat a requerer o divórcio... Não supunha que "erros" como os cometidos por Yassin pudessem ser motivo para o divórcio. Mais ainda, nunca lhe ocorrera que um tal pedido pudesse partir da esposa. Pareceu-lhe que o mundo estava às avessas e recusou acreditar que o seu interlocutor estivesse a falar seriamente. Respondeu-lhe, por conseguinte, com o tom afável que tantas vezes enternecera o coração dos amigos:

- Ah! Quem me dera que os nossos amigos estivessem aqui connosco, neste momento, para testemunharem da linguagem cruel que usas para comigo! Ouve-me bem: em nome da nossa amizade, proíbo-te de pronunciar a palavra "divórcio"!

A seguir, observou o semblante do homem para aí apurar o efeito das suas palavras, mas verificou que estava encolerizado, cenhoso, ameaçador e decidido e aí começou a sentir a gravidade da situação e o pessimismo... Pediu-lhe que se sentasse e o outro sentou-se, com o rosto cada vez mais sombrio. O sayyed conhecia bem Muhammad Iffat: um casmurro, intratável que, quando a raiva se apossava dele, era capaz de renegar a amizade e a afabilidade, um homem de uma dureza contra a qual se despedaçavam todos os laços de parentesco e de afecto.

- Reza a Allah, o Único! - disse o sayyed. - E falemos calmamente. Muhammad Iffat começou, então, como que vertendo no tom das suas

palavras a cólera que lhe incendiava as faces:

- A nossa amizade está segura, deixemo-la de parte! O teu filho é intolerável! Dei-me conta disso quando tive conhecimento dos factos. Coitada da minha filha, quanta paciência teve! Incubou durante muito tempo a sua mágoa, escondendo-me tudo e desafogando a sua dor tão-só quando o seu coração se dilacerou. Sai todas as noites, volta de madrugada esbarrando contra as paredes, de tão bêbado que vem! Humilhou-a e procedeu, em relação a ela, como um autêntico vilão. E qual foi o fruto de tanta paciência? Apanhá-lo em flagrante na sua casa com a criada - e cuspiu para o chão - Uma criada negra! A minha filha não nasceu para isso! Não! Pelo Senhor dos céus! Sabes melhor do que ninguém o que ela significa para mim. Não, pelo Senhor dos céus, que eu não me chame mais Muhammad Iffat se eu me calar diante de tais coisas...

Uma história repetida... embora desta vez houvesse ali algo de novo que o chocou tanto que vacilou; o seu amigo dissera que Yassin "volta de madrugada esbarrando contra as paredes, de tão bêbado que vem!". Assim, o seu filho também aprendera o caminho para a taberna? Desde quando? Como? Mas o momento não era propício para a reflexão ou a perturbação, nem lhe permitia aplacar por completo a sua comoção! O momento exigia calma e sangue-frio! Tinha de tomar as rédeas da situação para evitar que o mal se tornasse irreparável!

- Aquilo que te magoa, magoa-me ainda mais! - respondeu com um tom desolado. - Infelizmente, nunca soube, nem sequer me ocorrera um dos malefícios que tu acabaste de referir, exceptuando o último incidente pelo qual lhe infligi um castigo que nenhum outro pai no mundo consideraria legítimo. Mas o que posso eu fazer? Habituei-o a uma educação austera desde criança, mas independentemente da nossa vontade, há todo um mundo de demónios que pouco se importam com a nossa firmeza e que arruinam as nossas boas intenções!

Muhammad Iffat prosseguiu, evitando os olhos do sayyed e fazendo incidir o seu olhar na secretária:

- Não vim para te recriminar nem para te acusar de fraqueza; mas isso não altera a triste realidade: Yassin não é aquilo que tu terias desejado que fosse e, tal como ele é, não foi feito para a vida marital!

- Ora, calma aí, sayyed Muhammad! - retrucou Ahmad Abdel

Gawwad, num tom de censura.

O homem tentou emendar, mantendo contudo o seu ponto de vista, e acrescentou:

- Seja como for, nunca será o esposo adequado para a minha filha. Há-de encontrar uma outra qualquer que o queira, apesar dos seus defeitos, mas a minha filha é que não! A minha filha não nasceu para isso! Sabes melhor do que ninguém o que ela significa para mim!

Ahmad Abdel Gawwad avançou a sua cabeça para junto daquela do homem e disse baixinho, disfarçando um sorriso:

- Yassin está longe de ser um "fenómeno raro" entre os homens casados; quantos não há que se embebedam, que brigam e fazem mil tropelias!

Muhammad Iffat franziu o sobrolho, de modo a repelir para longe da sua alma a tentação de se deixar enredar naquelas palavras que eram um convite à jovialidade, pelo que acerbo contrapôs:

- Se estás a querer fazer alusão ao nosso pequeno grupo de amigos ou a mim pessoalmente, sim, é verdade, embebedo-me, brigo e tenho amantes, mas eu... ou, melhor dizendo, nós não nos atascamos na porcaria! Uma criada negra! Estará a minha filha condenada a aceitá-la como a outra esposa do marido?! Não, não! Pelo Deus dos céus! Nem ela será para ele, nem ele será para ela!

O sayyed percebeu que tanto Muhammad Iffat como a sua filha estavam dispostos a perdoar muitas coisas, mas nunca o facto de Yassin associar a filha a uma criada negra. Conhecia-o bem: um turco casmurro como uma mula! Vieram à sua mente as palavras que um amigo seu, Ibrahim el-Far, lhe havia dirigido, no dia em comunicara a sua intenção de pedir a mão de Zainab para o seu filho Yassin. O amigo havia-lhe dito então: "Trata-se de uma jovem de nobre estirpe. Para nós, Muhammad é como um irmão, um amigo querido, e a sua filha é como se fosse também nossa filha, mas já ponderaste bem no lugar que ela ocupa na alma do pai? Já ponderaste bem no facto de Muhammad Iffat não admitir sequer que um grão de pó possa roçar numa unha dela?!"

Contudo, apesar das evidências, mais uma vez era impossível ao sayyed analisar a situação de uma perspectiva diferente da sua. Desde sempre, van-gloriava-se por Muhammad Iffat, conquanto tivesse acessos de cólera aterradores, jamais se ter enfurecido com ele, ao

longo de tantos anos de convívio.

- Calma! - exclamou ele. - Será que não te apercebes de que os nossos princípios são idênticos, por mais que difiram no detalhe? Uma criada negra ou uma cantora... não deixam de ser mulheres tanto uma como a outra?!

As veias do pescoço de Muhammad Iffat incharam e, desferindo um murro no rebordo da secretária, explodiu, vociferando:

- Tu não pensas naquilo que dizes! Uma criada é uma criada e uma senhora é uma senhora! Por que razão então não tomas tu para amante criadas? Yassin não se parece com o pai... Só tenho pena de que a minha filha esteja grávida... Como me desagrada ter um neto com imundícies nas veias!

A última frase vexou o sayyed, que experimentou uma raiva profunda. Conseguiu no entanto sustê-la com o poderoso domínio de si de que era capaz quando entre os amigos e os fiéis companheiros, domínio este que só igualava em pujança a sua cólera quando, ao invés, se achava entre os membros da sua família. Em seguida, volveu de novo, com calma:

- Proponho que adiemos esta discussão para outra altura!

- Quero que o meu pedido seja imediatamente atendido! - redarguiu Muhammad Iffat num tom arrogante.

O sayyed atingira tal ponto de indignação que já nem o divórcio em si considerava uma solução hedionda, contudo se, por um lado, o inquietava uma amizade de toda uma vida, por outro, era-lhe extremamente penoso sair derrotado. Acaso não era ele o homem a quem todos recorriam para que intercedesse no sentido de pôr fim às desavenças e reatar laços de amizade e casamentos rompidos?! Como poderia sofrer a derrota quando se tratava de defender o seu próprio filho?! Como poderia aceitar o veredicto do divórcio?! O que seria feito da sua propalada sabedoria, da sua perícia, do seu tacto?

- Foi para reforçar os nossos laços de amizade que eu me tornei, pelo casamento do meu filho, um parente teu! Como poderei agora consentir que se desfaçam?

- A nossa amizade não é para aqui chamada! - retornou Muhammad Iffat com desprezo. - Já não somos crianças... Mas, a minha honra não pode ser lesada!

O sayyed retomou com brandura:

- O que hão-de dizer as pessoas acerca de um casamento desfeito volvido um ano apenas?

- As pessoas sensatas jamais deitarão as culpas sobre a minha filha!- retrucou o outro com soberba.

Outra vez! Contudo o sayyed aparou o golpe com o domínio habitual. Parecia que a desilusão, provocada pela sua incapacidade em chegar a uma reconciliação, submergira nele a raiva que as palavras inconsideradas e embravecidas de Muhammad Iffat haviam despertado. Com efeito, preocupava-se menos com as frechadas que lhe eram atiradas do que em justificar diante de si mesmo semelhante desaire.

Começou a consolar-se ao pensar que o divórcio dependia exclusivamente dele e de ninguém mais: se assim o entendesse, concedê-lo-ia, caso contrário, recusá-lo-ia.

Muhammad Iffat tinha perfeita consciência disso e por conseguinte viera pedir-lho como uma dádiva, em nome de uma amizade, além da qual não tinha como fazer apelo.

Se o sayyed respondesse com uma recusa, as suas palavras seriam irrevogáveis e a rapariga teria de voltar para o seu filho, querendo-o ou não... Todavia, nesse caso, uma velha amizade chegaria ao seu fim. Por outro lado, se aquiescesse, o divórcio far-se-ia, mas a amizade manter-se-ia e todos reconheceriam que praticara uma boa acção. Assim sendo, o divórcio constituía uma derrota, efémera no entanto, que encerrava dentro de si uma complacência e uma generosidade inegáveis e que podia, dentro em breve, transformar-se numa vitória!

Logo que se convenceu de que, ainda que somente de forma parcial, a sua atitude era a correcta, sentiu vontade de recrimir o amigo por mostrar tão pouca consideração pelos seus direitos e disse-lhe num tom pejado de sentido:

- Só haverá divórcio com o meu consentimento... Não é assim? Todavia, dado que fazes tanta questão no teu pedido, não rejeitarei por respeito por ti e por uma amizade pela qual não tiveste a menor consideração ao falar-me com estes modos!

Muhammad Iffat soltou um suspiro ou de alívio pelo resultado obtido, ou de censura pela repreensão do amigo, ou talvez ainda por ambos os motivos. Em seguida, num tom que não admitia objecção, mas pela primeira vez desprovido da rispidez da sua fúria,

acrescentou:

- Disse-te mil vezes que a nossa amizade não era para aqui chamada! Não foste tu quem me tratou indevidamente! Bem pelo contrário, mostras-te-te magnânimo para comigo ao anuíres ao meu pedido, por mais que o possas execrar!

O sayyed repetiu, torturado, as palavras deste:

- Sim, por mais que o possa execrar!...

Mal o homem se retirou, a cólera do sayyed desencadeou-se. A ira sofreada rebentou e tragou-o, a ele, Muhammad Iffat e Yassin... principalmente Yassin. Em seguida, interrogou-se: "Poderá deveras a amizade ficar apartada e sair incólume das flamas dos acontecimentos que se antevêem?" Não pouparia nada do que mais prezava para resguardar a sua existência longe de um abalo lancinante como aquele! "Mas foi a teimosia turca, ou o diabo em pessoa, ou mesmo Yassin! Sim, foi Yassin e ninguém mais!..."

Mais tarde, disse ao filho, com raiva e desprezo:

- Conspurcaste a pureza de uma amizade que os dias jamais haveriam ensombrado, ainda quando se conluiassem para fazê-lo!

Após ter-lhe redito as palavras de Muhammad Iffat, acrescentou:

- Arruinaste as esperanças que em ti depositara... Basta-me Allah, o Extraordinário Defensor! Criei-te, eduquei-te, guiei-te... E quanta fadiga isso me causou... E qual o resultado? Um bêbado, um vagabundo cuja alma reclama violentar a mais torpe das criadas debaixo do tecto matrimonial! Não há auxílio nem força senão em Allah! Nunca poderia crer que um filho saído de sob a minha tutela pudesse proceder deste modo... Mas a vontade de Allah é soberana, sempre! O que posso eu fazer contigo? Se fosses menor, rachar-te-ia a cabeça, contudo a vida encarregar-se-á de rachar-ta! Eis a recompensa que mereces: uma nobre família desfaz-se de ti pelo preço mais baixo!

Talvez o sayyed experimentasse uma certa compaixão por ele, mas a cólera subjugava-o e todos os seus sentimentos transformavam-se em desprezo.

O filho deixara de fasciná-lo malgrado a sua juventude, a sua beleza e a sua robusteza; revolvía-se na imundície, como o afirmara aquele maldito Muhammad Iffat, era incapaz de conter a obstinação de uma mulher... "Desgraçado! O fracasso não tardaria a atingi-lo, um fracasso a cuja ignomínia nem ele escaparia e tudo devido à leviandade do

filho... Desgraçado! Que se embebedasse, que brigasse e tivesse amantes desde que continuasse a ser um sayyed respeitado... Mas, ser destruído de forma tão vexatória... Desgraçado! Com efeito, não se parecia com o pai, como o afirmara também aquele maldito Muhammad Iffat. Eu faço aquilo que quero mas mantenho-me sempre o sayyed Ahmad! Bela sabedoria a que me levou a criar os meus filhos na reverência de um ideal de integridade e castidade, julgando que lhes seria difícil seguir as minhas pisadas e ter o privilégio de usufruir, ao mesmo tempo, do respeito e da estabilidade. Mas infelizmente todos os meus esforços malograram-se com o filho de Haniyya!"

- E concordaste, pai?

A voz de Yassin ressoou, qual um estertor:

- Sim - replicou o sayyed com severidade. - Para salvar uma velha amizade e porque era a melhor solução, pelo menos por agora.

A mão de Yassin começou a contrair-se e a distender-se num gesto nervoso e maquinal que parecia sorver o sangue do seu rosto até este se tornar de uma pavorosa lividez... Sentia uma vergonha que jamais conhecera antes a não ser devido à conduta da mãe que tanto o mortificara. O seu sogro reclamava o divórcio! Ou seja, era Zainab quem o exigia ou pelo menos o aceitava! Quem era o homem e quem era a mulher?! Nada havia de estranho no facto de uma pessoa atirar para o lixo um sapato seu, mas quando era o sapato de um outro que se jogava! Como fora o seu pai capaz de sofrer aquele opróbrio nunca antes sentido?!...

Yassin fitou o pai com um olhar feroz, se bem que aquele olhar reflectisse todos os gemidos e gritos de socorro que dentro dele vibravam. Depois, num tom em que apagou deliberadamente qualquer réstia de queixume ou de objecção, como se pretendesse com isso lhe relembrar a solução mais conveniente, disse:

- Há uma maneira de tratar a mulher recalcitrante!

O sayyed percebeu o sentimento do filho e assaltou-o uma emoção intensa. Destarte, não se lhe negou a comunicar o que pensava:

- Eu sei! Mas preferi que nos comportássemos como cavalheiros. Muhammad Iffat é turco e tem uma cabeça dura como a pedra, mas um coração de ouro... Esta não é a derradeira diligência, não é o fim. Não descurei os teus interesses, ainda que não sejas digno de qualquer bem. Deixa-me agir como eu quero!

"Como queiras! Quem poderia contradizer a tua vontade? Fazes com que eu me case, fazes com que eu me divorcie, dás-me a vida, fazes-me perecer... Eu não existo! Khadiga, Aisha, Fahmi, Yassin! Todos iguais, nenhum de nós significa algo, tu, ao invés, és tudo... Não, tudo tem um limite! Já não sou uma criancinha. Como tu, sou um homem, nem mais nem menos. Sou eu quem decide do meu destino, se me divorcio ou se a reconduzo sob o tecto conjugal! Muhammad Iffat, Zainab, a vossa amizade não valem mais do que a poeira dos meus sapatos!"

- O que tens tu, porque não falas?

- Estou às tuas ordens, pai - respondeu Yassin sem tergiversar. "Que vida, que casa, que pai. Críticas, castigos, conselhos! Melhor seria se te censurasses, castigasses e aconselhasses a ti mesmo. Porventura já esqueceste Zubaida? E Galila? O canto e a bebida? Depois de tudo isso, apresentas-te ante nós com turbante de um sheikh do Islão ^[124] e a espada de um emir dos crentes! Já não sou nenhuma criancinha! Cuida dos menores e deixa-me em paz! Casa-te! Às suas ordens, senhor! Divorcia-te! Às suas ordens, senhor! Maldito seja o teu pai!"

^[124] Título honorífico atribuído, antes do período otomano, a qualquer especialista em jurisprudência islâmica (faqih") cujas decisões legais (fatwd) gozavam de uma grande autoridade junto dos colegas. Mais tarde foi o título dado ao Grande Mufti de Istambul, cujas funções alcançaram uma importância religiosa e política que outros países islâmicos não conheceram.

A violência das manifestações esmoreceu um pouco no bairro de el-Hussein depois de os soldados ingleses o terem sitiado. O sayyed Ahmad retomou assim um velho hábito que provisoriamente deixara de realizar por necessidade: pôde acompanhar os filhos à mesquita de el-Hussein para a oração da sexta-feira. Um velho hábito a que se afizera há muito. Encorajava os filhos a segui-lo mal estes atingiam a meninice, para voltar, desde cedo, os seus corações para o culto com o intuito de trazer bênçãos para si, para os filhos e para toda a família.

Amina era talvez a única a não ver com bons olhos, no final de cada semana, a "caravana" dos seus homens arrancar rumo à mesquita. Três homens altos e possantes quais dromedários, radiantes de nobreza e beleza. Seguia-os com o olhar atrás dos interstícios da machrabiyya e parecia-lhe que todos os olhos convergiam para eles. Então, agitava-se e suplicava a Allah que os protegesse contra o mau-olhado.

Certo dia, não conseguindo reprimir-se, confidenciou os seus temores ao sayyed, que por um instante pareceu ficar atordado. Todavia, não deixou que o medo o esmagasse por muito tempo e acabou por lhe declarar:

- O mandamento religioso que ali vamos cumprir carrega em si uma benção que nos protege de todos os males!

Fahmi acolhia o convite da sexta-feira com um coração jubilante. Desde a sua infância, desejava fervorosamente pôr em prática os preceitos da religião, obedecendo nisso, antes mesmo da vontade paterna, a um verdadeiro sentimento religioso que sobressaía não só pela sinceridade como ainda por uma parcela considerável de racionalidade. Razão esta que aprendera a partir do que lera acerca das ideias de Muhammad Abdu^[125] e dos seus discípulos.

Por isso, era o único da família a adoptar, em relação à crença nos amuletos, nas fórmulas mágicas, nos talismãs e nos milagres dos santos de Allah, uma atitude de cepticismo, ainda que a doçura do seu temperamento obstasse a que se mostrasse céptico ou afirmasse o seu desprezo. Pelo contrário, aprovava espontaneamente o talismã do sheikh Metwalli Abdes Samad que o pai usava de tempos a tempos.

Yassin, pelo contrário, anuí-a ao convite do pai só porque nada mais podia fazer e é provável que, se o houvessem deixado agir livremente, não teria sequer pensado uma só vez fazer deslizar o seu corpo maciço entre a multidão dos fiéis que rezavam, não por carecer de uma sólida fé, mas por desprezo e indolência. Por conseguinte, a sexta-feira era, para ele, fonte de um suplício que se lhe revelava desde o dealbar do dia. Quando, depois chegava a hora de partir para a mesquita, envergava o seu fato com protestos e caminhava atrás do pai, qual um prisioneiro. Porém, à medida que mais um passo o aproximava da mesquita, os queixumes começavam a afrouxar no seu íntimo até finalmente nela penetrar apaziguado; punha-se a rezar, implorando a Allah que o perdoasse e absolvesse dos seus pecados, sem todavia lhe pedir que o conduzisse ao arrependimento, como se no fundo da sua alma temesse que a sua prece fosse atendida e ele se transformasse num asceta desprendido dos prazeres que tanto amava e sem os quais a vida perderia todo o sentido. Sabia pertinentemente que a contrição era algo imprescindível sem a qual nenhum perdão lhe seria concedido. Contudo, esperava que o arrependimento pudesse sobrevir num momento "propício" para não ser privado nem da presente vida nem daquela no Além. Malgrado, a sua preguiça e o seu descontentamento, acabava por louvar as circunstâncias que o induziam a cumprir um preceito religioso importante como o da sexta-feira que poderia contribuir, no Dia do Juízo Final, para apagar parte das suas más acções e alijar-lhes o peso, sobretudo porque, a não ser este, não observava nenhum outro... Quanto a Kamal, o convite da sexta-feira fora-lhe feito só recentemente, quando perfizera os seus dez anos, e o garoto apressara-se a responder com altivez, orgulho e alegria. Tinha a vaga sensação de que isto lhe conferia um reconhecimento da sua pessoa e uma espécie de paridade em relação a Fahmi, Yassin e o próprio pai. O que, em especial, mais o enchia de alegria era o facto de poder seguir o pai em plena tranquilidade, sem por causa disso esperar dele algum mal e poder permanecer a seu lado, em pé na mesquita, num plano de igualdade e sob a direcção de um mesmo imam [\[126\]](#).

E era verdade que, quando se entranhava na oração quotidiana em sua casa, Kamal se recolhia de um modo que não encontrava equivalência na oração da sexta-feira devido ao enleio que se apossava

dele, vendo-se no seio de uma imensa turba de seres humanos. Ademais temia cometer por inadvertência algum erro que fosse de repente captado por algum dos sentidos do pai; sem esquecer que a força dos seus sentimentos por el-Hussein, que amava mais do que a si próprio, lhe impedia, achando-se naquela mesquita, de se voltar com total entrega para Allah, como convém a um crente durante a oração...

Destarte, a rua de en-Nahhasin viu-os passar outra vez, cheios de pressa, em direcção a Bait el-Qadi: o sayyed Ahmad à frente, seguido por Yassin, Fahmi e Kamal em fila indiana. Escolheram o lugar na mesquita e começaram a escutar com atenção o sermão da sexta-feira, no meio de uma multidão de cabeças viradas para o minbar e imersas num silêncio total.

A escuta atenta não obstava a que o sayyed se abandonasse a uma prece interior; o seu coração dirigia-se para Yassin em particular, como se considerasse o jovem, após os infortúnios que o destino lhe trouxera, mais necessitado de misericórdia. Implorou longamente a Allah que resolvesse os problemas do filho, que corrigisse os seus erros e o compensasse com algum favor por tudo o que havia perdido. Todavia, o sermão fê-lo encarar a sua própria desobediência perante Allah; arrancou o véu que o separava desta e avistou-a olhos nos olhos, no clarão pavoroso da voz retumbante, vibrante e crítica do orador, chegando a acreditar que este o fitava, que lhe feria os ouvidos vociferando o mais que podia, não sendo de excluir o facto de se lhe dirigir directamente em cada instante, chamando-o pelo seu nome e dizendo-lhe: "Ó Ahmad, modera-te, purifica-te da devassidão e do vinho e arrepende-te perante Allah, o teu Senhor!" Foi então tomado pelo mesmo desassossego e o mesmo tormento que dele se haviam assenhoreado no dia em que o sheikh Metwalli Abdes Samad viera exigir-lhe que prestasse contas pela sua conduta. Era algo que não raro lhe sucedia durante o sermão, em que ele se rendia com fervor e implorava o perdão, a absolvição e a misericórdia mas, à semelhança do filho Yassin, não rogava a Deus que o induzisse a se arrepender ou, se o pedia, era por palavras, nunca com o coração. A língua exclamava: "Meu Deus, faz com que eu me arrependa!", ao passo que o coração se limitava a requerer o perdão, a absolvição e a misericórdia; procedia como se língua e coração fossem dois instrumentos musicais que, tangendo lado a lado na mesma orquestra, emitiam notas distintas.

Com efeito, era-lhe inconcebível ver a vida com um olhar distinto daquele a que se afizera ou pensar que esta lhe pudesse revelar um outro rosto. E, quando a aflição e a angústia se apoderavam dele, torturando-o, levantava-se em sua defesa. Contudo, fazia-o mediante a oração e as súplicas para alcançar o perdão, dizendo: "Meu Deus, és o único que conhece o meu coração, a minha fé e o meu amor. Meu Deus, faz com que me torne mais constante no cumprimento dos teus preceitos e mais propenso à bondade. Meu Deus, uma boa acção vale por dez. Meu Deus, és aquele que é generoso no perdão, o Misericordioso!" E, a pouco e pouco, graças a esta prece, serenava novamente.

Yassin não possuía uma tal capacidade de conciliação ou, pelo menos, não ressentia em absoluto que esta fosse necessária. Nunca reflectira acerca disso. O seu interesse pela vida pautava-se pelos seus desejos e a sua fé em Deus não se distinguia daquela que tinha na sua vida. Deixava-se arrebatado pela corrente da existência sem se debater ou opor a menor resistência. As palavras do orador atingiam os seus ouvidos e a voz interior do jovem estremecia, pedindo clemência e perdão, embora de forma maquinal com a alma quieta, sem pressentir um real perigo. Allah, por certo, era por demais magnânimo para permitir que um muçulmano do seu jaez fosse precipitado no fogo do inferno por causa de erros efémeros que não prejudicavam ninguém. Ademais havia o arrependimento! Chegaria "um dia" para suprimir tudo o que sucedera no passado. Relanceou furtivamente o pai e interrogou-se, mordendo os lábios como que para conter uma gargalhada inoportuna, o que poderia atravessar a sua mente enquanto ouvia o sermão com uma tão evidente atenção! Sofreria ele a tortura na oração de cada sexta-feira ou seria ele hipócrita, tentando fazê-lo crer? Não, nem uma coisa nem outra. Como ele, Yassin, enchia-o uma fé imensa na misericórdia de Allah. Se o caso fosse tão grave como o descrevia o orador, o seu pai teria optado por uma única via! De novo observou-o num relance e este surgiu-lhe qual um cavalo de raça, magnífico, entre os fiéis sentados, com o olhar voltado para o minbar. Sentiu por ele uma admiração sincera e um amor profundo. Não sobejava qualquer réstia de ira na sua alma, ainda que a fúria houvesse atingido nele o paroxismo, no dia do divórcio, o que então havia revelado a Fahmi, dizendo: "O teu pai destruiu o meu lar e

tornou-me no alvo da zombaria de todos!" Mas já esquecera a sua cólera, o divórcio, o escândalo e tudo o mais. Além disso, o orador não era melhor do que o pai; pelo contrário, tinha por certo maior inclinação para o pecado. Um dia, um amigo seu, estando eles no café de Ahmad Abdu, falara-lhe daquele homem nos seguintes termos: "Ele crê em duas coisas: em Allah no céu e nos jovens mancebos na terra. Trata-se de um tipo sensível; os seus olhos cintilam, na mesquita de el-Hussein, caso um rapaz suspire num ponto distante como a Cidadela." Mas isso não fazia com que Yassin nutrisse sentimentos hostis, sentindo por aquele, bem pelo contrário, como aliás pelo seu pai, o mesmo sentimento que o soldado nutre pela trincheira escavada na linha da frente que o inimigo tem de tomar de assalto antes de conseguir alcançá-lo. Depois, foram chamados à oração e ergueram-se todos em simultâneo. Mantiveram-se de pé em filas compactas que preenchiam por completo a vasta área da grande mesquita, tendo o edifício ficado saturado de corpos e almas que a Kamal lembravam a passagem do mahmal em en-Nahhasin. As silhuetas solidificaram-se em longas colunas paralelas que os trajes, as gubbas e as galabiy-yas uniformizavam. Depois, a assembleia dos fiéis fundiu-se num só corpo, percorrido por um mesmo movimento e virado para uma só Qibla^[127].

As recitações dos versículos corânicos, apenas sussurradas, ecoavam num murmúrio que encheu a atmosfera até o imã permitir que se retirassem em paz. Nisso, a ordem quebrou-se, a liberdade reclamou os seus direitos e todos se levantaram para fazer o que bem entendiam. Alguns havia que se dirigiam para o túmulo de el-Hussein, outros que se deixavam ficar à conversa enquanto aguardavam que a multidão se dispersasse. As correntes confluíam derramando-se em todas as direcções. A hora abençoada, pela qual Kamal havia esperado com grande fervor, chegara - a hora da visita ao túmulo, do beijo na parede, da recitação da Al-Fatiha para si e para a mãe, como lho havia prometido.

O garoto principiou a avançar paulatinamente na esteira do pai quando, bruscamente, sem que se desse conta, um jovem estudante de Al-Azhar^[128] se destacou num rompante da multidão e vedou-lhes a passagem com um gesto agressivo que atraiu todos os olhares.

Depois, estendeu os braços fazendo com que as pessoas se

afastassem e começando a recuar, embora sempre na frente do sayyed e dos filhos, examinou Yassin com um olhar penetrante e desconfiado, um rosto sombrio e carrancudo do qual manava o fogo de uma fúria evidente. O sayyed ficou estarrecido e fez com que o seu olhar vagueasse entre o jovem e Yassin, ao passo que este último, que parecia mais estupefacto ainda, deixava que o seu olhar deambulasse entre o azharita e o pai, como quem se interroga. A situação suscitou a curiosidade de alguns dos presentes que ali se encontravam, observando com atenção, atónitos e curiosos. Então, o sayyed cheio de indignação, sem poder conter-se, dirigiu-se ao estudante:

- Porque estás a olhar para nós desta maneira, meu irmão?!

O azharita apontou para Yassin com o dedo e bradou com uma voz atroadora:

- Espião!

A palavra trespassou o peito de todos os familiares, qual uma bala; todos foram tomados por uma vertigem, arregalando os olhos e permanecendo quietos onde se achavam, enquanto a acusação começava a circular de boca em boca, redita entre o alarme e o furor gerais. As pessoas amontoavam-se cada vez mais à volta deles e entrelaçavam os braços desconfiados e como precaução, encerrando-os num círculo do qual não havia saída.

O sayyed foi o primeiro a recobrar o domínio de si e, se bem que nada percebesse daquilo que estava a acontecer, deu-se conta do perigo que corriam ao permanecerem calados e pensativos. Interpelou o jovem com uma voz agastada:

- O que estás tu a dizer, ó nosso sheikh? A que espião te estás a referir?

Mas o jovem não deu a menor atenção ao sayyed e indicando Yassin voltou a bradar:

- Cuidado! Senhores, este jovem traidor é um espião dos Ingleses que se infiltrou no meio de vós para recolher informações e comunicá-las aos seus celerados amos!

A cólera apossou-se do sayyed que avançou de um passo para o azharita e fora de si gritou-lhe à cara:

- Falas à toa... ou és um criminoso ou um louco! Este rapaz é o meu filho, não é nem um traidor nem um espião. Todos nós somos patriotas e neste bairro somos muito conhecidos.

O jovem encolheu os ombros com desprezo e com uma voz enfática declarou:

- Um infame espião inglês! Vi-o em mais de uma ocasião com os meus próprios olhos conversar com os Ingleses junto de Bain el-Qasrain. Tenho testemunhas, não se atreverá a contradizer-me! Desafio-o ... Morte ao traidor!

Um murmúrio de cólera estrondeou nos quatro cantos da mesquita; elevaram-se clamores aqui e ali ao grito de "Morte ao espião!", ao passo que outros bradavam "Castiguemos o traidor!". Nos olhos das pessoas mais próximas emergiu uma expressão ameaçadora, como se aguardassem um gesto, um sinal para se arremessarem sobre a presa: é possível que este fosse tão-só retardado pelo aspecto imponente do sayyed que se conservava em pé, apertado contra o seu filho, como que para receber, no lugar deste, o mal que sobre ele pairava ou pelas lágrimas de Kamal que se desfizera em soluços. Yassin colocou-se entre o pai e Fahmi, incrédulo, em virtude da sua confusão e da sua apreensão. Principiou a dizer, com uma voz trémula que ninguém ouvia:

- Não sou um espião, não sou um espião! Allah é testemunha da minha sinceridade!

Mas a cólera alastrou-se pelos presentes. Apinharam-se em torno do estreito círculo, empurrando-se uns aos outros, e começavam já a ameaçar "o espião" quando de súbito se alteou uma voz, do seio da turbamulta, que bradava:

- Um momento, senhores! Trata-se de Yassin afandi, secretário da escola de en-Nahhasin!

Algumas vozes rebentaram num rugido:

- Castiguemos o traidor, seja ele da escola de en-Nahhasin ou de el-Haddadin!

No entretanto, um homem abria com dificuldade mas com uma inexorável determinação uma ala entre a multidão; tendo chegado à primeira fila, ergueu as mãos e gritou:

- Ouçam! Ouçam!...

Quando as vozes se acalmaram um pouco, disse apontando para o sayyed Ahmad:

- Este senhor é Ahmad Abdel Gawwad, um dos homens mais ilustres de en-Nahhasin. É impossível que a sua casa albergue um espião.

Esperem que se faça luz sobre a verdade!

Mas, furioso, o azharita vociferou:

- Pouco me importa que seja o sayyed Ahmad ou o sayyed Muhammad! Este jovem é um espião, seja quem for o pai. Vi-o gracejar com aqueles algozes que encheram os cemitérios com os vossos filhos!

Em breve muitos foram os que desataram a gritar:

- Assentemos-lhe umas boas chineladas!

Um movimento violento perpassou entre a multidão compacta e alguns fanáticos surgiram de todas as partes, agitando sapatos e babuchas a tal ponto que Yassin sentiu que desfalecia de desespero. Lançou um olhar à sua volta mas não conseguiu distinguir senão o rosto provocador que espumava de raiva e ódio.

O sayyed e Fahmi colaram-se a Yassin, num movimento instintivo, como que para apartar dele o mal ou compartilhá-lo, num estado de alvoroço e de aflição não menos atormentado do que aquele que esmagava Yassin, enquanto os soluços de Kamal se transformavam num grito que por pouco não submergiu as vozes dos que protestavam de forma desenfreada.

O azharita liderava os atacantes; atirou-se a Yassin agarrando-o pela camisa, depois puxou-o com violência para arrastá-lo para fora do refúgio em que se anichara entre o pai e o irmão, para que as chineladas o acertassem em cheio! Contado, Yassin segurou-o pelos pulsos para se defender e Ahmad Abdel Gawwad interpôs-se entre eles. Fahmi viu, então, pela primeira vez na sua vida, o seu pai numa situação "exaltante". Foi tomado por uma cólera veemente que o tornou inconsciente face ao perigo que corria. Deu um forte empurrão ao azharita, fazendo-o recuar e gritando, ameaçador:

- Atreve-te a dar mais um passo em frente!

O outro, tomado por um acesso de loucura, bramiu:

- Castigai-os a todos!

Naquele instante, elevou-se uma voz estrondosa que num tom imperioso bradou:

- Espera um pouco, ó nosso sheikh... Esperai, todos vós!

Os olhares viraram-se para a voz e um jovem afanai destacou-se de repente da multidão e encaminhou-se para o apertado círculo, seguido por três rapazes da mesma idade, vestidos de forma idêntica.

Avançaram com passos decididos, com um ar resoluto e que inspirava confiança até estacarem entre o sheikh e os seus partidários... Muitos interrogaram-se então num sussurro: "A polícia...a polícia!" Mas cessaram quando o azharita estendeu a mão para o chefe do grupo dos três afanais estreitando-a efusivamente. Depois, o afandi perguntou ao azharita num tom lacónico:

- Então, onde está o espião?

O sheikh indicou Yassin com desprezo e repugnância. O jovem afandi voltou-se para ele e fitou-o, perscrutando-o com um olhar atento e severo; antes porém que houvesse proferido uma palavra, Fahmi deu um passo à frente para chamar a sua atenção. O outro reparou nele... e arregalou os olhos com espanto e negação, balbuciando:

- Tu!

Fahmi arvorou um sorriso entendido e, num tom não isento de ironia, disse:

- Este espião é o meu irmão!

O afandi voltou-se para o azharita e interrogou-o:

- Tens a certeza daquilo que estás a dizer? Mas Fahmi antecipou-se a este:

- Ele talvez tenha falado a verdade: deve tê-lo visto conversar com os Ingleses, mas interpretou erradamente as coisas! Os Ingleses estão acantonados diante da porta da nossa casa e temos de esbarrar com eles na rua, nas nossas idas e vindas; por isso, acontece-nos, por vezes, ter de falar com eles mesmo não o querendo... É só isso!

O azharita quis falar, mas o afandi silenciou-o com um gesto; depois voltou-se para a multidão e pousou a mão sobre o ombro de Fahmi:

- Este jovem é um companheiro de luta! Pertencemos ao mesmo comité e para mim as suas palavras são dignas de crédito. Deixai-os ir!

Ninguém proferiu uma só palavra. O azharita retirou-se sem detença e as pessoas dispersaram. O afandi estreitou a mão de Fahmi e partiu seguido pelos seus companheiros. Depois, Fahmi afagou a cabeça de Kamal até este parar de chorar.

Houve um grande silêncio e cada um começou a sarar as suas próprias feridas.

[125] O egípcio Muhammad Abdu (1849-1905) é um dos grandes

reformadores muçulmanos dos finais do século XIX. Foi nomeado Muft do Egipto em 1899, cargo que desempenhou até à sua morte em 1905. No campo da política, foi defensor de um nacionalismo moderado, convencido de que as reformas desenvolver-se-iam lenta e gradualmente. É considerado um dos fundadores do Egipto moderno e a mais distinta figura do Islão sunita dos nossos tempos.

[126] Neste caso, a pessoa que dirige a oração comum da sexta-feira.

[127] A Qibla indica nas mesquitas a direcção de Meca. Esta é representada por um nicho inserido na parede, designado mihrab.

[128] Célebre mesquita e universidade teológica no Cairo.

O sayyed notou, entre as pessoas que o haviam cercado, alguns conhecidos seus que agora o confortavam e justificavam diante dele o erro crasso em que haviam caído o azharita e aqueles que o apoiavam, assegurando-lhe que não haviam poupado esforços para defendê-lo. Renunciou à visita ao túmulo de el-Hussein dada a forte comoção que o esmagara e encaminhou-se para a porta, sem nada dizer, de rosto sombrio, e seguido pelos filhos, num pesado silêncio.

Chegado à rua, retomou o fôlego e sentiu um certo conforto por estar longe das pessoas que haviam tomado parte no "incidente", ainda que apenas como meros espectadores.

Naquele momento, repugnou-lhe tudo o que sucedera e deixou escapar as piores imprecações.

Conseguia muito a custo enxergar alguma coisa no caminho que percorria; trocou cumprimentos, por duas vezes, com alguns amigos mas de uma forma sucinta e postiça que lhe era completamente estranha. Ensimesmado, centrado na sua ferida pessoal, começou de repente a ferver de raiva. "Teria preferido acabar com a vida do que me ver naquela situação vexante, qual um prisioneiro, no meio dum bando de pessoas ignóbeis. E aquele estudante piolhoso que se faz passar por um patriota, aquele morto de fome que se atira a mim com uma tamanha petulância! Não teve qualquer consideração pela minha idade! Não fui feito para isso! Não sou uma pessoa que se avilte daquela forma e na presença dos meus filhos... Mas não te espantes, são os teus próprios filhos que são a origem de todos os infortúnios! Aquele boi, filho de uma mulher abjecta, jamais te poupará sarilho algum! Provocou toda uma série de escândalos na minha casa, pôs a discórdia entre mim e o meu melhor amigo... Em seguida, corou o nosso ano com o divórcio! Mas não lhe bastava... Não! O filho de Haniyya tinha ainda de tagarelar em público com os Ingleses para que depois fosse eu a pagar as favas diante daquela gentalha que se atirou contra mim! Leva os teus estrangeiros à casa da tua mãe para que ela complete a sua colecção de amantes com ingleses e australianos!"

- Tenho a impressão de que nunca me hei-de livrar dos aborrecimentos que me aprontas!

Aquela frase escapara-lhe, proferida com raiva, mas conteve a sua vontade de punir o filho ao se aperceber que, apesar da cólera, condoía-se ante a situação do jovem. Vendo-o absorto, macilento, prostrado, a sua alma não consentiu agredi-lo. O que lhe havia sucedido devia bastar de momento. Todavia Yassin não era o único que o inquietava. Havia também o herói!

"Mas adiemos para mais tarde as preocupações com este último, o tempo que me recomponha dos sarilhos do boi: touro em casa, na taberna, touro com Umm Hanafi e com Nour, mas, no combate, um montão de carnes flácidas totalmente inúteis! Filhos de cão! Que Deus nos livre dos filhos, dos descendentes, da família! Ah! Porque é que os meus passos me conduzem para casa? Porque não vou comer alguma coisa longe daquele ar fétido?! Se Amina souber da notícia, também ela começará a prantear-se! Não quero ficar ainda mais nauseado! Para Dahhan ^[129], então! Aí encontrarei, certamente, um amigo com quem partilhar as minhas desgraças e com o qual queixar-me das minhas mágoas. Mas não! Tenho outros problemas que não posso adiar mais: o herói! Uma outra dificuldade para a qual preciso achar uma solução! Vá, vamos lá para o almoço envenenado. Queixa-te... Queixa-te... E quanto a ti, Amina, maldito seja o teu pai..."

Fahmi não teve sequer tempo de mudar de roupa e já o pai o chamava. Yassin teve de murmurar, não obstante o aviltamento e a angústia:

- Aqui vai, agora é a tua vez...

Fahmi perguntou, fingindo não compreender os subentendidos que se escondiam por trás do comentário do irmão:

- O que queres tu dizer?

Yassin riu - sim, finalmente conseguia rir - e disse:

- Já despachou os traidores, agora é a vez dos combatentes!

Quem dera a Fahmi que os epítetos com que o seu amigo se lhe dirigira na mesquita se houvessem extraviado na agitação e no alvoroço das emoções. Mas não se haviam extraviado. Com efeito, Yassin repetia-lhos e com certeza o pai chamava-o para discutir o assunto. Ao sair, Fahmi soltou um suspiro profundo.

Sentado no sofá, de pernas cruzadas, a brincar com as contas do rosário, o olhar do sayyed exprimia uma reflexão entristecida. Cumprimentou-o com muita amabilidade e estacou a dois metros do

sofá com humildade e deferência. O seu pai devolveu-lhe o cumprimento com um aceno discreto da cabeça, que mais se aproximava do desprezo do que de uma saudação e parecia dizer: "É constrangido que respondo ao teu cumprimento como o exige a decência, mas a tua falsa cortesia já não me ilude!" Em seguida, lançou-lhe um olhar sorumbático, do qual manavam os raios do enleio, como se se tratasse de uma lanterna que na escuridão procura alguém escondido, antes de declarar num tom peremptório:

- Mandeí chamar-te porque quero saber tudo! Quero saber tudo! O que é que ele queria dizer com "o mesmo comité"? Conta-me tudo de uma forma clara e sem subterfúgios!

Se bem que Fahmi se houvesse habituado, no transcorrer das últimas semanas, a encarar toda a espécie de perigos, até mesmo os disparos a cujo sibilar se afizera, enfrentava o interrogatório paterno com o coração anterior à revolução! O terror envolvia-o e sentia-se aniquilado!

Todo o seu pensamento se focava na procura de um expediente que pudesse esquivar a cólera do pai e achar uma salvação.

- O caso é muito simples, pai - disse ele com doçura e delicadeza. - O meu amigo deve ter exagerado para tirar-nos daquele aperto.

Ahmad Abdel Gawwad replicou, nervoso:

- O caso é muito simples!... Ora, muito bem! Mas de que caso se trata exactamente? Não te atrevas a esconder-me seja o que for!

Naquele instante, Fahmi abordava o problema sob todas as suas facetas, rápido como o relâmpago, para seleccionar as palavras que convinha dizer e encontrar uma saída airosa:

- Chamou-lhe comité, mas na realidade não passa de um grupo de amigos que debatem questões nacionais sempre que se juntam!

- Então, é por esta razão que mereceste o título de "companheiro de luta"..?! - exclamou o pai espumando de raiva.

A voz do pai dizia a sua virulenta exprobração como se não pudesse sofrer que o seu filho tentasse mistificá-lo... Uma ameaça desenhava-se nas pregas do seu semblante contraído e Fahmi apressou-se, para sua defesa, em admitir um mínimo de forma a persuadir o seu pai de que ele se conformava às suas ordens, como o acusado que, aspirando à clemência, de livre vontade confessa...

- Por vezes, acontece-nos distribuir alguns apelos que incitam ao

patriotismo... - respondeu com uma certa vergonha.

- Panfletos, queres tu dizer? - volveu o pai, aflito.

Fahmi fez um gesto de negação com a cabeça. Receou admitir aquela palavra que estava associada nos comunicados oficiais às penas mais severas. Após ter achado uma fórmula aceitável que alijava o peso da confissão, respondeu:

- São apenas apelos que incitam ao amor à pátria!

Ahmad Abdel Gawwad deixou cair o seu rosário entre as suas coxas e começou a bater as palmas uma contra a outra, dizendo incapaz de reprimir o seu temor:

- Fazes parte daqueles que distribuem panfletos! Tu!

Inquieto e furioso, a vista turvava-se-lhe. Distribuidor de panfletos! Companheiro de luta! "Pertencemos ao mesmo comité." Ter-se-ia o dilúvio abatido sobre a sua casa?! Quantas vezes não havia Fahmi suscitado a sua admiração em virtude da sua amabilidade, da sua piedade e da sua inteligência! Porém, se os elogios não fossem para ele fonte de corrupção que se não coadunavam com a educação e a correcção que advinha da severidade tê-lo-ia coberto de elogios. Como podiam tantas qualidades terem desembocado num distribuidor de panfletos, num companheiro de luta? "Pertencemos ao mesmo comité!" É claro que não desprezava os combatentes, longe disso! Quantas vezes seguira os relatos dos seus feitos com entusiasmo e rezara pelo sucesso destes no fim das suas orações! Quantas vezes as notícias das greves, das sabotagens e das lutas o haviam enchido de esperança e de assombro! Mas que um desses feitos fosse obra de um dos seus filhos, o caso mudava radicalmente, como se estes fossem uma espécie à parte, fora do quadro da História. Era ele e somente ele quem delineava as fronteiras das suas existências, não a revolução, nem o tempo, nem as pessoas! A revolução e a sua acção possuíam virtudes inegáveis, desde que se mantivessem distantes da sua casa, mas, se batessem à sua porta, ameaçassem a sua segurança, a sua tranquilidade e a vida dos seus filhos, tomavam bruscamente para ele um outro sabor, um rosto e um significado novos. Transformavam-se em extravagância, loucura, ingratidão e impertinência. Que esta revolução deflagrasse lá fora, que ele participasse nela de todo o seu coração e com ela despendesse todo o seu dinheiro enquanto fosse possível! Já o havia feito antes! Quanto à casa, só a ele pertencia e todo

aquele que tivesse a pretensão, no recinto dos seus muros, de participar na revolução era contra ele que de facto se insurgia e não contra os Ingleses! Pedia dia e noite clemência para os mártires e tinha a maior admiração pela coragem que, ao que se contava, demonstravam as suas famílias. Mas nunca permitiria a nenhum dos seus filhos que se juntasse às suas fileiras e não se sentia disposto a partilhar aquela coragem de que davam mostras as outras famílias. Como pudera Fahmi deixar-se levar nesta louca aventura? Como é que ele, o melhor dos seus filhos, pudera querer expor-se a uma morte certa?.. Ahmad Abdel Gawwad experimentou uma inquietação que jamais experimentara anteriormente... mais forte ainda do que aquela que acabara de conhecer aquando do incidente da mesquita. Não pôde deixar de lhe perguntar com severidade, num tom cominatório, qual um inspector de polícia inglês:

- Não sabes o que espera aqueles que são apanhados a distribuir panfletos? Apesar da gravidade da situação e, se bem que esta exigisse de Fahmi toda a sua concentração, a interrogação despertara uma lembrança próxima que o fez estremecer, a lembrança da mesma pergunta, igual na intenção e no conteúdo, que lhe havia colocado, entre outras, o presidente do comité executivo dos estudantes quando estava prestes a acolhê-lo como um dos seus membros. Depois, recordou como, na altura, havia respondido com firmeza e entusiasmo: "Todos nós nos sacrificamos pela pátria!" Ele comparou as circunstâncias e uma sensação de ironia apoderou-se dele. Contudo replicou ao pai com delicadeza, com uma voz que tentava desdramatizar:

- Distribuo exclusivamente entre os meus amigos estudantes! Não tenho nada a ver com a distribuição pública... Não há portanto qualquer perigo!

Ahmad Abdel Gawwad exclamou num tom ríspido, como que dissimulando o seu medo pelo filho sob os acentos acerbos da cólera:

- Deus não predestina à salvação todo aquele que se expõe voluntariamente à morte! Ordenou-nos, louvado seja Ele, que não nos expuséssemos ao perigo!

O homem teria desejado citar, como demonstração do que sustentava, o versículo do Alcorão que traduzia esta ideia, mas só conhecia de cor do Livro santo as suratas mais pequenas que ele

recitava nas suas orações. Receou esquecer uma palavra por inadvertência, estropiá-la e ter assim de assumir a responsabilidade de um crime imperdoável. Limitou-se, por conseguinte, em restituir a ideia e contorná-la até ter discernido o seu alcance. Mas Fahmi apanhou-o desprevenido ao dueclarar num tom meigo:u

- Mas Allah encoraja também os crentes à guerra santa, pai!

Mais tarde, Fahmi perguntar-se-ia, siderado, como ousara contrapor ao seu pai aquelas palavras que traíam a secreta ligação à sua perspectiva pessoal. Talvez se tivesse colocado sob a protecção do Alcorão e entrincheirado atrás de um dos seus preceitos, confiante de que, nestas circunstâncias, o seu pai desistiria de atacá-lo. Ahmad Abdel Gawwad ficou muito surpreendido quer pela audácia do filho quer pela sua argumentação. Todavia, não se deixou arrebatado pela cólera que talvez houvesse silenciado Fahmi mas não os seus argumentos. Por isso, fingiu esquecer provisoriamente a ousadia do filho, na expectativa de impugnar o seu raciocínio com outro da mesma natureza extraído do próprio Alcorão, para pôr definitivamente no bom caminho o filho extraviado, após o que poderia livremente voltar ao seu ajuste de contas. Allah veio em seu auxílio e ele disse:

- A guerra santa de que falas - retorquiu - é a da causa de Allah! Fahmi considerou a resposta do pai uma aquiescência à discussão e ao debate, pelo que se atreveu de novo:

- A nossa guerra santa - disse - serve também a causa de Allah! Todo o nobre combate serve a causa de Allah!

Ahmad Abdel Gawwad deu fé no seu coração às palavras do seu filho, mas esta fé, bem como o sentimento de fraqueza que sentia face ao seu interlocutor, fê-lo regressar sem detença à sua cólera. Contudo, esta cólera não se devia unicamente ao seu orgulho pessoal, mas também ao receio de que o filho perseverasse no seu erro até pagá-lo com a sua própria vida. Absteve-se, portanto, de discutir e perguntou com reprovação:

- Achas que te mandei vir para que pudesses discutir comigo? Fahmi não se iludiu quanto à advertência contida naquelas palavras. Os seus sonhos desfizeram-se e a sua língua paralisou. Quanto a Ahmad Abdel Gawwad, retomou num tom acutilante:

Não há guerra santa por causa de Allah para além daquela que visa

Allah e tão-só Ele; ou seja, a guerra santa em prol da religião. Acerca disso nada há que argumentar! E agora gostaria de saber se as minhas ordens ainda são respeitadas!

- Com toda a certeza, pai! - apressou-se a responder o jovem.

- Então, corta todos os laços com a revolução... Ainda que a tua tarefa se restrinja à distribuição de panfletos aos teus melhores amigos!

Mas nenhuma força no mundo seria capaz de apartá-lo do seu dever patriótico. Não recuaria um passo sequer! O tempo em que ainda o poderia fazer era já passado. Aquela existência ardente, deslumbrante que manava do fundo do seu coração e alumia os recessos da sua alma não podia extinguir-se e não seria ele a apagá-la com a sua própria mão. Tudo isso era por demais óbvio. No entanto, porque não haveria de achar um expediente para satisfazer o seu pai e se precaver contra a sua ira? Não podia desafiá-lo nem lhe declarar francamente que não acatava as suas ordens. É certo que pudera insurgir-se contra os Ingleses e arrostar as balas destes quase diariamente. Mas os Ingleses eram um inimigo aterrador e execrado, ao passo que o seu pai era um homem aterrador e amado. Venerava-o tanto quanto o receava e não lhe era indiferente ter de lhe infligir a pena da desobediência. Porém, existia um outro sentimento que não podia ser descurado: a revolução contra os Ingleses era um nobre ideal mas a rebelião contra o pai não passava de aviltamento e miséria moral. Mas porque se atormentava ele assim?! Porque não lhe prometia obediência para em seguida proceder como bem lhe aprouvesse?! Naquela casa, a mentira não era um vício torpe. Ninguém teria conseguido ter paz à sombra do pai sem a protecção da mentira. Confessavam-no abertamente entre eles. E até se concertavam nas situações mais delicadas. Alguma vez a mãe tivera intenção de confessar o que fizera no dia em que, na ausência do sayyed, se escapulira para visitar el-Hussein? Acaso Yassin teria podido embriagar-se e ele, Fahmi, amar Mariam? E Kamal, fazer as suas tropelias entre Khan Gafar e el-Khoronfish sem o escudo da mentira?! Nunca haviam tido o menor pejo em mentir. Caso tivessem sido sinceros com o pai, jamais haveriam conhecido alguma alegria de viver. Destarte, Fahmi respondeu placidamente:

- As suas ordens serão acatadas, pai!

Aquela declaração seguiu-se um silêncio que permitiu ao pai e ao

filho respirarem um pouco. Fahmi julgou que o interrogatório paterno havia terminado e Ahmad Abdel Gawwad julgou que conseguira arrancar o filho ao abismo. Enquanto Fahmi aguardava pela permissão para se retirar, o pai levantou-se e dirigiu-se para o guarda-fatos que abriu e onde mergulhou a mão. O rapaz observava-o sem compreender. Ao regressar ao seu lugar trazia na mão o Alcorão. Fixou Fahmi demoradamente e, estendendo-lhe o Livro, disse:

- Jura-o sobre este Livro!

Instintivamente, Fahmi fez um movimento de recuo que lhe escapou mesmo antes de haver analisado a situação, como se fugisse de uma chama que bruscamente se houvesse lançado sobre ele. Permaneceu imóvel onde estava, os olhos esbugalhados presos nos do seu pai, com um embaraço a que se misturava o pavor e o desespero. Ahmad Abdel Gawwad ficou de braço estendido, o Livro na mão, observando o filho, atónito e com reprovação. Em seguida, o seu rosto principiou a enrubescer como que afogueado e um relâmpago terrível chispou nos seus olhos. Perguntou, siderado, como que incapaz de acreditar nas evidências:

- Recusas jurar?!

Mas a língua de Fahmi enregelou e conservou-se silente e imóvel. Ahmad Abdel Gawwad tornou a perguntar com uma voz tranquila atravessada por um tremor convulsivo que indiciava a fúria que fervia no seu íntimo:

- Estavas a mentir-me?

Fahmi não deixou transparecer qualquer alteração, limitou-se a baixar os olhos para se subtrair ao olhar do pai. Ahmad Abdel Gawwad pousou o Livro sobre o sofá antes de rebentar, vociferando com uma voz retumbante que para Fahmi se assemelhava a estaladas na sua face:

- Estás a mentir-me, filho de cão! Não permito que ninguém faça pouco de mim. Não! Mas por quem me tomas tu? Um insecto maligno e malévolo, eis o que tu és! Uma filha de cão que, durante muito tempo, me ludibriou com a sua aparência! Nunca me tornarei uma mulherzinha, eu! Nunca, estás a ouvir? Enganam-me, filhos de cão! Fazem de mim o alvo de chacota das pessoas! Sou eu quem te há-de entregar em pessoa à polícia! Estás a entender?! Sou eu, eu, filho de cão! Assim, pelo menos serei eu a ter a última palavra. Eu, eu, eu! -

depois voltou a agarrar no Livro. - Jura... Ordeno-te que jures!

Fahmi parecia ter perdido a consciência, com o olhar fixo, sem nada distinguir, nos desenhos do tapete persa. Era como se a insistência dos seus olhos os imprimisse na superfície da sua mente transformando-a numa mistura feita de caos e vazio... Cada segundo afundava-o mais e mais no silêncio e no desespero. Só lhe restava refugiar-se naquela resistência passiva e desalentada. Ahmad Abdel Gawwad levantou-se com o Livro na mão e avançou mais um passo na sua direcção e num grito disse-lhe:

- Julgas, por acaso, que és um homem? Julgas que podes fazer o que queres? Se eu quisesse, espancar-te-ia até te rachar a cabeça!

Ao ouvir aquelas palavras, Fahmi não pôde reprimir as lágrimas, não que receasse as ameaças, pois pouco lhe importava, atendendo à sua atenção e à sua emoção, qualquer dano que pudesse sobre ele se abater, mas para apaziguar a sua dor e aliviar a luta que dentro dele se travava. Pôs-se a morder os lábios para conter as suas lágrimas. Depois sucumbiu à vergonha ante a sua fraqueza: todavia, a força da sua comoção e o desejo de dissimular a sua vergonha permitiram-lhe por fim falar e deixou-se ir a afirmar, numa prece temerosa:

Perdoa-me, pai! De bom grado acataria a sua ordem, mas é-me impossível, não, não posso... Trabalhamos juntos e não aceitarei, como o pai não aceitaria que eu o fizesse, virar as costas aos meus compromissos e desamparar os meus irmãos. A vida já não me agradaria se eu assim procedesse! A nossa acção não implica qualquer tipo de risco... Outros há que fazem coisas mais graves, como participar nas manifestações. Muitos morreram como mártires. Eu não valho mais do que eles. Os enterros fazem-se às dezenas, mas o único grito que aí se ouve é o que celebra a pátria. Até as famílias das vítimas se unem às aclamações sem chorar. O que é a minha vida, o que é qualquer vida? Não se zangue, pai, e pense no que estou a dizer! Repito-lhe, não há qualquer risco na nossa pacífica tarefa...

Depois, a emoção subjugou-o e, não podendo permanecer por mais tempo diante do seu pai, fugiu do quarto e, atrás da porta, quase embateu em Yassin e Kamal, que haviam estado à escuta, com o rosto ainda cheio de terror...

[129] Dahhan, no Cairo, era um famoso vendedor de habab (carne

picada ou pedaços de carne de borrego assada no espeto).

63

Yassin ia a caminho do café de Ahmad Abdu quando encontrou, em Beit el-Qadi, um parente próximo da sua mãe. O homem avançou para ele, com um ar angustiado, estreitou a sua mão e disse:

- Ia agora mesmo à tua casa para te ver.

Yassin pressentiu por trás daquelas palavras um novo problema que se vinha somar a todos os que a sua mãe já lhe causara. Sentiu-se incomodado e perguntou friamente:

- Nada de grave pelo menos?

- A tua mãe está doente! - volveu o homem com uma invulgar ansiedade. - Na verdade, muito doente. Há um mês ou mais que a doença se declarou, mas só fiquei a saber disso esta semana. Numa primeira fase, pensou-se que se tratava de uma crise de nervos passageira, então... não se lhe deu grande importância. Depois, foi piorando e o exame médico acabou por diagnosticar uma malária perniciosa.

Yassin ficou aterrado com a notícia imprevista quando estava à espera de alguma história de divórcio, de casamento, uma querela ou algo similar. Mas não ponderara, por instante algum, que se pudesse tratar de doença. Perguntou, quase sem nada discernir, dada a virulência do abalo, a natureza dos seus sentimentos:

- E como está agora?

O homem declarou com uma franqueza cuja intenção não passou despercebida a Yassin:

- O seu estado é crítico! O tratamento dura há vários dias sem ter trazido o mínimo sinal de melhoras. Pelo contrário, o estado só se tem degradado. Então, enviou-me à tua procura para te dizer que ela julga que o seu fim está próximo e que tem esperança de poder ver-te o mais rapidamente possível...

Depois, acrescentou num tom sugestivo:

- É necessário que vás visitá-la sem demora. É um conselho e uma prece. Deus é clemente e misericordioso!

Talvez as palavras do homem não carecessem de um certo dramatismo destinado a encorajá-lo a partir, mas não era só fingimento... Então, seja! Tinha de ir, mesmo que apenas movido pelo

dever!

E eis que estava de novo a percorrer a curva da rua que conduzia a el-Gammaliyya entre Beit el-Mal e el-Watawit, deixando à sua direita o beco da "perdição" onde costumava acocorar-se a vendedora de dourados nas lembranças tremidas das trevas e diante dele... a "via das dores"! Em breve, avistaria a loja de frutas e baixaria os olhos, esgueirando-se como um ladrão em fuga... Sempre que pensava não mais retornar, o seu infortúnio aí o conduzia outra vez. Nenhuma força poderia fazê-lo voltar a ela... a não ser a morte! Sim, a morte! Teria deveras a sua hora chegado?! "Tenho o coração a pulsar desenfreado. Será dor? Tristeza? Não sei. Tudo o que sei é que tenho medo! Se ela parte, nunca mais ali voltarei. O oblívio sepultará as recordações do passado... E entregar-me-ão o que resta dos meus bens. Mas tenho medo e estou revoltado com estes pensamentos sórdidos. Que Allah nos proteja! Mesmo que tenha uma vida mais desafogada, que o meu espírito fique mais sereno, o meu coração não estará livre da dor. Na hora da sua morte, é com um coração de filho que me vou despedir de uma mãe... Uma mãe e um filho, não é? Não passo de um supliciado, não sou nem uma fera nem uma pedra. E a morte é um visitante novo para mim, cuja presença não conheci antes. Quem me dera que o final fosse outro. Morreremos todos... não é verdade? Não posso deixar-me dominar pelo medo. As notícias de mortes não nos largam dia e noite nos últimos tempos... Na rua dos Ministérios, nas escolas e em Al-Azhar; em Assiut, as vítimas morrem todos os dias. Até o pobre el-Fouli, o leiteiro, perdeu o seu filho ontem. O que podem fazer as famílias dos mártires?.. Passar a vida a chorar?.. Choram e depois... esquecem. E isto é a morte, uff.. Tenho a impressão de que não há meio de cortar com os problemas actualmente. Em casa, atrás de mim, é Fahmi com a sua obstinação e, à minha frente, a minha mãe! Vida hedionda! E, se for uma cilada e a encontrar de boa saúde?!... Pagá-lo-ia caro! Com certeza, pagá-lo-ia... Não sou um joguete ou um bobo. Só achará "o filho" na hora da morte. O que me restará como fortuna? E, se entro naquela casa, acaso me depararei com aquele "homem"? Não sei como encará-lo! Os nossos olhos cruzar-se-ão por um instante terrível. Que morra! A única solução é fingir que o ignoro ou podo na rua! Há muitas violências que ele nem sequer imagina! Mas o enterro há-de juntar-nos inevitavelmente! Não deixa de ser cómico! Imaginem

caminhando atrás do caixão o primeiro marido e o derradeiro e, entre ambos, o filho debulhado em lágrimas... Em tal circunstância, terei forçosamente de chorar, não é? Não poderei expulsá-lo do enterro e o escândalo ameaçar-me-á. Depois, será enterrada. Sim, enterrada e não mais se falará disso! Mas tenho medo, sofro e sinto-me triste. Allah e os seus anjos rezam... Lá está a maldita loja e lá está ele. Não me reconhecerá! A idade torna-o irreconhecível. Oh! Velho... a minha mãe manda dizer-te..."

A criada veio abrir-lhe a porta, a mesma que o havia acolhido um ano antes e o não havia reconhecido. Deteve-se, por um momento, observando-o, com o ar de quem se interroga, mas em breve o seu olhar inquisidor se dissipou sob um clarão que parecia significar: "Ah! É você que ela espera!" Afastou-se para deixá-lo passar e indicou-lhe um aposento à direita...

- Entre, senhor - disse. - Não está cá ninguém...

Aquelas últimas palavras atraíram fortemente a sua atenção, como se lhe sobreviessem à laia de resposta para desvanecer em parte a sua hesitação. Compreendeu que a sua mãe desobstruía a via para ele. Encaminhou-se para o quarto, tossiu e entrou. Os seus olhos cruzaram-se com os dela, erguidos para ele desde a cama que ficava à esquerda de quem entrava. Dois olhos cujo véu débil haviam ensombrado a limpidez habitual e cujo olhar fraco parecia esforçar-se por fitá-lo ao longe. E, embora apagados e completamente desprendidos do mundo, como se podia constatar pelo seu aspecto, haviam-se agarrado aos dele como em sinal de reconhecimento. Os seus lábios abriram-se num leve sorriso que reflectia o triunfo, o alívio e a gratidão. Totalmente envolta até ao queixo num cobertor, só emergia o rosto ainda mais afectado pela metamorfose do que os seus olhos. Um semblante em que a secura vencera a frescura, a magreza as formas roliças, a lividez os tons róseos. A sua pele fina deixava adivinhar em transparência os ossos do maxilar e as maçãs do rosto protuberantes. Parecia a imagem da elegia e da morte. Yassin estacou, abismado, cheio de negação, como se não acreditasse que existisse neste mundo uma força que ousasse dedicar-se a um jogo tão cruel. O seu coração comprimiu-se de terror como se estivesse ante a morte em pessoa. A sua virilidade abandonou-o como se se houvesse tornado outra vez numa criança a chamar com veemência pelo pai. Depois,

uma emoção irrefreável atraiu-o para a cama. Debruçou-se sobre ela e murmurou num tom entristecido:

- As melhoras... Como te sentes?

Uma piedade sincera alastrou-se dentro dele, numa efusão que dissipou as suas mágoas de sempre, como em circunstâncias raras desaparece um fenómeno patológico irreversível, tal a paralisia quando se é assaltado por um susto terrífico e inopinado... Era como se visse ali a mãe da sua infância, aquela que ele amara antes que o sofrimento lhe ocultasse o seu coração. Agarrou-se, os olhos abandonados sobre o seu rosto exausto, àquele sentimento que renascia e que o fazia mergulhar muitos anos atrás, no tempo anterior à dor, qual um doente agonizante se agarra a um súbito lampejo de consciência que intuitivamente receia estar prestes a se extinguir... Agarrou-se a ele com o ardor de um homem consciente das forças antagónicas que o ameaçavam, ainda que aquela insistência lhe provasse que o fogo da dor ardia ainda nele, alertando-o para a mágoa que o espiava se se mostrasse negligente e deixasse que se misturasse à pureza do seu sentimento outros susceptíveis de adulterá-lo.

A mulher tirou de baixo do cobertor uma mão esquelética, descarnada, cuja pele ressequida revestira aquela carnação azulada e enegrecida que fazia com que se assemelhasse a uma mão embalsamada há milhares de anos. Tomou-a entre as dele com uma emoção intensa e ouviu naquele instante a voz fraca e embargada da sua mãe que lhe respondia:

- Como podes ver, não passo de uma sombra...

- Deus tenha piedade de ti - murmurou. - Que Ele te devolva a saúde ao cêntuplo!

Ao ouvir aquelas palavras, ela sacudiu e inclinou a cabeça coberta por um véu branco, numa prece que parecia dizer: "Deus te oiça!" Fez-lhe sinal para que se sentasse e ele sentou-se na cama. Em seguida, tendo extraído da presença do filho uma nova força, disse-lhe:

- Comecei por sentir um estranho arrepio que me percorria ocasionalmente... Julguei que fosse uma crise de nervos. Aconselharam-me a fazer uma peregrinação às casas de Deus e banhar-me nos vapores de incenso. Então fui visitar el-Hussein e es-Sayyeda Zainab^[130] e queimei incenso de diferentes tipos, indiano, sudanês e árabe. Mas estava cada vez pior! De tempos a tempos, um

tremor ininterrupto apoderava-se de mim e só me largava às portas da morte. Por momentos, sentia o meu corpo enregelado como a neve, noutros, afogueado, queimando-me de tal forma que tinha de gritar. Por fim, o sayyeá... - conteve-se e não proferiu o nome daquele que havia decidido chamar o médico, depois de se ter dado conta do erro em que ela caíra. - Acabei por chamar o médico mas o tratamento, que não me devolveu a saúde, talvez até me tenha feito regredir! Nada mais há a esperar.

- Não desesperes da misericórdia de Allah - disse Yassin apertando-lhe a palma da mão com ternura. - A Sua Misericórdia é imensa!

Nos seus lábios descorados cintilou um pálido sorriso:

- Fico feliz por ouvir isso - disse. - Fico feliz por ouvi-lo da tua boca, mais do que vindo de qualquer outra pessoa. És-me mais querido do que este mundo e todos os que nele habitam. Tens razão, a misericórdia de Allah é imensa. Há tanto tempo que o infortúnio me persegue. Não nego os meus passos em falso e os meus erros... Só Deus é infalível!

Com angústia, ele pressentiu nas suas palavras um deslizar para uma espécie de confissão. O seu coração comprimiu-se. Receou sobretudo que ela repetisse aos seus ouvidos coisas que ele não podia suportar, mesmo que movida pela contrição ou a expiação. Os seus nervos retesaram-se a um ponto tal que esteve prestes a perder o domínio de si:

- Não te canses a falar! - suplicou.

Ela soergueu os olhos para este com um sorriso:

- A tua vinda devolveu-me o ânimo! Deixa-me que te diga que nunca na minha vida pretendi fazer mal a ninguém. Aspirava, como qualquer pessoa, à paz mas a infelicidade não me largava. Não fiz mal a ninguém, contudo muitos foram os que me fizeram mal!

Ele sentiu que a sua esperança de ver a hora do encontro decorrer de maneira serena ia ser defraudada e que a pureza do seu sentimento enfrentava um instante de conspiração. Retomou no tom suplicante precedente:

- Deixa as pessoas serem como são! É a tua saúde que importa por agora! Ela acariciou as costas da sua mão com uma terna afeição, como que para lhe pedir que fosse meigo:

- Há coisas em que falhei! - disse num murmúrio. - Não cumpri os

meus deveres para com Allah. Quem me dera viver tempo suficiente para remediar aquilo em que falhei. Porém, a fé sempre encheu o meu coração, Allah é minha testemunha...

- O que conta é o coração! - declarou Yassin como que tentando defender-se a si próprio enquanto defendia a mãe. - Deus põe-no acima do jejum e da oração.

Ela apertou a sua mão com gratidão e depois alterou o rumo da Conversa, dizendo com carinho:

- Até que enfim voltaste para mim! Não me atrevi chamar-te até a doença me ter conduzido para o estado em que me vês. Estava preparada para me despedir da vida mas era-me insuportável deixá-la antes de saturar os meus olhos contigo. Então, ordenei que te fossem buscar e o medo da tua recusa superou o medo da morte. Mas condoeste-te da tua mãe e vieste dizer-lhe adeus. Agradeço-te... Recebe a minha prece que Allah, assim o espero, atenderá...

A emoção deste intensificou-se, contudo não sabia como expressar os seus sentimentos. As palavras de ternura, no instante em que mais desejava dizê-las à mulher que sempre repelira e rejeitara, grudavam-se na sua boca, tropeçavam numa espécie de pudor ou de sensação de estranheza. Tinha, porém, na sua mão, um meio de expressão dócil e sensível, pelo que estreitou a sua palma sussurrando:

- Que o nosso Deus ordene a tua cura!

Depois, ela voltou à ideia contida na sua última frase, retomando ora as mesmas palavras ora substituindo-as por outras que exprimiam a mesma ideia de outra forma. Em seguida, principiou a entrecortar a corrente das suas palavras, engolindo a sua saliva com uma evidente dificuldade ou observando curtas pausas de silêncio, o tempo de recobrar fôlego, o que levou Yassin, repetidas vezes, a pedir-lhe que se abstivesse de falar. Mas ela interrompia-o com um sorriso e prosseguia. De súbito, fez uma pausa, o rosto preocupado, como se acabasse de lembrar algo importante:

- Casaste-te? - perguntou.

Ele levantou as sobrancelhas, um tanto constrangido, e começou a corar. Mas ela, interpretando-o erradamente, apressou-se a acrescentar, como que pedindo desculpa:

- Não estou a criticar-te... É verdade que teria gostado de conhecer a tua esposa e os teus filhos. Mas chega-me saber que estás feliz...

- Não estou casado! - não pôde ele deixar de acrescentar lacónico. - Há quase um mês que estou divorciado.

Pela primeira vez, sinais de despertar alumiam os seus olhos. Se pudessem brilhar, tê-lo-iam feito. Mas deles coou tão-só um simulacro de luz como aquela, difusa, que um cortinado espesso deixa transparecer.

- Divorciaste-te, meu filho! Sinto muito! Ele apressou-se a interrompê-la:

- Não fiques triste, eu não o estou. Não lamento nada - sorriu. - Com ela, é a infelicidade que se vai embora!

Depois, no mesmo tom:

- Quem é que a escolheu, ele ou ela?

Ele respondeu num tom que traía o seu desejo de pôr um termo àquele assunto:

- Foi Allah quem a escolheu! É o destino quem nos conduz!

- Eu sei, mas... Quem a escolheu? A esposa do teu pai?

- Não, foi o pai quem a escolheu. Fez uma escolha perfeita! É de boas famílias, contudo, como o disse, é o destino quem nos conduz...

- O destino e a escolha do teu pai - retorquiu ela com frieza. - É a mesma coisa!

Em seguida, após uma breve interrupção:

- Está grávida?

- Sim...

Ela suspirou.

- Que Allah torne a vida do teu pai penosa!

Ele decidiu nada replicar, como quem recusa arranhar um furúnculo que lhe causa prurido, na expectativa de que este se acalme de per si... Fez-se silêncio. Fechou os olhos como que extenuada e depois abriu-os por instantes. Sorriu-lhe, dizendo-lhe numa voz suave, sem resquícios de cólera:

- Achas que poderás esquecer o passado?

Ele baixou os olhos num sobressalto, sentindo uma irreprimível vontade de fugir.

- Não o despertes! - disse ele numa súplica. - Ele que parta para todo o sempre!

Talvez o seu coração não fizesse eco das suas palavras. Mas a sua língua dissera o que era necessário dizer... A não ser que aquelas

palavras fossem a expressão fiel do seu sentimento naquele exacto momento que o havia mergulhado de corpo e alma na presente situação. Talvez a fórmula: "Ele que parta para todo o sempre!" houvesse deixado nos seus ouvidos -e no seu coração - uma sensação estranha à qual sucedeu a angústia. Contudo recusou pensar nisso. Recusou-o por completo e aferrou-se àquele sentimento puro a que de antemão se havia resolvido agarrar.

- Ainda amas a tua mãe como a amavas nos tempos felizes?

- Amo-a e rezo pela sua salvação! - respondeu ele afagando a sua palma. A sua angústia e os sentimentos contraditórios que nele se haviam desencadeado acharam logo o seu apaziguamento na expressão de paz e de profundo alívio que pôde ler no seu rosto fenecido. Depois, sentiu que ela lhe estreitava a mão como que para nesta derramar a gratidão do seu coração. Trocaram um longo olhar plácido, sorridente e sonhador, que irradiou no aposento uma atmosfera de paz, amor e tristeza. O seu desejo de falar já não transluzia nela, a não ser que o esgotamento lho tivesse arrancado. Pôs-se a observá-la, intrigado, mas não esboçou o menor gesto. Em seguida, os lábios da mulher entreabriram-se deixando escapar um gemido leve e entrecortado. Ele endireitou-se, perscrutando os traços do seu rosto, depois baixou levemente os olhos, para ressuscitar a imagem daqueloutro rosto com que o havia fitado um ano antes. O seu coração comprimiu-se e aquela sensação de pavor que o perseguira durante o trajecto assaltou-o de novo. Voltaria ele a ver ali aquele rosto? Como o acolheria então? Não sabia.

Não queria tentar desvendar o ignoto. Queria que o seu espírito estacasse, que seguisse os acontecimentos e não que os precedesse. O medo e a angústia apoderaram-se outra vez dele. Tinha sentido uma tal vontade de fugir ao ouvi-la falar que lhe pareceu estar aliviado com o sono dela. Porém, mal se achou a sós consigo, foi assaltado pelo medo... um medo que ele não soube explicar e desejou que ela acordasse da sua modorra e recomeçasse a falar. Até quando teria de esperar? E se dormisse profundamente até de manhã? Não podia ficar assim por muito tempo, subjugado pelo medo e pela angústia. Era necessário pôr termo ao seu sofrimento, amanhã ou depois de amanhã viriam felicitá-lo pela salvação da sua mãe ou dar-lhe os pêsames? Felicitações? Pêsames? Qual dos dois preferia? Precisava de cessar de

se agitar. "Felicitações ou pêsames, não antecipemos os acontecimentos. Tudo o que podemos dizer é que, se está escrito que é agora que nos devemos separar, separar-nos-emos como bons amigos. Seria o mais belo fim para a mais infame das existências! Mas se Deus prolongar os seus dias..."

Perdido, o seu olhar errou ao acaso e incidiu no espelho do armário, do outro lado do quarto, onde se reflectia a imagem da cama. Viu o corpo da mãe jazendo por baixo do cobertor, como se viu a si mesmo, quase a tapar o busto dela, exceptuando a mão que havia tirado para fora para recebê-lo. Fitou-a com ternura, antes de ajustar o cobertor que repuxou cuidadosamente até ao pescoço. Depois voltou-se outra vez para o espelho e uma ideia perpassou a sua mente: amanhã talvez aquele espelho reflectisse a imagem de uma cama vazia e despida! A sua vida - aliás, qualquer vida - não era mais imperecível do que aquelas imagens imateriais!... A sua sensação de medo exacerbou-se e ele murmurou para si: "Tenho de acabar com esta minha dor, preciso de ir embora!" Todavia, o seu olhar fugiu, abandonando o espelho, e incidiu numa mesa baixa sobre a qual estava um narguilé com um tubo retorcido no seu pescoço, qual uma serpente. Observou-o com um assombro e uma interrogação que rapidamente deram lugar a um sentimento de furiosa aversão e de cólera. Aquele homem!.. Era certamente o dono do narguilé! Via-o sentado, de pernas cruzadas, sobre o sofá colocado entre a cama e a mesa, debruçado sobre este, aspirando e rejeitando o fumo com deleite enquanto a mãe atiçava para ele as brasas do forninho. Onde estaria agora? Algures em casa ou fora? Tê-lo-ia visto sem que ele o visse? Não pôde suportar demorar-se por mais tempo frente ao narguilé. Relanceou o rosto da mãe e viu-a afundada no sono. Levantou-se sem ruído e encaminhou-se para a porta. A entrada deparou-se com a criada, a quem disse:

- A tua senhora adormeceu... Voltarei amanhã de manhã. Virou-se para ela novamente antes de transpor a porta de entrada:

- Amanhã de manhã! - repetiu como que para informar "o homem" da hora da sua chegada de modo a não aparecer. Foi directamente para a taberna de Costaki, onde bebeu, como a seu hábito, sem todavia experimentar qualquer prazer. Combater o medo e a angústia esgotara-o. E, embora os seus sonhos de riqueza e de paz de espírito não o houvessem largado, não conseguiam erradicar da sua mente a

imagem da doença e os pensamentos da morte.

Quando regressou a casa, à meia-noite, encontrou a esposa do pai que o aguardava no primeiro andar. Olhou para ela, estupefacto, e perguntou com o coração a palpitar com violência:

- A minha mãe?!

Amina curvou a cabeça e declarou baixinho:

- Veio uma pessoa de Qasr esh-Shouq, uma hora antes da tua chegada. Que Allah te dê longa vida, meu filho!

[\[130\]](#) Literalmente, "a Nossa Senhora Zainab". Mesquita em honra da neta do Profeta, local onde se realiza uma grande festa anual, o Muled.

As relações entre Kamal e os soldados britânicos transformaram-se rapidamente numa amizade recíproca. A família tentara recorrer ao drama de Yassin na mesquita de el-Hussein para convencer o garoto a romper os laços com os seus amigos, mas este havia objectado que era "pequeno", demasiado pequeno para ser acusado de espionagem e, para evitar que o forçassem a permanecer em casa, encaminhava-se directamente para o acampamento ao regressar da escola, depois de ter largado a pasta dos livros nas mãos de Umm Hanafi. O único meio para impedi-lo teria sido recorrer à força, mas não acharam que fosse necessário, tanto mais que Kamal se divertia no acampamento, debaixo dos seus olhos, onde era por todos recebido de braços abertos e com todas as honras. Até Fahmi deixou que ele agisse como bem entendia, não vendo aí qualquer mal e divertia-se ao vê-lo ir de um soldado para outro "como um macaco que se entretém numa floresta cheia de animais ferozes".

- Têm de contar isso ao meu amo!

Aquela foi a sugestão que, certo dia, Umm Hanafi fez, enquanto se queixava das liberdades que com ela tomavam os soldados - em virtude daquela maldita amizade - e do facto de alguns deles imitarem a sua maneira de andar, motivo pelo qual "teriam merecido serem decapitados". Mas nenhum dos familiares levou a sério o seu conselho, não só por piedade pela criança como ainda por eles, com receio que a investigação que o pai seguramente teria levado a cabo pudesse revelar-lhe que haviam ocultado durante muito tempo aquela amizade. Decidiram, por conseguinte, deixarem Kamal livre para fazer o que queria, talvez até na esperança de que as boas relações entre o garoto e os soldados pudessem evitar a todos eles uma série de aborrecimentos e danos que as incessantes idas e vindas de cada um eram susceptíveis de acarretar!

A hora mais feliz do dia para Kamal era aquela em que penetrava no acampamento. Nem todos os soldados eram para ele "amigos" na verdadeira acepção do termo, mas não havia nenhum que ele não conhecesse. Estendia a mão aos amigos e estreitava-a com efusão, restringindo-se quanto aos demais a um aceno de saudação.

Por vezes, chegava no exacto momento em que estava de guarda um dos seus amigos. Corria então alegremente ao encontro deste, estendendo a mão, mas ficava atónito ao achá-lo de uma frieza estranha e sorumbático, como se fingisse ignorá-lo ou se houvesse transformado numa estátua de pedra. Então, o garoto só compreendia que o soldado não pretendia fingir ignorá-lo nem estava em cólera contra ele, quando via os outros desatarem às gargalhadas. Não raro, Kamal era surpreendido pelo som da sirene de alarme enquanto se achava entre os Ingleses. Então estes precipitavam-se todos para as tendas para voltar pouco depois com os seus uniformes, os capacetes e de espingarda ao ombro. Um camião arrancava bruscamente do local onde estava estacionado, por trás da Fonte de Bain el-Qasrain, e parava no meio da rua; os soldados juntavam-se-lhe e saltavam para dentro até este ficar a abarrotar. Kamal percebia então, pelo espectáculo que se desenrolava debaixo dos seus olhos, que algures estava a decorrer uma manifestação que os soldados iam dispersar e que entre os grevistas e estes tra-var-se-ia um terrível combate.

Naqueles momentos, só lhe importava procurar os seus amigos com o olhar até conseguir distingui-los, entre todos os que se apinhavam no camião; saturava os olhos com eles, quase como se quisesse dizer-lhes adeus, e agitava as mãos rezando pela sua salvação e recitando a Al-Fatiha, à medida que o camião os levava para longe na direcção de en-Nahhasin! Contudo, a permanência de Kamal no acampamento jamais excedia a meia hora, todas as tardes; era o tempo máximo que lhe era concedido passar fora de casa no regresso da escola. Meia hora durante a qual nenhum dos seus sentidos dormitava por um segundo. Fazia a ronda às tendas, andava por entre os camiões observando os mais ínfimos pormenores, estacava por um longo momento diante das pirâmides formadas pelas espingardas, examinando-as nas suas várias partes, uma por uma, principalmente a embocadura do cano onde a morte se ocultava. Respeitava a distância que lhe não era permitido ultrapassar enquanto a sua alma se perdia invariavelmente em lamentos por não poder brincar com as armas... por não poder sequer tocar nelas. E, quando a sua visita coincidia com a hora do chá, ele reunia-se aos seus amigos na cozinha montada na ruela de Quirmiz e punha-se na cauda da "fila para o chá", como a designavam, voltando em seguida, caminhando atrás deles com um copo de chá com leite e

um pedaço de chocolate na mão. Sentavam-se então todos juntos no rebordo do pequeno muro da Fonte e bebericavam a bebida enquanto os soldados entoavam em coro canções e Kamal os escutava muito atento e aguardando a sua vez para cantar.

A vida do acampamento deixava, no seu íntimo, uma marca profunda que insuflava uma vivacidade sempre renovada à sua fantasia e aos seus sonhos. Uma marca que ficava gravada no seu coração ao lado de outras: as histórias de Amina acerca do mundo do invisível e das lendas; os contos de Yassin que arrebatavam a sua alma para um universo mágico; os fantasmas e as visões que se agitavam diante dos seus olhos, nos seus devaneios, por trás dos ramos de jasmim e de hera, por trás dos vasos de flores do terraço, visões que lhe eram sugeridas pela vida das formigas, dos pássaros e das galinhas. Por isso, havia edificado ao longo do pequeno muro contíguo à casa de Mariam um acampamento militar completo em termos de materiais e de homens. Construía as tendas com lenços e pauzinhos, as armas com fósforos, os camiões com tamancos de madeira e os soldados com caroços de tâmaras. Perto do acampamento, havia reproduzido os manifestantes, recorrendo a pequenas pedras. A representação principiava normalmente com a dispersão dos caroços que ele repartia em grupos, alguns nas tendas ou à entrada destas, outros à volta das espingardas, excepto quatro, que ficavam à parte e no meio dos quais colocava uma pedra grande: "ele próprio."

Começava por imitar os cantos dos Ingleses, passando depois a dar voz à pedra grande que entoava "Vinde visitar-me uma vez por ano" ou "Ó tu que me és querido". Em seguida, dedicava-se às outras pedras, colocando-as em fila e bradando: "Viva a pátria! Abaixo o protectorado! Viva Saad!"; depois, voltava ao acampamento, imitando o apito da sirene até os caroços formarem filas, à cabeça de cada coluna uma tâmara. Continuava a sua brincadeira, empurrando um tamanco de madeira e soprando para simular o ronco do camião; colocava os caroços sobre a sola e fazia partir de novo o tamanco em direcção às pedras para desencadear a batalha e provocar baixas de ambos os lados. Não permitia de modo algum que os seus sentimentos pessoais exercessem uma qualquer influência sobre o desenrolar do combate, pelo menos no começo e no meio dos acontecimentos. Era unicamente dominado por um só desejo: criar uma batalha "autêntica

e excitante", renhida de ambas as partes, entre avanços e recuos, com golpes que se equilibravam de modo que o desenlace se mantivesse em aberto e as probabilidades oscilassem entre os dois campos. Mas a batalha não durava muito; em breve exigia uma conclusão. Aí, Kamal enfrentava uma situação delicada: qual das partes alcançaria a vitória? Por um lado, havia os seus quatro amigos, tendo como chefe Julian, por outro, havia os Egípcios, pelos quais pulsava o coração de Fahmi! No último instante, resolvia fazer com que os manifestantes vencessem e o camião retirava-se com poucos soldados entre os quais estavam... os seus quatro amigos! Se, por vezes, acontecia que a batalha se terminasse com a paz, os combatentes dos dois campos celebravam-na cantando à volta de uma mesa repleta de copos de chá e de doces de todos os tipos!

Julian era o seu melhor amigo. Distinguia-se não só pela sua beleza, a sua doçura mas também pela sua relativa habilidade em falar árabe, coisa que dava ainda mais valor ao seu convite para tomar chá.

Parecia, além do mais, de entre os soldados, o mais sensível aos dotes musicais de Kamal, de tal modo que lhe pedia quase todos os dias que repetisse a canção "O tu que me és querido", que seguia com atenção, murmurando depois com nostalgia: "regressar ao meu país ... regressar ao meu país!"

Kamal, tendo-se dado conta da peculiar sensibilidade do jovem, familiarizara-se mais com ele e concedera-lhe uma tal confiança que certo dia chegara a dizer-lhe, muito sério, como que para lhe sugerir um meio de sair da sua angústia: "Façam regressar Saad paxá e voltem para o vosso país." Mas Julian não acolhera o conselho com a satisfação que ele esperava; pelo contrário, pediu-lhe, como já o havia feito em circunstâncias similares, que não falasse mais de Saad paxá, dizendo: "Saad paxá... não!"

E foi assim que fracassou, segundo a expressão de Yassin, "o primeiro negociador egípcio"! Certo dia, para sua grande surpresa, um dos "amigos" deu-lhe uma caricatura que acabara de desenhar. Kamal olhou para ela, estupefacto e confuso, pensando: "Sou eu, este? Não, esta não é a minha imagem!" Mas dentro de si sentia, ainda que vagamente, que era ele e ninguém mais. Em seguida, ergueu os olhos para aqueles que estavam ao seu lado e viu-os que riam. Percebeu então que se tratava de uma brincadeira que ele devia aceitar com

alegria, e pôs-se a rir com eles para dissimular a sua vergonha. Mas, quando mostrou a Fahmi a caricatura, este examinou-a atentamente, estupefacto, e disse-lhe:

- Meu Deus! Não há um único defeito que não tenha sido sublinhado! O corpo pequeno e franzino, o pescoço comprido e magro, o narigão, a cabeçorra, os olhos minúsculos...

Depois, rindo, acrescentou:

- A única coisa pela qual o teu "amigo" parece ter admiração é a beleza e a elegância do teu fato. Mas nisso não tens qualquer mérito: deve-se antes à mãe que faz com que tudo em casa seja perfeito.

Depois, lançando-lhe um olhar malicioso, Fahmi acrescentou:

- Agora está claro por que motivo lhes agradas! Divertem-se a zombar do teu físico e da tua elegância exagerada. Por outras palavras, para eles, és um mero aragoz [\[131\]](#). E, então, o que conseguiste com a tua traição?

Contudo, as palavras de Fahmi não surtiram efeito porque o garoto conhecia bem a hostilidade do irmão em relação aos Ingleses e por isso julgou tratar-se de uma manobra para separá-lo deles!

Um dia, ao chegar ao acampamento, como de costume, viu Julian apoiado ao muro do fundo da Fonte e olhar atentamente para o beco onde se situava a entrada da casa do falecido sayyed Ridwan. Foi ao seu encontro, mas Julian começou a agitar a mão, fazendo estranhos sinais que o garoto não conseguiu descodificar. Todavia, parou de andar, obedecendo a um instinto cujo significado lhe escapava. Depois, a curiosidade impeliu-o a passar por trás das tendas plantadas diante da Fonte para deslizar atrás de Julian e alongar o olhar para o local que ele estava a observar. Viu então uma lucarna que se abria lateralmente na casa dos Ridwan e que fechava o exíguo beco e, no meio daquela lucarna, deslumbrante, sorridente, acolhedor... o rosto de Mariam! Estacou, deixando vaguear o olhar do soldado para a rapariga, perplexo, quase que recusando acreditar no que via.

Como podia Mariam tornar-se culpada do crime de se mostrar naquela lucarna? Como podia interessar-se por Julian daquela forma escandalosa? Julian fazia-lhe um pequeno aceno com a mão e ela sorria-lhe! Aliás, tinha ainda o sorriso nos seus lábios, os olhos concentrados em Julian, de tal modo que nem sequer se apercebera da presença de Kamal. Escapou-lhe um movimento e Julian voltou-se,

soltando uma gargalhada ao vê-lo ali estacado, e começou a falar na sua língua enquanto no mesmo instante Mariam se retirava da lucarna com uma velocidade fulgurante, visivelmente assustada. Kamal observava o soldado, atônito, porque a fuga de Mariam só aumentara as suas suspeitas, ainda que o caso lhe parecesse cada vez mais incompreensível.

- Conheces-la? - perguntou Julian amistosamente.

Ele acenou afirmativamente a cabeça, sem proferir uma só palavra. Julian desapareceu por instantes e voltou com um pacote volumoso que entregou a Kamal dizendo enquanto apontava para a casa de Mariam:

- Levas-lhe isto?

Mas Kamal recuou, recalcitrante, agitando a cabeça da esquerda para a direita obstinadamente. E não conseguiu esquecer o incidente, apesar de ter de imediato a noção da sua gravidade. Mas só compreendeu o real alcance deste quando, à noite, contou o episódio durante a "sessão do café".

Amina endireitou-se no seu lugar, o busto inclinado para trás, a chávena suspensa entre os dedos, sem que a aproximasse dos lábios ou a colocasse na travessa, ao passo que Fahmi e Yassin deixavam o sofá em frente ao da mãe para se precipitarem para junto de Amina, sentada ao lado de Kamal. De olhos esbugalhados, os dois jovens fixavam Kamal, com um espanto e uma confusão que excediam tudo o que o garoto previra!

- Viste realmente tal coisa? - perguntou Amina, engolindo a saliva. - Os teus olhos, porventura, não te enganaram?

- Mariam?! Mariam?! Tens mesmo a certeza daquilo que estás a dizer? - perguntou Fahmi agastado.

- Ele fazia-lhe sinais e ela sorria? - perguntou Yassin. - Viste-a deveras sorrir?

Amina pousou a chávena na travessa, segurou a cabeça com a mão e disse num tom ameaçador:

- Kamal! Mentir sobre um tal assunto é um pecado que Allah não perdoa! Pensa bem, meu filho! Disseste somente a verdade?

Kamal jurou solenemente e Fahmi retomou com amargo desespero:

- Não está a mentir. Uma pessoa sensata não pode acusá-lo de estar a mentir relativamente ao que disse. Será que não percebem que forjar

uma história semelhante é de todo impossível para um miúdo da sua idade?

- Mas como acreditar nele? - perguntou Amina com uma voz triste.

- Sim, como acreditar nele? - repetiu Fahmi, como falando para si.

Depois, com uma voz grave:

- Contudo, aconteceu... Aconteceu!

A última palavra fez-lhe o efeito de uma punhalada; havia-a repetido para reavivar propositadamente a punhalada. É certo que as preocupações dos últimos tempos haviam-no distraído de Mariam e a recordação desta confinara-se apenas às margens dos seus devaneios. Contudo, o golpe que sofrera a reputação da rapariga atingira não só esta mas também o coração dele. Estava chocado, chocado, chocado! Não sabia se a havia ou não esquecido, se a amava ou odiava, se estava em cólera devido à dignidade ou aos ciúmes. Uma folha seca de uma árvore na corrente de um turbilhão de ventos vindos de múltiplas direcções...

- Como posso eu acreditar? A minha confiança em Mariam foi sempre igual àquela que tinha por Khadiga e Aisha. A sua mãe é uma mulher virtuosa; o seu pai, que Allah o faça repousar em paz, estava entre as pessoas mais honradas... Vizinhos de sempre, os melhores vizinhos...

Yassin, que parecia até aquele momento absorto nos seus pensamentos, disse num tom não desprovido de sarcasmo:

- Mas qual o espanto? Desde que o mundo é mundo, Allah fez descender dos mais ilustres homens rebentos perversos!

Amina protestou, recusando acreditar que se havia enganado durante todos aqueles anos:

- Allah é minha testemunha, eu nunca reparei em nada que nela se pudesse censurar.

Yassin disse então com cautela:

- Nem qualquer um de nós, nem Khadiga, a linguaruda. Aliás, até por ela foram ludibriadas pessoas muito mais perspicazes do que tu e eu.

Ao ouvir aquelas palavras, Fahmi exclamou com mágoa:

- E como poderia eu sondar a realidade invisível? Se até imaginá-la é difícil.

Tamanho era o ressentimento de Fahmi contra Yassin que sentiu

que fervia. Todas as criaturas lhe pareciam execráveis: Ingleses, Egípcios, em simultâneo... e principalmente as mulheres. Sentia que sufocava. Desejou, com toda a sua alma, poder desaparecer para respirar a sós um pouco de tranquilidade. Mas não abandonou o seu lugar, como se estivesse preso por uma corda espessa. Yassin voltou-se para Kamal e perguntou-lhe:

- Quando é que ela te viu?

- Quando Julian se voltou para mim!

- E então desapareceu da lucarna?

- Sim...

- E apercebeu-se de que a tinhas visto?

- Os nossos olhos cruzaram-se por uns segundos!

- Coitadinha! - disse Yassin irónico. - A esta hora, deve com certeza estar a pensar no alvoroço da nossa reunião e na nossa conversa atormentada! Um inglês!

- A filha do sayyed Ridwan! - exclamou Fahmi, batendo uma palma contra a outra.

Amina murmurou algo, suspirando profundamente e abanando a cabeça devido ao espanto... Yassin prosseguiu, pensativo:

- Namoriscar com um inglês não é coisa pouca para uma rapariga; supõe um grau de imoralidade que não pode surgir assim repentinamente!

- O que queres dizer? - perguntou Fahmi.

- Quero dizer que certamente terão existido outros anteriormente!

- Por Allah, peço-lhes, acabem com esta conversa! - disse Amina suplicante.

Mas Yassin continuou o seu discurso, como se não houvesse ouvido o pedido da mãe:

- Mariam é a filha de uma mulher que sabe valorizar os seus encantos; todos são testemunhas disso, tu, Khadiga e Aisha!

- Yassin - exclamou Amina com uma voz de reprimenda.

- Quero dizer - continuou Yassin insistindo - que nós somos uma família que vive completamente fechada, que não sabe praticamente nada do que sucede à sua volta. Tudo o que podemos tentar fazer é imaginar que as pessoas são como nós. Mariam frequenta a nossa casa há muitos anos, mas nunca conhecemos o seu verdadeiro rosto até que aquele que era o último a quem poderíamos pedir que nos desvelasse a

realidade fez com que o descobríssemos!

Depois acariciou a cabeça de Kamal, rindo. Mas Amina suplicou de novo com fervor:

- Peço-lhes, por Allah, mudem o tema da conversa!

Yassin sorriu sem proferir uma palavra; o silêncio abateu-se sobre a reunião. Fahmi não pôde suportar ali permanecer por mais tempo; respondeu à voz interior que, atormentada, lhe implorava de fugir para longe dos olhares, longe dos ouvidos, onde pudesse isolar-se, e repetir para si a conversa da Alifà Ya ^[132], palavra por palavra, expressão por expressão, frase por frase, para compreendê-la, penetrá-la a pouco e pouco e mais tarde decidir qual a atitude a tomar...

^[131] Aragoz é a transliteração que reproduz a pronúncia, no dialecto egípcio, do nome turco karagoz, utilizado para indicar quer a personagem principal do teatro turco das sombras quer o próprio teatro. Aqui é utilizado com o significado de fantoche, já que na verdade os actores do teatro das sombras são as marionetas.

^[132] Respectivamente a primeira e a última letra do alfabeto árabe.

Já passava da meia-noite quando o sayyed Ahmad, cercado pelas trevas do beco, saiu de casa de Umm Mariam. O bairro parecia todo ele entranhado no sono, imerso na escuridão, assim se lhe revelava doravante todas as noites, desde que os Ingleses ali haviam acampado. Nenhum café aberto, nenhum vendedor ambulante circulava livremente, nenhuma loja se mantinha aberta, nenhum transeunte. Nenhum vestígio de vida, nenhum vestígio de luz havia, excepto o que provinha do acampamento. E ainda que nunca qualquer soldado lhe houvesse feito mal, nas suas andanças, o sayyed era dominado por uma certa apreensão agoniada à medida que se avizinhava do acampamento ao voltar para casa, mormente porque àquela hora da noite, regressava num estado de exaustão, de desamparo e de desinquietação que tornava penoso o simples acto de pensar em caminhar calma e pausadamente! Desceu a rua de en-Nahhasin, depois virou à direita em direcção à casa, relanceou às ocultas as sentinelas antes de penetrar na zona mais perigosa da rua..., naquela que era iluminada pela luz que provinha do acampamento. Então, assaltou-o de novo a sensação que dele se assenhoreava sempre que ali se introduzia: a de ser um alvo fácil para qualquer atirador. Apressou o passo para dali sair e atingir a obscuridade que o conduziria à entrada da sua casa, mas apenas esboçara um passo, e logo uma voz roufenha e rude soou aos seus ouvidos, que nas suas costas vociferava palavras de uma outra língua. Embora não percebendo o sentido das palavras para ele ininteligíveis, o sayyed Áhmíd compreendeu, pela agressividade do tom imperativo, que a voz lhe havia dado uma ordem indiscutível. Estacou, virou-se, paralisado pelo medo, e avistou um soldado, não uma sentinela, que avançava inequivocamente para ele com um passo resolutivo, armado até aos dentes... O que haveria de tão grave para proceder daquela maneira? Estaria o homem porventura bêbado? Obedeceria a um qualquer imprevisível impulso de hostilidade ou teria o propósito de roubá-lo?

Viu-o que se aproximava, com o coração a latejar, a garganta seca, a cabeça subitamente livre do torpor do álcool.

O soldado deteve-se a um passo dele, depois dirigiu-lhe, num tom

autoritário, algumas palavras precipitadas e sucintas - que, como é óbvio, ele não compreendeu - designando-lhe com a mão livre a rua de Bain el-Qasrain. O sayyed olhou para este, estarecido, desesperado e suplicante, amargurado pela sua incapacidade em comunicar com ele de forma a convencê-lo de que estava inocente do que era suspeito, ou pelo menos para saber o que o soldado pretendia dele. Depois pensou que talvez o soldado o houvesse tomado por algum estranho ao bairro, e lhe apontasse Bain el-Qasrain, para lhe ordenar que se afastasse do local. Assim, principiou, por seu turno, a designar-lhe a sua casa para lhe dar a entender que morava ali e que estava de regresso. Mas o soldado ignorou o seu gesto e continuou a resmonear e a indicar a mesma direcção, sacudindo a cabeça como se quisesse impeli-lo a partir. Por fim, parecendo agastado, agarrou-o pelo ombro, fez-lhe dar uma meia-volta brutal sobre si mesmo e deu-lhe um empurrão nas costas. O sayyed viu-se caminhar rumo a Bain el-Qasrain, seguido pelo soldado e, sentindo que as forças o desamparavam, entregou-se ao destino. Ignorando para onde ia, ultrapassou o acampamento, depois a Fonte de Bain el-Qasrain, onde desapareceu a última réstia de luz proveniente do acampamento.

Num silêncio opressivo, afundou-se na corrente das trevas espessas. Nada mais se enxergava além da silhueta indistinta das casas, semelhantes a espectros. Não se ouvia senão o ruído pesado dos passos que o seguiam com uma regularidade mecânica, como se contassem os minutos, ou talvez os segundos, que lhe restavam de vida... Sim, esperava a qualquer momento que lhe desferisse uma pancada que o precipitaria para a morte e continuou a esperar por esta, com os olhos arregalados para a escuridão, a boca cerrada pela angústia, a clavícula por vezes sacudida por um movimento nervoso, sempre que engolia a sua saliva rara e quente.

De repente, uma reverberação apanhou-o desprevenido, chamando a sua atenção para baixo. Estava à beira de gritar de pavor, como uma criança, com o coração apertado, quando lhe surgiu um círculo de luz intermitente no chão e compreendeu que se tratava do feixe luminoso de uma lanterna eléctrica que o seu guia acendera para enxergar o caminho nas trevas. Recobrou ânimo, liberto daquele susto inopinado; mal havia principiado a respirar alguma quietude, logo o estreitou o medo inicial, o medo da morte para a qual era levado. Pôs-se de novo à

espera da morte, de minuto em minuto, qual um homem que, no começo, prestes a afogar-se, imagina, ao debater-se, avistar um crocodilo que se prepara para atacá-lo, para se dar conta de que, ao invés do que havia visto, eram meras algas boiando à superfície e que, por conseguinte, experimenta uma intensa alegria por haver escapado ao perigo imaginário, mas que de súbito, após ter retomado o fôlego, é esmagado pela pressão do perigo real que o rodeia: para onde era conduzido? Se pelo menos soubesse gaguejar algumas palavras daquela língua para lho perguntar. Tudo levava a crer que o soldado continuaria a dar-lhe empurrões até arremessá-lo no cemitério de Bab en-Nasr! Não havia vestígio de qualquer ser humano, nem de qualquer animal! Por onde andava o guarda noturno? Estava sozinho, à mercê de um homem sem compaixão...

Quando sofrera tamanho suplício? Acaso se lembrava? O pesadelo... Sim, o pesadelo! Por mais de uma vez, fora assaltado por um sono agitado. E mesmo assim as trevas do próprio pesadelo ofereciam, não raro, um lampejo de esperança, de modo que na alma do homem adormecido podia despontar a cálida sensação de que aquilo que o aflige não passa de um sonho, não é realidade, e que, de imediato ou dentro em breve, estará livre do seu incômodo. Mas era desnecessário pensar que aquela situação lhe podia oferecer uma tal esperança! Estava bem desperto e não era a vítima de nenhum sonho. Aquele soldado armado até aos dentes era realidade e não imaginação. Aquele rua, testemunha do seu aviltamento e da sua detenção, era algo manifesto, medonho, não uma ilusão. O seu tormento era uma realidade de que não havia meio de duvidar. O menor gesto de resistência da sua parte poderia custar-lhe a cabeça. Sem dúvida alguma! Umm Mariam, ao deixá-lo, havia-lhe dito: "Até amanhã!"... Amanhã?! Adviria aquele amanhã?! Pergunta-o aqueles dois pés pesados que atrás de ti fazem estremecer a terra!.. Pergunta-o aquela espingarda com uma baioneta pontiaguda e aguçada... A mulher havia-lhe dito outrossim, a gracejar: "O cheiro a vinho que se evapora da tua boca quase que me embriaga!" Agora, o vinho evaporou-se e a sua razão também! Era já volvida a hora da febre dos sentidos; alguns minutos antes estes representavam tudo na sua existência... Agora, pelo contrário, tudo era dor! Entre o que antes sentia e a realidade presente haviam transcorrido apenas alguns minutos! Apenas alguns

minutos!

Chegado à esquina de el-Khoronfish, um feixe de luz que rasgava a obscuridade atraiu o seu olhar. Olhou para a rua e viu uma lanterna eléctrica que baloiçava na mão de um outro soldado que empurrava na sua frente vultos cujo número não conseguia precisar. Interrogou-se se não haveria sido dada a ordem aos militares de prenderem todos os homens com que à noite se deparassem no caminho. E para onde os conduziriam? A que punição estariam condenados? Interrogou-se longamente, no acme do assombro e da angústia, embora o ver novas vítimas lhe houvesse trazido algum lenitivo e alívio. Pelo menos, já não estava sozinho, como supusera. Encontrara companheiros da desgraça que dariam alento à sua solidão e dividiriam a sua sorte.

Caminhando diante deles, a pouca distância, pôs-se a escutar com atenção o tropear dos passos e experimentou um prazer análogo ao que sente quem, perdido no deserto, ouve as vozes de seres humanos que o vento traz. Naquele instante, a sua maior esperança era que aquelas pessoas se lhe juntassem no sentido de se unir ao grupo - quer fossem conhecidos quer estranhos - para que os seus corações pudessem bater em uníssono enquanto avançavam ao encontro de um destino desconhecido. Aqueles homens estavam inocentes e ele estava inocente. Então, porque os haviam detido? Porque o haviam detido, por exemplo? Não fazia parte nem dos revolucionários nem dos políticos profissionais, nem dos jovens. Saberiam eles porventura ler nos corações e avaliar os sentimentos? A não ser que a gente do povo fosse lançada para os calabouços, após terem sido capturado todos os chefes!

Se somente soubesse inglês teria interrogado aquele que o capturara! Onde estava Fahmi para falar com o soldado em seu nome? O sofrimento e a angústia excruciam-no. Onde estavam Fahmi, Yassin, Kamal, Khadiga, Aisha e a mãe deles? Poderia, alguma vez, a sua família imaginar o grau de humilhação a que fora reduzido, ela que jamais o vira senão na plenitude da sua pujança, respeitado e reverenciado? Poderia, alguma vez, imaginar que um soldado o empurrasse com tal violência que quase o fizera cair de cabeça no chão e o conduzisse como se leva o gado ao pasto? A recordação da família causou-lhe dor e nostalgia e as lágrimas estiveram prestes a assomar aos seus olhos.

Na rua, marginavam as silhuetas das casas e das lojas cujos proprietários ele conhecia, as sombras dos cafés que frequentara durante um certo tempo - mormente na época da infância e da adolescência - entre a fiel clientela da noite, e fê-lo sofrer ter de passar diante deles, prisioneiro, sem ver ninguém acorrer em seu auxílio ou pelo menos dele se compadecer. Na verdade, sentia que a maior humilhação para ele estava em tudo o que o rodeava no seu bairro! Depois levantou os olhos para o céu oferecendo os seus pensamentos a Allah que lia o que no seu coração havia. Confidenciou-lhe mentalmente, sem referir o Seu nome, nem mesmo num sussurro, pois que se envergonhava de pronunciar o Seu nome com o corpo ainda não purificado dos vapores do álcool e do suor do amor. Rapidamente o facto de que a sua impureza pudesse obstar a que alcançasse a salvação ou que esta pudesse ser a sorte merecida por causa da sua última devassidão, fez corromper nele o medo. O seu coração foi avassalado pelo pessimismo e o desalento e viu-se na orla da desesperança.

Quando chegou perto do mercado de limões, vozes indiscriminadas misturaram-se ao silêncio, até então animado somente pelo estrépito dos passos. Apurou o ouvido e arregalou os olhos sobre a escuridão, enquanto continuava a avançar, debatendo-se entre o temor e a esperança, quando inopinadamente entreouviu um rumor confuso sem conseguir perceber se provinha de um homem ou de um animal. Mas, pouco depois, distinguiu gritos e teve de reconhecer para si mesmo com ansiedade: "Vozes humanas!" Ao atingir à esquina da rua, surdiram-lhe luzes que se moviam. Ao princípio, tomou-as por outras lanternas eléctricas, mas eram facho, à luz dos quais avistou parte da Porta de el-Futuh^[133] sob a qual se encontravam alguns soldados britânicos, depois viu soldados da polícia egípcia, o que lhe devolveu ânimo.

"Finalmente saberei o que querem de mim! Só faltam mais uns passos. O que poderá ter provocado este ajuntamento de soldados ingleses e egípcios perto da grande porta? Por que diabo aqui encaminham pessoas de todos pontos do bairro? Em breve saberei tudo, tudo! Peço a protecção de Allah e a Ele me entrego; recordarei esta hora medonha até ao fim dos meus dias, caso ainda me restem alguns para viver! As balas, a força, Denshawai!^[134] Juntar-me-ei ao

rol dos mártires? Tornar-me-ei também eu uma das notícias da revolução comunicadas por Muhammad Iffat, Ali Abdel Rahim e Ibrahim el-Far exactamente como fazíamos durante os nossos serões? Imagina o serão com o teu lugar vazio! Que Allah tenha misericórdia de ti... Era... Era... Quanto te chorarão! Recordar-se-ão de ti por muito tempo, em seguida serás olvidado. Dilacera-se-me o coração... Mas confia no teu Criador! Allah, fica do nosso lado, não contra nós!

Mal se havia aproximado do local onde estavam parados os soldados, os olhares voltaram-se para ele, frios, severos, cominadores. O coração afundou-se-lhe no peito, deixando-lhe uma forte dor nas costelas. Teria o seu caminho findado ali? Os seus passos tornaram-se pesados e ele foi invadido pela confusão e pela hesitação.

- Entra! - gritou-lhe um polícia indicando com o dedo a Porta.

O sayyed lançou-lhe um olhar interrogador, que obsecrava por ajuda e piedade. Depois passou no meio dos soldados sem divisar quase na sua frente, tão aterrorizado estava. Teria desejado esconder a cabeça com os braços, obedecendo ao instinto do medo que no seu íntimo bramia.

Ali, sob a cúpula da Porta, viu um espectáculo que lhe fez compreender o que pretendiam dele, sem ter precisão de colocar perguntas. Viu um fosso profundo, semelhante a uma trincheira, que vedava a rua e uma multidão de pessoas que, para tapá-lo, labutava, ininterruptamente, sob os olhos da polícia transportando terra com cestos que entornavam dentro deste. Trabalhavam com afínco e presteza, relanceando furtivamente com olhos apavorados os soldados ingleses estacados à entrada da Porta.

Um polícia abeirou-se dele e atirou-lhe um cesto dizendo com uma voz áspera e ameaçadora:

- Faz como os outros fazem! Depois segredando acrescentou:
- Despacha-te se não queres que te aconteça alguma coisa!

Aquelas palavras eram a primeira voz "humana" que o sayyed encontrava na sua terrível viagem e derramaram-se no seu coração como uma lufada de ar na garganta de um estrangulado. Curvou-se para apanhar o cesto, segurou-o pela asa e perguntou ao polícia num sussurro:

- Soltar-nos-ão quando o trabalho estiver terminado?
- Inshallah - respondeu-lhe o polícia com o mesmo tom de voz.

Soltou um suspiro profundo e lágrimas de alívio brotaram dos seus olhos. Sentiu que renascia. Com a mão esquerda, levantou a extremidade da gubba e passou-a por baixo da cintura do quftan para que as suas roupas não o tolhessem de trabalhar. Dirigiu-se com o cesto para o passeio da Porta onde se amontoava a terra, pousou-o entre os pés e começou a apanhar terra às mãos-cheias e a esvaziá-la no cesto até enchê-lo. Em seguida, levantou-se, voltou para o fosso, onde o despejou e regressou ao passeio. Continuou na sua labuta no meio de uma multidão díspar, que incluía afan-diyas e gente vulgar, idosos e jovens. Todos trabalhavam com grande afã devido ao desejo de salvarem as suas vidas.

O sayyed estava a encher o cesto quando recebeu uma cotovelada; voltou-se e viu um amigo chamado Ghanim Hamidu, dono de um lagar de azeite em el-Gammaliyya, um dos que, de tempos a tempos, se demorava um pouco numa das suas reuniões de prazer. Alegrou-se muito ao vê-lo, tal como sucedera ao outro, e disseram um para o outro baixinho:

- Também tu caíste aqui!

- Eu, antes de ti - segredou Ghanim. - Cheguei um pouco antes da meia-noite e vi-te pegar no cesto. Então, indo e vindo, a pouco e pouco, fui-me desviando até me achar ao teu lado.

- Sê bem-vindo... bem-vindo! Haverá mais algum dos nossos amigos?

- Só te encontrei a ti!

- O polícia disse-me que nos soltariam quando tivermos concluído o trabalho.

- Disseram-mo também, Allah te ouça!

- Romperam-me os joelhos, que Allah arruine as casas deles!

- A mim, parece-me que já nem os tenho! Trocaram um breve sorriso...

- Qual a origem deste fosso?

- Dizem que foram os Fetewwat de el-Husseiniyya que o escavaram no começo da noite para impedir a passagem dos camiões e dizem mesmo que um destes caiu dentro!

- Se é verdade, então para nós a vida acabou!

Quando se acharam de novo, lado a lado, junto ao monte de terra, haviam-se afeito um tanto à situação e o moral deles tornara a

reanimar de tal modo que, ao encherem os cestos como se fossem operários da construção, tiveram de sorrir.

- Basta-nos Allah, o Extraordinário Defensor, contra estes filhos de cão... - murmurou Ghanim.

- Espero que nos dêem um justo salário! - sussurrou por sua vez o sayyed sorrindo.

- Onde é que te prenderam?

- Diante da minha casa!

- Claro!

- E tu?

- Tinha ingerido uma dose de manzul, mas agora já estou completamente desperto; os Ingleses são mais fortes do que a cocaína!

- Mais fortes do que a vontade de vomitar!

À luz dos fochos, os homens continuavam a ir e vir velozmente desde o passeio onde se acumulava a terra até ao fosso. Haviam de tal modo remexido a terra que a poeira atingira a cúpula, tornando o ar irrespirável. Começavam a sufocar, a fronte banhada em suor, o rosto coberto de pó, acometidos por copiosos acessos de tosse de tanto respirá-lo, semelhantes a espectros que teriam emergido daquele mesmo fosso.

Não obstante isto, já não estava sozinho. Aquele amigo e aqueles homens pertenciam ao seu bairro. Os polícias egípcios estavam de coração do lado deles, prova disso era que lhes haviam sido retiradas as armas... A espada de bainha prateada não pendia mais da cintura deles! "Tem paciência... tem paciência, talvez esta angústia esteja destinada a desvanecer-se. Poderias alguma vez imaginar ter de trabalhar até à alvorada e talvez até ao meio da manhã? Vá, coragem! Pensa que não carregarás, nem serás mobilizado para encher o fosso para todo sempre! Este fosso não se quer encher! Mas é inútil queixares-te; e ademais, a quem te queixarias? Tens um corpo robusto, de forte compleição, que pode aguentar a bebedeira da noite e os seus excessos. Que horas serão agora? Não é prudente tentar sabê-lo! E pensar que, se tudo isto não me tivesse acontecido, estaria agora estendido na minha cama a gozar as delícias do sono; teria lavado a minha cabeça e o meu rosto, bebido da jarra uma bebida fresca, perfumada com flores de laranjeira. Bom proveito te faça participar no inferno da revolução! Porque não? O país está em plena convulsão,

cada dia, cada hora tem as suas vítimas e os seus mártires! Ler os jornais e difundir as notícias é uma coisa, mas carregar terra sob ameaça de espingardas é outra história! Bom proveito vos faça a todos vós que estais a dormir na vossas camas! Ó Allah, protege-nos! Eu não fui feito para... Eu não fui feito para... Não! Ó Allah, derruba com a Tua força os infiéis. Nós somos fracos. Eu não fui feito para... Será que Fahmi imagina o perigo que sobre ele paira? Neste momento está a revisar as lições sem saber o que se abateu sobre o seu pai. Disse-me "não" pela primeira vez na sua vida. Disse-mo com as lágrimas nos olhos, mas para mim é o mesmo; o significado é um só! Não o contei à mãe, nunca lho direi? Acaso deverei revelar a minha impotência? Acaso deverei recorrer à sua fraqueza depois de ter fracassado com a minha força? Não... Que continue a ignorar tudo. Afirma que não corre qualquer perigo, será verdade? O Allah, faz com que assim seja, senão não serei indulgente com ele. Ó Allah, protege-o; ó Allah, protege-nos a todos nós do mal destes dias. Que horas serão agora? Se para nós um outro dia romper, evitaremos o massacre. Não nos matarão à vista de todos!... De dia!

- Cuspi para o chão para livrar-me do pó que se me colara ao céu da boca e um polícia lançou-me uns olhos tais que se me arrepiaram os cabelos na cabeça!

- Não cuspas, faz como eu que engoli tanto pó que poderia encher este fosso!

- Talvez Zubaida te tenha amaldiçoado!

- É possível!

- Não seria muito mais agradável "enchê-la" a ela em vez deste fosso?

- Contudo, mais cansativo!

Trocaram um rápido sorriso, depois Ghanim disse num suspiro:

- Ai, ai, tenho as costas moídas!

- Também eu. Consola-me tão-só o facto de partilhar um pouco as penas de todos os que pelejam pela guerra santa!

- O que pensarias se eu deitasse o cesto aos soldados gritando "Viva Saad!"?

- O manzul está de novo a fazer efeito?

- Que grande perda! Dissolvi um pedaço "como uma pupila" no chá e misturei-o uma, duas, três vezes! Depois fui para et-Tombakchiyya

ouvir o sheikh Ali Mahmud em el-Hamzawi. Regressei um pouco antes da meia-noite dizendo para mim: "Aquela santa mulher da tua esposa está à tua espera! Não tem sucesso quem defraude as suas expectativas!" quando, subitamente, aquele filho de babuíno apareceu e começou a empurrar-me as costas...

- Que Allah te compense por isso!

- Ámen!

Os soldados trouxeram outros homens, uns de el-Husseiniyya, outros de En-Nahhasin, que se juntaram logo aos "operários". Relanceou o local e viu-o quase saturado pela multidão que se espalhara à volta do fosso, e que se encaminhava para a plataforma e regressava para o fosso, num ir e vir contínuos, com a luz dos fachos alumando os rostos fatigados, devastados pelo cansaço, pelo vexame e pelo medo. Aquela multidão era garante de bênçãos e segurança. "Não podiam degolar toda aquela gente! Não podiam punir o inocente no lugar do culpado! Mas onde estariam os culpados? Onde estariam aqueles Fetewwat? Saberiam agora que alguns dos seus irmãos haviam caído no fosso por eles escavado? Allah os combata! Será que julgavam que escavar um fosso traria Saad paxá de volta ou expulsaria os Ingleses do Egipto? Juro pôr termo aos meus serões se Allah me ressuscitar! Pôr termo aos meus serões? Já não é seguro sair à noite! Que prazer poderá ter a vida?... A vida não tem qualquer sabor à sombra da revolução, a revolução... Qualquer soldado cai-te em cima... Carregas terra com as mãos. Fahmi diz-te 'não'. Quando voltará o mundo à sua normalidade? Dói-te a cabeça? Sim, e também tens náuseas! Alguns minutos de repouso... É todo o que peço! Bahiga está ferrada no sono. Amina está à espera como a 'mulher' de Ghanim. Estais bem longe de imaginar o que aconteceu ao vosso pai! Ó meu Deus, tenho pó dentro do nariz e dos olhos, por Sayyedna el-Hussein! Vais encher-te...Vais encher-te, maldito fosso! Não te basta toda esta terra?! Ó neto do Enviado de Allah! A 'Batalha do Fosso'!^[135]... É assim que a designou o nosso pregador. O profeta Muhammad trabalha va, que a paz e as bênçãos de Allah estejam com ele, com os outros e tirava a terra com as suas mãos... Infiéis ontem, infiéis hoje, porque será que os de hoje vencem? Corrupção da época..., minha corrupção! Irão eles acampar assim à frente da nossa casa até ao fim da revolução?"

- Ouviste o galo?

Ahmad Abdel Gawwad apurou o ouvido e murmurou:

- O galo está a cantar! É a alvorada?

- Sim, mas o fosso não estará tapado antes da manhã!

- A manhã!

- O pior é que tenho uma vontade de mijar desgraçada!

Ahmad Abdel Gawwad deslocou o seu pensamento até à zona abaixo da sua cintura e sentiu que se encontrava na mesma situação e que sem dúvida parte das suas dores advinha daí. De imediato a pressão da bexiga recrudesceu, como se o facto de pensar nela pudesse tê-la excitado.

- Também eu! - disse.

- O que podemos fazer?

- Não há nada a fazer!

- Olha para aquele filho de babuíno que parou ali para mijar diante da loja de ez-Zajjaj!

- Ah!

- Evacuar algumas gotas de urina parece-me neste momento mais importante do que evacuar os Ingleses de todo o Egipto...

- Evacuar os Ingleses de todo o Egipto? Que sumam primeiro em en-Nahhasin!

- Meu Deus!... Olha! Trazem mais gente ainda!

O sayyed viu um novo magote que caminhava para o fosso.

[133] Em árabe Bab el-Futuh, uma das antigas portas do Cairo.

[134] Em 13 de Junho de 1906 desenrolou-se nesta pequena aldeia do Delta uma tragédia que ainda perdura na memória dos Egípcios e que assinala uma viragem na história do movimento nacionalista. Cinco oficiais ingleses que aí se haviam deslocado para caçar pombos fazem rebentar um vivo protesto por parte dos habitantes. Os oficiais desprezam-no, quando um disparo inadvertido fere uma mulher. Então é a revolta. Os três egípcios e três ingleses são feridos, vindo um deles a falecer ao correr a avisar o acampamento militar. Deu-se a repressão. Quatro camponeses são condenados à forca, dois à prisão perpétua e os restantes são detidos. A sentença provocou violentas reacções no Egipto e também na Europa.

[135] Depois da derrota dos primeiros muçulmanos na batalha de Uhud, perto de Medina, em 625, os habitantes de Meca tinham

organizado uma poderosa expedição contra Medina, onde se refugiara o profeta Muhammad e os seus seguidores. Para defender o oásis, um persa (Salman Al-Faresi) sugeriu ao profeta que escavasse um fosso {Khandaq} ao longo da parte mais vulnerável. Como foi uma novidade nunca antes vista, a batalha ficou posteriormente conhecida como Batalha de Khandaq. Aquele ardil serviu para conter o ímpeto dos atacantes e garantiu a vitória dos muçulmanos em 627.

O sayyed Ahmad despertou no final da tarde. A nova da sua peripécia correrá a família e os amigos, que chegaram à sua casa e se amontoaram em seu redor felicitando-o por ter ficado vivo. Pôs-se a contar e a repetir a narração da sua história, num estilo não desprovido - apesar da seriedade do caso - de sentido de humor e de exagero, a tal ponto que suscitou toda a espécie de comentários. Amina fora a primeira a ouvi-lo. Contara-lha emocionado, esgotado, sem realmente acreditar que escapara ileso. Ela fora a única a ter direito à versão simplesmente assustadora da sua narração; mal o deixara rendido ao seu sono, ela desfizera-se em lágrimas e principiara a orar a Allah para que envolvesse a sua família dos Seus cuidados e a acolhesse na Sua misericórdia. Orara longamente, até a língua ficar exausta. Quanto a ele, quando se vira rodeado pelos seus amigos, mormente os mais íntimos como Ibrahim el-Far, Ali Abdel Rahim e Muhammad Iffat, recuperara parte do seu moral e fora-lhe impossível descurar o lado risível do acontecimento, de tal modo que este levou a melhor sobre o resto e a conversa acabou numa espécie de pilhéria, como se estivesse a contar uma das suas aventuras. Estando o andar de cima repleto de visitantes, a família juntou-se no de baixo, salvo Amina que se ocupava com Umm Hanafi da preparação do café e das bebidas. O salão via assim reunidos novamente lado a lado Yassin, Fahmi, Kamal, Khadiga e Aisha, na tradicional sessão da mãe. Khalil e Ibrahim Shawkat haviam ficado na companhia deles toda a manhã, mas subiram para o quarto do pai pouco depois do seu despertar, deixando os irmãos e as irmãs à sua intimidade. A tristeza que lhes havia causado o infortúnio que se abatera sobre o pai e os submergira ao longo de todo o dia abandonara-os com o regresso da serenidade. Os seus corações começaram então a estremecer sentimentos fraternos, lançaram-se com entusiasmo na conversa e na plácida alegria, como outrora. Não conheceram no entanto verdadeira paz enquanto não viram o pai com os seus próprios olhos. Precipitaram-se então para ele uns atrás dos outros, beijando a sua mão e desejando-lhe votos de uma longa vida e de salvação, antes de deixar o aposento numa ordem e numa disciplina militares. E, se bem que o sayyed

Ahmad Abdel Gawwad se houvesse limitado a estender a mão a Yassin, Fahmi e Kamal sem proferir uma palavra, ele sorriu a Khadiga e a Aisha, perguntando-lhes com carinho novas do estado e da saúde destas, uma brandura que só haviam obtido após o casamento e a que Kamal assistia com um espanto mesclado de júbilo, como se fosse ele o seu beneficiário. Importa dizer que Kamal era, de entre todos, quem mais feliz ficava com as visitas das irmãs, sempre que estas se realizavam. Experimentava uma felicidade intensa cuja pureza só era perturbada pela necessidade de pensar no seu inelutável fim. O sinal partia sempre de um dos dois homens - Ibrahim ou Khalil -, caso um deles se espreguiçasse ou bocejasse dizendo: "Vá, está na hora de regressarmos!" Uma ordem sem réplica! E nunca nenhuma das duas irmãs se dignava, nem que por uma vez, responder por exemplo: "Regressa tu, logo irei ter contigo amanhã!"

Todavia, com o tempo, ele habituara-se a este estranho laço que ligava as suas irmãs aos seus maridos. Conformara-se com as breves visitas que sobrevinham de tempos a tempos, para se contentar sem nada desejar mais. Não obstante isso, ele não podia evitar, por vezes, ao ver as suas irmãs chegarem, perguntar-lhes esperançado: "Se voltassem para casa para aí morar como dantes?" A sua mãe retorquia-lhe logo: "Que Allah as preserve dos teus votos caridosos!" Mas a coisa mais extraordinária que ele encontrara na vida conjugal destas fora a incrível metamorfose das barrigas... bem como os índices que as acompanhavam e pareciam ora tão assustadores como a doença ora tão estranhos como as lendas. Foi assim que convergiram para o seu espírito palavras novas como "gravidez", "desejos" ou aquelas que gravitavam em torno desta última, como "náuseas", "indisposições" ou "ingestão de diversas pastilhas". E o que se passava com a barriga de Aisha? Quando deixaria de ser tão rotunda, o que lhe dava ares de um odre entumecido? E a outra, de Khadiga, parecia, ao vê-la, que ia pelo mesmo caminho! E se Aisha que tinha a pele de alabastro e cabelos de ouro tinha desejos de argila, então o que poderia desejar Khadiga?! Mas Khadiga não confirmou as suas apreensões. Manifestou um desejo por legumes macerados em vinagre, fazendo brotar nele inúmeras perguntas que não obtiveram resposta cabal. A sua mãe dizia-lhe que a barriga de Aisha - e aquela de Khadiga por conseguinte - daria em breve à luz um bebé que seria a sua alegria e a sua

felicidade... Mas onde estava o bebê? Do que vivia? Será que ouvia e via? O que ouviria e veria? Como se achara ali? Donde vinha? No entanto, aquelas perguntas não foram descuradas, e ele obteve, relativamente a elas, respostas realmente dignas de serem integradas nos seus conhecimentos sobre os santos, os demónios, os talismãs, os amuletos e todos os assuntos de que transbordava a enciclopédia viva da sua mãe. Assim sendo, ele perguntou a Aisha, com uma curiosidade cheia de interesse:

- Então, quando é que o teu bebé sai?

- Espera um pouco! Já não falta muito - respondeu ela a rir. Nisso, Yassin perguntou-lhe:

- Estás no teu nono mês, ao que julgo?

- Sim, embora a minha sogra insista que esteja no meu oitavo mês!

- É simplesmente porque a ma sogra quer sempre ter uma opinião contrária! - replicou secamente Khadiga.

E como todos estavam a par dos conflitos que, não raro, rebentavam entre Khadiga e a sua sogra, trocaram olhares antes que uma gargalhada agitasse o grupo.

- Queria propor-vos - sugeriu Aisha - que viessem morar connosco e aí permanecessem até os Ingleses saírem da rua!

- Sim - apoiou Khadiga com entusiasmo - porque não? A casa é grande e estariam à vontade! Assim, o pai e a mãe poderiam ficar em casa de Aisha, já que ela está no andar do meio, e vocês comigo!

Kamal acolheu a proposta de braços abertos e perguntou num tom de incentivo:

- Quem fala com o pai?

Mas Fahmi disse às irmãs, encolhendo os ombros:

- Sabem perfeitamente que o pai nunca concordará!

- Sim, mas ele gosta de sair à noite correndo o perigo de se expor aos vexames dos Ingleses - replicou Khadiga triste. - Que bando de celerados! Empurrá-lo na escuridão e fazê-lo carregar terra! Ah! A cabeça fica-me tonta só de nisso pensar!

- Enquanto aguardava a minha vez de beijar a sua mão - acrescentou Aisha -, examinava o seu corpo sob todos os ângulos para me sossegar. O meu coração pulsava... os olhos estavam à beira das lágrimas... Allah amaldiçoe aqueles cães, filhos de cães!

Yassin sorriu e disse a Aisha, num tom de advertência, enquanto

olhava de esguelha para Kamal com um piscar de olhos:

- Pára de injuriar os Ingleses desta maneira, eles têm amigos entre nós!

- O nosso pai ficaria certamente encantado ao saber que os soldados que lhe caíram em cima à noite são simplesmente os amigos de Kamal! -acrescentou Fahmi, escarninho.

Aisha sorriu para Kamal e perguntou-lhe:

- Continuas a gostar deles depois daquilo que fizeram?

- Se soubessem que era o meu pai - tartamudeou Kamal corado por causa da vergonha - não o teriam importunado!

Yassin não pôde reprimir uma gargalhada retumbante e teve de tapar a boca com a mão enquanto olhava desconfiado para o tecto como se temesse que o ruído do seu riso chegasse ao andar de cima. Depois replicou a gracejar:

- Mais valia dizeres: "Se soubessem que eu era egípcio não teriam feito sofrer o Egipto e os Egípcios, mas não o sabiam!"

- Fica-te bem! - replicou Khadiga mordaz. - Vais negar que também és amigo deles?!

Em seguida, dirigindo-se no mesmo tom a Kamal:

- E tu, ainda terás coragem de ir rezar na sexta-feira em Sayyedna el-Hussein depois do que se soube acerca da ma amizade com aquela gente?

Yassin compreendeu o sentido do ataque e replicou arvorando um ar desalentado:

- É um direito teu seres insolente comigo visto que estás casada e que adquiriste certos privilégios próprios aos seres humanos...

- E antes eu não tinha este direito?

- Ah! Allah abençoe o tempo em que...! Mas o casamento devolve a alma aos pobres de espírito! Deverias prosternar-te em agradecimentos diante dos santos... dos amuletos... e das pastilhas mágicas^[136] de Umm Hanafi!

- E quanto a ti, podes acometer as pessoas como bem te aprouver agora que herdaste da defunta e fazes parte dos ricos! - redarguiu Khadiga abafando uma gargalhada.

- O meu irmão faz parte dos ricos! - exclamou Aisha com uma alegria infantil, como se nada soubesse do assunto. - Como me apraz ouvir isso! Então, é verdade, o senhor Yassin está rico?

- Deixa-me que te enumere os seus bens - retomou Khadiga. -
Escute bem, minha senhora: a loja de el-Hamzawi, o apartamento de
el-Ghuriya e a casa de Qasr esh-Shouq!

- "E contra o mal do invejoso, quando inveja!"^[137] - exclamou Yassin
meneando a cabeça e cerrando os olhos.

Mas Khadiga prosseguiu o seu discurso sem se preocupar com a sua
interrupção:

- E todas as jóias e o dinheiro escondidos, é uma maquia ainda
maior!

Yassin exclamou então, com uma expressão de sincero desgosto:

- Volatilizou-se tudo, juro-o pela ma vida! Foi roubado! O canalha
roubou-o... incitei o meu pai a perguntar-lhe se ela não havia deixado
jóias ou dinheiro e o ladrão respondeu: "Procurem-nos vocês mesmos!
Allah sabe o quanto gastei do meu próprio bolso enquanto ela esteve
doente!" Francamente, estão a ouvir isto? "Do meu próprio bolso."
Filho de lavadeira!

- Ó meu Deus! - exclamou Aisha comovida. - Uma doente acamada,
à mercê de um homem que andava atrás do seu dinheiro! Sem um
amigo, sem um ente querido. Deixou este mundo sem que ninguém a
chorasse!

- O quê? Sem que ninguém a chorasse ?! - bradou Yassin.

Khadiga apontou através de uma porta entreaberta, as roupas de
Yassin penduradas no cabide e perguntou com uma voz zombeteira:

- E este laço preto ali, não será um sinal?

- Tive deveras pena dela - replicou Yassin gravemente. - Allah tenha
piedade dela e lhe perdoe. Por acaso não nos reconciliamos no nosso
último encontro? Que Allah tenha piedade dela, lhe perdoe e a nós
também...

Khadiga baixou levemente a cabeça erguendo as suas sobrancelhas e
olhou para ele como quem espia por cima dos seus óculos:

- Ehiml Ehiml ^[138] Escutem este belo orador!

Depois, relanceando-o cismada:

- Mas... tu não dás a impressão de quem mostrou muita tristeza! Ele
desferiu-lhe um olhar furibundo.

- Louvado seja Allah, não faltei aos meus deveres para com ela! Fiz-
lhe uma cerimónia fúnebre que durou três noites. Todas as sextas-
feiras vou ao cemitério para lhe levar flores perfumadas e frutas...

Querias talvez que golpeasse o meu rosto, que gritasse e deitasse pó sobre a cabeça! A tristeza dos homens e a tristeza das mulheres são duas coisas distintas!

Ela sacudiu a cabeça, com o ar de quem diz: "Pois...pois!", e declarou suspirando:

- Falemos da tristeza dos homens! Mas..., diz-me lá, cá entre nós, a loja, o apartamento e a casa não apagaram o fogo da ma tristeza?!

Disse desdenhoso:

- Aquele que disse "cara feia, língua feia" acertou!

- E quem é que disse isso?

- A tua sogra! - respondeu ele a sorrir.

Aisha desatou a rir, ao mesmo tempo que Fahmi perguntou a Khadiga:

- As relações entre vocês as duas ainda não melhoraram?

- As coisas entre os Egípcios e os Ingleses recompor-se-ão, por certo, muito antes do que entre ambas! - respondeu Aisha no lugar da irmã.

Khadiga retornou furiosa pela primeira vez:

- Uma mulher poderosa, Allah encarregar-se-á dela... Juro por Allah que estou inocente e sou vítima de injustiça...

- Acreditamos na tua palavra sem juramento, minha irmã! - disse Yassin irónico. - Testemunharemos perante Allah no Dia do Julgamento!

Fahmi dirigiu-se de novo a Aisha:

- E tu, como vão as coisas com ela?

- Muito bem - respondeu, relanceando a medo Khadiga. Ao ouvir aquelas palavras, Khadiga exclamou:

- Falemos pois da tua irmã Aisha... Ela sabe como guiar a sua barca e curvar a cabeça!...

- Seja como for - disse Yassin, fingindo seriedade -, lamento a tua sogra e desejo-te as minhas sinceras felicidades!

- Sinceras felicidades a ti, dentro em breve, inshallah - replicou ela zombeteira -, quando desposares a tua segunda esposa! Não é?

Ele não pôde suster o riso...

- Allah te ouça!

- É verdade? - perguntou Aisha preocupada.

Ele reflectiu um momento e respondeu com alguma seriedade:

- "O crente não pode ser picado duas vezes pelo mesmo buraco!"

Mas quem sabe o que nos reserva o futuro?! Talvez uma segunda, uma terceira, uma quarta!

- Não me admirava nada! - exclamou Khadiga. - Que Allah tenha piedade do teu avô!

Todos desataram a rir, até Kamal. Aisha volveu com uma voz triste:

- Pobre Zainab! Era uma rapariga tão boa e tão simpática...

- Era...! E também era estúpida. O seu pai, como o meu, é insuportável.

Se tivesse aceite conviver comigo à minha maneira, nunca a teria abandonado!

- Não confesses tais coisas! Preserva a tua dignidade, não te exponhas aos remos de Khadiga!

- Ela só teve o que merecia! - acrescentou ele com desprezo. - Que o seu pai a deixe ficar em infusão e beba a água!

- Mas ela está grávida! Ó meu Deus! - murmurou Aisha. - Aceitarias ver o teu filho crescer longe da tua protecção para o recuperar quando fosse um miúdo?!

- Ah! Ela tocou na ferida! Crescerá sob a tutela da sua mãe como o seu pai antes. Talvez sofra tanto, ou mesmo mais! Talvez ao longo dos anos nasça nele um ódio pelo seu pai e pela sua mãe, ou seja, de qualquer modo, um sofrimento!

Depois, com semblante carregado:

- Que o seu destino seja igual ao do seu pai! É assim, não se pode fazer nada...

Depois de alguns instantes de silêncio, Kamal perguntou a Khadiga:

- E tu, irmãzinha, quando é que o teu bebé vai sair? Ela riu e respondeu palmando a barriga:

- Continua no primeiro ano da preparatória!

- Emagreceste muito, irmãzinha - prosseguiu ele inocentemente observando o seu rosto - e ficaste feia!

Todos desataram a rir tapando a boca com a mão. Riram tanto que Kamal ficou envergonhado e embaraçado. Quanto a Khadiga, que não podia decentemente levar a peito as palavras de Kamal, tomou o partido de seguir a corrente e disse a rir:

- Confesso-vos que, durante os dias em que tive os meus desejos, perdi toda a carne que durante anos Umm Hanafi se esforçara a amassar e juntar. Comecei a derreter, o meu nariz começou a

sobressair, os meus olhos a entrar dentro do meu rosto e tive a impressão de que o homem tentava em vão achar a esposa com que casara!

Depois de um breve sorriso, Yassin declarou:

- Na verdade, o teu marido é vítima da injustiça, porque, apesar da sua estupidez aparente, é um belo homem, louvado seja Quem juntou o shami ao magrebino [\[139\]](#).

Khadiga fingiu ignorá-lo e dirigiu-se a Fahmi referindo-se a Aisha:

- Ambos, o meu esposo e o dela, são tão parvos um como o outro! Quase não saem de casa, de dia e de noite. Estão ali sem se interessarem por nada, sem cuidarem de nada... O dela passa a maior parte do tempo a fumar ou a tanger alaúde como os mendigos que andam de casa em casa durante as festas. O meu só vêem estendido na cama a fumar e a tagarelar até me deixar tonta!

- Os notáveis não trabalham! - disse Aisha procurando justificar-se.

- Oh! Perdão! - exclamou Khadiga trocista. - É um direito teu defender uma tal existência! É evidente, Allah nunca reuniu dois seres tão similares como vocês os dois. Um e outro, no que toca à preguiça, à indolência e à moleza, formam cá um par! Juro pelo Profeta, senhor Fahmi, que ele passa os dias a fumar, a tocar música, enquanto a senhora se maquilha e passeia diante do espelho!

- E porque não, já que ali vê uma coisa agradável? - perguntou Yassin. Antes que Khadiga abrisse a boca, adiantou-se-lhe e perguntou-lhe:

- Diz-me, minha irmã, o que vais fazer se o teu filho for parecido contigo?

Ela já o admoestara quanto baste, pelo que lhe respondeu com um ar sério:

- Com a permissão de Allah, assemelhar-se-á ao seu pai, ou ao seu avô, ou à sua avó, ou à sua tia, mas... - rindo - , se quiser mesmo parecer-se com a sua mãe, então, mais do que Saad paxá, merecerá o exílio!

Mas, ao ouvir aquelas palavras, Kamal declarou num tom de sábio perito:

- A beleza não tem importância para os Ingleses, irmãzinha! Gostam muito da minha cabeça e do meu nariz!

Ela bateu no peito e exclamou:

- Eles fingem ser teus amigos, mas fazem pouco de ti! Que Allah lhes envie outra vez os zepelins!

- A tua prece agrada imenso a alguns... - respondeu-lhe Aisha olhando com ternura para Fahmi.

Ele sorriu e resmungou:

- Como poderia alegrar-me quando entre nós eles têm amigos que não passam de tontos?

- Tê-lo educado como o fizeste para nada!

- Há pessoas para quem a educação de nada serve!

- Acaso não pedi a Julian que nos devolvesse Saad paxá? - insurgiu-se Kamal.

- Da próxima vez, fá-lo jurar pela tua cabeça que tanto lhe agrada! - retorquiu Khadiga a rir.

Fahmi sentiu por diversas vezes que os que o rodeavam tentavam atraí-lo para a conversa e para a distração. Mas em nada atenuou a impressão que o esmagava desde o começo e o fazia sentir-se um estranho, impressão esta que muitas vezes o desligara dos seus quando se achava no meio deles, tão estrangeiro ou sozinho se sentia não obstante o número abundante de pessoas. Isolava-se com o seu coração, com a sua tristeza, com o seu entusiasmo, no meio de pessoas que se divertiam e riam... Até brincavam com o exílio de Saad paxá, caso necessário.

Olhou para eles de relance um após o outro e achou-os contentes. Aisha... tinha um ar animado, embora a sua gravidez a cansasse um pouco. Mas estava feliz com tudo, mesmo com o seu cansaço! Khadiga... petulante, risonha... Yassin... em plena forma, exuberante de alegria.

Quem de todos eles se atormentava com os acontecimentos dos últimos dias? A qual deles importava que Saad houvesse permanecido no Egipto ou sido exilado, que os Ingleses sumissem ou ficassem? Sim, ele era um estranho!... ou pelo menos um estranho no meio daquela gente! E se bem que aquela sensação encontrasse, dentro de si, uma alma conciliadora, acolheu-a porém daquela vez com furor e despeito. Talvez fosse necessário ver nisso o efeito daquilo do que padecera nos últimos dias. Esperara muitas vezes saber do casamento de Mariam. Era a sua preocupação e a sua mágoa. Todavia, afizera-se de antemão àquela ideia com a resignação do desespero. Com o tempo quase se

resignara! Isto acrescentado ao facto de o seu amor haver refluído para a orla dos seus sentimentos, mobilizado pelas grandes preocupações do momento... até acontecer o episódio com Julian. Ficara completamente abalado. Namoriscava um inglês com quem nem sequer podia aspirar casar! O que pressupunha uma tal conduta? Só podia vir de uma despudorada! Mariam, uma despudorada? Eram estes os seus sonhos de antanho? Mas se se achava a sós com Kamal, obrigava-o a contar de novo a história fazendo-o sublinhar os detalhes com precisão: "Como é que reparaste naqueles joguinhos? Onde estava situado o soldado? E tu, onde estavas? Tens mesmo a certeza de que era a própria Mariam que tu viste na lucarna? Tens a certeza que ela estava a olhar para o soldado? Viste-a sorrir-lhe?" Tens a certeza... Será que isso, será que aquilo... Então perguntava-lhe, rangendo os dentes como para esmagar a mágoa que o excruciava: "Ela recuou assustada quando te viu?" Mais tarde, demorava-se a representar para si as atitudes, uma a uma, os quadros, um a um. Imaginava longamente o sorriso até ver os lábios entreabertos, como os vira no dia do casamento de Aisha enquanto Mariam seguia a noiva no pátio da casa dos Shawkat.

- Parece que a nossa mãe não se vai sentar connosco hoje! - disse Aisha com uma voz triste.

- A casa está cheia! - replicou Khadiga.

- Receio que os soldados desconfiem desta chegada maciça de visitas e julguem que se trate de uma reunião política - disse Yassin a rir.

- Os amigos do nosso pai estão acima de qualquer suspeita! - replicou Khadiga com orgulho.

- Vi o sayyed Muhammad Iffat em pessoa entre os que haviam chegado - acrescentou Aisha.

Khadiga confirmou as suas palavras:

- Era já um amigo íntimo do nosso pai antes de termos nascido!

- O nosso pai acusou-me injustamente de ter destruído a amizade deles! - disse Yassin meneando a cabeça.

- Acaso o divórcio não separa os amigos mais queridos?!

- Exceptuando os amigos do teu pai! - replicou Yassin sorrindo.

- Quem é que levemente faria do nosso pai um inimigo seu? Por Allah, ele é único em toda a terra! - disse Aisha com orgulho.

Depois, suspirando:

- Sempre que imagino o que lhe sucedeu ontem, os meus cabelos ficam brancos!

Farta do mutismo aflito de Fahmi, Khadiga decidiu dirigir-se-lhe francamente, já que os rodeios, como o constatava, haviam fracassado. Virou-se para ele e disse:

- Então, vês, meu irmão, a graça que o nosso Deus te fez no dia em que não quis que o teu desejo por Mariam se realizasse?

Fahmi olhou para ela surpreendido e envergonhado. Logo os olhares se fixaram nele. Até Kamal levantou os olhos para ele, inquieto. Fez-se um silêncio cuja profundidade traía um sentimento inconfesso, que durante muito tempo os corações haviam dissimulado ou fingido desconhecer, até Khadiga o expressar com coragem. Observaram o jovem no silêncio de quem aguarda uma resposta, como se houvesse sido este a colocar a pergunta. Mas Yassin julgou melhor pôr um termo a isso antes que se agudizasse e fosse causa de sofrimento.

- Foi porque o teu irmão é "um santo", e Allah ama os Seus santos! - disse fingindo alegria.

Fahmi, que se debatia entre o enleio e a vergonha, volveu numa evasiva:

- É uma antiga história há muito esquecida...

- O senhor Fahmi não foi o único a ter sido ludibriado por ela - disse Aisha num tom de justificação -, todos nós o fomos!

Khadiga acrescentou para se defender, o mais que pôde, da suspeita de haver sido enganada:

- Seja como for, no que me diz respeito, nunca me convenci por um instante só, apesar de acreditar que ela está inocente, que ela fosse digna dele!

- É uma antiga história há muito esquecida... - repetiu Fahmi arvorando um ar de indiferença. Um inglês... um egípcio... Que importância tem isso... Poupem-me de tudo isso!

Yassin surpreendeu-se a pensar outra vez no "caso" de Mariam... Mariam?! Apenas olhara para ela anteriormente - caso ela passasse no seu campo de visão - de relance. Depois, o afecto que Fahmi tinha por ela incitara-o ainda mais a renunciar a ela... até o escândalo desta percorrer a família. Então, o seu interesse despertara. Interrogou-se demoradamente que tipo de rapariga seria. Quem lhe dera poder contemplá-la, sondar aquela que despertara o desejo de um "inglês";

um inglês vindo para o bairro para nos trucidar, não para cortejar as raparigas! Manifestara indignação em relação a ela tão-só para se pautar pelo tom da conversa sempre que voltava a este ponto. Mas, no seu íntimo, a presença de uma rapariga "despudorada", tão ousada, tão perto dele, tendo apenas um único muro a separá-lo dela, enlevava-o ao extremo. Aquela voluptuosidade bestial que o chamava para a caça enchia o seu largo e denso peito, ainda que se contivesse, por respeito a Fahmi que ele amava, num sentimento e num prazer negativos e abstractos. Ninguém no bairro despertava mais o seu interesse do que Mariam.

- Está na hora de ir embora! - disse Khadiga erguendo-se, enquanto as vozes de Ibrahim e de Khalil que vinham da entrada lhes chegavam.

Todos se levantaram, uns espreguiçando-se, outros ajustando as suas as suas roupas... menos Kamal que permaneceu sentado no seu lugar, os olhos erguidos para a porta do salão, pesaroso e o seu coração palpitante.

[136] Trata-se de pequenos pedaços de papel nos quais se escrevia com tinta alguns versículos do Alcorão ou fórmulas mágicas. O papel era enrolado e comprimido como uma pastilha; engoli-lo com uma bebida assegurava a imunidade.

[137] Alcorão, CXIII, versículo 5.

[138]

[139] Shami: outrora habitante da região de Sham que actualmente corresponde à Síria. Jordânia, Líbano, Israel e Palestina. Esta expressão (louvado seja Quem juntou o shami ao magrebina) é utilizada no Egipto para referir duas coisas difíceis de conciliar devido à distância/ diferença que as separa.

O sayyed Ahmad estava sentado à secretária, debruçado sobre os seus registos, atarefado com o trabalho diário que lhe fazia esquecer, mesmo que provisoriamente, as suas preocupações pessoais e as públicas, preocupações estas que semeavam no ar as notícias sangrentas. Chegara ao ponto de amar a loja como amava as reuniões amigáveis e joviais, pois, num caso como no outro, aí encontrava o que o extirpava ao inferno dos seus pensamentos. Porém, a atmosfera da loja estava toda virada para o regateio, a venda, a compra e o lucro ou outros aspectos da vida rotineira, a vida de todos os dias, de tal modo que esta não deixava de fazer nascer nele uma suspeita de confiança que lhe sugeria uma possibilidade de regresso à normalidade, ao estado inicial de estabilidade e de paz.... A paz? Para onde fora e quando lhe seria dado retornar?! Os rumores de massacres não poupavam sequer aquela loja onde circulavam num murmúrio aterrador. Os clientes não se limitavam a regatear e a comprar. As línguas destes não se cansavam de repetir as notícias, de lamentar os incidentes. Por cima dos sacos de arroz e café, ele ouvira falar da batalha de Boulaq, das chacinas de Assiut, dos enterros onde escoltavam caixões às dezenas, daquele jovem que arrancara das mãos do inimigo uma metralhadora com que quisera entrar em Al-Azhar, antes que a morte o colhesse e o seu corpo fosse trespassado por dezenas de balas. Aquelas notícias e as restantes, tingidas com a mesma cor vermelho-sangue, atingiam os seus ouvidos, a cada instante, naquele local em que se albergava em busca de esquecimento. Que desgraça era uma vida à sombra da morte! Porque não se apressava a revolução a cumprir os seus objectivos antes que o seu mal se estendesse até ele ou um dos seus?... É certo que ele não era avarento nem em dinheiro nem em sentimentos. Mas daí a imolar a sua vida, era uma outra coisa! Que castigo Allah havia infligido às suas criaturas para que tão pouca importância se desse às almas e o sangue jorrasse em profusão! A revolução deixara de ser "um espectáculo" excitante. Ameaçava a sua segurança nas suas idas e vindas. Ameaçava o seu filho "refractário". O seu entusiasmo por ela havia resfriado. A revolução em si, enquanto tal, não era o seu objectivo: continuava a

sonhar com a independência, com o regresso de Saad, mas sem revolução, sem derrame de sangue nem terror. Gritava com os que gritavam, entusiasmava-se com os entusiasmados, mas a sua razão revolvía-se na torrente que o arrastava agarrando-se à vida. E ficava sozinho no meio da corrente como um tronco de árvore cujos ramos foram arrancados pelas tempestades. Não havia coisa alguma, por maior que fosse, que pudesse diminuir o seu amor pela vida. Assim sendo, que a gozasse até ao fim! Que Fahmi imitasse a sua fé em Allah para ele poder outrossim conservar a sua até ao fim! Fahmi, o filho ingrato que se lançara na corrente sem colete de salvação...

- O sayyed Ahmad está?

A voz chegou aos ouvidos do sayyed que naquele preciso momento sentiu alguém irromper na loja qual uma bomba! Ergueu a cabeça da sua secretária e viu o sheikh Metwalli Abdes Samad no meio da loja piscando os olhos irritados e debalde esquadrinhando a extensão na sua direcção. O nosso homem sentiu que o seu coração se animava e um sorriso desabrochou sobre o seu rosto.

- Entre, sheikh Metwalli, chega-nos a bênção do céu! - disse ele ao visitante.

O rosto do sheikh descontraiu-se. Avançou baloiçando o seu busto para a frente e para trás como se cavalgasse um dromedário. Ahmad Abdel Gawwad inclinou-se e estendeu a mão até esta encontrar a do velhote. Estreitou-a, murmurando:

- A cadeira está à sua direita, sente-se, por favor!

O sheikh apoiou o seu bastão contra a secretária e sentou-se na cadeira. Depois curvou as suas mãos sobre os joelhos, dizendo:

- Allah te guarde e te proteja!

- Que feliz prece e como necessito disso! - exclamou o sayyed do fundo do coração.

Depois, voltando-se para os lados de Gamil el-Hamzawi, que estava a pesar arroz para um cliente:

- Não te esqueças de preparar o embrulho para o nosso venerado sheikh! A voz de Gamil el-Hamzawi veio do fundo da loja:

- Quem poderia esquecer o nosso venerado sheikh!

Este último abriu as palmas, ergueu a cabeça e pôs-se a rezar, entre os lábios, num murmúrio surdo do qual apenas se destacava um sibilar entrecortado. Em seguida, retomou a sua posição inicial,

observou por um instante o silêncio e declarou num tom inaugural:

- Começarei a oração pela Luz da Orientação, o nosso profeta. O sayyed Ahmad Abdel Gawwad disse com fervor:

- Que a paz mais pura e as bênçãos estejam com ele!

- Continuarei rezando a Allah para que o teu pai, abençoada seja a sua memória, obtenha a Sua misericórdia.

- Que Allah lhe conceda uma vasta misericórdia!

- Em seguida, pedirei a Allah que te bafeje com a felicidade da tua família, dos teus filhos, dos filhos dos teus filhos e dos filhos dos filhos dos teus filhos!

- Ámen!

Depois, suspirando:

- Peço-Lhe que nos devolva o nosso afanai, Abbas. Muhammad Farid e Saad Zaghlul...

- Ó Allah, atende-nos!

- E... que destrua os Ingleses pelos seus crimes passados e presentes!

- Louvado seja o Vingador, Todo Poderoso!

Ao acabar de dizer aquelas palavras, o sheikh tossiu, acariciou o seu rosto com a palma e disse:

- Vi-te nos meus sonhos agitando a mão, e mal abri os olhos resolvi visitar-te.

O sayyed exibiu um sorriso não isento de aflição.

- Não me admira - disse ele -, pois tenho uma necessidade premente da tua bênção! Que Allah a aumente a cada dia!

O sheikh inclinou o seu rosto para o sayyed com piedade e perguntou-lhe:

- É verdade aquilo que me contaram acerca do incidente da Porta de el-Futuh?

- Sim - respondeu o sayyed sorrindo - Mas quem terá falado acerca disso?

- Estava a passar pelos lados do lagar de Hamidou Ghanim. Ele fez-me sinal para parar e disse-me: "Não ouviu dizer o que os Ingleses fizeram ao teu querido sayyed Ahmad e a mim?" "Explica-te!", volvi-lhe eu, agitado. E ele contou-me aquela história incrível!

O sayyed relatou-lhe pormenorizadamente o incidente. Não se cansava de repetir a sua história. Talvez já a houvesse contado dezenas

de vezes, ao longo dos últimos dias! O sheikh pôs-se a escutá-lo atentamente enquanto em simultâneo recitava, num sussurro, o versículo do Trono [\[140\]](#).

- Tiveste medo, meu filho? Como foi o teu medo? Diz-me... Não há força nem poder senão em Allah... Mas, contentas-te com o facto de estares são e salvo? Esqueces que o medo não parte sem deixar rasto? Rezaste longamente e imploraste a salvação de Allah. É já uma boa coisa, mas... precisas de um talismã!

- E como não! Seria mais uma bênção para nós, sheikh Metwalli. E os meus filhos, e a mãe deles, não terão eles também tido medo?

- Claro que sim!... Corações débeis que não estão habituados à crueldade e ao terrorismo... Um talismã... um talismã... é nele que está a cura!

- O sheikh Metwalli é o bem e a bênção... Allah salvou-me de um grande mal, mas subsiste ainda um que me ameaça e atormenta o meu sono...

O rosto do sheikh inclinou-se de novo para o sayyed numa expressão de comiseração.

- O que aconteceu, meu filho? Que Allah te perdoe.

O sayyed olhou para o sheikh com os olhos sombrios e resmoneou enfadado:

- O meu filho Fahmi...

O sheikh levantou as sobrancelhas cinzentas, perplexo ou inquieto, e exclamou num tom de prece:

- Queira Allah que não lhe tenha acontecido nada! Ahmad Abdel Gawwad meneou a cabeça com amargura:

- Desobedeceu-me pela primeira vez! Allah assim o quis!

O sheikh Metwalli esticou os braços como que para esconjurar o infortúnio e exclamou:

- Allah não queira! Fahmi é meu filho e tenho a certeza de que está moldado no amor paterno!

- O senhor Fahmi quer à viva força fazer como os jovens nestes dias sangrentos - retomou o homem com exasperação.

- No entanto és um pai que tem autoridade, não há a mínima dúvida - respondeu o sheikh com espanto e negação. - Não imaginava que qualquer dos teus filhos se pudesse opor às tuas ordens!

Aquelas palavras fizeram sangrar o seu coração e confrangeram-no.

Depois foi tomado pelo desejo de diminuir a desobediência do filho para, ante o sheikh e ante si mesmo, defender a sua pessoa da suspeita de fraqueza. Acrescentou:

- É evidente que não teve este atrevimento de forma declarada! Simplesmente, pedi-lhe que jurasse sobre o Alcorão que não participaria em nenhuma acção revolucionária e ele começou a chorar... a chorar sem ousar dizer "não". O que posso fazer? Não posso trancá-lo em casa, nem vigiá-lo na faculdade! Tenho medo que a corrente destes últimos dias seja demasiado possante para que um rapaz como ele lhe resista. Que posso fazer? Ameaçar bater-lhe? Bater-lhe mesmo? Mas de que serviriam ameaças diante de alguém a quem pouco importa morrer!

O sheikh passou a mão sobre o rosto e inquieto perguntou:

- Meteu-se nas manifestações?

- Claro que não! - respondeu o sayyed encolhendo os ombros largos.

- Mas anda a distribuir panfletos! Quando o obriguei a confessar, disse que se limitava a distribuí-los entre os seus amigos mais íntimos.

- Que precisão tem ele de se dedicar a semelhantes coisas! É um rapaz que nunca se meteu em sarilhos, como o pai. Há pessoas de outro jaez para isso! Acaso não sabe que os Ingleses são selvagens, que têm corações ferinos desprovidos de toda a compaixão, que de manhã à noite se empanturram com o sangue dos pobres Egípcios? Fala-lhe amavelmente, faz-lhe o sermão, fá-lo distinguir a luz e a escuridão, diz-lhe que és o pai dele, que o amas e que receias por ele. No que me toca, farei um talismã especial e pedirei por ele nas minhas orações, sobretudo na da alvorada. Allah é o nosso eterno socorro...

O sayyed retomou aflito:

- As notícias das vítimas circulam de hora em hora, peçadas de avisos para quem quer lhes prestar atenção! Mas quem lhe fez perder a razão? O filho de el-Fouli, o leiteiro, desapareceu num abrir e fechar de olhos. Assistiu ao seu funeral comigo, deu os seus pêsames ao pobre pai. Eis como tudo aconteceu: aquele jovem estava a entregar tigelas de leite coalhado.

Em caminho deparou-se com uma manifestação. E o destino instigou-o a participar nela irreflectidamente. Resultado, não havia ainda transcorrido uma hora quando tombava na praça de Al-Azhar. Não há força nem poder senão em Allah! Por certo somos de Allah e

por certo a Ele retornaremos! [\[141\]](#)

Como demorava a regressar, o pai começou a ficar alarmado e dirigiu-se aos clientes para interrogá-los. Alguns diziam-lhe que o filho passara em casa deles com o leite coalhado e partira. Outros, que ele não passara em casa deles, contrariamente ao seu hábito... depois ei-lo na loja de Hamrouch, o vendedor de konafa [\[142\]](#).

Aí encontrou a travessa com as tigelas que não haviam sido entregues. O homem informou-o que o seu filho as deixara na sua loja para se juntar à manifestação da noite. O pobre enlouqueceu e encaminhou-se de imediato para a esquadra de el-Gammaliyya.

Enviaram-no para Qasr el-Aini [\[143\]](#) onde encontrou o filho na morgue.

Fahmi soube a história dele com todos os detalhes da própria boca de el-Fouli quando estávamos em casa deste dando-lhe os nossos pêsames. Soube como o jovem desapareceu como se nada fosse. Sentiu a dor atroz do pai, ouviu os prantos da família. O infeliz morreu, e isso não fez regressar Saad paxá nem expulsou os Ingleses. Se fosse uma pedra, compreenderia..., mas é o melhor dos meus filhos... Louvado seja Allah!

- Conheço aquele pobre rapaz - disse o sheikh Metwalli, numa voz lamentosa. - É o filho mais velho de el-Fouli, não é? O seu avô era burri-queiro e eu alugava sempre o seu burro para ir em peregrinação a Sidi Abou es-Soud. El-Fouli tem quatro filhos mas aquele que morreu era o mais querido!

Ao ouvir aquelas palavras, Gamil el-Hamzawi imiscuiu-se pela primeira vez na conversa:

- Estamos a viver dias de loucura! As pessoas estão ensandecidas, mesmo os mais jovens. Ontem, o meu filho Fuad declarou à mãe que gostaria de participar numa manifestação!

- "Os pequenos fazem asneiras e os crescidos atolam-se nelas!" - respondeu o sayyed Ahmad Abdel Gawwad agoniado. - O teu filho Fuad é um colega do meu filho Kamal. Ambos frequentam a mesma escola. Estás a vê-lo... ou a vê-los, aos dois, meterem-se numa manifestação? Hoje em dia já nada me surpreende!

El-Hamzawi volveu, deplorando as suas palavras canhestras:

- Não estamos aí, meu senhor! Aliás, corrija-o sem dó pelas suas ingénuas esperanças. E ademais Si Kamal sai unicamente acompanhado por Umm Hanafi. Que Allah o proteja!

O silêncio caiu de novo. Só se ouvia na loja o papel que el-Hamzawi dobrava para embrulhar a prenda do sheikh Metwalli Abdes Samad. Este último suspirou:

- Fahmi é um jovem cordato, não deve dar aos Ingleses pretexto para que o humilhem! Os Ingleses! Allah é o nosso defensor! Não ouviste aquilo que fizeram em el-Aziziyya e em el-Badrashin?

Ahmad Abdel Gawwad achava-se num tal estado de angústia que lhe era impossível qualquer sincero desejo de interrogá-lo, além de não contar com nada diferente do que chegava aos seus ouvidos naqueles últimos tempos. Limitou-se a levantar as sobrancelhas fingindo-se interessado e o sheikh principiou o seu relato:

- Anteontem estava a visitar o meu nobre e estimado Shaddad bey Abdel Hamid no seu sumptuoso palácio de el-Abbassiyya. Havia-me convidado para o almoço e o jantar, e eu havia-lhe oferecido talismãs para ele e as pessoas da sua casa e foi aí que ele me contou a história de el-Aziziyya e de el-Badrashin...

O sheikh fez uma pausa e Ahmad Abdel Gawwad perguntou:

- O célebre vendedor de algodão?

- Sim, Shaddad bey Abdel Hamid, o mais importante vendedor de algodão! É provável que tenhas conhecido o filho dele, Abdel Hamid bey Shaddad? Houve um tempo em que era muito ligado ao sayyed Muhammad Iffat...

O sayyed Ahmad Abdel Gawwad declarou pausadamente, para ter tempo de meditar:

- Lembro-me, vi-o uma vez no círculo dos amigos do sayyed Muhammad Iffat... antes do começo da guerra. Depois ouvi dizer que o haviam afastado do país depois da destituição do nosso afandi. Há notícias dele?

O sheikh Metwalli respondeu, num tom precipitado passageiro, como pondo os seus comentários entre parêntesis, para voltar o mais rapidamente possível ao seu relato inicial:

- Continua afastado do país. Vive actualmente na França com a esposa e os filhos. Shaddad bey tem um medo terrível de morrer sem voltar a ver o filho nesta terra!

Calou-se de novo. Depois pôs-se a sacudir a cabeça da direita para a esquerda e disse numa voz melodiosa como se entoasse os primeiros versos de um canto ao profeta:

- Por volta das duas ou três horas depois da meia-noite, estando as pessoas a dormir, algumas centenas de soldados britânicos armados até aos dentes cercaram as duas aldeias...

O sayyed Ahmad ficou atento de forma aguda.

- Cercaram as duas aldeias enquanto as pessoas dormiam?

"Acaso aqueles 'cercantes' não seriam do género dos que acamparam diante da nossa casa? Começaram por me importunar, o que mais estarão a urdir?!"

O sheikh bateu no joelho, como se o seu canto principiasse a alterar o ritmo^[144] e voltou:

- Irromperam em casa dos dois chefes de aldeia e ordenaram-lhes que entregassem as armas. Depois passaram para o harém onde roubaram todas as jóias, ultrajaram as mulheres e as arrastaram pelos cabelos para fora, enquanto elas debalde gritavam e pediam socorro. Ó Allah tem piedade das Tuas miseráveis criaturas!

- As casas dos dois chefes da aldeia! Mas o chefe da aldeia é uma figura do governo, que eu saiba! Eu não sou chefe de aldeia e a minha casa não é uma sede da chefia! Sou apenas um cidadão igual aos outros. O que é que eles podem fazer com pessoas como nós, nesta matéria? Está a imaginar Amina arrastada pelos cabelos? Será que estou condenado a ter de aspirar à loucura? A loucura?

O sheikh prosseguiu o seu relato, meneando a cabeça:

- Em seguida, obrigaram os dois chefes da aldeia a indicar-lhes as casas dos sheikhs das duas aldeias e os seus notáveis, após o que as tomaram de assalto, arrombando as portas. Aí, roubaram todos os objectos de valor... violentaram de uma forma bárbara as mulheres depois de terem morto as que haviam tentado defender-se. Por fim, espancaram até à morte os homens antes de sumirem, sem aí deixar um só objecto de valor nem uma só honra... Para o diabo os objectos de valor... "Nem uma só honra..." Onde está a piedade de Allah? Onde está a Sua vingança? O dilúvio... Noé... Mustafa Kamel... Imaginem! Como é que uma mulher poderá viver debaixo do mesmo tecto que o seu esposo na sequência disso? Que crime terá ela cometido? E o que será dele!

O sheikh bateu três vezes nos joelhos e depois retornou ao seu relato. A sua voz começara a tremer e agora mais parecia um soluço:

- Deitaram fogo às duas aldeias com auxílio de toda a madeira e

palha que puderam encontrar no telhado das casas, as quais regaram com petróleo. As aldeias vizinhas acordaram num pânico medonho. Os habitantes fugiam das casas como tresloucados. Ouviam-se gritos e lamentos. Entretanto as chamas alastravam-se por toda a parte, até as duas aldeias não passarem de um imenso braseiro...

- Ó Allah dos céus e da terra! - bradou Ahmad Abdel Gawwad involuntariamente.

O sheikh prosseguiu:

- Em seguida os soldados cercaram à distância as duas aldeias em chama e aguardaram, emboscados, os infelizes aldeões que corriam sem ramo, em todas as direcções, seguidos pelas ovelhas, pelos cães e pelos gatos que tentavam escapar ao fogo. Assim que atingiram o local onde estavam os soldados, estes atiraram-se sobre os homens enchendo-os de pontapés e murros, e retiveram as mulheres para lhes roubar as suas jóias e violá-las. Caso alguma resistia era morta. Se um esposo ou um irmão esboçasse o mínimo gesto para defendê-las, era baleado...

Depois, o sheikh Metwalli virou-se para o sayyed atónito e bateu as mãos gritando:

- Por fim conduziram as restantes vítimas para um acampamento próximo e aí forçaram-nos a assinar um papel onde estavam redigidas as confissões de crimes que não haviam cometido, a reconhecer que aquilo que os Ingleses lhes haviam infligido era tão-só o justo castigo pelos seus actos. Eis o que se passou em el-Aziziyya e el-Badrachin, sayyed Ahmad! Eis um exemplo, entre outros, dos suplícios que nos impõem sem dó nem piedade. Ó Allah, és disso testemunha...

Seguiu-se um silêncio doloroso e aflito, durante o qual cada um voltou aos seus pensamentos solitários, às suas imaginações, até ao instante em que Gamil el-Hamzawi o rompeu, clamando:

- O Nosso Deus existe!

- Oh! Sim! - exclamou o homem, apoiando as suas palavras. Depois indicando com o dedo os quatro cantos da loja:

- Em todo o lado!

Então o sheikh dirigiu-se-lhe nestes termos:

- Diz a Fahmi que o sheikh Metwalli o aconselha a manter-se apartado dos locais perigosos. Diz-lhe que confie em Allah o seu Deus, o único capaz de fazer perecer os Ingleses como todos os que, antes

deles, quebraram o ceptro da Sua autoridade!

Depois, inclinou-se para agarrar no seu bastão e o sayyed Ahmad Abdel Gawwad fez um aceno a Gamil el-Hamzawi para que lhe trouxesse a prenda. O homem colocou-a na mão do sheikh e ajudou-o a levantar-se. O velhote estreitou a mão dos dois homens e afastou-se dizendo:

- "Os Romanos foram vencidos na terra mais próxima. E eles, após sua derrota, vencerão."^[145] Deus imenso, a Tua palavra é verdade!...

^[140] Alcorão, II, versículo 255.

^[141] Alcorão, II, versículo 156.

^[142] Doce que consiste numa espécie de aletria muito fina, cozida numa chapa encandecida e temperada com açúcar, manteiga, mel, nozes e amêndoas.

^[143] Qasr el-Aini é o maior hospital do Cairo, situado na margem oriental do Nilo, por trás do bairro de es-Sayyeda Zainab, frente à extremidade setentrional da ilha de Rouda.

^[144] Os músicos árabes e turcos tinham, até ao começo do século XX, o hábito de sublinhar os ritmos árabes caracterizados pela sucessão de tempos fortes e fracos com batidas das mãos sobre os joelhos acompanhadas por uma onomatopéia.

^[145] Os músicos árabes e turcos tinham, até ao começo do século XX, o hábito de sublinhar os ritmos árabes caracterizados pela sucessão de tempos fortes e fracos com batidas das mãos sobre os joelhos acompanhadas por uma onomatopéia.

Ao fim da noite, à hora em que suavemente a escuridão da alvorada dava à luz o dia, uma criada vinda de es-Sukkariyya bateu à porta do say-yed Ahmad e informou Amina de que Aisha sentia as primeiras dores do parto. Amina, que estava então na sala do forno, entregou as tarefas a Umm Hanafi e precipitou-se para a porta da escada. Umm Hanafi pareceu resignada, talvez pela primeira vez na história dos seus longos anos de serviço naquela casa. Acaso não teria direito de assistir ao parto de Aisha? Tinha todo o direito! Tanto como Amina! Aisha abria os olhos para a vida nos seus braços. Naquela casa cada criança tinha duas mães: Amina e Umm Hanafi. Como podiam separá-la da sua menina numa hora tão terrível?

"Lembras-te do teu parto? Do apartamento de et-Tombakshiyya?..." O esposo havia saído como sempre e ela achava-se sozinha depois da meia-noite... Umm Hussniyya fora não só uma amiga mas uma parteira. Estaria Umm Hussniyya ainda viva? Fora assim que Hanafi viera ao mundo, depois dos gemidos de dor. Depois abandonara este mundo... ainda no berço, também no meio dos gemidos de dor... Caso tivesse vivido, hoje seria um filho com vinte anos! "E pensar que a minha pequena senhora está a sofrer e eu estou para aqui a confeccionar a refeição!"

Uma alegria a que se mesclava o medo encheu Amina. Uma sensação que já havia feito estremecer o seu coração pela primeira vez no dia em que ela própria enfrentara a provação. Eis que por sua vez Aisha se aprontava a acolher um primeiro filho para com ele inaugurar a sua maternidade, tal como ela inaugurara a dela com Khadiga. Assim a vida que dela jorrara se perpetuava num destino infinito!

Foi ter com o sayyed e anunciou-lhe a boa nova num tom delicado e educado, forçando desta vez o seu pudor e a sua cortesia com receio de que ele pudesse ler em transparência o seu desejo intenso de ir ter com a filha. Mas o sayyed recebeu placidamente a notícia e ordenou-lhe que partisse sem demora! Apressou-se a vestir as suas roupas sentindo que os privilégios que adquire uma fraca mulher como ela pelo simples facto de ter dado à luz são susceptíveis de operarem milagres. Os irmãos souberam da notícia ao despertarem, pouco depois da partida

da mãe.

Um sorriso iluminou o rosto deles e trocaram um olhar interrogador. Aisha mãe! Não é incrível? Mas, afinal, o que havia de extraordinário nisso?

"A nossa mãe era mais nova do que ela no dia em que pariu Khadiga! É verdade, ela partiu para fazer sair a criança com as suas próprias mãos? Ora, já vejo dois que sorriem! Aquilo, é para mim! Dentro de pouco tempo a outra filha de cão vai parir também... De quem é que estás a falar? De Zainab?... Ah! Se o teu pai te ouvisse! Aisha, mãe, e eu, pai. E eu, tio materno e paterno, em simultâneo! Tu também, Si Kamal, vais ser tio duas vezes... Hoje tenho de faltar às aulas para ir ver a irmãzinha Aisha. Excelente ideia! Se tiver coragem, pedirei autorização ao pai durante o pequeno-almoço! Estamos mesmo a precisar de nascimentos para repor as perdas que os Ingleses nos infligiram! Aliás, se faltar às aulas, não será nenhum evento! Os três quartos dos alunos estão em greve há mais de um mês. Diz isso ao pai! Ele ficará por certo convencido com o teu argumento e atirar-te-á o prato de fowl à cara! Um recém-nascido. Dentro de uma hora ou duas, o pai será avô, a mãe, avó e nós tios! Não é pouca coisa! Quantas crianças, acham, estarão a nascer neste instante? E quantos seres humanos neste dia no mesmo momento apagar-se-ão? É necessário avisar a avó! Eu poderia muito bem ir a el-Khoronfish para lho dizer, se faltasse às aulas. Já te dissemos que não temos nada a ver com a tua escola! Fala com o pai, acolherá a toa ideia de braços abertos! Talvez Aisha esteja a sofrer neste preciso momento! Pobre querida. As contracções do parto não poupam ninguém, nem mesmo os cabelos de ouro e os olhos azuis! Allah queira que corra tudo bem! Então, beberemos o mughat^[146] e acenderemos as velas.

Será menino ou menina? O que é que tu preferes? Um rapaz, é claro! Começará, talvez, por uma menina como a sua mãe! E porque não começaria por um rapaz, como o seu pai? Quando for a hora de sair da escola, a criança terá já nascido e nem sequer poderei assistir ao seu nascimento! Queres mesmo vê-lo nascer! Claro! Melhor farias se guardasses este teu desejo para mais tarde, até que o recém-nascido seja o teu próprio filho!"

Kamal foi quem ficou mais comovido com a notícia. Ocupou-lhe o pensamento, o coração e a imaginação e, se não fosse a sensação de

que o vigilante estava de olho nele na escola e registava os seus mais insignificantes gestos para relatá-los ao seu pai, não teria resistido à tentação que o incitava a ir até es-Sukkariya. Assim sendo manteve-se na escola como um corpo sem alma. A sua alma estava em es-Sukkariyya e interrogava-se acerca do recém-chegado cuja chegada durante meses havia espiado, prometendo a si mesmo elucidar o mistério. Certa vez, vira uma gata parir. Naquela época, tinha apenas seis anos. Chamara a sua atenção por causa dos seus mios dilacerantes. Ele precipitara-se para ela sob os entrelaçados da hera no terraço e achara-a que se contorcia de dor, com os olhos exorbitados. Depois vira o seu corpo separar-se de um pedaço de carne viva e ele recuara, enojado, gritando com todas as suas forças. Aquela lembrança veio rondar de novo a sua imaginação, e dominou-a de tal modo que despertou o nojo do passado e envolveu-o de forma tão cansativa e angustiante como o nevoeiro. Mas não se deixou avassalar pelo medo. Recusava conceber que pudesse existir qualquer outra ligação entre Aisha e aquela gata para além da distância entre o animal e o ser humano, uma distância que, na sua íntima convicção, era mais vasta do que aquela que separa o céu da terra. Mas então o que se passaria ao certo em es-Sukkariyya? De que extravagância seria Aisha vítima? Havia ali questões perturbadoras que ficavam por responder...

Mal deixou a escola no final da tarde, deitou a correr para es-Sukkariya. Entrou no pátio da casa dos Shawkat, arquejante, dirigiu-se directamente para a porta do harém e espreitou de passagem para a sala de estar onde os seus olhos casualmente se cruzaram com os do seu pai, sentado, os dedos cruzados por cima do castão da sua bengala plantada entre as suas pernas. Estacou, petrificado, de olhos esbugalhados, como que hipnotizado, sem nada dizer, sem esboçar um movimento, invadido por um sentimento de culpa inexplicável. Ficou a aguardar que o castigo lhe caísse sobre a cabeça, enquanto nos seus membros escorria o fluido glacial do medo, até que o pai começou a conversar com uma pessoa que estava sentado ao seu lado. Ao passo que se virava para esta, Kamal desprende os olhos do pai, engolindo a saliva. Avistou então no interior da sala de estar Ibrahim Shawkat, Yassin e Fahmi, antes de se escapulir para o interior da casa.

Subiu as escadas num rompante e alcançou o andar de Aisha. Empurrou uma porta entreaberta, entrou e encontrou-se cara a cara

com Khalil Shawkat, o esposo da irmã, em pé no salão. A porta do quarto de dormir estava fechada. Atrás desta, emanavam vozes, entre as quais reconheceu as da mãe, da viúva do falecido Shawkat e uma terceira que não conhecia. Cumprimentou o esposo da sua irmã e perguntou-lhe, com um sorriso nos olhos:

- A irmãzinha Aisha já deu à luz?

O jovem pousou o seu indicador sobre os seus lábios em sinal de advertência.

- Chiu!

Kamal percebeu que Khalil não apreciara muito a sua pergunta, nem mesmo a sua vinda, como era habitual! Ficou envergonhado e sentiu uma angústia inexprimível. Quis aproximar-se da porta fechada mas a voz de Khalil deteve-o logo, gritando-lhe num tom seco que dizia o seu agasta-mento.

- Não!

O garoto virou-se para ele, interrogando-o, mas o homem gaguejou:

- Menino, desce, vai brincar lá em baixo!

O miúdo ficou completamente desalentado. Recuou, relutante, abatido e triste por ser tão modicamente recompensado pela espera excruciante de todo o dia. Quando chegou ao limiar da porta do salão, uma voz singular que vinha do quarto fechado chegou aos seus ouvidos. Num primeiro instante, aguda, penetrante e poderosa, quebrou-se num repente e foi enfraquecendo até sufocar e terminar num longo e pungente arquejo. Em seguida, extinguiu-se, até que o sopro interrompido retomasse, antes de soltar um gemido cavo e lamuriento. Pareceu-lhe estranha como se ele não soubesse de quem provinha, mas uma das suas inflexões agonizantes sobressaiu naquele fundo de agudos, de rouquidão e de estertor que traíam a identidade do seu emissor. Era a voz de Aisha, não restavam dúvidas, ou melhor, de uma Aisha dereetida, liquefeita. Aquela impressão foi-lhe corroborada quando depois se repetiu o gemido profundo e plangente. Um tremor percorreu todos os seus membros, parecia-lhe que a via contorcendo-se num estado de sofrimento que lhe lembrou a gata de outrora. Voltou-se para Khalil e viu-o que contraía e distendia o punho, murmurando: "Ó Allah Todo Piedoso!" E de novo teve a impressão de que o corpo de Aisha se contraía e se distendia à semelhança da mão do seu esposo. Perdeu todo o domínio de si e

deitou a correr para fora do quarto, a chorar. Ao chegar à porta do harém, um tropear de passos que desciam atrás dele chamou a atenção do seu ouvido. Levantou a cabeça e viu a criada Suwaidan que descia num frenesim. Passou à sua frente sem se importar com a sua presença e parou no limiar da porta do harém chamando o seu amo Ibrahim: "Louvado seja Allah, senhor!" Nada mais disse e, sem esperar pelas reacções, virou costas e precipitou-se para a escada que subiu com um passo decidido. Ibrahim regressou à sala de estar, o semblante exultante e Kamal ficou sozinho sem saber o que fazer. Mas, ao cabo de um minuto, Ibrahim ressurgiu seguido pelo sayyed Ahmad, Yassin e Fahmi. O garoto encostou-se para os deixar passar e subiu a escada atrás destes, com o coração a palpar. Khalil acolheu os que chegavam à entrada do apartamento e Kamal ouviu o seu pai que dizia:

- Louvado seja Allah, ela está bem...

- Louvado seja Allah, em todo o caso! - tartamudeou Khalil pesaroso.

- O que tens tu? - perguntou-lhe o sayyed Ahmad Abdel Gawwad apreensivo.

- Vou chamar um médico - respondeu baixinho o jovem. E o sayyed ansioso:

- A criança?

- Aisha! - respondeu Khalil com um menear de negação da cabeça. - Não está muito bem. Volto já com o médico.

E partiu, deixando atrás de si uma consternação e uma ansiedade evidentes. Em seguida, Ibrahim Shawkat convidou-os a entrar no salão e eles para lá se dirigiram em silêncio. A viúva do falecido Shawkat pouco depois veio ter com eles, cumprimentou o grupo com um sorriso para reconfortar os corações e disse sentando-se:

- A pobrezinha sofreu durante muito tempo até as suas forças a desampararem. Mas é um estado temporário, desaparecerá daqui a nada. Estou certa do que digo. Na verdade, o meu filho parecia hoje muito assustado, ao contrário do que é habitual. Seja como for, a vinda do médico não lhe pode fazer mal!

Depois, falando para si, baixinho, num tom de confiança:

- O médico é Allah e Allah é o médico!

O sayyed não conseguiu conter-se por mais tempo à gravidade e à

fria apatia que normalmente demonstrava na presença dos filhos, e perguntou com uma voz angustiada:

- O que é que ela tem? Posso vê-la? A mulher sorriu:

- Hás-de vê-la daqui a pouco, quando estiver totalmente recomposta. A culpa é do doido do meu filho que fez com que ficassem preocupados sem razão alguma...

Havia por trás do largo e sólido peito, por trás da inexorável e terrível sisudez, um coração que sofria imenso. Havia por trás dos olhos insensíveis e severos lágrimas reprimidas... "Que mal se abatera sobre a jovem? Um médico? Porque se recusava a velha a deixar-me vê-la? Um sorriso carinhoso, uma palavra meiga, vindos de mim, sobretudo se vindos de mim, poderiam mitigar as suas dores. Casamento e esposo e dor. Nunca em minha casa conheceu a amargura da dor! Querida, linda e pequena menina... Ó Allah, tem piedade! A vida tem um sabor amargo quando o menor mal os ameaça! Vejo Fahmi, no seu canto, aflito e magoado... Saberá ele o que significa a dor? Como poderia ele conhecer o coração de uma mãe? A velha está tranquila, confia no que assevera. O seu filho fez com que nos preocupássemos para nada. Ó Allah, aceita que assim seja! Sabes perfeitamente em que estado me encontro, salva-a como me salvaste dos Ingleses...O meu coração não resiste a esta dor! Allah é misericordioso. Protegerá os meus filhos contra todos os males. Sem isso, a vida não teria sentido! A alegria, a jovialidade, o divertimento não mais teriam sabor se um espinho pontiagudo se cravasse no meu flanco. O meu coração reza pela salvação deles. Pois é o coração de um pai e somente um homem sem cuidados pode deleitar-se com os prazeres. Conversarei com os meus amigos esta noite com um coração feliz? Gostaria, ao rir, que o meu riso jorrasse estreme do fundo do meu coração. Um coração angustiado é como uma corda mal afinada. Já me basta Fahmi! Persegue-me como uma dor de dentes. Como a dor é abominável! Ah! Quem me dera um mundo sem dor, nada há que seja demasiado pedir a Allah! Um mundo sem dor, ainda que transitório. Um mundo onde conheceria a felicidade junto deles. Aí, poderia rir, cantar e divertir-me! Ó Allah Todo Misericordioso! Aisha, ó Allah Todo Misericordioso!"

Após uma ausência de vinte minutos, Khalil voltou com o médico. Os dois homens entraram de imediato no quarto, e a porta fechou-se

sobre eles. O sayyed soube da vinda destes, levantou-se e dirigiu-se para a porta do salão, estacando na soleira por um instante alongando o olhar para os lados da porta fechada, e depois regressou ao sofá e sentou-se.

- Vais ver como eu tinha razão no que dizia, logo o médico comece a falar! - exclamou a viúva do falecido Shawkat.

- Allah tem o perdão! - resmoneou o sayyed erguendo a cabeça.

Não tardaria a saber em breve a verdade e sairia da cerração da incerteza, sejam quais forem as consequências. O seu coração batia acelerado, sem cessar. Que tenha paciência! Só mais uns minutos! Já que a sua fé em Allah é tão forte, tão profunda e inalterável, que confie n'Ele! O médico acabará, mais cedo ou mais tarde, por sair daquele quarto. Então, perguntar-lhe-ás qual a sua íntima convicção. O médico? Nunca pensara nisso antes! "Um médico junto de uma parturiente! Frente a frente com a vulva... Não é? Mas é um médico! Que remédio! O importante é que Allah ajude a pequena. Imploremos-Lhe a salvação!"

Para além da sua angústia, o sayyed sentia vergonha e indignação. O exame durou quase vinte minutos e depois a porta abriu-se. O sayyed levantou-se e dirigiu-se logo para o salão. Os seus filhos seguiram-no e rodearam o médico. Este era um conhecido do sayyed. Estreitou-lhe a mão e disse-lhe:

- Está muito bem!

Depois com alguma seriedade:

- Trouxeram-me aqui para a parturiente mas pude constatar que aquela que precisa mesmo de cuidados é a recém-nascida!

O sayyed suspirou de alívio pela primeira vez desde há cerca de uma hora e perguntou, o rosto iluminado por um sorriso enternecido:

- Então, posso fiar-me na tua promessa?

- Claro - respondeu o médico surpreendido - mas... a tua neta não te preocupa?

- Ainda não estou habituado aos deveres de avô! - respondeu o sayyed com um sorriso.

- Podemos ter esperanças de que ela viva? - perguntou Khalil. O homem respondeu franzindo o sobrolho:

- É Allah quem determina os nossos dias... Mas... achei o seu coração fraco. É muito provável que morra ainda esta noite. Se por um

feliz acaso conseguir passar a noite sem complicações, terá ultrapassado tão-só o perigo aparente. Mas não penso que viva por muito tempo. Na minha opinião, ela não irá além dos seus vinte anos... Mas quem sabe? É Allah quem determina os nossos dias!

Quando o médico partiu, Khalil virou-se para a mãe, com um ténue sorriso de lamento nos lábios e disse-lhe:

- Pretendia chamá-la Naima, como tu!

A mulher respondeu, erguendo a mão em sinal de censura:

- O próprio médico disse que é Allah quem determina os nossos dias. Acaso serás menos crente do que ele? Chama-la Naima em minha honra! Inshallah, viverá tanto quanto a sua avó!

O sayyed falava para si: "Aquele imbecil fez vir o médico para lhe mostrar a esposa inutilmente! Pois é, para nada! Que imbecil!"

Depois, não podendo soffrear por mais tempo a sua cólera, disse, enco-brindo-a sob um tom gentil:

- É verdade, o medo faz com que os homens percam o discernimento. Não achas que poderias ter ponderado um pouco antes de te precipitares e trazeres um estranho para mirar a tua mulher?

Khalil não respondeu. Limitou-se a fitar todos os que estavam presentes em seu redor e declarou com seriedade:

-Aisha não pode saber aquilo que o médico disse!

[146] O mughat é uma bebida espessa que é servida aos convidados depois de um parto. É composta por alforba, coco, manteiga e amêndoas moídas.

- O que se está a passar na rua? - Interrogou-se o sayyed Ahmad levandando-se apressadamente atrás da sua secretária, antes de se dirigir para a porta da loja, seguido por Gamil el-Hamzawi e alguns clientes. A rua de En-Nahhasin não era uma rua sossegada. Era tudo menos isso! O seu ruído ensurdecedor que nascia com a alvorada só abrandava um pouco antes daquela do dia seguinte. Os pregões dos vendedores ambulantes, o regateio dos clientes, as invocações dos magdhubin ^[147], os gracejos dos transeuntes fundiam-se aí numa combinação de vozes agudas.

Falava-se aí como quem apregoa. As perguntas mais íntimas penetravam os menores recantos, alteavam-se até aos minaretes, isto para além do estrépito crescente que vinha do ranger dos suares ou do martelajar das carroças. Não era de modo algum uma rua sossegada. Contudo, um clamor súbito elevou-se. De início, longínquo como o bramir das ondas, começou a inflar, a amplificar-se até se assemelhar ao sibilar plangente do vento, quando já havia cercado todo o bairro, nas proximidades e na distância. Parecia estranho, invulgar, mesmo naquela rua gritante. O sayyed Ahmad julgou que se tratava de uma infrene manifestação, dado ser algo normal para um homem vivendo naqueles dias. Mas no meio daquele alvoroço, retiniram aos seus ouvidos trinados que anunciavam alegria. Intrigado, o homem avançou até à soleira da porta, e, mal alcançou esta, esbarrou no sheikh do seu bairro que corria impelido pelo seu regozijo, com o rosto que irradiava alegria:

- Já sabe da novidade?

- Não! - respondeu o homem, com o olhar coruscante de optimismo, antes mesmo de ter ouvido o que fosse. - O que está a esconder de tão bom?

- Saad paxá foi libertado! - gritou o homem com entusiasmo.

- A sério?! - não pôde deixar de exclamar o nosso homem num grito. O sheikh do bairro retomou num tom convicto:

- Allenby ^[148] acabou de divulgar agora mesmo um comunicado que trazia esta boa nova!

No instante seguinte, abraçaram-se. O sayyed Ahmad sentiu a

emoção que subia nele e os olhos inundaram-se-lhe de lágrimas. Depois, rindo para ocultar a sua perturbação, disse:

- Até agora tinha-nos sobretudo acostumado aos seus ultimatos, não às boas notícias! O que é que o fez mudar, ó filho da velha?

- Glória a Allah, Ele é imutável! - respondeu o sheikh. Apertou a mão do sayyed e abandonou a loja bradando:

- Allah é o maior. Allah é o maior. Vitória aos crentes!

O sayyed Ahmad Abdel Gawwad permaneceu em pé na soleira da loja passeando o olhar pelos quatro cantos da rua com um coração que regressara à inocência e à alegria da infância. Observava os sinais da feliz notícia em todos os sítios..., nas lojas cujos proprietários e seus clientes no meio de congratulações obstruíam as entradas, nas janelas onde se apinhavam os jovens e cujas persianas deixavam coar trinados; nas manifestações que se haviam formado espontaneamente entre en-Nahhasin, es-Sagha e Beit el-Qadi, cujas conclamações de Saad, Saad, Saad e ainda Saad exalçavam-se dos corações; nos minaretos cujos muezzins haviam subido aos balcões para agradecer a Allah, orar e gritar por sua vez; nas carroças que se agrupavam às dezenas e onde se amontoavam centenas de mulheres cobertas pelas grandes melayas, dançando e entoando em coro os cantos patrióticos. Só se avistava humanos ou melhor dizendo tudo era um clamor humano. O solo, os muros, haviam sumido sob a multidão. A aclamação de Saad elevava-se em toda a parte, como se a atmosfera se houvesse transmudado num enorme disco que incessantemente girasse e repetisse o seu nome. Em seguida, a notícia segundo a qual os Ingleses começavam a reunir os acampamentos dos cruzamentos e se preparavam a partir para el-Abbassiyya correu por cima das cabeças apertadas umas contra as outras, e o entusiasmo e a ebriedade cresceram. O sayyed Ahmad jamais vira antes um tal espectáculo. Os seus olhos começaram a brilhar, o coração batia-lhe com violência, redizendo, dentro de si, com as mulheres que dançavam: "Ó el-Hussein, era um ónus e desapareceu!" até Gamil el-Hamzawi aproximar a sua cabeça do ouvido dele e lhe dizer:

- As lojas estão a distribuir bebidas e a hastear as bandeiras!

- Faz a mesma coisa e até mais ainda! - respondeu-lhe o nosso homem com entusiasmo. - Mostra-me o teu zelo!

Depois com uma voz trémula:

- Pendura o retrato de Saad paxá por baixo da basmala^[149].

Gamil el-Hamzawi olhou para ele como que vacilante e disse-lhe num tom de admoestação:

- É um sítio que pode ser visto da rua. Não lhe parece melhor aguardar que as coisas se acalmem?

- A era do medo e do sangue já passou para todo o sempre! - respondeu o sayyed num tom sereno. - Não vês que as manifestações estão a decorrer debaixo dos olhos dos Ingleses sem que arremetam contra elas? Pendura o retrato e confia em Allah!

"A era do medo e do sangue já passou, não é? Saad é livre como o ar. Talvez neste preciso momento esteja a caminho da Europa! Só mais um passo, só mais uma palavra, nos separa da independência! Manifestações ao som dos trinados, e não mais ao som das balas. Os que sobreviveram são pessoas felizes. Atravessaram o fogo e saíram incólumes. Que Allah conceda a Sua clemência aos mártires! E Fahmi?! Escapou a um perigo que nem imagina. Está salvo, louvado seja Allah! Sim, Fahmi está salvo! Mas, do que estás tu à espera para rezar a Allah, nosso Deus?"

Quando a família se juntou naquela noite, as gargantas roucas traíam um dia inteiro de aclamações. Foi uma noite feliz em que cada um, através dos seus olhos, da sua boca, dos seus gestos testemunhava esta felicidade. Até a própria Amina não lhes ficou atrás. O seu coração bebeu à taça generosa da alegria, associou-se aos seus filhos, regozijando-se com a paz reencontrada e a libertação de Saad.

- Pela machrabiyya, vi o que jamais olho no mundo viu! Será que é o dia do Juízo Final que se está a preparar? Aquelas mulheres, terão enlouquecido? O eco do grito delas "Ó el-Hussein, era um ónus e desapareceu!" ainda ressoa nos meus ouvidos!

Yassin, que ria e brincava com os cabelos de Kamal, disse:

- É um adeus dirigido aos Ingleses que partem, como quando se acompanha um convidado indesejável partindo o jarro de água atrás dele!...

Kamal olhou para ele sem reclamar enquanto Amina insistia em perguntar:

- Será que Allah está finalmente satisfeito connosco?

- Sem dúvida - respondeu-lhe Yassin. Depois voltando-se para Fahmi:

- O que achas disso?

- Se os Ingleses não tivessem acedido às nossas reivindicações - respondeu Fahmi que parecia banhar numa alegria infantil -, jamais haveriam libertado Saad! Desta vez irá até a Europa e trará de lá a independência. É o que todos afirmam! Seja como for, o dia 7 de Abril de 1919 ficará como sendo o símbolo do triunfo da revolução!

- Que dia! - acrescentou Yassin. - Os funcionários tomaram parte publicamente nas manifestações. Nunca pensei ter em mim esta extraordinária capacidade para caminhar sem parar e gritar em altos brados!

Fahmi desatou a rir.

- Ah! Quem me dera ter-te visto gritar todo entusiasmado! - disse ele. -Yassin a manifestar, a exaltar-se e a gritar!... Que espectáculo singular!

Sim, realmente fora um dia excepcional, cujo fluxo transbordante o impelira e arrastara entre vagas enfurecidas qual uma folha minúscula, sem peso, antes de soprada aos quatro cantos do céu. Quase que não acreditava ainda, embora, quando retomara consciência, se houvesse refugiado na pacata torre de controlo, para observar os eventos através do binóculo, tranquilamente, com um olhar desprendido! Diante do comentário de Fahmi, começou a relembrar o estado em que banhara no meio das manifestações e espantado declarou:

- No seio da multidão, esquecemo-nos de nós estranhamente, parece que ressuscitamos num outro ser...

- O teu entusiasmo era deveras sincero? - perguntou Fahmi interessado.

- Aclamei o nome de Saad até ficar sem voz. Uma ou duas vezes os olhos marejaram-se-me de lágrimas!

- O que te levou a participar na manifestação?

- Estávamos na escola quando soubemos da libertação de Saad. Senti realmente uma alegria imensa. Pensavas talvez o contrário? De súbito, os professores propuseram que saíssemos para nos juntarmos à grande manifestação. De início não tive vontade de acompanhá-los. Pensei sobretudo em escapulir-me de mansinho até à casa. Mas achei-me forçado contudo a ir com eles para encontrar uma oportunidade para fugir e... o que aconteceu depois? Vi-me no meio de uma maré

humana desenfreada, numa atmosfera de fervor electrizado. Ali, não pude evitar perder consciência de mim e fundi-me na corrente com a exaltação e a esperança mais veementes que, podes acreditar em mim, existem no homem!

Fahmi meneou a cabeça, resmungando:

- Isto agora, não é vulgar!

Yassin riu às gargalhadas e perguntou:

- Julgavas-me desprovido de patriotismo?! O que acontece é que eu não gosto do barulho e da violência. E não vejo nada que impeça de conciliar o amor da pátria e o amor da salvação!

- E se se verificasse que é difícil conciliá-los?

- Então colocaria o amor da salvação em primeiro lugar! - respondeu Yassin sorrindo, mas sem a menor hesitação. - Primeiro eu! Será que a pátria, para ficar bem, tem de tragar a minha vida? Nunca na vida! Não é que julgue a minha existência excepcional, mas só poderei amar a pátria enquanto for vivo!

- Eis o cúmulo mesmo da razão! - aquiesceu Amina. Depois, erguendo os olhos para Fahmi:

- O meu pequeno senhor pensa de modo diferente?

- Não, claro que não! - respondeu Fahmi pausadamente. - É o cúmulo mesmo da razão, como tu dizes.

Kamal não aceitou ficar à margem da conversa, sobretudo porque estava persuadido ter desempenhado, no seu dia, um papel de grande relevo.

- Nós também fizemos greve - disse ele - mas o director disse-nos: "São ainda muito pequenos, se saírem da escola serão esmagados pelos pés dos manifestantes." Depois autorizou-nos a manifestar no pátio da escola, então reunimo-nos todos ali e clamamos - aqui gritou muito alto - "Viva Saad!"... durante muito tempo. Depois disso, não voltamos para a sala de aula porque os professores haviam deixado a escola para se juntarem aos manifestantes na mru...

Yassin lançou-lhe um olhar escarninho:

- No entanto, os teus amigos foram-se embora!

- Eles que vão para o diabo!...

A expressão escapara-lhe inconscientemente, muito distante do seu real sentimento, porque a situação o exigia e porque queria dissimular a sua derrota face à ironia de Yassin. Mas no seu coração estava

espantado e ferido. Não esquecera como se havia detido ao regressar da escola no local desertado que antes ocupava o acampamento militar, varrendo-o com o olhar num silêncio dolente, os olhos molhados pelas lágrimas. Passar-se-ia muito tempo até que esquecesse a sessão do chá no passeio da Fonte de Bain El-Qasrain, o pasmo que saudava o seu canto, o carinho que encontrara na pessoa dos soldados, Julian principalmente, bem como a amizade que o ligara àqueles homens superiores que, a seus olhos, sobrepujavam de longe o resto dos humanos.

- Saad paxá é um homem com sorte! - exclamou Amina. - Todos aclamam assim o seu nome como se fosse o nosso afandi na sua época! É sem dúvida um homem crente, pois Allah só dá a vitória aos crentes. E Ele fê-lo vencer os Ingleses que haviam desbaratado os zepelins! Qual a vitória maior do que esta?! Aquele homem nasceu na Noite do Destino![\[150\]](#)

- Gostas dele? - perguntou Fahmi sorrindo.

- Claro que sim, visto que gostas dele...

Fahmi abriu as mãos e ergueu as sobrancelhas com reprovação:

- Isto não significa nada!

Ela suspirou como que atrapalhada e acrescentou:

- Sempre que uma notícia triste chegava até mim partia-se-me o coração e dizia para mim: "Será que tudo isso teria acontecido se Saad não tivesse desencadeado a sua sublevação?!" Mas não deixa de ser verdade que um homem que todos amam só pode também ser amado por Allah!

Em seguida, num suspiro sonoro:

- Tenho pena é das vítimas! Neste momento, quantas mães choram todas as lágrimas dos seus corpos? A alegria de hoje aumenta o sofrimento de quantas mães?

- Uma mãe realmente patriota deveria soltar trinados de alegria quando o seu filho morre como um mártir! - replicou Fahmi lançando um olhar cúmplice a Yassin.

Ela tapou os seus ouvidos e gritou:

- Ó Allah! És Testemunha do que disse o meu pequeno senhor! Uma mãe soltar trinados de alegria quando o seu filho é morto! Onde?! Nesta terra? Não e nem por baixo dela, no mundo dos demónios!

Fahmi soltou uma gargalhada e observou uma pausa para reflexão,

antes de declarar com os olhos brilhantes e ridentes:

- Mãe, vou confessar-te um importante segredo que já é tempo de te revelar. Participei nas manifestações e encontrei-me face a face com a morte!

Ela trespassou-o com o olhar, recusando acreditar nele, depois disse-lhe, com um meio sorriso nos lábios:

- Tu?... Impossível... Tu és da minha carne e do meu sangue, temos o mesmo coração, não és como os demais...

- Juro-o perante Allah o Glorioso! - respondeu ele sorrindo, num tom confiante.

O seu sorriso extinguiu-se. Ela arregalou os olhos, boquiaberta, em seguida passou o seu olhar entre este e Yassin, que, por sua vez, encarou o irmão com uns olhos interrogadores.

- Meu Deus! - balbuciou ela, engolindo a sua saliva. - Como posso eu acreditar nos meus ouvidos?

Depois, agitou a cabeça numa dolorosa confusão e exclamou:

- Tu!

Ele já esperava vê-la perturbada mas não com o excesso que aparentava, atendendo ao facto de a sua confissão surgir após o desaparecimento do perigo. Pelo que se apressou a dizer:

- Tudo isto é já passado! Já não há motivo para inquietações! Ela renitiu nervosamente:

- Cala-te! Não amas a tua mãe! Allah te perdoe.

Ele riu, com algum embaraço. Nisso, Kamal perguntou à mãe com um sorriso ladino:

- Lembras-te do dia da loja de basbusa e dos tiros? Vi-o ao voltar para casa, na rua deserta. Avisou-me para não contar a ninguém que eu o vira...

Depois olhou para Fahmi e perguntou-lhe com um interesse exacerbado:

- Ó Si Fahmi, conta-nos aquilo que tu viste nas manifestações. Como eram os combates? Como é que os mortos tombavam? Nunca disparaste?

Yassin imiscuiu-se na conversa dizendo a Amina:

- É já passado! Agradece a Allah que ele tenha escapado ileso! É melhor do que te agastares.

- Estavas a par disso? - perguntou-lhe severa.

- Não! Pelo descanso da minha mãe - apressou-se a responder antes de acrescentar -, pela minha religião, pela minha fé e pelo meu Deus!

Depois, levantou-se do seu lugar, para se abeirar dela e pousou-lhe a mão sobre o ombro, dizendo-lhe ternamente:

- O que é isso? Não te preocupavas quando era necessário e, agora que deverias sossegar, inquietas-te! Proclama que Allah é Único! O perigo desvaneceu-se e a paz voltou. Olha, Fahmi está aqui, diante de ti!

Depois rindo:

- A partir de amanhã poderemos cirandar por todo o Cairo de uma ponta à outra, de dia e de noite, sem medo nem angústia.

- Mãe! - retomou Fahmi num tom grave. - Imploro-te, não estragues a nossa alegria com uma tristeza infundada!

Ela suspirou, abriu a boca para falar mas moveu simplesmente os lábios sem nada dizer. Depois esboçou um sorriso para lhe dar a ver que ela atendia aos seus desejos... antes de inclinar o seu rosto para ocultar os seus olhos molhados de lágrimas...

[147] Magdhubin. termo que se refere aos fanáticos que por vezes entram em estado de êxtase sentindo-se inspirados e acreditando que vêem aparições; é também utilizado com o significado de alienado, louco e imbecil.

[148] Lord Allenby: o novo alto comissário britânico colocado no Egipto em 25 de Março de 1919.

[149] Como já foi anteriormente referido a Basmala. significa (bi-smi-llah ar-rahman arrahim. "em nome de Allah, o Clemente, o Misericordioso"). Esta fórmula, artisticamente reproduzida, encontra-se em quadros de formas variadas que se afixam nas lojas e em casa.

[150] Alcorão, XCVII, versículos 1-3: A Noite do Destino (Lailat Al-Qadf), segundo os comentadores trata-se de uma noite entre o 26 e o 27 do mês do Ramadão. Durante aquela noite o Alcorão teria sido descido do céu superior para o céu inferior. Conforme a tradição muçulmana tal noite vale mais do que mil meses.

Naquela noite, Fahmi adormeceu firmemente determinado a obter, custe o que custasse, o perdão do pai. Na manhã seguinte, havia resolvido pôr em execução a sua decisão sem titubear. E, se bem que em momento algum ao longo do período de desobediência, houvesse alimentado o menor sentimento de animosidade ou desafio para com o seu pai, a sua consciência experimentara um sentimento de culpa que atormentara o seu coração sensível, repassado de obediência e fidelidade. É claro que não provocara verbalmente o seu pai. Porém agira contra a sua vontade... e ademais, por diversas vezes, além da sua recusa em jurar, no seu quarto, no dia em que lho pedira, ou a proclamação sincera que fizera, a chorar, do seu vínculo tenaz às suas ideias, em detrimento da vontade do pai. Tudo isto colocara-o, apesar das boas intenções, numa atitude desrespeitosa e desonesta que rejeitava para si e que não podia sofrer. Contudo não procurara a reconciliação antes do dia de hoje, com receio de arranhar a ferida sem poder cicatrizá-la, tendo suposto que o pai lhe pediria que jurasse que expiasse o pecado de que se tornara culpado e que seria forçado uma segunda vez de recusar e confirmar a sua desobediência quando viera para se desculpar! Mas, hoje, a situação não era a mesma de ontem. O seu coração conhecia o enlevo da alegria e do triunfo. Toda a nação estava inebriada com o vinho da felicidade e da vitória. E, em tais condições, não suportava mais que um véu de suspeição o separasse do pai por um segundo sequer. O regressar às boas graças e, sobretudo, o perdão por que ansiava, e, depois disso, a felicidade verdadeira e pura...

Entrou no quarto do pai cerca de um quarto de hora antes da hora do pequeno-almoço e encontrou-o que dobrava o tapete de oração murmurando preces. O homem notou perfeitamente a sua presença mas fingiu ignorá-lo, dirigindo-se para o sofá sem se voltar para ele e sentando-se. Naquele momento, Fahmi impôs-se ao seu olhar, em pé na soleira da porta, soterrado no enleio e no pudor, e o outro desferiu-lhe um olhar seco e reprovador, como quem se interroga: "Quem é este tipo, ali, em pé, e o que é que o traz?" Fahmi venceu por fim o seu embaraço e aproximou-se, com passos leves, do lugar onde o seu pai estava sentado, inclinou-se sobre a mão deste, que pegou e beijou com

uma infinita reverência. Permaneceu, um momento, silente, antes de dizer com uma voz quase imperceptível:

- Bom dia, pai!

O pai continuou a olhar para ele fixamente, em silêncio, como se não houvesse ouvido o seu cumprimento, de tal modo que o rapaz baixou os olhos tolhido e gaguejou com acentos desesperados:

- Lamento! Silêncio obstinado...

- Lamento imenso! Não tive paz de alma desde que...

Deu-se conta de que o facto de falar o levava, a pouco e pouco, a evocar o que de todo o seu coração desejava evitar. Calou-se, quando de súbito, sem que estivesse a espera, o seu pai lhe perguntou com um tom rude e exasperado:

- E o que é que tu queres?

Acolheu a quebra do silêncio com uma alegria inefável. Solto um suspiro de alívio, como se não tivesse percebido a aspereza do tom, e voltou a dizer suplicante:

- Quero obter o seu perdão!

- Desaparece da minha vista! - respondeu o sayyed irritado.

Fahmi, sentindo o desespero afrouxar levemente a sua opressão, teimou:

- Quando tiver obtido o seu perdão!

- O meu perdão? - perguntou ele transitando de súbito para a ironia.

-E porque não?! Acaso fizeste algo, Allah não queira, que suscite a cólera?!

A ironia pareceu-lhe inúmeras vezes mais alegre do que a saída do silêncio. A ironia era no seu pai o primeiro passo para o perdão. A sua verdadeira cólera era feita de estaladas, de murros, de pontapés, de injúrias... ou de tudo isso em simultâneo! Mas a ironia era nele o primeiro indício que anunciava a reviravolta: "Aproveita a oportunidade. Fala! Fala como deve falar um homem que amanhã ou depois de amanhã se tornará advogado. É agora ou nunca! Fala! Responder ao apelo da pátria não pode ser considerado uma desobediência à sua vontade! Não fiz nada que possa realmente ser posto ao nível dos actos de patriotismo. Há a distribuição dos panfletos aos meus amigos, dir-me-á! Mas o que representa distribuir panfletos aos amigos? Estou longe dos que fizeram a dádiva generosa das suas vidas! Percebi pelas suas palavras que temia pela minha vida

sem no entanto renegar verdadeiramente os deveres patrióticos. É por isso que me encarreguei de alguns mais modestos, certo de não estar, na realidade, a infringir a sua vontade!.. - etc... etc..."

- Allah sabe que jamais pensei, por um instante, desprezar qualquer das suas ordens!

- Palavras que nada dizem! - replicou secamente o sayyed. - Finges obedecer agora que já não há motivo para desobedecer. Porque é que não me pediste perdão antes?

- O mundo estava mergulhado no luto e no sangue - respondeu Fahmi com tristeza. - Estava rendido à minha tristeza.

- Esta impediu-te de me pedires perdão?

- Distraiu-me de mim mesmo - disse com fervor -, não da minha vontade de lhe pedir perdão!

Depois acrescentou baixinho:

- Não conseguirei viver se não mo conceder!

O sayyed Ahmad franziu o sobrolho. Não porque estava em cólera como queria deixar transparecer, mas para dissimular o agradável efeito que nele haviam produzido as palavras do jovem. "Eis como é necessário falar, caso contrário, mais vale estar calado! Ah! Lá isso, ele sabe utilizar as palavras! É isso a eloquência, não é? Repetirei as suas palavras aos amigos esta noite para ver o efeito neles. O que dirão? Tal pai, tal filho? Eis o que eu quero ouvir! Outrora disseram-me que, se tivesse feito os meus estudos até ao fim, ter-me-ia tornado no mais eloquente dos advogados. Pois bem, sou o mais eloquente dos homens sem estudo e sem ser advogado! A linguagem quotidiana é tão capaz quanto o direito de revelar este género de dons! Quantos advogados, altos funcionários se encolhem diante de mim na nossa reunião, quais passarinhos! Nem mesmo Fahmi poderá algum dia me substituir. Dir-me-ão a rir: 'É mesmo o filho do seu pai!'" A sua recusa de jurar ainda me dilacera a alma! Mas acaso não será para mim motivo de orgulho e vaidade que ele tenha participado na revolução mesmo à distância? Quem me dera que ele houvesse tomado parte em acções de maior envergadura, já que Allah determinara de qualquer forma a viveria até hoje! Doravante direi que arrostando todos os perigos da revolução. Acham realmente que ele se cingiu à distribuição de panfletos como mo afiançava? Este filho de cão lançou-se no caudal cruento!... Ó sayyed Ahmad, devemos testemunhar do patriotismo e da bravura do

seu filho! Não quisemos dizer-lhe isso quando havia perigo, mas agora que a paz está solidamente firmada, não há mal algum em o afirmar!... Ora, renegarias o teu próprio sentimento nacional? Os angariadores de donativos, representantes da Delegação acaso não enalteceram a tua magnanimidade? Por Allah, se fosses jovem, ainda terias feito muito mais do que o teu filho, ainda que ele te tenha desobedecido!...Desobedeceu à tua língua mas obedeceu ao teu coração!.. O que posso fazer agora? O meu coração aspira a conceder-lhe o perdão mas temo que após isso deixe de me obedecer!"

- Nunca poderei esquecer que agiste contra a minha vontade! Talvez julgues que este discurso vazio com que me vens surpreender logo pela manhã é susceptível de me comover?!

Fahmi preparava-se para falar mas a mãe entrou naquele preciso instante dizendo:

- O pequeno-almoço está pronto, meu senhor!

Ficou espantada com a presença inusitada de Fahmi e passou o seu olhar entre o pai e o filho. Demorou-se um pouco para ouvir algo do que estava acontecer, mas viu no silêncio circundante, que receava ter sido ocasionado pela sua chegada, uma incitação a deixar sem delongas o quarto. O sayyed Ahmad levantou-se a fim de passar para a sala de jantar e Fahmi afastou-se para o lado esmagado por uma profunda tristeza cuja marca não escapou ao seu pai. Este hesitou por alguns segundos e acabou por declarar com uma voz calma:

- Gostaria que, de futuro, não insistisses na tua parvoíce ao falares comigo! Pôs-se a caminhar e o jovem seguiu-o cheio de gratidão, os traços do rosto iluminados por um sorriso. Depois, ouviu-o que dizia enquanto atravessavam o salão:

- Calculo que deves achar que estás entre os principais promotores da libertação de Saad!

Fahmi deixou a casa reconfortado e dirigiu-se de imediato para Al-Azhar, onde se reuniu aos seus colegas, membros do alto comité dos estudantes, com o propósito de analisar a questão da organização das grandes manifestações pacíficas que as autoridades haviam autorizado para que o povo exprimisse o seu regozijo e nas quais havia sido decidido que tomariam parte os representantes de todas as classes da nação. A reunião prolongou-se bastante. Em seguida, os participantes separaram-se, cada um para o seu destino, e Fahmi saltou para a

caleche rumo à Praça da Estação após haver-lhe sido comunicado o papel que lhe incumbia: supervisionar a coordenação dos estudantes do ensino secundário.

Conquanto as tarefas que lhe eram entregues usualmente fossem consideradas, em relação a outras, como secundárias, ele não deixava de executá-las com zelo, escrúpulo e satisfação, como se fosse a coisa mais feliz que a vida lhe consentia. Todavia, no seu combate, sentia uma ténue dor que ninguém mais conhecia a não ser ele, persuadido que era bem menos audaz e intrépido do que muitos dos seus colegas. É certo que jamais se havia esquivado a nenhuma das manifestações em que participava o comité, mas perdia o seu sangue-frio tão logo surgiam os camiões pejados de soldados e, sobretudo, assim que as balas crepitavam e que tombavam as vítimas, de tal modo que certo dia se refugiara num café, tremendo da cabeça aos pés. Numa outra vez, correria durante tanto tempo que se achara no cemitério de el-Mujawirin. Onde se situaria ele quando comparado com o porta-estandarte da manifestação de Boulaq - ou melhor, da chacina de Boulaq, como doravante era designada -, que caíra como um herói, as mãos agarradas à haste do estandarte, os pés firmes na frente do cortejo, gritando em altos brados: "Aguentem!" Onde se situaria ele quando comparado com os companheiros daquele mártir que se haviam arremessado sobre o estandarte para o reerguer e por sua vez haviam tombado, o peito condecorado com o sangue das balas... Onde se situaria ele quando comparado com aquele herói mártir que arrancara a metralhadora das mãos dos soldados em Al-Azhar... Onde se situaria ele quando comparado com todos estes e outros ainda cujas notícias propalavam os portentos de coragem e de sacrifício. Os feitos heróicos pareciam-lhe fabulosos, assombrosos, fascinantes. Quantas vezes havia demorado à escuta de uma voz interior que o encorajava a ir para diante e tomar como modelo aqueles heróis? Mas, no momento decisivo, os seus nervos não resistiam e, mal o curso da batalha refluía, ele recuava, isto já não se havia escondido ou fugido. A trovoadá passada, voltava à sua resolução de intensificar a oferta de si, da sua luta, da sua determinação no combate, com a consciência dilacerada, o coração desamparado, animado por um desejo infinito de perfeição, consolando-se por vezes dizendo para si: "Não passo de um combatente sem armas e, se falhei nas façanhas notáveis de bravura,

resta-me dizer para mim mesmo que jamais vacilei por um segundo só em atirar-me no fogo da batalha!"

No caminho para a Praça da Estação, pôs-se a observar as ruas e os veículos. Toda a gente, ao que parecia, tomava a mesma direcção que ele, estudantes, operários, funcionários, gente do povo; de carro ou a pé, todos banhavam numa serenidade peculiar as pessoas que avançam para uma manifestação pacífica e oficial. Como eles, estava alentado pelo mesmo sentimento, distinto de outrora, quando procurava o seu caminho para o local de ajuntamento da manifestação, com o espírito em ebulição, o coração a latejar cada vez mais à medida que se agitava diante dos seus olhos o espectro da morte. Porém isto era um tempo passado. Hoje, ia tranquilamente, com um sorriso nos lábios. A luta acabara? Saíra dela são e salvo, sem nada que pudesse reprovar em si e nada de que se pudesse orgulhar... Nada de que se pudesse orgulhar? Ah! Se pelo menos houvesse padecido algo daquilo que vitimara milhares dos seus semelhantes, como a prisão, os espancamentos, uma lesão não mortal! Não seria lamentável que a mais perfeita salvação fosse a recompensa de alguém provido de um coração como o dele, de um entusiasmo como o dele! Enquanto estudante que lutava, não alcançara o menor título de glória... "Não vais negar a tua satisfação por teres escapado? Terias preferido estar entre os mártires? Oh! Não. Preferias estar entre os feridos ainda vivos! Isso sim! Tinhas esta possibilidade, então porque recuaste? Ah! Não estavas completamente seguro de que o golpe não fosse fatal ou a prisão temporária!... É claro que hoje não desprezas a tua salvação, mas terias preferido, pelo menos, ter sofrido algum infortúnio sem que este alterasse o feliz desenlace! Acaso será necessário, se eu lutar mais uma vez, que eu saiba vaticinar o futuro? Vou à manifestação pacífica com o coração sereno e a consciência amargurada."

Chegou à Praça da Estação por volta de uma hora da tarde, ou seja, duas horas antes da hora fixada para o começo da manifestação e colocou-se no sítio que lhe fora atribuído: a porta da Estação. Só estavam presentes os responsáveis e grupos disseminados de diferentes confissões^[151].

O tempo estava ameno embora o sol de Abril queimasse os que se expunham aos seus raios. A espera não foi longa. Em breve, os grupos

começaram a afluir na praça vindos dos seus diferentes acessos. Cada grupo dirigiu-se para o seu local, o que incitou Fahmi a dar início à sua função com prazer e orgulho. Apesar do aspecto modesto da sua tarefa que consistia simplesmente em pôr em fila as escolas atrás dos seus estandartes, esta não deixava de o encher de orgulho, sobretudo porque tinha sob as suas ordens numerosos estudantes mais velhos do que ele e que os dezanove anos que ele arrastava

atrás de si lhe parecia pouca coisa relativamente àquela multidão de estudantes que, na sua maioria, andavam entre os vinte e dois e os vinte e quatro anos, com os seus bigodes pontiagudos. Reparou em certos olhares fixos nele com interesse, em certos lábios que dele falavam num sussurro. Ouviu também o seu nome - com o seu título popular - correr algumas línguas: "Fahmi Ahmad Abdel Gawwad, delegado do comité", o que fez vibrar as cordas do seu coração a tal ponto que cerrou os lábios sem que o menor sorriso de enfado ou de enleio susceptível de lesar o "seu prestígio" pessoal se lhe escapasse. Devia manter a atitude de um delegado do alto comité, a seriedade e a gravidade dignas dos jovens combatentes das primeiras fileiras para dar azo à imaginação dos espectadores, que poderiam pressentir os actos de heroísmo e de luta que sem dúvida escondia dentro de si. Afinal, aquelas proezas extraordinárias que fora incapaz de realizar na vida, bem podia realizá-las calmamente na imaginação deles! Nunca se apagaria nele o desejo de ser ainda muito mais considerado, embora a sua aguda percepção da realidade nua lhe lacerasse o coração: a de não passar de um simples distribuidor de panfletos, um soldado da retaguarda e nada mais!

Naquele dia estava incumbido de conduzir as escolas secundárias e de assumir uma importante função de liderança. Acaso os outros prezariam mais a sua tarefa do que ele? Com quanto respeito e com quanto afecto o cumprimentavam! Não houvera uma reunião sem que alguma opinião sua houvesse sido escutada. E a sua oratória? Não precisas de ser orador, não é? Não é impossível ser um grande homem sem ser orador! Mas que derrota para ti no dia em que o alto comité se apresentar ante o líder supremo e os oradores rivalizarem de eloquência e tu fiques tolhido no teu silêncio! Não ficarei calado! Falarei. Soltarei as rédeas do meu coração, quer ele esteja mais ou menos capacitado! Quando te apresentarás diante Saad? Quando o

verás pela primeira vez e o contemplarás com os teus olhos? Só de nisso pensar, o meu coração palpita e os meus olhos querem chorar! Será um grande dia. Todo o Egipto sairá para o receber. O dia de hoje nada mais será do que aquilo que a gota de água é para o mar. Meu Deus! A Praça já está cheia. As ruas de Abbas, Nubar e el-Fajjala que conduzem à Praça também. Nunca se viu uma manifestação como esta. Cem mil pessoas, fezes, turbantes; estudantes, operários, funcionários, shuyukb^[152], padres, juízes...

Quem o haveria imaginado? Nem prestam atenção ao sol! Isto é que é o Egipto. Porque não pedi ao pai que viesse?...Yassin tem razão, esquecemo-nos de nós na multidão, transcendemo-nos... Onde estão as minhas pequenas preocupações pessoais? Sumidas! O meu coração palpita tanto! Falarei disso longamente esta noite e nos dias seguintes. Acham que a minha mãe ainda tremerá? É um espectáculo grandioso que subjuga os corações e lhes infunde confiança. Quero ver o seu efeito nos rostos daqueles diabos! Ora, ali estão as suas casernas que dominam a praça, com aquela maldita bandeira que flutua no ar! Há cabeças às janelas... O que estarão a segredar?! A sentinela é uma estátua cega. As vossas metralhadoras não derrubaram a revolução..., disso podeis estar certos! Em breve vereis Saad no meio desta Praça, aquando do seu regresso triunfal. Exilastes-lo pelas armas e nós, sem estas, fá-lo-emos regressar. Ainda o vereis ver antes de fazerdes as malas!..."

O imenso cortejo arrancou e avançou por vagas sucessivas, cada uma delas retomando os clamores patrióticos. O Egipto parecia uma gigantesca manifestação, um só homem, um só grito. As diversas confissões sucederam-se durante muito tempo, a tal ponto que ele teve a sensação de que as filas da frente chegavam perto do Palácio de Abdin antes mesmo que ele e o seu grupo houvessem deixado o lugar onde estavam frente à porta da Estação. Era a primeira manifestação que decorria sem que as metralhadoras lhe vedassem o caminho! Nem balas de um lado, nem pedras do outro! Os seus lábios iluminaram-se num sorriso. Viu um grupo parado imediatamente à sua frente arrancar. Ele deu meia volta para se achar frente a sua manifestação "particular". Ergueu os braços. Um movimento anunciando a partida e o impulso percorreu as filas. Lançou uma aclamação com a sua voz mais alta e principiou a caminhar de costas voltadas. Continuou a sua

missão de guia e de aclamador até à entrada da rua Nubar, após o que abandonou o papel de aclamador a um dos que o rodeavam, impacientes para intervir, com as bocas tomadas por convulsões, como que dominadas pelas primeiras dores do parto e que não estariam aliviadas antes de parir o seu grito. Deu novamente meia volta caminhando desta vez para frente; ora esticava o pescoço para ver a parte mais adiantada do corpo da manifestação da qual já não se distinguia o início, ora virava para a direita e para a esquerda para ver os grupos de espectadores amontoados nos passeios, nas janelas, nos balcões e nos terraços, que em coro repetiam as aclamações. A visão daquelas multidões, aos milhares, assim reunidas encheu a sua alma de uma energia revivificada e de uma paz acrescida, como uma muralha de escudos erguidos em seu redor. Uma energia inquebrantável, à prova de bala.

As forças policiais zelavam pela ordem, agora que estavam cansadas de bater e atacar. O aspecto daqueles homens que iam e vinham a cavalo como guardas ligados à manifestação, afectados ao seu serviço, era a prova mais eloquente da vitória da revolução. O comandante da polícia?! Acaso não era o célebre Rassl bey? Efectivamente! Era ele, reconhecia-o perfeitamente. E aquele, o seu adjunto, que galopava atrás dele perscrutava com um olhar fixo e altivo o horizonte, como que numa revolta silenciosa contra a tranquilidade que rodeava a manifestação, como se chamava ele? Acaso teria esquecido aquele nome que enchera os seus ouvidos nos dias negros e sangrentos? "Começa por um J...Já...Ju...Ji...Ah! Não me consigo lembrar! Ah, já sei! Julian!" Oh! Como é que aquele nome abjecto pudera insinuar-se até à sua consciência? Uma espécie de nuvem de pó abateu-se sobre ele e abafou o seu arrebatamento. "Como podemos nós responder ao apelo do entusiasmo e do triunfo quando o coração está morto?! O coração... morto?"

mas não o estava um minuto antes. Não te entregues à tristeza. Não deixes que o teu coração se afaste da manifestação. Não havias jurado a ti mesmo esquecê-la? Esqueceste deveras, queres tu dizer! Mariam? Quem é?! Aquela velha história? Nós vivemos para o futuro, não para o passado...Guiz... mister Guiz... mister Guiz... eis o nome do adjunto do comandante de polícia. Que Allah o amaldiçoe! Volta aos teus gritos para repelir este pó ocasional do teu espírito."

A "sua manifestação" aproximava-se a pouco e pouco do jardim de el-Azbakiyya, cujas árvores altas lançavam as suas copas acima das bandeiras que ladeavam a rua em toda a sua extensão, e ao longe aparecia a Praça da Ópera, como um oceano de cabeças grudadas, impelidas por um só e mesmo corpo que recobria o chão. Ele gritava com força e entusiasmo, enquanto a multidão repetia a sua aclamação com uma voz que enchia o ar como o ribombar do trovão. Quando alcançaram a parede do jardim, um disparo estoirou de repente. A sua garganta emudeceu e ele olhou à sua volta, interrogando-se, preocupado. Um ruído familiar que tantas vezes rebentara aos seus ouvidos no mês anterior e cujo eco tantas vezes ressoara na sua memória na noite silente. Mas nunca se afizera a ele; assim que o ouviu, o seu sangue gelou e o seu coração parou de bater.

- Um disparo!

- É absurdo! Acaso a manifestação não é oficial?

- E a traição? Não pensaste nisso?

- Mas não vejo soldados!

- O jardim de el-Azbakiyya é um enorme acampamento militar onde os soldados abundam!

- Talvez tenha sido um pneu de carro que rebentou?

- Talvez!

Apurou o ouvido ao que se estava a passar em seu redor, sem todavia recuperar a sua serenidade. Ao cabo de alguns segundos, uma outra detonação soou. Ah!... já não havia a menor dúvida, era um disparo como o precedente. Onde teria caído? Acaso não é este um dia de paz?! Sentiu um movimento de perturbação alastrar-se pelos manifestantes, que vinha da frente, como uma pesada vaga repelida para a margem por um barco que rasga a parte central do rio. Em seguida, milhares de pessoas refluíram e dispersaram-se, desferindo em todas as direcções pancadas irrefreáveis e enlouquecidas por causa da confusão e do pânico, por entre gritos medonhos de cólera e medo. Num ápice, as filas romperam-se e a construção estruturada miu. Sucederam-se uma série de disparos agudos. Um grito de cólera e um gemido de dor elevaram-se. A maré humana levantou-se, desenfreada, e lançou as suas vagas para todos os pontos de fuga, tudo varrendo na sua passagem...

"Mas fuge! Tens de fugir! Se as balas não te matarem, os braços e os

pés fá-lo-ão!"

Ia fugir ou recuar ou pelo menos mudar de lugar. Mas nada fez... "O que fazes aí, em pé, quando todos se dispersaram?! Estás sozinho, a descoberto! Mas foge!"

Os seus braços e as suas pernas esboçaram um movimento vagaroso, débil e frouxo.

"Quanto barulho! Mas qual a razão de tantos gritos? Ainda te lembras? Como as recordações se esvaem de ti a toda a velocidade! Que queres? Gritar? O quê?...ou pelo menos chamar? Quem? O quê? Há algo que fala dentro de ti, ouves? Vês? Mas onde? Nada, nada mais...Está cada vez mais escuro. Um suave movimento principia, regular como um tiquetaque de um relógio, com o qual o coração se funde... Acompanha-o um murmúrio. A porta do jardim! Não é? Ela ondula, escorre, derrete vagarosamente; a grande árvore baloiça molemente... o céu... O céu? Estende-se lá no alto. Nada mais para além do céu, pacífico, sorridente, destilando paz."

[151] Para afirmar a vontade unânime do Egipto em obter a independência, diferentes comunidades religiosas participaram nesta manifestação histórica.

[152] Plural de sheikh, aqui empregue para designar professores de escolas religiosas superiores, membros de confrarias, dignitários religiosos.

71

O sayyed Ahmad Abdel Gawwad ouviu o ruído de passos à entrada da loja. Ergueu a cabeça e viu três jovens avançarem para ele, com um ar sério e grave, que em seguida se detiveram junto da sua secretária e disseram:

- Que a paz, a misericórdia e as bênçãos de Allah estejam consigo! Ahmad Abdel Gawwad levantou-se e respondeu com a sua cortesia habitual:

- E que a paz, a misericórdia e as bênçãos de Allah estejam convosco também!

Depois, apontando as cadeiras:

- Sentem-se, por favor...

Mas os jovens, agradecendo-lhe, não honraram o seu convite e o do meio perguntou:

- O senhor é o sayyed Ahmad Abdel Gawwad?

- Sim, senhor - respondeu com um sorriso, embora a interrogação transluzisse nos seus olhos.

"O que será que querem de mim? Compras? Impossível! Já viram alguém vir fazer compras com este passo militar que tinham quando entraram, com o tom sério que empregaram ao falar comigo? E, além do mais, já passa das sete da tarde! Será que não vêem el-Hamzawi amimar os sacos nas prateleiras, sinal de que a loja vai fechar? Será que se trata de um peditório? Mas Saad acabou de ser liberto e a revolução acabou! E agora só estou disponível para o serão! Fiquem sabendo que não estive a lavar a cabeça e o rosto com água de colónia, a pentear os cabelos e o bigode, que não ajustei a minha gubba e o meu quftan para receber estas carantonhas! O que querem?"

Teve contudo a sensação, ao olhar para o seu principal interlocutor, de que o seu rosto não lhe era desconhecido. Tê-lo-ia visto? Onde? Quando? "Ora, tenta lembrar-te!..." O que era certo é que não era a primeira vez que o via!... "Ah! já sei!..."

- Por acaso não é - perguntou ele com um sorriso, com um semblante alegre - aquele nobre jovem que nos salvou no dia em que as pessoas se levantaram contra nós na mesquita de el-Husseini, que Allah esteja satisfeito com ele?

- Sim, senhor! - respondeu o jovem baixinho.

"Era o que me parecia! E ainda dizem os parvos que o vinho debilita a memória!... Mas porque olham para mim desta maneira? Não, mas vejam só!... Estes olhares não dizem nada de bom. Ó Allah, faz com que não seja nada de grave! Protege-me de Satanás o lapidado! Não é em balde que o meu coração se confrange! Vieram por causa de algo que está ligado a ..."

- Fahmi? Acaso vieram vê-lo?!

O jovem baixou os olhos e disse com uma voz trémula:

- A nossa missão é dolorosa, meu senhor, mas é o nosso dever. Que Allah lhe dê coragem!

O sayyed Ahmad debruçou-se bruscamente para a frente, apoiando-se no rebordo da sua secretária e gritou:

- Coragem? E porquê? Fahmi?

- Lamentamos - continuou o jovem com profunda tristeza - ter de lhe comunicar a morte do nosso irmão, o combatente Fahmi Ahmad.

- Fahmi? - gritou ele com denegação embora nos seus olhos já se pudesse surpreender um lampejo de desesperado entendimento.

- Morreu como um mártir na manifestação de hoje.

- Foi para junto de Allah como um valente patriota e um santo mártir... - acrescentou o rapaz da direita.

Ele escutou as palavras destes com um ouvido ensurdecido pelo desgosto. O silêncio cerrava os seus lábios. Os seus olhos abandonaram-se num olhar perdido e distante. Volveu um breve instante em que o silêncio os submergiu a todos, incluindo Gamil el-Hamzawi, que permaneceu imóvel no seu lugar, por baixo das prateleiras, atónito, alongando para o sayyed Ahmad um olhar desconsolado, antes de o jovem retomar num murmúrio:

- A sua morte é terrivelmente dolorosa, mas temos de acolher a morte com a paciência dos crentes, como o senhor!

"Eles estão a dar-te os pêsames! Este jovem ignora que és o primeiro a saber expressar condolências em semelhantes circunstâncias! Mas o que significam para um coração alquebrado? Nada! Como poderiam as palavras extinguir o fogo da dor? Mas, não tiveste um pressentimento de infelicidade antes mesmo que o delegado deles houvesse descerrado os lábios? Sim, o espectro da morte agitara-se ante os meus olhos e agora a morte está aqui, uma realidade lançada aos teus ouvidos, que te recusas a acreditar, ou então atuma coragem desampara-te e não

queres acreditar. Mas como acreditar que Fahmi esteja realmente morto? Como acreditar que era este mesmo Fahmi que há algumas horas apenas suplicava o teu perdão e que tu achaste importuno e do qual te afastaste? Fahmi que esta manhã nos deixou transbordante de saúde, de esperança e alegria... Morreu... morreu! Não mais o verei nem em casa nem em mais nenhum lado nesta terra? Como é que a casa poderá existir sem ele? Como poderei continuar a ser pai depois dele? Para onde vão as esperanças depositadas nele? A única esperança agora é a paciência! A paciência? Ah!... Sentes a pontada aguda da dor? Eis a verdadeira dor! Enganavas-te por vezes. Pretendias sofrer. Mas não, nunca antes de hoje sofreste. Eis a verdadeira dor!"

- Meu senhor, tenha coragem e confie em Allah!

O sayyed Ahmad ergueu os olhos para o jovem e disse numa voz fraca:

- Julgava que o tempo do assassínio havia terminado!

- A manifestação de hoje era pacífica - retomou o jovem, com acentos de cólera. - As autoridades haviam-na autorizado e personalidades de diversos grupos nela participavam. Começou por desfilar em toda a quietude até que metade do cortejo alcançasse o jardim de el-Azbakiyya. Aí, sem que tivéssemos tido tempo para nos darmos conta, as balas principiaram a chover sobre nós vindas de trás do muro, sem razão alguma. Ninguém havia atacado os soldados. Nem sequer havíamos feito aclamações em inglês para evitar as provocações. Mas a loucura assassina apoderou-se deles de repente. Atiraram-se sobre as suas espingardas e começaram a disparar. Todos estão de acordo em dirigir um protesto veemente à sede do protectorado. Foi mesmo dito que Allenby fará publicamente desculpas relativas ao acto insensato dos soldados...

- Mas não devolverá a vida a um morto! - replicou o sayyed no mesmo tom desgostoso.

- Infelizmente! Não.

- Ele nunca participara nas manifestações perigosas - prosseguiu o sayyed Ahmad com uma dor imensa. - Era a primeira a que se juntava!

Os jovens trocaram entre si olhares carregados de sentido mas nada disseram, e o sayyed Ahmad, como que a sufocar no círculo feito à sua volta, exclamou num suspiro profundo:

- O assunto está agora nas mãos de Allah! Onde o encontrarei agora?

- Em Qasr el-Aini - respondeu o jovem.

Depois, apelando Ahmad Abdel Gawwad à calma quando o viu com pressa de partir:

- O seu funeral será celebrado em simultâneo com os de treze dos nossos irmãos mártires, amanhã, às três horas da tarde exactamente.

- Nem me deixarão levá-lo à sua última morada a partir da sua casa! - exclamou Ahmad Abdel Gawwad num grito de desespero.

- Não, o seu funeral será celebrado juntamente com os seus irmãos numa cerimónia popular! - respondeu o jovem num tom resolutivo.

Depois acrescentou numa súplica:

- Qasr el-Aini está agora rodeado pelas forças policiais. É melhor esperar. Queremos que as famílias dos mártires se despeçam deles antes do funeral. Mas Fahmi não pode decentemente ter um funeral vulgar como aqueles que morrem em casa...

Depois, estendeu-lhe a mão para o saudar dizendo:

- Tenha força. Esta força só a achará em Allah!

Os outros dois jovens apertaram a sua mão e repetiram as condolências. Em seguida, os três abandonaram a loja.

Ele apoiara a sua cabeça contra a sua palma fechando os olhos quando lhe chegou a voz de Gamil el-Hamzawi que lhe expressava as suas condolências com acentos lamurientos. Mas parecia indisposto para as condolências. Não pôde suportar ficar por mais tempo.

Deixou o seu lugar, caminhando com passos lentos e pesados e acabou por deixar a loja. Tinha de sair do seu terror: nem sequer sabia como estar triste! Quem lhe dera poder isolar-se. Mas onde? Dentro de um minuto ou dois, a casa tornar-se-ia um inferno. Os amigos assaltá-lo-iam sem lhe dar o ensejo de pensar. Quando poderia reflectir sobre a perda que acabava de sofrer? Quando lhe seria possível nela se perder para escapar ao mundo inteiro? Parecia-lhe algo remoto. Mas, certamente, viria! Eis toda a consolação que achava naquele instante. Sim, viria um momento em que se isolaria, a sós consigo mesmo, e se entregaria ao seu desgosto com todo o seu ser. Naquele momento, aprazer-lhe-ia reconsiderar a existência do seu filho à luz do passado, do presente e do futuro. Todas as fases da sua vida, a sua terna infância, a meninice, e depois a flor da juventude; as esperanças que

fizera nascer, as lembranças que deixava atrás de si; soltaria as rédeas às suas lágrimas para esgotá-las até à última. Oh! Tinha diante de si um tempo vasto que lhe era caro. Não havia motivo para se atormentar. A recordação da disputa que sobreviera entre eles após a oração da sexta-feira ou da conversa que haviam tido naquela mesma manhã em que a censura respondera ao pedido de ternura... O quanto isto já lhe exigia tempo para meditar, para lembrar, para se entristecer; a que ponto tudo isso lhe consumia o coração, suscitava as suas lágrimas! Como afligir-se depois disso? Acaso os dias vindouros lhe reservariam algum lenitivo? Ergueu a cabeça que os pensamentos tornavam pesada e as machrabxyyas da casa surgiram diante dos seus olhos sombrios. Pela primeira vez, pensou em Amina, de tal modo que as suas pernas quase o abandonaram. O que lhe poderia dizer? Como receberia ela a notícia? Ela, tão fraca e tão frágil, que choraria pela morte de um pássaro!

"Lembras-te de como chorou por causa do assassinio do filho de el-Fouli? O que será agora com o de Fahmi? O assassinio de Fahmi! Será mesmo o teu fim, meu pequeno? Meu querido, meu pobre pequeno! Amina... o nosso filho foi morto! Fahmi foi morto! Que...! Proibirás as lamentações como no passado proibias os trinados? Lamentar-te-ás sozinho ou chamarás as carpideiras? Talvez neste preciso instante ela esteja a presidir à sessão do café entre Yassin e Kamal, interrogando-se o que terá atrasado Fahmi. Vai demorar muito... Não o verás nunca mais... nem o seu corpo, nem o seu caixão... Que crueldade... Eu irei vê-lo a Qasr, mas tu não irás. Não o permitirei... Será crueldade ou piedade? Ora, para quê?..."

Achou-se diante da porta. A mão estendeu-se maquinalmente para o batente, depois lembrou-se de que a chave estava no seu bolso. Tirou-a, abriu a porta e entrou. Naquele instante, ouviu Kamal que cantava com uma voz meiga:

"Vinde ver-me uma vez por ano
É mal abandonar de vez as pessoas..."